
cm 1 2 3 4 5 6 7 8 SciELO 12 13 14 15 16 17 18 19


cm 1 2 3 4 5 6 7
SciELO
11 12 13 14 15 16 17 18


cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17


cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17


cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Ensino agricola

Estando finalmente creado o Ministerio da Agricultura, o ensino agricola vae certamente constituir uma de suas maiores preoccupações.

Em verdade assim tem que ser para que elle não falhe por completo a seus intuitos e não traga uma triste disillusão aos seus propugnadores que o apregoavam como devendo ser « o maior acontecimento da nossa vida economica ».

O Dr. Ignacio Tosta, autor do projecto que foi convertido em lei creadora do Ministerio, justificando a sua organização, salientou com grande vigor as considerações com que Josat demonstra que a missão capital dos departamentos de agricultura em todos os paizes é — *informar* e principalmente — *ensinar*.

Por nossa parte, prefaciando o opusculo em que a Sociedade Nacional de Agricultura vulgarizou a notabilisissima exposição de motivos do autor desse projecto, fizemos algumas considerações de que é opportuno reproduzir alguns trechos:

Diziamos então :

«Está proficientemente esboçada a organização do futuro ministerio e de modo que a elle deve caber a mais directa e efficaz influencia sobre o progresso do nosso paiz.

Seu exito, porém, depende da execução que lhe for dada. Tal seja esta e elle será uma burla ou será o maior acontecimento de nossa vida economica.

Na parte que respeita á agricultura, os serviços que se vão crear são inteiramente novos para nós, quer com relação ao seu objectivo, quer em confronto com os nossos costumes de administração.

Em verdade não se trata de crear um conjuncto de secretarias e repartições burocraticas e de mero expediente, á semelhança das que temos, com todas as falhas e vicios, que estão a pedir correctivo.

Isso seria totalmente inutil e altamente pernicioso e desvirtuaria por completo o caracter da instituição.

Existem algures modelos estabelecidos e de efficacia comprovada e, si não nos inspirarmos em sua constructura, melhor fôra nada fazer, pois não conseguiremos senão editar uma farça por demais dispendiosa.

O Ministerio da Agricultura, tal como são os de feição moderna em outros paizes e que, por seus prodigiosos resultados, inspiraram a propa-

ganda que ora triumpha, é cousa bem diversa, pois é antes um conjuncto de officinas de trabalho scientifico.

O seu objecto fundamental é estudar directamente o paiz em tudo que interessar possa á producção rural e diffundir os conhecimentos dest'arte adquiridos para ensino, aviso e protecção aos productores.

E' o estudo de nossos climas, de que tanto fallamos com louvores, sem termos delles no entanto, nada mais do que uma noção empirica e totalmente esteril. E' o conhecimento dos phenomenos meteorologicos e a sua previsão, para podermos aproveitar todo o effeito de seus beneficios e precavermo-nos contra seus damnos.

E' a observação e a experiencia de nossos solos, nossas plantas, e nossos animaes, em seus predicados e suas exigencias, em seu valor e seus defeitos, no modo de os corrigir, melhorar e multiplicar, na maneira de os defender dos agentes perniciosos, nos melhores methodos de os produzir, colher, preparar, expedir e commerciar os seus productos. E' o estudo estatistico de nossa producção e de seus factores, de nosso consumo, de nosso commercio e dos meios de os ampliar, libertando-os das peias que a natureza e os vicios de nossa organização oppõem ao seu desenvolvimento.

E' a mais larga vulgarização desses conhecimentos para que possamos utilizar, dirigir e multiplicar os recursos naturaes do paiz, com a supremacia da sciencia hodierna, ao em vez do empirismo que nos faz ser por elles dirigidos e não raro, victimados E' o preparo superior de especialistas nacionaes, que prosigam e completem essa grande obra. E' o ensino profissional ao agricultor e ao criador, ao regente e aos operarios ruraes e o seu auxilio e amparo nos dias difficeis. E' o effectivo e criterioso povoamento do sólo, mediante a formação de nucleos ou colonias de nacionaes e estrangeiros, vinculados á terra e á nossa nacionalidade pelo direito de propriedade e pelo estimulo, pela assistencia, pela direcção sensata, prestados pelo poder publico ao trabalho e aos seus productos. E' a abertura de mercados e a defeza de nossos productos na concurrencia mundial pela vigilancia dedicada e pela propaganda pertinaz e esclarecida.

Essa obra completa e grandiosa, de que não ha nada a tirar, em que tudo é essencial, em que todas as peças se prendem na mais intima harmonia e são reciprocamente necessarias, é a reconstrucção economica do Brazil nos moldes largos e progressistas em que todos os paizes estão vasando a sua existencia, como condição necessaria e bastante de seu engrandecimento e riqueza.

Tudo isso é novo para nós e não póde ser feito pelo pessoal de nossas repartições nem pelas normas administrativas a que estamos affeitos. E'

preciso que a burocracia, que não reconhece o valor do tempo e dos direitos do contribuinte, que se poupa e protella o interesse publico, não consiga imiscuir-se nessa obra para a esterilizar, pois que ella é essencialmente da competencia dos technicos e exige trabalho intenso e dedicado.

Preciso se faz, portanto, que o estadista que tiver de assumir a tremenda responsabilidade de sua direcção inicial, usando da faculdade de escolher o pessoal, com recurso aos funccionarios que já existem em varias repartições, e a estranhos, do paiz e do estrangeiro, se liberte de toda e qualquer suggestão que não seja a da sua responsabilidade e a do interesse publico e faça, com animo forte e resoluto, a mais escrupulosa selecção, attendendo a que uma organização dessa ordem, sob pena de ruir tem de assentar essencialmente sobre a competencia profissional e a dedicação patriotica. »

Assim nos exprimiamos em 1906.

Hoje que, decorridos os annos, mais longamente estudamos esses problemas e que de perto vimos o que se faz no estrangeiro, nada temos a modificar ao que diziamos então e mais forte ainda se nos tornou a convicção de que temos que pedir ás sciencias o meio de promover o progresso de nossa agricultura.

O problema que se nos depara agora é o mesmo que muitos outros paizes se anteciparam a resolver e Bousssingault, o grande mestre, sem se restringir a seu paiz, e antes encarando a questão do alto de seu grande saber, disse que « o progresso agricola é devido sobretudo á sciencia e o progresso se propaga de cima para baixo até aos ultimos limites, pois a sciencia nunca sóbe. Ella parte de cima e tende a se infiltrar até ás camadas mais baixas da sociedade. »

Ao Ministerio da Agricultura compete a resolução desse problema nacional. Sua funcção primordial, portanto, será *ensinar*, illuminar o cerebro do productor rural, pois que do cerebro mais que do braço depende o aperfeiçoamento do trabalho.

Preparar a sciencia agricola do paiz e difundil-a a todas as camadas sociaes tem de ser a sua grande missão.

Preparar, porque ella não está ainda concretizada, não fórma corpo de doutrina, quasi não existe, tão pouco estudada está. Mudados os termos póde se applicar á agricultura o grande aphorismo com que a homœopathia vae avassalando a therapeutica, quando diz: « não ha molestias, ha doentes. »

Certamente os principios da agricultura, por isso mesmo que são de sciencia, são universaes como os da physiologia humana, e têm de ser obedecidos e applicados em todos os paizes. Mas cada paiz é um doente que

a sciencia agricola tem de salvar. Os problemas que se apresentam estão capitulados na sciencia, mas a sua marcha depende das condições do meio particular em que elles se operam. Essas condições, portanto, precisam ser estudadas e conhecidas em cada caso para que a therapeutica acerte.

Os principios e as praticas geraes da agricultura podem ser desde já ensinados, e preciso é que o sejam largamente, a man cheias por todas as camadas de productores. Mas, para a applicação efficaz desses principios é preciso que se estudem as condições especiaes, os factores da producção e esses são nossos, differem dos de qualquer outro paiz, como differem entre si dois organismos e só podem ser estudados aqui, em nossos climas com os nossos sólos, nossas plantas, nossos animaes, e até com as nossas leis e nossos costumes.

Esse conhecimento do meio, o Ministerio tem que investigar e adquirir para o ensinar e diffundir.

Investigar e *ensinar*, tem de ser, portanto, a funcção primordial do Ministerio, na qual se enfeixam todas as outras como preparatorios e derivados.

Nessas duas palavras se resumem no entanto muitos problemas, muitas questões da maior importancia e que precisam de acurado estudo.

Dezembro de 1909.

WENCESLÁO BELLO.

Culturas de Trigo em Nictheroy

Não ha muito, pois o facto se deu em setembro ultimo, vieram dizer-me que havia uma bella cultura de trigo ao lado da Avenida S. Boaventura, em Nictheroy. Tive curiosidade de constatar *de visu* que culturas de trigo fossem essas e, depois de muito indagar, vim finalmente a saber onde existiam taes culturas. Lá fui então ter, munido do competente Kodac, de canenho e lapis.

Andei, andei muito, passei uma praça onde se levanta uma egreja catholica, deixei que o electrico me levasse a grande velocidade ao longo de uma bella avenida que se interna pelos mattos, vi á direita o *Horto Botanico*, creado e cuidado com paternal carinho pelo Dr. Nilo Peçanha, quando Presidente do Estado do Rio; dei com um casarão de triste aspecto, indaguei do conductor que tapéra era aquella e, sabendo ser a Penitenciaria, fiz signal; parou o bonde e lá fui á primeira venda que se me deparou.



Trigo Barletta (Nictheroy)



Trigo Barletta (Nictheroy)


SciELO

Perguntei ao homem da venda se sabia onde estava uma cultura de trigo naquella localidade e elle, sem vacillar, alongando o labio inferior, deu-me com um « *é alli* » curto e laconico, que me deixou *in albis* como dantes; mas para logo interveio um garotinho vivo como azogue: « Ja sei o que o Snr. quer, venha cá, é na casa do Gabinete».

Lá fomos por um trilho de roça e quanto mais adeantavamos, maiores temores me assaltavam: é que, naquellas alturas, a roçar pelas hervas, corria eu serio risco de apanhar... carrapatinhos! Nada houve felizmente, e demais a cafúa do Gabinete estava alli mesmo á vista. Chamámos por elle, um fraldiqueiro deu alarma, vindo fóra Tom Gabinete, que, com a calma de um bemaventurado, indagou do que desejavamos e, sem reluctancia, nos introduziu nos seus dominios.

Submettido a um interrogatorio compativel com sua capacidade intellectual, disse-me elle o que poude e quanto ao mais difficil, que eu me dirigisse a uns moços *lá em baixo na cidade*, cujo endereço mal soube indicar.

Pouco, infelizmente bem pouco, foi o que consegui saber sobre as culturas experimentaes a que vimos alludindo. Suppro, porém, o que falta com outros dados igualmente interessantes, que, estou certo, servirão para levar ao leitor a convicção de que a cultura do trigo é possivel e quiçá remuneradora na Baixada do Estado do Rio, desde que, bem entendido, se cultivem variedades adequadas ao meio e se escolham terrenos dotados da necessaria fertilidade.

As culturas experimentaes de Nictheroy autorizam a conclusão que ahi vimos de pronunciar.

Effectivamente as terras de Nictheroy são de muito má qualidade. São terras esbranquiçadas, um tanto soltas superficialmente, mas com um sub-solo muito pouco poroso.

Se physicamente não são boas, ainda peiores são ellas sob o ponto de vista chimico.

Em terras de tal qualidade, onde a cultura do trigo constitue industria normal ninguem poria este cereal. Era um carrascal que se havia roçado e queimado, semeando-se alli o trigo sem nenhum outro amanho. O trigo foi plantado e capinado a enxada, como se faz com o arroz, quando cultivado segundo os preceitos da rotina. O proprio milho, que é um cereal pouco exigente, vinha alli mui penosamente, conforme se podia constatar pois ao lado havia um milharal, que talvez désse pouco mais do que a semente plantada.

Para sahirmos do vago e obtermos o valor exacto da terra em questão, mandou a Sociedade Nacional de Agricultura proceder á analyse da mesma

terra, confiando esse trabalho á alta pericia dos analystas do Instituto Agronomico de Campinas, cujo director se promptificou a attender ás solicitações da Sociedade, com toda a desejavel presteza e boa vontade, como é de tradição naquella casa de trabalho.

Segue-se a analyse:

Instituto Agronomico do Estado de S. Paulo

N. 4.024. Objecto: Terra.
Remettente: Sociedade Nacional de Agricultura — Rio de Janeiro.
Entrada: Em 29 de novembro de 1909.— Sahida: Em 11 de fevereiro de 1910.
Analysta: Ernesto Sixt.
Taxa: S. P. Pagã no dia.

TERRAS APANHADAS EM NYCTHEROY AO LADO DA AVENIDA S. BOAVENTURA, PERTO DA PENITENCIARIA. TERRENOS DE ORIGEM GNEISICA

Analyse chimica

Humus	3.91	%
Acido phosphorico	0.07	»
Potassa	0.04	»
Azoto	0.11	»
Cal	0.10	»

Propriedades physicas

Peso do volume	1.567	%
Capacidade de reter a agua	26.8	»
Poder de evaporar a agua	42.0	»

J. Arthau director.

O leitor leigo na materia só poderá formar seguro juizo a respeito da pobreza da terra e dos campos experimentaes de Nictheroy, comparando os algarismos supra com os de uma terra da provincia cerealifera por excellencia — a da provincia de Santa Fé, na Argentina.

Segue-se a analyse de uma terra de Belgrano, em Santa Fé:

Azoto °/₀	0,19 a 0,30
Cal °/₀	0,62 a 0,70
Potassa °/₀	0,62 a 0,72
A. phhosphorico °/₀	0,16 a 0,22
Humus °/₀	2,0 a 3,1

Como se vê, paragonando os dois quadros supra, é aterradora a pobreza das terras de Nictheroy, que aliás são todas da mesma procedencia mineralogica que as da Avenida S. Boaventura, onde apanhamos a amostra cuja analyse aqui figura.



Trigo de Odessa (Nictheroy)



Trigo semeado fora de tempo, em Setembro (Nictheroy)


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
11 12 13 14 15 16

Pois bem, não obstante todos estes senões, tres canteiros do campo experimental apresentavam bellissimo aspecto, como bem o mostram as photographias que illustram este estudo. Onde a sementeira se fez em tempo proprio e com variedades adequadas ás condições meteorologicas do meio, ahi a planta era sadia e vergava sob o peso de bellas espigas, perfeitamente granadas, com grãos bem desenvolvidos e vitreos. O producto era de primeira qualidade, como aspecto e riqueza em gluten.

Os canteiros semeados, desde abril até fim de junho, com trigos de primavera remuneravam positivamente, os semeados fóra dessa época ou com trigo de inverno nada produziam.

As variedades (das poucas ali ensaiadas) que melhor resultado deram foram o *trigo Barleta* e o *trigo russo* (provavelmente *trigo de Odessa*). O mesmo trigo semeado em setembro mal cobria o chão, crescendo a custo, em estado tal de chlorose aguda, que até fazia dó.

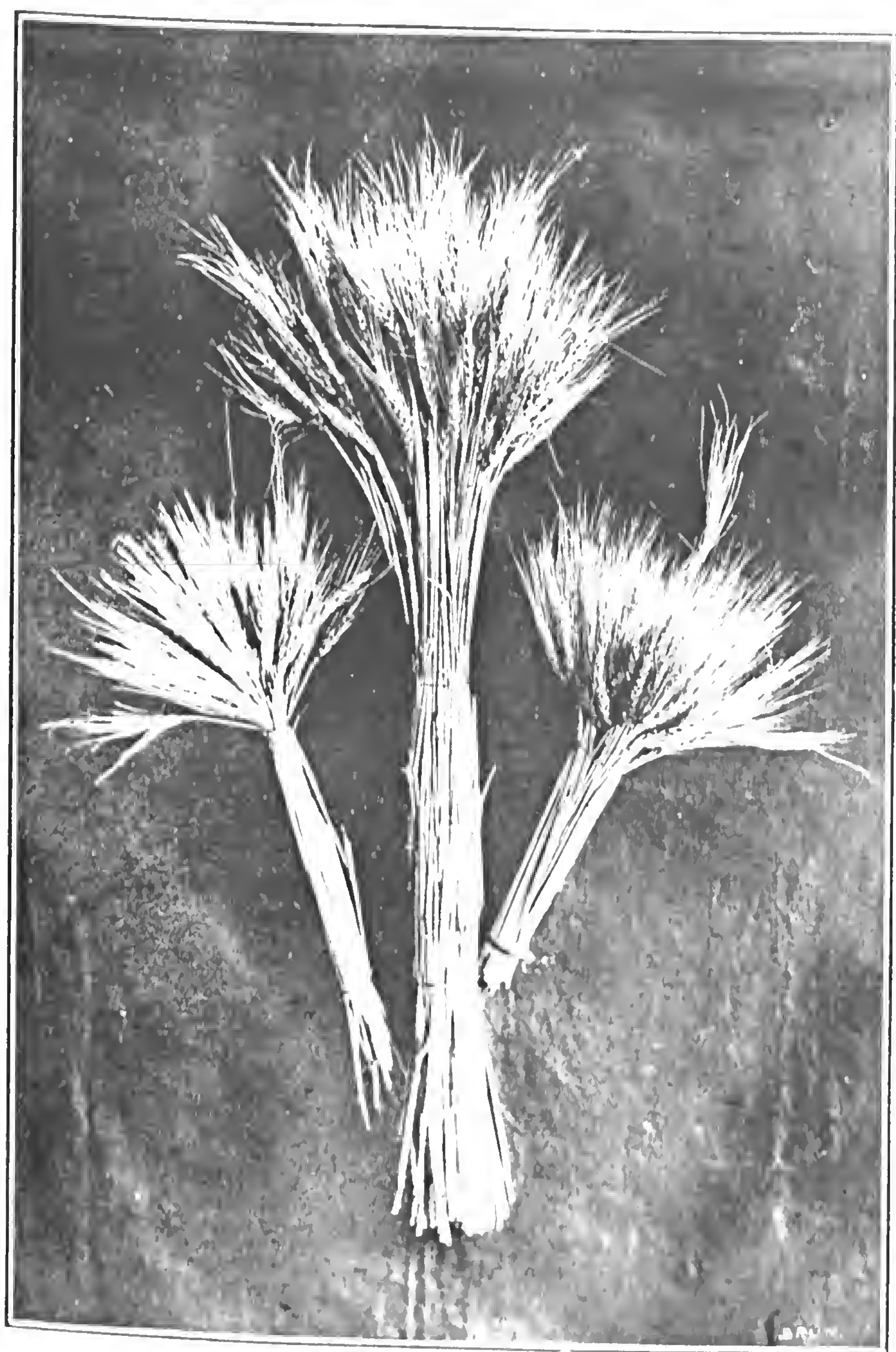
E', porém, de notar que o inverno de 1909 havia corrido muito favoravelmente para uma cultura como a do trigo, que exige chuvas ligeiras e temperatura moderada durante os primeiros tempos de seu cyclo vegetativo.

Julgando conveniente para melhor elucidação do assumpto, recorri ao nosso Observatorio Astronomico e de seu digno director obtive o seguinte quadro, onde vêm dia á dia annotadas as quantidades de chuva e calor que actuaram sobre o trigal de Nictheroy durante todas as suas phases vegetativas.

Anno de 1909

Dia	ABRIL		MAIO		JUNHO		JULHO		AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO	
	Temp.	chuva	Temp.	chuva	Temp.	chuva	Temp.	chuva	Temp.	chuva	Temp.	chuva	Temp.	chuva
1. .	22.89	20.18	20.69	gotts.	20.86	—	17.83	18.80	20.50	—	20.53	—	22.34	5,37
2. .	22.78	12 11	21.43	0 86	21.41	—	18.40	9.83	20,54	—	19.89	0.11	20.58	gotts.
3. .	23.19	—	21 83	—	22,59	—	20.15	—	20.66	—	21.21	—	19 65	—
4. .	23.48	—	22.20	0,66	22 43	—	20.33	—	20,81	—	20 01	0.69	19.64	—
5. .	21 11	—	21.46	-	23 53	—	23.53	—	21,41	—	21.03	0,17	19,23	—
6. .	21 68	-	21.80	—	23.06	—	21,59	—	20.91	—	23 28	—	20 14	—
7. .	25,85	—	20.33	0,74	21.03	8,21	21.04	—	20.95	—	24.91	—	19.85	—
8. .	25.00	—	19 80	gotts.	19.44	16,65	22,25	—	21.13	—	19.69	21,53	19.28	2,07
9. .	22.41	48,71	20,51	gotts.	21 20	—	21.23	—	20,79	—	18.13	18.18	20.00	gotts.
10. .	22.34	17.99	20.56	—	21.29	—	21 38	—	20.91	—	18.11	0.53	19,20	3,01
11. .	22.29	14.47	22.19	—	23.05	—	21.48	—	21.39	—	18.26	0.91	19.14	—
12. .	21.94	20.98	20 99	5.00	23.23	—	20.99	—	23.10	—	19.19	—	20.09	—
13. .	21.64	0.99	18.18	12.38	22.65	—	20.81	—	21,05	2.44	21.01	6.07	21.71	—
14. .	22.81	—	19.60	0.37	19 59	12,99	20.30	—	21.21	20.21	20.58	—	22.25	1.19
15. .	23.36	—	19.18	—	18.39	9.56	20.68	—	16.94	1.94	19.91	—	20.60	gotts.
16. .	24.39	—	19.46	—	18.56	3.04	21.09	—	17 54	—	21.71	—	20.78	2,01
17. .	24.34	—	20.45	—	18.04	—	22.30	—	18.00	—	23.99	—	21.38	—
18. .	26,25	—	21 43	—	19.28	—	21,24	0.47	19.69	—	20 01	—	20.70	13,22
19. .	24 85	—	22.64	—	19.58	—	19.54	2.16	19.66	—	19.79	-	18 53	25.91
20. .	23.63	—	25 46	—	19.63	—	20 59	—	20.54	—	19.03	0,41	17.75	3.02
21. .	23.24	—	23 55	gotts.	19.44	—	20.98	—	21.04	—	19.29	—	19.09	gotts.
22. .	22 98	—	18.90	36.84	20.55	—	20.40	—	20 61	—	19.88	—	19.40	11,88
23. .	23 30	—	18.05	23,04	20.44	gottas	20.25	2,28	21,28	—	20 74	—	23.54	0,84
24. .	22.94	3.72	20.28	0.81	16 81	38,62	19.20	10.84	21,53	—	21.79	—	25 58	gotts.
25. .	23.89	gotts.	21 53	—	17.00	6 98	19.62	0,23	20 46	—	22.25	4.37	22.33	5,54
26. .	22 76	2.65	21.75	—	18.44	—	19 79	—	21.09	—	20.88	0.45	20.89	0.54
27. .	21.99	2.48	23.44	—	20.71	—	20.76	—	21.03	—	21.19	—	20.99	—
28. .	21 30	1.49	23.03	—	21.05	—	21.93	—	21.58	—	21.46	1 04	22.66	—
29. .	20,68	1.54	20.81	—	20.91	—	20.01	—	22.63	—	20.85	—	22.73	10.61
30. .	20,34	1.07	20.55	gotts	18,29	2,55	21.94	—	21.69	—	21.41	—	25.46	gotts.
31. .	—	—	20.21	—	—	—	21.66	—	20.84	6,34	—	—	21.64	87.07
	23.19	158.48	21.04	80,70	20.54	98 60	20 82	44.91	20.76	30,95	20.77	57,49	20.83	122,58

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1909. — *João Sampaio Torres.*



TRIGO CULTIVADO EM SANTA THEREZA (RIO),
A CEM METROS ACIMA DO MAR


SciELO

Estão ahi preciosos elementos culturaes para a orientação do industrial agricola : — analyse das terras e dados climaticos. Insistamos, porém, sobre o assumpto, que, a meu vêr, é da ordem d'aquelles que devem merecer a attenção, não só dos homens da profissão, como sobretudo dos que têm a direcção da cousa publica.

Pelo que vi com olhos de profissional experimentado na materia, cada vez mais me convenço que *a cultura do trigo é adaptavel e vantajosa no Brazil em toda a extensão onde durante seis mezes no anno domina uma temperatura brandamente moderada, não excluindo desta a propria Baixada Fluminense, uma vez que se procurem boas terras, que as cultivem e corrijam convenientemente e que semeiem nellas as variedades de trigo que melhor se lhes adaptem.*

O trigo que vi em Nictheroy, si houvesse sido semeado em bom terreno de alluvião, previamente corrigido com adubos e amanhos, talvez produzisse na proporção de 26 por um ou 40 hectolitros por hectare ; porém na pratica corrente ninguem deve contar com tão alto quociente, pois tal resultado, embora possivel, transpõe as raias do que é commum.

Que a cultura do trigo é possivel em todo o Brazil centro-meridional, já ninguem póde por em duvida, em vista da evidencia dos factos ; porém é preciso encarar o problema por sua face economica. Tambem sob este prisma, vezes varias o temos dito, constitue o trigo uma boa cultura, porquanto, fazendo-a nas terras que melhor lhe convenham e adoptado um afolhamento em que entrem plantas de seguro exito e valor mercantil, a sua cultura é certa e largamente compensadora.

Offerecemo-lhe um mercado de amplo consumo, porquanto, no momento actual, nossa importação em trigo e farinha excede já de dous milhões esterlinos por anno, com tendencia para alta.

De mais a mais, o producto nacional tem a seu favor uma tributação, já bem apreciavel, mas que será facilmente elevada a muito maior altura, desde que o productor se apresente á concurrencia.

Querendo mostrar aos nossos agricultores o *quantum* de protecção que terá para seu trigo, obtive de um cavalheiro mui versado na materia os algarismos que se seguem :

«Illm°. Am°. e Sr.

Respondo-lhe sua estimada carta:

PREÇO CORRENTE DO TRIGO NO RIO DE JANEIRO — Não existe, visto que o Moinho Inglez e o Fluminense importam directamente para o seu consumo proprio o trigo e não o vendem ; não ha, pois, mercado algum deste cereal, nem aqui, nem em outros portos do Brazil. Somente no Rio

Grande do Sul devem existir lá preços de mercado nas pequenas localidades do interior, onde existem plantio de trigo e pequenos moinhos. Disso não tenho conhecimento.

Direitos por tonelada:

1.000 kilos	28$400
Custo da uma tonelada de trigo em Bahia Blanca. . .	143$250
Frete por tonelada de Bahia Blanca ao Rio	6$800
Custo de 1 tonelada de trigo descarregado no Rio. . .	178$450

O trigo argentino pesa em media 80 kilos por 100 litros, portanto, 1.000 kilos correspondem a 1.250 litros, que custam no Rio 178$750.

São estes os esclarecimentos que lhe posso enviar e creio que bastarão bem para orientar aos agricultores nacionaes a respeito de tão importante questão — qual seja a da producção do trigo em terras do Brasil.»

Penso que os dados e considerações que estampámos neste estudo trazem seguros elementos para dar uma idéa do quanto valha para nós a cultura do trigo, que, posto que não seja *estupendamente* remuneradora, é um genero de primeira necessidade, que tem sempre grande procura, de maneira que quem possue trigo é o mesmo que ter dinheiro em caixa. Para o trigo nunca ha crise prolongada de excesso de producção. Para elle não se precisa crear *valorisação*.

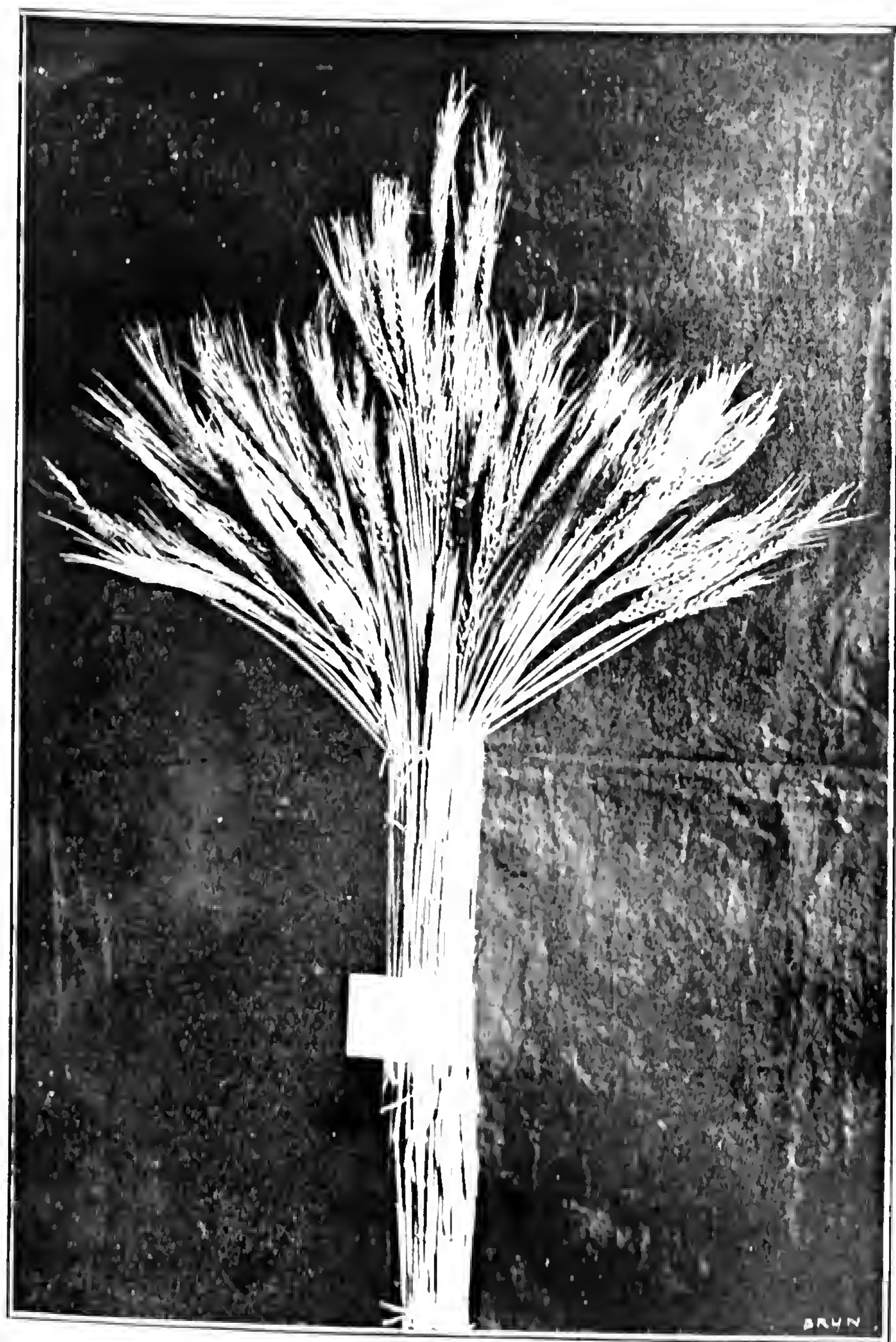
Por hoje é o quanto basta.

A. GOMES CARMO.

Pela — apicultura

Esta facil e lucrativa industria, explorada pelos colonos allemães dos nucleos coloniaes do Rio Grande do Sul, Paraná, S. Paulo, Santa Catharina e Minas, tem tido, ultimamente, grande desenvolvimento.

Além dos apiarios particulares existentes em diversos nucleos coloniaes dos Estados acima referidos, ha mais os seguintes: — Apiario da Escola Pratica de Agricultura de Piracicaba (modelo no genero), apiario do Instituto «João Pinheiro», em Bello Horizonte, onde usam a colmeia typo *Schenk*, apiario Schenk, de Emilio Schenk, em Taquary, Rio Grande do Sul, apiario do Dr. José Mariano Filho, nesta cidade, e o do nosso Horto da Penha, onde empregamos a colmeia typo *Schenk*.



Trigo cultivado no Estado de Minas


cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Na exposição apicola da Exposição Nacional de 1908, coube ao estado do Rio Grande o primeiro lugar.

Na *A Lavoura*, de outubro de 1909, pag. 310, encontra-se um artigo do nosso prezado collaborador Sr. Emilio Schenk, sobre A Apicultura no Rio Grande do Sul.

Esse artigo é illustrado com tres photographias.

O nosso estimado consocio Sr. Dr. José Mariano Filho, que ha tempos applicou-se á apicultura, teve a gentileza de nos enviar um modelo da colmeia de sua invenção, denominada: « Indigena ».

Essa colmeia que se acha em exposição no nosso Museu, veiu acompanhada de uma discripção, a qual passamos a transcrever.

Colmeia «Indigena»

I. A colmeia é constituida por tres peças ou pavimentos, inteiramente independentes entre si, possuindo cada um as dimensões internas de 20 centimetros cubicos.

II. Essas peças se articulam em plano vertical, sendo mantidas nessa posição por meio de pequenos colchetes.

III. Cada um desses pavimentos possue um fundo de taboa leve, deixando de dous lados uma fenda de dous centimetros, por onde as abelhas transitam.

IV. O orificio do pavimento destinado a alojar o ninho, deverá ser praticado numa das paredes que possuirem a fenda mencionada, e deverá ter um centimetro de diametro. O ninho, no acto da mudança, não deve assentar directamente no soalho do pavimento, mas sim em cima de duas pequenas tiras de taboa para que as abelhas possam circular por baixo della.

V. O tampo pertence ao typo da casa Root, e é de facil construcção. São dous pedaços de taboa cujas extremidades são embutidas em duas tiras de madeira de sete centimetros de largura por 1/2 de espessura.

VI. O fundo, que, a bem dizer, é já formado pelo proprio soalho do pavimento, poderá ser constituido por uma taboa commum, e duas tiras de madeira aos lados.

VII. A colmeia deverá estar *rigorosamente* protegida da chuva, e não menos resguardada do sol. Os cuidados de hygiene são extensivos a toda a cultura que repousa em dados scientificos.

Por isso julgamos desnecessario insistir sobre esse ponto.

Pedimos que a madeira empregada nessas construcções seja cuidadosamente isenta de fendas ou asperesas. E' o unico meio de corrigir o excesso de propolis que tanto embaraça as manipulações do colmeal.

Usamos de um outro typo de colmeia horisontal destinada á reproducção artificial. O presente modelo foi porém organizado exclusivamente para as colmeias de *producção* de mel.

Para a proxima primavera poderemos fornecer fortes colonias de *melipona scutellaris*.

O nosso apiario está sendo organizado com um escrupuloso cuidado, sendo já consideravel o numero de colmeias de meliponas que são cultivadas no nosso systema de construcções.

JOSÉ MARIANO (filho)
Apicultor.

A bananeira

CONFERENCIA FEITA PELO DR. RAFAEL URIBE Y URIBE, PERANTE A SOCIEDADE DE AGRICULTORES DA COLUMBIA

Y para ti el banano
Desmaya al peso de su dulce carga;
El banano primero
De cuantos concedió bellos presentes
Providencia á las gentes
Del ecuador feliz, com mano larga.
No ya de humanas artes obligado
El premio rin de opimo;
No es á la podadera, no al arado
Deudor de su racimo.
Escasa industria bástale, cual puede
Hentar á su fatiga mano esclava;
Cresce veloz, y cuando exhausto acaba,
Adulta prole en torno le sucede.

(BELLO SILVA, *A' la Agricultura de la zona torrida*).

Historia — Não se sabe ao certo qual a primeira patria da bananeira, pois todos os paizes a disputam. Esta preciosa planta é conhecida desde a origem do genero humano e parece contemporanea do homem primitivo.

Descripção completa da bananeira se encontra nos *Vedas*, nas leis de Manú e em outros monumentos da litteratura sanskrita.

Sabe-se que na parte occidental da India se a cultiva desde os tempos mais remotos. As tradições semiticas fazem-na oriunda das margens do Euphrates, outras do sopé do Himalaya, e, ainda outras, da parte oriental do Indostão.

O certo é que jamais alguem a topou em estado selvagem, e, como o trigo, o milho e o mamão, a bananeira póde ser collocada entre os vegetaes mysticos, a respeito dos quaes os povos têm creado alguma lenda relativa á maneira por que a Providencia os agraciou com a posse e goso delles.

Ainda ha tribus que, dando á bananeira origem divina, cercam-na de superstições, taes como considerar sacrilegio colher o fructo antes da sua maturação.

Os primeiros portuguezes que, dobrando o cabo da Bôa Esperança, alcançaram a India, ahi encontraram a bananeira, e evitavam cortal-a de travez, crentes de encontrar no interior uma cruz.

Theophrasto falla de uma arvore da India cujas folhas tinham 12 palmos de comprimento e se assemelhavam a grandes pennas de avestruz.

O medico arabe Abd-Alatif diz que o primeiro pé de bananeira foi levado pelos musulmanos da India para a Asia Menor, de onde logo a passaram para o Egypto.

Plinio chama-a *Pala*, nome que ainda hoje é costumeiro na costa de Malabar.

Avicena denomina-a *Mugy*.

Varios auctores creem ser ella o *doudaim* da Biblia; outros julgam, e com razão no meu entender, que o enorme cacho que só dous israelistas podiam carregar quando o levavam a Moysés, como amostra da fertilidade da terra promettida, era não de uvas se não de bananas.

Na idade média os christãos chamavam-na *pomum paradisi* e criam que fôra ella o fructo prohibido de que se servio a serpente tentadora para fazer peccar a nossa Mãi Eva, e ninguem negará que, pela vista, pelo perfume, sabor e tacto, tem mais attractivos de seducção uma banana que uma maçã.

Tambem acreditavam os primeiros christãos que fôra com folhas de bananeira que Adão e Eva cobriram a sua nudez quando della se envergonharam; e hão de convir em que para este primeiro ensaio de vestuario, prestavam-se muito melhor as amplas folhas da bananeira do que as diminutas da figueira ou da parra, sobretudo dando-lhes disposição com as fibras do tronco, á guiza de cordões e cintas, pois parece provavel que, pelo menos aquella boa senhora que causou a nossa perdição, já dava a seus trajes um tanto de modas e casquilhice.

Segundo estes, a bananeira foi a verdadeira arvore da sciencia do bem e do mal, a arvore da sabedoria.

Destas antigas tradições se valeu Linneo, o pai da Botanica, para combinar o nome arabe da bananeira *musa*, com os qualificativos de *sapientium*

e de *paradisica*, designando as duas principaes especies, a de Guiné e a do pão.

Outros pensam que a palavra *musa* não vem do arabe *mauz*, como designam a banana na alludida lingua, senão que Linneo a empregou em honra de Musa, celebre botanico italiano.

Pedro Matheoli, outro naturalista do mesmo paiz, foi o primeiro a dar a descripção e o desenho da planta.

E' a bananeira, indigena da America, ou é importada?

Fortester e outros naturalistas sustentam não existencia da planta no Novo Mundo antes do seu descobrimento.

Com effeito, Oviedo em sua *Historia Natural das Indias*, não a menciona entre os vegetaes indigenas, que distingue cuidadosamente dos trazidos da Europa. Pelo contrario, assegura ter visto a bananeira cultivada nos arredores de Almeria, cidade do reino de Granada, e no convento de Franciscanos nas Ilhas Canarias, de onde trouxe, em 1516, alguns pés Frei Thomaz Berlangas, para a hespanhola, hoje S. Domingos, propagando-se dalli ás outras Antilhas e á Terra Firme.

Em contradicção, o escriptor peruano Garcilaso de la Vega cita a bananeira entre os vegetaes que formavam a base da alimentação dos Incas, e o confirma o Padre Acosta, qué refere estar estabelecido o seu cultivo, de longa data, antes da conquista, nas margens do Orenóco, Amazonas e seus affluentes.

Segundo Humboldt, em toda a America tropical é tradição constante ser a bananeira conhecida muito antes da chegada de Christovam Colombo. Comprova-o dizendo que entre as varias linguas americanas existem vocabulos proprios, isto é, não exoticos, para denominar a bananeira.

Os indios do Brazil, que fallam *tupy*, chamam-na *pacoba* a do pão, que todavia em portuguez se distingue com o nome de *banana da terra*, *pacoba-assú* á dominicana.

Em dialecto *tamanaco* (?) a bananeira é *paruri*, e em *maipuro-arata*, de onde quiçá procede o provinciano *aratos* com que designamos as bananeiras duplas ou gemeas, quero dizer, o phenomeno de apresentarem-se intimamente ligadas.

Por outro lado é na America onde se encontra o maior numero de variedades, o que induziria a pensar que a planta teve aqui longos cyclos diversificaveis, e, um genero da familia, o das *heliconias*, tem neste continente representantes proprios como o *plantanielo*, o *murrapo*, o *vihao* e outros, sendo o outro genero das *uranias* autoctone do velho mundo.

Retorquem outros auctores affirmando ser a Asia a terra da bananeira, como da humanidade.

Sob a sombra de suas avantajadas folhas, os brahmanes e sabios hindús, chamados gymnosophystas, passavam a vida meditando ou dissertando sobre assumptos philosophicos, e o fructo era o seu alimento ordinario, no entender de Plinio.

A parte a indicada emigração á Arabia e ao Egypto, e pela costa septentrional da Africa até ao sul de Hespanha e d'ahi ao Novo Mundo, os portuguezes tral-a-iam da India aos Açores, de onde viriam ás Antilhas.

Da India, não ha duvidar, passou-se tambem a Ceylão, Java, Sumatra e logo á Oceania, especialmente ás Philipinas, archipelago vulcanico onde seu cultivo encontrou as mais propicias condições.

Era facil, e deve remontar-se á mais remota antiguidade, o espraiar-se a bananeira, do Indostão ao Occidente, até ganhar a Africa onde achou um meio adequado á sua propagação.

Da Costa de Zanzibar, primeiro logar em que aportou, foi-se internando á região dos grandes lagos, e em seguida ao coração do continente e ás florestas do Congo, um dos climas mais ardentes, humidos e insalubres do globo.

Sentiu-se alli a bananeira melhor do que em seu paiz natal, e as tribus negras cercam os seus *Kraals* (densos bananaes), que lhes fornecem alimento e servem de trincheiras em suas continuas guerras.

E' natural suppor que com o trafico de escravos viesse a bananeira á America, ou pelo menos algumas de suas variedades, como a de Guiné, segundo indica seu nome, derivado da Comarca Africana de Guiné.

Concluamos de modo conciliador, assignalando ter o precioso vegetal existido em ambos os mundos, e que só as suas variedades se tem trocado de um a outro.

(Continúa.)

A Industria do Papel no Brazil

A industria do papel e da cellulose tem chamado, nesses ultimos annos, a attenção dos industriaes de todos os paizes, em virtude do consumo sempre crescente desses productos.

As grandes florestas da Russia e da Noruega são devastadas pelas necessidades de milhares de fabricas européas que nellas se proveem com sacrificio das suas mais bellas arvores, gigantes de 50 annos pelo menos, pois que as mais jovens não convém á fabricação da pasta.

Destas exigencias constantes nasceu a desarborização da França, Inglaterra e mesmo da Allemanha, e esses paizes se vêm obrigados hoje a importar a pasta e a cellulose necessarias ao trabalho de suas usinas.

A Allemanha possue mais de 600 fabricas, produzindo cada uma pelo menos 150 toneladas de papel por dia.

Os Estados Unidos têm 1.700, dando cada uma 200 toneladas por dia.

E, entretanto, esta enorme producção basta apenas para as necessidades da actividade «yankee».

Assim a desarborização que se manifesta por toda parte, se approxima de nós mais rapidamente do que se pensa a crise do papel.

Tambem é de toda necessidade achar sem demora outras fontes de alimentação á mais util das industrias — a que a humanidade deve todos os seus progressos.

Ao Brazil caberá a honra de offerecer uma solução prompta a este problema, e esta solução elle a achará, não no seio de suas prodigiosas florestas que só dariam um producto mediocre, pouco apto ás exigencias de uma longa conservação, mas nas suas immensas charnecas inexploradas que fornecerão a verdadeira, a pura cellulose.

Deixando o Rio de Janeiro com rumo norte, o viajante tem sob as vistas regiões extensas cobertas de plantas desconhecidas; gramineas e bromelias, bananeiras e bambús de toda especie. Depois a tabúa, o peri-peri, as guaximas, sansevieras, sisal, *hydichium coronarium*, o gravatá ou coroatá, e outras ainda em tal quantidade que a ellas se poderia pedir materia prima para todas as usinas do continente europeu.

A maior parte daria sem cultura, pelo menos, quatro cortes por anno.

O *hydichium coronarium*, mais conhecido sob o nome de lyrio do valle, possue em sua fibra uma riqueza de 48 % de cellulose pura; o tuberculo desta planta é muito rico em amido para que permitta a exploração industrial do alcool, em boas condições.

Pode-se dizer que esta planta recresce sob a foice do ceifador; ella cresce abundantemente nos terrenos montanhosos, sobre as culminancias mais salubres dos arredores de Petropolis, Therezopolis, Friburgo, etc.

Os terrenos pantanosos são tambem ricos em plantas proprias á fabricação do papel; o peri-peri, por exemplo, desenvolve-se ali em tal quantidade que, máo grado seu escasso rendimento de cellulose (20 %), uma exploração methodica e bons processos da fabricação deveriam dar resultados magnificos.

A tabúa, como outras plantas utilisaveis, crescem nas terras humidas.

As planicies arenosas dão gravatás, ou ananazes selvagens, cujas folhas, muitas vezes com dous metros de extensão, são formadas de fibras tão resistentes quanto o melhor linho.

Os arredores da Victoria, capital do Estado do Espirito Santo, acham-se cobertos desses gravatás numa extensão de 120 kilometros quadrados.

As proporções restrictas deste estudo não permittem a descripção detalhada de todas as outras plantas de polpa, faceis de se trabalhar; pelo mesmo motivo nada diremos das plantas de casca que exigiriam trabalho longo. Ellas se encontram pouco mais ou menos por toda parte, em grande abundancia.

Para julgar dos beneficios reservados aos capitaes empregados nesta industria no Brazil, as estatisticas bastarão : a importação de papel, de differentes qualidades, se eleva acerca de 22 milhões de francos por anno.

Além disso, todo esse papel paga ao Thesouro direitos elevados: papel de embrulho assetinado supporta 500 réis por kilo, mais 50 % ouro, o que eleva o imposto de uma proporção de 233 % sobre o valor da mercadoria.

Se o papel não for assetinado, paga 105 a 106 % de seu valor, segundo a qualidade.

Apesar das grandes vantagens dispensadas á industria nacional pelos impostos protectores, podem-se contar as fabricas funccionando actualmente no Brazil.

Quasi todas usam um material atrasado, o sem numero não vai a uma dezena.

Esta rapida exposição dá uma fraca idéa das vantagens e dos beneficios que poderia fornecer a industria do papel no Brazil.

Cabe aos industriaes francezes virem aproveitar-se quanto antes da situação seductora que lhes é offerecida.

Sentir-me-ia feliz se pudesse prestar alguns serviços neste ramo de negocio.

AFFONSO VELLOSO,
Engenheiro.

(Do *Bulletin Mensuel de la Chambre de Commerce Française de Rio de Janeiro*).



A LAVOURA NOS ESTADOS

Syndicatos Agricolas

Havendo o *Syndicato Agricola do Alegre* dirigido a esta sociedade um officio no qual se solicitava um *modus vivendi* entre aquelle syndicato e a Sociedade Nacional de Agricultura, com o intuito de evitar o exodo de socios daquelle para esta, a directoria da segunda associação referida, quando reunida em trabalhos ordinarios, tomou em consideração o conteúdo do officio e resolveu de um modo justo e equitativo, como poderá ver o leitor da transcripção, linhas abaixo, de um outro officio dirigido áquelle syndicato.

Acreditamos haver assim a Sociedade Nacional de Agricultura dado uma prova cabal do seu desprendimento, de sua abnegação pelas aggremiações dos que mourejam na lavoura.

Illm. Sr. Presidente do Syndicato Agricola do Alegre.

Vamos responder ao vosso officio de 1 do corrente no qual pedis um *modus vivendi* entre esta Sociedade e o Syndicato, de modo que não se dê o exodo dos socios do Syndicato, que por encontrarem maiores vantagens associando-se á Sociedade, a ella se filiam abandonando o syndicato.

A directoria da Sociedade não póde deixar de tomar em consideração o que allegaes e de vir em auxilio ao appello que lhe é feito, embora contra os seus proprios interesses, visando porém animar o desenvolvimento dos syndicatos, diante das reaes vantagens que trazem para a agricultura.

Sob essa orientação resolveu a directoria conceder aos *socios dos syndicatos* as mesmas vantagens que concede aos seus socios em relação a fornecimentos e informações, pela seguinte fórma: o syndicato enviará á sociedade a relação de seus socios com as declarações abaixo indicadas renovando-a de seis e seis mezes. Os socios assim inscriptos e registrados na sociedade poderão fazer seus pedidos ao syndicato que os transmitirá á sociedade. As declarações sobre os socios devem comprehender as que constam da lista junta, que adoptamos para os nossos pro-

prios socios, a qual deverá ser preenchida pelos socios do syndicato e por este visado.

O syndicato se inscreverá como *associado* nos termos do nosso regulamento.

Pensamos que desta fórma ficarão acautelados os interesses dos syndicatos e teremos muito prazer em nos vermos assim aggremiados pois que o nosso idéal é que a lavoura se constitua em uma grande federação com força, solidariedade e prestigio para defender seus interesses em todos os terrenos.

Com estima e consideração, somos vossos attentos e obrigados. — Dr. *Wenceslão Bello*, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

"O Fazendeiro"

Do Dr. Lourenço Granato, redactor gerente d'*O Fazendeiro*, revista mensal de agricultura, industria e commercio que se publica na cidade de S. Paulo, recebemos uma circular na qual se torna saliente a vantagem offerecida aos socios desta Sociedade Nacional de Agricultura, qual a do desconto de 40 % sobre a assignatura annual de 20$, desde que essas assignaturas sejam em numero maior de cinco.

Agradecendo penhorados a concessão de todo expontanea e deveras valiosa, fazemos votos pela continuação da prosperidade de tão util e magnifica revista.

Collecção das leis agricolas do Brazil

Quando se aventou a idéa de uma grande Exposição nacional, como de feito se realisou em 1908, a Sociedade Nacional de Agricultura, que se fez tambem representar em pavilhão proprio e a convite do illustre titular de então da pasta da Industria e Viação, Dr. Miguel Calmon, — cogitou logo de coordenar tudo quanto houvesse em materia de legislação agricola no nosso paiz, desde a epoca da vinda de D. João VI até aos nossos dias.

Para tal fim destacou ella um dos seus auxiliares para o Archivo Publico, encarregando-o de colligir tudo quanto sobre o alludido assumpto lá pudesse encontrar.

Tudo copiado e coordenado convenientemente, pediu esta Sociedade ao Governo lhe fosse facultada a permissão de ser impressa a *Collecção das leis sobre a agricultura do Brazil*, na Imprensa Nacional, permissão essa que lhe foi concedida de boa vontade e promptamente.

Assim, acha-se a ponto de ser distribuido tão valioso e completo repositorio de tudo quanto em materia de legislação agricola se fez, desde 1808 até aos nossos dias.

E porque o digno e operoso Ministro da Agricultura, Dr. Rodolpho Miranda, tivesse ordenado a organisação de um retrospecto acerca *de tudo que se tem feito no Brasil em prol da agricultura, industria e commercio*, o Sr. presidente da Sociedade Nacional da Agricultura, Dr. Wenceslão Bello apressou-se em applaudir a idéa do Governo e como subsidio levou ao conhecimento do Sr. Ministro o que já estava fazendo a Sociedade na mesma ordem de idéas.

Eis o conteudo do officio :

« Tendo sabido que V. Ex. mandou organizar pela secção de publicações desse Ministerio um retrospecto de tudo que se tem feito no Brazil em prol da agricultura, industria e commercio, desde os tempos mais remotos até a presente data, cumpro o dever de, com os nossos applausos, levar ao conhecimento de V. Ex. que esta Sociedade está ultimando trabalhos de igual natureza, relativos á agricultura, comprehendendo o periodo decorrido desde 1808.

Sob o titulo de *Collecção das leis sobre a agricultura do Brasil*, estão relacionados e transcriptos na integra os actos, avisos e decretos, desde a data da abertura dos portos brazileiros, com a vinda de D. João VI, referentes aos assumptos agrarios, tanto do Imperio como da Republica, e os emanados do poder central, como dos governos dos Estados e antigas provincias.

Assim é que esse trabalho está dividido nos seguintes capitulos :

Agricultura — Industria pastoril — Immigração — Colonização — Impostos — Ensino agricola — Legislação florestal — Credito agricola.

Iniciada em 1907, esta obra está quasi toda organizada e composta, tendo sido autorizada a sua impressão na Imprensa Nacional, e seu primeiro volume será distribuido talvez ainda durante o corrente mez.

Mais recentemente, quando projectada a representação do Brazil na proxima Exposição Internacional de Bruxellas, fazendo parte da commissão organizadora, como representante desta Sociedade, inclui no programma da secção de agricultura, de cuja direcção estou encarregado, entre outros trabalhos, uma monographia sobre as instituições e serviços

publicos de agricultura do paiz e outra sobre as nossas associações agricolas. Ambas comprehendem uma parte historica desde 1808, descrevem o que de principal se tem feito desde então nas diversas phases por que tem passado a nossa agricultura, e procuram dar uma idéa sufficientemente exacta do que é no momento actual, quer a acção dos poderes publicos, quer a actividade do espirito de associação, como factores da vida agricola do paiz.

Esses dous trabalhos, que serão fartamente illustrados com gravuras, estão sendo feitos mediante novas pesquizas e com os subsidios de informações da *Collecção de leis*, a que nos referimos e de outros trabalhos já publicados por esta Sociedade.

Acredito que as tres publicações referidas corresponderão aos intuitos de V. Ex. na parte relativa á agricultura, e o trabalho que V. Ex. agora ordenou poderá ser especialmente util, completando-as, já em suas provaveis e naturaes lacunas, já com respeito á industria e ao commercio que, de sciencia minha, ainda não foram estudados sob semelhante ponto de vista.

Aproveito a opportunidade, etc. »

Cooperativas

Na cidade de Bom Fim, Bahia, organizou-se uma cooperativa. A iniciativa dessa utilissima instituição coube ao adiantado lavrador Sr. Joaquim Angelo de Souza, que nos enviou a noticia que abaixo publicamos, sobre a reunião realizada no dia 19 de dezembro e na qual ficou creada a « Cooperativa Bomfimnense » :

« Embora sem o concurso daquelles que mais deviam se interessar pelo assumpto, os pequenos lavradores e criadores, realizou-se a reunião annunciada para 19 do mez proximo passado, em um dos salões do edificio municipal e destinada á creação nesta cidade de uma — cooperativa agricola —.

Sob a presidencia do illustre cidadão Dr. Joviniano A. Pereira Duarte, ás quatro horas da tarde daquelle dia, presente grande numero de pessoas de nossa sociedade, foi aberta a sessão. Após as explicações necessarias ao funccionamento da « Cooperativa », as incontestes vantagens que revertem ás classes ruraes, pela sua acção benefica, não só importando por preços excepcionaes instrumentos agricolas, sementes, etc., como auxiliando aos seus socios pecuniariamente, com emprestimos

contrahidos sobre garantias hypothecarias, penhores ou fianças, emfim todos os fins da sociedade, foram nomeadas commissões para redigirem estatutos e tudo mais que concerne á creação de uma associação.

Convem mencionar que a sociedade poderá se manter até com sete socios, realizando-se as inclusões das pessoas que queiram fazer parte da « Cooperativa » sómente no mez de janeiro, o primeiro de cada anno social.

Não resta duvida que, apezar da indifferença da maior parte dos nossos patricios a uma idéa de tão alto alcance, a « Cooperativa » funccionará, e o seu illustre iniciador, o Sr. Joaquim Angelo de Souza, ha de ver, assim como nós, em breve, produzir excellentes resultados a — Cooperativa Bomfimnense —. »

Desejamos prosperidades á nova associação.

Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco

O nosso prezado consocio Sr. Apollonio Perez teve a gentileza de nos communicar que, no dia 28 de setembro do anno passado, foi eleita a directoria da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco, sendo eleitos :

Gerente — Paulo Salgado ;
Secretario Geral — Costa Maia ;
Thesoureiro — Apollinario Perez ;
Secretario Auxiliar — Severo J. Pedrosa.

Novos nucleos coloniaes em Minas

A orientação economica, tendo por base o desenvolvimento racional da agricultura, tem sido de alguns annos para cá quasi que todo o programma dos que têm exercido as altas funcções de chefe do Estado de Minas Geraes.

Assim é que foram agora adquiridas as fazendas Barra do Diamante e Santa Maria, pertencentes ao coronel Silverio da Rocha, para a creação de uma colonia agricola, no municipio de Cataguazes.

As duas fazendas, medindo cerca de 400 alqueires de terra, custaram ao Governo do Estado de Minas a importancia de 195:000$, assignando a escriptura por parte do Estado o secretario das finanças.

Em virtude, porém, de ficarem ambas as fazendas muito proximas da cidade de Ubá e distantes da de Cataguazes que nenhum proveito commercial poderá colher da installação e desenvolvimento dos dous nucleos em via de formação, affirma *O Cataguazes* ser vontade do governo adquirir uma outra fazenda nas proximidades desta ultima cidade, satisfazendo assim aos interesses e ás aspirações desta.



A LAVOURA NO ESTRANGEIRO

A Educação agricola nos Estados Unidos

Agora, que está na ordem do dia official e nas aspirações intensas do paiz a reconstrucção radical da agricultura, onde tudo tem de ser remodelado desde o homem rural até o solo lavradio, é util dizer resumidamente o que os Estados Unidos fizeram e estão fazendo no tocante á educação agricola.

E' prodigioso o esforço alli empenhado para produzir mais e melhor, aperfeiçoando scientificamente todos os agentes e apparelhos de exploração agraria.

Como condição fundamental do bom exito está a instrucção profissional do lavrador, não só dos *leaders*, dos directores e gerentes das explorações, como de todo o povo rustico, em maior ou menor escala, e considerado que em todo cidadão existe latente um agricultor por officio ou por excepção, — de todos que frequentam mesmo as escolas elementares, num paiz de ensino primario obrigatorio.

A educação agricola começa alli na escola publica elementar, onde se ensina o alumno a apreciar a vida rural, a entender intuitivamente os phenomenos com que lida a faina agricola, tudo tendendo a *despertar no menino um interesse permanente pela agricultura*.

Esse ensino já está sendo distribuido em 44 Estados, sendo que em 13 com caracter obrigatorio.

Divide-se em theorico e pratico: aquelle professa o *estudo da natureza*, isto é, os principios fundamentaes da vida animal e vegetal, suas relações entre si, e destes com o meio ambiente; a parte pratica pertence ao *jardim escolar*, quasi sempre annexo á escola, e a rudimentares laboratorios para experiencias singelissimas.

Como a agricultura começa a ser materia obrigatoria de estudo nas escolas elementares, os institutos normaes, coherentemente, lhe contemplam o ensino em seus programmas; já é professado em mais de 100 collegios pedagogicos.

Subindo em gráos, se encontram *as escolas secundarias de agricultura, high schools,* cuja creação é relativamente recente, sendo a primeira fundada, em 1888, no Estado de Minnesota; attingem hoje ao numero de 71.

Variam os typos dessas escolas, tendo todas, aliás, um caracter commum: são cursos de agricultura pratica, correspondendo aos dos *collegios de instrucção media* ou *high schools.* Algumas são dependencias dos collegios de agricultura de diversas Universidades, muitas são independentes e mantidas pelos Estados ou pelos districtos em que estão situadas.

O curso dura ordinariamente quatro annos, contemplando em seus programmas: estudos de terrenos, culturas, zootechnia, architectura rural, ferraria, carpintaria, desenho mecanico, além do inglez, historia, educação civica, contabilidade commercial. As mulheres frequentam, além desses, cursos de cozinha, lavanderia, costura, floricultura e trabalhos domesticos.

Entre outros institutos que ministram ensino de agricultura ás mulheres destaca-se o *Collegio Industrial de Artes,* de Deutondex, cujo programma comprehende a horticultura, jardinagem ornamental, floricultura, avi, api e arboricultura.

O ensino superior é distribuido nos *collegios de agricultura,* fartamente subvencionados pelo governo federal e pelos Estados.

Funccionam 67, sendo alguns faculdades componentes de Universidades. O curso é geralmente de quatro annos, exigidos certificados de instrucção media completa ou exame equivalente.

Esses institutos conferem titulos de bachareis e de mestres ou doutores agronomos.

Os estudos se dividem em curso geral e cursos especiaes, consistindo estes em agricultura propriamente dita, horticultura, biologia, chimica, jardinagem ornamental, sociologia rural, sciencia militar, etc.

Aos collegios estão sempre annexas estações experimentaes para a instrucção pratica.

Até aqui os apparelhos para a instrucção agronomica dos dirigentes; salvo o ensino elementarissimo das escolas publicas primarias, a massa dos agricultores, o povo rural, o operario dos campos não estava attingido pela diffusão educativa technica; entretanto, nelle reside o factor principal da producção agraria.

E' tenaz e engenhosa a campanha empenhada para a educação agricola popular:

Os expedientes engenhados são, uns de ordem directa, outros de ordem indirecta. Entre os primeiros contam-se os *cursos curtos*, os *institutos para agricultores*, as *escolas ambulantes*, as *escolas em acampamentos*, e outras formas de corporação mutua entre os agricultores. Entre os segundos estão as *exposições e feiras agricolas*, as *sociedades e convenções*.

Os *cursos curtos* são classes de ensino secundario, ordinariamente professados nas Universidades, destinados a dar instrucção agricola aos que não podem seguir cursos regulares nos collegios.

Dividem-se em *cursos curtos propriamente ditos*, que são professados no inverno, durante tres semanas apenas, para o ensino de uma dada especialidade da sciencia agricola.

Os *cursos de preparatorios* encaminham-se a preparar candidatos á admissão nos collegios de agricultura.

Os *cursos de preparo para a vida rural* instruem os que desejam augmentar o pequeno cabedal educativo adquirido nas escolas elementares, não podendo frequentar estudos regulares.

Os *cursos para habilitação de mestres das escolas elementares* são destinados a preparal-os para o ensino elementar de agricultura.

Cerca de 60 desses singelos institutos já funccionam, frequentados por operarios rusticos, suas mulheres e filhos.

Nelles se administra ensino essencialmente pratico de agricultura em geral, industria de lacticinios, avicultura, zootechnia, horticultura, floricultura, botanica, bacteriologia, entomologia etc.

Os *cursos de preparo para a vida rural* são de um a dous annos; o joven que, concluida a instrucção na escola primaria, passa por elles recebe habilitação pratica sufficiente para entrar com exito na faina profissional.

A matricula é livre e gratuita com a unica restricção no exigir alguma pratica de trabalhos agricolas.

Os *institutos para agricultores*, «*farmes'institutes*», são reuniões, geralmente annuaes, de lavradores de uma dada região, durante alguns dias, com o fim de se instruirem em assumptos agronomicos ou interessantes á lavoura; fazem-se conferencias, leituras, estudos e demonstrações experimentaes.

Nellas os agricultores adultos aprendem methodos adiantados de lavoura, aproveitam as lições da experiencia e da sciencia e recebem o influxo da propaganda progressista e melhorante que os dedicados agentes instructores, officiaes ou officiosos, activamente professam.

Actualmente 47 Estados celebram essas reuniões educativas. Em 1908 mais de dous milhões de agricultores assistiram aos *farmers'institutes*.

Esse algorismo demonstra a enorme popularidade desse expediente de ensino agricola, cuja organisação está a cargo de um Departamento de *farmers'institutes*, em cada Estado, por sua vez subordinado ao respectivo Departamento de Agricultura.

Os conferencistas são, de ordinario, professores universitarios, agricultores notaveis, ou peritos e devotados propagandistas de methodos aperfeiçoados de cultura.

O programma da reunião e a designação dos professores incumbem ao departamento de *farmers'institutes*. As sessões são eminentemente praticas, ajudadas de projecções luminosas, quadros e demonstrações.

Conjunctamente se celebra uma pequena exposição de productos agricolas e um *concurso de culturas*, que consiste na distribuição de sementes por aquelles que se quizerem inscrever e posteriormente na comparação dos productos obtidos, em qualidade e quantidade, na mesma unidade de terreno.

As *escolas ambulantes* são apenas modalidades das anteriormente indicadas : os cursos duram, de ordinario, duas semanas até dous mezes; propoem-se a ensinar, em cada sessão ou periodo didactico, apenas um assumpto agricola, ou industrial, como seja a fabricação de manteiga, de queijos, avicultura, composição de estrumes, novos methodos de amanhar a terra etc.

Deslocam-se de uma para outra localidade rural com todos os seus apparelhos e material docente, convocando á matricula os que de suas lições se queiram aproveitar.

Confere certificados de exame a seus alumnos, habilitados por uma commissão dos professores *ad hoc*.

As *escolas acampamentos*, «*farm boy's encampments*», funccionam ao ar livre, ensinam agricultura elementar technico-pratica aos operarios ruraes, que não podem comparecer a outros institutos.

São organisadas pelos departamentos de Agricultura dos Estados; o curso dura uma ou duas semanas; ministram lições ou conselhos praticos sobre a natureza das terras araveis, selecção de sementes, molestia dos animaes domesticos, drenagem etc.

As *exposições e feiras agricolas* já são conhecidas entre nós : ha muitos annos que são usuaes e assás generalisadas nos Estados Unidos. Todos os Estados federaes, muitos condados e districtos manteem mostruarios e feiras annuaes; são festivos concursos de productos agricolas, cuja energia estimulante no incremento da industria rural é muito preconisada entre os americanos do norte.

Alguns desses certamens são organisados por sociedades agricolas, e as feiras annuaes pelos departamentos de Agricultura dos Estados.

São celebres e antigas a de Syracusa, no Estado da New-York, a de Chicago, a de milho de Omaha, todas annuaes.

A influencia educativa das sociedades de agricultura é alli muito encarecida; ellas teem promovido activamente os interesses mais palpitantes da causa da lavoura, desde antes da maravilhosa organisação, official e particular, desse serviço, proeminente entre os mais notaveis da Federação.

Continuam a funccionar no complexo mecanismo actual como poderosos propulsores de propaganda e de iniciativa.

A expansão prodigiosa de esforços, em todas as direcções, no intuito de instruir a agricultura, produziu por algum tempo certa anarchia e perda de energia nas resultantes, á falta de methodos geraes coordenadores.

A causa inevitavel residia na necessidade por todos sentida do derramamento mais amplo e immediato da educação agricola, que se traduziu em acção ao mesmo tempo em toda a parte, por todos os expedientes os mais variados.

O defeito começa a ser remediado pela creação entre os institutos, e esforços militantes, de um verdadeiro systema nacional de educação agricola popular.

No centro desse systema se erigem magestosos e efficacissimos o *Departamento Federal de Agricultura* e as *Estações Experimentaes*.

Organisados primeiramente para investigações scientificas em assumptos agricolas, ambos esses institutos teem prestado benemeritos serviços á causa da educação da lavoura, pelos estudos e experiencias de seus laboratorios e campos de demonstração, suas bibliothecas, seus boletins, estatisticas, conferencias, propaganda e encitamento, além da acção decretoria e regulamentar que officialmente lhes compete, como secção eminente do governo federal.

O trabalho educacional das *Estações experimentaes* se effectua em duas secções: uma que se occupa com os collegios e escolas de agricultura e outra com os *farmers' institutes* e mais modalidades de ensino popular.

Todos esses institutos formam, por intermedio da *Associação Americana de collegios de Agricultura e Estações Experimentaes*, de que fazem parte a *Secção de Estações Experimentaes do Departamento Federal de Agricultura* e a *Directoria de Ensino do departamento do Interior*, um systema nacional da educação superior nas sciencias e na industria.

Essa associação, fundada em Washington em 1887, tem sido activissima na campanha pela diffusão do ensino agricola. Sua principal funcção é estudar os altos problemas do ensino e methodos pedagogicos, dirigindo e ajudando o serviço da instrucção a cargo dos Estados e da iniciativa particular.

E' a essa instrucção agricola, em todas as suas variadissimas modalidades, que o espirito eminentemente pratico, nada visionario, dos americanos do norte attribue em parte maxima a assombrosa prosperidade de sua agricultura.



NOTICIARIO

Assembléa Geral da Sociedade Nacional de Agricultura.— Em assembléa geral ordinaria, realizada no dia 17 do actual, tendo comparecido 498 socios, entre presentes e representados por procuração, e sob a presidencia do Dr. Wencesláo Bello, foram approvados os actos e as contas da administração referentes aos annos de 1907 e 1908.

O Sr. Dr. Wencesláo Bello, procedeu á leitura do seu relatorio, indicando os serviços prestados pela Sociedade, o papel saliente que ella teve na Exposição, salientando dentre as criações novas, a installação de um aprendizado agricola no Horto Fructicola da Penha.

A este respeito, *A Lavoura* tem dado informe aos seus leitores, por meio de descripções acompanhadas de finas e numerosas gravuras, do quanto se tem feito no Hôrto.

E, feito este parenthesis, damos a seguir os nomes que foram acclamados para os differentes cargos de que se compõe a Directoria, e bem assim os dos que constituem o Conselho Superior da mesma Sociedade.

DIRECTORIA

Dr. Wencesláo Alves Leite de Oliveira Bello	Presidente
Dr. Sylvio Ferreira Rangel.	1º Vice-Presidente
Dr. José Ribeiro Monteiro da Silva	2º »
Dr. Antonio Pacheco Leão	3º »
Dr. Francisco Tito de Souza Reis	Secretario Geral
Dr. João Fulgencio de Lima Mindello.	1º Secretario
Dr. Benedicto Raymundo da Silva.	2º »
Alberto Jacobina	3º »
Dr. Victor Leivas.	4º »
Carlos Raulino.	1º Thesoureiro
Dr. João Pedreira do Couto Ferraz Junior	2º »

CONSELHO SUPERIOR

Dr. Elias Antonio de Moraes, Dr. Eduardo Augusto Torres Cotrim, Ernesto Durisch, Dr. Arthur Getulio das Neves, Dr. Sergio de Carvalho, Dr. Alfredo Augusto Rocha, Dr. Ernesto Ascoly, Luiz Henrique Lins de Almeida, Dr. Francisco P.

de Carvalho Aragão, Hermann Slowback, Dr. Alberto Augusto Furtado, João Dale, Dr. Ernesto Candido da Fonseca Portella, Luiz Felippe do Sampaio Vianna, Dr. Antonino Fialho, Dr. J. F. Soares Filho Dr. Alfredo Bandeira, Dr. Alvaro Mendes de Oliveira Castro, Dr. Henrique Borges Monteiro, Coronel Cornelio de Souza Lima, Dr. João de Carvalho Borges Junior, Dr Carlos de Rezende, Dr. João Baptista de Castro, Dr. Heitor de Sá e Dr. Galdino Antonio do Valle.

Fornecimentos aos socios, feitos pela Sociedade Nacional de Agricultura — Tirando partido de seu caracter de associação, já prestigiada com cerca de 3.000 socios, a Sociedade, no intuito particular de demonstrar a utilidade e o mecanismo dos syndicatos agricolas, emprehendeu favorecer os seus socios com o supprimento de generos estrangeiros e nacionaes, a preços mais reduzidos do que os do commercio a varejo.

Com esse proposito e valendo-se dos favores aduaneiros que a lei confere ao Syndicato Central dos Agricultores do Brazil, tem fornecido arame farpado e os respectivos grampos.

Além disso e mediante contractos especiaes, tem fornecido, a preços reduzidos, o formicida Paschoal, o alcool e machinas agricolas.

Revendo todos os seus contractos e fazendo outros que começam agora a vigorar, a Sociedade está habilitada a fornecer arame farpado e os respectivos grampos, enxadas, machinas agricolas, alcool, formicida, colmeias nas condições que passamos a indicar:

ARAME FARPADO

Rolo de 26 kilos com 160 metros de fio a.	6$880
Rolo de 40 kilos com 402 metros de fio a.	10$680
Grampos para os mesmos, o kilo a.	$360

ENXADAS BEM CALÇADAS DE AÇO

	Marca Radiante	Marca Raio
De 2 libras	1$420	1$270
De 2 1/2 libras	1$520	1$370
De 3 libras	1$630	1$530
De 3 1/2 libras	1$780	1$630
De 4 libras	1$930	1$730

FOICES

Ns. 1—2—3—4—5—6—7—8—9—10—11—12, aos preços respectivamente de: $600—$670—$730—$810—$890—1$000—1$130—1$300—1$500—1$600—1$800.

SALOXO

Um preparado de sal e peroxido de ferro, proprio para alimentação do gado, é economico e asseado por ser em tijolos de 5 a 10 kilos, não sujando as baias ou logares onde são collocados e sem desperdicio. Preço 200 réis o kilo, com 5 % de abatimento.

MACHINAS AGRICOLAS

Dos principaes fabricantes, com abatimento de 5 a 10 %, sobre os respectivos catalogos e transporte gratuito nas estradas de ferro.

ALCOOL

De força de 40°, em latas de 18 litros, pelo preço das vendas em pipa, o que corresponde a uma reducção de cerca de 10 %.

SULFATO DE COBRE

Para tratamento de plantas ao preço de — kilo $650

FORMICIDA

Paschoal:

Latas contendo 4 litros . . . . 4$100
Caixa com 4 latas. . . . . 16$400

Schomaker :

Botija contendo 1 1/2 litros. . . . . 3$700
Caixa com 6 botijas. . . . . 22$000

COLMEIAS

Com os mais modernos aperfeiçoamentos pelo preço de 15$000

CREOLINA

A mais reputada das creolinas de fabricação nacional denominada Cresolina Werneck, com uma economia de 20 °/ₒ sobre os preços do mercado, custando cada lata com 1 litro. . . . . 1$200

LACTICINIOS

Installações completas para industria de lacticinios pela casa Hopkins Causer & Hopkins, com abatimento médio de 5 °/ₒ.

Para gosar destas vantagens o interessado deverá satisfazer as seguintes condições :

1ª, ser socio quite da Sociedade Nacional de Agricultura ;

2ª, ser agricultor, apresentando disso provas bastantes a juizo da Directoria da Sociedade ;

3ª, formular o pedido directamente á Sociedade e por escripto ;

4ª, pedir sómente para o seu proprio consumo, indicando o nome e a situação da propriedade a que destina o emprego do producto ;

5ª, enviar á Sociedade, juntamente com o pedido, a sua importancia, ou uma ordem para o seu pagamento contra casa commercial ou bancaria com séde na Capital Federal.

Gaz Benoid — Em um dos dias do mez de dezembro proximo passado recebeu a directoria desta sociedade um convite firmado pelo Sr. Dr. Dethard Kalkmann, afim de que a mesma se fizesse representar na Conferencia que o

referido doutor pretendia levar á effeito, como levou, em o dia 23 do alludido mez, ás oito horas da noite, na Academia do Commercio do Rio de Janeiro, que, como, se sabe, funcciona no edificio da Escola Polytechenica desta cidade.

A directoria desta sociedade dando ao convite a attenção e consideração que era muito de merecer, delegou a um de seus collegas a incumbencia de ouvir o illustre Sr. Dr. Kalkmann, e manifestar depois as suas impressões a respeito.

Não fazemos mais do que verdadeira justiça dizendo que estas foram francamente agradaveis, tanto mais quanto o conferente valeu-se do nosso idioma, que manejou com certa precisão para transmittir as suas idéas.

De feito, depois de haver alludido o Sr. Dr. Kalkmann á lenda de Prometheo, aos processos primitivos de luz artificial, taes como os archotes, o pixe, as lampadas de azeite, de petroleo, o gaz de carvão de pedra, a electricidade, e o alcool, o actyleno etc., chega elle ao gaz aereo, ao gaz Benoid, assumpto, thema ou conferencia em questão.

Definido o gaz aereo, que se deve entender por *um composto de ar e de vapores de combustiveis liquidos, como elles se obtêm pela distillação de petroleo, ordinariamente conhecidos sob os nomes de gazolina ou benzina*, passa o digno conferente a mostrar o apparelho de gaz aereo Benoid, que, diz elle, corresponde a todas as exigencias que podem ser esperadas de uma installação modernissima de gaz para illuminação, para aquecer, para cozinhar e desenvolver força motora.

Com o pequeno modelo proprio para demonstrações, S. S. salienta a simplicidade da montagem e da funcção do apparelho, entra em minucias propriamente technicas, fal-o funccionar emfim, deixando aos espectadores uma impressão magnifica.

Em face das provas materiaes que S. S. não poupou, é de facto de grande vantagem esse gaz, quer pelo funccionamento automatico para sua producção no gerador, quer pela simplicidade e facilidade de installação do apparelho, quer ainda pela economia realizada e bella luz que produz e pelos varios fins a que se presta.

A installação do apparelho não é cara e é elle accionado pela gravidade, que é força natural, simples e barata.

A producção do gaz, como já deixámos entrever, é baseada na volatilização da gazolina e em fazer passar os seus vapores pelo ar atmospherico.

Obtem-se assim um gaz vantajoso, economico, hygienico, dando uma luz clara e bella.

Para esta ultima qualidade faz-se necessario o bico Auer, mas com camisa forte, transportavel e muito duravel.

Com cerca de cinco annos de successo ininterrupto, é este um dos melhores apparelhos que podem ser installados em pontos afastados dos grandes centros e de pequeno consummo.

No estudo comparativo debaixo do ponto de vista economico diz S. S. que:

... para produzir a mesma intensidade (de luz):

o acetyleno gastaria	58 réis
o kerosene	65 »
a luz incandescente: de alcool.	42 »
o bico papiel: do gaz carbonico.	69 »
as differentes lampadas: electricas	25-87,5 »

Ora, quanto ao alcool, pedimos permissão ao distincto cavalheiro para accentuar que, segundo experiencia feita por competentes quando tivermos este liquido á razão de 300 réis o litro, o que virá acontecer por certo, a luz incandescente de alcool será de accordo com os dados de que se valeu S. S. não de 42 réis, mas de 10 réis.

Fechando esta noticia, aqui exaramos os nossos mais vivos e sinceros agradecimentos, pela gentileza do convite, de par com os votos que fazemos pelo exito de sua utilissima tentativa.

Febre aphtosa.— Com grande supresa para nós, deparamos na *Revista de la Associación Rural del Uruguay*, de 1 de dezembro de 1909, com um voto do Ministerio de Industria Trabajo y Instrución Publica, cujo assumpto, de grande interesse para o nosso paiz, nos deixou á primeira vista um tanto perplexos.

Tratava-se, como verão os nossos leitores do documento abaixo transcripto, de uma prohibição formal, por parte do Governo Portuguez, da entrada do gado bovino, ovino, caprino e suino, procedente do Brazil, senão tambem *de animaes de procedencia outra, mas que tenham sido transportados em navios que façam escala por qualquer dos portos do nosso paiz.*

Passada a perplexidade do primeiro momento a que a gravidade do assumpto nos levou, e inteirado delle o presidente desta sociedade, Dr. Wenceslau Bello, este, de prompto, officiou ao Dr. ministro de Agricultura chamando a sua attenção para o facto e pondo de manifesto a cópia do officio do Consulado Geral do Uruguay, em Portugal, que fôra publicado pela referida *Revista de la Associación Rural del Uruguay.*

Sabemos que o nosso illustre ministro de Agricultura logo que teve conhecimento do que vimos narrando, ordenou immediatas syndicancias a respeito, para que juntas aos elementos já em seu poder sobre o assumpto, podesse agir com a segurança, a presteza, criterio e o patriotismo que lhe são costumeiros.

Podemos mesmo adeantar, neste momento, que, em face do quanto conseguiu apurar o Sr. ministro de Agricultura pertinentemente a febre aphtosa no Brasil, — a medida tomada de modo abrupto pelo Governo Portuguez, foi por demais rigorosa e, em extremo, precipitada e injusta, como será naturalmente provada por quem com tanto brilho gere a pasta da Agricultura, Industria e Commercio.

Eis os documentos a que fizemos allusão : o primeiro, officio do Dr. Wenceslau Bello, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, ao respectivo ministro, e o segundo, a publicação da *Revista de la Associación Rural del Uruguay.*

« Exm. Sr. ministro—Tendo sido publicado na *Revista de la Associación del Uruguay* , de 1 de dezembro de 1909, uma nota do Consulado Geral do Uruguay, dando conhecimento a seu governo de um acto, pelo qual o governo de Portugal prohibe a entrada do gado e seus productos, procedentes do Brasil e que tenham transitado por seus portos, peço permissão a V. Ex. para enviar a cópia junta extrahida daquelle jornal.

Verá V. Ex. que os portos do Brasil são declarados infeccionados pela febre aphtosa, lembrando o consul do Uruguay a necessidade de estabelecimento de viagens directas entre aquella Republica e os portos europeus, em detrimento dos interesses brasileiros.

Essa medida poderá trazer serios prejuizos, já á nossa exportação de couros, já ao commercio em geral, pela diminuição de vapores em nossos portos, e por isso cumprimos o dever de levar o facto ao conhecimento de V. Ex., certos de que, certificando-se de seus fundamentos, providenciará como melhor convier aos interesses nacionaes.

Aproveito, etc.»

. ˙ .

La fiebre aftosa en nel Brasil—Ministerio de Industrias, Trabajo e Instrucción Pública. Montevidéo, noviembre, 17, de 1909 — Tengo el agrado de transcribir á esa Asociación la seguiente nota:

«Consulado general del Uruguay en Portugal — N. 143. — Lisboa, octobre, 21, de 1909 — Señor ministro — Tengo el honor de poner en conocimiento de V. Ex. que la autoridad competente de Portugal, de acuerdo con el reglamento de higiene, con esta fecha ha declarado, de fiebre aftosa, los puertos maritimos de los Estados Unidos del Brasil, quedando prohibida la entrada en Portugal de animales bovinos, ovinos, caprinos y porcinos, de alli precedentes, y también de los *animales de outras procedencias, que sean transportados en barcos que hayan escala en cualquiera de los puertos del Brasil.* Los despojos de los animales de las especies citadas y de la misma procedencia, sólo pueden ser importados sufriendo en los puertos de entrada de Portugal, da desinfección reglamentaria.

El conocimiento de esta resolución puede tener interés para nuestros exportadores de ganado en pié, pues estando prohibida la importacion de animales transportados en barcos que hayan tocado en puertos brasileros y siendo estos puertos de escala obligada, para hacer carbón, puede esta medida dificultar la introduccion de animales en pié, con procedencia del Rio de la Plata, salvo que fuesen transportados en barcos que pudiesen hacer la travesia del océano directamente hasta San Vicente, de Cabo Verde ó Madeira. Aunque todo el ganado en pié que se ha introducido últimamente en Lisboa, procede de la República Argentina, puede tener interés esta información para nuestros exportadores.

Saludo á V. E. con este motivo, con la más eleva la consideración — *Dionisio Ramos Montero.*»

Saludo á esa Asociación atentamente — *Alfredo Garibaldi.* A la Asociación Rural del Uruguay.

Indicações uteis — *Extincção de gafanhotos* — O Dr. J. Amandio Sobral, auxiliar technico do Ministerio da Agricultura, publicou um folheto contendo instrucções para a extincção dos gafanhotos.

Aconselhamos aos Srs. agricultores a lerem esse trabalho, o qual é distribuido gratuitamente pelo Ministerio da Agricultura.

. ˙ .

Pisaduras nos animaes — As pisaduras são feridas causadas pelo roçar da sella ou outra peça qualquer pertencente aos arreios, e são muito frequentes nos animaes de trabalho.

Alguns casos são difficeis de curar, e todos elles causam immensa dor ao animal, emquanto que a perda financeira do dono é consideravel devido a que o animal não póde exercer as suas funcções.

A maior parte das pisaduras podem evitar-se, e para isso é preciso que os arreios se adaptem bem ao animal, de maneira que não se movam mais do que é necessario e que a pressão seja distribuida por igual sobre uma superficie de apoio tão grande quanto possivel. Para este fim usam-se frequentemente almofadas debaixo das colleiras, sellas, etc. E' igualmente importante que a superficie de apoio dos arreios se conserve tão suave, macia e enxuta quanto possivel.

Os arreios devem ser examinados frequentemente, removendo todas as materias extranhas taes como cabello, sujidade, etc. E' excellente levantar ou remover as colleiras ou sella varias vezes por dia durante o periodo de trabalho do animal; quando se tirar a sella ou albardas ponha-se o animal á sombra, si fôr possivel, emquanto se está enxugando a pelle, para assim proteger dos raios ardentes do sol.

A crina deve ser tosada desde a parte superior do pescoço para que não se emmaranhe debaixo da colleira e irrite a pelle.

Todos os dias, depois que um animal tenha terminado o seu trabalho, deve-se-lhe lavar com agua fria o pescoço, o dorso ou qualquer outra parte que tenha estado sujeita a pressão, para assim se remover a sujidade e suor, devendo-se enxugar o animal e applicar a seguinte loção antiseptica e adstringente:

Sulphato de zinco	25 grams.
Acetato de chumbo	35 »
Agua	1 litro

Esta loção chama-se *loção branca* e é muito boa para curar feridas.

Agite-se antes de usar.

Um pó muito bom para curar pisaduras é o seguinte:

Cal apagada	400 grams.
Acetanilida	50 »
Acido tannico	50 »

Todos estes ingredientes devem ser finamente moidos e bem misturados.

Este pó deve ser guardado numa lata com uma tampa perfurada e pulverisado sobre a ferida duas vezes por dia.

Quando apparecer uma ferida occasionada por fricção ou pressão sobre qualquer logar, o melhor é deixar descansar o animal até que a ferida esteja curada; si, porém, isto não fôr possivel, remova-se a pressão da parte offendida pelo uso de uma almofada, o *enxergão*, como é denominado e de todos conhecido.

Muitas vezes, depois de estarem curadas as feridas, ficam no logar destas, tumores fibrosos, os quaes se tornam dolorosos logo que o animal comece a trabalhar.

Estes tumores curam-se com o seguinte caustico.

Cantharidas pulverisadas	5 grams.
Banha fresca ou vasolina	40 grams.

Misture-se bem e applique-se esfregando um pouco sobre o tumor durante tres ou quatro minutos, e deixe-se por vinte e quatro horas; depois lave-se o tumor com agua topida e unte-se. O animal não deverá trabalhar durante tres ou quatro semanas

Na maior parte dos casos, o tratamento para os tumores fibrosos consiste em cortal-os, pois que assim obtem-se uma cura mais rapida e permanente.

Si fôr possivel, o tumor deve ser extrahido por um bom veterinario.

A pello e outros tecidos devem ser offendidos o menos possivel, porque uma cicatriz numa parte sujeita a pressão, torna-se permanentemente tenra.

. ˙ .

Conservação da manteiga — A conservação da manteiga é devida em parte ao cuidado que se exerce na batedura.

Cada batedeira deve estar provida de uma abertura para deixar sahir os gazes e vapores que se desenvolvem, e de um vidro num lado afim de se poder ver com facilidade o estado do contendo. Logo que a manteiga comece a formar pequenos granulos, o vidro, que até então estava embaciado torna-se relativamente claro. Si a batedura continúa, os granulos adherem-se, formando grandes massas e será impossivel lavar propriamente a manteiga ou extrahir o sôro restante, e em consequencia, a manteiga, não obstante saborosa na occasião, em breve se tornará rançosa devido á decomposição da caseina. Ao proceder á batedura, não se deve tocar na manteiga com as mãos.

Para se obter os melhores resultados no negocio de leiteria é tão necessario uma completa hygiene e perfeita esterilização como para effectuar uma operação cirurgica com bom exito.

A manteiga salgada, estrictamente assim chamada, e preparada para ser guardada, é feita addicionando uma onça da seguinte mistura em cada libra de manteiga no processo de batedura.

Duas partes do melhor sal de cozinha.

Uma parte de salitre.

Uma parte de assucar finamente pulverisado.

Este composto deve ser misturado num almofariz e guardado num logar enxuto em vaso hermeticamente fechado.

A manteiga salgada por este processo deve ser guardada durante duas ou tres semanas antes de se usar, ou em caso contrario não terá bom gosto; porém, si lhe tivermos extrahido completamente o sôro, permanecerá em excellentes condições durante dois, tres ou mais annos, e terá um sabor mais agradavel do que sendo salgada por qualquer outro processo.

Outro processo:

Tenha-se o cuidado de extrahir todo o sôro á manteiga; ponha-se uma camada de duas pollegadas de manteiga no vaso onde se desejar conservar e depois deite-se-lhe por cima uma leve camada de assucar finamente pulverisado e em cima desta, uma de sal fino; depois outra camada de manteiga e continue-se assim a operação até que o vaso esteja cheio.



EXPEDIENTE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Horto da Penha

Culturas — Continuou-se a enxertia das laranjeiras, iniciadas em novembro.

Fez-se applicação da solução de kerozone, sabão e agua nas laranjeiras que se achavam acommettidas da *fumagina*, dando esta medicação completo resultado.

Procedeu-se á colheita dos figos, sendo a producção, apezar do calor excessivo da estação, animadora.

As fructeiras do conde estão em plena fructificação, tendo algumas arvores sido atacadas pela *ferrugem*.

O laranjal, o maniçobal e o pitelral foram capinados com as carpideiras «Luiz Buono», sendo o trabalho produzido por essas machinas o mais satisfactorio possivel.

Fez-se a adubação do campo de experiencia e demonstração, empregando-se os superphosfatos, salitre do Chile, escoria de Thomas e adubos organicos.

Construcções — Construiu-se um pavilhão para a *Ferraria* e uma sala para as *Incubadeiras*.

Machinas adquiridas — Uma covadeira para mandioca, uma estufa para seccagem de fructas; um arado de duas aivecas, typo *Avery*, um destocador e uma grade giratoria e duas incubadeiras de 260 ovos cada uma e uma criadeira para 200 pintos.

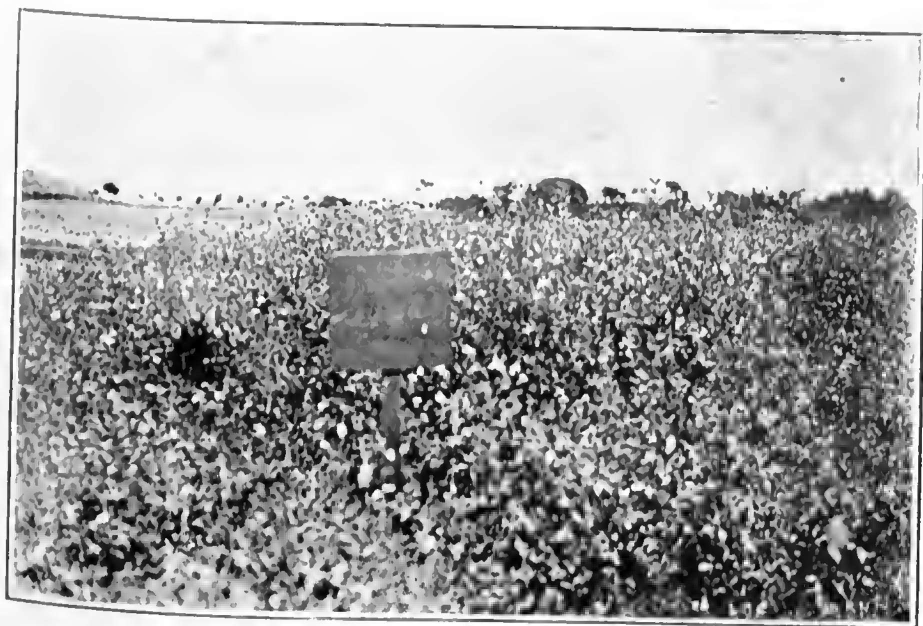
Aprendizado agricola — Tem funccionado com regularidade, estando inscriptos sete alumnos, de accordo com a autorisação do Exm. Sr. Dr. Rodolpho Miranda, illustre ministro da Agricultura.

Quanto ás demais secções do Horto, nada digno de registro occorreu durante o mez de janeiro.

Visitas — Visitaram o Horto durante o mez de janeiro os seguintes Srs.:

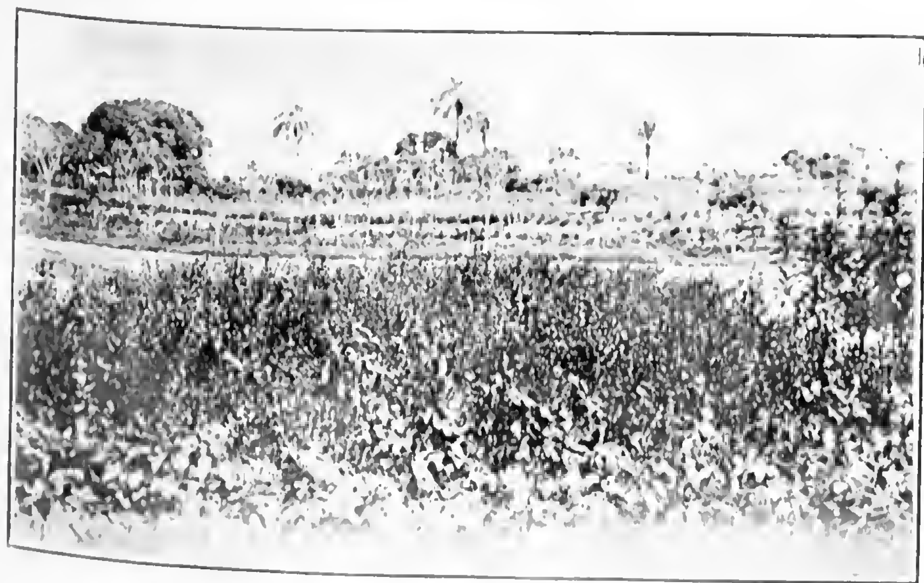
Rondelet de Wallim.
Carlos Raulino.
José Eugenio de Andrade.
Dr. Pacheco Leão.
Dario de Barros.
J. F. da Costa Sobrinho.
Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque.
Dr. Wencesláo Bello.
Antonio F. Francisco Ramos.
Julio Marques de Mello
Nabor Meira de Vasconcellos.
Leopoldo Meira.
Caetano Theodoro da Silva Lima.
Dr. Antonio Guedes Nogueira. (Presidente da Sociedade — de Agricultura Alagoana).

HORTO DA PENHA



Alfafal

HORTO DA PENHA



Viveiros de «rupestris» Du. Lot


SciELO

D. Alice Cahet.
Pedro Duarte Muniz.
Nicoláo Post (Consul da Austria).
Mme. Erni Post.
Major Thomaz Coelho.
Dr. Fernando Jancintho Osorio e familia.
A. C. Ferreira Paula.
Antonio Alves Cordeiro.
A. Guaraná.
Justino A. Teixeira Junior.
D. Glyceria Bibiana Gevenois.
Dr. Jean Victor Joseph Gevenois.

Secretaria

Correspondencia expedida

ANNO	CARTAS	OFFICIOS		CIRCULARES	TELEGRAMMAS	TOTAES
		Diversos	Governos			
1898 (de 26 de janeiro)	229	62	8	—	—	299
1899	491	102	36	—	—	629
1900	3 0	92	39	—	4	495
1901	210	136	136	—	39	481
1902	332	74	79	—	108	593
1903	413	44	33	—	119	609
1904	462	68	54	—	204	784
1905	478	164	87	1.044	227	2.000
1906	1.7.6	233	132	2.508	339	4.998
1907	1.878	155	97	1.407	473	4.010
1908	3.035	165	131	10.413	976	14.780
1909	3.083	66	90	8.515	1.106	12.860
	12.828	1.351	922	26.932	3.692	

Distinctivos, em 1909 445
« A Lavoura » de 1898 a 1909 . . . . 435.000
Diplomas, em 1909. 468

Correspondencia recebida

ANNO	CARTAS	OFFICIOS		CIRCULARES	TELEGRAMMAS	TOTAES
		Diversos	Governos			
1900 (de 1 de outubro) .	93	38	8	5	3	147
1901	355	376	40	3	15	789
1902	451	210	30	28	140	859
1903	1.553	289	42	41	167	2.092
1904	1.370	238	83	15	62	1.768
1905	1.579	273	97	38	171	2.158
1906	1.855	182	121	43	136	2.337
1907	3.984	348	114	52	157	4.655
1908	4.059	3[illegible]6	153	89	233	4.860
1909	6.063	110	129	178	186	6.666
	21.362	2.390	817	492	1.270	

Secretaria da Sociedade Nacional de Agricultura, janeiro de 1910.

MOVIMENTO DO ANNO DE 1909

Correspondencia recebida:

Cartas. 6.063
Officios de Governos. 129
» » particulares. 110
Telegrammas. 186
Circulares 178

6.666

Correspondencia expedida:

Cartas. 3.083
Officios de Governo 90
» a particulares. 63
Telegrammas 1.106
Circulares 8.515
Boletim *A Lavoura* e publicações 43.627
Diplomas 468
Distinctivos 425

57.400

Secretaria da Sociedade Nacional de Agricultura, janeiro de 1910.— *Carlos de Castro Pacheco*, chefe da Secretaria.

HORTO DA PENHA



Mudas de araticum


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Secção de fornecimentos aos socios

Arame farpado

ANNOS	PEDIDOS	ROLOS	METRAGEM	CUSTO		
				Fornecido aos socios	Adquirido no mercado	Economia feita
1906 (julho)	51	—	348.020	14:439$600	21:715$000	7:275$400
1907	279	—	1.968.165	73:365$200	108:889$500	35:524$300
1908	509	—	3.387.300	121:836$000	166:138$000	44:302$000
1909	640	19.761	6.331.845	192:041$230	281:371$000	89:329$970
	1.479		12.035.300	401:682$030	578:113$500	176:431$670

Formicida

ANNOS	LATAS E BOTIJAS	CUSTO		
		Fornecido aos socios	Adquirido no mercado	Economia feita
1906 (março).	2.449	10:285$800	12:245$000	1:959$200
1907	2.906	12:205$200	14:530$000	2:324$300
1908	2.473	10:386$600	12:365$000	1:978$400
1909	3.998	15:954$400	19:365$000	3:410$000
	11.826	48:832$000	58:505$000	9:673$000

Apparelhos aratorios

		Economia
1909 — Fornecimento feito a diversos pela Sociedade.	11:288$260	
Si fosse feito no mercado	12:375$700	1:087$440

Enxadas, foices e machados

			Economia
1909 —	Fornecimento feito pela Sociedade	10:295$530	
	Si fosse feito no mercado	12:895$260	2:636$730

RESUMO

Valor dos fornecimentos aos preços do mercado	661:889$460
» » » » » da Sociedade.	472:060$820
Economia realisada pelos socios lavradores em 3 1/2 annos .	189:828$640

Movimento do anno de 1909

Arame farpado

12.939 rolos de 40 kilos com 5.240.295 metros.
6.822 » » 26 » » 1.091.520 »
13.711 kilos de grampos.

Custo no mercado	281:371$000
» fornecido pela Sociedade	192:041$230
Economia resultante para o socio, em 1909. . .	89:329$770

Secretaria da Sociedade Nacional de Agricultura, janeiro de 1910. — *Carlos de Castro Pacheco*, chefe da Secretaria.

Secção de Propaganda das Applicações Industriaes do Alcool

Movimento do serviço de propaganda durante o anno de 1909, de janeiro a dezembro — Foram feitas 72 exhibições com 413 apparelhos a alcool, nesta Capital, centro, arrabaldes e suburbios e no Estado do Rio em varias localidades, durante 265 noites, consumindo 4.221 litros de alcool a 40°.

Secção de Plantas e Sementes

Distribuição de plantas e sementes feita durante o anno de 1909

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADES	KILOGRAMMAS	VOLUMES
Arvores fructiferas de clima frio	3.058	—	203
» » do paiz	18.614	—	—
Bacellos de videira	62.501	—	215
Côco Weddelliana	5.000	—	2
Mudas de abacaxi	57.050	—	301
Mudas de cactus Burbank	111	—	4
Raizes de consolida do Caucaso	3.975	—	55
Outras plantas	1.582	—	19
Raizes de inhame	—	62.000	3
Alfafa	—	2.601.400	280
Beterraba forrageira	—	353.370	245
Cenoura forrageira	—	306.490	240
Nabo forrageiro	—	207.430	181
Capim gordura, rôxo	—	5.746.100	594
Capim Jaraguá	—	10.031.100	1.023
Diversas forragens	—	1.761.860	978
Arroz	—	3.177.000	148
Centeio	—	527.100	148
Milho	—	935.200	241
Trigo	—	1.894.500	198
Outros cereaes	—	248.550	120
Algodão	—	6.128.000	686
Castanhas do Pará	21	—	1
Batatas	—	3.112.000	299
Varias sementes	—	1.449.258	3.083
	151.912	38.671.458	9.267

Movimento de pedidos de plantas e sementes durante o mesmo periodo:

Foram recebidos. . . . . 2.676 pedidos

Satisfeitos em . . . . 2.590 remessas



1137

6 —

PARTE COMMERCIAL

Mez de janeiro

Café

Durante o mez de janeiro entraram no mercado 194.879 saccas de café, foram vendidas para exportação 174.000, sendo a existencia, em 31 do mesmo mez, computada em 405.123 saccas.

Os preços por arroba e por 10 kilos regularam do seguinte modo:

	Por arroba	Por 10 kilos
N. 6	7$400 a 7$700	5$038 a 5$242
N. 7	7$200 » 7$500	4$902 » 5$106
N. 8	7$000 » 7$300	4$766 » 4$970
N. 9	6$800 » 7$100	4$630 » 4$834

Aguardente

No decurso da primeira quinzena, a procura foi sem importancia e os preços se conservaram inalterados, mas sem firmeza; no correr da segunda, o mercado deste liquido manteve-se frouxo, havendo os preços soffrido baixa.

Os supprimentos de todo o mez attingiram o total de 918 pipas, base de 20°, e cujos preços foram os seguintes:

Paraty	125$000 a 130$000
Angra	110$000 » 115$000
Campos	95$000 » 100$000
Maceió	95$000 » 100$000
Bahia	95$000 » 100$000
Pernambuco	95$000 » 100$000
Aracajú	95$000 » 100$000
Sul	95$000 » 100$000

Alcool

Na primeira quinzena o movimento deste genero foi escasso, conservando-se, porém, os preços sem alteração; na segunda, o mercado deste liquido esteve frouxo, devido em parte ao augmento das entradas.

O total destas montou a 1.120 pipas, de varios centros productores.

Os compradores não fizeram negocios avultados, e o mercado fechou frouxo.

As cotações por pipa, sem o casco, foram as que se seguem:

40 gráos	135$000 a 150$000
38 »	125$000 » 135$000
36 »	115$000 » 125$000

Assucar

Em virtude dos pedidos do interior como tambem do Sul, na primeira metade do mez, o mercado apresentou-se muito movimentado e mesmo em alta, fechando firme ; na segunda quinzena, devido aos poucos pedidos do interior, paralysou um pouco, notando-se fraqueza nos preços.

Os supprimentos recebidos constaram de 122.863 saccos, sendo de Pernambuco 28.809, de Sergipe 46.889, de Campos 20 924, de Bahia 11.997, de Macció 7.349, de Parahyba 6.500 e de outras procedencias 395.

As sahidas elevaram-se a 116.245 saccos, orçando-se a existencia em 277.672 saccos.

O preços, por kilo, regularam assim:

Pernambuco :

	Kilos
Branco crystal	$280 » $320
Dito 3ª sorte	$300 » $330
Crystal amarello	$250 » $280
Mascavinho	$230 a $280
Somenos	$240 » $260
Mascavo bom	$210 » $220
Dito regular	$200 » $215
Dito baixo	$180 » $190

Sergipe :

Branco crystal	$280 a $330
Crystal amarello	$260 » $280
Mascavinho	$210 » $280
Mascavo bom	$210 » $220
Dito regular	$200 » $215
Dito baixo	$180 » $190

Campos :

Branco crystal	$290 a $320
Dito 2º jacto	$270 » $300
Crystal amarello	$260 » $270
Mascavinho	$240 » $280

Bahia:

Branco crystal	$320 a $340
Dito 2º jacto	$280 » $310

Algodão em rama

A quantidade de algodão descaroçado até o dia 1 do corrente, segundo os dados o governo americano, foi de 9.646.000 fardos, contra 12.470.000 de igual periodo proximo transacto, ou seja uma differença para menos de 2.824.000 fardos.

Máo grado estes algarismos, o preço, em Liverpool, baixou 67 pontos durante a primeira quinzena, em consequencia de manejos da Bolsa.

O mercado aqui se resentiu desta baixa, mas os preços se mantiveram inalterados em virtude da falta de offertas do Norte, onde os depositos se encontram reduzidos.

No decurso da segunda quinzena o mercado esteve paralysado, porém firme, ainda pela mesma razão da falta de offertas do Norte.

Esta attitude dos mercados productores nacionaes, traduz claramente a boa posição deste genero, que vae tendo franca sahida para o estrangeiro a preços elevados.

Verifica-se, pelos dados fornecidos pelo Serviço de Estatistica Commercial, que, até 31 de dezembro proximo passado, foram exportados para o estrangeiro, da actual safra, 125.000 fardos.

O movimento geral foi o seguinte:

Existencia em 31 de dezembro	18.120
Entradas de diversas procedencias	8.308
	26.428
Sahidas dos trapiches	11.823
Existencia em 15 de janeiro	14.608
Entradas de diversas procedencias	10.197
	24.805
Sahidas dos trapiches	10.812
Existencia no dia 31	13.993

Preços por 10 kilos:

Pernambuco	14$800 a 15$800
Rio Grande do Norte	14$500 » 15$600
Ceará	14$800 » 15$800
Parahyba	14$600 » 15$200
Penedo	14$300 » 15$000
Sergipe	13$800 » 14$800

Fumo em rôlo

Durante o mez os negocios foram escassos, conservando-se o mercado com as cotações sustentadas apezar das respectivas entradas no correr da segunda quinzena.

As entradas por cabotagem foram de 5.397 volumes.

As cotações por kilogrammas foram as seguintes:

De Minas, especial	$900
Dito superior	$800
Dito 2ª	$600
Dito ordinario	$500
Goyano especial	2$000
Dito superior	1$800
Baixo	1$300
Baixo	$800
Rio Novo, superior	1$200

Rio Novo 2ª	1$000
Dito baixo	$800
Pomba superior	1$100
Dito 2ª	1$100
Dito baixo	$800
Carangola	$600
Picú especial	1$000
Dito 1ª	2$000
Dito 2ª	1$600
Bahia	1$200

Arroz

As entradas feitas na segunda quinzena constaram de 9.144 kilos pela Estrada de Ferro Central e 6.475 saccos por cabotagem.

Em tal periodo, os preços se conservaram sustentados, tendo regulado os de 29$ a 30$ para o superior, de 25 a 23$ para o inferior e 24$ a 26$ para o rajado, por sacco de 60 kilos.

A existencia no dia 31 era orçada em 10.097 saccos.

Farinha de mandioca

Na segunda quinzena a entrada foi de 13.701 saccos por cabotagem, 126.258 kilos pela Leopoldina Railway e 6.030 ditos pela Cantareira.

Neste periodo sahiram dos trapiches 15.703 saccos, orçando-se a existencia no ultimo dia do mez em 70.265 saccos.

Os preços se conservaram firmes, tendo vigorado os seguintes por sacco de 45 kilos:

Especial	9$500 a 10$000
Fina	8$200 » 9$200
Pencirada	7$500 » 7$800
Grossa	6$500 » 6$800

Feijão

Entraram 16.760 saccos por cabotagem, 75.740 kilos pela Estrada de Ferro Central do Brazil, 64.677 ditos pela Leopoldina Raylway e 10.800 pela Cantareira.

A existencia é avaliada em 28.760 saccos.

Os preços continuaram com grandes oscillações, devido ás qualidades, tendo vigorado os seguintes, por sacco de 60 kilos:

Porto Alegre, superior	11$000 a 12$000
Santa Catharina, superior	Nominal
Manteiga nacional	12$000 a 14$000
Mulatinho	8$500 » 9$000
Enxofre, nacional	14$000 » 15$000
Cores diversas, nacional	7$000 » 15$000

Milho

Os supprimentos recebidos constaram de 10.357 saccos por cabotagem, 126.528 kilos pela Leopoldina Railway e 6.030 pela Cantareira.

Os preços continuam em baixa e regularam os seguintes, por sacco de 62 kilogrammas :

Norte, amarelo	5$600 a 5$900
Terra, »	5$800 » 6$000
Dito, misturado	5$400 » 5$500

A existencia é avaliada em 40.254 saccos.

Matte

Chegaram 346 volumes por cabotagem.

Os preços regulam de 460 a 500 réis por kilogramma.

Tapióca

Não houve entrada na ultima quinzena. Cotação 300 a 380 réis por kilogramma.

Manteiga

Receberam-se 355 volumes por cabotagem e cerca de 169.400 kilos pela Estrada de Ferro Central.

Cotou-se a de Minas de 2$300 a 2$600 e a do Sul, de 1$800 a 2$400 por kilogramma.

Batatas

Chegaram 79.860 volumes por cabotagem e cerca de 249.000 kilos pela Estrada de Ferro.

A cotação foi de 140 a 220 réis por kilogramma, conforme a qualidade.

Banha

Receberam-se 5.252 caixas por cabotagem e 1.517 kilos pela Estrada de Ferro Central.

Os preços estiveram sem firmeza, tendo vigorado os seguintes:

Porto Alegre, lata de 20 kilos, de 1$040 a 1$080; lata de 2 kilos, de 1$020 a 1$080; Itajahy, de 1$020 a 1$060, e Laguna, de $980 a 1$ por kilo.

Preços de outros generos

	Por 100 kilos
Cangica	23$400 a 26$700
Favas	Não ha
	Kilogrammas
Fubá de milho	$110 a $160
Polvilho	$260 » $280

1347 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1910

Ensino Agricola

Não é certamente avançar uma proposição nova o dizer que o paiz precisa organizar e manter o ensino agricola. Em todo o decurso de nossa historia de paiz livre tem havido pelo menos a intuição de que a agricultura é alguma cousa que é preciso aprender.

Entre os profissionaes essa intuição era, em geral, tão vaga, tão pouco consistente, que se poderia mesmo dizer não existir e si algum raro fazendeiro escolhia um filho para mandar estudar agricultura, era logo tido por vesanico, desequilibrado, utopista, entre seus pares. Estes, pelo contrario, faziam, de preferencia, uma selecção negativa em sua progenie para ligar a sua successão profissional. Os filhos de intelligencia mais viva iam fazer seus preparatorios e dahi para o funccionalismo publico e, se possivel, para os cursos de bacharelado com rumo á politica. Os de espirito mais tardio e rasteiro, esses, sim, ficavam a se familiarizar com a enxada e o escravo para aprender a ser lavrador e este era então a esperança e a garantia da fortuna agricola da familia, era o perito, o entendido, o arbitro nas questões de agricultura.

Si assim era no seio da propria classe, fóra dahi a intuição não podia ser muito diversa. No emtanto, nos Congressos e nos governos appareciam alguns homens de vistas mais claras, e instituições de ensino agricola se crearam a largos intervallos, em pontos diversos do paiz, variando de indole e de orientação.

Em um meio assim constituido, logico era que taes instituições não encontravam elementos de vida longa e util.

Os estadistas que succediam aos seus organizadores pensavam diversamente ou não pensavam de todo, nem acreditavam em ensino agricola; dahi vinha a indifferença por taes estabelecimentos, quando não, pelo peior, algum plano mal concebido de reforma, um córte na verba, ou o trancamento da escola.

Por seu lado os lavradores não viam por que ou pára que haviam de enviar-lhes seus filhos, que no seu entender melhor aprenderiam na fazenda. Finalmente os poucos moços que chegavam a fazer o curso agricola, ao terminal-o, não tinham o que fazer com os conhecimentos que haviam adquirido e precisavam esconder o seu diploma e procurar os meios de vida em outro genero de actividade.

Nessas condições o ensino agricola era idéa esporadica, não poude germinar, não teve vida propria, não creou tradição, não evoluiu, não chegou a constituir uma instituição publica, com uma historia, com um plano, dentro do qual prestasse serviços e realizasse progressos.

Intervindo a propaganda, a idéa de ensino começou a ser malhada em todos os sentidos e em todos os tons e ecoou por todo o paiz, fazendo adeptos que alcançaram os proprios homens de governo.

O Estado de S. Paulo que, primeiro, soube se apparelhar para a organização do progresso economico, creou seus orgãos e methodos de ensino.

Com esses elementos creou-se um ambiente novo em que os Estados e seus estadistas vão aurindo estimulos e inspirações, e, em todo o paiz passou-se a fallar em ensino agricola, já em moldes bem diversos daquelle que os fazendeiros entendiam ser o unico necessario e conveniente para seus filhos e successores. Foi nesta ultima phase que se operou tambem a gestação do Ministerio da Agricultura.

Falla-se em ensino; emittem-se opiniões a esse respeito; iniciam-se mesmo emprehendimentos. Tudo isso, porém, sob a suggestão individual. Difficil será encontrar razoavel accordo entre duas pessoas dentre as que se occupam desse importante assumpto, tendo cada uma um molde simples e efficaz para resolver o problema.

Para uns é a fazenda modelo, para outros é o campo de demonstração, este confia na escola pratica, aquelle no ensino ambulante, outro no posto zootechnico ou na estação agronomica, raro na escola superior e a maioria nos cursos praticos, elementares, os mais rudimentares possivel, cursos de trabalhadores ruraes.

Isso mostra que a idéa está em sua phase de elaboração. Já a sua essencia conquistou todos os suffragios, sua forma, porém, ainda não está esboçada na crysalida. Falta-lhe o delineamento geral, faltam-lhe as connexas que liguem as partes em um todo, dando-lhe uma fórma concreta e harmonica. Falta-lhe um plano organico para que constitua um todo, um systema capaz de produzir o resultado que todos desejam. Cada uma das instituições citadas é um organ de funcção propria, determinada e util, mas de acção limitada, incapaz de substituir o *todo*, que é o ensino agricola, destinado a, num periodo criteriosamente aproveitado e relativamente curto, collocar o paiz a par das nações que progridem, não só pela acção espontanea da natureza multiplicada pela acção fatal do tempo e pela força bruta, inconsciente, de augmento de população, mas pela orientação e energia conscientes de um plano orga-

nizado e de dirigentes que sabem o que querem e conhecem o modo de alcançar o que desejam.

E' preciso organizar esse plano como é preciso que os governos que se succederem o saibam executar com firmeza e criterio.

A titulo de modesta contribuição para esse *desideratum*, apresentámos ao 2º Congresso Nacional de Agricultura, que se realisou nesta capital em 1908, uma serie de proposições sobre o ensino agricola.

Não era ainda um plano, mas apenas o seu lineamento geral ou pontos obrigados a que deve obedecer a organização que nos parece necessaria, si não nos illude o estudo que fizemos com dedicado esforço durante nossa viagem a Europa e aos Estados Unidos, de junho de 1907 a maio de 1908.

Tivemos a grande satisfação de ver applaudidas e por unanimidade approvadas essas proposições por parte do Congresso e as reproduzimos aqui porque teremos de justificar cada uma das partes do plano que julgamos necessario organizar.

Eis as conclusões approvadas pelo Congresso:

« 1ª—Prestigiar a agricultura é uma necessidade para que cesse o exodo que se tem operado nos campos a favor das cidades e para que ella possa attrahir, interessar e compensar os esforços e a dedicação de homens e de moços que tenham as legitimas aspirações, proprias dos espiritos bem formados e aptos pela intelligencia, deixando de ser a agricultura o que é hoje — a condição forçada do herdeiro de terras que se não preparou para as explorar e que a custo se resigna ao exilio dos trabalhos mais nobilitados d'outras funcções sociaes.

2ª—Restituir á lavoura o antigo prestigió, devido agora, porém, ao valor tanto scientifico quanto remunerador da profissão, e, para isso, preparar os seus profissionaes com os conhecimentos que se tornaram precisos na phase nova em que se tem ella de exercitar, são condições indispensaveis para que a agricultura prospere e garanta o progresso e o engrandecimento do paiz.

3ª—Para esse duplo resultado, geminados, como partes de um mesmo problema, é preciso instituir no paiz a educação e o ensino agricolas para os actuaes lavradores e para as futuras gerações ruraes.

4ª —A educação, visando o escopo de prestigiar a profissão vasada em moldes progressistas, deve se exercer: sobre os adultos, pelas lições praticas, nos campos; sobre a infancia, pelas *lições de cousas* agricolas, na escola primaria.

5ª—Na escola, quando o mestre procura despertar e educar o espirito de observação da criança, deve, *fazel-a ver* a lavoura prosperar

ambulante, local, a domicilio mesmo, nos moldes das cathedras ambulantes da Italia e do ensino itinerante, das leituras e cursos em correspondencia, á feição do que se faz nos Estados Unidos.

18ª—Para que o ensino, em seus diversos gráos, seja uma realidade proveitosa, não basta o intuito de se dar aos respectivos institutos a feição regulamentar pratica, profissional, scientifica ou doutrinaria. E' indispensavel ainda a instituição de institutos especiaes para o estudo, se não mesmo para a creação da agricultura nacional, mediante investigações systematicas em seu criterio, generalizadas a todo o paiz e harmonicas em seus trabalhos, para que da convergencia e simultaneidade das observações, resultar possam, com economia de esforços e de tempo, ensinamentos que dirijam, quer a pratica, quer a funcção docente na agricultura.

19ª—Esses institutos já profusamente disseminados em todos os paizes adiantados e ainda mais necessarios em nosso paiz, em que a agricultura apenas se inicia no terreno scientifico, são as Estações Experimentaes ou Estações Agronomicas, de que a America do Norte fornece os mais aperfeiçoados modelos.

20ª—O Congresso entende que essas Estações, como todo o ensino, devem se centralizar na União, recebendo della a unidade de vistas e de acção, por ser o meio de se abreviarem seus effeitos, sem disperdicio de esforços, como se tem verificado na União Americana e nos paizes que a procuram acompanhar em seu admiravel apparelhamento de administração agricola, e devem constituir uma das mais importantes divisões do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio.»

Janeiro de 1910.

WENCESLÁO BELLO.

Commercio de Fructas

Está em plena voga a fructicultura.

Ouve-se fallar a cada momento da grande importancia que terá para o Brasil a exploração das fructas. Ousa-se até exaltar em publico o aureo pomo da *Musa sapientum*, sem que d'ahi advenha mortifero ridiculo ao exaltador!

Quem diria, ha apenas dez annos passados, que alguem pudesse dissertar sobre bananas e bananeiras, sem que lhe cahissem em cima as chufas dos nossos doutores, mestres da arte de bem dizer ? !

Os tempos mudaram de tal fórma nesta nossa querida *doctorlandia*, que até a gente fica desorientada. Já não é o mesmo Brasil dos tempos conselheiraes ou dos primordios *desta republica*, como era de moda tratar esta boa senhora de barrete rubro, de que afinal de contas todos nos gostamos, embora lhe sejamos por vezes um tanto ou quanto irreverentes.

Quem diria que, neste paiz, das cumiadas do Poder, o Chefe Supremo da Nação, em documento solemne, descesse a tratar do commercio de fructas ! ? Pois bem, o Sr. Dr. Nilo Peçanha, no exercicio das suas altas funcções, baixou decreto animando o commercio de fructas, conferenciou com agentes de emprezas de transporte, concedeu audiencias, confabulou com homens de negocio sobre o prosaico assumpto da exportação de abacaxis, bananas e abacates, e o mundo não lhe veio em cima ! ! Ainda bem. Isto significa pura e simplesmente que o Brasil tem progredido espantosamente de uns dez annos para cá. O Brasil tem-se civilisado, empreguemos sem rebuço o verdadeiro vocabulo que o caso exige.

Desde, porém, que nos não vêm á pelle por nos occuparmos de assumptos carpologicos, entremos em materia, affirmando sem rodeios que ao nosso Brasil está quiçá reservado o primeiro logar entre os futuros exportadores de fructas para os grandes centros de consumo, aquem e alem do equador. Isto acontecerá por dois motivos: 1º pelo facto de possuir todos os climas culturaveis; 2º devido ás pequenas distancias que medeiam entre as suas principaes zonas de exportação e os centros consumidores, isto é:—Europa, Estados Unidos e republicas platinas.

Attenda-se bem para esta outra razão de valor capital para nós, os brasileiros, e é que, quando o inverno bate em cheio sobre a Europa e Norte America, quando as fructas alli escasseiam e sobem de preço, é justamente quando sazonam os nossos fructos mais valiosos e mais commerciaveis, a saber:— as bananas, os abacaxis, os abacates, as mangas, os fructos esquisitos que o Japão nos doou, as uvas de bello aspecto e delicado sabor, que a propria Europa nos inveja.

No verão europeu e norte-americano, quando o calor requer fructos acidulos, temos a lhes offertar as nossas afamadas laranjas ! Que mais se quer ? As distancias que nos separam dos grandes mercados são insignificantes: pois é um pulo de Pernambuco a Europa, a de Santos,

Paranaguá ou Santa Catharina ao Prata é outro pulo. O freguez está alli mesmo á porta.

Temos os climas precisos para toda e qualquer fructa, temos amplos mercados á porta; que nos falta, pois, para occuparmos o posto que o acaso nos legou? Falta-nos a instrucção technica, que nos habilite a tratar as plantas fructiferas de maneira a lhes augmentar a potencialidade de resistencia e producção; falta-nos a sciencia do manejo e acondicionamento das fructas, quando em demanda dos mercados. Falta, pois, muito, para que possamos concorrer e vencer nos amplos mercados europeus e americanos; porém o que nos falta está á mercê da vontade humana illuminada pela sciencia. Não ha obstaculo irremovivel. Demais, para nos guiar (*à quelque chose malheur est bon*) temos a experiencia dos povos que nos antecederam em civilização. Copiemo-lhes as normas e processos, que tudo mais irá *da se*.

Não ha duvida que a fructicultura remunera generosamente os capitaes e canceiras dos que lhe são dedicados, mas (cumpre não se illudir) é uma industria delicadissima, pelos conhecimentos que requer. As plantas fructiferas estão sujeitas a um sem numero de inimigos vegetaes, animaes e meteorologicos, que reduzem a nada as mais bellas perspectivas. A cultura, o trato individual de cada planta fructifera, tem segredos que só poucos conhecem. E' por isso, pois, que todos os paizes cultos fundam e custeiam institutos pomologicos, confiando-os ao saber de scientistas experimentados.

Entre nós mesmos, por maior que haja sido a indifferença dos nossos dirigentes pelas cousas agricolas, mesmo assim, já começam a querer interessar-se pela fructicultura. Assim, em S. Paulo e em Porto Alegre, as exposições fructicolas vêm-se repetindo todos os annos com crescente brilhantismo.

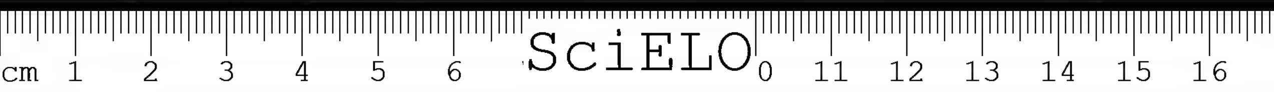
Em S. Paulo, por inspiração do grande cidadão Antonio Prado, a municipalidade da Capital mantem uma escola de fructicultura; aqui no Districto Federal, a Sociedade Nacional de Agricultura tambem se mostra empenhada em identica tarefa; em S. Paulo, já se contam estabelecimentos fructicolas, como, por exemplo, o dos Srs. Marengo & Irmãos; Rio Grande do Sul tem tambem fructicultores esclarecidos, em cujo numero o Sr. Ambrosio Perret figura com merecido destaque; a exportação das nossas fructas cresce de anno para anno (*); agora mesmo, o Sr. Dr. Nilo Peçanha, querendo impulsar

(*) Vide a este respeito o 2º volume do — *Brasil e suas riquezas* — pag. 335 a 378.

o commercio de exportação de fructas, decretou premios de animação; o Sr. Ministro da Agricultura está enviando para Antuerpia partidas e mais partidas de fructas brasileiras, afim de ver si encarrera a nossa producção pomologica para aquelle grande mercado; o Governo da Republica está agindo para que se fundem amplos estabelecimentos frigorificos nesta Capital, para a boa conservação dos productos de delicado transporte, como sejam os bellos pomos dos nossos climas. Do exposto, não ha negar, forçoso é concluir que ha acção seria para que a fructicultura seja entre nós um factor economico de verdade; porém não nos illudamos, pois, por muito que produzamos, nunca o commercio de fructas valerá o do café, cacáo, borracha ou o dos nossos outros grandes productos exportaveis. Será mais um genero que drenará para nós o ouro estrangeiro, mas nunca esse *El dorado* que certas pessoas imaginosas sonham. E' grande, não obstante, a somma representativa do commercio mundial de fructas, mas este artigo é delicadissimo e se deteriora com desconcertante rapidez e, não admittindo armazenação, tem de se escoar promptamente á procura de collocação. Todas essas faces melindrosas do problema fructicola devem ser examinadas, afim de, pesados os prós e contras, ver-se o que resulta de positivo e seguro para o industrial pomicultor. Estas advertencias, longe de tender para desmerecer a propaganda que se está fazendo em prol da fructicultura, tendem antes de tudo pôr de sobre aviso aos Srs. agricultores, afim de que se orientem convenientemente e não se atirem ás cegas em tão delicada empreza. As nossas condições climaticas e geographicas são ideaes para a cultura e commercio de fructas, mas não basta isto tão somente. Faz-se mister a necessaria instrucção sobre a materia. Instrucção verdadeira, conhecimento exacto do assumpto, é do que mais carecemos para podermos vencer na concurrencia dos mercados.

A' guiza de informação, vamos dar alguns algarismos tendentes a mostrar a importancia das fructas no intercambio mundial e o quinhão que cabe ao Brasil no concerto dos povos. Posto que modesto, o nosso commercio de fructas está, todavia, firme e crescente, como o leitor poderá verificar percorrendo as paginas da nossa estatistica commercial. Por alli se vê que a exportação das fructas brasileiras subiu de 694:223$000 ouro, em 1907, a 869:372$000 em 1908, o que dá um bello *superavit* de 175:149$000 ouro ou 315:000$000 papel, ao cambio da *Caixa*. Para a formação das duas grandes sommas supra expostas, as bananas, os abacaxis e as laranjas concorrem com as seguintes parcellas, a saber:

1772 2



	1907	1908
Bananas (valor em ouro)	565:229$000	731:881$000
Abacaxis » » »	45:901$000	72:791$000
Laranjas » » »	18:391$000	15:851$000
Tangerinas » » »	9:538$000	9:701$000

Quasi toda a nossa exportação de bananas vae para a Republica Argentina e procede do sul do Brasil. Do norte pouco se exporta; todavia ha excellentes mercados para esta região brasileira. *Verbi gratia*, a Inglaterra, que é o maior comprador de fructas, despendeu em 1908 cerca de 11.000.000 esterlinos ou 176 mil contos papel, com a importação de fructas frescas (*fresh fruits*). Do total de 11 milhões esterlinos, a metade constitue a parte das bananas e fructos citrinos, isto é, laranjas e limões.

Os Estados Unidos, que são tambem grandes importadores de fructas, despenderam em em 1908:

	Dollars
Com limões (em grande parte vindos da Italia) . . .	4.400.000
Com bananas (em grande parte vindas da America Central e Antilhas)	11.400.000

Para finalizar, queremos lembrar ao leitor, que da America Central (Costa Rica), Antilhas e Italia a Boston e Liverpool, as distancias são maiores e os meios de transporte muito mais morosos do que os de Pernambuco e Pará á Europa e do que os de Santa Catharina á Republica Argentina. Em face destes dados, é de suppor, nada mais precisamos dizer.

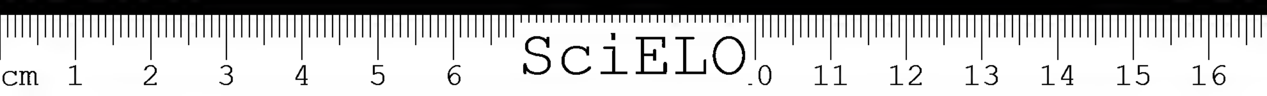
A. Gomes Carmo.

Galeria

A secção que ora se começa subordinada á epigraphe — Galeria — é um preito de homenagem, um alto expoente da mais acrysolada justiça aos que, communungando na mesma ordem de idéas a que se impoz a Sociedade Nacional de Agricultura, deram em pról da objectividade das mesmas o melhor dos seus esforços, da sua intelligencia e da sua actividade.



Dr. Adolpho Barbalho de Uchôa Cavalcanti


SciELO

Que espiritos innatamente affeitos ao epigramma, á mordacidade de natureza quasi doentia, não vejam na fórma que entendemos dar á alludida secção, linhas que se não moldem pelas mais impeccaveis e correctas que só a intenção honesta e sã, o culto da justiça e o dever de gratidão, podem digna e airosamente apresentar.

Em verdade, diz Spencer, o discernimento no seu maximo de intensidade exprime, qualifica a intelligencia humana no mais aprimorado do seu inegualavel quilate; e porque essa faculdade nos não falha, e temol-a em quinhão que nos não desprimora, é que resolvemos dizer e assignalar, de certos e determinados homens que se têm dedicado á santa cruzada da remodelação da agricultura nacional, cousas e factos muito de honrar e de ennobrecer.

A ordem de successão dos que terão de ser retratados e biographados aqui, não implica maior ou menor valor de cada um delles; ao contrario, todos, todos nos merecem egualmente, e o estalão desse merecimento para nós é sempre o mesmo— a galeria a que vão honrar.

Não ha, pois, no numero de ordem, primasias nem preferencias, e tão somente o aproveitamento dos dados que nos forem chegando ou que já possuirmos, conjunctamente com a facilidade de divulgar os nomes e serviços dos que disto se tornaram merecedores, estejam elles vivos ou já pertençam ao numero dos mortos illustres.

∴

Dr. Adolpho Barbalho de Uchôa Cavalcanti

O Dr. Adolpho Barbalho de Uchôa Cavalcanti, nasceu em Pernambuco a 22 de outubro de 1865, era filho do Senador Alvaro Barbalho de Uchôa Cavalcanti e D. Anna Mauricio Wanderley Cavalcanti.

Engenheiro civil e industrial, pela Escola Polytechnica, do Rio de Janeiro, se distinguiu pela sua grande applicação e talento, sendo, por este facto, considerado como um dos mais distinctos alumnos do velho mestre W. Michler.

Concluindo os seus estudos no verdor dos annos e enriquecido de sciencia, cheio de esperanças e visando o futuro real do nosso paiz, entrou o nosso biographado em plena actividade.

Nomeado engenheiro da Commissão Cadastral da Capital Federal, o Dr. A. Barbalho, revelou a sua grande capacidade profissional, na medição de duas bases, uma, nos campos de Santa Cruz, outra, no do Arpoador, operações estas consideradas pelos competentes, como um dos problemas mais delicados e difficeis da geodesia.

O Estado de Pernambuco, apreciando os elevados talentos e cultura do illustre Dr. Adolpho Barbalho, convidou-o a dirigir e organizar a Escola Industrial Agricola Frei Caneca, commissão esta que desempenhou com o maior valor scientifico e administrativo.

A organização do Instituto Frei Caneca, era effectivamente um modelo no genero; nessa organização o Dr. A. Barbalho não se poupou a trabalhos nem a sacrificios; não deixou de corresponder á confiança de que era depositario, empregando esforços de intelligencia, vencendo com paciencia e reflexão os preconceitos do meio, as difficuldades creadas pelos adversarios e pelos rotineiros.

Por meio de seus escriptos e com a sua palavra meiga e convincente, combateu a rotina, aconselhando os melhores methodos de cultura, de fabrico de assucar e melhoramento do gado, promovendo a introducção de machinas uteis.

Nomeado director do Instituto Agronomico de Campinas, jamais poupou esforços para pôr em destaque tão util instituição scientifica, revelando tambem capacidade administrativa digna de nota.

Foi lente da cadeira de chimica da Escola Polytechnica de S. Paulo. As Inspectorias Agricolas do Estado de S. Paulo muito e muito lhe devem, pois foi elle o organizador dellas—trabalho a que presidiu elevadissimo criterio a par de um descortino pratico pouco commum no nosso meio.

Escreveu tambem varias monographias agricolas, de grande valor, e um «Curso de Zootechnia Geral e Especial», obra excellente pela clareza do seu methodo expositivo e pelas exactas observações.

Minado, alquebrado por pertinaz molestia, falleceu aos 27 de setembro de 1909, nos Campos de Jordão, o Dr. Uchôa Cavalcanti, em pleno verdor dos annos, quando a patria ainda esperava da sua cultura intellectual, da sua actividade e do seu amor pela agricultura, contingente valioso e productivo.

A Lavoura rende um preito de saudade e de admiração á sua nobilissima memoria, e insculpe o seu nome na galeria dos benemeritos da agricultura nacional.



Culturas indigenatas

I

A MANDIOCA

A mandioca é um arbusto da familia das Euphorbiaceas, da tribu das Crotoneas, originaria do Brazil. Duas variedades são cultivadas: *Manihot ultissima* Pohl, e, *Manihot aipi* Pohl.

Deixamos intencionalmente de fallar em seus caracteres botanicos para enviar o leitor ao artigo do Dr. Paschoal de Moraes, sobre esta planta raiz, nos ns. 20 e 21 do «Jornal dos Agricultores» do Rio, anno de 1907, ou ainda ao «Livro do Lavrador» de Manoel Dutra, pags. 317 e seguintes.

A *Manihot ultissima*, de muito maior producção que sua congenere, encerra 25 °/₀ de fecula no seu maximo de rendimento. Eis, segundo Payer a composição de suas raizes:

Fecula	23.10
Assucar e gomma	5.53
Cellulose, pectose e acido pectico . . .	1.50
Materias azotadas.	1.17
» gordas	0.40
Saes mineraes	0.65
Agua	67.65
	100.00

A *manihot aipi*, posto que seu rendimento seja menor por hectares, a sua porcentagem em fecula eleva-se a 27 °/₀ na média, como se vê da analyse seguinte:

Fecula.	27.67
Celluloses, etc	2.25
Materias azotadas	1.52
» gordas	0.83
» não determinadas.	2.03
Agua	65.70
	100.00

Principios toxicos. — A differença dos principios toxicos das duas variedades de mandioca, está bem longe de ser absoluta; é certo que ambas contêm o acido cyanhydrico e, em egualdade de condições, a *utilissima* (amarga) mais que a *aipi* (doce). Pensamos que o modo de cultura, de *habitat* e afolhamento tem notavel influencia sobre a sua formação, e que segundo o caso, a amarga póde transformar-se em doce e o inverso tambem é verdadeiro. Tem-se visto pela cultura consecutiva no mesmo solo, a mandioca doce transformar-se em amarga; em Amani, cultivando-se esta em sólos onde nunca vegetou euphorbiaceas, transformou-se em doce. Demais, diz o professor Zimmermann, «que a riqueza em acido cyanhydrico, não está sómente ligada á variedade botanica, mas tambem ás condições de cultura, e é sabido que as mandiocas, as mais doces, contêm sempre uma grande quantidade de veneno nas cascas das raizes. Nas variedades toxicas o veneno é distribuido mais uniformemente por toda a raiz.»

Pelas analyses do Sr. E. Francis, dá-nos o seguinte resultado:

Para 100 kilogrammas de raiz:

	MANDIOCA DOCE	MANDIOCA AMARGA
Maximo	0,0238	0,0412
Minimo	0,0113	0,0113
Média	0,0116	0.0275

Outra analyse, feita pelo Sr. Carmody:

	MANDIOCA DOCE		MANDIOCA AMARGA	
	Casca	Centro	Casca	Centro
Maximo	0,012	0,015	0,056	0,037
Minimo	0,014	0,003	0,012	0,013

O acido cyanhydrico ou acido prussico, que é soluvel na agua, é destruido promptamente pela fermentação ou cocção. Porter, diz: «que o principio venenoso reside no succo e sendo muito volatil e soluvel, desapparece pela torrefacção da massa ou pela simples exposição das

raspas ao sol». Este principio deleterio determina vomitos, convulsões e depois a morte.

Affirmam uns, que a casca da mandioca é o seu contra-veneno, e que ella é que convém dar aos animaes para prevenir accidentes. O sertanejo do Ceará julga que, os animaes que a comem sujas de terra estão fóra de perigo, o que absolutamente não podemos dar credito. Nas Indias e Goyanas se servem da maceração de pimentas vermelhas na aguardente, como antidoto.

A toxicidade augmenta com a altitude. As folhas são inoffensivas e podem ser empregadas como forragem verde.

Habitat e solos. A mandioca se cultiva em toda parte dos paizes intertropicaes. A partir de 250 metros de altitude o seu rendimento vae diminuindo, porque a sua porcentagem em acido cyanhydrico vae augmentando, mesmo porque a altitude corrige a latitude.

A mandioca é amante de solos profundos, bem lavrados, de boa exposição ao sol e que se sequem facilmente, como os selico-argilozos e de aluviões. Acommodam-se, porém, em todas as terras desde as fortemente argilosas até as areias das bordas do mar. Ella só teme a humidade estagnada, as suas raizes se enchem d'agua apodrecendo depois. Climas quentes e seccos são os que mais lhes convém.

Affirmam alguns agronomos, como Henzé, Colson, Bernays e Sagot que este arbusto vegeta melhor nas proximidades do mar, e o ultimo diz ter visto terrenos que, na apparencia, eram estereis cobertos de bellos mandiocaes..

Não ousamos querer contestar a palavra autorizada daquelles competentes profissionaes, mas no Brazil, vegetará bem em toda parte onde se planta. Sua área geographica é de 30° para cada lado do equador.

Reproducção e selecção — A mandioca se reproduz, quer pelos grãos, quer pelos toros de sua haste, quer finalmente pelos filhos das raizes. A propagação pelos toros é que é geralmente utilizada. As sementes, além de não terem boa vegetação, porque já tem perdido em parte a sua faculdade germinativa, por causa do processo usual que é artificial, dá-se um phenomeno de reversão para o typo primitivo, como na batata e outras plantas tuberosas, ou creando uma variedade diversa áquella que lhe produzir, com raizes pequenas e pobres em fecula. Os filhos das raizes tem o inconveniente de não augmentarem a colheita; os toros da mandiba transmittem á nova planta todos os caracteres e qualidades productivas, é pois o melhor processo.

A selecção cuidadosa e criteriosa dos toros é o caminho mais curto para augmentar-se a producção.

Devem-se regeitar os estrumes em absoluto; o centro da mandiba é o melhor. Não deve ser demasiado velha nem muito nova: as muito verdes dão muito fraco rendimento, assim como o extremo superior, aquellas difficilmente nascem bem como os troncos das melhores. Por este systema, um hectare colhido fornece semente para tres ou quatro.

Os toros devem ter de 10 a 15 centimetros de comprimento; maiores são prejudiciaes porque nascem um grande numero de raizes em detrimento umas das outras. Não devemos sómente procurar a quantidade, mas tambem a qualidade; uma raiz bem alimentada, e desenvolvida vale mais que tres *imbiras* que só tem casca. Os tóros cortados devem ser immediatamente plantados porque seccam mui facilmente.

Plantação — Dada a extensão de nosso territorio não podemos fixar épocas de plantio: a do Rio Grande do Sul é bem diversa da do Amazonas, como a do litoral para o interior, das serras para os valles, varia em largos limites. Demais a época de cada zona é bem conhecida dos lavradores.

Num terreno lavrado a charrua devemos plantar geralmente com 0,m70 de intervallo sobre as linhas e de 1,m20 entre ellas, conta-se por hectare 11.930 pés.

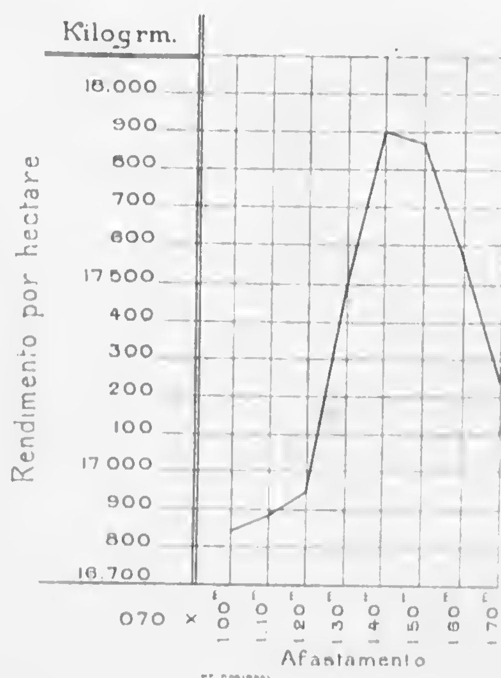
As covas devem ter de 0,12 a 0,m15 de profundidade por 0,m10 a 0,m15 de comprimento e largura. O semeador collocará um ou dous tóros de mandiba, posto obliquamente em cada cova tendo o cuidado de fazel-os adherir bem ao sólo, para evitar que se perca a plantação; depois fecha-se a cova, pulverizando-se a terra com a mão e em seguida dá-se uma forte compressão com o pé.

Não se deve plantar em dias de grandes chuvas; corre o risco de apodrecer os tóros. Segundo o gráo de humidade do sólo o apparecimento das primeiras folhas vae de 15 a 20 dias depois da plantação.

Experiencias feitas na Estação Agronomica de Reunião deram o resultado seguinte, plantando-se com a distancia de 0,m70 sobre linhas:

Distancias entre as linhas	Rendimento por hectare
1 metro	16.850 kilogrammas
1,m10	16.890 »
1,20	16.960 »
1,30	17.500 »
1,40	17.900 »
1,50	17.870 »
1,60	17.575 »
1,70	17.250 »

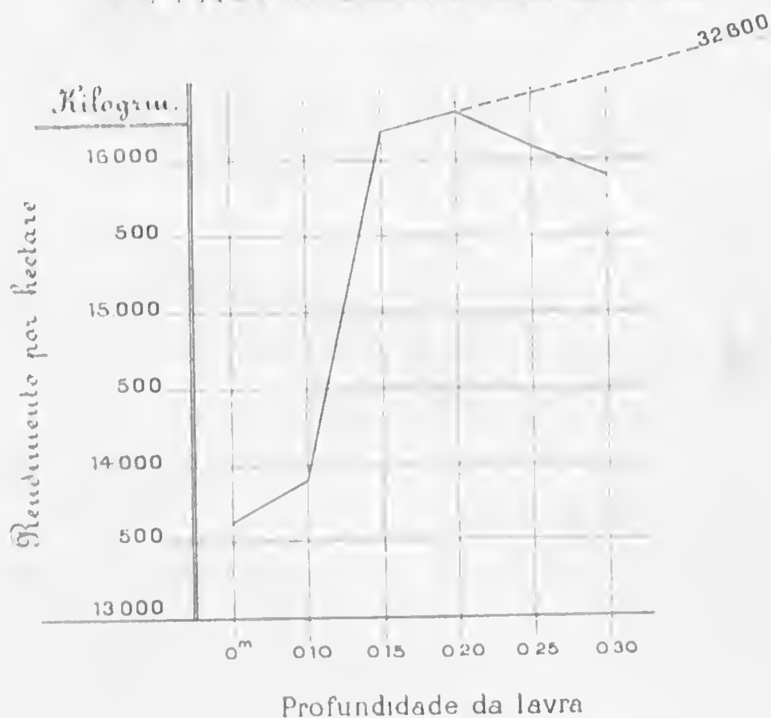
DIAGRAMMA DA INFLUENCIA DO AFASTAMENTO.




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 11 12 13 14 15 16

DIAGRAMMA DA INFLUENCIA DA PROFUNDIDADE DA LAVRA



LEGENDA.

solo lavrado

" " á 0m20 e subsolado á 0m15

A distancia a mais favoravel foi de 0,m70 × 1,m40, cujo rendimento por hectare attingiu ao maximo com 17.900 kilogrammas para 10.100 pés.

Cultura e limpas — Uma condição indispensavel para o augmento da colheita é, além do sólo profundo, a intervenção judiciosa da charrua. Como a mandioca teme extraordinariamente aos ventos, é prudente preparar-se o terreno, destinado á sua cultura, um mez antes do plantio.

Eis os resultados obtidos em relação á profundidade da lavra, pela mesma estação:

Natureza da lavra	Rendimento por hectare
Sem lavra.	13.630 kilogrammas
Lavra de 0,m10.	13.893 »
» » 0,15.	16.208 »
» » 0,20.	16.320 »
» » 0,25.	16.100 »
» » 0,30.	15.900 »

Este sólo era pobre e tinha apenas 0,m22 ou 0,m23 de profundidade na camada aravel, o sub-sólo de qualidade inferior é improprio para a cultura, a relha trouxe-o para a superficie, e quando o sulco passou de 0,m20, o rendimento foi diminuindo. Não teria sido o mesmo, se este sólo fosse lavrado a 0,m20 e sub-solado, o augmento seria sensivel (1).

O mandiocal deve ser sempre expurgado das hervas damninhas, pois as más plantas utilizam tambem a humidade do sólo, e os principios nutritivos que aos pés de mandioca são destinados, com grande prejuizo para o seu desenvolvimento e por consequencia para o lavrador tambem.

Não se póde fixar de uma maneira absoluta, épocas para esta ou aquella operação, muito menos para as sachas; um terreno mal preparado e humido cobre-se de hervas tantas vezes se mude. E' util que, um mez depois de plantada, se dê a primeira limpa a enxada, a mão ou a cavallo, um mez e meio depois outra. Convém nesta segunda, arrancar as hastes que houver de mais, isto é, deixar sómente as duas ou tres, as mais fortes e bellas, em cada pé; se esta operação não fôr a tempo praticada, o rendimento em raizes diminue. Do sexto ao nono

(1) Vide *A Lavoura* de junho de 1899, pag. 106, e *Travaux et machines pour la mise e culture de terres* — Ringelman pag. 79.

mez dá-se a terceira limpa, abacelando-se ligeiramente o mandiocal, dous ou tres mezes depois repete-se esta operação, mas, com o cuidado necessario para não ferir as raizes superficiaes. Nestas ultimas carpas não se devem usar machinas atrelladas. Com seis mezes, ou mesmo antes, o terreno estará totalmente coberto pelos ramos, então a vegetação daninha já não prosperará.

O *decote* é uma operação que tem merecido muitas contradictas: uns pensam que as raizes engrossam; outros porém que se atrazam. Havendo necessidade de fazel-o, para obter-se semente faça-se a $0^m,50$ de altura. Sem folhas, sem carbonico e sem a luz do sol não teremos de nenhuma fórma, nem amido, nem assucar. E' um principio de physiologia vegetal. Como affirmar que o decote engrossa as raizes?

Maturação e colheita. — Na sua maioria, quasi todas as mandiocas amargas, attingem ao seu maximo rendimento, quando sua maturação está completa, isto é, entre 18 e 24 mezes. Nas variedades doces a maturação é muito mais breve, vae de 8 a 12 mezes. Demais, a maturação varia com a cultura, estado de humidade do solo, variedade etc., etc. Algumas mandiocas amargas, dizem, podem ficar tres ou mais annos na terra sem nenhum inconveniente. Isto é conhecido, mas um lavrador progressista não deve invocar esta faculdade da planta sem motivos muito justificaveis. « Não incommodam a quem as cultiva, dão-lhe tempo e esperam », porém esperam em pura perda, sem augmento de producção compensadora relativa ao tempo e depreciando o producto pois será pobre em fecula e rico em celluloze. E' o que podemos chamar: *farinha de páo*.

Os signaes caracteristicos da maturação são os seguintes: a mutação do verde escuro da folhagem para amarello e em seguida a cahida da folha para o seccamento das extremidades dos ramos, sendo o ultimo indicativo para a colheita, que é o mais importante, apezar tambem de empirico, comtudo é melhor que nos levemos somente pelo tempo de vegetação ou época de colheita da região.

Rendimento. — São muito variaveis os seus rendimentos, que estão em relação com o preparo do sólo, cultura anterior, altitude, longitude, regimen das chuvas, variedade cultivada, etc.

Para a mandioca doce cultivada em Reunião é reputado bom rendimento 22.500 kilogrammas, e os de 60.000 são excepcionaes. Na America, onde cultivam em grande escala as variedades amargas que dão na média 120.000 kilogrammas por hectare. No Brasil, com a cultura rotineira que ainda adoptamos, attinge a 80.000 kilogrammas de raizes por hectare e póde certamente elevar-se, com bom preparo do sólo e

fertilização apropriada a 200.000 kilogrammas. Qualquer que seja a variedade contém de 1 1/2 a 2 % de cascas. A porcentagem em farinha ou aparas sobre o rendimento bruto é na média 29 % ; minimo 24 % ; maximo 33 %. 1/3 ou 1/4 do pezo total da colheita. O rendimento em amido é de 13,3 %.

O rendimento é consideravel, affirma Nicholls, passa mesmo por ser uma das mais productivas do mundo ; um hectare de mandioca produz mais materia nutritiva que seis hectares de trigo.

Afolhamento — Não ha nenhuma conveniencia em se cultivar a mandioca duas vezes consecutivas sobre o mesmo sólo, como ficou dito. Deve precedel-a uma leguminosa e melhor ainda, uma leguminosa e depois uma graminea.

Quem escreve estas linhas possue um pouco da variedade amarga, cultivada em um sólo, que havia seis annos não levava esta euphorbiacea. A *manuqueira* (succo venenoso) que foi apreciado por diversas aves gallinaceas, suinos e cães, nada em absoluto tiveram.

Culturas intercaladas — Entre as linhas da mandioca podemos utilmente plantar para fazer face as despezas de carpas, etc., milho, feijão ou fumo que vivem sem se encommodarem mutuamente.

Forragens de mandioca. — Como dissemos, as folhas podem ser utilizadas como forragem verde, ellas não encerram nenhum principio venenoso, assim como os extremos dos ramos, que são, aliás, ricos em materia azotada. As aparas, Boname collocou entre os alimentos forrageiros concentrados ; é optimo para os animaes. Nas cidades devia ser a base da alimentação das vaccas leiteras. A relação nutritiva modifica-se com a variedade. A ração diaria oscilla entre 6 a 10 kilogrammas.

Amido e farinha — Eis as analyses dos dous principaes productos da mandioca ;

Amido

Amido.	84,05	
Materias albuminoides . .	0,35	
Cinzas.	0,39	
Agua	15,21	100.00

Farinha

Fecula.	85,95	
Materias albuminoides . .	0,63	
Cinzas.	0,12	
Agua	13,30	100.00

Conservação — As raizes da mandioca não podem ser conservadas. Logo depois de arrancadas é necessario convertel-as em farinha ou aparas. Depois das 24 horas principia a apparecer, no centro das raizes, traços esverdeados que é a concentração do veneno.

Fertilização — Não indagamos se a mandioca é ou não uma planta esgotadora do sólo, não podemos affirmar, apenas diremos, que ella o empobrece em principios mineraes que encerram as suas cinzas. Eis segundo Bonaine a média centesimal:

Cinzas

Acido phosphorico	8,53	kilogrammas
Cal	6,85	»
Potassa	47,01	»

Raiz

Acido phosphorico	0,085	kilogrammas
Cal	0,063	»
Potassa	0,454	»

Azoto 0,153

O predominante é a potassa como é para todas as plantas raizes e tuberculos sem excepção, e eis porque estes vegetaes só dão bellas colheitas em sólos ricos deste mineral, ou em outras terras que sejam adubadas largamente com elle.

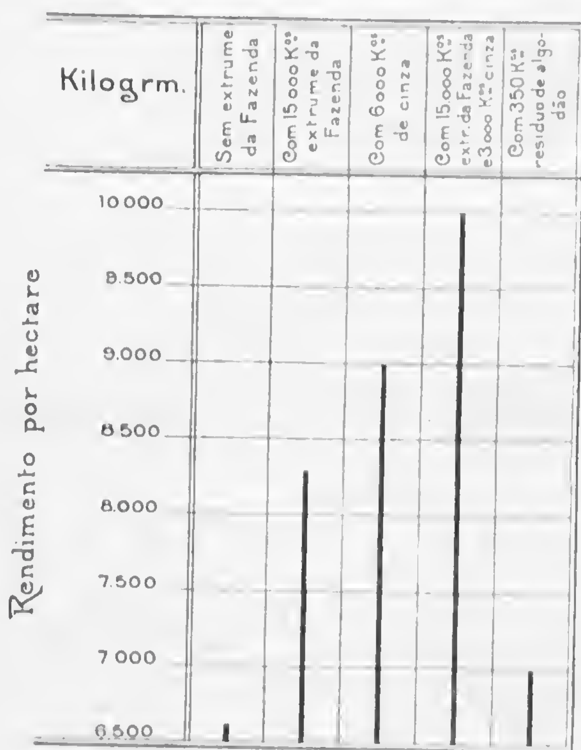
« Uma observação muito interessante, que não deixamos de assignalar, é que os estrumes potassicos offerecem não só a vantagem de augmentar as materias amilaceas, mais ainda de reduzir as azotadas.

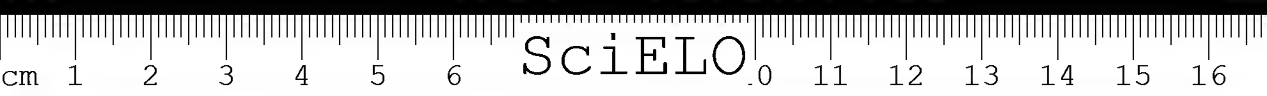
« Ora, na cultura da mandioca, se attribue, a applicação de estrumes azotados, a formação de raizes amargas e estas são muito ricas em azoto. » (Henri Blin).

O augmento de acido cyanhydrico, tambem se nota em culturas feitas em sólos muito ricos em materias organicas azotadas, do que em sólos pobres deste elemento. Podemos dizer que, a potassa está para a mandioca como o acido phosphorico para as gramineas, isto é, regulando o excesso de azoto e desta sorte evitando que se tornem as raizes amargas e consequentemente inuteis.

Haffner, citado por Blin, de suas experiencias deduz a conclusão seguinte : E' sobretudo a potassa que age sobre a mandioca. A addição

Diagramma mostrando a influencia dos estrumes.




cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
11 12 13 14 15 16

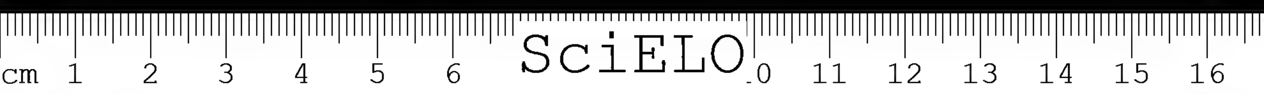
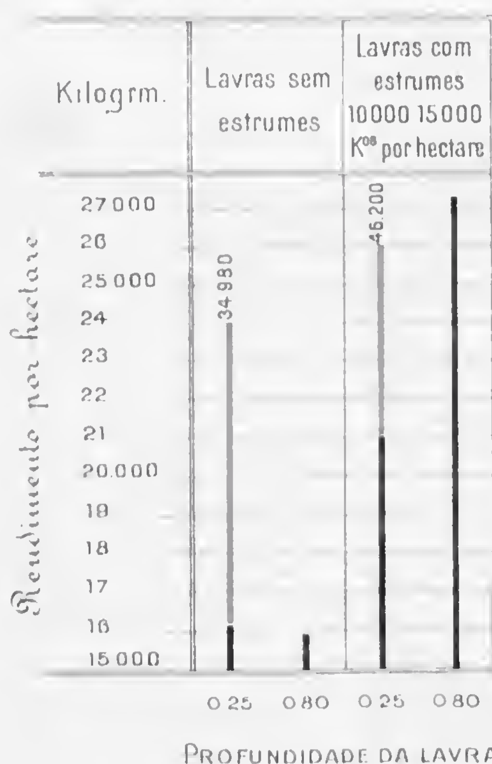

cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
11 12 13 14 15 16

Diagramma dos estrumes em relação á lavra



LEGENDA:

solo lavrado

" " á 0m25 e subsolado a 0m25

de cinzas muito ricas em potassa (1) é o estrume menos caro e que dá o rendimento mais elevado:

Sem estrume	6.666	kilogrammas
15.000 kilos de estrume da fazenda	8.300	»
6.000 kilos de cinzas . .	9.000	»
15.000 kilos de estrume da fazenda e 3.000 kilos de cinzas	10.000	»
350 kilos de resido de caroço de algodão	7.000	»

Segundo H. Jumelle o estrume que melhores resultados tem dado em sólos ricos em humos é o seguinte, por hectare:

Nitrato de sodio	300	kilogrammas
Superphosphato de cal (15 % sol.).	400	»
Chlorureto de potassio . . .	100	»

A Estação Agronomica de Reunião dá-nos a conhecer os seguintes resultados:

LAVRA	RENDIMENTO POR HECTARE		ESTRUME POR HECTARE
	Sem estrume	Com estrume	
	kilog.	kilog.	kilog.
0m,25	16.100	21.000	10.000
0,80	15.900	27.360	15.000

Aconselha ainda a formula aconselhada por Jumelle e mais a seguinte:

Nitrato de sodio.	190	kilogrammas
Superphosphato de cal . . .	400	»
Nitrato de potassio	130	»

(1) Vide o *Jornal dos Agricultores*, Rio — n. 8, de 1903, pag. 203 e seg.

Concluindo dizemos: a riqueza em principios fertilisantes assimilaveis é proporcional á colheita, por outra, tanto maior são estes principios, tanto mais abundante será a colheita.

Numa colheita de 10.000 kilogrammas é exportado da fazenda pelas raizes as seguintes substancias:

Acido phosphorico	8,500 grammas
Cal	6,300 »
Potassa	45,400 »

Azoto 15k,300 grammas

Se a colheita fosse de 100 ou 200.000 kilogrammas que quantidade assombrosa de principios mineraes não desfalcaria a terra? Que tempo será preciso para mobilisar-se outra quantidade egual á vendida? A mandioca esgota ou não o sólo em principios mineraes, acaba ou não por tornal-o esteril?

Doenças

Somente a lagarta (Hederna litralis) ataca algumas vezes no apparecimento de suas primeiras folhas, cortando-as rente ao chão ou desovando no centro de suas hastes. Para combater, podemos empregar a seguinte formula de Riley:

Kerosene.	6.500 grammas
Sabão duro ordinario	250 »
Agua	4 litros

Para applicar junte-se 10 litros d'agua.

* * *

A cultura da mandioca vae se generalizando de dia para dia por toda parte onde póde ser cultivada. Na America tem ella merecido nestes ultimos annos cuidados e estudos especiaes. A França e a Allemanha mandam estudar em suas colonias os methodos racionaes de cultura, etc., e que muito têm feito suas estações.

O amido passava já alguns annos como um alimento nutritivo e de facil digestão; agora a *farinha de páo* se vae acreditando, felizmente; já passa por alimenticia e já não é tão indigesta.

Numa communicação dos Srs. André Gonin et P. Andovard, dirigida á Sociedade Nacional de Agricultura de França, na secção de

27 de junho ultimo, intitulada «L'emploi de la farine du mandioc dans l'élevage des veaux», reunindo numerosas experiencias feitas pelos seus autores, lê-se: «A papa da mandioca, tem sobre a da fecula da batata a vantagem de se liquefazer totalmente; incorporando-se facilmente ao leite desnatado sua prompta e completa digestão não é embaraçada por nenhum obstaculo de ordem mechanica».

Elevemos o rendimento por hectare, com o emprego de estrumes apropriados; diminuiremos as despesas de cultura com o emprego dos mechanismos agrarios modernos, que traz-nos dest'arte barateado o producto, e então, estamos certos, ninguem, em nenhuma parte do mundo, poderá competir comnosco.

Pequenas experiencias podem ser feitas por qualquer lavrador para experimentar.

EDUARDO LISBÔA.

Bibliographia

Para maiores esclarecimentos consultem as seguintes obras:

Historia das Plantas e de goso do Brasil—T. Pekolt.

O Livro do Lavrador—M. Dutra.

Culture et Industrie du mandioc—Colson et Chakl.

Les Plantes Alimentares des Pays Chauds—G. Heuzé.

Petit Traité d'Agriculture Tropicale—H. A. Nicolls.

Les Cultures Coloniales, 1° volume—H. Jumelle.

A Lavoura—Dezembro de 1900, março a junho de 1901.

Jornal dos Agricultores (Rio), — Annos de 1903 e 1907.

Journal d'Agriculture Pratique—Tomo II de 1908, tomo I de 1909.

Journal d'Agriculture Tropicale—Annos de 1907 e 1908.

L'Agriculture Pratique des Pays Chauds—Annos de 1906 e 1908.

A bananeira

CONFERENCIA LIDA PELO DR. RAPHAEL URIBE URIBE PERANTE A SOCIEDADE DE AGRICULTORES DA COLUMBIA, EM 17 DE MARÇO DE 1908

Denominação — Quanto ao nome generico que em linguagem vulgar tem a planta, o mais generalizado nos paizes americanos é — *plátano*, do latim *platanus*, derivado por sua vez do grego *plátanos*, de *platus*, tambem como allusão ás folhas longas e largas da arvore.

Convém, porém, advertir ser o proprio nome do platano, francez — *platane*, correspondente a uma arvore das zonas temperadas, que

attinge até 40 metros de altura, enorme grossura de tronco e extraordinario desenvolvimento de cópa.

A etymologia justifica a applicação do nome *plátano* á bananeira, pelas dimensões de suas folhas, porém, não pela semelhança com o platano europeu que é nenhuma.

E não é facil explicar por que os hespanhóes appellidaram assim esta planta, quer a trouxessem do velho mundo, quer a encontrassem na America.

No tocante á palavra banana, dizem uns, viera do Indostão, e outros pertencer á lingua indigena do Chaco, estreitamente relacionada com o guarany.

E' o vocabulo que em inglez, francez e outras linguas vivas, serve para designar todo o genero *musa*; emquanto que nós damos esse nome á variedade que se come sem coser, como fructo de mesa, destinada hoje á exportação especialmente.

E' a mesma que em Costa Rica denominam *guiné*, cujo nome se não deve identificar com a variedade que no interior da Columbia nomeam assim.

Oxalá se podesse convir em chamar banana ao vegetal e platano ao fructo, isto é, a cada um dos que constituem o cacho.

Ainda que a designação generica de platano applicada á planta me pareça impropria, segundo ficou dito, julgo difficil modificar o habito tão usado, muito embora, para evitar confusões, se o aggregasse ao adjectivo da variedade: platano panifero, platano dominicano, platano banana.

Nesta conferencia fallarei indistinctamente de plátano, guiné e banana, até chegar a circumscrever o ultimo termo, applicando-o ao fructo de exportação e a planta que o produz.

Geographia. — A banana se cultiva em uma faixa de 75° de amplitude em de redor do globo, desde os 35° do hemispherio austral até os 40° do boreal; porém, não ha duvida que a sua região propria está circumscripta pelos tropicos, porquanto, mais além, as estações começam a ser sensiveis e dest'arte a planta não póde accumular o coefficiente de calor indispensavel para o seu desenvolvimento e fructificação normaes.

Como quer que seja, a banana é um dos vegetaes mais espalhados no mundo e especialmente no continente americano, sobretudo depois que Humboldt chamou a attenção sobre elle e demonstrou que longe de ser um alimento ordinario, bom apenas para os africanos, é um fructo de gosto exquisito e de grande poder nutritivo.

Pelo que diz respeito á altitude, a região em que prospera vae desde o nivel do mar até 1500 metros; o cultivo decae aos 1800; e dahi por deante, se a planta vive, é com sacrificio da quantidade e da qualidade do fructo que chega a desapparecer de 2300 metros para cima.

Ao contrario, essa qualidade e quantidade augmentam á medida que a temperatura se eleva. Entre os 17° e os 22° está o limite de seu cultivo; dos 22° aos 24° o producto é apenas regular, dos 24° aos 29°, e dahi por deante, passa a ser remunerador até chegar ao seu maximo de rendimento. A dominicana e a anã contentam-se com 18°; de 28° a 30° é o estalão dentro do qual a banana, propriamente dita, vegeta com mais vigôr.

Em toda a extensão do ferro carril de Santa Martha, desde Papares até Fundacion, a temperatura média é de 29°, razão pela qual a banana alli está á vontade.

Actualmente, sua producção como artigo importante de commercio, fóra do raio de consumo local, se limita a umas poucas regiões especialmente favorecides pela natureza, onde se juntam estes cinco factores: clima, chuvas periodicas ou irrigação possivel, saida facil, proximidade dos mercados de consumo e abundancia de braços.

Até hoje os territorios em que concorrem esses elementos, são: a costa sul do golpho do Mexico, a parte de Guatemala vizinha do ferro carril de *Puerto Barrios*; a de Honduras que se serve da ferro-via de *Puerto Cortés*; a de Costa Rica, a de *Puerto Limón*; a região de *Bócas del Toro*, em Panamá; certas porções de Cuba, Jamaica e S. Domingos (Porto Rico não exporta banana), a Guyana hollandeza onde a industria apenas começa, e nossa provincia de Santamarta por meio de sua estrada de ferro.

(Continua)

Estudo comparativo da superioridade do boi ao burro, como animal de tracção

> ....
> ....; um carro de bois, aos solavancos sobre suas altas rodas, era como o symbolo de agriculturas atrazadas de seculos; EÇA DE QUEIROZ. *O Crime do Padre Amaro*, ultima pagina.

Antes de começarmos o presente trabalho, declaramos que elle não é o resultado de opinião pessoal, nem pretexto para exhibirmos

polymathia, o que não possuimos, e sim a consequencia de alguns annos de observações e experiencias sobre este assumpto, adquiridas quando administrámos, simultaneamente, diversas fazendas de café no Estado de S. Paulo, da firma, Prado, Chaves & Comp.

As carroças tornam-se muito caras pelos continuos concertos a que são submettidas, principalmente nas fazendas que teem caminhos de morro e pedra.

A duração de um carro, no emtanto, *é quasi eterna*.

Os arreios para os burros ficam muito caros, assim, para um burro custa: um tapa 7$, um freio 4$, uma colleira 15$, um par de correntes 5$, cuja somma é 31$000. Agora o arreio para o burro do varal: uma cabeçada 7$, um freio 4$, uma colleira 15$, um par de correntes 5$, um selloto 15$, uma retranca 18$, um travessão 5$, uma barrigueira 3$, cuja somma 72$, é egual ao preço de um novilho em condições de ser amestrado!

Estes preços são os correntes, em qualquer selleiro, como poderá verificar quem duvidar da veracidade do que affirmamos.

Vejamos os arreios para bois: um couro de boi, de regular tamanho custa 13$ e fornece arreios para quatro bois; registre-se pois, que, com 13$, que ainda não é o preço de uma colleira, arreiam-se quatro bois); e se o couro fôr grande custa 15$ e fornece arreios para seis bois. Póde-se tambem, é o melhor, empregar, em logar dos *rabos* e *tamoeiros*, pequenas chavetas de ferro com um pedaço de corrente; esse systema é usado em Capivary e Piracicaba. Se procedermos por este modo, gastar-se-ha couro apenas para *brochas* e *ajoujos*.

O boi é um animal que, sendo alimentado no estabulo com canna taquara ou capim fino de Angola ou qualquer outra forragem, ou em pastagem alta—o que elle exige, porque a grossura dos labios e falta de dentes incisivos no maxillar superior, difficultam-lhe a apprehensão de hervas curtas,—dispensa absolutamente o consumo do milho; — com o burro, porém, não succede o mesmo, e todo o fazendeiro sabe a *enorme* despesa, que se faz, nesse sentido, com esse muar, principalmente aquelles que não plantam o referido cereal. Considere-se tambem que se dermos milho ao boi, elle ingere-o todo; o burro, porém, só absorve o grão, e aproveitará todas as partes do milho, se este fôr desintegrado. Mas, tendo-se bois, *ipso facto*, tem-se desintegrador.

No estabulo a excreção bovina é mais abundante que a muar; deste pormenor tiram-se resultados para adubar as lavouras.

Duração da vida. — A longevidade bovina é inferior á muar, prova-se

pela gestação. A gestação da vacca é de nove mezes, a da egua de 11 mezes a um anno.

Um principio de biologia diz: um organismo tanto mais depressa se extingue quanto mais depressa se desenvolve.

Segundo ainda o calculo de *Ivort*, (citado por Don Leon Y Aylon, medico veterinario, no seu *Manual de Veterinaria Pratica*, pag. 167 o boi vive de 15 a 20 annos, e o burro de 30 a 40,) alguns attingem mesmo á edade de 60 annos, sendo estes ultimos verdadeiros macrobios, entre a especie muar. O calculo antecedente não é mathematicamente exacto, visto que esses animaes nunca completam o periodo da sua existencia, por ser esta abreviada, muitas vezes, pelo trabalho excessivo a que os obrigamos acompanhados de pessima alimentação e máos tratos que lhes infligimos.

O boi torna-se apto mais cedo para a reproducção da especie; vejamos: O touro dos 22 mezes aos 24, o jumento dos 30 mezes aos 37. (AYLON — *Manual de Veterinaria Pratica*, pag. 148.)

O boi tem mais força do que o burro e é de indole mais docil.

Póde o fazendeiro criar gado vaccum, o qual, em qualquer pastagem, ainda mesmo nas pobres de principios nutritivos, (como o sapé, que é das gramminêas, uma das mais pobres em proteina,) vive bem. Durante a criação, o fazendeiro utiliza-se do leite para o fabrico da manteiga e queijo.

O boi é o animal mais economico e util, delle se aproveita tudo; por isso, é um animal infeliz; ao nascer furtamos-lhe o leite; crescido, vae para o jugo da canga, para o barbaro divertimento das touradas; e, quando velho, esse paciente pachyderme e ruminante polygastrico vae para a engorda e destas para os nossos estomagos.

A industria não perde nada do boi. Elle fornece-nos ainda o sebo, substancia preciosa, e que é quasi um privilegio delle, pois, se não é o unico a fornecel-o, é comtudo o que o possue em maior abundancia. Se succede morrer um boi, de qualquer molestia, e se estiver abundante em tecido adiposo, o fazendeiro aproveita-o para o preparo do nosso grosseiro e feio sabão denominado de cinza, mas que é rico em potassio.

O burro é animal de movimentos mais rapidos que o boi? Sim; e essa differença, considerada debaixo do ponto de vista de tiro, accentúa-se muito mais, devido á grande differença de peso entre uma carroça e um carro. Fabriquem-se carros de mesa quadrada, mais baixos que os nossos actuaes, leves, eguaes em summa aos usados em Portugal.

Objectará o leitor, mas, um carro assim tem capacidade egual a uma carroça. Respondo: Um carro dos nossos, comporta o duplo de uma

carroça dessas denominadas *carritellas*, as quaes, com mais propriedade, appellidamos *carritellos*, e que é uma corrupção de carro, e significa carro pequeno ou meio carro. De facto, duas carroças (ou *carritellos*), bem cheias de milho, perfazem um carro de 12 cargueiros, ou 5.760 espigas porque um cargueiro tem oito mãos, e a mão tem 60 espigas.

Ora, se um carro dos nossos dá menos viagem, devido a morosidade da locomoção bovina, o resultado é o mesmo, porque um carro comporta o duplo de uma carroça. Se num dia, numa determinada distancia, um carro conduz tres viagens, e uma carroça puxa seis, o resultado foi identico.

A necessidade de carros portuguezes, impõe-se, imperiosamente, em todas as fazendas, principalmente naquellas que teem serra para descer, porque esses carros não maltratam os bois do coice.

Adoptem-se, para o serviço de carro, bois meio sangue zebú, que são animaes de força, resistentes e sobrios, além de serem de locomoção mais celere do que outras raças. « Os zebús são animaes robustos e ageis no trabalho. » — Curso de Zootechnia Geral e Especial, por Adolpho Barbalho de Uchôa Cavalcanti pag. 119.

Podemos nos utilizar tambem da variedade « *Devon* que fornece os bois de trabalho no terreno accidentado de Devon, (Inglaterra) animaes notaveis pela agilidade ». — *Curso de Zootechnia Geral e Especial*, por Adolpho Barbalho de Uchôa Cavalcanti, pag. 98.

« A raça ingleza *Devon*, os bois são curtos, resistentes, grossos e cylindricos ; os olhos proeminentes, os chifres curtos, em summa, um bello typo. *O Boi*, — Lyrio Ferdinand, pag. 11.»

O zebú para o serviço de tiro, compete com o burro, é mesmo um emulo deste, e talvez o sobrepuje.

O carro portuguez é transportado por uma junta de bois, e tem o nome de *biga* ; attenda-se, porém, a especialidade dos caminhos de lá.

Fabriquem-se aqui carros um pouco mais resistentes e maiores, para quatro bois ou mesmo seis. Um carro dos nossos, diminuido um terço da sua capacidade, é em bom caminho, perfeitamente transportado por quatro bois. Alimentemos succulentamente os nossos bois, tenhamos melhores caminhos, e veremos se o nosso boi puxa ou não egual quantidade de peso ao boi portuguez.

Ha ainda uma attenuante a favor do nosso boi, é que elle trabalha com a canga no pescoço, e em Portugal ella é collocada nos chifres ; o boi, no pescoço tem mais força que no chifre, tanto que, laçando um boi pelo chifre, um homem segura-o, mas laçando-se pelo pescoço, é impossivel a um homem subjugal-o.

Modo de arrear os bois — Sobre este ponto vamos fazer nossas as palavras de Eugène Gayot, notavel zootechnista : « O boi preso a um ponto fixo, ou devendo vencer uma resistencia muito consideravel, desenvolve mais effeito util *com o meio jugo* de que com o collar — com o collar melhor que com o *jugo inteiro* ; e a differença é maior do que se poderia esperar, porque póde chegar até 250 kilogrammas. » « Desde que o animal está em movimento, desenvolve forças muito differentes para arrastar o mesmo peso, gasta mais esforços trabalhando com o *jugo inteiro* do que com o collar, mais com o collar do que com o *meio jugo*. Dahi resulta, que o motor obra mais poderosamente sobre o collar, e que a mesma quantidade de trabalho lhe exige menos esforços, quando trabalha com o *meio jugo*. Outras experiencias teem tambem demonstrado a inferioridade de trabalho produzido com arreios insufficientes ou mal feitos, mesmo quando a sua especie seja boa. Assim, um boi com um *meio jugo* bem feito, e adaptando-se perfeitamente á conformação das partes a que está preso, exercendo sobre o dynamometro uma pressão egual a 360 kilogrammas, chega apenas a produzir o esforço de 127 kilogrammas, se o *meio jugo* bem feito é trocado por outro muito estreito, ou muito largo ou mal seguro sobre a cabeça. »

« Acontece o mesmo com o collar. *O jugo e meio jugo*, ou *jugo* para um só boi, são collocados na testa dos bois ; o collar, porém é collocado no peito. »

Para o leitor ficar conhecendo a conformação desses arreios, aconselho-o a consultar o livro « O boi », de Lyrio Ferdinand, pag. 97, onde encontrará a descripção minuciosa e clara. Ha ainda um magnifico systema de *jugo* argentino.

Tendo-se carros portuguezes, a superioridade de burros para mover o vehiculo desapparece, pois, bastarão quatro bois, o mesmo numero de burros precisos para transportar uma carroça.

Ou então os carros cearenses de rodas inteiriças e oblongas para que as excrescencias do circulo, os tombadores, diminuam o esforço da tracção. — « Luzia Homem », Domingos Olympio, pag. 125.

Verdadeiramente, o burro só leva a vantagem ao boi quanto á transpiração, pois, o burro súa por todos os póros, ao passo que o boi, (que neste pormenor é egual ao cão), só transpira debaixo da lingua, que é onde estão situadas as suas glandulas sudoriferas ; mas, a maior força de trabalho é no inverno, isto é, na colheita.

Para o pesado trabalho da charrúa, do arado e outras machinas

compostas de arrotear para o amanho, o boi é incontestavelmente superior ao burro.

Tambem para o transporte de toros de madeira, e, em summa, para todos os serviços pesados, o boi leva grandes vantagens sobre o burro.

E' certo que os nossos antigos fazendeiros transportavam, antes da viacção ferrea, para Jundiahy e Santos, grande quantidade de café em tropas, a maior quantidade, porém, foi feita em carro, e o movimento de conducção nas fazendas era exclusivamente, tambem, com carros. E como eram agradaveis e poeticas as colheitas de outr'ora, quando os carros carregados vinham *cantando*.

Os bois enormes de grandes guampas, attentos, ouvindo-a, caminhavam com passos rhythmados pelo *cantar* do carro.

A vista do que dito fica, parece-me que, os fazendeiros devem volver, a bem da sua economia, ao boi, do qual se Buffon tivesse estudado melhor, teria dito que era a mais nobre conquista do homem e não o cavallo, como disse, assim tornar ao:

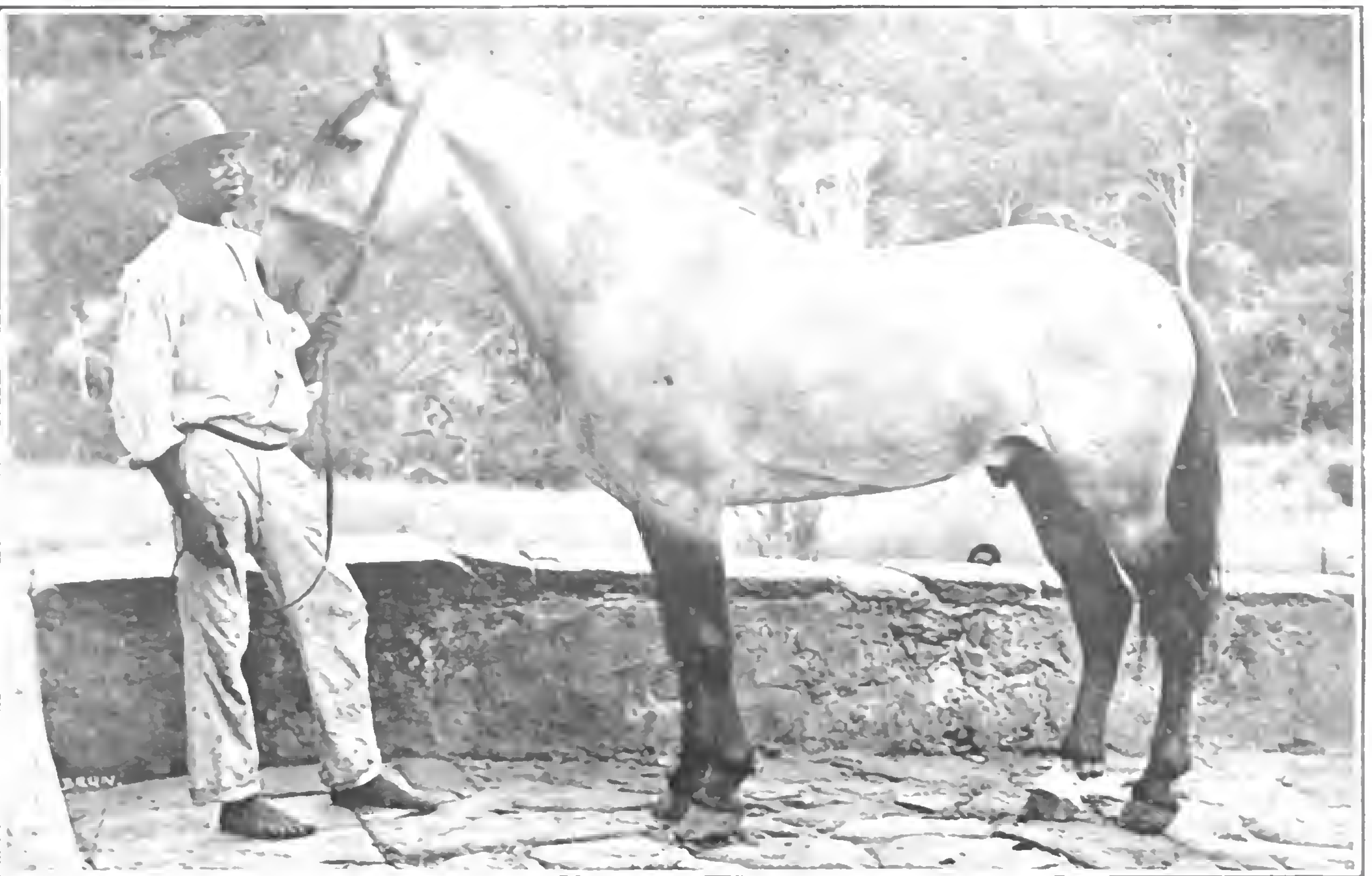
> « O boi, o rijo operario, esse animal antigo
> Que faz florir a vinha e faz nascer o trigo. »

Está claro que o ideal, seria a realização do plano do immortal João Pinheiro, da transformação das nossas estradas de rodagem para a applicação dos automoveis como meio de transporte, porém, emquanto ellas não forem accessiveis áquelles vehiculos, o carro de bois não será como disse o fino humorista Eça de Queiroz, « symbolo de agriculturas atrazadas de seculos ».

DARIO DE BARROS.

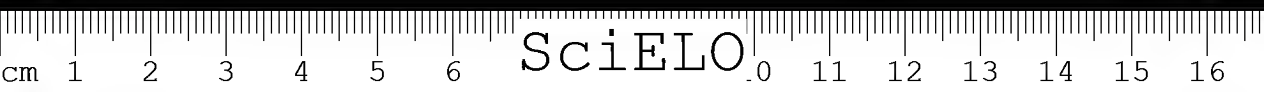


Estação de Lafayette, Minas
Fazenda CAMPOLINA — Proprietario Joaquim Pa[illegible] de R[illegible]



Golias

Garanhão nacional, puro sangue, marchador


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 11 12 13 14 15 16

A LAVOURA NOS ESTADOS

A Criação Mineira

A Fazenda Campolina, situada no municipio de Entre-Rios de Minas, servida pela E. F. Central, distante da estação de Lafayette 4 horas de viagem, a cavallo, de propriedade de Joaquim Pacheco de Rezende, possue: dois mil alqueires de terras em mattas virgens, excellentes pastagens de gordura, Jaraguá, marmelada e capim redondo; a sua criação é reputada como uma das melhores do Estado de Minas, possue o numero de 400 excellentes eguas que, primam por suas bellas estampas e qualidade em andares; tem tambem uma criação de cavallos meio sangue inglez, filha de um cavallo puro sangue adquirido pelo proprietario. Destas eguas 200 são destinadas a criação de muares, 150 á criação de poldros, puros marchadores para sella, 50 para criação de poldros para tiro de luxo. E' tambem de sua propriedade uma excellente criação de jumentos para reproducção de burros para sella. Tem actualmente seis cavallos garanhões, sendo cinco productos da Fazenda, animaes puros marchadores, e um da raça Oldemburgo, importado pelo proprietario por 3:000$000.

Aos animaes producto da Fazenda dá-se o nome de Campolina.

Cabe a esta fazenda a honra de ter sido producto della o cavallo nacional que obteve maior preço, a quantia de 8:000$000.

Extincção de gafanhotos

Do Sr. Appollinario de Moraes, fazendeiro em Itaóeára, Estado do Rio de Janeiro, recebemos uma carta cujo conteúdo se liga á invasão daquelle Municipio pela praga de gafanhotos.

S. S., homem de iniciativa e resoluto, conhecedor das consequencias quasi sempre más decorrentes de um flagello de tal natureza, congregou esforços e tomou a defensiva franca, energica e tenaz contra tão perigosos inimigos.

Para isso, diz elle:

« Servi-me de uma grande tolda e colloquei-a armada como verá (photographias annexas) na parte inferior de uma valla previamente coberta, de pouca fundura; e como o pessoal curralava o bando e este não podia transpor a valla e com poucas pancadas pelo lado opposto da tolda caiam na valla e eram immediatamente enterrados, por outras vezes para experiencias appliquei a tolda e consegui apanhar bandos inteiros com muita facilidade e satisfacção do pessoal, que todo alegremente auxiliava sem remuneração, as grandes pescarias no secco.»

A resolução do Sr. Appollinario de Moraes é digna de louvor e de ser imitada, sobretudo quando o governo, que agora organiza esse serviço de extincção de gafanhotos, não possa, por motivo de força maior, attender immediatamente, com a presteza de que se ha mister, como acontecerá dentro em breve, á solicitação de um soccorro efficaz contra tão temerosos inimigos.

Cooperativa Agricola de Pernambuco

A Sociedade Nacional de Agricultura, que sempre envidou esforços pela aggremiação da lavoura do paiz, sob a fórma de Cooperativas, syndicatos e associações agricolas de interesses mutuos, esforços traduzidos por uma propaganda longa e ininterrupta na imprensa e nos Congressos Agricolas, não póde calar o seu enthusiasmo toda vez que vê nascer uma associação desse genero, como acontece agora com a Cooperativa Agricola de Pernambuco, cujas bases para a organização da mesma, damos linhas abaixo.

Antes, porém, aqui deixamos aos organizadores de tão util aggremiação, os votos intensos e sinceros que fazemos pela prosperidade da mesma.

«1.° — Entre os agricultores fabricantes de assucar e seus representantes commerciaes fica constituida uma sociedade cooperativa de conformidade com a lei n. 1637 de 5 de janeiro de 1907.

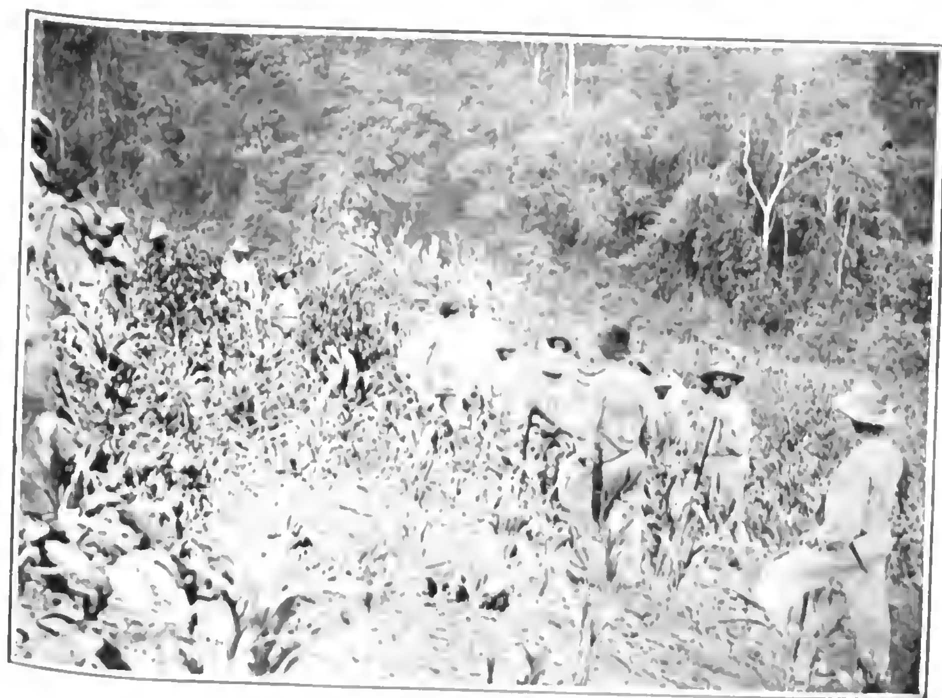
2.° — Esta sociedade, que se denominará—*Cooperativa Agricola de Pernambuco — Sociedade cooperativa de responsabilidade limitada*, será de fórma anonyma, de capital variavel e de numero illimitado de socios.

EXTINCÇÃO DE GAFANHOTO



Itaocara, E. do Rio
Fazenda dos Srs. Moraes & Graff

EXTINCÇÃO DE GAFANHOTO



Estrago no milharal, produzido pelos saltões


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

3.° — Será de 10 annos a duração da sociedade, que terá sua séde na cidade do Recife.

4.° — O minimo do capital será de 200:000$000 dividido em 4.000 acções de 50$000.

No acto da subscripção os socios realizarão 40 % do capital.

O restante do capital poderá ser pago em prestações mensaes, calculadas de modo que dentro de seis mezes fique realizado o minimo do capital.

5.° — Para constituir o fundo de reserva cada socio entrará com a joia de 10$000.

6.° — A responsabilidade dos socios pelas operações sociaes fica limitada á importancia do capital que subscreverem.

7.° — A sociedade terá por objecto geral normaliazar o commercio de assucar e outros productos agricolas e defender os interesses commerciaes do productor.

Para este fim poderá:

a) receber o assucar e quaesquer outros productos agricolas de seus associados, vendel-os no mercado do Recife ou exportal-os para os mercados nacionaes e estrangeiros, conforme julgar mais conveniente aos interesses de seus associados;

b) encarregar-se de receber a quota de assucar que, como medida valorizadora, se deliberar exportar para o estrangeiro, de accôrdo com os demais Estados productores, e de providenciar para a prompta venda desta quota nas melhores condições que possa obter;

c) prestar a todos os associados informações semanaes sobre a situação dos mercados, de modo a estabelecer os preços que o assucar e outros productos possam razoavelmente obter;

d) organizar de accôrdo com as associações e syndicatos agricolas a estatistica exacta da producção, solicitando destas associações e das autoridades municipaes uma relação exacta de todas as propriedades agricolas, com o fim de organizar um registro de todas ellas, com indicação do seu valor, capacidade média de producção e producção effectiva em cada safra.

A avaliação prévia da safra de assucar deverá ser feita até o dia 15 de julho, para sobre esta base, resolver-se a quota de exportação para o estrangeiro;

e) organizar um serviço regular de estatistica de producção e consumo, empregando todos os meios para garantir a exactidão e regularidade deste trabalho;

f) encarregar-se da venda do assucar e outros productos de seus associados, recolhidos aos armazens da sociedade;



g) proporcionar recursos a seus associados, sob a garantia do assucar e outros productos recolhidos aos armazens da sociedade, quando julgue conveniente demorar a venda;

h) comprar assucar no mercado para revender por sua conta, quando for conveniente aos interesses da valorização.

8.º — A sociedade será dirigida por uma Directoria composta de cinco membros, sendo um presidente, um vice-presidente, dois secretarios, um thezoureiro.

A Directoria será eleita por maioria de votos em assembléa geral.

Além da Directoria, terá a sociedade um Conselho Administrativo de 21 membros egualmente eleitos em assembléa geral.

Os estatutos precizarão as attribuições da Directoria e do Conselho Administrativo.

9.º — Depois de deduzidos 20 °/ₒ para fundo de reserva, os lucros liquidos apurados annualmente serão distribuidos como dividendo.

Em caso algum se distribuirá dividendo superior a 10 °/ₒ.

O excesso sobre essa porcentagem será creditado aos socios, proporcionalmente ao capital que tenham na sociedade, e convertido em novas acções.

10. — Os estatutos determinarão o modo de admissão e demissão dos socios.

11. — As acções não poderão ser transferidas a pessoas extranhas á sociedade.

12. — Em regulamento determinará a Directoria a contribuição que a sociedade deverá cobrar por sacco de assucar recolhido a seus armazens, e bem assim sobre a commissão de venda que deverá caber á sociedade.»

Centro Commercial Industrial e Agricola de S. José do Rio Pardo

A crise do café, em S. Paulo, despertou nos lavradores daquelle Estado o espirito de associação, para a defesa dos interesses communs.

O primeiro municipio do Estado que praticamente executou o lemma: — *União pela vida*, foi o de S. Carlos, que fundou o Club da Lavoura, tendo este creado o primeiro campo particular de experiencias, que foi dirigido pelo Dr. Gomes Carmo.

S. Carlos, foi tambem o primeiro municipio que levantou a estatistica agricola e zootechnica.

Em seguida, outros municipios crearam Bancos de Custeio e alguns fundaram os Syndicatos Agricolas.

O municipio de S. José do Rio Pardo, habitado por fazendeiros adiantados e intelligentes, entre os quaes se conta o illustre Dr. Candido Rodrigues, esteve sempre na vanguarda dessa nova ordem de idéas e fundando o seu *Centro Commercial e Agricola*, veio dotar a lavoura, o commercio e a industria de um poderoso elemento de prosperidade para aquelles que exercem o seu trabalho, em qualquer um desses ramos de actividade.

Além da sua rica e intensiva lavoura de café, o municipio de S. José do Rio Pardo, é actualmente um dos maiores productores de arroz, sendo que a maior cultura desse cereal, no estado de S. Paulo, está situada naquelle municipio; é feita mechanicamente, abrange uma área de cem alqueires (o alqueire paulista é de cem braças por cincoenta) e de propriedade do Coronel Alipio Dias.

Do referido Centro Industrial e Agricola do dito municipio, recebeu o Dr. Wenceslão Bello, presidente desta sociedade, o honroso officio que passamos a transcrever.

« Cumprimos o grato dever de vir, embora tardiamente, apresentar a V. Ex. a nossa admiração pelo zelo e dedicação, com que essa respeitavel sociedade trata dos assumptos que lhe são inherentes, como se vê da serie de boletim, catalogos e outros trabalhos de summa importancia, com que temos sido obsequiados.

Nessas publicações, a que ligamos a maxima importancia pela proficiencia que revelam, vê-se o estudo acurado que profissionaes de fina tempera dedicam a todos os ramos da lavoura e da industria, sobresahindo o intitulado « A Previdencia e o Credito Agricola » que é para lamentar sinceramente que os nossos lavradores não ponham incontinenti em pratica os saluberrimos conselhos que lhes são dados com tanta largueza de vistas e tanto altruismo.

Fazemos ardentes votos pelo sempre crescente progresso dessa importantissima sociedade, pedindo a V. Ex. que acceite os protestos de nossa sincera gratidão e cordiaes cumprimentos. »

Assignados. — *José Candido Pereira da Silva*, presidente; e *Adriano da Silva Ramalho*, secretario.

Saneamento da baixada do Rio

Por ordem do Governo central, foi encarregado o Ministerio da Viação de promover e executar o saneamento dos vastos terrenos que constituem a baixada do Rio de Janeiro, afim de que elles se tornem prestadios á agricultura e á industria pastoril.

Como é sabido, em tempos um tanto remotos, foram aquellas paragens um nucleo relativamente intenso de producção agricola, sobretudo de cereaes, devendo-se iniciativa tão fecunda e tão pratica aos que representavam naquella época a companhia de Jesus.

Homens emprehendedores e sagazes, senhores dos segredos que a sciencia em seus differentes modos de ser lhes confiava, activos, intelligentes, laboriosos, não lhes passou despercebida tão feracissima zona, tão uberrimo sólo, rica e naturalmente servido por um systema potamographico que lhes ficava de feição, e lhes facilitava enormemente o transporte dos productos d'alli oriundos para o maior e mais proximo centro consumidor que era e é esta cidade do Rio de Janeiro, em continua evolução, e onde tinham elles o seu mosteiro, centro, fóco de suas multiplas cogitações, dulcificante abrigo ás fadigas do corpo e ás incubrações do espirito.

E assim foi que elles se valendo das vantagens que por tal meio a natureza lhes offerecia, estabeleceram alli a cultura da canna de assucar, do arroz, da mandioca, do milho, da araruta, etc., constituindo assim uma cellula polynuclear em que a intensidade da funcção era motivo de justo pasmo e de grande admiração para os poucos que a conheceram *de visu*.

Factos politicos posteriores, intimamente ligados á não permanencia dos jesuitas no Brasil, o descaso e o abandono da larga área productiva, muito concorreram para que ulteriormente ella entrasse em franca decadencia, decadencia que se foi tornando avassaladora, tudo dominando, tudo transformando, no sentido da mingua da producção e do trabalho, de uma atrophia, de uma esterilidade brutal, dolorosamente esmagadora.

Os rios, os canaes que drenavam e irrigavam o sólo, foram sendo obstruidos, á mercê das contingencias da propria natureza, a ponto de alguns entre elles terem desapparecido de todo, mal deixando um rasto ou traço que ainda lhes memora uma existencia remota e fertilissima.

Agindo a natureza por si só, em plena e franca liberdade de suas forças, dos seus elementos componentes, em requintes de uma exuberancia propriamente selvagem, então por completo da acção correctiva e preciosa do homem civilizado que se não fizera sentir mais, ella, a natura fez quanto podia e lhe cabia naquella limitada zona em cujo seio, durante um dilatadissimo periodo, foi armazenando, guardando, haurindo extraordinarios e pujantes elementos que a fazem agora ainda mais valiosa pela uberdade que nella se nota.

O Governo cuidando, como deve, do aproveitamento della para reviver e estimular quanto lá se acha adormecido, como num sonho cataleptico que por demais tem durado, mostra, ainda uma vez, o vivo empenho em que se acha de promover, por todos os meios, o desenvolvimento de todas as forças esparsas pelo paiz, que, orientadas e congregadas convenientemente podem constituir outros tantos elementos de progresso e de riqueza.

Foi por sentir de tal modo que esta sociedade enviou, ha annos, ao Sr. General Quintino Bocayuva, quando presidente do Estado do Rio de Janeiro, os seus mais vivos e calorosos applausos pelo patriotico tentame do saneamento da baixada do referido Estado, que por motivos ponderosos e alheios á sua vontade se não realizou, e, agora os repete ao Governo da Nação ainda mais vehementes, vibrantes e sinceros.



A LAVOURA NO ESTRANGEIRO

Arvore de manteiga

E' o appellido que a industria franceza applicou no nosso *coqueiro da Bahia*, depois que com suas amendoas conseguiu manipular a *cocose*.

São notorias as utilidades que a industria, mesmo a mais elementar, aproveita do precioso coqueiro, que tão luxuriantemente medra em extensissima zona brasileira: o tronco fornece madeira para construcção e para marcenaria; as folhas dão excellente colmo para cobertura de casas rusticas e fibras para tecer desde o cesto até o chapéu; com a

seiva se fabrica o *vinho de palma*, de que se confecciona alcool ou vinagre; das flores se compõe optimo assucar; o côco verde offerece saborosa agua, sempre fresca, mesmo sob o calor tropical, e tão abundante em algumas variedades, que na Ilha da Reunião uma dellas mereceu o cognome de *sete copos*; a amendoa, quando madura, é sadio e forte alimento; das fibras que revestem o côco se trançam cordoalhas, se fazem vassouras, tapetes, etc.; finalmente, e só para não alongar a rememoração dessas utilidades, a industria extrahe da amendoa, ha muitos annos, um apreciado oleo, que a perfumaria applica em varios de seus productos, entre outros o afamado *sabão de Marselha*.

Modernamente algumas usinas marselhezas, que só de si constituem activo mercado de amendoas de côco, estão extrahindo dellas a manteiga já bastante conhecida e acreditada com o nome de *cocose*.

A materia prima é a amendoa secca ao sol, que, mediante processos industriaes, fornece manteiga branca, sem impureza, fundindo-se ao calor de 26 gráos.

Em menos de 10 annos a fabricação desse producto elevou a importação da materia prima, em França, de 62 000 toneladas a 120.000, e só as usinas de Marselha distribuiram ultimamente mais de 20 milhões de kilos de *cocose* pela França e pelo estrangeiro.

Não só a procura é activa como as autoridades profissionaes recommendam com encarecimento o producto: o chimico Paul Hubert publicou delle a seguinte analyse: «contém mais de 90 % de graxa vegetal e insignificante quantidade d'agua, emquanto que a manteiga de vacca accusa 85 % de graxa e 15 % d'agua».

O professor Florence, da Faculdade de Lyon, informou: «Muito se assemelha, sob todos os pontos de vista, á manteiga de vacca; tem gosto agradavel, presta-se perfeitamente a todos os usos culinarios, é muito assimilavel, de facil digestão e tem acima dessa a vantagem consideravel de se conservar sem ranço durante muito tempo, mais de um anno, mesmo exposta ao ar.»

Quanto ao preço, sendo em França o custo médio da manteiga de vacca 3 frs. 50 a 4 frs. por kilo, a *cocose* se vende correntemente por metade.

São as colonias tropicaes francezas que abastecem de materia prima essa industria, destinada a largo futuro.

Os succedaneos do café

Augmenta, de anno para anno, a producção dos pseudos succedaneos do café, o que indica a tendencia, sempre maior, para o consumo desse genero, mesmo nas adulterações que mal o arremedam ou delle só imitam o rotulo aliciador.

A seguinte nota estatistica é demonstrativa da enorme producção desses concurrentes :

PAIZES	FABRICAS	PRODUCÇÃO kilos
Italia	23	3.200.400
Austria-Hungria. . . .	568	27.860.000
Allemanha	723	100.000.000
França.	166	24.581.400
Belgica	—	60.000.000
Rumania	1	10.000
Hespanha.	16	226.000.000
Totaes. . . .	1.497	441.651.800

Si a esse total de 441.651.800 kilos se accrescentar 25 % do peso, porcentagem que o café perde na torração, verificar-se-á que o total em grãos do genero verdadeiro teria de ser de 552.064.750 kilos ou 9.201.079 saccas.

Quer dizer, que a producção mundial não bastaria ao consumo, que exige actualmente cerca de 18 milhões de saccas.

Para a luta em que se empenham a chicorea torrada, o café de cereaes e figos e quejandos concurrentes contra o producto genuino muito lhes vale a inferioridade dos preços, do que é elemento prestante o gravame dos direitos de importação, de um lado, e o acoroçoamento do fisco protector, do outro.

O seguinte quadro indica a differença dos preços nos mercados consumidores :

INGLATERRA

Café moido, 1 libra.	1s/01/2
Chicorea em pó, 1 libra.	5d

FRANÇA

Café torrado, 1/2 kilo.	2 fr.
Café de cereaes, 1/2 kilo	1,10 »
Chicorea Casiez, 1/2 kilo	0,60 »

SUISSA

Café torrado, 1/2 kilo	1 fr.
Chicorea Voelkers, 1/2 kilo	0,40 »
Café de malt, 1/2 kilo	0,60 »

ITALIA

Café torrado, 1 kilo	3 liras
Chicorea em pó, 1 kilo	1 lira

A campanha cada vez mais intensa movida em quasi toda a Europa e na America do Norte contra a falsificação dos generos alimenticios vem ajudar o café na sua defesa contra os succedaneos, quando menos obrigando-os a despirem os rotulos e feitios com que illudem a boa fé dos consumidores, ao se proporem como genero verdadeiro, reduzidos cada vez mais e coercitivamente a se confessarem o que de veras são, qualquer cousa que não é café.

Na Suissa recente lei federal dispoz :

Art. 136. Sob o nome de café, chá, cacáo, não se devem pôr no commercio senão productos naturaes, sem mistura e sem alteração.

Art. 144. Os succedaneos do café devem trazer no envolucro uma denominação (por exemplo — café de chicorea, café de chicorea e de bolotas) que não deixe nenhuma duvida sobre a materia prima empregada na fabricação. Além disso o envolucro deve trazer a razão social do fabricante ou do vendedor.

Aos contraventores é comminada a pena de prisão até um anno e multa até 2.000 francos.

Em França a lei de 1 de agosto de 1905 pune com prisão de tres mezes a um anno ou com multa de 100 francos a 5.000 aquelle que enganar a outrem sobre a natureza, qualidades essenciaes, composição ou conteúdo, em principios uteis, de uma mercadoria.

A funcção da propaganda, si se póde ajudar desse recurso repressivo, tem tanto que fazer ainda, que é quasi tudo.

O *Syndicato Geral da Defesa do Café* — constituido em Paris no anno passado, já iniciou a luta contra a falsificação; o preço baixo e o gosto enveterado hão de, porém, offerecer resistencia tenacissima, esquivando as comminações legaes, bastando para isso que os succedaneos não se inculquem por café genuino, senão pelo que effectivamente são.

Não ha, pois, esmorecer no terreno da propaganda expansiva, já encetada, envidando perseverantemente a persuasão dos paladares, o barateamento dos preços nos mercados consumidores, mediante a reducção dos direitos de entrada, a simplificação economica do apparelho complexissimo e vampiriano das vendas, mediante as cooperativas que levam o productor commercialmente quasi junto ao consumidor, mesmo estrangeiro, e demais expedientes já assás conhecidos em programmas, bem que pouco ou quasi nada experimentados na pratica systematica e diuturna.

A agricultura no Japão

A interessante revista *The Agricultural Journal of India* publicou um estudo minucioso acerca da organização agricola do Japão, demonstrativo do notavel desenvolvimento e efficaz coordenação de esforços em prol dos interesses de sua adiantada lavoura. Procurando acompanhar a orientação e as licções dos povos mais cultos e aprimorados nesse mister, o Japão, todavia, conserva seus moldes originaes, aproveitando a força adquirida de suas tradições seculares. E' conservador, intelligentemente progressista.

Cuida esforçadamente da educação agricola, que se diffunde em quasi todos os seus cursos escolares; assim, nas escolas elementares os alumnos aprendem já noções de agronomia e sciencias naturaes; todo professor nellas se habilita largamente nos cursos normaes; annexas a essas escolas, funccionam 1.436 supplementares, que ministram instrucção agricola mais desenvolvida; seus cursos são nocturnos ou professados durante o inverno; ha mais 118 collegios de agricultura, de dous gráos: no primeiro gráo ha cursos de tres annos com 27 horas de estudo por semana, afóra os trabalhos praticos; no segundo gráo os estudos duram tambem tres annos e são especializados; a todos estão annexas fazendas modelos, franqueadas ao povo

rural ; os professores fazem leituras publicas sobre assumptos que interessam á lavoura ; em Tokio, Sapporo e Morioka ha academias de agronomia, apparelhadas com laboratorios e fazendas modelos ; por todo o Imperio estão espalhadas estações experimentaes, cujos trabalhos são coordenados e dirigidos por um Departamento Central ; dessas estações partem 300 professores itinerantes que distribuem lições theoricas e praticas por toda a zona rural.

Por sua vez, a organização associativa é a mais extensa e capaz de resultados effectivos, «nenhum outro paiz, afirma a revista citada, tem-na tão perfeita».

Dividem-se as associações ruraes em de *prefeituras*, de *condados* e de *villas*, 46 das primeiras, 579 das segundas e 11.968 das ultimas. Para que se incorpore uma associação de villa é preciso que dous terços dos lavradores combinem, comtanto, que possuam dous terços das terras cultivadas ; os fundos sociaes se constituem com as contribuições dos associados. Cada uma dellas elege um representante e todos os de um condado formam a respectiva associação ; por sua vez os deputados dos condados formam a associação das prefeituras ; finalmente, essas enviam representantes ao Conselho Central de Agricultura.

As associações das villas promovem perante o governo os interesses da lavoura local, fazem selecção e destribuição de sementes, combatem as molestias que flagellam as plantações, fazem culturas experimentaes, exposições, conferem premios de animação, mantêm escolas, conferencias, publicam boletins, etc. Além disso funccionam tambem como cooperativas de compra e de venda.

As associações dos condados e das prefeituras guiam e ajudam as das villas

As culturas são feitas com o maximo esmero, usando-se dos arados mais aperfeiçoados e de todos os apparelhos uteis em geral ; o preparo dos adubos convenientes é o mais perfeito ; e a electricidade vae substituindo já em larga escala os antigos motores.

Dessa convergencia unanime de esforços dos agricultores, ajudados fortemente pelo patrocinio activo e illustrado do governo, decorre a prosperidade assombrosa do Japão na industria agraria, como em todas as modalidades de sua vida social.

O quadro de sua exportação é significativo:

Em milhões de yens:

1889	214.930
1901	252.000

1903	289.000
1905	321.000
1907	378.240
1908	432.431

O algodão

Já neste boletim se chamou a attenção dos srs. agricultores para o mercado de algodão onde a procura está sobrepujando a offerta, o que determinou alta notavel de preços.

As seguintes notas estatisticas, referentes aos Estados Unidos da America do Norte, são bastante expressivas; são da revista *L'Economiste Européen*.

Durante o anno passado as exportações de algodão baixaram sensivelmente, attingindo apenas a 7.864.116 fardos, contra 8.431.124, em 1908, e 8.814.344, em 1907. Por sua vez o valor dessas exportações excedeu ao dos annos 1908 e 1907.

Durante os quatro ultimos annos o preço médio e o valor das exportações se resumem assim:

ANNOS	EXPORTAÇÃO	VALOR	PREÇOS
	fardos		
1906	7.442.766	412.646.371	10.7
1907	8.121.844	468.972.924	11.4
1908	8.431.124	438.555.422	9.6
1909	7.864.116	550.488.120	14.0

As exportações do anno passado são, pois, superiores, de 111.913.698 dol., ás de 1908, apezar de uma diminuição em quantidade, de 678.578 fardos.

Os succedaneos da borracha

Além de muitos outros, entrou na concurrencia o *guayule* sobre que um consul americano no Mexico informou recentemente: « *O guayule* era ha cinco annos passados quasi desconhecido como factor commercial ; em 1905 os Estados Unidos importaram cerca de $125.000 desse producto e em 1909 cerca de $2.250 000, sómente do districto de Durango. Já hoje se empregam milhares de trabalhadores nessa exploração que prospera largamente.

Agora se annuncia um outro concurrente, destinado ainda a melhores resultados, conforme informa o consul ; é que foi verificado que a selva do *pau vermelho*, arvore abundante nas mattas mexicanas, contém 33 1/3 % de gomma elastica pura. A especulação já está adquirindo grandes extensões de terras povoadas dessa arvore.



NOTICIARIO

Commercio externo do Brasil em 1909. — Segundo dados officialmente publicados, o commercio internacional foi muito prestadio aos interesses economicos do Brasil durante o anno de 1909.

A importação elevou-se á £ 37.111.748 contra £ 35.491.410 em 1908 e a exportação á £ 63.724.440 contra £ 44.155.280 em 1908.

A differença, portanto, a favor da exportação no anno proximo findo de 1909 culminou por £ 26.612.692, emquanto que em 1908 ella attingiu tão sómente a £ 8.663.870.

Além desse saldo ouro a nosso favor, proveniente da differença acima referida, vem de molde a ser tambem assignalada a importação de £ 8.777.694 em moeda metallica, que, conduzidas á Caixa de Conversão augmentaram-lhe os depositos a ponto de representarem, até poucos dias, um valor de 14 milhões de libras esterlinas.

E' a opinião geral jamais ter sido a balança commercial tão favoravel ao Brasil.

Para esse facto tão auspicioso aos interesses do paiz, muito contribuiram, entre a rica variedade de nossos productos, os novo principaes, abaixo designados e nas proporções que se vão ler :

Café — (1909) Foram exportados 16.880.696 saccos, representando um valor de £ 32.475.170, contra (1908) 12.658.457 saccos avaliados em £ 23.030.231.

Borracha — (1909) Exportaram-se 39.026.738 kilogrammas equivalentes a £ 18.926.061, contra (1908) 38.206.461 kilos que alcançaram £ 11.784.637.

Tabaco — (1909) Foram remettidos para o exterior 29.791.757 kilogrammas, valendo £ 1.339.330, contra (1908) 15.263.861 kilogrammas na importancia de £ 811.200.

Assucar — (1909) A remessa deste producto attingiu a 70.257.784 kilogrammas, que deram £ 689.266, contra (1908) 31.577.391 kilos que obtiveram £ 305.597.

Mate — (1909) A exportação deste orçou por 58.017.850 kilogrammas no valor de £ 1.657.787, contra (1908) 55.314.625 kilogrammas avaliados em £ 1.650.341.

Algodão — (1909) Remetteram-se 9.968.114 kilogrammas, conseguindo um valor de £ 591.811, contra (1908) 3.531.715 kilogrammas na importancia de £ 206.158.

Couros — (1909) Exportaram-se 35.783.027 kilogrammas representando, valor em £ 1.819.541, contra (1908) 30.411.913 kilogrammas sob valor em £ 1.316.403.

Pelles — (1909) Foram enviadas para o estrangeiro 3.897.190 representando 972.319, contra (1908) 3.562.880 avaliadas em 704.121.

Cacáo — (1909) Exportaram-se 33.817.739 kilogrammas de um valor em 1.598.959, contra (1908) 32.955.920 kilogrammas que alcançaram 1.977.457.

Neste producto ha um reparo a fazer: a exportação sendo mais avantajada em 1909 do que em 1908, obteve no emtanto um valor menor.

E' tambem o unico producto que apresenta tal anomalia.

Os preços subiram para os seguintes productos.

Café.	29$094	31$626
Borracha	4$930	7$736
Assucar	$155	$156
Algodão	$924	$946
Couros.	$692	$812
Pelles	3$159	3$948

E diminuiram para esses outros:

Tabaco	$881	$713
Mate	$477	$453
Cacáo	$959	$751

Diante desses algarismos, cuja eloquencia é por demais notavel, póde-se dizer, sem tocar as raias de um optimismo ingenuo, que o Brasil sob o ponto de vista economico, caminha, avança, estuga os passos de gigante que é, para se emparelhar com os demais paizes adiantados e prosperos que, no emtanto, menos ricos, lhe teem tomado a dianteira.

Vida Infantil. — O Sr. Dr. Mario Bulcão teve a gentileza de offerecer a esta Sociedade um exemplar do seu livro, «Vida Infantil», que é um volume contendo noções de agricultura, zootechnia e educação civica.

O Dr. Garcia Redondo, no prefacio desse util livrinho disse: «A *Vida Infantil* é mais um guia para o mestre do que um compendio para o alumno.

E nisto é que está o grande merito da tua obra singela e boa.»

Carlos Botelho, quando secretario da Agricultura de S. Paulo, ao receber o livro do Dr. Mario Bulcão, escreveu-lhe felicitando-o calorosamente, e o mesmo fizeram a Sociedade Paulista de Agricultura, o Dr. Medeiros e Albuquerque e outros.

O excellente livro está já adoptado em diversos estabelecimentos de ensino primario.

Agradecemos ao Dr. Bulcão a offerta e o felicitamos pela publicação de mais essa obra didáctica.

Sociedade Brazileira Protectora dos Animaes — A directoria que tem de funccionar nos annos de 1910 a 1913 é a seguinte:

Presidente, Coronel Carlos Leite Ribeiro.

Vice-presidente, Americo da Silva Couto.

1º secretario, Theodoro Langgard de Menezes.

2º secretario, José Ferreira dos Santos.

1º thesoureiro, Rodrigo Teixeira de Andrade.

2º thesoureiro, Manoel Gomes Soares

Bibliothecario archivista, José Alberto de Vasconcellos.

Conselho fiscal: Antonio Camacho Filho, Dr. Luiz Testa da Silva Nunes, e commendador Antonio Nunes Pires.

Supplentes : Manoel Joaquim Ribeiro, Samuel de Oliveira e Nuno Castellões.

O cargo de director technico, exercido pelo fundador, coronel Dr. Carlos Costa, é vitalicio.

Sociedade Bahiana de Agricultura. — A Sociedade Bahiana de Agricultura, a que nos achamos ligados por identificação de idéas, por egualdade de interesses, teve a gentileza de nos communicar a eleição da nova directoria, cujos nomes abaixo designamos.

Antes porém de o fazermos, aqui deixamos os votos sinceros e effectivos que é de dever tributarmos pela sua prosperidade.

Directoria:

Presidente, Dr. Joaquim dos Reis Magalhaes.

1º Vice-Presidente, Cel. Viriato Freire Maria Bittencourt.

2º Vice-Presidente, Dr. Octaviano Muniz Barretto.

1º Secretario, Dr. Lindolpho Rocha.

2º Secretario, Dr. Tiberio de Figueiredo.

Supplentes, Engenheiro Luiz da França Imbassahy da Silva, Dr. Arthur Carneiro da Rocha.

1º Thesoureiro Euzebio de Britto Cunha.

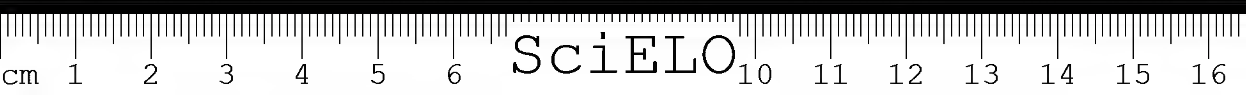
2º Thesoureiro Coronel José Abrahão Collin.

Supplentes Coronel Durval de Cerqueira Lima, Coronel Affonso Pedreira de Cerqueira.

CAMPOLINA



Eguas de criar


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Conselho Superior :

Dr. Joaquim Ignacio Tosta.
Barão de S. Francisco.
Monsenhor Samuel Elpidio de Miranda.
Dr. Alfredo Cesar Cabussú.
Dr. José Marcellino de Souza.
Commendador Henrique Pereira Teixeira.
Dr. João Ferreira de Araujo Pinho.
Dr. Francisco Marques de Góes Calmon.
Commendador José Gonçalves de Oliveira Reis.
Coronel João Severino da Luz Netto.
Dr. Emygdio Augusto de Sá Ribeiro.
Coronel Frederico Roiz da Costa.
Commendador Antonio Joaquim Gomes.
Engenheiro João Silveira.
Dr. Joaquim Climerio Dantas Bião.
Coronel Deraldo Dias.
Commendador José Alves Ferreira.
Dr. Francisco Vianna Bandeira.
Dr. Arthur Cesar Rios.
Dr. Francisco da Rocha Lima.
Dr. Francisco Bulhões Vianna.
Engenheiro Frederico de Moraes.
Manoel de Souza Machado.
Dr. João de Lima Velloso Gordilho.
Eduardo Dias de Moraes.
Commendador Pedro Mariani.
Barão do Assú da Torre.
Dr. Francisco Prisco de Souza Paraizo.
João David Fneles.
Dr. Arthur de Almeida Boaventura.

Immigração — Os primeiros immigrantes, chegados ao Brasil, vieram engajados pelo Senador Vergueiro, de saudosa memoria.

Grande fazendeiro, em Limeira, estado de S. Paulo, o Senador Vergueiro contratou na Allemanha uma leva de familias, que vieram trabalhar pelo systema de parceria.

Esse systema de trabalho contribuiu para a mutua prosperidade entre colonos e patrões, tanto assim que muitos descendentes desses colonos, são hoje proprietarios, em Limeira e Rio Claro, Piracicaba, Capivary e outros municipios de S. Paulo.

A corrente immigratoria para o Brasil, só se accentuou definitivamente quando foi ministro da Agricultura do Imperio, o Conselheiro Antonio Prado, que iniciou a immigração italiana para S. Paulo, sendo, porém, nos primeiros annos da Republica que essa corrente tomou grande incremento, especialmente para S. Paulo.

Extincto o Ministerio da Agricultura, os serviços de immigração ficaram a cargo dos estados, sendo que S. Paulo, Minas, Rio Grande, Paraná e Santa Catharina, são os que mais teem cuidado desse importante problema.

Em S. Paulo com a paralização da plantação do café, a immigração diminuiu.

O governo estadual, então para attrahir e augmentar a immigração fundou muitos nucleos coloniaes e o mesmo fizeram os estados do Rio Grande, Minas, Santa Catharina e Paraná.

O resultado foi o mais auspicioso possivel, pois esses nucleos constituem hoje verdadeiros centros de producção e trabalho.

O Dr. Miguel Calmon, criou, quando ministro da Viação, a repartição do Povoamento do Solo, que muito tem contribuido para augmentar a immigração para o nosso paiz, tendo fundado nucleos, no Estado do Rio, Minas e Paraná.

Mas, o magno problema da colonisação, como outros muitos que interessam á grandeza da nação, será resolvido, pelo Ministerio da Agricultura, graças aos efficazes trabalhos que alli estão sendo executados sob a acertada orientação do illustre Ministro Sr. Dr. Rodolpho Miranda.

Em seguida damos os dados demonstrativos do movimento immigratorio para o nosso paiz o anno passado, e tambem uma relação dos immigrantes entrados, em janeiro deste anno, pelos portos de Santos e Rio.

Attingiu a 85.416 o numero de immigrantes entrados o anno passado no Brasil.

O desembarque desses immigrantes realizou-se em doze portos do paiz, assim discriminados: Rio de janeiro, 42.765; Santos, 35.014; Pará, 3.539; Rio Grande do Sul, 1.019; Bahia, 843; Recife, 610; S. Francisco, 338; Paranaguá, 114; Florianopolis, 65; Itajahy, 45; Victoria, 20, e S. Luiz 16.

Comparando-se o movimento geral immigratorio do anno passado com o dos annos anteriores, chega-se á conclusão de que naquelle anno entraram mais 17.625 immigrantes do que em 1907, e menos 9.279 do que em 1908.

No primeiro semestre do anno passado houve no porto desta capital um augmento de 87 % sobre egual periodo de 1907 e de 24 % sobre os primeiros seis mezes de 1908.

Por conta do governo federal aceitaram hospedagem em cinco portos de desembarque nada menos de 23.895 immigrantes, não se levando em conta os que tiveram as suas despesas de hospedagem pagas pelos governos estadoaes.

Foram em numero de 15.879 os que, por conta do governo central, tiveram transporte em linhas de navegação costeira, e de 14.520 os que fizeram a viagem em estradas de ferro.

IMMIGRANTES DESEMBARCADOS NO PORTO DE SANTOS DURANTE O MEZ DE JANEIRO DE 1910

Italianos	717
Hespanhoes	787
Portuguezes	491
Turcos	127
Allemães	52

Austriacos	54
Francezes	13
Brasileiros	77
Argentinos	2
Russos	260
Norte-americanos	1
Inglezes	2
Gregos	3
Hollandezes	1
Suissos	3
Uruguayos	1
Total	2.651

PROCEDENCIA

Europa	1887
Asia	98
Africa	17
Norte-america	17
Argentina e Uruguay	409
Diversos portos	163
Total	2.651

Dos 2.651 immigrantes eram:

Expontaneos	1.614
Subsidiados	1.037
Total	2.651

IMMIGRANTES DESEMBARCADOS NO PORTO DO RIO, DURANTE O MEZ DE JANEIRO DE 1910

Entraram	2.547
Sendo:	
Expontaneos	1.905
Subsidiados	642
Homens	1.828
Mulheres	719
Solteiros	1.524
Casados	970
Viuvos	53

Familias de agricultores 155 com 818 pessoas.
» » outras profissões 83 » 230 »
Não constituidos em familia 1.468 »

1772 7

Nacionalidades

Portuguezes	1.033
Austriacos	324
Hespanhoes	232
Allemães	206
Italianos	191
Russos	108
Syrios	91
Hollandezes	87
Divorsos	262
	2.547

Destes immigrantes foram localizados 1.706, que tomaram os seguintes destinos:

Amazonas	13
Pará	2
Pernambuco	1
Espirito Santo	1
Districto Federal	3
Rio (nucleo colonial)	28
Minas (nucleo colonial)	82
S. Paulo	77
Paraná (nucleo colonial)	826
Santa Catharina	7
Rio de Grande do Sul (nucleo colonial)	666
	1.706

Estas collocações foram feitas por intermedio da Repartição do Povoamento do Solo, secção de immigração, installada na Avenida Central numero 13.

Os 841 immigrantes que faltam para completar os 2.547 vieram com distino certo.

Banco de Custeio Rural — A phenomenal producção de café do Estado de S. Paulo, produziu a superproducção do genero, sendo ella uma das causas da crise.

Tendo os preços do café caido á cotações que, quasi não davam para pagar os preços de producção, succedeu, então, o que acontecera em circumstancias eguaes em França, na Allemanha, etc.

Surgiu no espirito do lavrador a necessidade da associação.

Em França foi a cooperativa a medida salvadora.

Em S. Paulo, os fazendeiros appellaram, primeiramente, para os Bancos de Custeio Rural, que é uma das fórmas efficazes da união para a defeza de interesses communs, sendo que já existem diversas cooperativas em varios municipios cafeeiros do adiantado Estado.

Os Bancos de Custeio teem prestado grandes serviços á lavoura paulista, e todos elles teem prosperado, como se verifica pelos balancetes que passamos a

transcrever, precedidos pelo relatorio da Sociedade Incorporadora, que foi a fundadora dos referidos Bancos.

Para os balancetes desses novos estabelecimentos de credito e para o relatorio da Sociedade Incorporadora, chamamos a attenção dos senhores fazendeiros.

RELATORIO DA «SOCIEDADE INCORPORADORA» APRESENTADO Á ASSEMBLÉA DE 23 DE JUNHO DE 1909:

Senhores Accionistas — Mais uma vez a directoria da Sociedade Incorporadora cumpre com satisfação, o dever de vos relatar os negocios sociaes, pondo-vos ao corrente de tudo quanto possa interessar aos Bancos de Custeio Rural, instituição já bastante acatada por todos.

ELEIÇÃO — Na ultima Assembléa realizada em 17 de dezembro do anno passado, reelegestes todos os membros do Conselho Fiscal, a saber : para Fiscaes os accionistas — Doutores Antonio Candido Rodrigues, Antonio Dino da Costa Bueno e José Bonifacio de Oliveira Coutinho e para supplentes os accionistas — Doutor Sergio Meira, Alfredo Fortes e José Candido da Silveira. Procedendo-se ao sorteio entre os Directores, foi sorteado e em seguida reeleito por mais um triennio o Director Doutor Augusto Ramos. Vinha, porém, de longa data o desejo insistente deste nosso bom amigo e companheiro de renunciar ao cargo pela impossibilidade em que se julgava estar de exercel-o convenientemente, considerando as suas multiplas occupações. Depois de muito resistirmos, fomos afinal forçados a acceitar a sua renuncia, em sessão de 6 de março deste anno.

Em sessão de fusão com o Conselho Fiscal, realizada em 6 de março proximo passado, deliberámos, de conformidade com o art. 18 dos nossos Estatutos, nomear o Doutor Pedro Vicente de Azevedo, accionista do Banco de Custeio Rural de Lorena, para exercer provisoriamente o cargo de Director em substituição ao Doutor Augusto Ramos, e, em sessão de 8 de março o elegemos nosso Presidente.

Na presente Assembléa, deverá ser por vós eleito o Director que exercerá, de modo definitivo o mandato, durante o resto do triennio a terminar em 31 de dezembro de 1911.

A nomeação do novo Presidente em o mez de março e a necessidade que então tivemos de pol-o ao corrente de todos os negocios da federação, tarefa que se não realiza apenas em alguns dias, motivaram o adiamento da presente Assembléa, que deveria ser realizada naquelle mez.

BANCOS DE CUSTEIO RURAL — Nenhum novo Banco de Custeio Rural foi constituido neste anno de 1909. A directoria espera, porém, recomeçar as novas constituições no proximo mez de julho, visto ser no segundo semestre do anno que os pedidos de custeio se pronunciam em todo o Estado.

Ao entrarmos no corrente anno, já estavam convenientemente installados e regularmente funccionando os dezenove Bancos de Custeio Rural que presentemente constituem a nossa federação. Todos esses estabelecimentos continuam operando regularmente e com os negocios em progressivo augmento.

Seria demasiado longo relatar aqui os negocios de todos os Bancos de Custeio Rural, cujos relatorios, referentes ao passado exercicio temos todos e os pomos á vossa disposição. Julgamos, entretanto, interessante salientar que os contractos para fornecimento de custeio em vigor nos Bancos de Custeio Rural, em 31 de de-

zembro de 1907, eram apenas na importancia de 471:460$000, subindo em 31 de dezembro do anno passado a 2.362:634$700. No momento essa importancia se eleva a 2.637:084$300 e a nossa provisão é de que em 31 de dezembro do corrente anno os contractos em vigor attingirão pelo menos a somma de 6.000:000$000.

NEGOCIOS SOCIAES — Em annexo sob n. 1, acompanha este relatorio o balanço encerrado em 31 de dezembro do anno passado.

O activo real da Sociedade, pelo referido balanço, isto é, o que lhe pertence a receber de terceiros, moveis, acções, stock de livros, dinheiro e saldos nos bancos,

monta a	1.177:095$084
e o seu passivo, isto é, o que ella deve a terceiros, correntistas, sociedades da federação, portadores de cheques e por dividendos a pagar, importa apenas em	162:708$391
resultando uma differença de	1.014:386$693

que representa o saldo livre de que dispõe a Sociedade e que é constituido pelas tres seguintes parcellas:

Capital	1.000:000$000
Começo do 3º augmento do Capital	10:000$000
Lucros suspensos	4:386$693
	1.014:386$693

Relativamente aos lucros e perdas da Sociedade, cujo quadro juntamos em annexo sob n. 2, isto é, sua receita e despesa, cumpre-nos ponderar que a Sociedade Incorporadora, dedicando-se, desde a sua fundação até o fim do anno passado, quasi que exclusivamente a fazer funccionar regularmente os Bancos de Custeio Rural, foi obrigada a despender por sua conta em viagens e ordenados de praticantes, isto é, preparar o primeiro grupo de secretarios, condição esta da mais elevada importancia para o feliz exito da instituição. Por outro lado, não dispoz de tempo sufficiente para crear e impulsionar novas fontes de receita. Pelas razões expostas não pode a Sociedade distribuir dividendo aos Bancos de Custeio Rural e nos julgamos felizes de termos podido, apezar das difficuldades dos primeiros tempos, não só dar dividendo aos accionistas fundadores da Sociedade (os quaes teem preferencia pelos nossos Estatutos), mas ainda levar para a conta de lucros suspensos a pequena quantia de 4:386$693.

Daqui para o futuro os nossos lucros liquidos tendem a melhorar bem, não só pela suppressão das despesas com praticantes, que hoje não teem mais ordenados, mas tambem pelas novas fontes de receita, que se vão prenunciando promissoramente e entre ellas as commissões por passagens de dinheiro para o interior, as cobranças de ordens tambem no interior e as commissões sobre fornecimentos ás collectorias.

A nossa instituição, além dos serviços especiaes que presta á lavoura, tambem vae servindo de modo assignalado ao commercio. Só as passagens de dinheiro do interior para S. Paulo e de umas para outras localidades montam, até o presente, a 4.685:094$770.

CONCLUSÃO — Ao encerrarmos o presente relatorio, não podemos deixar de patentear a nossa satisfação pelo facto do comparecimento a esta Assembléa dos representantes dos ultimos dez Bancos do Custeio Rural, que foram incorporados á federação em dezembro do anno passado, perfazendo o numero de dezenove. A Directoria terá prazer em supprir por meio de informações que lhe forem sollicitadas as lacunas do presente relatorio.

S. Paulo, 15 de junho de 1909.— *Pedro Vicente de Azevedo*, Presidente; *José Antonio Marcondes Machado*, Vice-Presidente; *Jacintho de Barros*, Director especial; *Antonio Machado Cesar*, Gerente.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal da Sociedade Incorporadora dos Bancos do Custeio Rural, hoje reunido, tendo presentes o balanço, papeis e livros relativos ao movimento do anno de 1908, declara que encontrou tudo na devida ordem, e por isso é de parecer que sejam approvadas as contas apresentadas pela Directoria, que, sem duvida, é credora de louvores pelo zelo da administração e pelo movimento dado aos interesses sociaes.

S. Paulo, 19 de junho de 1909.— *A. Dino Bueno, José Candido da Silveira, Alfredo Alberto Fortes.*

Annexo n. 1

SOCIEDADE INCORPORADORA

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1903

ACTIVO

Accionistas			
Pelas entradas a realizar.	. . . . .	752:300$000	
Obrigações a receber :			
Importancia a receber de accionistas dos bancos de custeio rural.	43:120$000		
Contas Correntes :			
Saldos devedores.	82:955$120		
Sociedades da Federação			
Saldos devedores dos bancos de custeio rural	133:69[illegible]$561		
Secção de compras :			
Saldo desta conta	65$[illegible]	2[illegible]:417$651	
Moveis e utensilios :			
Pelos existentes.	7:45[illegible]$400		
Acções de sociedades da federação			
Valor realizado das acções adquiridas . .	73:[illegible]$000		
Stock de livros e impressos :			
Pelos existentes	2:72[illegible]$413	83:[illegible]41$430	
Caixa			
Existente em dinheiro.	7:[illegible]$373		
Brasilianische Bank für Deutschland			
Importancia de nosso credito em conta corrente.	1:373$000		
The British Bank of South America Ltd			
Importancia de nosso credito em conta corrente.	71:33[illegible]	8[illegible]:[illegible]35$973	1.177.095$084
Deposito da Directoria :			
Acções depositadas em garantia de sua gestão	. . . . .	. . . . .	4.000$000
Rs.	. . . . .	. . . . .	1.181:0[illegible]$084

PASSIVO

Capital :			
Valor nominal de 10.000 acções a Rs. 100$000 cada uma.	. . . . .	1.000.000$000	
Terceiro augmento de capital :			
Importancia de 10 % realizada pelos Bancos de Custeio Rural sobre acções que subscreveram do Centro	. . . . .	10:000$000	1.010:000$000
Contas correntes :			
Saldo credor.	2:342$720		
Sociedade da Federação :			
Saldos credores dos Bancos de custeio Rural.	148:672$171	151:014$891	
Cheques a pagar :			
Importancia dos cheques a pagar. . .	9:[illegible]$500		
Dividendos a pagar :			
Importancia dos dividendos a pagar. .	1:555$000	11:693$550	162:708$891
Caução da Directoria .			
Acções caucionadas.	. . . . .	. . . . .	4:000$000
Lucros suspensos :			
Saldo desta conta	. . . . .	. . . . .	4:386$593
Rs	. . . . .	. . . . .	1.181:095$084

S. Paulo, 15 de junho de 1904. — *José Antonio Marcondes Machado* — Vice-presidente, *Jacinth de Barros* — Director especial, *Antonio Machado Cesar*—Gerente.

Annexo n. 2

SOCIEDADE INCORPORADORA

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA «LUCROS E PERDAS» EM 31 DE DEZEMBRO DE 1908

DEBITO		CREDITO	
Despesas de installação :		Saldo:	
Saldo desta conta que poderia permanecer sob o mesmo titulo mas que fica extincta	2:979$250	Em 31 de dezembro de 1907	1:717$195
Despesas Geraes :		Juros, descontos e commissões	
Saldo	42:117$466	Saldo.	14:317$964
Dividendos a pagar :		Dividendos recebidos :	
2.º dividendo de 10 % sobre o capital realisado dos accionistas fundadores da Sociedade	1:270$000	Saldo.	81$500
Lucros suspensos:		Incorporações :	
Saldo liquido transferido para esta conta	4:386$693	Saldo.	34:636$750
Rs.	50:753$409	Rs.	50:753$409

S. Paulo, 15 de junho de 1909. — *Antonio Machado Cesar* — Gerente.

Acta da Assembléa Geral Ordinaria da Sociedade Incorporadora, em 23 de Junho de 1909, para a approvação do relatorio e contas do anno de 1908 e eleição de um Director

Aos vinte e tres dias do mez de Junho de mil novecentos e nove, á uma hora da tarde, na séde da Sociedade Incorporadora, á rua Alvares Penteado numero trinta e dois, presentes trinta e sete accionistas, representando sete mil duzentas e dez acções, conforme se verifica no livro de presenças, assumiu a presidencia o Dr. Pedro Vicente de Azevedo, que convidou para secretarios os Drs. Antonio Mercado e Veiga Filho, os quaes acceitaram e tomaram assento. O Dr. Presidente expoz os fins da primeira parte da ordem do dia, que, conforme annuncio feito nos jornaes da capital e cartas dirigidas aos socios, constaria da leitura do relatorio da Directoria e parecer do Conselho Fiscal, afim de serem as contas do exercicio de mil novecentos e oito submettidas á approvação da Assembléa. E' lido o parecer do Conselho Fiscal e, a requerimento do accionista Dr. Siqueira Campos, é dispensada a leitura do relatorio, visto ter elle sido publicado pela imprensa e em folhetos distribuidos aos accionistas. Postos em discussão e á votação, são approvados o relatorio e as contas apresentadas pela Directoria. Tendo de se passar á segunda parte da ordem do dia, o Dr. Pedro Vicente passa a presidencia ao Dr. José Antonio Marcondes Machado, Vice-Presidente da Sociedade, que, assumindo a Presidencia, declara que tambem fôra convocada a presente Assembléa para se proceder á eleição de um Director, e convida os Srs. accionistas a enviar á mesa os seus votos á proporção que forem chamados pelo secretario. Recolhidas trinta e cinco cedulas e procedendo-se á apuração, é proclamado eleito por unanimidade de votos o Dr. Pedro Vicente de Azevedo, que, convidado para tomar posse e assumindo de novo a presidencia, agradeceu a eleição e prometteu cooperar tanto quanto possivel, para o progresso da instituição dos Bancos de Custeio Rural, procurando assim corresponder á confiança que lhe é dispensada pela Assembléa. Pede a palavra o Dr. Jacintho de Barros e, fazendo apreciações geraes sobre a Sociedade Incorporadora, congratula-se com ella pela eleição do Dr. Pedro Vicente, de quem muito lucrará, já pela sua capacidade intellectual e perfeito conhecimento de assumptos bancarios, como pela boa vontade com que vem exercendo interinamente o mandato. Usa então da palavra o Dr. Almeida Nogueira e propõe um voto de louvor ao Dr. Jacintho de Barros a quem o Estado de São Paulo deve a organização da Sociedade Incorporadora e dos Bancos de Custeio Rural os quaes tão bons serviços estão prestando á lavoura e ao commercio, e congratula-se com o mesmo doutor pela prosperidade de tão util instituição de credito. Submettido á votação, é unanimemente approvado o voto alludido. Usa ainda da palavra o Dr. Aureliano de Gusmão e propõe que a mesa fique autorizada a assignar a acta. Posta em discussão e á votação é approvada essa proposta. Ninguem mais pedindo a palavra, o Dr. Pedro Vicente suspendeu a sessão e deu por terminados os trabalhos da presente Assembléa. E para constar foi lavrada a presente acta, que vae assignada pela mesa.— *Pedro Vicente de Azevedo, Antonio Mercado, João Pedro da Veiga Filho.*

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE LORENA

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo

Accionistas	75:600$000
Letras a receber	120:000$000
Sociedade incorporadora	65:852$180
Contas correntes	301$700
Titulos da federação descontados	15:000$000
Caixa	16:157$442
Estampilhas	165$800
Acções	50:000$000
Moveis e utensilios	3:032$100
Garantias recebidas	120:000$000
Caução	62:550$000
Acções caucionadas	3:000$000
The British Bank c/ caução	50:000$000
Juros, descontos e commissões	718$418
Despezas geraes	1:741$120
Total	584:298$760

Passivo

Capital	100:000$000
Mutuarios	36:243$800
Sociedade incorporadora c/ especial	40:000$000
Contas correntes	80:295$290
Pequenos depositos	3:600$290
Letras a pagar	32:606$950
Dividendos a pagar	183$000
Credito aberto	50:000$000
Emprestimos contractados	120:090$000
Titulos caucionados	62:550$000
Deposito da Directoria	3:000$000
Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio	50:000$000
Lucros suspensos	5:729$460
Total	584:298$760

BANCO CUSTEIO RURAL DE PIRASSUNUNGA

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo

Accionistas	82:300$000
Letras a receber	84:500$000
Sociedade incorporadora	20:594$110
Caixa	15:244$790
Estampilhas	42$801
Acções	50:000$000
Moveis e utensilios	2:[illegible]01$200
Garantias recebidas	84:500$000
Caução	71:000$000
Acções caucionadas	3:000$000
The British Bank c/ caução	50:000$000
Despezas geraes	2:263$300
Total	466:348$500

Passivo

Capital	100:000$000
Mutuarios	27:970$831
Sociedade incorporadora c/ especial	40:000$000
Contas correntes	16:114$600
Pequeno deposito	6:386$650
Letras a pagar	14:271$100
Dividendos a pagar	181$500
Credito aberto	50:000$000
Emprestimos contractados	84:500$000
Titulos caucionados	71:500$000
Depositos da Directoria	3:000$000
Governo do Estado de São Paulo c/ auxiliar	50:000$000
Lucros suspensos	1:903$510
Juros, descontos e commissões	1:017$006
Total	466:348$500

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE S. JOSÉ DO RIO PARDO

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo

Accionistas	101:700$000
Letras a receber	200:461$700
Contas correntes	15:[illegible]07$220
Caixa	23:797$258
Estampilhas	123$100
Acções	50:000$000
Moveis e utensilios	2:973$900
Garantias recebidas	200:840$000
Caução	64:140$000
Acções caucionadas	3:000$000
The British Bank c/ caução	50:000$000
Despezas geraes	2:702$000
Total	716:145$478

Passivo

Capital	132:000$000
Segundo augmento de capital	1:620$000
Mutuarios	41:217$469
Sociedade incorporadora c/ especial	35:000$000
Sociedade incorporadora	6:721$820
Contas correntes	31:546$419
Pequenos depositos	3:039$992
Letras a pagar	55:907$860
Dividendos a pagar	321$000
Endossos	30:000$000
Credito aberto	50:000$000
Emprestimos contractados	200:840$000
Titulos caucionados	64:140$000
Deposito da Directoria	3:000$000
Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio	50:000$000
Lucros suspensos	6:703$641
Juros, descontos e commissões	432$674
Joia	3:560$000
Total	716:145$478

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE JABOTICABAL

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo

Accionistas	71:400$000
Letras a receber	198:125$000
Effeitos a receber	673$920
Contas correntes	10:477$984
Caixa	45:166$087
Estampilhas	27$300
Acções	50:000$000
Moveis	2:851$500
Garantias recebidas	205:625$000
Caução	64:250$000
Acções caucionadas	3:000$000
The British Bank c/ caução	50:000$000
Despezas geraes	5:607$450
Total	707:204$251

Passivo

Capital	100:000$000
Primeiro augmento do capital	3:900$000
Mutuarios	71:938$672
Sociedade incorporadora c/ especial	35:000$000
Sociedade incorporadora	23:568$100
Contas correntes	21:879$006
Pequenos depositos	8:981$984
Depositos judiciaes	2:926$800
Letras a pagar	54:217$3[illegible]0
Dividendos a pagar	4:064$[illegible]00
Registro, custas e multas	55$000
Titulos por c/ de terceiro	673$930
Credito aberto	50:000$000
Emprestimos contractados	205:625$000
Titulos caucionados	64:250$000
Deposito da Directoria	3:000$000
Governo do Estado de São c/ auxilio	50:000$000
Fundo de reserva	1:008$116
Lucros suspensos	2:588$609
Juros, descontos e commissões	5:709$4[illegible]4
Joias	800$000
Total	707:204$251

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE S. MANOEL

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo

Accionistas	89:000$000
Letras a receber	16:500$000
Caixa	19:904$100
Estampilhas	60$900
Acções	50:000$000
Moveis e utensilios	3:529$800
Garantias recebidas	16:500$000
Acções caucionadas	3:000$000
Banco C. Italo-Brasiliano c/ caução	50:000$000
Despezas geraes	2:057$200
	251:551$140

Passivo

Capital	100:000$000
Mutuarios	3:462$100
Sociedade incorporadora c/ especial	40:000$000
Sociedade incorporadora	12:403$940
Contas correntes	2:850$700
Pequenos depositos	5:087$800
Letras a pagar	17:246$600
Emprestimos contractados	16:500$000
Deposito da Directoria	3:000$000
Governo do E. do S. Paulo c/ auxilio	50:000$000
Joias	1:000$000
	251:551$140

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE BOTUCATÚ

BALANCETE EM 30 JUNHO DE 1909

Activo

Accionistas	78:600$000
Letras a receber	83:700$000
Sociedade incorporadora	14:022$409
Contas correntes	29:103$800
Registros, custas e multas	92$000
Caixa	12:924$280
Estampilhas	52$100
Acções	50:000$000
Moveis e utensilios	3:047$500
Garantias recebidas	127:140$000
Caução	62:400$000
Acções caucionadas	3:000$000
The British Bank c/ caução	50:000$000
Despezas geraes	1:891$280
	545:973$429

Passivo

Capital	100:000$000
Primeiro augmento de capital	1:980$000
Mutuarios	29:701$900
Sociedade incorporadora c/ especial	40:000$000
Contas correntes	29:031$930
Pequenos depositos	2:525$760
Letras a pagar	14:408$160
Dividendos a pagar	413$700
Credito aberto	50:000$000
Emprestimos contractados	127:140$000
Titulos caucionados	62:400$000
Deposito da Directoria	3:000$000
Governo do E. do S. Paulo c/ auxilio	50:000$000
Lucros suspensos	2:909$720
Juros, descontos e commissões	2:459$459
	545:973$429

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE SANTA CRUZ DO RIO PARDO

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	76:500$000	Capital	100:000$000
Letras a receber	178:500$000	Mutuarios	35:340$100
Contas correntes	4:680$000	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000$000
Titulos da Federação descontados	15:000$000	Sociedade incorporadora	9:928$051
Caixa	11:830$937	Contas correntes	43:205$767
Estampilhas	30$200	Pequenos depositos	993$078
Acções	50:007$000	Letras a pagar	17:116$400
Moveis e utensilios	3:100$500	Dividendos a pagar	271$500
Garantias recebidas	178:500$000	Endossos	89:000$000
Acções caucionadas	3:000$000	Emprestimos contractados	178:500$000
The British Bank	50:000$000	Deposito da Directoria	3:000$000
Juros, descontos e commissões	1:015$254	Governo do E. de S. Paulo c/ especial	50:000$500
Despezas geraes	1:692$125	Lucros suspensos	6:494$120
Total	573:849$016	Total	573:849$016

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE SERRA NEGRA

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	76:900$000	Capital	100:000$000
Letras a receber	66:275$000	Primeiro augmento de capital	500$000
Sociedade incorporadora	2:414$974	Mutuarios	13:355$629
Contas correntes	2:224$377	Sociedade incorporadora c/ especial	35:000$000
Registro, custas e multas	5$576	Contas correntes	10:011$351
Titulos da Federação descontados	5:000$000	Pequenos depositos	927$606
Caixa	7:295$884	Letras a pagar	2:348$000
Estampilhas	28$000	Dividendos a pagar	153$500
Acções	50:000$000	Bonificações	64$750
Moveis e utensilios	2:698$000	Credito aberto	50:000$000
Garantias recebidas	66:275$000	Emprestimos contractados	66:275$000
Caução	66:275$000	Titulos caucionados	66:275$000
Acções caucionadas	3:000$000	Deposito da directoria	3:000$000
The British Bank c/ caução	50:000$000	Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio	50:000$070
Despezas geraes	1:710$160	Lucros suspensos	1:263$607
		Juros, descontos e commissões	773$528
Total	400:006$971	Total	400:006$971

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE SERTÃOSINHO

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	75:200$000	Capital	100:000$000
Letras a receber	147:000$000	Primeiro augmento do capital	6:300$000
Contas correntes	14:203$000	Mutuarios	31:642$167
Titulos da Federação descontados	13:750$000	Sociedade incorporadora c/ especial	35:000$000
Caixa	15:610$736	Sociedade incorporadora	5:656$690
Estampilhas	4$000	Contas correntes	38:225$507
Acções	50:000$000	Pequenos depositos	12:900$100
Moveis e utensilios	2:635$100	Letras a pagar	34:573$620
Garantias recebidas	153:000$000	Dividendos a pagar	500$000
Caução	62:500$000	Credito aberto	50:000$000
Acções caucionadas	3:000$000	Emprestimos contractados	153:000$000
The British Bank c/ caução	50:000$000	Titulos caucionados	62:500$000
Despezas geraes	2:245$507	Deposito da Directoria	3:000$000
		Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio	50:000$000
		Fundo de reserva	1:925$000
		Juros, descontos e commissões	1:125$559
Total	589:348$843	Total	589:318$843

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE PINDAMONHANGABA

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	78:400$000	Capital	100:000$000
Letras a receber	136:200$000	Primeiro augmento do capital	180$000
Contas correntes	800$000	Mutuarios	50:474$113
Titulos da Federação descontados	18:750$000	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000$000
Caixa	39:921$596	Sociedade incorporadora	2:217$704
Estampilhas	55$000	Contas correntes	39:062$308
Acções	50:000$000	Pequenos depositos	3:116$970
Moveis e utensilios	2:881$050	Letras a pagar	19:880$495
Garantias recebidas	136:200$000	Dividendos a pagar	300$000
Caução	65:000$000	Endossos	15:000$000
Acções caucionadas	3:000$000	Registros, custas e multas	8$200
The British Bank c/ caução	50:000$000	Credito aberto	50:000$000
Imposto de dividendo	18$312	Emprestimos contractados	136:200$000
Despezas geraes	2:395$120	Titulos caucionados	65:000$000
		Deposito da Directoria	3:000$000
		Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio	50:000$000
		Lucros suspensos	4:765$703
		Lucros eventuaes	61$220
		Juros, descontos e commissões	3:665$065
		Joia	80$000
Total	584:221$378	Total	584:221$378

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE RIBEIRÃO BONITO

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	75:100$000	Capital	100:000$000
Letras a receber	115:1[illegible]0$000	Primeiro augmento do capital	1:24[illegible]$000
Sociedade incorporadora	11:080$250	Mutuarios	38:569$100
Contas correntes	2:200$742	Sociedade incorporadora c/ especial	35:000$000
Caixa	9:832$159	Contas correntes	28:525$[illegible]45
Estampilhas	50$460	Pequenos depositos	3:281$140
Acções	50:000$000	Letras a pagar	26:186$900
Moveis e utensilios	1:006$100	Dividendos a pagar	1:400$700
Garantias recebidas	145:800$000	Endossos	9:000$000
Caução	62:400$000	Registro, custas e multas	$500
Acções caucionadas	3:000$000	Credito aberto	49:92[illegible]$900
Acções depositadas	2:700$000	Emprestimos contractados	145:800$000
The British Bank c/ caução	50:000$000	Titulos caucionados	62:400$000
Despezas geraes	877$460	Deposito da Directoria	3:000$000
		Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio	50:000$000
		Lucros suspensos	4:714$966
		Juros, descontos e commissões	457$020
Total	559:195$941	Total	559:195$941

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE LIMEIRA

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	75:900$000	Capital	100:000$000
Letras a receber	115:500$000	Mutuarios	30:724$700
Effeitos a receber	37$640	Sociedade incorporadora c/ especial	10:000$000
Sociedade incorporadora	11:493$400	Contas correntes	36:710$380
Contas correntes	76$900	Pequenos depositos	4:061$830
Caixa	17:176$260	Letras a pagar	13:[illegible]57$400
Estampilhas	23$700	Dividendos a pagar	270$700
Acções	50:000$000	Endossos	4[illegible]:000$000
Moveis e utensilios	2:778$2[illegible]0	Titulos por c/ de terceiros	37$640
Garantias recebidas	115:500$000	Emprestimos contractados	115:500$000
Acções caucionadas	3:000$000	Deposito da Directoria	3:000$000
The British Banck c/ caução	50:000$000	Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio	50:000$000
Juros, descontos e commissões	28$500	Lucros suspensos	4:330$150
Despezas geraes	2:081$200		
Total	443:595$800	Total	443:595$800

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE JAHÚ

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo

Accionistas	74:100$000
Letras a receber	112:190$000
Contas correntes	120$100
Caixa	25:072$096
Estampilhas	29$500
Acções	50:000$000
Moveis e utensilios	2:501$000
Garantias recebidas	142:190$000
Caução	63:000$000
Acções caucionadas	3:000$000
The British Bank c/ caução	50:000$000
Juros, descontos e commissões	1:836$096
Despezas geraes	1:907$000
Total	555:846$192

Passivo

Capital	100:000$000
Primeiro augmento do capital	1:140$000
Mutuarios	38:981$269
Sociedade incorporadora c/ especial	35:000$000
Sociedade incorporadora	13:250$482
Contas correntes	24:28[illegible]$331
Pequenos depositos	5:45[illegible]$960
Letras a pagar	16:103$800
Dividendos a pagar	1:049$500
Credito aberto	50:000$000
Emprestimos contractados	142:190$000
Titulos caucionados	63:000$000
Deposito da Directoria	3:000$000
Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio	50:000$000
Lucros suspensos	9:394$850
Total	555:846$192

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE RIBEIRÃO PRETO

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo

Accionistas	31:980$000
Letras a receber	500:500$000
Contas correntes	6:501$530
Caixa	25:204$840
Estampilhas	124$740
Acções	50:000$000
Moveis e utensilios	3:140$100
Garantias recebidas	219:000$000
Caução	67:750$000
Acções caucionadas	3:000$000
The British Bank c/ caução	50:000$000
Despezas geraes	1:726$615
Total	699:900$875

Passivo

Capital	100:000$000
Primeiro augmento do capital	4:200$000
Mutuarios	56:811$740
Sociedade incorporadora c/ especial	35:000$000
Sociedade incorporadora	15:342$130
Contas correntes	20:372$870
Pequenos depositos	1:467$835
Letras a pagar	25:250$000
Dividendos a pagar	1:101$000
Endossos	43:750$000
Credito aberto	48:500$000
Emprestimos contractados	219:000$000
Titulos caucionados	67:750$000
Deposito da Directoria	3:000$000
Governo do Estado de São Paulo c/ auxilio	50:000$000
Lucros suspensos	2:035$042
1º Fundo de reserva	941$026
2º Fundo de reserva	482$212
Juros, descontos e commissões	3:793$420
Total	699:900$875

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE JACAREHY

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	77:600$000	Capital	100:000$000
Letras a receber.	145:299$000	Mutuarios.	32:142$040
Effeitos a receber.	113$400	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000$000
Contas correntes	6:109$983	Sociedade incorporadora. . .	37:445$907
Registros, custas e multas. .	7$600	Contas correntes	8:186$621
Caixa	7:984$445	Pequenos depositos	374$216
Estampilhas.	79$560	Letras a pagar	16:630$900
Acções	50:000$000	Dividendos a pagar	1:153$000
Moveis e utensilios	2:495$200	Titulos por c/ de terceiros. .	113$400
Garantias recebidas.	156:285$000	Credito aberto	50:000$000
Caução	62:949$000	Emprestimos contractados. .	156:285$000
Acções caucionadas.	3:000$000	Titulos caucionados.	62:949$000
The British Bank c/ caução.	50.000$000	Deposito da Directoria . . .	3:000$000
Juros, descontos e commissões.	905$054	Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio.	50:000$000
Despezas geraes.	1:75 $210	Lucros suspensos	6:331$336
Total	564:581$422	Total	564:581$422

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE ITAPIRA

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	106:340$000	Capital	137:000$000
Letras a receber.	60:989$300	Mutuarios	16:327$450
Sociedade Incorporadora . .	647$230	Sociedade incorporadora c/ especial.	35:000$000
Registros, custas e multas. .	7$600	Contas correntes	20:491$460
Caixa	7:735$100	Pequenos depositos	5:411$000
Estampilhas.	20$400	Letras a pagar	11:148$440
Acções	50:000$000	Dividendos a pagar.	689$800
Moveis e utensilios	2.410$2 0	Emprestimos contractados. .	60:989$300
Garantias recebidas.	60:989$300	Deposito da Directoria. . . .	3.000$000
Acções caucionadas.	3:000$000	Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio.	50:000$000
Banco G. Italo-Brasiliano c/ caução	50:000$000	Juros, descontos e commissões	3:453$080
Despezas geraes	874$400		
Total	343:213$530	Total.	343:213$530

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE TAQUARITINGA

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo

Accionistas	84:200$000
Letras a receber	79:350$000
Caixa	10:314$330
Estampilhas	27$200
Acções	50:000$000
Moveis e utensilios	2:715$000
Garantias recebidas	79:370$000
Acções caucionadas	3:000$000
Banco C. Italo-Braziliano c/ caução	50:000$000
Juros, descontos e commissões	1:71[illegible]$933
Despezas geraes	1:328$600
Somma	361:863$063

Passivo

Capital	100:000$000
Mutuarios	3:841$852
Sociedade incorporadora e especial	40:000$000
Sociedade incorporadora	8:907$722
Contas correntes	3:636$679
Pequenos depositos	16[illegible]$200
Letras a pagar	5:560$370
Dividendos a pagar	298$0[illegible]0
Endossos	66:750$000
Cambiaes	291$9[illegible]0
Emprestimos contractados	79:350$000
Deposito da Directoria	3:000$000
Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio	50:000$000
Lucros suspensos	6[illegible]$360
Somma	361:863$063

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE TAUBATE'

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo

Accionistas	125:000$000
Letras a receber	156:350$000
Contas correntes	26:287$410
Committentes	390$100
Caixa	16:072$330
Estampilhas	99$800
Acções	50:000$000
Moveis e utensilios	2:593$600
Utensilios da casa intermediaria	757$100
Garantias recebidas	180:350$000
Caução	63:000$000
Acções caucionadas	3:000$000
The British Bank c/ caução	50:000$000
Despezas geraes	3:[illegible]50$250
Despezas da casa intermediaria	1:662$200
Despezas de installação	1:300$000
Despezas judiciaes	99$700
Somma	680:022$190

Passivo

Capital	150:000$000
Segundo augmento do capital	280$000
Mutuarios	39:681$836
Sociedade incorporadora e especial	35:000$000
Sociedade incorporadora	5:839$160
Contas correntes	61:67[illegible]$984
Pequenos depositos	1:390$800
Letras a pagar	31:934$000
Dividendos a pagar	352$500
Credito aberto	48:320$000
Emprestimos contractados	180:350$000
Titulos caucionados	63:000$000
Deposito da Directoria	3:000$000
Governo do E. de S. Paulo c/ auxilio	50:000$000
Lucros suspensos	354$555
Juros, descontos e commissões	4:439$255
Joia	4:000$000
Commissão da casa intermediaria	407$100
Somma	680:022$190

BANCO DE CUSTEIO RURAL DE DESCALVADO

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1909

Activo		Passivo	
Accionistas	75:290$000	Capital	100:000$000
Letras a receber	218:000$000	Mutuarios	41:144$036
Sociedade, incorporadora	32:118$050	Sociedade incorporadora c/ especial	40:000$000
Caixa	4:895$028	Contas correntes	78:734$530
Estampilhas	19$000	Pequenos depositos	2:296$773
Acções	50:000$000	Letras a pagar	51:499$600
Moveis e utensilios	2:695$400	Dividendos a pagar	1:203$000
Garantias recebidas	218:000$000	Endossos	12:000$000
Caução	65:000$000	Credito aberto	50:000$000
Acções caucionadas	3:000$000	Emprestimos contractados	218:000$000
The British Bank c/ caução	50:000$000	Titulos caucionados	65:000$000
Despezas geraes	2:168$300	Deposito da directoria	3:000$000
		Governo do E. de S. Paulo auxilio	50:000$000
		Lucros suspensos	6:893$373
		Juros, descontos e commissões	1:414$466
Somma	721:185$778	Somma	721:185$778



EXPEDIENTE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Horto da Penha

Por ter despertado interesse, reproduzimos neste numero a ligeira descripção que fizemos, em julho do anno proximo passado, das diversas secções do *Horto Fructicola da Penha*, secções que estão hoje muito desenvolvidas.

Situação — Dista da estação de « Olaria » quinze minutos de troly.

HORTO DA PENHA

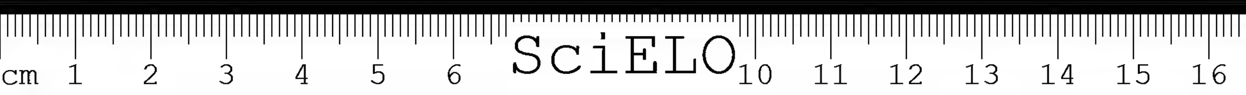


Porca napolitana, com os respectivos filhos

HORTO DA PENHA



Cultura do algodão, Sea Island


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Viagens — Tomar o bond do Cajú, ou S. Luiz Durão, ou S. Januario, que passam á porta da «Estação Praia Formosa» onde se toma o trem na plataforma B, da Estrada de Ferro Leopoldina. Tempo da viagem, 20 minutos.

Despezas — Importam em $900, sendo $400 de bond, ida e volta e $500 da passagem tambem ida e volta e ambos os transportes de primeira classe.

Conducção — Os pedidos de conducção devem ser feitos directamente a esta Sociedade, ou ao Dr. Paulino Cavalcanti, superintendente do Horto, sendo que a correspondencia sobre esse assumpto e que for destinada directamente ao referido Dr. Cavalcanti deve ser endereçada ao mesmo para a estação da Penha.

Horario dos Trens :

Manhã — 3.15, 4.0, 5.15, 6.40, 7.45, 8.35, 8.55, 9.30, 10.30 e 11.40.

Tarde — 12.40, 1.30 e 3.40.

Para volta ha tambem abundancia de trens.

O Horto — Composto de 20 hectares de terras, sendo argilosas nos altos e silico-argilosas nas baixadas, está dividido em diversas secções.

Gallinheiro — Typo commercial, obedecendo ao systema americano.

Construcção economica e que preenche os fins a que foi destinado.

O gallinheiro tem os compartimentos necessarios á criação das gallinhas, nas suas diversas phases.

E' assim que tem o «Isolamento», para as aves doentes, secção para as aves que estão pondo, para selecção dos productos mais perfeitos destinados á reproducção. Repartição apropriada para guardar ovos. Apparelhos e alimentos especiaes para engordar as aves destinadas ao mercado, alimentos diversos e adequados ao desenvolvimento dos pintos, medicamentos e antisepticos, etc.

Está funccionando constantemente a incubadora.

Tem mais ainda divisão especial para a producção de ovos infecundos para o commercio.

As experiencias nesta secção, visam dous fins: verificar quaes as raças que produzem melhor e mais abundante carne e quaes as que põem mais ovos.

Além do gallinheiro americano dividido nas secções já enumeradas possue tambem esta secção um gallinheiro portatil, que se arma em 25 minutos.

As vantagens desta installação consistem em facilitar ás aves colherem por si as hervas, terem maior área de piso, etc.

Pocilga — Esta secção destina-se ao estudo da criação e engorda de porcos.

Nesta, como nas demais secções deste Horto, se procura colher, por acurada observação e cuidadosas experiencias, os ensinamentos relativos aos processos mais economicos e mais remuneradores de criação e engorda e, portanto, verificar quaes as raças que melhor se adaptam entre nós e quaes os elementos mais apropriados á estes fins. Existem em experimentação raças nacionaes, norte-americanas e européas.

Apiario — Funccionam 18 colmeias modelo typo Schenk e Blondain.

Esta secção está convenientemente provida dos apparelhos necessarios e entre elles encontra-se: — o centrifugo para a extracção do mel, apparelho de Gonfle, para fazer os favos, derretedor de céra e apparelho para apanhar enxame, gaiolas para aprisionar rainhas, etc.

Em frente ao Apiario, ao ar livre, está installada a Colmeia Gigante, para a fabricação de cera e mel.

O Horto distribue gratis enxames e vende a 18$000 colmeias, typo Schenk.

Redil — Typo simples. O fim desta secção é verificar quaes as melhores raças de ovelhas, para lã e para carne, para serem indicadas aos Srs. criadores.

Cocheira — Dividida em duas secções.

Nas baias estão installados os muares e nos estabulos os bois destinados ao trabalho.

O preparo das rações é feito em compartimento proprio.

As rações são compostas de forragens nacionaes e estrangeiras, observando-se quaes as mais appetecidas pelos animaes e as vantagens peculiares a cada uma, pela engorda, força e resistencia que proporcionam aos animaes que dellas se alimentam.

Machinas agricolas — Esta secção dispõe de apparelhos para distribuir e pesar adubos chimicos e organicos, semeadores de milho, feijão, etc., arrancador de batata ingleza, arados diversos, ditos reversiveis, idem de dous discos, grade de dente, destorroadores, carpideiras Planet, enfeixadores, arados francezes, arados Oliver, etc., etc.

Estas machinas funccionam nas occasiões em que são precisos os seus differentes serviços.

Estrumeira — Typo simples, de fossa. O esterco é tratado pelo ammoniaco. Seis bois e seis burros estabulados e mais seis bois semi-estabulados, fornecem adubo para toda a área cultivada do Horto.

Nesta secção os senhores interessados verificarão qual a *cama* mais apropriada para fazer esterco.

As gramineas são de preferencia empregadas para aquelle fim, porém é mister saber-se dentre estas quaes as que devem ser preferidas, porque umas se decompõem mais rapidamente do que outras. Verifica-se tambem qual o processo a empregar para fazer o esterco conservar toda sua riqueza fertilizadora.

Leiteria — Esta secção está provida de apparelhos para analysar o leite e para outros fins, taes são: desnatadeira, salgadeira, e ainda outros mais.

Ferraria — Nella se executam os concertos e reparos que precisarem os instrumentos agrarios.

Carpintaria — Fabricam-se na carpintaria, colmeias, gallinheiros portateis, rabiças de arado, etc.

Posto meteorologico — Com os seguintes apparelhos: Thermometro, Barometro, Anemometro, Anemoscopio, Pluviometro, Evaporimetro e Ozonometro.

Estes instrumentos teem fins diversos, assim, um registra a quantidade de chuva cahida, outro a pressão atmospherica, aquelle a humidade do ar, estes a direcção do vento predominante durante o dia, e força dos ventos, etc., etc.

Gabinete de Agrologia — Constando de uma collecção de rochas, adubos, terras, sementes, metaes, munido de uma balança de precisão, microscopio, autoclave e o apparelho de Masure para a analyse physica de terras.

Este gabinete recebe e examina terras, gratis.

Arvores Fructiferas — (Culturas fixas). Fructa do conde, figueiras, laranjeiras, diversas variedades, sapotis, abios, cainito, abacates diversos, mangueiras, ameixeiras, pereiras, macieiras etc.

Vinhedos — Entre as diversas variedades existentes, contam-se as seguintes: Royal Ascot; Witte-Nice, Moscatel de Hamburgo, Blacks, Lydele, Mister Pearson,

Moscatel de Alexandria, Golden Qeen, Empire State, Moudouse, Duchess, Chasselas, la rouge; Alicante Terra, Gœthe, Augusta Gigante, Moscatel Rozado, Malaga Rosa, Gross, Perola, Mil-Mild, Hamburgo, Izabel Dourada e Herbemont.

O Horto distribue bacellos das variedades que possue, a quem os pedir, livres de quaesquer despezas, inclusive as de frete.

Plantas Industriaes (Texteis) — Hennequen e Cizal (que faz a riqueza agricola e fabril do Mexico), Fourcroy, Lidney, Sanseviera, Piteira e Algodão.

Nesta secção experimentam-se as fibras para se verificar quaes são as mais resistentes, quaes as mais abundantes, quaes de mais facil extracção, quaes as que mais se prestam a ser trabalhadas, as que dão tecido grosso e as que produzem tecidos finos, as mais adequadas á fabricação de fios, cordas, barbantes etc.

Arvores de Borracha — Hevea Brasiliensis (que é a Seringueira do Amazonas) Maniçobas do Ceará e do Piauhy, Jequié, Mangabeira, Castillo elastico etc.

Outras Plantas Industriaes — Cannas, sem pello e Macáo, Camphoreira e Arvore do Cebo, Mamona do Zanzibar, Côco de Dendê, Eucalyptus, Pinheiros e Mandioca, 16 variedades.

Forragens Nacionaes — Entre outras: capim massambará, capim mimoso, gitirana, canna ubá, gramma de Pernambuco, inhamo, mandioca e outras em ensaios culturaes.

Forragens extrangeiras — Alfafas diversas, entre ellas a da Provence; trevo, theosinto, (forragem que não secca com a geada nem com a secca), caw-pea, beterraba, consolida do Caucaso, cevada, aveia, girasol, nabo gigante, feijão da Florida e tremoço.

Estas forragens estão em campos de experiencia.

Outras culturas — Trigo, 12 variedades em diversos estados de desenvolvimento. Batata ingleza que produziu em 75 dias.

Culturas irrigadas — Estão se executando as culturas do arroz, do milho e do fumo, pela irrigação artificial, sendo a do arroz pelo processo de *inundação*, milho, pelo de *distribuição* o fumo pelo de *infiltração*.

Viveiros de plantas fructiferas — Estes viveiros destinam-se á distribuição de mudas, gratuitamente.

Existem para este fim: arvore de pão, abacates (diversas variedades e entre ellas a afamada sem fibra), goiabeira branca, nogueira, jaboticabeiras, abio, cambucá, mangueira, fructa de conde, condessa, jaca, cajú do Norte, variedades, banana e maçã, genipapo, pitomba e laranjeiras.

Plantas ornamentaes — Tambem para distribuição gratuita, Eugenia especiosa, saboneteira, magnolia, palmeiras, oiti, carambola, cacaueiro e amoreira que são tambem industriaes, sendo aquella que produz o cacau com o qual se faz o chocolate e esta cujas folhas alimentam o bicho de seda.

A amoreira é tambem uma planta forrageira.

Secção de horticultura — Legumes diversos em experiencias.

Aprendizado Agricola — Annexo ao Horto está installado o aprendizado, que tem por fim o ensino pratico do manejo de instrumentos, enxertia, póda e outros trabalhos culturaes.

Estão matriculados seis alumnos internos, os quaes são mantidos gratis pela Sociedade que admitte outros mais.

Visitas e informações — As visitas podem ser feitas a qualquer hora.

O Superintendente, agronomo formado em escola do paiz, reside no estabelecimento e está sempre prompto a fornecer aos visitantes todas as informações.

E' assim que elle mostra as culturas, explica as applicações que devem ter as machinas e faz-as funccionar; emfim, põe os interessados ao corrente dos melhores systemas de cultura e criação etc.

Visitas ao Horto da Penha

MEZ DE FEVEREIRO

Dr. Joaquim F. de Mello.
Dr. Americo de Pinho L. Pereira.
Dr. Estanisláo Zambrzycki.
Dr. João da C. Araujo.
Dr. Augusto da Cunha D. Estrada.

Secretaria

MEZ DE JANEIRO DE 1910

Correspondencia expedida:

Cartas	198	
Officios ao Governo	18	
Officios a particulares	6	
Telegrammas	36	
Circulares	550	
Lavouras	3.210	13.018

Correspondencia recebida:

Cartas	602	
Officios ao Governo	22	
Officios a particulares	14	
Telegrammas	17	
Circulares	7	662

Serviço de fornecimentos:

Arame farpado e grampos

Pedidos satisfeitos		25
Rolos de 40 kilos	419	
Rolos de 25 kilos	140	559

Motragem		191.259
Grampos para corca	ks.	556
Custo no Mercado		8.722$880
Custo fornecido pola Sociodado		5.946$040
Economia relativa para o socio lavrador		2.976$840

Secção de plantas e sementes

Distribuição de plantas e sementes feita durante o mez de janeiro de 1910

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADES	KILOGRAMMAS	VOLUMES
Algodão.	—	156.000	24
Anthoxantum odoratum	—	2.500	2
Capim gordura rôxo.	—	10.000	1
Contelo.	—	51.000	3
Eucalyptus	—	0,350	5
Holcus lunatus	—	2.000	1
Laethyrus Sylvestris.	—	0,700	2
Maniçoba Jequié.	—	8.000	3
Melão.	—	0,200	4
Mucunã forrageira.	—	3.000	2
Mudas de Abacaxi.	25.950	—	173
Mudas de eucalyptus	12	—	1
Phleum pratense	—	3.000	2
Pimentão doce	—	1.650	4
Tomate	—	0,280	7
Viscia sativa.		1.500	2
	25.962	240.180	236

Secção de propaganda das applicações industriaes do alcool

Movimento de propaganda no mez de Janeiro de 1910 — Foram feitas seis exhibições com apparelhos a alcool, sendo duas em arrabaldes, duas em suburbios e duas em Nictheroy, tendo funccionado trinta e cinco apparelhos durante seis noites, consumindo noventa litros de alcool de 40°.

Forneceram-se duzentos e trinta e quatro litros de alcool de 40° a diversos.

Total de alcool consumido no mez de janeiro trezentos e vinte e quatro litros.

Secção de fornecimentos aos socios

Tirando partido de seu caracter de associação, já prestigiada com o numero de mais de 2.500 socios, a Sociedade, no intuito particular de demonstrar a utilidade e o mecanismo dos syndicatos agricolas, emprehendeu favorecer os seus socios com o supprimento de generos estrangeiros e nacionaes a preços mais reduzidos do que os do commercio a varejo.

Com esse proposito e valendo-se dos favores aduaneiros que a lei confere ao Syndicato Central dos Agricultores do Brasil, tem fornecido, arame farpado e respectivos grampos.

Além disso e mediante contractos especiaes, tem fornecido a preços reduzidos, formicida, alcool, machinas agricolas e outros objectos.

Revendo todos seus contractos e fazendo outros que começam agora a vigorar, a Sociedade está habilitada a fornecer os seguintes generos, em cujos preços não estão incluidas as importancias de emballagem, de despacho e de frete.

ARAME FARPADO PARA CERCAS

Rolo de 36 kilos com 160 metros de fio a.	7$200
Rolo de 40 kilos com 402 metros de fio a.	11$000

ACCESSORIOS PARA CERCAS

Grampos para prender o arame.	$360	o kilo
Moirões com 2 metros de altura.	1$500	cada um
Pilares » » » para os cantos.	3$400	» »
Varetas para as cercas.	$450	» uma
Esticadores com manivella.	5$200	» um
» com moltões	5$200	» »

ENXADAS (bem calçadas, de aço)

	Universal	Radiante	Raio	Cruz Vermelha
De 2 libras	1$200	1$400	1$250	1$450
De 2 1/2 libras	1$300	1$500	1$350	1$500
De 3 libras	1$450	1$600	1$500	1$580
De 3 1/2 libras . . .	1$570	1$750	1$600	1$740
De 4 libras	1$680	1$900	1$700	1$830

FOICES

Ns. 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11 e 12—aos preços respectivamente de $600, $670, $730, $800, 1$000, 1$130, 1$300, 1$500, 1$600 e 1$800.

MACHADOS

Estreitos:

sortidos de 3 a 4. . . . . 39$000 a duzia

Largos :

sortidos de 3 a 4. . . . . 40$000 »
de 3 1/2, duzia 41$000 ; de 4, duzia 45$000 ; de 4 1/2, duzia 48$000; de 5, duzia 51$000 ; de 5 1/2, duzia 56$000; de 6, duzia 62$000.

MACHINAS AGRICOLAS

Moinhos para fubá:

Marca patente — N. 6, por 31$; n. 8, por 36$; n. 10, por 41$; n. 12, por 50$; n. 14, por 60$; n. 16, por 63$; n. 18, por 75$000.

Marca Try— N. 8, por 52$; n. 10, por 67$; n. 12, por 83$; n. 14, por 96$; n. 16, por 120$; n. 18, por 130$000.

Debulhadores de milho:

Coloniaes. . . . . 5$200
Black. . . . . 8$600
Clinton. . . . . 21$000
Aguia . . . . 40$000

Arados americanos:

N. O, 18$; n. OO, 20$; n. B 1, 26$; n. A 1 1/2, 33$; n. A 2, 36$; n. A 3, 40$000.

Com disco, reversiveis :

20", 170$; 24", 210$000.

Cavadeiras :

para *tirar terra* :

americanas, com 2 pás. . . . . 10$200

para *café* :

3 £ 1$300 ; — 3 1/2 £ — 1$400

Pulverizadores:

Bauer n. 1. . . . . 62$000

São applicados na exterminação dos parasitas que atacam os arvoredos, com os ingredientes liquidos que forem aconselhados.

Além destas a Sociedade fornece installações completas para o preparo do arroz e do café, mediante previos ajustes sobre os quaes o socio lavrador gozará de abatimentos que oscillam de 5 a 10 %, sobre os respectivos preços dos catalogos, sendo gratuitos os transportes nas estradas de ferro federaes.

LACTICINIOS

Installações completas para as industrias de lacticinios pela Casa Hopkins Causer, com abatimento de 5 % sobre o preço do catalogo.

COLMEIAS

Com os mais modernos aperfeiçoamentos, pelo preço de. . 18$000

SALOXO

Um preparado de sal e peroxido de ferro proprio para alimentação do gado, é economico e asseiado, em tijolos de 5 kilos, não sujando as baias ou logares onde são collocados e sem desperdicio. Preço 100 réis o kilo.

Nota — Se o socio pedir de uma só vez 500 kilos, gozará o abatimento de 10 %; de 1.000 kilos para cima o de 15 %.

FORMICIDAS

Paschoal:

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma . . . . 16$000

Merino:

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma . . . . 16$000

Schomaker:

Caixa com 6 botijas de 1 1/2 litro cada uma . . . . . . 22$000

ALCOOL

De força de 40°, em latas de 18 litros, pelo preço das vendas em pipa, o que corresponde a uma reducção de cerca de 10 %.

ANTISEPTICOS

Creolina Pearson	2$000 a lata c/ 1 litro
Cresolina Werneck.	1$100 » » » »
A mais reputada das creolinas de fabricação nacional.	
Electro Sanitas	$500 o litro
Preparado do Sr. Octavio Santos Moreira, de magnificos resultados obtidos para a exterminação de insectos nocivos ás plantas e gafeira nos carneiros.	

DIVERSOS

Pós para gosma — *de gallinhas* — especifico recommendado	lata	1$200
Sulfato de cobre para tratamento de plantas.	kilo	$650
Sulfato de ferro.	»	$250

Sal amargo:

Menos de 60 kilos.	»	$250
Mais de 60 kilos.	»	$160

Sal de Glaubert:

Menos de 60 kilos.	»	$230
Mais de 60 kilos.	»	$150

Enxofre:

Em flor	caixa	11$000

Mercurio marca Boi:

Caixa com 50 grammas 1$; com 100, 1$700: com 200, 3$100; com 400, 5$700.

Escovas de raiz para animaes:

N. 115, 6$500; n. 116, 7$500.

Escovas francezas para animaes:

N. 115, 9$600; n. 116, 10$500; 117, 11$500.

Thesouras:

Para podar, n. 27.	uma	4$200
Para touzar animaes.	»	4$200

Machina:

Para touzar animaes.	»	4$600

Raspadeiras:

Com aza	»	4$300
Com cabo	»	4$100
Reforçadas	»	8$000

Correntes para arado e para carroça:

Elo curto 1/8, kilo 950; 3/16, kilo 850; 1/4, kilo 770; 5/6, kilo 730; 3/8, kilo 680; 17/16, kilo 660; 1/2, kilo 650; 5/8. kilo 640; 3/4, kilo, 640.

Elo comprido 3/16, kilo 780; 1/4, kilo 750; 5/16, kilo 730.

Chocadeiras e Criadeiras:

A Sociedade tendo adquirido em bôas condições algumas *chocadeiras* e *criadeiras* cede-as a preços reduzidos.

Os lavradores que bem conhecem os altos preços que costumam pagar, podem apreciar a vantagem extraordinaria dos preços que a Sociedade está habilitada a lhes proporcionar, e que representam economias de 5 a 40 %.

A economia proporcionada na acquisição do arame farpado, em relação aos preços correntes no mercado é respectivamente de 2$300 e de 6$, para os rôlos de 26 e 40 kilos.

Até o fim do anno ultimo, 31 de dezembro de 1909, a economia proporcionada á lavoura com os nossos fornecimentos foi de 189:828$640, não computados o supprimento de plantas e sementes e os transportes gratuitos concedidos. No anno de 1909 a economia importou em 96:464$740.

Sendo um dos fins da Sociedade demonstrar os effeitos do regimen de associação sobre a vida financeira da lavoura e sendo condição essencial desse regimen a pontualidade dos associados, os fornecimentos especiaes da Sociedade serão limitados exclusivamente aos socios quites.

Para os obter o interessado deverá satisfazer as seguintes condições:

1ª, ser socio quites na Sociedade Nacional de Agricultura;

2ª, ser agricultor, apresentando disso prova bastante, a juizo da Directoria da Sociedade;

3ª, formular o pedido directamente á Sociedade e por escripto;

4ª, pedir sómente para o seu proprio consumo, indicando o nome e a situação da propriedade a que destina o emprego do producto;

5ª, Enviar á Sociedade, juntamente com o pedido, a sua importancia, ou uma ordem para o seu pagamento contra casa commercial ou bancaria com séde na Capital Federal.

A Sociedade se reserva o direito de negar fornecimento a quem peça ou tenha pedido para outrem, ou tenha repartido com outra pessoa, ainda que associada, generos anteriormente fornecidos e procederá de igual modo quando souber, ou tiver motivo para suppor, que o pedido é feito com intuito de commercio.

Instituindo esses serviços directos, procura a Sociedade desempenhar de modo mais util o seu compromisso de se constituir em centro de auxilios á lavoura, distribuindo-os de preferencia por intermedio de seus socios.

Com o mesmo intuito concederá aos socios despacho gratuito nas vias ferreas federaes ás plantas, sementes, machinas agricolas, ainda quando adquiridas sem a sua intervenção e prestará informações que lhes forem pedidas sobre assumptos agricolas e pastoris, tomando conhecimento das queixas e reclamações dos lavradores associados, advogando-as, quando justas, perante quem de direito.

Fevereiro de 1910.

Socios que contribuiram para o distinctivo durante o mez de janeiro de 1910

N. Khaled	20$000
Arthur Hermann Schloback	20$000
João de Souza Vieira	20$000
Zacharias de Paula Xavier	15$000
Ovidio Pio de Souza Reis	15$000
Lourenço Augusto Lemgruber	15$000
Francisco Delgado da Motta	10$000
Dr. Wilmann W. Coelho de Souza	10$000
Carlos Miguel Isaacson	10$000
Mario da Silva Junqueira	10$000
Coronel Francisco José Bollua	10$000
Americo Teixeira Guimarães	10$000

Socios entrados no mez de janeiro de 1910

Estado da Parahyba.
Manoel Gonçalves Capella.
Capitão Severino Antonio Victorio da Silva.
Capitão Geraldo Ribeiro da Silva Rezende.
Joaquim Francisco de Oliveira.
Firmino Mariano de Souza.
Gandulpho Coutinho.
Dr. Antonio Carlos de Castro Madeira.
Belchior Francisco de Oliveira.
José Candido Pereira.
Dr. Lafayette Cavalcanti de Freitas.
Dr. José Tavares de Mello.
Coronel Antonio Lourenço Baeta Neves.
Joaquim Gonçalves Ramos Filho.
João Baptista Tavares.
Coronel Joaquim da Silva Guimarães.
Major Gabriel Felisbino de Rezende.
Ernesto Garcez dos Santos.
Coronel Francisco José Bahia.
José Luiz Gonçalves Sobrinho.
José Candido de Castro.
Francisco do Couto Dafico.
Pacifico Raposo Simões.
Constantino Ferreira de Freitas.
Manoel da Silva Canêdo.
Narciso Ferreira de Araujo.
Pio Francisco das Chagas.
Claudino Gonçalves Moreira.
Antonio Freitas Fonseca Ramos.
Coronel Francisco Vieira da Silva.
Capitão Azarias de Souza Dias Sobrinho.
Capitão José Ximenes Cesar.
João Baptista Ferreira de Brito Junior.
Antonio de Gouvêa Lima.
Camillo de Avellar Lessa.
Capitão Antonio Candido Pereira Dias.
Osorio Francisco França.
Antonio Gonçalves Ferreira da Costa.
Candido de Paula Silvino.
José Pereira da Rocha.
Coronel Americo Teixeira Guimarães.
Coronel José Dias de Gouvêa.
Major João Baptista Ferreira.

Alfredo Eustachio da Silva Junqueira.
Leopoldo Aureliano da Silva Junqueira.
Olympio Joaquim Villela.
Antonio Avelino Foscolo.
Dr. Ary Fontenelli.
Adolpho Augusto da Silveira.
Carlos Miguel Isaacson.
Nabor Mira de Vasconcellos.
Capitão Domingos Custodio de Carvalho.
Dr. Cyro Teixeira Peçanha.
Merino & Comp.
Altamirando Jorge Rangel.
Alberto de Souza Siqueira.
D. Francisca Maria de Rezende.
Coronel Manoel José de Souza.
Gabriel Pereira de Lacerda.
Maria Francisca da Rocha Vaz.
Lourenço Augusto Leingruber.
Reverendissimo Padre Antonio Joaquim Cardoso.
João Celestino de Almeida.
Adolino Affonso Baeta Neves.
José Francisco Silverio.
Antonio Ribeiro de Rezende.
Capitão João Egydio Figueira.
Saturnino Villela.
João Antonio Llulhan.
Carlos Alberto de Magalhães.
Coronel João Oswaldo Diniz Junqueira.
Eduardo de Sá Fortes Junqueira.
Romelio Vieira Neves.
Major Benjamin José de Araujo.
Capitão João Custodio da Fonseca.
Dr. Arthur Ferreira Diniz.
Coronel José Monteiro de Mendonça.
Dr. José Ignacio de Carvalho.
Coronel José Rodrigues Matheus.
Antonio Leoncio de Faria.
José Luiz de Faria.
Guilhermino Augusto Rodrigues França.
Urbano Mascarenhas.
Tenente Quintiliano Martins Guerra.
Major Raymundo Martins Costa.
Coronel Emilio Teixeira de Novaes.
Manoel de Carvalho Penna.
Capitão João José da Silva Martins.
Major Nuno da Costa Lago.
Capitão João Pedro dos Santos.

Geraldino Caetano da Fraga.
Francisco José Alves.
Arthur Justino Leitão.
José de Assis Balbi.
Leopoldo Corrêa Netto.
Martiniano Gomes da Fonseca.
Affonso Justiniano de Rezende.
Sebastião José Ribeiro Serafim.
Coronel Honorato Martins Borges.
Raul Ferreira de Mello.
João José de Miranda.
Severino Severo da Silva.
Urbano Justiniano da Silva.



PARTE COMMERCIAL

Mez de fevereiro de 1910

Café

Durante o mez, as vendas realizadas para exportação attingiram a 176.000 saccos contra 174.000 do mez de janeiro.

Entraram, no mesmo periodo, 179.030 contra 194.879 no mez proximo passado; embarcaram-se 265.550 contra 236.005 e existiam no ultimo dia do mez de fevereiro 213.594 contra 405.123 do mez de janeiro.

Os preços soffreram algumas oscillações na primeira quinzena, firmando-se, porém, na segunda.

Os extremos das cotações foram os seguintes:

	Por arroba	*Por 10 kilos*
Typo n. 6	7$500 a 7$800	5$106 a 5$311
» » 7	7$300 » 7$600	4$910 » 5$174
» » 8	7$100 » 7$400	4$834 » 5$038
» » 9	6$900 » 7$200	4$698 » 4$902

Algodão em rama

No periodo da primeira quinzena as entradas foram grandes, e, apezar disso, não houve modificação no mercado deste producto, que se manteve firme, com boa procura e ligeira alta nos preços; no da segunda, avultaram as entradas, restringindo-se um tanto a procura.

Mesmo assim, os preços continuaram inalterados.

O movimento geral do mez foi como se segue:

		Fardos
Existencia em 31 de janeiro		13.993
Entrada:	Fardos	
Mossoró	4.209	
Ceará	2.523	
Sergipe	2.300	
Assú	2.278	
Natal	1.450	
Pernambuco	1.128	
Maceió	1.063	
Parahyba	700	
Penedo	420	
Maranhão	305	30.369
Sahidas dos trapiches		9.714
Existencia em 15 de fevereiro		20.655
Entradas:		
Piauhy	3.272	
Penedo	2.676	
Pernambuco	1.699	
Sergipe	1.600	
Natal	1.433	
Maceió	1.200	
Parahyba	926	
Mossoró	640	34.101
Sahidas dos trapiches		10.530
Existencia no dia 28		23.571

Preços por 10 kilos:

	Preços
Pernambuco	15$000 a 15$800
Rio Grande do Norte	14$500 » 15$500
Ceará	15$000 » 15$800
Parahyba	14$800 » 15$200
Penedo	14$500 » 15$000
Sergipe	14$000 » 14$800

Aguardente

Durante a primeira quinzena o mercado continuou fraxo e sem procura, havendo relativa difficuldade de se collocar o producto aos preços abaixo exarados.

No decurso da segunda, o mercado, comquanto não experimentasse melhoras nos preços, esteve comtudo mais firme, sendo finalmente collocado o genero á venda.

Entraram 656 pipas de varios centros productores, e os preços, por pipa, base de 20°, foram os seguintes:

Paraty	115$000 a 120$000
Angra	100$000 » 105$000
Campos	85$000 » 90$000
Maceió	85$000 » 90$000
Bahia	85$000 » 90$000
Pernambuco	85$000 » 90$000
Aracajú	85$000 » 90$000
Sul	85$000 » 90$000

Alcool

O mercado, na primeira metade do mez, permaneceu frouxo, supprindo-se os compradores apenas do indispensavel; na segunda metade, as entradas continuaram sem importancia, mas o mercado com regular procura, pelo que sua posição se tornou firme, não havendo, porém, mudança nos preços.

Os supprimentos orçaram por 740 volumes, e as cotações, por pipas, sem o casco, foram as seguintes:

40 grãos	130$000 a 135$000
38 »	120$000 » 125$000
36 »	110$000 » 115$000

Assucar

A primeira quinzena fechou, com desanimo, por parte dos compradores, não só devido ao *stock* aqui como ás baixas no mercado de Pernambuco.

Em virtude das noticias do Norte de grandes lotes de assucar bruto e crystaes amarellos para o estrangeiro, animaram-se os compradores daqui a fazer negocios avultados, para todas as qualidades, tendo havido alta nos preços, fechando o mercado firme.

Os supprimentos recebidos montaram a 97.441 saccos, das seguintes procedencias: Pernambuco 23.231; Sergipe 39.724; Campos 7.483; Bahia 6.645; Maceió 13.757; Parahyba 665; diversas 2.933.

Sahiram dos trapiches 86.613 saccos, sendo a existencia orçada em 579.479 saccos.

Os preços, por kilo, regularam como vae ser assignalado:

Pernambuco;

	Kilogrs.
Branco crystal	$270 a $300
Dito 3ª sorte	$200 » $330
Crystal amarello	$240 » $280
Mascavinho	$220 » $270
Somenos	$230 » $250
Mascavo bom	$190 » $210
Dito regular	$180 » $200
Dito baixo	$170 » $190

Sergipe :

Branco crystal	$260 a $300
Crystal amarello	$240 » $250
Mascavinho	$220 » $260
Mascavo bom	$190 » $210
Dito regular	$180 » $200
Dito baixo	$170 » $190

Campos :

Branco crystal	$280 a $300
Dito 2º jacto	— —
Crystal amarello	— —
Mascavinho	— —

Bahia :

Branco crystal	$290 a $320
Dito 2º jacto	— —

Arroz

As entradas, durante o mez, foram: por cabotagem 7.465 saccos ; pela Estrada de Ferro Central, 52.099 kilos e pela Estrada de Ferro Leopoldina 28.525 ditos.

O mercado manteve-se firme, regulando os preços seguintes: 29$ a 30$ para o superior ; 25$ a 28$500 para o inferior e 23$500 a 26$ para o rajado, por sacco de 60 kilos.

Sahiram dos trapiches no correr do mez de 7.253.

Farinha de mandioca

Durante o mez entraram 21.929 saccos por cabotagem, 114.390 kilos pela Estrada de Ferro Central do Brasil, 158.257 ditos pela « Leopoldina Railway » e 47.170 pela Cantareira.

Os preços continuaram com oscillações, tendo vigorado os seguintes por sacco de 45 kilos:

Especial	9$500 a 10$200
Fina	8$300 » 8$800
Peneirada	7$400 » 7$600
Grossa	6$500 » 6$800

Feijão

Chegaram no mez de fevereiro 39.473 saccos por cabotagem ; 162.605 kilos pela Estrada de Ferro Central do Brasil ; 85.576 ditos pela « Leopoldina Railway » e 7.920 pela Cantareira.

Os preços tiveram grandes oscillações, vigorando os seguintes, por sacco de 60 kilos:

Porto Alegre.	10$000 a 12$000
Dito Santa Catharina, superior	Nominal
Dito manteiga	11$000 » 13$000
Dito enxofre.	14$000 » 16$000
Dito mulatinho	11$500 » 14$000
Dito de côres, diversas.	6$500 » 14$000

Fumo em rôlo

O mercado esteve mais ou menos animado durante o mez, e as entradas elevaram-se a 3.692 volumes, por cabotagem.

As cotações, por kilogramma, fizeram-se do seguinte modo:

De Minas, especial	$900
Dito superior.	$800
Dito de 2ª	$600
Dito ordinario	$500
Goyano especial	2$000
Dito superior.	1$800
Baixo	1$300
Rio Novo superior	1$200
Dito de 2ª	1$000
Dito baixo	$800
Pomba superior	1$100
Dito de 2ª	$800
Dito baixo	$600
Carangola	1$000
Picú especial.	2$000
Dito de 1ª	1$600
Dito de 2ª	1$200
Bahia	1$600

Manteiga

As entradas constaram de 275 caixas e 3.905 kilos por cabotagem ; 232.651 ditos pela Estrada de Ferro Central do Brasil e 3.004 ditos pela « Leopoldina Railway ».

Os preços regularam assim:

	Kilogr.
Minas	2$100 a 2$600
Sul	1$800 » 2$400

Matte

Entraram 428 volumes, sendo cotado de 480 a 600 réis por kilogramma, conforme a qualidade.

Milho

Os supprimentos feitos foram de 8.166 saccos por cabotagem, 1.340.329 kilos pela Estrada de Ferro Central, 1.457.705 ditos pela Leopoldina e 47.505 pela Cantareira.

O mercado continuou frouxo e os preços soffreram irregularidades.

As cotações foram:

Norte, amarello	4$600 a 5$600
Terra, amarello	5$300 » 6$000
Dito idem, misturado.	4$800 » 5$500

Polvilho

Entraram 11.909 kilos pela Estrada de Ferro Central.

O preço regulou de 260 a 320 réis por kilogramma.

Tapioca

As entradas foram sómente de 16 volumes por cabotagem.

A cotação foi de 300 a 380 réis por kilo.



BIBLIOTHECA

Publicações Periodicas:

Temos a registrar mais as seguintes recebidas no mez de janeiro do corrente anno, além das que nos veem habitualmente:

Kolonial Handels-Adressbuch, 14° anno, 1910, de Berlim.

Anales de l'Ecole Nationale d' Agriculture de Montpellier. Tomo IX, fascs. I e II, com o seguinte summario: Sur le mouvement des masses granuleuses sans cohesion — J. H. Sourisseau; L'industrie sericicole en Perse — F. Lafonte H. L. Rabino; Climatologie de 1908 à Montpellier por P. Rey.

Barcelona, revista mercantil, industrial e maritima. — Anno II, n. 23.

Vie Rurale et Basse Cour, de Genebra. — Anno 3°, n. 2.

The Mandel Journal, de Londres. — N. de outubro de 1909.

Utah Agricultural College Experiment Station. — Boletim n. 105.

Revista Paraense, de Belém. — Anno II, ns. 17 a 22.

Memorias do Instituto Oswaldo Cruz. — Anno de 1909, tomo I, fascs. I e II.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS:

Temos a registrar o recebimento das seguintes durante o mez de janeiro: *Analyses agricoles* por R. Guilin. Os leitores d' *A Lavoura* encontrarão no fim desta secção o prospecto desta obra que acaba de ser editada pela livraria J. B. Baillière et Fils e que pelo mesmos nos foi remettida.

Le Palmier à Huile por Jean Adam. Esta obra é a segunda da serie que está publicando a livraria Augustin Challamel (17, rue Jacob, Paris) sobre as plantas oleiferas da Africa occidental Franceza. É profusamente illustrada, trazendo numerosos diagrammas e um mappa da distribuição geographica da planta. A livraria Challamel, cuja especialidade é exactamente a publicação de obras sobre agricultura tropical, tem sempre confiado a respectiva composição a pessoas de notoria competencia

Les Landolphia et les Mascarenhasia à Cautchouc du Nord de l' Analalaya, por Henri Junelle e H. Perrier de la Bathie. Editor Augustin Challamel, Paris, 1910.

Les Produits Utiles des Burseracées, por André Guillaumin. Editor Augustin Challamel, Paris, 1910. Obra em um volume de 66 paginas. Contém numerosas illustrações, diagrammas, dados estatisticos. Estuda as madeiras, myrrhas incensos, elemis que se extraem destas plantas, bem como as suas applicações industriaes e medicinaes. Em appendice vem um quadro dos productos das burseraceas com os nomes vulgares e scientificos das arvores productoras. Ainda nesta parte se encontra um extenso index bibliographico de grande utilidade para as pessoas que mais especialmente se dedicam a este assumpto.

Apuntes de Fruticultura Argentina, pelo engenheiro Carlos D. Girola. Buenos Aires, 1908.

Cultivo de las Plantas Industriales en la Republica Argentina, por Carlos D. Girola. Buenos Aires, 1909. Agradecemos ao autor a remessa que nos fez das duas precedentes obras.

Estudios sobre la Ganaderia del País, pelo engenheiro Teodoro Alvarez. Montevidéo, 1909. Tambem esta obra nos foi remettida pelo seu autor, a quem renovamos os nossos agradecimentos por mais esta gentileza.

The Influence of environnement on the composition of sweet corn, por M. N. Straughn e C. G. Church. Publicação do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

Herd Book Argentino. Hereford. Volume quinto. Publicação da Sociedade Rural Argentina, a qual agradecemos a remessa do exemplar que temos sobre a mesa.

O Cacáo, por J. Simão da Costa, 2ª edição augmentada e organizada pelo Dr. J. Huber. Pará, 1908. Publicação do Estado do Pará.

Album do Estado do Pará. É uma bellissima obra de propaganda, de grande formato, com 550 paginas, tendo o seu texto em tres linguas: portuguez, francez, e inglez. Illustrada com primor, encerra alem disso numerosos diagrammas, mappas, dados geographicos, historicos e estatisticos, tudo disposto do modo o mais intelligente, de fórma a prender a attenção de quem compulsa o album.

Os esgotos no Rio de Janeiro. Memoria apresentada ao 4º Congresso Medico Latino-Americano pelo Dr. Carlos Sampaio.

Estatistica Commercial. Importação e exportação durante o anno de 1908.

Cooperativa Agricola Municipal Pontenovense, de Ponte Nova, Minas. Relatorio balanço e contas do anno de 1909.

Noticias sobre o Collegio Orphanologico de S. Joaquim. Pernambuco, 1909.

Estatistica Agricola e Zootechnica no Anno Agricola de 1904-1905 das seguintes localidades de S. Paulo: Fartura, Santo Antonio da Bôa Vista, Itaporanga, Itararé, Baurú, Campos Novos do Paranapanema e S. Pedro do Turvo.

Estatutos da Sociedade União Agricola, de Laranjeiras, Sergipe.

CATALOGOS

D. Landreth Seed Company. Bristol, Pennsylvania. Sementes de flores e hortaliças. Catalogo para 1910.

Henry Mette. Quedlinburgo, Allemanha. Catalogo de flores, plantas e sementes para 1909-1910.

Haage & Schmidt, horticultores e negociantes em sementes. Erfurt, Allemanha. Catalogo para 1910.

Knox Fence Company, Lebanon, New Jersey, Estados Unidos da America do Norte. Catalogo de cercas de arame para todos os fins.

Johannes Rafn, Copenhague, Dinamarca. Catalogo de sementes de arvores florestaes para 1909-1910.

Luis & Groot, Enkhuizen, Hollanda. Preço corrente geral de sementes em dezembro de 1909.

Vilmorin Andrieux & C., Paris, 4, quai de la Mégisserie. Plantas, sementes, etc. Catalogo geral para 1910.

Caladium du Brésil Vilmorin Andrieux & C.

J. B. Baillière et Fils. Catalogo de obras agricolas para 1910. Paris, 19 — rue Hautefeuille.

Analyses Agricolas (terras, forragens, productos das industrias agricolas), por R. GUILLIN, director do laboratorio da Sociedade dos Agricultores de França, 1 volume de 443 paginas, com 51 photographias. Encadernado 6 francos, brochado 5 francos. (Livraria J. B. Baillière et Fils, 19, rue Hautefeuile, Paris.)

O Sr. *Guillin*, director do laboratorio da Sociedade dos Agricultores da França, foi o encarregado de escrever, para a ENCYCLOPEDIA AGRICOLA WERY o volume sobre as ANALYSES AGRICOLAS.

1772 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1910



Considerações sobre a cultura da seringueira na Asia e no Brasil

O ultimo numero da revista — *The India Rubber World* — correspondente a 1 de março vigente (1910) traz os seguintes algarismos relativos á exportação da borracha proveniente das plantações de seringueira acclimada, no Ceylão e na peninsula de Malaca:

	PESO EM LIBRA
Borracha da peninsula de Malaca em 1905.	228.000
» » » » » » 1906.	817.000
» » » » » » 1907.	2.087.000
» » » » » » 1908.	3.671.000
» » » » » » 1909.	7.400.000
Borracha de Ceylão em 1905.	168.000
» » » » 1906.	291.000
» » » » 1907.	531.000
» » » » 1908.	832.000
» » » » 1909.	1.372.000

Como se vê, a producção da borracha da seringueira no extremo oriente tem tido um crescimento espantoso, porquanto, partindo englobadamente de 396.000 libras, em 1905, attingiu, em 1909, a 8.772.000 libras ou cerca de 4.000.000 de kilos, o que corresponde á undecima parte da exportação brasileira.

E' ainda muito modesta, não ha duvida, em comparação com a do Brasil, mas convém lembrar que as primeiras seringueiras que se conheceram na Asia datam apenas de 1876, quando chegaram ao jardim botanico de Peradeniya, em Ceylão, aquellas, já hoje celebres, 1.919 planticulas da *Hevea brasiliensis*, que a administração dos Jardins de Kew para alli expedira.

Causa admiração que, datando de 34 annos a introducção da seringueira nas colonias inglesas da Asia, já estas nos possam dar lição, não só quanto ao que diz respeito á cultura e exploração da arvore, como tambem quanto ao preparo da borracha, porquanto sabido é que o producto de Ceylão e Malaca obtém geralmente nos mercados mundiaes mais 8 ou 10 centavos por libra do que a melhor qualidade do Brasil.

O facto dá a pensar do que será o futuro, quando os inglezes, arrimados na sciencia e em fortes capitaes, contarem em suas colonias algumas centenas de milhões de seringueiras em plena producção.

Não nos deixemos illudir com as vantagens naturaes de que dispomos. Vantajosas tambem são as condições das colonias americo-européas do meio-dia da Asia, Congo, Moçambique, Nova Guinéa, Malasia e Filippinas. Demais, alli dominam povos mais ricos, mais bem organizados e mais instruidos do que nós. Onde a sciencia e o dinheiro concorrem contra a ignorancia e a pobreza, estas perdem : é infallivel e certo como um axioma mathematico.

O Brasil, em verdade, é um paiz productor de borracha, como nenhum outro o é. No extremo norte, na ampla bacia amazonica, que só por si é um mundo, cresce a *Hevea brasiliensis* por obra e graça da divina Providencia.

Naquella mesma região, lá onde a temperatura se abranda, vegeta espontaneamente outra planta borrachifera — a *Castilloa elastica ;* mais para o sul, desde o Maranhão ao sertão da Bahia, conta-se a maniçobeira ou *Manihot glaziovii* ; em todo o planalto brasileiro a mangabeira ou *Hancornia speciosa* exubera como planta espontanea ; as especies africanas, ricas em borracha, acclimam-se admiravelmente no nosso meio. Tudo isto indica que *mère nature* nos favorece neste como em muitos outros particulares ; mas, faz-se mistér a acção do homem para corrigir, melhorar e utilizar os dons da natureza. Nisto está toda a obra da civilização. O dominio pleno do homem sobre a natureza em beneficio deste, tal é o papel da civilização. Nosso papel neste particular tem consistido apenas em nos utilizarmos daquillo que a natureza nos deu, sem lhe accrescentarmos, nem corrigirmos um ceitil ; ao contrario, até aqui, temos sido antes destruidores do que constructores, porquanto a nossa obra ainda nesta hora não passou além do que fez o pobre do indio, na sua baixa ignorancia : sangramos a seringueira e coagulamos o que della emana, sem fazermos novas culturas e sem procurarmos dar um passo além do que aprendemos do selvicola. E' muito pouco na verdade o que temos feito como grandes productores da borracha que somos !

Para as colonias americo-européas, a etapa mais difficil já está vencida com a acclimação e exploração industrial da seringueira no longinquo oriente, pois desde agora a cultura e a exploração da *hevea* constituem para as colonias intertropicaes que os europeus possuem em Africa e Asia uma industria lucrativa de base conhecida.

Que fazer deante de adversarios sabidamente mais aptos do que nós para a lucta, por isso que dispõem de poderosos instrumentos de ensino, jogam com maior credito e são melhor governados do que nós? Entregar a cerviz com resignação fakiresca, para que o adversario desfeche o golpe de graça? Esta attitude seria indigna de homens livres e conscientes; por isso, penso que devemos acceitar a lucta, buscando apprehender do nosso adversario os passes e manobras de maior efficacia.

Parece que já vamos querendo sacudir a apathia, porquanto é deveras promissor o movimento que se vai operando no nosso país de um anno a esta parte, isto é, depois que chegou até nós a noticia das culturas da seringueira no longinquo oriente. Distam tanto de nós Malaca e Ceylão, que só trinta e quatro annos após a introducção da *hevea* naquellas regiões é que os nossos altos dirigentes vieram a ter sciencia desse facto de summo interesse para o nosso pais essencialmente borrachifero! Que beatifica despreoccupação esta nossa!

A reacção que ora se opera merece ser acalentada e orientada com segurança. Neste sentido, parece-me que todos os esforços deveriam convergir acordemente para a suppressão irrevogavel do absurdo imposto que pesa sobre a exportação da borracha. E' inacreditavel, perante o bom senso, que se aggrave a exportação da borracha com um tributo equivalente a *25% do preço de venda!!!* Não são 25 % sobre o liquido, o que ainda assim corresponderia ao contribuinte ceder ao fisco a quarta parte da renda; são, porém, 25 % sobre o valor venal do producto!! Com um tal regimen tributario, nenhum capitalista europeu será tão insensato para vir empatar seus capitaes aqui, quando póde collocal-os em paises de boa justiça, governados pelos proprios europeus e *onde não se conhece* o inqualificavel imposto de exportação! Todavia acredito que, ficando firmado por lei e contracto solenne, que a borracha das novas plantações de seringueira que se fizerem em terra brasileira não pagará tributo de exportação, nem outro que lhe seja equivalente, ficando isto firmado, haverá grande probabilidade para que os capitaes americo-europeus venham collaborar comnosco, orientando-nos e dispertando-nos deste somno mortal em que nos mergulhou durante 80 annos um regimen na verdade memoravel pelo grande culto que tributou á rhetorica, mas que muito se descuidou das cousas que produzem dinheiro, independencia economica e bem estar. Somos um povo culto, possuimos mais oradores e litteratos do que toda a America latina; mas de que nos vale, se para os assumptos de mais vital interesse para a existencia e prosperidade da nossa nacionalidade, temos que ir pedir luzes ás colonias inglesas do meio dia da Asia?!

Felizmente o momento é de fagueira esperança, pois já se nota certo movimento tendente a remediar em parte os males que se originaram da nossa incuria e imprevidencia.

Reuniu-se ha pouco em Manáos um Congresso convocado tão sómente para discutir as medidas tendentes a melhorar a situação da nossa industria borrachifera. Seja qual for o resultado decorrente dessa assembléa, já é optimo prenuncio de melhor futuro.

O governador do Pará pede uma lei de previdencia em favor da borracha, sendo muito provavel que fique desde já estabelecida a abolição do imposto de exportação para as borrachas provenientes dos seringaes creados e cultivados em terras do Estado do Pará.

Doutra parte fala-se de tempos a esta parte em uma empresa européa organizada para explorar os maniçobaes existentes na Bahia.

Diz-se tambem que alguns capitalistas projectam crear grandes seringaes na Baixada Fluminense, tendo para isso solicitado o concurso da Sociedade Nacional de Agricultura, afim de que esta mande vir do Amazonas grandes carregamentos de sementes da *Hevea brasiliensis*, cuja adaptação ao meio fluminense está sobejamente provada, em vista dos bellos specimens de seringueira que se observam na *Quinta da Boa Vista* e no Jardim Botanico da Lagôa de Rodrigo de Freitas.

Por outro lado, o Governo Federal mostra-se interessado pelo assumpto, tendo baixado instrucções criteriosas para o seu delegado agronomico residente no Territorio do Acre e havendo além disso auxiliado com forte somma ao Sr. Dr. Cerqueira Pinto para que continue suas interessantes pesquisas tendentes a melhorar a qualidade da borracha.

Parece, pois, que a questão toma nova e melhor direcção; porém qualquer que esta seja, faz-se mistér a completa extincção do absurdo imposto de exportação, pois, emquanto este existir com o espantoso vulto que tem actualmente, certa será a nossa derrota na concurrencia que nos offerecem os seringueiros da Asia.

Qui vivra verra.

A. GOMES CARMO.

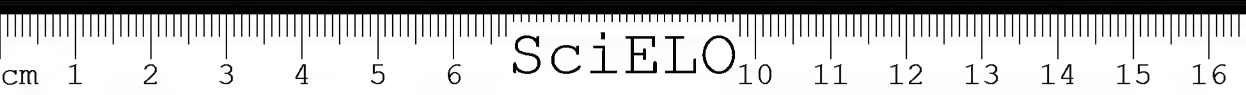
Galeria

DR. CAMPOS DA PAZ

O Dr. Arthur Fernandes Campos da Paz foi uma das vidas gloriosas que o trabalho, a perseverança, o civismo e a inteireza têm animado em nossa terra.



M. Campos da Paz


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

No principio da sua carreira foi elle caixeiro, depois aspirante de Marinha, em seguida estudante de preparatorios, depois estudante de pharmacia, finalmente estudante de medicina, professor de francês e de philosophia e medico, tendo-se formado em 1878, com 25 annos de edade.

Professor no Collegio Aquino, de que foi vice-director, desde logo deu provas da sua capacidade, podendo hombrear com o lendario creador de alma e de caracter, Dr. João Pedro de Aquino.

Deixando o professorado, exerceu, com grande successo, a clinica.

Mas, havia começado a campanha final do abolicionismo, que através dos mais inauditos sacrificios, devia coroar os propagandistas com os louros immarcessiveis de 13 de Maio.

O Dr. Campos da Paz, que tinha uma palavra facil, abundante, suggestiva, empenhou-se na grande causa, sendo um dos mais estrenuos luctadores dessa gloriosa jornada.

Assim, a sua coragem e a sua abnegação contribuiram, largamente, para o progresso da agricultura nacional, dignificando o trabalho, com a implantação do braço livre.

O seu trabalho na questão da falsificação dos vinhos e licores foi titanico e a sua correspondencia attesta que os maiores hygienistas do mundo o sagraram — benemerito da humanidade.

Em uma fazenda em Ouro Branco, (Minas), o Dr. Campos da Paz fez um ensaio de polycultura e verificou, principalmente, que a viticultura era remuneradora no nosso pais; nessa occasião contrahiu elle a paixão da cultura da vinha.

Filiando-se á Sociedade Nacional de Agricultura, realizou congresso, exposições e, sobretudo, tornou populares as suas conferencias e a sua revista *A Lavoura*.

A viticultura foi ensinada com o fervor de fanatico, porque Campos da Paz a considerou o inicio da sua outra grande campanha — os Campos de Demonstração, que infelizmente ficaram embryonarios.

Para se avaliar o amor que Campos da Paz tinha pela viticultura, basta dizer que elle, já gravemente enfermo, consagrou o ultimo mês de vida a instruir os lavradores de Caldas.

O Dr. Campos da Paz foi lente cathedratico de chimica organica e biologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1º vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, membro estrangeiro da Sociedade Franceza de Hygiene, collaborador da *Revista Internacional contra a falsificação de generos alimenticios*, de Amster-

dam; professor de agronomia do Pedagogium, socio correspondente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, 2º vice-presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, director do campo de demonstração de viticultura e forragens, no municipio de Vassouras, 2º vice-presidente honorario da Sociedade Agricola Resendense, etc., etc.

O Dr. Campos da Paz publicou 44 obras, entre discursos, conferencias, relatorios, etc., sobre diversos assumptos.

Dentre esses trabalhos, mencionamos aquelles que se referem ou mais directamente se prendem á agricultura, e são elles:

A Questão dos Vinhos (os vinhos falsificados) 400 paginas; Falsificação das Bebidas Alcoolicas, Vinhos Artificiaes, Propaganda Agricola, Da Fabricação do Vinho, Exposição de Uvas em S. Paulo Vinhos Facticios, Agronomia, Resumo da Primeira Conferencia sobre a Exposição Viticola de S. Paulo, Relatorio da Exposição Viticola de S. Paulo, Resumo da Segunda Conferencia sobre a Exposição Viticola, Resumo da Conferencia sobre a Exposição Viticola de S. Paulo, Manual Pratico do Viticultor Brasileiro, e Viticultura.

O seu livro, *Manual Pratico do Viticultor Brasileiro*, que foi dedicado ao Dr. Pereira Barreto está pelo mesmo prefaciado, prefacio que termina assim: — « Posso affirmar por experiencia propria que foi um immenso progresso este novo processo de enxerto. Não só é o mais facil de executar-se como ainda é o mais seguro.

Achando-se bem conservados os bacellos em areia secca e em logar fresco, não falha uma *borbulha*. Qualquer individuo, com um pouco de boa vontade e seguindo á risca as indicações do Dr. Campos da Paz, póde executar com perfeição este facilimo systema de enxerto. *O Manual Pratico do Viticultor Brasileiro* está repleto de indicações uteis; mas, quando outros meritos não tivesse, só este bastava para recommendá-lo como um livro indispensavel ».

Finalizando este ligeiro escorço, lamentamos que a feição e a indole desta secção não nos permitta alongarmo-nos e, terminando, insculpimos na Galeria o nome nobre e puro de Campos da Paz, operario da liberdade e do progresso nacional, que a morte retirou do trabalho e da lucta, no dia 29 de maio de 1899, com 46 annos de idade.

A pecuaria nacional

Está terminada a revisão das tarifas aduaneiras na parte que taxa os similares dos productos de nossa pecuaria.

Esses similares estão capitulados nas classes 1, 3 e 4 e sua discussão terminou com a votação a poucos dias realizada da classe quarta.

Foi relator de todas ellas o illustre presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, Sr. Dr. Wenceslau Bello.

Seria muito longo reproduzir aqui a ardorosa e convincente defesa que tem feito S. Ex. dos interesses da industria pastoril, e que, justificando o acerto do Governo em convidá-lo para representar as classes agricolas na Commissão Revisora, constituem relevantes serviços prestados por S. Ex. na espinhosa e exhaustiva incumbencia que lhe foi confiada.

A Lavoura, porém, julga de seu dever reproduzir a ultima parte da discussão desses interesses, especialmente porque se refere ás taxas da manteiga, do queijo e do toucinho, que tão importante papel representam na vida economica de nossa industria pastoril. E congratulando-se com os criadores nacionaes pelo resultado da votação, rejubila-se em poder salientar a habilidade e elevado criterio com que o Sr. Dr. Wenceslau Bello dirigiu a discussão, dedicadamente auxiliado pelo Sr. Dr. Jorge Street que, dest'arte, se tornou tambem merecedor dos agradecimentos da *A Lavoura*.

Assim se exprimiu o Sr. Dr. Wenceslau Bello na sessão de 30 de março:

« O boletim da casa Demagny-Isigny para Outubro de 1909 dá o preço de 165 francos por 50 caixas de duas libras, ou 3 fr, 30 por kilo, o que produz 2$098 ou, com 15 °/o de despesas, 2$412 para valor na Alfandega.

A casa Marti & C., do Rio, informa que a média geral do valor na Alfandega é de 2$058.

Pelo catalogo da casa Joseph Ramell, a manteiga dinamarqueza ficaria por 2$773.

A média entre o primeiro e o ultimo valor referidos é de 2$541.

Deveriamos adoptar de preferencia este para valor official, pois que tratando-se de producto alimenticio só é licito admittir a competencia entre os productos de nossa industria e os importados de primeira qualidade e a média allegada por Marti & C. fica rebaixada devido ás man-

teigas inferiores, que chegam ao nosso mercado e que o zelo pela hygiene publica aconselha excluir de nossa alimentação.

Será, portanto, inteiramente razoavel adoptar-se o valor official de 2$500, inferior ainda ao valor das excellentes manteigas da Dinamarca — pouco superior ao da Demagny, sendo esta especialmente fabricada para o Brasil e sem garantia de responsabilidade da hygiene franceza, como se vê do prospecto que apresenta ao exame da commissão.

Desde 1906, a taxa da manteiga foi elevada a 1$500. Essa taxa corresponde a 60 % do valor que adoptamos. Deve, porém, apesar disso, ser conservada.

A industria nacional já produz cerca de sete mil contos, ao passo que a importação de manteiga em todo o pais pouco excede de cinco mil contos.

A estimativa da producção feita pelo Centro Industrial é ainda inferior á verdade. Corresponde ella a 146 fabricas que foram arroladas, mas não comprehendeu um grande numero de installações menores, que no emtanto influem na producção e que elevariam certamente o total, ainda mesmo que se deduzisse a parte relativa ao fabrico de queijos, englobada na estimativa, porquanto não foram tambem contempladas numerosas installações que, sem o caracter de fabrica, produzem maior quantidade de queijos.

Trata-se, portanto, de uma industria agraria, genuinamente nacional, que está em via de formação, que já tem conquistado grande terreno á concurrencia estrangeira e que tem deante de si um grande futuro para o qual dispõe dos melhores elementos naturaes.

As fabricas de manteiga estão habilitadas com apparelhos e materia prima para muito maior producção, de modo a supprir o mercado mesmo do norte do pais. A prova é que muitas vezes se têm produzido grandes *stocks* encalhados por falta de mercado.

Essa falta de mercado não é devida á impossibilidade de fazer a manteiga nacional cessar a concurrencia estrangeira nas praças do norte.

Tem sido antes devida á falta de resistencia dos productores. E' sabido que até pouco tempo só existiam pequenos productores, que apenas tinham força para explorar o mercado do Rio, o que aliás conseguiram vencendo o producto estrangeiro. Não podiam, porém, tentar maior emprehendimento, por falta de união que lhes désse a necessaria força e precisa unidade de orientação e de esforços.

Esse estado, porém, está se modificando.

Ainda não temos o regimen cooperativo perfeito que ha de resolver o problema, mas já temos união de productores que estão fazendo intelligentemente a propaganda da manteiga nacional para sua introducção nas praças do norte.

Não é impossivel chegar a esse resultado, apesar dos fretes altos e já se está triumphando. A maior difficuldade tem sido no norte, como fora aqui, vencer o habito de consumir o producto estrangeiro, habituando-se o paladar dos consumidores no producto do país. Esse trabalho, porém, tem progredido com bom resultado e estou informado que os agentes dos productores já conseguiram para este anno boas encommendas para logo que se esgotassem os *stocks* nas casas commerciaes de Pernambuco e outras praças.

Desse modo, em pouco tempo se fará a conquista do mercado nacional, a concurrencia interna trará o barateamento do producto, e essa importante industria agraria prosperará dando ao consumo um producto são, se os poderes publicos cohibirem as adulterações feitas no commercio e em fabricas criminosas que nenhuma relação guardam com a industria de lacticinios.

Accresce que os capitaes estrangeiros estão neste momento procurando applicação na industria da fabricação da manteiga.

Sei que diversos emprehendimentos se estão iniciando para esse fim. Fabricante francês de grande fama teve ou tem ainda representante aqui com esse intuito. Para uma outra empresa, já foram adquiridas duas grandes fazendas e está em trato uma outra no municipio de Resende.

A firma Bordeaux & C., desta praça, constituida por brasileiros, dignos de louvor e auxilio pela intelligencia e tenacidade com que trabalham, fez uma representação bem fundada.

Esses industriaes compram a manteiga de varios productores, fazem o seu beneficiamento e conseguem assim um producto puro de qualidade superior e que se conserva inalteravel por longo tempo, mesmo no clima do extremo norte do pais.

E' sabido que a manteiga nacional, apesar de pura e de excellente sabor, tinha, em geral, o defeito de se alterar facilmente, não resistindo assim ao armazenamento e a longas viagens.

Os Srs. Bordeaux & C. removeram esse defeito com sua excellente marca *Mascote* e vencendo enormes difficuldades vão elles conquistando os mercados do norte, onde vendem aos preços de 1$, 1$600, 1$700 e 1$800 por libra. Tive provas de remessas feitas para Manáos, Maranhão, Ceará, Pará, Amazonas e até para o Acre, assim como vi attestados da

boa acceitação que o producto vai encontrando mesmo nesses longinquos mercados.

O pais tem elementos para supprir a todo o consumo nacional e até para exportar os productos lacticinios. A producção da manteiga já é superior á importação total do pais, augmenta cada anno em proporção crescente, que já se eleva a mais de 500 mil kilos. Estão resolvidos os grandes problemas da qualidade superior e da perfeita conservação do producto.

Em taes condições, seria grande erro alterarmos neste momento as condições dessa industria.

Assim proponho a conservação do onus actual com a taxa 1$550, razão 60 %.

Com a quota de 50 % ouro, o onus actual é de 2$100. Nos termos da proposta será de 2$040.

Não haverá, pois, aggravação e sim ainda uma diminuição, comquanto insignificante.»

— O Sr. Baptista Franco considera que, se a taxa de 1$500 proposta representa uma diminuição, no onus de 98 réis, ha outra, de 1$600, em que ha augmento desse onus, mas muito menor.

Entre a taxa que diminue 98 réis no onus e a que augmenta muito menos do que isso, opta por esta ultima que é a de 1$600.

O Dr. Bello concorda com os 1$600, mas não a propôs por não querer assumir a responsabilidade de qualquer augmento.

Em apoio dos argumentos da exposição feita pelo relator, o Dr. Street lê os algarismos da producção da manteiga, que augmentam progressiva e extraordinariamente de 1906 a 1909.

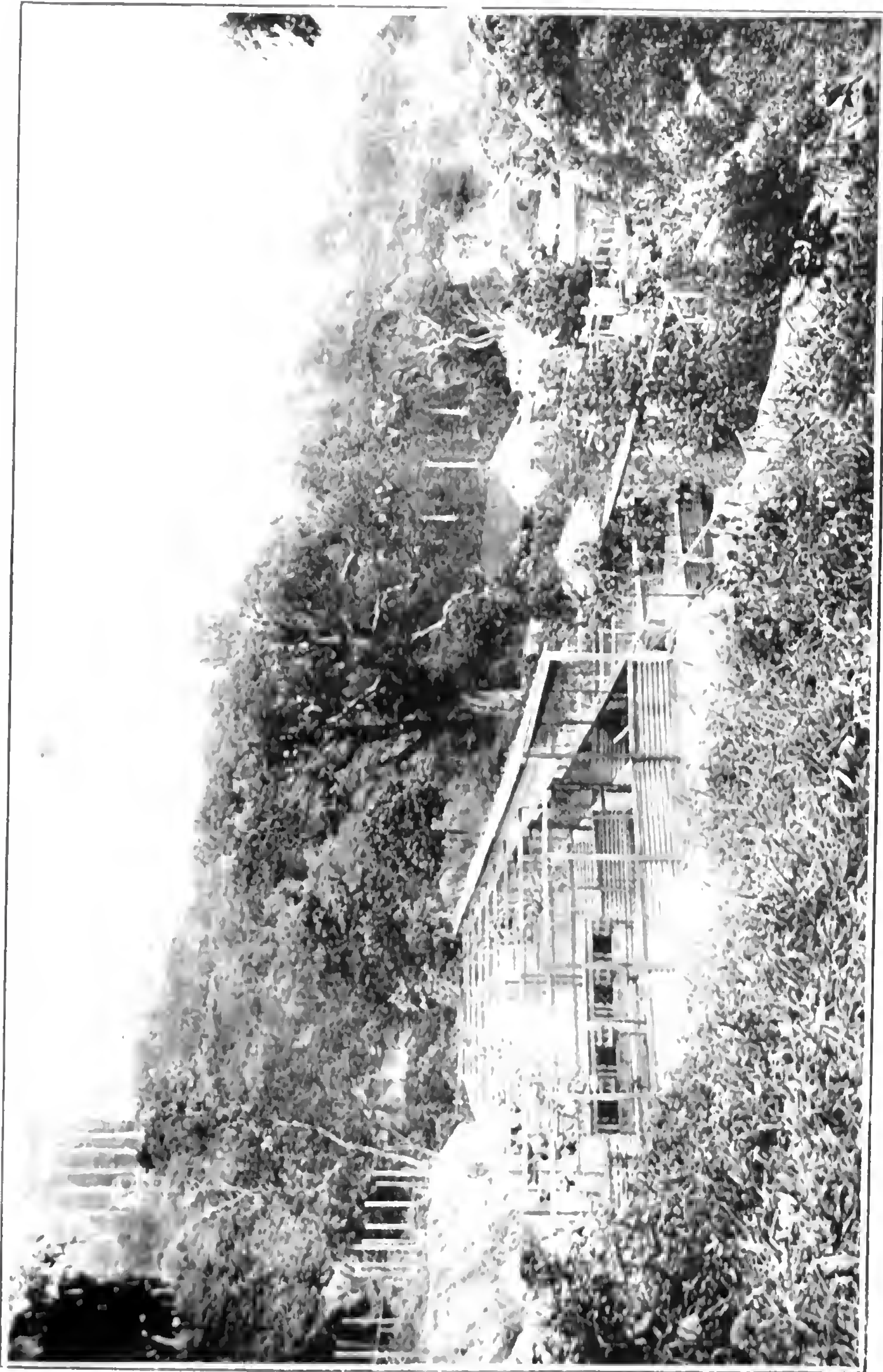
Assim, em 1909 a producção foi de 2.163.662 kilos; 1908, de 973.000; em 1907, de 206.000, e 1906, de 147.000.

Isto quer dizer que a producção de 1909 foi 2 1/2 vezes maior do que a de 1908, mais 10 do que em 1907 e 15 vezes mais do que em 1906, augmento bastante consideravel em tres annos.

Crê S. Ex. que este augmento é decisivo em favor da industria da manteiga.

Considera ainda o Dr. Bello que é recente o esforço da introducção das melhores raças leiteiras no pais. Ora, este gado precisa de tempo para a reproducção e desenvolvimento, afim de que surja um resultado que, entretanto, é seguro.

A influencia é que não póde fazer-se sentir de um dia para outro. Ha muitos lavradores com esse gado, mas ainda novo ou não produzindo leite por emquanto sufficiente.




cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15 16

O Dr. Street referindo-se ao numero que citou acredita que não ha industria com marcha mais fortemente ascencional.

Não ha tambem outra que seja mais nacional do que a da manteiga, que não é absolutamente uma industria exotica...

Lembra ainda o Dr. Bello que agora já se adoptaram os processos do estabulamento do gado, o que concorre para o melhoramento de suas condições.

Dadas todas estas circumstancias, conclue que a industria da manteiga tem todo o direito de exigir protecção.

Teve então a palavra o Sr. Dannecker que disse ter sido procurado por importadores de manteiga que, pelo menos, pretendem a conservação da taxa actual.

Acha que os numeros do Dr. Street sobre a producção da manteiga só servem para provar qua a industria está no melhor desenvolvimento.

Por isso crê que de uma pequena reducção ou da conservação da taxa actual não advirla inconveniente algum.

O Dr. Bello acha que, estando a industria da manteiga em seu inicio de expansão, intervir com uma taxa em seu desfavor será fazer aquillo que na sua terra se chama *pialar* o gado, isto é, atirar-lhe o laço para detel-o de chofre, no impeto da corrida.

O Sr. Dannecker pede a conservação da taxa actual, ao que retrucou o Dr. Street que é uma especie tambem de conservação a proposta do Sr. Baptista Franco.

O Dr. Corrêa da Costa impugna a taxa de 1$600, que lhe parece exaggerada, porque se trata de um artigo que é ainda importado.

O Sr. Sattamini acha que as razões apresentadas pelo relator e corroboradas pelo Dr. Street não justificam que se estabeleça maior pressão no *onus* do que a já existente.

O Dr. Corrêa da Costa tambem se manifesta contra a taxa de 1$600 porque acha que o paiz todo não póde ficar tributario de algumas fabricas de manteiga.

O Sr. Sattamini argumenta com os preços altos dos fretes de transporte, que encarecem o producto, quando destinado a pontos longinquos do paiz.

A manteiga que vai para o norte ainda o não faz em quantidade sufficiente para o estabelecimento definitivo dessa industria nos mercados dahi.

O Dr. Street chama a attenção de seus collegas e especialmente do Sr. Sattamini, que tanto gosta de estatisticas, para o argumento que vai produzir.

Ha duvidas, no espirito do Sr. Sattamini, de que a industria da manteiga tenha chegado já ao norte. Ora, os algarismos do Dr. Bello provaram que, este anno, a exportação da manteiga nacional para o norte já começou em grande escala.

Ha, além disso, outros argumentos que corroboram esse facto e entre elles destaca o do decrescimo da importação da manteiga estrangeira.

Assim, para o Pará, a importação de manteiga foi de 423.000 kilos em 1902, de 448.000 em 1903, de 560.000 em 1904, 613.000 em 1905, de 520.000 em 1906, de 357.000 em 1908, ou uma média de 475.000 kilos.

Já houve, portanto, baixa.

Na Bahia, cuja média de importação nesses annos foi de 422.000 kilos, apresenta um decrescimo, nos dous ultimos, de 283.000.

Em Manáos tambem se deu o mesmo phenomeno, decrescendo a importação estrangeira da manteiga de 167.000 para 142.000 kilos.

Tratando-se de tres Estados ricos, isto não quer dizer que o consumo tenha diminuido, senão que, baixando no coefficiente da importação estrangeira, se surta de productos de outras procedencias.

O Dr. Bello apresenta o resultado da exportação para o norte da manteiga *Mascote* posta nos lugares de destino a 1$600, 1$700 e 1$750 a libra.

O Dr. Corrêa da Costa discute ainda os valores officiaes achados pelo Dr. Bello e Sr. Dannecker e insiste na sua proposta da conservação da taxa em 1$500, com a qual acha que a industria nacional ficará sufficientemente protegida.

O Dr. Bello acha imprudente e inopportuna uma tal taxa, porque a industria agora é que está começando o abastecimento dos mercados do norte.

Daqui a tres annos ella será razoavel, agora não.

Termina abandonando a taxa de 1$550 para aceitar a de 1$600, do Sr. Baptista Franco.

O Dr. Corrêa da Costa é contrario á taxa de 1$500 e propõe a de 1$200, que lhe parece já altamente proteccionista.

Feita a votação, reuniu maior numero de votos a proposta do Sr. Baptista Franco, de 1$600 para cada kilo de manteiga de leite.

Foi tambem approvada a conservação em 3$500 da taxa para a manteiga de margarina, ambas com a razão de 60 %.

Tratou-se em seguida, do art. 63, queijos, cujas taxas o relator Dr. Wencesláo Bello, assim justificou:

« Proponho a conservação do onus com a taxa de 1$220.

E' certamente uma taxa alta.

A industria do queijo, porém, vae acompanhando os progressos geraes dos lacticinios que ja vimos para a manteiga.

São dignos de nota a marca Palmira, imitando o queijo flamengo e o Gouda Mineiro fabricado pelo Dr. Moltinho.

Essas marcas já rivalizam com as estrangeiras e sua producção augmenta progressivamente.

Não existem ainda para o fabrico do queijo organizações tão fortes e bem apparelhadas como existem para o da manteiga, mas o progresso é patente e convém ao pais ampará-la ainda, como se tem feito nestes ultimos annos, sem nos aventurarmos a dar-lhe um golpe que poderia affectar gravemente o seu desenvolvimento.

Equilibrando-se a differença de quota ouro com o pequeno accrescimo de 20 réis, corresponderemos a uma aspiração da industria dos lacticinios. Lealmente declaro que a taxa próposta corresponde á cerca de 70 °/₀ do valor de importação.

Mas, tendo-me esforçado por conseguir para a cerveja uma taxa correspondente a 200 °/₀, não me sinto constrangido em pedir a de 70 °/₀ para os queijos, quando prevaleceu a de 460 °/₀ para a cerveja, que é uma industria já feita e monopolizada, quando a do queijo, com mais direito, reclama o amparo dos poderes, porque está ainda em via de organização e porque está directamente ligada ao valor do sólo, que é a maior e a mais real das riquezas do pais.»

O Sr. Dannecker, que recebeu facturas de queijos estrangeiros, affirma que os seus preços aqui são de 1$280, 1$154, 1$075, 1$225, com uma média, mais ou menos, de 1$200.

Em taes condições, os importadores não pedem reducção, senão a conservação da taxa actual, pedindo que não seja augmentada.

Conclue que muito melhor lhe parece a taxa de 1$200.

O Dr. Street propõe a de 1$300, que é acceita pelo relator, sendo approvada.

Veio, finalmente, a discussão do artigo 69, toucinho, ultimo da classe 4ª.

Foi dada a palavra ao Dr. Bello, que assim se refere ao artigo justificando as suas taxas.

« Facturas de Davidson, Pullen & C. dão o valor médio de 1$185 o kilo. Acceitando, pois, o de 1$, a taxa actual de 200 réis corresponde a 20 °/₀. Nessas condições, penso que deve ser conservada, com a razão real de 20 °/₀, maxime quando a quota ouro de 50 °/₀ passa a ser de 40 °/₀.»

O Dr. Corrêa da Costa considera que pagando o toucinho a peso bruto a taxa de 200 réis, é de facto de 400 réis, razão pela qual opta pela conservação da taxa de 200 réis.

Esta taxa foi unanimemente approvada.

O Ovo na alimentação do homem

POR C. HOLLSTEIN

A importancia do ovo de gallinha sob o ponto de vista economico será de uma clareza immediata se lançarmos uma vista d'olhos sobre as estatisticas commerciaes dos povos civilizados.

Em tempos que já vão longe, que se não conheciam ainda as estradas de ferro, e os navios vagarosos moviam-se mercê dos ventos, era o fragil e facilmente deterioravel ovo mais destinado ao commercio local.

As circumvizinhanças das grandes cidades forneciam aos seus habitantes este meio de alimentação.

Hoje a cousa é outra; o ovo vae de paiz a paiz. Berlim consome annualmente cerca de sessenta e cinco milhões de ovos e uma parte do necessario manda vir de lugares longinquos.

Bem acondicionados em caixões para 1.440 unidades, chegam milhões de ovos como carga de estrada de ferro do interior da Russia e da Austria-Hungria.

Mesmo o Oriente abastece os paizes da parte occidental da Europa com este producto da gallinha domestica.

Na Asia menor e no Egypto vendem-se ovos para Londres, e, apesar da longa travessia, elles não encarecem demasiado, pois o frete para um ovo, de Alexandria até Londres ou Hamburgo é sómente de um sexto de *pfennig* (1).

O ovo tornou-se, ha muito tempo, um artigo de commercio mundial. Seus principaes compradores, porém, são a Alemanha e a Inglaterra.

Dizem que no Imperio Alemão as gallinhas põem annualmente cerca de mil milhões de ovos; não bastam, porém, para a largueza do consumo.

---

(1) Um pfennig, moeda de cobre pequena, usada na Alemanha, vale 6 réis.



Grupo de Brhamas escuras do « Ascurra Basse Cour »


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15 16

No anno ultimo attingiu a nossa importação a cerca de 2 1/2 bilhões de ovos, no valor de 80 milhões de marcos.

A Inglaterra precisou approximadamente de tanto quanto nós no anno de 1907. Sua importação montou a dois bilhões e 230 milhões de ovos.

Chegam a Berlim, Hamburgo e Londres ovos colhidos nos lares de todos os paises; os principaes fornecedores, porem, são a Russia e a Austria-Hungria, sendo que o valor da exportação russa attingiu a cifra de 50 milhões de rublos e a da Austria-Hungria á cerca de 75 milhões de corôas.

Ainda por um outro prisma podemos encarar esta estatistica: os ovos não apresentam em todos os lugares a mesma grandeza ou tamanho.

A tal respeito, sabe-se quanto uma dona de casa tem de experiencia propria. E' interessante de se assignalar que os ovos mais pesados vêm do norte da Hollanda e que cada um pesa, em média, 84gr,6; os mais leves são oriundos do Egypto, ovos de Said, que têm um peso médio de 40gr,84, por unidade.

Apesar de tudo, o ovo, em cotejo com outros alimentos de todos os povos, occupa um lugar modesto.

Recentemente, na America, acham-se empregadas em tão interessante *arrecadação* 2.456 familias de operarios, o que demonstra estar tal alimento tornando-se escasso para elles, e, mais ainda, a importancia do seu valor nutritivo.

Prova-se que o pão, a farinha, a batata, o arroz entram na alimentação geral com a quota de 40 %; carne, aves e peixes, 24 %; leite, queijo, manteiga e toucinho, 22 %; assucar e caldos, 12 %, emquanto que o ovo sómente com a quota de 2 %.

Parece-nos ser ainda um tanto minguado o consumo do ovo na classe operaria. Quando muito nos meses de março, abril e maio, elle apparece frequentemente á mesa dos mal sorteados da fortuna, isso porque nessa época o ovo está mais barato.

No inverno, quando então culmina em preço e é raro obter-se o ovo fresco, espalha-se elle pelas largas camadas sociaes principalmente como ingrediente de differentes manjares.

Em compensação, na dieta dos doentes, representa o ovo uma grande funcção. Onde haja pessoas fracas e mal nutridas para se fortalecer, é muito costumeiro entre o povo lançar-se mão do ovo como um rico alimento.

Se por meio delle se conseguirá sempre o mesmo exito, é uma

outra questão que só o medico póde decidir e determinar a opportunidade de tal dieta.

Em via de regra, porém, costuma-se exaggerar o valor nutritivo do ovo, promettendo-se mais do que, de facto, elle póde conceder.

Investigações recentes ensinam-nos a composição desse alimento.

O ovo de gallinha pesa, em média, 51 grammas, das quaes seis grammas constituem a casca que não entra como parte nutritiva; ficam-nos, pois, a clara e, sobretudo, a gemma, partes componentes do todo.

Na clara acham-se approximadamente 86,2 % de agua, 10,1 % de albumina pura, muito pouca gordura (0,14 %) e 0,7 % de substancia mineral.

A gemma é muito concentrada, pois contém sómente 47,5 % de agua e 17,5 % de albumina.

Seu coefficiente em gordura é muito elevado, 33,3 %, ao passo que o de substancia mineral cae a 1,7 %.

Colige-se dahi que a clara de um ovo fornece cerca de tres grammas de albumina, a gemma igualmente tres grammas da mesma substancia e ainda mais tres grammas de gordura.

Tal quantidade de substancia alimenticia encontramol-a nós em 35 grammas de carne gorda ou 150 grammas de leite.

Se um homem quizesse alcançar toda a quota de albumina que lhe é necessaria por meio do ovo, deveria comer diariamente 20 delles!

Ha pessoas que acreditam ter feito milagre com tal alimento, valendo-se de dous até tres, ou mesmo de um só ôvo.

Abstrahindo-nos desses exaggeros, devemos ainda assim proclamar o ovo como um dos mais valiosos alimentos. Elle interessa, pois, a todos nós que o gosamos. A sua digestibilidade póde ser influida pelo preparo culinario por que lh'o fizerem passar.

Cozido, o ovo é de difficil digestão, e como tambem o estomago e os intestinos permanecem cheios de impurezas, elle não é inteiramente aproveitado.

Dest'arte chega-se a perder uma parte de substancia nutritiva. Cousa identica se passa com o ovo em fórma de omellete. O ovo mexido será, pelo contrario, melhor aproveitado.

Dentre as varias fórmas culinarias a que se presta o ovo, a de mais facil digestão é a que se conhece sob a denominação de ovos quentes.

Novas investigações têm provado que, entre o ôvo quente e o crú não ha differença real de aproveitamento. Entre o povo, porém, ha a crença de que o ovo crú dá muita força.

Apesar disso, muita gente ha que o não supporta, recebendo bem o ovo quente.

O processo mais conveniente de se tomar o ovo cru é pô-lo em uma taça, juntar-se-lhe alguma agua e sal, misturar bem e, depois, pouco e pouco, bebê-lo. Para tanto, deve-se procurar o ôvo fresco que, commercialmente, é vendido por *Trinkeir*.

Seu preço é, na verdade, durante os meses de inverno, tão elevado (em muitas cidades elle attinge a 20 *pfennig* por unidade) que para muitas pessoas um *Trinkeir* só lhes chega em caso de salvação.

O ovo não é empregado exclusivamente como alimento do homem; elle tem tambem o seu fim technico.

Na renovação do papel photographico emprega-se muita clara de ovo; a gemma que sobra, é claro, não se deve perdê-la. Elle serve tambem para a preparação de massas, de productos alimenticios, pó de ovo, *cognac* de ovo, etc.

Em principio nada se póde objectar contra esses preparados; infelizmente, porém, elles, em geral, não correspondem ao que fica promettido nos reclamos.

Seu valor em substancias proprias do ovo, é, ás vezes, muito pequeno, e se elles se apresentam com uma bella cor amarela, devem-na á addição de uma tinta daquella cor. Uma certa precaução é por isso bem cabida.

Ha casos em que se paga por alto preço o ovo em pó e outros productos semelhantes.

Em casa particular consegue-se o ovo em via de regra, mais barato; em casos de soccorros, compra-se o ovo no mercado.

(Extrahido da *Deustche Zeitung*, de S. Paulo, e vertido do alemão pela R. L.)

III

A bananeira

CONFERENCIA LIDA PELO DR. RAFAEL URIBE URIBE, PERANTE A SOCIEDADE DE AGRICULTURA DE COLUMBIA EM 17 DE MAIO DE 1908

BOTANICA — A bananeira é o typo mais completo e importante de um dos generos da familia das *musaceas*, á qual deu nome.

Por seu aspecto, dimensões e porte, parece uma arvore, ou melhor, uma palmeira, sendo no entanto um vegetal herbaceo, uma herva gigante.

TRONCO — Como nas cebollas e demais *liliaceas*, uma cêpa ou bulbo em fórma de disco carnoso, emitte para baixo, por sua parte inferior, raizes fibrosas, largas e penetrantes, e pelo superior um talo longo e semi-cylindrico, formado pelas bainhas ou peciolos das folhas, superpostos e soldados entre si, de maneira que encaixando-se intimamente uns com os outros, simulam um tronco de dous a dez metros de altura e um pé de diametro, segundo a variedade.

Estes peciolos são constituidos por duas laminas largas e lisas, uma externa e outra interna, entre as quaes se encontra um tecido esponjoso de fibras e malhas formando cellulas dispostas em fileiras e repletas de uma mucilagem adstringente que tinge de negro ás mãos, roupas e ferramentas.

De cor verde claro, com manchas violaceas os da superficie, os peciolos se tornam de um branco nacarado á medida que formam as capas mais profundas, não expostas á acção da luz.

Um eixo ou coração, mais consistente que as folhas de envolucro, sobe pelo centro desde o pé até á cuspide, para encurvar-se em appendice de onde brotarão as flores e fructos.

FOLHAS — No apice ou culmen do tronco, abre-se um leque de folhas de 10 pés de comprimento por dous de largura, ellipticas, alternas, a principio de lamina enrolada em fórma de cartucho, depois plenamente desenrolada.

Estas folhas são compostas de numerosas nervuras secundarias, parallelas e obliquas, que, de lado a lado, convergem a inserir-se em uma especie de costo, pedunculo ou veia dorsal saliente, que é a continuação do caule e da mesma natureza, e atravessa a folha em todo seu comprimento e a sustem.

O limbo das folhas é uma membrana lisa e brilhante, tão delgada e fragil que se rompe em centenas de tiras ao sopro de qualquer vento brando, ostentando na face superior uma formosa cor verde e, na inferior, a mesma tisnada de um pó esbranquiçado.

FLORES E FRUTO — Chegada a época da fructificação, sae do centro das folhas uma vara ou trombo encurvada e pedente, continuação do eixo central, chamada espatha pelos botanicos e *rastajo* pelo povo, constituido por fibras muito resistentes, afim de que possam suster o pesado cacho ou *régimen*.

Do eixo, desnudo em sua primeira parte, pende um corpo em fórma de cone invertido, formado de escamas ou membranas carnosas, muito apertadas umas contra as outras, de cor violeta escura ou purpurea, denominadas espathas, servindo para proteger, e abrigar das intemperies, as flores ainda não desenvolvidas.

Cada dia levanta-se um desses envoltorios e põe a descoberto um grupo de flores; porém, passada a floração, essas bracteas se desprendem, deixando livre o cacho, de cuja extremidade inferior fica pendente a glande em umas variedades, e uma especie de cauda em outras.

As flores dispõem-se em fileiras, alternadas por meio de anneis em torno da vergontea, onde mais tarde se acommodarão os frutos como os dedos de uma mão aberta.

Estas flores são de um bellissimo branco amarelado, com um nectario que produz um liquido albuminoso, doce e agradavel, que as crianças, os passaros, especialmente os colibris e os insectos perseguem com avidez, e, mais que todos, as abelhas, sem duvida um efficaz auxiliar para a fecundação, de onde se deduz a conveniencia de multiplicar as colmeias ao lado dos plantios de bananeiras.

O fruto, uma vez desenvolvido, tem duas a 12 pollegadas de comprido, uma a três de diametro, conforme a variedade.

E' de fórma subtriangular, de casca lisa, coriacea, carnosa, de cor arroxeada ou amarela verdoenga.

Interiormente é formado por uma massa compacta ou tenra, farinacea ou doce, segundo a qualidade e a maturidade.

No centro existem três divisões adherentes, nas quaes se notam sementes pequenissimas, em fórma de granulos pardos, inseridos nos angulos da cruz ou coração da banana; ha, porém, variedades que apresentam sementes maiores, desenvolvidas á custa da polpa.

O vulgo designa os três estados de transformação do fruto com os nomes de *biche*, *verde* (?), *pinton*, *inchado* (?) e maduro

VARIEDADES — Uma planta da qual se póde dizer — foi a nutrição dos primeiros homens — e que tem sido submettida a tantas translações, é natural que se tenha diversificado em grande numero de variedades e, cruzando-se através dos seculos, essas variedades entre si tenham produzido outras e outras, em que umas vezes o fruto resultasse seleccionado, outras decaisse até se tornar intragavel.

Essas hybridações e a necessidade em que se viu a planta de se adaptar aos diversos climas e solos para onde foi levada, assim como as differenças do cultivo, extremaram de tal fórma as variedades entre si, que já hoje se apresentam com caracteres inconfundiveis.

Dentro de uma mesma variedade, a planta e o fruto differem notavelmente, segundo o local, o gráo de temperatura e de humidade e, mais que tudo, a fertilidade do sólo.

Por exemplo: um rebento tirado de um arbusto vigoroso e semeado em terreno esteril, crescerá pouco e dará fruto rachitico, de escassas qualidades comestiveis; e se se faz plantação delle em lugar onde se estão operando decomposições organicas de qualquer especie, perderá seu sabor e perfume.

Em uma certa occasião, provei as bananas de uma arvore proxima a uma pocilga, e achei de gosto horrivel e cheiro repugnante.

As variedades de bananeiras multiplicar-se-iam infinitamente se se as houvessem propagado por meio de sementes, em vez de se o fazer por mudas tiradas dos rhisomas, pois, neste caso, a permanencia da variedade é maior, ao passo que no outro a facilidade com que o pollen fecundante é levado pelos ventos e pelos animaes teria determinado incontaveis combinações.

Comtudo, hoje se conhecem mais de 100 variedades que R. Brown julga todas derivadas de uma só, a *musa sapientium*.

Seria difficil enumerá-las sem confundi-las, já porque muitas não têm sido baptizadas e classificadas scientificamente, já porque os nomes vulgares discrepam de um pais para outro e ainda dentro de um mesmo pais, de modo a tornar-se impossivel o estabelecer a sua identidade ou synonimia.

Todas ellas poderiam ser constituidas em 3 grupos: a musa *comestivel*, a *textil* e a musa de *ornamentação*.

Mencionarei só as principaes dentre as que vi na Columbia, no Brasil e outros paises, e algumas das mais raras de que falam os naturalistas.

A *musa sapientium* é a bananeira guiné, que dá o fruto de exportação para a mesa.

No Brasil chamam-na banana de S. Thomé, como referencia á ilha africana de onde veio.

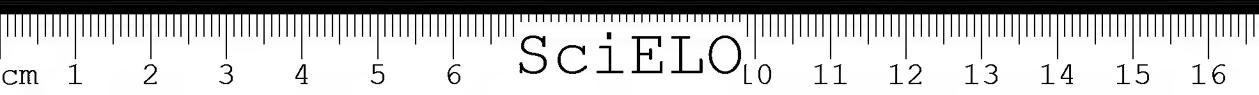
E' ella a *plantain-tree* dos inglezes, a *bananier cultivé* dos francezes, a banana dos brahmas, na India, e o *platano figo* ou *figueira de Adão* em outros lugares.

A haste é de cinco ou seis metros, com manchas purpurinas, emquanto que as veias das folhas são verde-escuras.

Ao sazonar o cacho, fica sem glande o extremo inferior, em fórma de cauda desnuda.

Os frutos são curtos, de 10 a 12 centimetros, quasi rectos, dis-




cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15 16

postos em duas fileiras por cada penca, e em numero de 200 a 400 por cacho.

Quando em maturação, a pelle é amarela com manchas avermelhadas, lisa, facilmente destacavel, comquanto deixando filamentos adherentes a polpa, que é branca, ou um tanto rosea, com a consistencia da manteiga fresca, fundente, unctuosa e assucarada, e de um exquisito aroma e sabor.

E' desta variedade principalmente que os negros da Africa extrahem a sua farinha de banana, seccando-a em fatias ao sol e reduzindo-as a pó em pilões.

A *musa paradisiaca* é o nosso *pão real*, chamada no Brasil *banana da terra* ou *comprida*, e pelos indigenas, *pacoba*.

De todas as variedades é a que dá frutos maiores e grossos, pois têm de 25 a 40 centimetros de comprimento, 3 a 5 de diametro e uma casca de 3 a 6mm de espessura e tendo como peso total 400 a 800 grammas.

Esta banana é de angulos salientes, encurva-se mais que a de outras variedades e, quando madura, se tinge de negro.

A polpa é compacta, resistente á pressão, pastosa e agglutinante.

Crua é pouco agradavel, porém cozida ou assada é deliciosa, especialmente acompanhada de leite.

O numero de pencas de cada cacho e o de bananas em cada penca é menor do que nas outras variedades, mas a qualidade de sua fecula é superior, e por esta razão se lhe dá preferencia para o fabrico da farinha.

O tronco póde alcançar até sete metros de altura.

Uma differença radical entre esta variedade e a que precede está na disposição das pencas: a curva dos frutos da *musa sapientium* está voltada para baixo, servindo o cabo como de corda de arco, emquanto que a da *paradisiaca* ou é divergente ou está voltada para cima (1).

A *pão commum* ou *pão de S. Domingos*, resultante quiçá do cruzamento entre as duas variedades cujo nome as indica, participa das qualidades de ambas, e assim tem em cada cacho maior numero de frutos, ainda que menores que os da anterior.

---

(1) O Dr. Evaristo Garcia em sua importante monographia da bananeira, publicada no *Boletin* de Medicina del Cauca, chama musa paradisiaca a do pão e musa *sapientium* a de Guiné. As descripções que dão outros naturalistas fazem corresponder a primeira designação botanica com a de S. Domingos e a segunda com a do pão commum; sigo, porem, nesta conferencia a opinião do sabio colombiano.

Variedades derivadas das duas principaes, a *paradisiaca* e a *sapientium*, são as seguintes:

A *banana de Cayena*, muito semelhante á do pão, porém de folhas mais lustrosas, frutos maiores e escassos, polpa mais dura e desagradavel;

A *banana da India*, cujo fruto é de 15 a 20 centimetros de comprido, casca rosada escura, ás vezes amarela alaranjada e gosto mucilaginoso;

A *banana capitão-mór*, parecida com a precedente; tem cinco angulos não muito salientes, 23 centimetros de comprido e polpa cor de carne;

A *banana rosada*, ou *camburi*, vinda da India pela Africa; o fruto tem as dimensões de um pequeno corno e a grossura de um braço de creança; é de sabor typico, *marroso* como dizemos, razão por que só se a come depois de cozida;

A *Guiné* propriamente dita (*musa glauca*), de origem africana; folhas de cor verde-negra, fruto curto, grosso, arredondado, amarelo com manchas morenas, adstringente, quando verde, até ao ponto de tingir de negro as vasilhas e dar caldo como tinta clara; quando madura, tem a fama de damninha, comida crua; cozida, ainda verde torna-se branda e delicada e se a emprega na convalescença da dysenteria e outras enfermidades intestinaes;

A *musa regia* é a nossa *dominicana*, nome derivado da ilha de S. Domingos, de onde a planta provém segundo fica dito.

E' a variedade mais abundante em toda a America, por sua facilidade de adaptação, tanto nos climas ardentes como nos frescos, e, pelas boas qualidades do fruto, tem um consumo immenso.

O tronco alcança cinco metros de altura, e os frutos de 16 a 24 centimetros de longo por 33 a 36 millimetros de diametro, e 3 milimetros de grossura; a casca que é amarela.

Contam-se 100 a 120 frutos por cacho, com um peso total de 30 a 40 kilos.

A polpa tem gosto farinaceo;

A *musa argentea* ou *banana de prata*, descende directamente da anterior e é mui susceptivel de degenerar, tornando ao typo primitivo.

A polpa é muito branca, de onde lhe vem o nome, como a casca não é adherente, destaca-se com facilidade;

A *musa coccinea*, ou *banana maçã*, é originaria da Cochinchina, de baixa estatura, dous metros quando muito, e bem notavel por suas espathas de cor roxa viva.

O fruto, de 10 a 15 centimetros, é extremamente parecido com o da *prata*, porém menor e mais roliço com as arestas dos três angulos pouco salientes. A casca é amarela, fina e lisa, mas não se separa facilmente como a da outra.

A polpa é escarlate e o gosto assemelha-se á da maçã.

E' branda e doce, mas tem a particularidade de envolver cellulas endurecidas, de aspecto e consistencia petrea, facto que se não dá com nenhuma outra especie de banana.

As flores segregam mais succo saccharino que as de quaesquer outras variedades;

A *banana tamara*, é uma immediata derivação da precedente, assim como a *banana mosquito*, de fruto pequenissimo, cor de rosa no interior e bastante saboroso;

A *banana negra* (*musa discolor*) tem o dorso das folhas escuro como tambem os frutos antes de maduros, passando logo a carmesim.

Comendo-se cruas são de um doce desagradavel;

A *banana Davoa* (*musa Davoa*), cultiva-se na ilha de S. Thomé, Africa, onde é muito apreciada;

A *banana Otahiti* (*musa Cavendishi*), presume-se derivada da *sapientium*. Levada da India no Otahiti, em 1848, pelo missionario Williams, promptamente se apoderou da ilha e de quasi toda a Oceania, não obstante já existir alli cerca de 40 variedades de bananeiras, porque seu cultivo offereceu aos indigenas maiores vantagens que todas ellas.

O dorso das folhas é cor de violeta, o fruto negro-roxo na parte externa e rosado na interna, e o gosto semelhante ao da banana da India.

Cru é indigesto e resiste á acção do fogo para cozê-lo ou assá-lo.

Creio ser ella a *splendor* de Cundinamarca,

A *banana anã* (*musa chinensis*), é oriunda da China. A arvore resiste ás baixas temperaturas, retardando tão sómente a maturação do fruto.

Sua denominação provém do seu tronco, que é curto e grosso, de 1 a 1m,50 no maximo; as folhas ovaes e rosadas, e o seu cacho tão enorme que chega a tocar no solo, contendo 300 frutos pequenos e apertados.

Quando novos são vermelhos, tornando-se depois amarelo-roxos.

Seu sabor não é agradavel e, por isso, se a destina ao sustento de animaes, convindo advertir que estes não os comem com casca, pois esta, como a das demais bananas roxas, é venenosa, em virtude do leite que secreta contendo acidos gallico e cyanhidrico, ambos toxicos;

A *musa angulosa* ou *samburá*, semelhante á *doirada*, porém mais alta, dá fruto de angulos muito sallentes, tem 24 centimetros de comprido, e a massa, amarela bem carregada, é pouco saborosa;

A *banana picoverde* (*musa bicolor*), variedade da anã, com frutos de um amarelo intenso, sendo a ponta verde, o que lhes dá formoso realce;

A *banana violeta* (*musa violacea*), tem um tronco coberto de manchas, 4 a 5 metros de altura, folhas verde-roxas, com reflexos *tournes ol* e o fruto da mesma cor, grosso, redondo e doce.

Além destas variedades, existem no Brasil a banana Pratoquiá e a do Maranhão, de casca rosada e polpa alaranjada, a *banana do céo* e a de *assucar*, hybridações da banana da *terra* com a *prata* e a *anã*.

Ha mencionadas pelos naturalistas a *musa Zebrina*, originaria de Java, sendo as folhas manchadas como a pelle da zebra; a *musa superba*, a *musa ornada* e a *musa vittata*, ignorando-se se serão variedades distinctas das enumeradas ou synonimias para as designar; e as *aiori e tei* da Polinesia, assim como a banana de porco que os malayos usam como laxante.

O Dr. Garcia menciona, por sua vez, a banana *manqueño* e a *liberal*, não classificadas; a *santa fêense* (*musa monoscarpos*), a *guayaba* (*psidium pomeriferum*) e a *quinhentos* que, como seu nome indica, chega a ter esse numero de frutos, quando são de 12 a 16 centimetros, e 200 a 300 quando têm 16 á 25 centimetros de longo por 14 de circumferencia.

Em ambos os casos, o cacho é enorme, com pencas apertadas e numerosas, e cabo muito longo.

O tallo é alto e forte e as folhas de cor verde claro.

A *pacifica*, é uma banana curta, grossa, angulosa, de curva disposta em sentido lateral e de polpa rosada e doce, de facil digestão quando comida crua.

O cacho é pouco rico e as folhas cinzentas em baixo.

A *topocho* é uma importante variedade produzida em nossas planicies orientaes de Casanave e S. Martin, e seleccionada ahi pela mesma natureza para resistir aos furacões dessas regiões, e ás alternativas de fortes verões e longos invernos.

Offerece por caracteristicas: tronco grosso e curto, folhas coriaceas, raizes rasantes e longas, fibrosas e fortes como as de outras variedades.

O fruto não é delicado quando cru, todavia, cozido constitue a base da alimentação de certa classe de pessoas.

Como dispõe de qualidades para resistir ao embate do vento, seria conveniente multiplicar a *topocho* na costa atlantica, em Tolima, Cauca e outros valles expostos aos furacões.

(*Continúa*).

A cultura mechanica dos cafezaes

Visitámos ha dias a propriedade agricola « Mundo Novo », na estação do Campo Alegre, onde fomos especialmente para observar o systema de cultura mechanica alli empregado pelo Sr. Luiz Bueno de Miranda, digno gerente das fazendas dos Srs. Prado, Chaves & C.ª

Do que vimos, nos convencemos de que a applicação das machinas, pelo methodo « Luiz Bueno » nos traz os beneficos resultados que passamos a enumerar:

Baixa no preço das capinas, porque um colono, tratando quatro mil cafeeiros, capina-los-á em quatro dias, não havendo interrupção de chuvas; mas, tomando em consideração esse impedimento natural, digamos que leve oito dias; ao passo que a capina pela enxada, na média de 200 plantas por dia, tomará 20.

O tempo que sobra ao colono, elle irá aproveitá-lo para cultivar (sempre com machinas) maior quantidade de cereaes para o que lhe forneceremos mais terras. A abundancia de cereaes, especialmente do milho, fa-lo-á criador, e deste nos virá a indispensavel pecuaria.

Teremos toucinho, carne, ovos, frutas e legumes, tudo, emfim, e muito barato.

Isso não se dá actualmente, porque o colono mal tem tempo de produzir cereaes para o seu proprio consumo, visto a demoradissima capina pela enxada, e é a razão pela qual importamos milho e batatas da Argentina e a anti-hygienica banha norte-americana.

Ora, com a vida barata e custeio barato, o nosso café nos dará resultado compensador.

Outra vantagem do systema é que elle attrahe a immigração, porque o colono procura o conforto.

Actualmente elle prefere os Estados Unidos, cujo clima não é ameno, pois os invernos são muito rigorosos e os verões torridos, mas encontra abundancia de cereaes, carne, frutas, etc., e tudo isso barato.

ae o immigrante para a Argentina, por identico motivo.

O colono, sabendo, porém, que, num paiz de clima magnifico e suave e de solo de fertilidade unica e incomparavel, elle vai encontrar vida barata, preferi-lo-á naturalmente.

Não se adoptando o systema Luiz Bueno, haveremos de fundar os nucleos particulares. Estes nos ficarão muito caros, e em todas as fazendas que não tiverem terras — baixas e ferteis — não poderemos executá-los, pelas razões seguintes :

Supponhamos cinco fazendas, as quaes tenham em seu serviço um total de 200 familias : precisamos escolher, para estabelecer o nucleo, aquella que seja quanto possivel equidistante das outras quatro.

Nessa deveremos adquirir terreno sufficiente para fixar as 200 familias. Faça-se agora o computo do custo dos lotes, da edificação das 200 casas, etc., e ver-se-á que isso não é praticavel, mesmo que as despesas sejam distribuidas proporcionalmente, porque é equitativo que o fazendeiro que occupar maior numero de familias pague mais.

Mas, essas fazendas podem não ter, nenhuma dellas, uma área sufficiente para o nucleo. Partilhá-lo, seria cair então no mesmo systema actual de colonia.

Donde é logico inferir, que o systema « Bueno de Miranda » transforma a colonia em nucleo, isto é, o colono passa a trabalhar pelo systema de nucleo e obrigatoriamente, porque elle se contracta por anno.

Ao passo que se transferissemos o colono para o nucleo, elle, como proprietario do solo, não tinha obrigação de colher o nosso café.

Pelo nucleo nós capinariamos os cafezaes com machinas dirigidas pelos camaradas e na colheita recorreriamos ao nucleo, mas, o habitante delle, ou por não precisar, ou por ter de trabalhar em outras industrias, taes como : a fabricação da farinha de mandioca, a extracção do mel de abelhas, a preparação do azeite de mamona, da manteiga e outras, impedi-lo-ia de nos colher o café.

E estas ainda não são as peiores hypotheses. O que succederia fatalmente era a imposição pelos proprietarios do nucleo no preço da colheita. Ao passo que, pelo methodo « Luiz Bueno », o fazendeiro tem sempre ás ordens o pessoal.

Dos argumentos que acabo de expender, acho logico concluir que as vantagens expostas não offerecem contestação.

A primeira é que se poderia prestar a uma objecção, e é a seguinte:

— sujeitar-se-á o colono de sessenta mil reis por anno em cada 1000 cafeeiros a tratá-los pela metade ?

Sim, porque, como já dissemos, elle tem a compensação dessa reducção de salario, no augmento de cereaes, industria pastoril, etc., pela sobra de tempo que lhe advem da cultura mechanica. Os fazendeiros que não tiverem terras para cereaes, para addicionar ás que o colono já cultiva, deverão dar-lhes os pastos, e mediante combinação prévia obter que elles fechem, em estabulos toscos, os seus animaes, ficando o estrume para os cafeeiros.

Para acquisição dos cultivadores podem-se reunir duas familias ou o proprio fazendeiro fornecê-los ao colono, porque são de modico preço. Quanto ao desatravancamento dos cafezaes, é medida que muitos fazendeiros já estão praticando por falta de mato para extrahir o combustivel para as machinas de benefeciar o café.

Fica esse serviço, segundo nos affirmou pessoalmente o Sr. Luiz Bueno, entre dez e cincoenta mil réis por mil plantas, e isto nos talhões que têm muita madeira. Além disso, é um serviço definitivo, porque se faz uma unica vez.

O arrotear americano muito mais difficil e dispendioso não é feito tambem? E essa despesa compensa largamente pela facilidade em passar os cultivadores e pelo augmento do serviço.

O trabalho pela machina é muito mais leve e altamente remunerador. O colono de operario manual passa a ser um trabalhador mechanico E, depois de habilitado a empunhar a nobilitante rabiça do arado, não voltará ao pesado cabo da anachronica enxada.

O ideal a realizar é baratear o preço da producção. E' o que conseguiu fazer o eminente Dr. Carlos Botelho, na propaganda theorica pelas paginas da sensata e util « Revista Agricola » e na pratica, em sua fazenda na estação da Colonia, onde já ha annos iniciou, com resultados admiraveis, o cultivo mechanico dos cafezaes e da lavoura cerealifera.

Foi S. Ex. o primeiro que, de um modo racional e pratico, introduziu na lavoura do nosso Estado o systema americano de culturas.

A riqueza agricola americana tem por base cinco factores: primeiro, indole emprehendedora do povo americano; segundo, cultura mechanica; terceiro, polycultura; quarto, densidade de população; quinto, abundancia de transportes, com tarifas baratas.

O Exm. Sr. Dr. Carlos Botelho está introduzindo entre nós os elementos constitutivos da opulencia agricola americana. E' assim que, apesar das quasi insuperaveis difficuldades da guerra russo-japoneza, S. Ex. conseguiu introduzir no nosso Estado emigrantes russos.

Tendo adaptado com segura orientação e experiencia certas machinas á nossa agricultura de cafeeiros, o Sr. Luiz Bueno veio, em boa hora, secundar os esforços do Dr. Carlos Botelho.

Aos esforçados lavradores paulistas compete imitar os trabalhos dos benemeritos Srs. Dr. Carlos Botelho e Luiz Bueno. Se assim procederem, não será vaticinio affirmar-se que a crise está resolvida.

DARIO LEITE DE BARROS.

(Extrahido da « Revista Agricola », de S. Paulo, de 15 de Agosto de 1907, n. 145.)



A LAVOURA NOS ESTADOS

A uva

CONTRIBUIÇÃO PARA O CULTIVO DA VIDEIRA EM SANTA CATHARINA

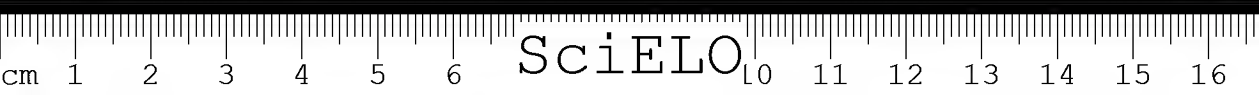
Através dos erros, chega-se ás vezes, ao conhecimento da verdade. Assim succedeu a mim, na cultura da videira. Muitos foram os erros que, nesse trabalho, commetti, mas consola-me a certeza de que, procurando evitá-los, sempre cheguei a conhecer, por experiencia propria, algumas normas verdadeiras da viticultura. E, como me pareça que, em divulgá-las, possa ser util aos que, como eu, se dedicam ao plantio da videira, resolvi coordená-las, para lhes dar publicidade no *Novidades*.

O PLANTIO. O primeiro cuidado que deve observar quem queira ter boas uvas, é o de preparar bem o solo e estrumá-lo convenientemente. O adubo preferido deve ser o recolhido nas estrebarias (e animaes domesticos). Na falta, pode-se lançar mão de bagaço apodrecido, lenha de capoeira, ou ossos calcinados. Todos estes adminiculos fornecem, á planta, vida, saude e robustez.

Não perca o cultivador o seu tempo em plantar vides « que veem de fora » de bacellos. As variedades européas (*vitis vinifera*) não se dão bem aqui. O nosso solo é muito differente d'aquelle que ellas necessitam para bem vigorar, por faltar-lhe cal. As variedades americanas, (*vitis



Umas das installações do « Ascurra Basse Cour »


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

labrusca) porém, medram com facilidade, maximé a uva azul da terra, a Isabel. Não se deve desprezar esta casta de videiras, porquanto ella se desenvolve rapidamente, plantada de bacellos, e nos fornece, assim um tronco forte para realizar o enxerto da vide européa.

Este systema de plantio é que desejo aconselhar aos viticultores, e é fazer o enxerto das variedades européas na videira Isabel. O enxerto mais facil, neste caso é o de garfo, nos meses de fevereiro, agosto e setembro. Não é necessario enxertar, no collo da raiz, como ensinam os plantadores da Europa, pois o enxerto, feito mesmo a um metro acima ou mais alto, viceja bem, desde que se protejam os ferimentos, por meio de atilhos de panno e barro humedecido.

PODA. Cortar cedo ou tarde? Dizem que cortando cedo, isto é, emquanto não houver o minimo signal do movimento da seiva, «estando ainda os olhos a dormir,» como se diz, a planta não brotará igualmente; começará pela ponta e as partes inferiores da planta ficarão desprezadas. Este facto aconteceu-me em um vinhedo meu, ha 4 annos; não posso, porém, affirmar que o motivo seja o indicado. Hoje pódo sempre as videiras, quando os brotos começam a rebentar. E não me posso queixar dessa pratica, pois as plantas vicejam igualmente em todos os ramos.

Cortar muito ou cortar pouco? Os livros sobre viticultura ensinam que a poda deve ser regulada pela robustez da planta. Videiras pouco pujantes, de pouca producção de lenha, devem ser cortadas mais do que vides robustas, de muito vigor. Se estas forem podadas demais, o resultado será a producção de novas hastes, nova folhagem, para dar saída ao excesso de seiva.

A nossa vide *Isabel* e todos os enxertos feitos nella estão nessas condições. Recommendo, pois, que se conservem muitas hastes de um anno para outro, com 15 a 20 olhos, ou mais. As hastes do anno antecedente são as que produzem as uvas. Se for necessario eliminar alguns galhos, cortem-se as hastes mais antigas.

DOENÇAS DA VIDEIRA. A *Isabel* não necessita de tantos cuidados como as castas mais nobres. Mas sempre precisa de alguns; e quanto maior for o trato, maior será o resultado. Passei um dia em Nova Trento, onde o cultivo da uva já é bem feito, mas vi toda a folhagem já toda encrespada, secca, sem vida, como se tivesse sido salpicada pela geada. O motivo fôra doença, (*Meldiú*) que as atacou. Cheguei á Brusque no mesmo dia, e vi que a minha parreira ainda estava verdejante e as folhas em pleno viço, porque a tratara com irrigações (pul-

verizações, de preparados cupricos e enxofre), que as protejeram contra o mal.

Não é sómente sufficiente conservar sã a folhagem, até que estiverem maduras as uvas, considerando-a como orgão protector contra os raios do sol. Não. As folhas são os pulmões das plantas. Doentes as folhas, toda a planta está doente e não podem funccionar bem os apparelhos de sua vida, principalmente os que preparam e fortificam os brotos fructiferos para o anno vindouro.

Com a maturação da fruta não acaba ainda a vida da mesma; ao contrario, depois é que ella começa a preparar-se para o novo trabalho, e para isto necessita, tão bem como antes, de folhagem verde e sã. Se a não tiver, a colheita no anno seguinte será de cachos pequenos e pouco doces. Pelo exposto, julgo ter sufficientemente demonstrado quanto seja necessaria a protecção da planta contra as doenças. Vamos ver qual o meio de a realizar.

Em casa de pobre, todas as doenças se acolhem. Uma videira mal adubada, será mais atacada do que uma que tem todos os elementos de vida.

Fiz uma observação interessante com a *Alicante Rupestris Terras 20*, uma videira de grande vitalidade. Estavam plantadas: uma vide em terra pobre de cal, embora regularmente estrumada, e uma outra em terra onde fôra depositada caliça (mistura de cal, barro e areia de paredes velhas derrubadas), por conseguinte riquissima em cal. Pois a primeira foi barbaramente atacada de *anthracnose*, que estragou completamente a colheita, e a segunda conservou-se maravilhosamente sã, sem um vestigio daquella doença.

Isto se deu com duas videiras da mesma especie distante uma da outra, apenas 30 metros. Prova mais evidente não póde haver. E o mesmo observei na chacara de um amigo onde havia uma videira *Alicante Rupestris* que fora plantada em boa terra de jardim e uma outra que estava plantada perto de um muro onde tinha cal ao alcance. O resultado foi o mesmo já dito.

CURATIVO. Mais vale a prophylaxia, a rega antes de ser visivel o effeito da doença, do que a irrigação depois de ter-se manifestado o mal. E a prophylaxia começa já na occasião da poda. Nas rugosidades da casca da planta muitos germens daquelles animalculos, só, por um microscopio forte, visiveis, passam a sua phase annual de reposo, durante o inverno.

O primeiro trabalho deve consistir na limpeza da cepa, de todos os residuos de casca velha, por meio de uma escova de ramo de aço, ou por uma escova de branco, bem aspera. Depois passe-se por meio de um pincel grosso (póde ser de fabricação propria), por todo o tronco e ramificações uma solução de cal forte, flor de enxofre ou enxofre

pulverizado, um pouco de carbolineo e agua. Esta mistura deu-me muito bom resultado.

Hoje, como mais moderno, recommenda-se mais o uso do carbolineo proprio para arvores, misturado com agua a 10%. Não o experimentei ainda, mas é de crer que dê bom resultado.

Estando a brotar a cepa, pouco antes do florescimento (antes de se abrirem as florezinhas do cacho) é mister fazer-se uma irrigação com calda bordalesa ou outro preparado cuprico. Mas esta rega deve ser feita por uma bomba especial, que pulverize o liquido, para este cair sobre as folhas como se fosse neblina (vulgarmente *librina*) tendo o cuidado de não regar tanto, que o liquido, assim pulverizado, se reuna, formando pingos, ou correndo. Deve ser como uma especie de poeira, nada mais. Estas irrigações fazem-se de 3 em 3 semanas, escolhendo-se para isso sempre um dia calmo, enxuto, e sombrio.

Já ha três annos que não applico mais a calda bordalesa. Tenho um preparado em que a cal é substituida pela soda (*Kupfersoda* em alemão). Ajuntei á calda um pouco de enxofre em pó fino e sabão alcalino. O resultado foi o mais satisfactorio: as folhas ainda hoje (18. 1. 10) estão verdes, pelo menos as da Isabel e de outras qualidades mais resistentes.

Sei de um viticultor que para espalhar a calda bordalesa, emprega uma seringa feita pelo funileiro, e applica-a como se fosse entrudo. Outro, mais prudente e economico, usa uma penna de ave e respinga o liquido! Quando será, que a Estação Agronomica descerá de seus cothurnos para ensinar a esses pobres lavradores?

QUALIDADES. Opino que a base ou *stock* de um vinhedo deve ser formado sempre, como já disse, pela nossa Isabel. A Isabel está habituada ao nosso sólo, ao nosso clima, dá uvas para comer, e dá vinho, embora este não seja *grande cousa*, e não agrade a todos. Mas, assim mesmo, vende-se e o cultivador recebe dinheiro, o que é o essencial. Pouco a pouco deve-se ir substituindo a Isabel por outras qualidades melhores, por meio de enxerto sobre o tronco da Isabel. Tenho experimentado diversas qualidades, cujos resultados aqui no clima de Brusque, são os seguintes:

ISABEL. Uva azul americana, a nossa uva commum. Tratando-a um pouco, produz muito bem, as bagas amadurecem e supportam o tempo chuvoso. De resto é bem conhecida.

NIAGARA — Uva branca americana. E' robusta como a Isabel e prospéra, tambem plantada de bacello. E' muito resistente ás doenças. Os cachos são do tamanho dos da Isabel, ou maiores um pouco, as

bagas são grandes. A pellicula é fina, embora resista perfeitamente á humidade. Amadurece cerca de 15 dias antes da Isabel e sempre por igual. E' muito doce, excellente para comer. Para vinho não a acho tão apropriada, devido ao particular sabor que tem, que lembra o da Isabel. Quem gostar, porém, do vinho da Isabel, gostará tambem do da Niagara, que em todo o caso sempre lhe é superior. E' uma uva muito recommendavel.

CHASSELAS ROUGE. Uva branca européa, um pouco avermelhada na parte voltada para o sol. Não dá de bacellos; é mister enxertá-la sobre a Isabel (ou outra) mas então desenvolve-se rapidamente e produz bem. E' tão resistente contra doenças como a Niagara; sendo tratada floresce abundantemente, e viceja muito, desde que reine bom tempo durante a epocha da fecundação. O tempo chuvoso é-lhe muito prejudicial, mas uma vez fecundada, e as bagas já um pouco desenvolvidas, supporta o tempo mais chuvoso, desenvolvem-se os cachos e conservam-se sãos até a maturação. E' a verdadeira *species aquatica*. Amadurece ao mesmo tempo que a Isabel e serve para a mesa, tendo-se o cuidado de não a apanhar muito cedo, e é provavel que dê excellente vinho, semelhante ao do Rheno.

ESQUECIDA. Uva branca moscatel; nome verdadeiro e origem desconhecidos, parecendo, pelas folhas e desenvolvimento, ser americana. Dá plantada de bacellos, e só a estes me refiro, visto como os enxertos não produzem ainda. Desenvolvimento mediocre. E' muito sujeita a doenças, porém desde que haja bom trato, conserva-se regularmente. Floresce muito bem, porém havendo tempo chuvoso, durante a floração acontece não fructificarem todos os cachos. Os cachos são do tamanho dos da Isabel. O sabor delicioso, e nenhuma outra qualidade lhe levaria vantagem, se não fosse o facto de apodrecerem os pedunculos, ao approximar-se a maturação, quando o tempo não for completamente secco, o que aqui sómente temos excepcionalmente. Amadurece com a Isabel. Para os que desejam uvas só para a mesa, recommendo que a cultivem, por enxerto. Mas quem queira fazer commercio de vinho, não deve plantá-la, por causa da incerteza do resultado, desde que haja tempo chuvoso.

FRANKENTHAL. A Frankenthal que recebi da Sociedade Nacional de Agricultura, enxertada sobre a Isabel, é uma vinha resistente, pujante, robusta e muito fecunda. Carrega bastante, dá cachos enormes, até de 700 grammas de peso, e compactos. As bagas, de uma cor vermelho-azulada, são grandes e juntas, carnudas e muito saborosas. E' muito sensivel, havendo proximo á maturação tempo chuvoso, pois tambem se dá o apodrecimento das bagas nos pedunculos, não tanto como na Esquecida, mas sempre de tal maneira, que o resultado pode ser um fracasso completo.

Posso recommendá-la a quem cultivar uvas para gasto proprio, não querendo fazer o commercio de fructas, nem de vinho, pois, nesse caso, um resultado sempre póde ser conseguido á custa de trabalho e tempo.

Mas será esta a Frankenthal verdadeira? Pela literatura alemã consta-me ser a Frankenthal uma uva preta, tendo os outros caracteristicos identicos aos que aqui tenho observado na nossa Frankenthal vermelho-azulada.

HYCALÉS. Uva branca européa. Desenvolvimento rapido, cachos grandes, mas as bagas racham em tempo humido. Não posso recommendá-la

ALICANTE RUPESTRIS TERRAS 20. Uva preta, bagas muito pequenas e tintas. A planta é de um desenvolvimento rapido, forte e presta-se superiormente para cavallo. As folhas são muito preferidas pelas formigas, pois, tendo estas, não comem as de outras qualidades. E' fecundissima e supporta todo o tempo. Mas esta videira requer um terreno muito rico em cal. Onde não o encontrar a *anthracnose* ataca muito as bagas e estraga toda a colheita, embora as folhas possam ser conservados sãs por meio de irrigações cupricas. Uva de mesa não é, e se dá vinho bom, não posso dizer ainda. Creio que não, por achar a baga sem adstringencia, sem *bouquet* e sem sabor caracteristico.

VERNACCIA BRANCA. Uva italiana, cachos e bagas mediocres, de gosto agradavel. Cresce folgadamente e carrega bem. Não dá bem em tempo humido.

Em ensaios tenho ainda: Codere, Goethe, Delaware, Bergerac, Catucoba rosa, Dedo de Damas, Chasselas violet.

RESUMO. Conheço, até agora, só tres qualidades de videiras em que o viticultor se póde fiar, pois dão bem, quer seja o tempo secco, quer seja humido. Estas são: a nossa vulgar *Izabel* que, bem amadurecida, não é de se desprezar á mesa, e que dá um vinho que não deixa de ter seus apreciadores. A outra vide é a *Niagara*, que tambem produz em qualquer tempo e se não é boa para vinho, para mesa é excellente. A terceira é a *Chasselas*. Conserva-se sã em todo o tempo, uma vez fecundada. Boa para mesa, excellente para vinho, desde que se tenha o cuidado de a deixar amadurecer bem.

Brusque — Janeiro de 1910.

GEORG BOETTGER.

Fazenda Modelo de Sapucaia, em Cariacica, no Estado do Espirito Santo

Quem, mais ou menos, tiver acompanhado a trajectoria que a Sociedade Nacional de Agricultura tem deixado no espaço immenso dos grandes ideaes, em torno dos quaes ella se resolveu um dia gravitar, não estranhará, por certo, o jubilo, o enthusiasmo que lhe proporcionam documentos da natureza dos que, mais adeante, o leitor encontrará, e com desvanecimento os publicamos.

Sabe o Brasil inteiro, — e não o dizemos por emphase, senão por amor á verdade — quaes são esses ideaes por que ella tem dado, num periodo ininterrupto de 13 annos, o melhor de suas energias, como tambem, com segurança, tem elle aquilatado a grandeza que os abrange, a orientação que elles levam, a tendencia que os impelle.

E porque o Brasil inteiro os conhece e, por mais de uma feita, aqui os temos deixado de manifesto, não ha mister agora enumerá-los de novo, tão notorios elles são, como dissemos.

Mas, deante de factos que corporificam idéas por esta Sociedade propagadas e defendidas, não nos furtamos ao prazer de assignalar estarem ellas produzindo os mais beneficos e salutares effeitos, como são testemunhas disso quanto se contém no officio do Governo do Estado do Espirito Santo dirigido ao presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, a cópia das experiencias feitas na Fazenda Modelo de Sapucaia, no mesmo Estado, e as amostras de batatas e de alfafa enfardada, que vieram ter á nossa séde por ordem do mesmo Governo.

Examinamos com toda attenção a alfafa remettida, perfeitamente fenada, estando patente o vigor, a robustez da leguminosa que, nos terrenos do referido Estado, topou os melhores predicados para o seu franco desenvolvimento.

Quanto ás batatas, o seu aspecto e volume traduzem ainda a fertilidade do solo espirito-santense para esta e outras especies de cultura.

O Sr. Dr. Jeronymo Monteiro que se tem mostrado tão devotado á lavoura é digno dos nossos mais vivos e vehementes applausos e dos de todos os bons brasileiros que almejam ardentemente a prosperidade da cara Patria.

Póde S. Ex. estar certo de que, com essas manifestações de enthusiasmo de nossa parte, com os louvores de que é merecedor, liga-se o proposito, em que sempre nos achamos, de cooperar, na medida de nossas forças, com tão distincto brasileiro que dirige honrosamente os destinos do Estado do Estado Santo, em prol da riqueza e da prosperidade do Brasil, por meio do desenvolvimento da agricultura.

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

Fazenda Modelo « Sapucaia »



Um aspecto da fazenda


SciELO

« Victoria, 9 de fevereiro de 1910

Exm. Sr.

Para o fim de proporcionar á lavoura o desenvolvimento de que carece, o Governo deste Estado fundou uma modesta fazenda agricola, onde mantém um campo de experimentação e faculta a aprendizagem dos modernos processos da agricultura.

Nesta fazenda, já se tem obtido magnificos resultados de experiencias das culturas alfafa, milho, batatas e cereaes, como poderá V. Ex. ver pelos amostras que envio, ou sejam um fardo de alfafa e uma caixa de batatas, productos da referida fazenda.

Desejo dar maior desenvolvimento no referido estabelecimento; para isso muito poderá V. Ex. contribuir com os seus bons officios junto ao Governo Federal, no sentido de poder este Governo receber a subvenção consignada no orçamento da União para auxiliar as fazendas agricolas, e bem assim conseguir um auxilio para fundação de outras fazendas, a exemplo do que se fez com o Estado de Minas, quando fora fundada a fazenda da *Gameleira*.

Contando com o valioso concurso de V. Ex. para objectivo tão elevado, como seja auxiliar o Governo de um Estado pequeno que muito se empenha em melhorar a sorte da lavoura, desde já affirmo que os serviços de V. Ex. serão reconhecidos e que muita satisfação terei em agradecer tão valiosos prestimos.

Enviando a V. Ex., com o presente officio, a photographia da fazenda modelo *Sapucaia*, valho-me do ensejo para testemunhar a V. Ex. os meus protestos de alta estima e subida consideração.

Saudações.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Jeronymo de Souza Monteiro.

Fazenda Modelo de Sapucaia, em Cariacica do Estado do Espirito Santo, em 1 de fevereiro de 1910.

Exm. Sr.

Apresento-vos os dados relativos á experiencia feita sobre a cultura da alfafa.

A área cultivada foi de 0:307 preparada com dous amanhos, destorramento e gradagem.

A semeadura em linha foi feita em sulcos (leves) abertos á machina; fiz em linha a plantação, por ser novo o terreno, eivado de sementes de hervas daninhas, prevendo deste modo a necessidade

de mondagem, o que realmente aconteceu, tendo elle levado duas mondagens.

Fiz a semeadura em 29 de setembro; a germinação se deu tres dias depois, e, com o desenvolvimento lento (como vae acontecer sempre antes do primeiro córte) se pôs em condições de fornecer o 1º córte em 25 de dezembro. Como, porém, por essa occasião o tempo estava chuvoso só consegui fazer essa operação em 7 de janeiro.

Custo até 1º córte	1$000
Preparo do terreno	4$700
Plantio	1$500
Mondagem.	9$400
Córte e fenação	1$500
Frete e carreto	2$100
Custo total da producção	20$200
Producção	60 kilos

A despesa feita até o primeiro córte constitue a despesa total de um alfafal, visto que dahi em deante só ha o trabalho do córte e fenação, e, attendendo a que o primeiro é sempre a metade do que produz nos córtes successivos, teremos uma média da producção de um hectare por anno de 17.140 kilos, pois, pelo desenvolvimento que está tomando, posso affirmar que dará 10 córtes annualmente.

Quanto ao milho, temos nove hectares cultivados, tres hectares em terreno preparado e tratado á machina, cuja producção posso garantir, e seis hectares tratados pelo processo rotineiro.

Os tres hectares em terreno preparado, posso avaliar muito approximadamente a sua producção em 300 alqueires; deixo de apresentar calculo sobre a producção dos outros, por ser este muito variado sempre.

Saudações.

Ao Exm. Sr. Dr. Jeronymo de Souza Monteiro, M. D. presidente do Estado.— *Agostinho M. de Oliveira.*



A LAVOURA NO ESTRANGEIRO

A camphora

A producção da camphora é ainda um quasi monopolio da ilha Formosa incorporada ao imperio do Japão depois da guerra com a China.

E' extrahida de suas florestas camphoreiras que, occupando outr'ora toda a região das serras, hoje, devido ao processo devastador com que as exploram, se circumscrevem em zona relativamente pequena.

Então os preços eram exiguos, e a anarchia que assolava a infeliz possessão chineza chegou a afugentar a procura da camphora natural, pedindo aos laboratorios succedaneos chimicos que a substituissem.

O Japão restaurou a exploração, constituindo um monopolio official nessa industria, o que determinou a reanimação do mercado e alta de preços, na razão de 50 %, com tendencia sempre para mais.

Até agora a exportação não tem excedido a oito milhões de libras, annualmente, valendo cerca de tres milhões de dollars; e ao passo que a producção diminue pela destruição das arvores, que não são substituidas, a procura augmenta de mais em mais pelas applicações e utilidades crescentes do producto, como sejam a polvora sem fumaça, o celluloide, etc.

Dahi o incentivo, nos paizes de clima apropriado, de tentar a cultura da preciosa arvore, melhorados os methodos com que até agora a devastação extractiva a vai destruindo.

E' a applicação do regimen da cultura scientifica, em vez do da extracção selvagem e exhaustiva, tal qual como na borracha.

Da arvore se aproveita, além dos crystaes, a madeira muito cotada na marcenaria pela sua côr de amarelo-ouro e textura setinea, e pela resistencia ao ataque dos insectos; demais, verificou-se que as sementes, em geral, mergulhadas durante algumas horas numa solução de camphora, activam notavelmente sua vitalidade e germinam com força e precocidade extraordinarias.

A ilha de Ceylão, a India, a California, a Florida, o sul da França e da Italia já estão ensaiando essa cultura. Observações e experiencias estão reformando radicalmente os processos obsoletos de extracção pelo sacrificio da arvore a uma só colheita e do preparo rudimentar dos crystaes.

Calcula-se, pelos estudos ainda experimentaes feitos nas recentes plantações do Ceylão, que um acre de terreno occupado por arvores de

camphora póde produzir, em média, 750 litros do producto bruto; sendo o preço corrente 65 cent. por libra, a producção por acre será de 375, que, dedusidas as despezas, se liquidarão em 300.

Uma pequena exploração de seis acres poderá render perto de dois mil dollars por anno, desde quatro annos de cultura inicial.

Em Ceylão, as zonas onde se cultivou o cafeeiro têm-se manifestado optimas para a arvore da camphora; é, pois, mais um factor auspicioso que se offerece á polycultura, tão preconizada como solução da crise economica dos nossos velhos e exclusivos productos de exportação.

Fertilidade

Um boletim do *United States Department of Agriculture* refere o resultado de porfiados estudos e investigações de muitos annos, do *Bureau of Soils*, acerca do interessante assumpto da fertilidade dos solos.

Centenas de amostras de terras, virgens ou longamente cultivadas, foram examinadas, verificando-se em todas ellas a presença quasi igual dos elementos chimicos fundamentaes da alimentação das plantas, nitratos, potassa, phosphatos, cal.

Do que provém, pois, a esterilidade de certos solos, quando, em geral, todos contêm os principios basicos da nutrição vegetal?

Responde o boletim, reeditando a velha theoria de Candalle, por algum tempo tambem de Liebig: é que as plantas excretam substancias toxicas por suas raizes, que são nocivas ás da mesma especie que as secretou e mesmo ás de especies vizinhas, sendo, todavia, em regra, innocuas ás de outras familias ou ordens.

Essas substancias toxicas são destruidas pela applicação dos extrumes, como o de curral, o verde e mesmo outros não fertilizantes, como carvão, hydrato de ferro, etc.

Conclue o boletim que a principal funcção das lavras e dos fertilizantes não é restituir a provisão alimentar das plantas ao solo, que não a perde de todo, antes a conserva sempre em quantidade sufficiente, porém, neutralizar as toxinas.

E' interessante a theoria, principalmente pela grande autoridade que a professa em documento de origem, directa ou indirectamente, official; todavia, praticamente, para matar toxinas ou renovar a provisão alimentar esgotada, ficamos nos mesmos processos therapeuticos ou agrarios — lavrar cuidadosamente e estrumar com discreção.

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

Festa das Arvores




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16

A borracha brasileira e as suas rivaes

A procura cada vez mais intensa e os preços altos da borracha, em cuja producção o Brasil exercia um quasi monopolio natural, vão excitando, onde quer que o clima permitte, a cultura da seringueira.

Já não se trata da industria extractiva, mas, da cultura mais esmerada, provida de todos os recursos da sciencia e da experiencia agricola.

Entre esses concurrentes do futuro proximo sobresae a ilha de Ceylão, cujo progresso na industria agricola, aliás recente, é espantoso, devido á adopção de todos os methodos modernos da esconomia rural e da mais cabal organização agronomica, no que tem demonstradamente de melhor pela sua efficiencia.

Ainda ultimamente o presidente do *meeting* das *Associações de Lavradores* celebrado em Kandy, em seu relatorio annual, ponderava:

« A lucta se avizinha, mas estamos preparados para ella. Ceylão estará muito breve em situação de produzir borracha por preços que vencerão todos os similares concurrentes, naturaes ou artificiaes. Pois, não vimos o chá da gigantesca China, com a sua mão d'obra quasi gratuita, baquear deante da producção da nossa ilha?

Não tenho duvida alguma de que o mesmo acontecerá na proxima lucta da nossa com a borracha extrahida dos seringaes selvagens.

E' a opinião do capital que tão profusamente se offerece de toda parte ás grandes explorações do nosso solo».

A agricultura e o exercito

Já começou a se diffundir em larga escala o ensino da agricultura pelos exercitos. E' bem de vêr que a utilidade desse ensino não visa o serviço militar activo, senão que entende preparar uma profissão para o soldado, depois de desligado das fileiras e restituido á faina da vida commum dos paisanos.

Tal a importancia social da lavoura, que se está preferindo systematicamente, um pouco por toda parte, o seu ensino ao de qualquer outra profissão.

A Baviera, Hessa, o Wutenburg e a Allemanha do Sul ensinam a agricultura nos seus quarteis. Nas guarnições de Augsburg, do Alto Palatinado, nas de Stuttgart e Maguncia, muitos regimentos enviam, nas horas de folga do serviço, seus soldados ás conferencias iectivas de engenheiros agronomos, verdadeiros cursos praticos elementares.

Aos domingos, os soldados visitam as granjas-modelos e tomam parte nos seus trabalhos agrarios.

Os commandantes são unanimes em encarecer a solicitude com que os discipulos acompanham as lições, mesmo fatigados dos serviços dos quarteis.

Por sua vez, o commissario imperial, encarregado de informar sobre os resultados de taes escolas, declara que « são um beneficio, pois, graças a ellas, diminuiu o contingente das tabernas e cervejarias, e a propaganda socialista perdeu um pessoal docil, recrutavel pelos oradores proselytistas ».

O Ministro da Guerra alemão, von Einem, extendeu a todo o exercito o ensino agricola.

Na Italia e na Belgica, tambem ha annos, se professam regularmente esses cursos, alcançando extraordinarios beneficios, como attestam militares e civis.

As guarnições de Amberes, Liejanamur, Termondi, Napolis e Palermo têm fornecido excellentes contingentes á agricultura, que melhoram e elevam a producção geral, mercê da instrucção technica obtida pelo meio indicado.

E' mais uma indicação do quanto todos os paises porfiam em educar proficientemente os seus lavradores.

Novo fertilizante

A questão dos fertilizantes, onde quer que se explorem terras exhaustas, é sabidamente de importancia fundamental; por menosprezá-la, muito trabalho e muito dinheiro se dissipam em colheitas fallias e ruinosas.

Entre os fertilizantes, um dos mais efficazes é o nitrato de soda, que provém, na quasi totalidade, das jazidas do Chile, as quaes segundo calculos autorizados, estarão esgotadas dentro de 50 a 60 annos.

A ameaça de faltar á agricultura o precioso adubo azotado de que, em dadas condições, não póde prescindir sem prejuizos graves em suas safras, excita intenso e porfiado esforço de pesquisas nos laboratorios experimentaes.

De feito, ha muitos annos que se procura combinar os elementos do ar por meio da electricidade, para conseguir-se o acido nitrico e produzir-se o nitrato de cal, que é um alimento azotado de primeira ordem para os vegetaes.

Dous sabios norueguezes, o professor Birkeland e o engenheiro Eyde resolveram o problema e com o ar e a electricidade offereceram á agricultura uma provisão inexhaurivel de nitrato de cal.

Fundaram a uzina de Notodden, servida por enorme energia hydraulica, geradora de potentissima corrente electrica, que opera sobre o ar; nos apparelhos engenhosos recolhem o oxydo de azoto formado no arco electrico dos fornos e transformado em acido nitrico.

Actualmente essa uzina produz cerca de 300.000 kilos de acido nitrico mono-hidratado, por anno, que são vendidos por preços inferiores aos do nitrato de soda do Chile.

Experiencias têm sido feitas por agricultores abalisados com pleno applauso pelos resultados positivos obtidos.

A questão dos fertilizantes já não é indifferente para muitos dos lavradores brasileiros. Grandes regiões de terras, outr'ora fertilissimas, estão sendo abandonadas por estereis, acarretando o desvalor do capital que representam e anulando fontes de producção, muitas dellas situadas na vizinhança de activos mercados urbanos.

Para essas, principalmente, a cultura intensiva, que contempla nos fertilizantes um de seus elementos primordiaes, tem de ser o expediente da redempção, como por toda parte tem sido.

O gado « Devon »

A revista *Anales de la Sociedad Rural Argentina* publicou um interessante estudo sobre o boi *Devon*, da lavra do Sr. M. Bernardez.

Informa o autor que uma experiencia já antiga demonstra que o gado dessa raça é o mais adequado ao regimen dos pastos naturaes, no clima sobremodo quente, ás seccas, mesmo as mais inclementes, pois se accomoda a todas as situações, resistindo valentemente quando animaes de outras raças definham e succumbem. E' essencialmente o gado do campo aberto e da plena rusticidade.

« Os campos estão flagellados da sêcca; ha tres meses não chove; os pastos parecem reduzidos a cinzas, e, no entanto, o *Devon* se mostra

nos rodeios gordo, de pello liso e lustroso, podendo ser conduzido a qualquer exposição ou *tattersal* de Buenos-Aires.»

« Lembro-me, diz o autor, da nossa Corrientes, da nossa Santa Fé, do Salto e Jujuy, do nosso immenso Chacos, do Paraguay e Matto Grosso, do Brasil do Centro e do Sul, de S. Paulo, Minas Geraes e Rio de Janeiro, que estão iniciando a evolução pastoril, e vejo de toda evidencia que o *Devon* mantendo, forte, rustico, frugal, de pequena ossatura e grande rendimento de carne superior, excellentes condições leiteiras, é o gado ideal para todos esses mundos novos da industria pastoril, que só precisam cuidar bem em evitar erros de escolha que custam caro, porque arruinam e desanimam. »

Em uma exposição celebrada em Paysandú, verificaram-se os seguintes pesos medios: Shorthorn, 642 k.; Hereford, 650 k.; Devon, 658 k.; entretanto, na Inglaterra, o peso médio padrão é para o primeiro 1053 k.; para o segundo, 971 k.; para o terceiro, 826 k.; assim, na zona do Uruguay, onde foi feita essa demonstração experimental, e, portanto, nos campos similares, o Durham alcança 62 %; o Hereford, 67 %; o Devon 80 % do desenvolvimento correspondente á tendencia de suas respectivas raças nos paises de origem.

O que demonstra que nenhum se adapta melhor ao meio e á alimentação, aos climas quentes e aos pastos selvagens das zonas indicadas, que o *Devon*.

Demais, a sua resistencia á praga, aos carrapatos e outras congeneres é extraordinaria.

Conclue o articulista que, convencido desse merito excepcional do *Devon*, o dr. Assis Brasil adquiriu, na Argentina varios touros para a sua estancia de Pedras Altas, no Rio Grande do Sul.



NOTICIARIO

Festa das Arvores — O movimento operado, nesse sentido, no Brasil, teve o seu inicio no Estado de S. Paulo, no anno de 1902, e foi promovido pelos Drs. João Pedro Cardoso e Heitor de Sá, então inspectores agricolas naquelle Estado.

Foi elle consequencia ou uma das applicações da actividade do serviço agronomico do Estado de S. Paulo, fundado em 1900, pelo coronel Fernando Prestes, que tinha como seu secretario da agricultura o illustre Dr. Alfredo Guedes, já fallecido e de saudosa memoria.

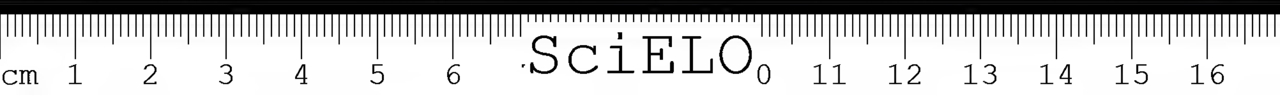
ESTADO DO ESPIRITO SANTO

Festa das Arvores



«Pedra d'Agua» — Victoria

O Dr. Jeronymo Monteiro, presidente do Estado, plantando uma arvore Pau Brasil em frente ao edificio da Inspectoria


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
11 12 13 14 15 16

A inauguração da festa das arvores, no Brasil, coube ao Dr. João Pedro Cardoso, que a realizou em Araras, no dia 7 de junho de 1902, reproduzindo-as depois em Campinas em 12 de outubro de 1902 e em Itapira a 3 de maio de 1903.

Por occasião da inauguração dos grupos escolares das cidades de Jaboticabal e Jahú, o primeiro a 20 de setembro de 1903 e o segundo a 28 de novembro do mesmo anno, o Dr. Heitor de Sá fez na mesma data, a festa das arvores, em cada uma das referidas cidades, sendo que a de Jaboticabal, á qual assistimos, foi um verdadeiro successo.

Agora temos a satisfação de transcrever do *Diario da Manhã*, orgam official do Estado do Espirito Santo, do dia 2 de dezembro do anno passado, a noticia referente á festa das arvores, realizada em *Pedra d'Agua* (Victoria).

« Com a imponencia com que costumam se revestir as festas promovidas pelo Sr. professor Gomes Cardim, realizou-se, ante-hontem, na Pedra d'Agua, a festa das arvores.

Desde cedo o edificio da Escola Modelo, local em que se deviam reunir os alumnos que tomaram parte no bello festival, apresentava brilhante aspecto, que lhe davam os collegiaes que para alli se dirigiam.

Nas immediações do estabelecimento tambem se notava grande movimento de familias e populares ansiosos por assistir o desfile dos alumnos e do garboso batalhão infantil.

Cerca de 11 horas chegavam ao cáes do Imperador, incorporadas, as alumnas da Escola Modelo, seguindo-se-lhes as da Normal, escola isolada da villa Robim e grupo escolar Gomes Cardim, dando-se então na maior ordem o embarque no vapor *Cintra*, a cujo bordo já se encontrava o illustre inspector do ensino, tudo promovendo para que não houvesse confusão nem atropello.

Por esse tempo, o povo que estacionou naquelle local, apreciando o bello espectaculo que offereciam as innumeras creanças todas uniformizadas e em selecta formatura, dirigidas pelos respectivos professores, dava passagem ao luzido batalhão infantil que, sob o commando do distincto capitão Ayres Tovar, e puxado por vibrante dobrado que executou sua apreciada banda, fez, ao chegar, as continencias do estylo, embarcando tambem no *Cintra*, em cujo tombadilho executava a banda do corpo militar de policia explendido dobrado.

A's 11 horas e 20 minutos aquelle vapor deixava o cáes emquanto os jovens estudantes, presos do maior enthusiasmo, entoavam a canção do barqueiro.

Ao meio dia, o *Cintra*, acompanhado da lancha *Victoria*, conduzindo os alumnos das escolas do Porto das Argolas e respectivas professoras chegava á *Pedra d'Agua*, fazendo-se o desembarque com a maxima regularidade.

O batalhão infantil tomou posição no terceiro plano, onde fez varias manobras e as continencias do estylo e ahi aguardou a chegada do chefe do Estado e comitiva.

Os demais alumnos ficaram nas proximidades do edificio da Immigração, extendidos em linhas parallelas, sendo então pelo Sr. Dr. Gomes Cardim feita a distribuição dos instrumentos para o plantio dos arbustos.

Dividido o terreno em tres planos, foram elles occupados : o primeiro por 37 alumnas da Modelo e Normal, o segundo por 36 da Modelo, grupo escolar e escola das Argolas e o terceiro por 36 da Modelo e Argolas, occupando grupos de alumnas outras posições.

A 1 1/2 da tarde chegava a bordo do *Cintra* o Sr. Dr. Jeronymo Monteiro acompanhado de seu ajudante de ordens e auxiliares da administração, deputados e outras autoridades, sendo recebidos no cáes pelos Srs. Drs. Gomes Cardim e Deocleciano de Oliveira.

A' passagem de S. Ex. para o estabelecimento principal da Pedra d'Agua, o batalhão infantil prestou as continencias devidas, executando tambem a banda de policia o Hymno Nacional á chegada do chefe do Estado, que foi recebido por estrepitosa salva de palmas vibrada pelos presentes.

Após alguns momentos de descanço no salão principal, S. Ex. e comitiva dirigiram-se para o pavilhão á direita, onde teve inicio então a execução do programma.

Assim é que foi entoado com alma o Hymno Nacional por todos os alumnos, acompanhados pela banda infantil, findo o que o Sr. presidente do Estado deu a palavra ao Dr. Deocleciano de Oliveira que, ao assomar á tribuna, recebeu merecida ovação do selecto e numeroso auditorio.

A oração do distincto e talentoso conterraneo, cuja modestia nos priva de dá-la na integra, foi uma peça de alto valor, sendo ao terminar ruidosamente applaudido.

Falou ainda o intelligente alumno Floriano Tovar, pronunciando com admiravel correcção bello discurso, o que lhe valeu mil os applausos.

Antes foi cantada com bastante expressão *As quatro estações* pelas alumnas do 1º e 2º annos da Escola Modelo.

Em seguida o applicado menino Carlos Cardim recitou a poesia *Quem poupa as arvores encontra thesouro*, merecendo justas ovações.

Do programma foram ainda executadas com a maxima perfeição as seguintes partes : *As arvores*, pela alumna Elvira Espindula de Araujo ; *As Selvas*, por Alcen Vieira ; *A festa da natureza*, pela menina Maria Lucia ; *A derribada*, por José Furtado ; *A derribada* (de B. Cepellos), por Ayres Tovar e discurso por Dinorah Nunes.

Procedeu-se, então, a distribuição do jornal *A Patria*, orgam dos alumnos da Escola Modelo.

Após pequeno descanço, realizou-se a cerimonia do plantio das arvores no meio do maior enthusiasmo, de que se achavam possuidos todos os corações alli presentes.

Foi uma cerimonia tocante essa e que encontrou a mais funda repercussão na alma de quantos tiveram a ventura de tomar parte e assistir a encantadora festa.

Tomadas as posições respectivas, foi feita a primeira plantação : um arbusto de *Pau brasil* pelo Sr. Dr. Jeronymo Monteiro, emquanto as alumnas cantavam o hymno das arvores, delicada composição do maestro Aunon Sierra.

A um signal dado pela corneta do batalhão infantil, foi então feito pelas alumnas o plantio de outros arbustos, ao todo 106.

Teve começo em seguida a execução da terceira parte do programma com o *Collectivo de bastões* pelos alumnos da Escola Modelo, acompanhando a banda do batalhão infantil.

Esses exercicios foram effectuados com grande regularidade e desembaraço, ouvindo-se ao terminar estrondosa salva de palmas.

Realizou-se ainda o *collectivo de alteres* por alumnos da Escola Modelo; *Pulo em altura*, por alumnos do 3º e 4º annos; *Pulo em distancia*, pelos alumnos do 1º anno complementar e *collectivo de esgrima de bayonetas*.

Foi sem duvida alguma a nota mais captivante e que mais funda impressão causou aos assistentes o assalto de bayonetas constante da parte *sportiva* do programma.

A segurança, a agilidade, a calma com que se portaram os alumnos que nelle tomaram parte merecem especial destaque não só por se tratar de exercicios de difficil execução, mas tambem pelo pouco tempo que tiveram aquelles moços para fazer a devida aprendizagem que os habilitasse a se apresentar no campo com tão notavel desembaraço.

Grandemente justos foram os applausos que lhes deram os assistentes.

O adeantado da hora impediu que fossem levados a effeito alguns numeros do programma.

Minutos depois, o Sr. Dr. Jeronymo Monteiro e comitiva retiraram-se com as mesmas formalidades, tendo antes o Chefe do Estado felicitado calorosamente o Sr. inspector geral do ensino, Dr. Gomes Cardim, pelo brilhantismo da festa que acabava de realizar.

Foi feita momentos depois a distribuição de doces e refrescos ás creanças, tendo tambem sido offerecidos aos convidados doces e bebidas.

A's seis horas da tarde o *Cintra* e a *Victoria* conduziam para esta capital a mocidade escolar, professores e demais convidados, sendo durante a viagem entoados varios hymnos e executados pelas bandas infantil e policial bellos trechos musicaes.

Assim terminou o attrahente festival que tão grata e duradoura impressão deixou no espirito da sociedade espirito-santense, cuja iniciativa e exito brilhante se devem aos esforços e á boa vontade do illustre pedagogo, Dr. Gomes Cardim, infatigavel inspector do ensino a quem o *Diario* felicita.

Ascurra Basse Cour — Foi muito agradavel a impressão que trouxemos da visita a Ascurra Basse Cour, um bom estabelecimento no seu genero, onde encontram-se regularmente cerca de 50 a 60 variedades de gallinhas de raça para reproducção.

Essas gallinhas geralmente de origem estrangeira são importadas das melhores casas de Londres, França e Alemanha e uma vez acclimadas ao nosso clima são reproduzidas e vendidas aos criadores.

A reproducção se faz em *couveuses* e *eleveuses* de systemas francezes e americanos e tivemos occasião de ver uma centena de frangos de tres a cinco mezes de uma belleza extrema, rivalizando com seus progenitores, saidos das exposições de Londres e Paris. Esses animaes nascidos e criados sob o nosso clima são de muito

mais resistencia e melhores productores, pois os animaes importados perdem muito tempo em se conformarem com o clima e as grandes intemperies podem fazer-lhes affecções tão fortes que ficam por muito tempo incapazes de reproduzir.

A *couveuse* artificial entre nós não dá grande porcentagem como é natural, devido á influencia do clima directa nos apparelhos, precisando uma installação especial, que o seu proprietario cuida fazer actualmente.

Concluida essa installação, dotada de mais numerosos apparelhos, a Ascurra Basse Cour poderá produzir annualmente de dous a tres mil frangos de raça para reproducção, o que já é alguma cousa para o nosso meio.

O processo adoptado para a acclimação das aves recentemente importadas consiste em dar-lhes um tratamento muito semelhante ao de seu país de origem, para o que são recolhidas em gallinheiros muito asseiados e confortaveis, com cerca de 40 a 50 metros quadrados de superficie, arborizados, e com oito a 10 metros quadrados de cobertura, onde dormem e ficam nos dias chuvosos. Essas installações dão para ruas que vão sair num grande parque de cerca de 500 metros quadrados de superficie, todo arborizado e gramado, onde todos os dias vão pastar algumas dezenas de gallinhas alternadamente.

Actualmente, a Ascurra Basse Cour tem 66 dessas installações completamente cheias como adeante mencionaremos, dois parques para pintos e uma grande sulca para as aves.

Entre as raças que vimos podemos notar as seguintes: raças grandes para açougue: conchinchinas brancas, pretas, amarelas e perdizes, brahmas claras e escuras, Plymouth rocks brancas, amarellas e pedrezes, Dorkings brancas, prateadas e escuras, Orpingtons brancas, pretas, amarelas e jubileo, Wyandottes brancas, pretas, amarelas, perdizes, prateadas e columbianas, Rhoad Island Red Langshans, e Coucou de Maline.

Gallinhas poedeiras: Leghornes brancas, amarelas e douradas, Hamburgos prateadas e douradas, Minorcas brancas e pretas, Andaluzas, Red-Cap, e Bresses brancas e pretas.

Gallinhas bonitas para parque: Padones brancas, pretas de topete branco, amarelas, douradas e prateadas, Houdans, Creven cour, La Fleche, Phenix. Favorolle, e algumas variedades de Bontams (garnizés).

Gallinhas de briga: Indianas, Malaias e Old England Game.

Além dessas raças tambem vimos bonitos faisões prateados, dourados, Lady, bonitos pombos da Australia, Seriemas, Jacús e outras aves, todas de muito boa apparencia, mostrando uma magnifica saude.

Para melhor idea do leitor sobre as bonitas installações da Ascurra Basse Cour fizemos extrahir algumas photographias que illustram a presente noticia.

A producção de ovos da Basse Cour é actualmente de cinco a seis duzias diarias, subindo algumas vezes a sete e oito duzias, conforme a estação.

Os pintos que vimos estão muito desenvolvidos e são criados em criadores ou caixas quentes até dous mezes quando passam para outras caixas abrigadas, mas sem calor. São nutridos com aveia, fubá, triguilho e outros creaes em pó, além de vermes e leite que são os alimentos preferidos. Os doentes são sacrificados para evitar o contagio, quando dentro dous a tres dias não são curados ou não apresentam melhoras reaes.

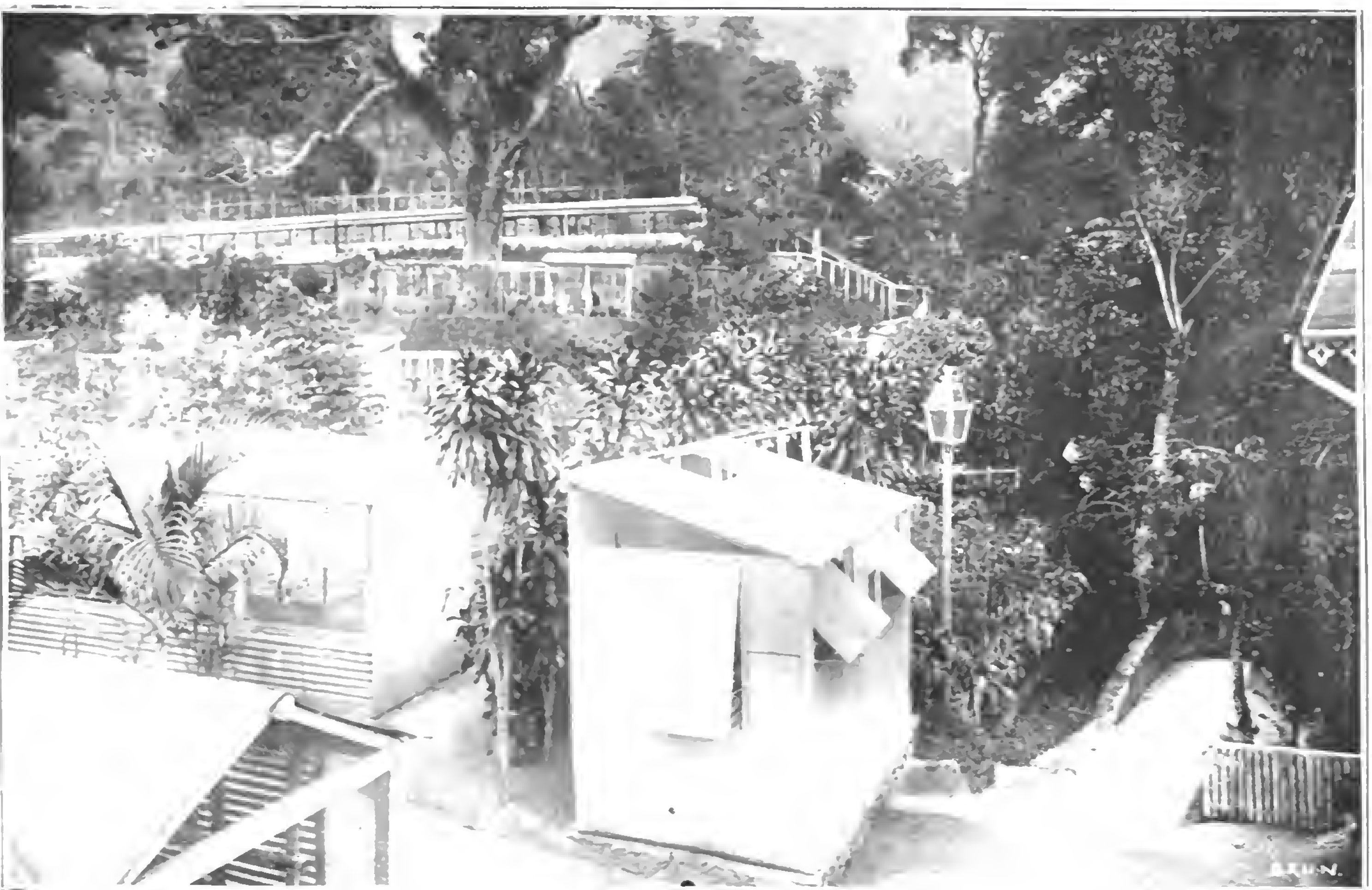
ESTADO DO ESPIRITO SANTO

Festa das Arvores




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16

GALLINHEIROS DO "ASCURRA BASSE COUR"



Propriedade do Dr. [illegible] Vianna, na Ladeira do Ascurra 5, Rio de Janeiro


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

As encubadoras actualmente existentes, que são insufficientes, têm capacidade para trabalhar com 800 a 1000 ovos mensaes.

O stock de aves da Ascurra Basse Cour é actualmente de cerca de 500 aves entre gallinhas, frangos, faisões, etc.

Occupam-se no serviço da Basse Cour cinco pessoas, sendo um gerente, dois *poultrymens* e dois chacareiros.

O Dr. Calmon Vianna proprietario da Ascurra Basse Cour mandou contractar em Londres o conhecido *poultrymans* Mistor Leo L. Farmess para vir tomar conta da sua Basse Cour, tendo este especialista chegado pelo *Aragon*.

A uva.— Do Sr. Georg Boettger, residente em Brusque, Estado de Santa Catharina, recebemos uma carta, que abaixo transcrevemos e cujo conteudo se liga ao artigo que, sob a epigrapho *Uva*, em logar de feição deste Boletim publicamos.

Agradecendo a expontaneidade da lembrança, damos a palavra ao Sr. Boettger.

« A' Sociedade Nacional de Agricultura. Rio de Janeiro.

Exm. Sr. Presidente — Depois de alguns annos de observações respeito á cultura da videira entre nós, pensei talvez fosse de proveito a outros cultivadores desta zona de publicar os resultados.

Incluso remetto á sociedade um exemplar da tal publicação, pedindo acceitai-o.

Com estima e consideração, sou do V. Ex. Cr. Obr.— GEORG BOETTGER.

Legislação Agricola do Brasil.— D'*O Paiz* de 20 de março do corrente anno, extrahimos as linhas que, data venia, damos abaixo; e, pelas palavras benevolas com que distinguiram esta Sociedade, os nossos mais vivos e sinceros agradecimentos.

« Esta secção foi distinguida com a offerta de um exemplar da *Legislação agricola do Brasil*, preciosa collectanea das leis e actos dos nossos poderes publicos, relativos á agricultura, cujo primeiro volume acaba de ser dado á publicidade, pelo illustre Dr. Wenceslão Bello, digno Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Em verdade, esta prestadia corporação de amigos e profissionaes da civilização rural do Brasil teve a idéa de apresentar o referido trabalho entre outros que lhe foi dado organizar para a ultima exposição nacional de 1908. Mas foram, sem duvida, as difficuldades inherentes a todas as pesquisas historicas, incompativeis com a rapidez havida no projecto e execução do mencionado *certamen*, que determinaram o retardamento da presente publicação.

Não era facil tarefa « desentranhar das collecções de leis, esquecidas nos archivos, os testemunhos do zelo com que as passadas gerações de estadistas promoveram a riqueza do paiz, pelo aproveitamento de seus factores naturaes.

O volume que temos sob os olhos, é apenas o primeiro de uma serie que se nos afigura não será pequena.

Conforme o plano exposto pelo illustre Dr. Wenceslão Bello, o tratado completo será dividido em dois periodos — o imperio e a Republica — contando-se o primeiro de 1808 a 1889 e o segundo dessa ultima data até 1907, o anno anterior á referida exposição de 1908.

Cada um desses periodos é subdividido nos seguintes capitulos: 1º, agricultura; 2º, industria pastoril; 3º, immigração; 4º, colonização; 5º, impostos; 6º, ensino agricola; 7º, legislação florestal; 8º, credito agricola; 9º, industrias ruraes; 10º, finalmente, industrias extractivas.

Como se vê, basta essa relação para indicar a importancia do trabalho feito pelos antigos legisladores do Brasil.

Quasi todos os serviços do actual ministerio da agricultura encontram ahi a sua tradição, o esforço muitas vezes theorico, que se não traduziu em realidades beneficas; mas, em todo o caso, a prova de necessidades que hoje devem ser attendidas com tanto maior rapidez quanto antiga é a comprehensão que dellas já tinham aquelles que de longo tempo observavam as precarias condições de economia nacional.

Comprehendendo exclusivamente a parte de agricultura e essa mesma de 1808 a 1889, o presente volume está cheio de ensinamentos preciosos, que muito servem aos que ora trabalham com patriotismo para levantar o nivel da nossa vida agricola.

Os nossos antepassados muita coisa fizeram de bom, de admiravel mesmo, conforme consta desta rica collecção. Entretanto, é doloroso dizer, em bem da verdade e como um estimulo ás modernas gerações, que esse trabalho foi em grande parte dissolvido por subsequentes desleixos e abandono, apesar dos primeiros frutos lisonjeiramente conquistados.

No terreno economico, especialmente no campo da actividade agricola, a persistencia não tem sido uma qualidade dos brasileiros, tanto no ponto de vista da iniciativa particular, como no ponto de vista da legislação e da iniciativa dos governos.

E' urgente romper com esse processo negativo de acção que surge e desapparece como brinquedo de crianças inexpertas e volaveis. Para isso, para essa reacção nobre e salutar, cumpre que os governos subsequentes ao actual continuem a bella orientação que aos negocios da agricultura vai desassombradamente imprimindo o digno Dr. Rodolpho Miranda.

E, tornando ao volume que nos desperta essas considerações, permittido nos seja dizer que, excepto a questão de difficuldade nas pesquisas, não vemos bem uma razão plausivel para que se comece o historico da legislação agricola apenas em 1808.

Se nessa época o Brasil era nominalmente um reino que nesse caracter se manteve até 1822, sabe-se que de facto antes dessa data eramos uma colonia da metropole portugueza. Apenas o rei aqui obrigado a residir e aqui decretava as medidas de caracter politico e economico, de que necessitava o nosso paiz, ao passo que antes de 1808 essas coisas vinham traçadas da metropole portugueza, em fórma de cartas régias.

Ora, essas cartas régias representam um enorme e primitivo contingente administrativo para a organização de nossa vida economica e agricola.

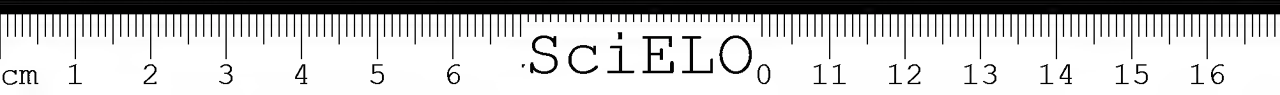
Não raro, muitas dellas synthetizam a sabedoria e o patriotismo dos governadores do Brasil, que suggestionavam as medidas adoptadas pela metropole.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

[illegible]



[illegible]


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
0 11 12 13 14 15 16

Ahi está a nossa historia economica, a nossa historia agricola, assim como, todas as outras modalidades administrativas da evolução nacional.

Como dispensá-las, a essas, ás vezes notabilissimas cartas régias, ao fazer-se uma collecção das leis e actos dos poderes publicos relativos á agricultura?

Como dissemos acima, não vemos outra razão, para isso, senão as difficuldades das pesquisas; mas é forçoso confessar que a omissão de um tão largo periodo de trabalho preparatorio da actividade agricola brasileira, constitue uma lacuna que occorre lembrar deante do util volume agora publicado pela Sociedade Nacional de Agricultura.

Semelhante observação, porém, não deve absolutamente trazer a mais leve idéa de uma censura. Trata-se de um desejo ingenuamente formulado com inteira sinceridade.

O presente trabalho deu-nos a sensação de uma evolução historica da agricultura brasileira, no ponto de vista da respectiva legislação. Tivemos o prazer sadio que inspiram as coisas uteis, desejando ainda mais, desejando que essa evolução fosse apanhada de um periodo mais remoto, destacando as phases de nosso primitivo e lento trabalho agricola.

De certo, semelhante exigencia é uma virtude emanada do volume que nos foi prodigalizado por esse trabalhador incansavel que é, inequivocamente, o Dr. Wencesláo Bello.

Colonização. — Entre os diversos lotes da colonia do Alto Uruguay, situada no majestoso valle do Rio Uruguay (Estado do Rio Grande do Sul) conta-se, entre os mais prosperos, o do colono sueco João Englande.

Na photographia do referido lote que ao lado estampamos, vê-se o proprietario do lote Sr. João Englande, ao lado de sua casa e preparado para dar um passeio a cavallo.

Um extraordinario pé de mandioca, pois, mede mais de sete metros de altura, revela a fertilidade daquella terra, que ainda tem a proteger-lhe as condições climatologicas daquella região.

A qualidade desse colossal arbusto de mandioca é a de *rama negra*.

Associação Commercial do Maranhão. — Daquella prospera Sociedade, instituida em 5 de fevereiro de 1878, em successão á antiga, recebeu esta Sociedade, uma circular nos seguintes termos:

E'-me grato communicar a V. Ex. que, em sessão de assembléa geral, ordinaria, hoje, foram impossados os dirigentes desta agremiação, eleitos, a 17 do corrente, para o novo anno social, pela forma seguinte:

Directoria

Presidente — Emilio José Lisboa.
Vice-Presidente — José João de Sousa.
1º Secretario — José Corrêa de Carvalho.
2º Secretario — Manoel Coelho Pecegueiro Junior.
Thesoureiro — Antonio Rodrigues Martins.

Vogal — José Alves Martins de Sousa.
» — Arthur Leão e Silva.
» — Manoel Satyro Lopes de Carvalho.
» — Viriato José Gonçalves.

Contando que V. Ex. continuará a dispensar a esta corporação a consideração com que sempre a distinguiu, sirvo-me do ensejo para apresentar a V. Ex. os protestos do mais elevado apreço. — O 1º Secretario, — *José Corrêa de Carvalho.*

Immigrantes desembarcados no porto de Santos durante o mês de

FEVEREIRO DE 1910

Italianos	597
Espanhóes	360
Portuguezes	742
Turcos	23
Alemães	60
Austriacos	22
Francezes	3
Brasileiros	63
Russos	144
Argentinos	5
Inglezes	3
Gregos	2
Hollandezes	6
Uruguayos	2
Chilenos	2
Peruanos	1
Japonezes	1
Suissos	7
Total	2.043
Espontaneos	1.444
Subsidiados	599
Total	2.043
Europa	1.349
Asia	13
Africa	186
Norte America	0
Argentina, Uruguay	341
Diversos portos	154
Total	2.043

Immigrantes entrados no porto do Rio, no mês de Fevereiro de 1910

ENTRARAM 2.149

Sendo :

Portuguezes	1.399
Espanhóes	240
Italianos	147
Alemães	107
Austriacos	55
Brasileiros	48
Francezes	47
Russos	30
Syrios	18
Norte Americanos	14
Inglezes	10
Hollandezes	8
Servios	7
Argentinos	5
Belgas	2
Irlandezes	2
Romaicos	2
Suissos	2
Senegalês	1
Finlandês	1
Grego	1
Hungaro	1
Indiano	1
Japonês	1
Total	2.149

Constituidos em familias agricultoras.

Portuguezes	13	familias	de	40	pessoas
Espanhóes	1	»	»	5	»
Italianos	5	»	»	16	»
Alemães	14	»	»	74	»
Austriacos	3	»	»	22	»
Francezes	7	»	»	23	»
Russos	2	»	»	9	»
Hollandezes	1	»	»	4	»
Servios	1	»	»	5	»
Total	47	»	»	198	»

De outras profissões.

Portuguezes	62	familias de		162	pessoas
Espanhóes	14	»	»	42	»
Italianos	9	»	»	28	»
Alemães	1	»	»	2	»
Austriacos	5	»	»	22	»
Francezes	2	»	»	8	»
Russos	2	»	»	5	»
Americanos	2	»	»	9	»
Argentinos	1	»	»	2	»
Total	98	»	»	280	»

Collocação :

Pernambuco	7	pessoas
Bahia	5	»
Espirito Santo	11	»
Districto Federal	5	»
Rio de Janeiro	17	»
Minas Geraes	87	»
S. Paulo	39	»
Paraná	106	»
Santa Catharina	1	»
Rio Grande do Sul	72	»
Somma	438	»
Os restantes	1.711	
Que faltam para completar os	2.149	

não foram collocados por intermedio da Immigração, porque vieram com destino certo.

Destes 2.149 immigrantes, vieram :

Espontaneos	2.061
Subsidiados	88
	2.149

E eram :

Homens	1.701
Mulheres	448
	2.149

Dos quaes são :

Solteiros	1.169
Casados	951
Viuvos	29
	2.149

E de entre estes contam-se :

Maiores de 12 annos	1.937
Entre 12 e 7 annos	73
» 3 e 7 »	83
Menores de 3 »	56
Total	2.149

A borracha e o governo brasileiro. — Com este titulo e assignado E. M., publica o jornal *La Gutta Percha*.

« O Governo Brasileiro envida, actualmente, grandes esforços para estimular a industria da borracha e augmentar a producção que não cresce em proporção do consumo.

Em consequencia da alta do preço de importação da borracha, resultante do afastamento das explorações e das difficuldades do transporte, o Governo do Estado do Pará dirigiu uma mensagem á Assembléa do Estado no intuito de convidar os exploradores a terem mais cuidado na extracção do « latex », e principalmente para encorajá-los a fazer uma cultura em regiões mais accessiveis, de modo a poderem sustentar a concurrencia das sociedades orientaes.

O Governo visa a necessidade de regulamentar a extracção, fixando a época na qual deve ser feita a primeira incisão e a altura acima do solo.

Sendo a borracha um dos productos mais importantes e uma das fontes de riqueza do Brasil, decidiu-se o Governo a fazer reaes esforços para salvaguardar suas riquezas e desenvolver a exploração, segundo os methodos mais modernos e mais scientificos.

Depois, o Governo Brasileiro, está resolvido a desenvolver a plantação methodica.

Está em discussão, actualmente, o projecto de offerecer aos que queiram plantar um milhão de arvores ou mais, o terreno e a isenção de direitos, de todos os direitos sobre a exportação da borracha por longo tempo, mediante participação do Governo nos beneficios.

Como o unico territorio em que o Governo Federal é senhor supremo é o territorio do Acre, territorio federal, estando as outras regiões sob a fiscalização immediata dos Governos dos diversos Estados, a experiencia será tentada primeiramente nessa região. O solo e o clima do territorio do Acre são reputados, como favoraveis a essa cultura. O cacáoeiro ahi cresce igualmente bem.

Certo, esta proposta será adoptada em 1910, após a votação dos orçamentos.

Sentimo-nos felizes em assignalar que o Governo Brasileiro entra brilhantemente na via de favorecer a plantação. Já aqui mesmo deixámos indicada a nossa opinião a esse respeito, e as difficuldades da distancia e do transporte, que inquietam os nossos amigos brasileiros, previnimo-las em um dos nossos estudos, ha alguns mezes.

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100$ e joia de 50$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura

Assignalavamos por esse tempo a impossibilidade em que se veria um dia a borracha do Brasil de concorrer com as respectivas plantações no Oriente. Já preconizámos, então, em districtos mais accessiveis que as regiões longinquas dos affluentes do alto Amazonas.

Portanto, só podemos bater palmas á mensagem do Governo do Estado do Pará e ao projecto do Governo Brasileiro.

Apenas uma objecção póde ser ainda feita: o territorio do Acre é, abstracção feita de seu solo e de seu clima, favoravel para se tentar ahi a plantação? As difficuldades de transporte não nos parecem menores nessa região longinqua do Brasil que nas regiões do Alto Amazonas. A mão de obra ahi constituirá tambem, acreditamo-lo, um outro obstaculo ao desenvolvimento da plantação.

E' um começo, todavia, e deve-se esperar que o exemplo dado pelo Governo Federal será seguido pelos governos dos Estados, aos quaes a cultura da borracha interessa no mais alto grão e que esses governos offerecerão as facilidades analogas ou equivalentes aos plantadores.

E' tempo já de se pensar nisso, pois que se não póde esquecer que 600.000 acres de culturas no Oriente despejarão diariamente sua producção no mercado, antes que as producções brasileiras estejam em pé de produzir.

Escriptorio de engenharia civil e agronomica — Os Srs. engenheiros F. T. de Sousa Reis e P. de Lima e Silva, acabam de installar, nesta cidade, ao largo da Carioca n. 10, um escriptorio de engenharia civil e agronomica.

Competentes, laboriosos e cheios de fé e de enthusiasmo pelo progredimento deste grande Brasil que lhes é tão caro, como tambem a nós; dispondo, além disso, de auxiliares idoneos e zelosos, os illustres engenheiros promettem encarregar-se do preparo de plantas, projectos e orçamentos de construcções irreprehensiveis sob o ponto de vista hygienico, quer para pessoas de tratamento, quer para colonos.

Incumbem-se tambem de installações de luz e força, irrigações, drenagens e construcções de estrada, e, o que muito nos interessa, do preparo de terras para plantação, semeação e colheita do arroz, café, canna, cacáo, milho, fumo, e de analyses de terra e forragens, etc.

Fazendo votos pela prosperidade da empresa a que se deram os distinctos engenheiros, daqui os applaudimos com enthusiasmo, e chamamos a attenção dos interessados para o annuncio que vae na secção competente deste « Boletim ».



EXPEDIENTE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Horto da Penha

Visitaram o Horto Fructicola da Penha, durante o mês corrente os seguintes Srs:

João da Cruz Araujo.
Augusto da Cunha D. Estrada.
Geraldino Ferreira Paula.
Clovis de Freitas.
Geraldino Ferreira Paula.
Geraldino Neto Paula.
Cap. Liberato Bittencourt.
Liberato Bittencort Filho.
Cap. Vital de Oliveira Araujo.
Dr. Oscar Francisco de Freitas.

Secção Technica

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O Sr. Lino Gomes, pergunta o que significa a expressão *terras fortes*, muito commum nos trabalhos portuguezes.

R. Chamam-se *as terras fortes* as em que a argilla ou barro existe em grande quantidade; seu caracter essencial é o de endurecerem e de abrirem com a força do sol. As terras assim denominadas são difficeis aos trabalhos aratorios, especialmente na estação secca; não são muito convenientes ás plantas, devido não só a excessiva seccura, como ainda por impedir o desenvolvimento das raizes.

O Sr. João Assumpção, lavrador em Minas, pergunta como pode ajuizar da riqueza de um cortiço (colmeia).

R. Para ajuizar da riqueza de uma colmeia ou cortiço, pratica-se da maneira seguinte:

Espera-se que as abelhas tenham todas entrado no cortiço; dá-se uma pancada com o dedo na parte inferior do cortiço e observa-se o rumor que produz o enxame; se o zumbido, que se segue depois de aquietada se renova repetidas vezes, signal é que o cortiço está bem povoado e abastecido. Quando a população é diminuta, e as provisões pobres, o som do cortiço é claro, o zumbindo agudo e cessa de subito.

A Exma Snra Dr. Maria Luisa, noviça em assumptos apiculos, como nos diz em sua prezada carta, pergunta-nos, como se deve gular para conhecer e distinguir as abelhas, obreiras, zangões e mestra ou rainha.

R. As obreiras são as menores teem abdomen curto e triangular, asas compridas e grande actividade; os zangões são grandes, de cabeça arredondada, olhos muito desenvolvidos e abdomen muito grosso; as rainhas ou mestras, são pouco menores que os zangões, asas curtas, abdomen comprido e dotados de pouca agilidade.

O Snr. Antonio de Paiva desejando comprar uma propriedade, deseja saber o que significa as expressões *alqueire* e *tarefa* e quanto valem em metros ou hectares.

R. Chama-se por convenção *alqueire* á área do terreno em que se pode plantar um alqueire, isto é 40 litros de sementes.

Nos Estados do Sul admitte-se dois typos para unidade do alqueire agrario. Assim é que em S. Paulo e Paraná elle corresponde á área de 50 braças de frente e 100 de fundo, ou 5.000 braças quadradas, o que é igual a 24.^{m2} 200.000 ou 2 hectares e 42 aros, emquanto que no Rio Grande do Sul, Minas, E. Santo e Rio de Janeiro o alqueire corresponde a cem braças de frente por cem de fundo, ou de 10.000 braças quadradas, o que é igual 48^{m2} 400 quadrados, ou ainda 4 hectaros e 84 aros.

— Pedro José das Neves, lavrador na Bahia, pergunta, o que se chamam, no arado, peças relhas e alveca.

R. A relha é a parte perfurante do arado, com corte horizontal, e onde começa o levantamento da terra ou leiva, já cortada pela rega. A sua acção é o córte horizontal, que separa a leiva do fundo do rego. E' tambem chamada ferro, folha.

A alveca é a peça que recebe a leiva cortada pela rega e relha, e lhe imprime o movimento para o completo e perfeito caimento da terra. A' alveca tambem dão o nome de telha.

PAULINO CAVALCANTI.
Superintendente do Horto da Penha.

Secretaria

FEVEREIRO DE 1910

Correspondencia recebida

Cartas	475
Officios de Governos	21
» de particulares	2
Telegrammas	7
Circulares	23



Viveiro de mudas de Abio



Cultura de Giturana


cm 1 2 3 4 5 6 7
SciELO
11 12 13 14 15 16

Correspondencia expedida

Cartas	371
Officios de Governos	14
» de particulares	1
Telegrammas	31
Circulares	3.226
Diplomas	62
Revista « A Lavoura »	2.941

Secção de fornecimentos

Arame farpado e grampos

Pedidos satisfeitos		26
Rolos de 40 k	419	
» de 26 »	130	594
Metragem		199.238
Grampos para as cercas		571 kilos

Custo

Preço no mercado	8:288$000	
» fornecido pela Sociedade	5:543$000	
Economia realizada pelo socio		2:745$000

Secção das applicações Industriaes do alcool. Movimento de propaganda no mês de Fevereiro

Foram feitas 3 exhibições com apparelhos a alcool, sendo 1 na capital (centro) e 2 em suburbios, tendo funcionado 5 apparelhos de illuminação durante 5 noites, consumindo 36 litros de alcool de 40°.

Forneceram-se 162 litros alcool de 40° a diversos.

Total do alcool consumido neste mês 198 litros.

Fornecimentos feitos aos socios pela Sociedade Nacional de Agricultura

Tirando partido de seu caracter de associação, já prestigiada com o numero de mais de 2.500 socios, a Sociedade, no intuito particular de demonstrar a utilidade e o mechanismo dos syndicatos agricolas, emprehendeu favorecer os seus socios com

o supprimento de generos estrangeiros e nacionaes a preços mais reduzidos do que os do commercio a varejo.

Com esse proposito e valendo-se dos favores aduaneiros que a lei confere ao Syndicato Central dos Agricultores do Brasil, tem fornecido arame farpado e respectivos grampos.

Além disso e mediante contractos especiaes, tem fornecido a preços reduzidos, formicida, alcool, machinas agricolas e outros objectos.

Revendo todos os seus contractos e fazendo outros que começam agora a vigorar, a Sociedade está habilitada a fornecer os seguintes generos, em cujos preços não estão incluidas as importancias de emballagem, de despacho e de frete.

Arame farpado para cercas

rolo de 26 kilos com 160 metros de fio a . . .	7$200
rolo de 40 kilos com 402 metros de fio a . . .	11$000

Accessorios para as cercas

Grampos para prender o arame	$360 o kilo
Moirões com 2 metros de altura	1$500 cada um
Pilares » » » para os cantos	3$400 »
Varetas para as cercas	$450 »
Esticadores com manivela	5$200 »
» com moitões.	5$200 »

Enxadas bem calçadas de aço

	Universal	Radiante	Raio	Cruz Vermelha
de 2 libras.	1$200	1$400	1$250	1$450
de 2 1/2 libras.	1$300	1$500	1$350	1$500
de 3 libras.	1$450	1$600	1$500	1$580
de 3 1/2 libras	1$570	1$750	1$600	1$740
de 4 libras.	1$680	1$900	1$700	1$830

Foices

Ns. 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10 11 e 12 — aos preços respectivamente de Rs. $600, $670, $730, $800, 1$000 1$130, 1$300, 1$500, 1$600 e 1$800.

Machados

Estreitos:

sortidos de 3 a 4. . . . . 39$000 a duzia

Largos:

sortidos de 3 a 4. . . . . 40$000 »
de 3 1/2, duzia 41$000 ; de 4, duzia 45$000 ; de 4 1/2, duzia 48$000 ;
de 5, duzia 51$000 ; de 5 1/2, duzia 56$000 ; de 6, duzia 62$000

Machinas agricolas

Moinhos para fubá:

Marca patente — N. 6 por 31$; n. 8 por 36$; n. 10 por 41$; n. 12 por 50$; n. 14 por 60$, n. 16 por 63$; n. 18 por 75$000.

Marca Try — N. 8 por 52$; n. 10 por 67$; n. 12 por 83$; n. 14 por 96$; n. 16 por 120$; n. 18 por 130$000

Debulhadores de milho:

Coloniaes	5$200
Black	8$600
Clinton	21$000
Aguia	40$000

Arados americanos:

N. 0, 18$; n. 00, 20$; n. B 1, 26$; n. A 1 1/2, 33$; n. A 2, 36$; n. A 3, 40$000

com disco reversiveis:

20", 170$000; 24", 210$000

Cavadeiras:

para *tirar terra*

americanas, com 2 pás . . . . 10$200

para *café*

3 £ — Rs. 1$300; 3 1/2 £ — Rs. 1$400

Pulverizadores:

Brauer n. 1. . . . . 62$000

são applicados na exterminação dos parasitas que atacam os arvoredos, com os ingredientes liquidos que forem aconselhados.

Além destas a Sociedade fornece installações completas para o preparo do arroz e do café, mediante previos ajustes sobre os quaes o socio lavrador gosará de abatimentos que oscillam de 5 a 10 °/。 sobre os respectivos preços de catalogos, sendo gratuito os transportes nas estradas de ferro federaes.

Lacticinios

Installações completas para as industrias de lacticinios pela Casa Hopkins Causer, com abatimento de 5 °/。 sobre o preço do catalogo.

Colmeias

Com os mais modernos aperfeiçoamentos pelo preço de . . . . 18$000

Saloxo

Um preparado de sal e peroxydo de ferro proprio para alimentação do gado, é economico e asseado, em tijolos de 5 kilos, não sujando as balas ou lugares onde são collocados e sem desperdicio. Preço 190 réis o kilo.

NOTA. — Se o socio pedir de uma só vez 500 ks., gosará o abatimento de 10 %; de 1.000 ks. para cima o de 15 %.

Formicidas

Paschoal

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma . . . . . 16$000

Merino

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma . . . . . 16$000

Schomaker

Caixa com 6 botijas de 1 1/2 litro cada uma . . . . 22$000

Alcool

De força de 40°, em latas de 18 litros, pelo preço das vendas em pipa, o que corresponde a uma reducção de cerca de 10 %.

Antisepticos

Creolina Pearson. . . . . 2$000 a lata c/1 litro
Cresolina Werneck . . . . 1$100 » » » »

A mais reputada das creolinas de fabricação nacional

Electro Sanitas . . . . $500 o litro

Preparado do Sr. Octavio Santos Moreira, de magnificos resultados obtidos para a exterminação de insectos nocivos as plantas e gafeira dos carneiros

Diversos

Pós para gósma — *de gallinhas* — especifico recommendado		lata	1$200
Sulfato de cobre para tratamento de plantas. .		kilo	$650
Sulfato de ferro.		»	$250
Sal amargo.	menos de 60 kilos.	»	$250
	mais de 60 kilos..	»	$160
Sal de Glaubert . . .	menos de 60 kilos.	»	$230
	mais de 60 kilos	»	$150

Enxofre:

em flor . . . . caixa 11$000

Mercurio marca Boi:

caixa com 50 grammas 1$000; com 100, 1$700; com 200, 3$100; com 400, 5$700

Escovas de raiz para animaes.

N. 115, 6$500; n. 116, 7$500.

Escovas francezas para animaes.

N. 115, 9$600; n. 116, 10$500; n. 117, 11$500.

Tesouras:

para podar, n. 27.	uma	4$200
para tousar animaes.	»	4$200

Machina:

para tousar animaes.	»	4$600

Raspadeiras:

com asa.	»	4$300
com cabo	»	4$100
reforçados	»	8$000

Correntes para arado e para carroça.

Elo curto:

1/8, kilo 950; 3/16, kilo 850; 1/4, kilo 770; 5/6, kilo 730; 3/8, kilo 680; 17/16, kilo 660; 1/2, kilo 650; 5/8, kilo 640; 3/4, kilo, 640;

Elo comprido:

3/16, kilo 780; 1/4, kilo 750; 5/16, kilo, 730.

Chocadeiras e Criadeiras:

A Sociedade tendo adquirido em boas condições algumas *chocadeiras e criadeiras* cede-as a preços reduzidos.

Os lavradores que bem conhecem os altos preços que costumam pagar, podem apreciar a vantagem extraordinaria dos preços que a Sociedade está habilitada a lhes proporcionar, o que representam economias de 5 a 40 %.

A economia proporcionada na acquisição do arame farpado, em relação aos preços correntes no mercado, é respectivamente de 2$300 e de 6$000, para os rolos de 26 e 40 kilos.

Até o fim do anno ultimo, 31 de dezembro de 1909, a economia proporcionada á lavoura com os nossos fornecimentos, foi de 189:828$040 não computados o supprimento de plantas e sementes e os transportes gratuitos concedidos. No anno de 1909 a economia importou em 95:464$740.

Sendo um dos fins da Sociedade demonstrar os effeitos do regimen de associação sobre a vida financeira da lavoura, e sendo condição essencial desse regimen a pontualidade dos associados, os fornecimentos especiaes da Sociedade serão limitados exclusivamente aos socios quites.

Para os obter o interessado deverá satisfazer as seguintes condições:

1ª, ser socio quite da Sociedade Nacional de Agricultura;

2ª, ser agricultor, apresentando disso provas bastantes, a juizo da Directoria da Sociedade;

3ª, formular o pedido directamente á Sociedade e por escripto;

4ª, pedir sómente para o seu proprio consumo, indicando o nome e a situação da propriedade a que destina o emprego do producto;

5ª, enviar á Sociedade, juntamente com o pedido, a sua importancia, ou uma ordem para o seu pagamento contra casa commercial, ou bancaria, com séde na Capital Federal.

A Sociedade se reserva o direito de negar fornecimento a quem peça ou tenha pedido para outrem, ou tenha repartido com outra pessoa, ainda que associada, generos anteriormente fornecidos e procederá de igual modo quando souber ou tiver motivo para suppor que o pedido é feito com intuito de commercio.

Instituindo esses serviços directos, procura a Sociedade desempenhar de modo mais util o seu compromisso de se constituir em centro de auxilios á lavoura, distribuindo-os de preferencia por intermedio de seus socios.

Com o mesmo intuito concederá aos socios despacho gratuito nas vias ferreas federaes a plantas, sementes, machinas agricolas, ainda quando adquiridas sem a sua intervenção, e prestará informações que lhes forem pedidas sobre assumptos agricolas e pastoris, tomando conhecimento das queixas e reclamações dos lavradores associados, advogando-as quando justas, perante quem de direito.

Socios entrados para a Sociedade Nacional de Agricultura no mez de Fevereiro de 1910

Tenente-coronel Lourenço Pereira Ribeiro.
Coronel Joaquim Pinto de Resende.
Francisco Augusto de Resende.
Antonio Figueira de Ornellas.
Coronel Symphronio de Campos.
Pedro José da Trindade.
Secundino dos Santos Mello.
Clemente Dias da Trindade.
Manoel José da Silva.
Jarbas Guimarães.
Antonio de Queiroz C. Mattoso.
Gastão Taveira.
Manoel Teixeira de Campos.

José Gabriel Ferreira da Silva.
Coronel Domingos Custodio de Azevedo Pinto.
Gustavo Lopes Cançado.
Capitão Francisco Antonio Malaquias.
Dr. José de Azevedo Silva.
Henrique Suckow Joppert.
João Gama Bentes.
Julio Costa.
Elpidio Soares Dias.
Romero Carvalho.
Coronel Joaquim Vieira Mendes Junior.
Padre Cicero Romão Baptista.
Tenente Leopoldo Bernardino de Andrade.
Major Antonio Moreira da Silva.
Capitão Joaquim Silvestre da Silva.
Major Isolino Santos.
Dr. Cicero Freire.
Cooperativa Agricola Leopoldinense.
Candido José do Couto.
Coronel Pedro José de Sousa.
Coronel Leopoldo de Sousa Leão.
Bernardo Thinimig.
Francisco de Paula Gontijo.
José Rodrigues da Costa.
Sociedade de Agricultura do Alto Purús.
José Nunes Ferreira.
Alfredo Luiz do Prado.
Syndicato União Agricola S. João do Muquy.
Francisco Modesto da Costa.
José Assumpção Pimenta.
Stanislão Zambagycki.
Coronel Polycleto de Freitas Morão.
Coronel Sebastião Magalhães Pereira de Castro.
Pedro Ribeiro Alvares da Silva.
Joaquim José Teixeira.
Aurelio Machado de Oliveira.
Roberto Emery.
João Silvestre Teixeira.
Tito Livio Figueira.
Pedro Ferreira Penna.
Thomaz de Aquino Carvalho.
José Monteiro Pinto.
Antonio Carneiro Monteiro.

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, á rua da Alfandega, 108

Firmino Domingos Dias.
Virgilio de Aguiar.
Godofredo Corrêa da Silva.
Pedro Augusto de Carvalho.
Cooperativa Agricola de Oliveira.
José Affonso Fontainha Sobrinho.

Socios que subscreveram para o « distinctivo » durante o mês de Fevereiro

Dr. Luiz Bello.	20$
Adolpho Augusto da Silveira	20$
José Augusto Maia	20$
João Baptista Ferreira	15$
Carlos Renaux	15$
Olympio Joaquim Villela.	10$
Geraldo Ribeiro da Silva Resende	10$
Gabriel Pereira de Lacerda.	10$
Urbino de Sousa Vianna	10$
Dr. Miguel A. de Sousa Vianna	10$
José Pereira da Rocha	10$
	150$



PARTE COMMERCIAL

Mês de março

Café

As vendas realizadas durante o mês foram de 169.000 saccas, contra 151.000 em igual mês de 1909.

As entradas attingiram a 181.834 saccas e os embarques a 199.128.

A existencia verificada ao terminar o mês era de 291.300 saccas.

As cotações que vigoraram foram:

	Por arroba	Por 10 kilos
N. 6	7$600 a 7$800	5$174 a 5$311
N. 7	7$500 » 7$600	5$106 » 5$174
N. 8	7$300 » 7$400	4$970 » 5$038
N. 9	7$100 » 7$200	4$834 » 4$970

Algodão em rama

Durante todo o mês as entradas foram avultadas, mas o *stock* não augmentou em virtude dos grandes embarques para S. Paulo que se acha desapercebido e procura comprar para entregas immediatas.

Os depositos nos mercados exportadores acham-se muito reduzidos e as entradas vão em mingua sensivel, de sorte que os preços alli regulam mais 10 °/o acima dos que vigoram em o nosso mercado; isto quanto á 1ª quinzena, pois na 2ª, a alta tambem se manifestou aqui.

O movimento geral do mercado, no decurso do mês, foi como se segue:

		Fardos
Existencia no dia 28 de fevereiro		29.571
Entradas na 1ª quinzena:		
Maceió	4.719	
Mossoró	3.852	
Pernambuco	2.760	
Sergipe	1.065	
Parahyba	740	
Penedo	700	
Ceará	594	
Assú	550	
Maranhão	279	
Natal	201	15.459
		45.030
Entradas na 2ª quinzena:		
Mossoró	4.212	
Sergipe	1.988	
Penedo	1.934	
Maceió	1.529	
Natal	1.400	
Assú	910	
Pernambuco	675	
Parahyba	652	
Piauhy	360	
Ceará	300	
Maranhão	241	14.201
		59.231
Saida dos trapiches		26.471
Existencia no dia 31 de março		32.760

Preços :

	10 kilos
Pernambuco	15$000 a 17$000
Rio Grande do Norte	14$500 » 16$500
Ceará	15$200 » 17$000
Parahyba	15$000 » 16$500
Penedo	14$600 » 16$200
Sergipe	14$200 » 16$000

Assucar

Na primeira quinzena o mercado manteve-se animado, fazendo-se muitos negocios, tendo havido subida nos preços, fechando firme o mercado; na segunda as entradas avolumaram-se, havendo alguma paralysação nos negocios; mas os informes de que a safra em Pernambuco já está muito adeantada e a insistente procura para a Europa tem reanimado o mercado que ficou firme e com probabilidade de alta nos preços.

Neste periodo entraram de differentes procedencias	125.259	saccas
Sairam	114.373	»
Existencia avaliada em 31 de março	299.391	»

Os preços por kilo foram os seguintes :

Pernambuco :

Branco crystal	$280	a	$310
Dito 3ª sorte	$300	»	$320
Crystal amarelo	$260	»	$270
Mascavinho	$250	»	$270
Somenos	$250	»	$260
Mascavo bom	$200	»	$210
Dito regular	$190	»	$200
Dito baixo	—		—

Sergipe :

Branco crystal	$270	a	$320
Crystal amarelo	$250	»	$270
Mascavinho	$220	»	$270
Mascavo bom	$205	»	$210
Dito regular	$190	»	$195
Dito baixo	—		$180

Campos :

Branco crystal	$295	a	$320
Dito 2º jacto	—		—
Crystal amarelo	—		—
Mascavinho	—		—

Bahia :

Branco crystal	$300	»	$330
Dito 2º jacto	$280	»	$290

Aguardente

Durante todo o mês o mercado se manteve firme, convindo assignalar que, na primeira quinzena, os preços, na maioria das procedencias, subiram 5$ por pipa.

Os supprimentos, no mesmo periodo, attingiram a 541 pipas, cujas cotações por unidade e base de 20 gráos regularam assim :

Paraty	115$000 a 120$000
Angra	100$000 » 105$000
Campos	90$000 » 95$000
Maceió	90$000 » 95$000
Bahia	90$000 » 95$000
Pernambuco	90$000 » 95$000
Aracajú	90$000 » 95$000
Sul	90$000 » 95$000

Alcool

As entradas verificadas durante o mês foram de 1.134 volumes de diversas procedencias.

As cotações, por pipa, sem o casco, fizeram-se do modo seguinte :

40 gráos	130$000 a 135$000
38 »	120$000 » 125$000
36 »	110$000 » 115$000

Arroz

Os supprimentos recebidos nesse periodo constaram de 5.112 saccos por cabotagem ; 134.458 kilos pela Estrada de Ferro Central do Brasil ; 190.595 kilos pela Leopoldina Railway ; 840 ditos pela Cantareira e 18 ditos pela Companhia Sapucahy.

Sairam dos trapiches no mesmo periodo 6.408 saccos.

Os preços regularam da maneira seguinte :

	Por sacco
Superior	29$500 a 30$000
Inferior	26$000 » 28$500
Rajado	23$500 » 26$000

Alfafa

Vieram ao mercado, por cabotagem e pela Estrada de Ferro Central, 7.065 fardos, vendendo-se de 180 a 190 réis por kilogramma.

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100$ e joia de 50$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura

Amendoim

Chegou tão sómente um sacco pela Companhia Therezopolis.
A cotação foi de 24$500 a 25$500 por 100 kilogrammas.

Banha

Os supprimentos recebidos constaram de 19.999 caixas por cabotagem, 27.670 kilos pela Estrada de Ferro Central e seis caixas pela Companhia Leopoldina.

	Por kilogramma
Porto Alegre (lata de 20 kilos).	1$100 a 1$180
» » (» » 2 »).	1$060 » 1$180
Itajahy	1$100 » 1$200
Laguna.	1$040 » 1$080

Batatas

Entraram por cabotagem 2.102 volumes; pela Estrada de Ferro Central 391.279 kilos; pela Leopoldina 24.255 volumes e pela Companhia Therezopolis 379.
Os preços variaram de 210 a 200 réis por kilogramma.

Farinha de mandioca

Os supprimentos recebidos durante o mês constaram de 29.964 saccos por cabotagem; 122 ditos pela Estrada de Ferro Central; 80.494 ditos pela Leopoldina Railway; 18.720 ditos pela Companhia Cantareira e 261 ditos pela Therezopolis.
As cotações por saccos de 45 kilos, regularam:

Especial.	9$500 a 10$200
Fina.	8$200 » 8$600
Peneirada	7$400 » 7$800
Grossa.	6$400 » 6$760

Feijão

Durante o periodo alludido entraram por cabotagem 43.178 saccos; pela Estrada de Ferro Central do Brasil 393.951 kilos; 20 577 saccos pela Leopoldina Railway; 567 ditos pela Companhia Therezopolis e 22.084 pela Companhia Cantareira.

Os preços soffreram grandes oscillações, devido ás qualidades, tendo vigorado os seguintes por sacco de 60 kilos:

Porto Alegre (superior).	10$000 a 12$500
Santa Catharina (idem)	Nominal
Manteiga	14$500 a 16$000
Enxofre	15$000 » 16$000
Mulatinho.	13$500 » 14$500
Cores diversas.	6$500 » 14$000

Fumo em rôlo

Houve sempre procura com negocios regulares realizados, fechando o mercado firme.

As entradas constaram de 10.063 volumes por cabotagem e 286.686 kilos pela Estrada de Ferro Central.

As cotações fizeram-se assim :

	Por kilogramma
De Minas, especial	$900
Dito superior	$800
Dito 2ª	$700
Dito ordinario	$600
Goyano especial	2$000
Dito superior	1$500
Baixo	1$300
Rio Novo, superior	1$200
Dito 2ª	1$000
Dito baixo	$800
Pomba superior	1$100
Dito 2ª	$800
Dito baixo	$600
Carangola	1$000
Picú, especial	2$000
Dito 1ª	1$600
Dito 2ª	1$200
Bahia	1$600

Manteiga

Constaram os supprimentos de 529 caixas por cabotagem ; 219.423 kilos pela Estrada de Ferro Central ; 1.074 ditos pela Leopoldina Railway ; 1.267 ditos pela Companhia Sapucahy e quatro volumes pela Companhia Cantareira.

	Por kilogramma
Minas	2$000 a 2$400
Sul	1$800 » 2$200

Mate

Receberam-se 774 volumes por cabotagem, sendo cotado de 500 a 700 réis o kilogramma.

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, á rua da Alfandega, 108

Milho

Foram recebidos 9.737 saccos por cabotagem ; 320.749 kilos pela Estrada de Ferro Central ; 1.484.019 ditos pela Leopoldina Railway e 18.887 pela Cantareira.

O mercado conservou-se frouxo durante todo o mês, havendo até baixa nos preços.

As cotações, por sacco de 62 kilos regularam como se vai ler :

Norte, amarello		4$000 a	3$500
Terra,	»	5$500 »	4$700
Dito,	» misturado	4$800 »	4$400

Polvilho

Entraram 200 volumes por cabotagem, 14.284 kilos pela Estrada de Ferro Central, três volumes pela Companhia Leopoldina e dois pela Cantareira, regulando o preço de 200 a 220 réis por kilogramma.

Tapioca

Vieram ao mercado 142 volumes por cabotagem, sendo vendida á razão de 300 a 320 réis por kilogramma.



BIBLIOTHECA

A Bibliotheca da Sociedade Nacional de Agricultura recebeu, durante o mês de fevereiro findo, as seguintes publicações :

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

Boletin de la Dirección de Fomento, anno VII, n. 11, correspondente ao mês de novembro de 1909, Lima Perú.

Revue Illustrée, de Paris, n. 23, dezembro de 1909.

Latina, de Paris, anno II, ns. 6 e 7, janeiro 1910.

France — Brésil, de Bordeaux, organe du Commerce et de l'Industrie de la France et du Brésil.

La Nature, revue des sciences, de Paris, anno 38, correspondente ao mês de janeiro de 1910.

Italia e Brasile, de S. Paulo, anno II, n. 1, de janeiro de 1910.

Menico Pinetta a Roma, fasciculo em verso, de Genova, Italia.

Boletin de la Sociedad Agricola del Sur, de Concepción (Chile), dezembro de 1909.

Revista de Sociedade Matto Grossense de Agricultura, Cuyabá, Mato Grosso, anno I e II, 1907 e 1908, ns. 1 a 6.

Anales de la Sociedad Rural Argentina, anno XLII, vol. LXVI, de Buenos Aires, novembro e dezembro de 1909.

L'Agricultura Coloniale, anno III, n. 6, Firenze, Italia, novembro e dezembro de 1909.

Boletin de Estatistica Agricole, vol. I, n. 1, Roma, Italia, janeiro de 1910.

A Vida Moderna, anno V, n. 69, S. Paulo, fevereiro de 1910.

Estació Central Agronómica, boletins ns. 9 a 16, de Santiago Cuba — 1908.

Boletin internacionale de las Republicas Americanas, Ybr Washington, janeiro de 1910.

Bulletin du Syndicat Central des Agriculteurs de France, n. 543, de fevereiro de 1910.

The Live Stock Journal, vol. 51, ns. 1 a 3, Chicago, janeiro de 1910.

The Southern Cultivator, vol. 68, n. 2 de janeiro de 1910.

Gazeta das Aldeias, anno XV, n. 736, do Porto.

Revista Commercial e Financeira, anno XVI, n. 702, Rio, fevereiro de 1910.

Journal d'Agriculture Tropicale, anno X, n. 103, janeiro 1910, de Paris.

Bollettino del Ministerio di Agricultura, di Industria e Commercio, anno IX, vol I, Roma, Janeiro de 1910.

Art del Pagés, anno 34, n. 903, janeiro de 1910, Barcelona.

La Quinzaine Coloniale, Paris, janeiro 1910.

Experiment Station Record, vol. XXI, n. 7, dezembro de 1909.

Agricultural Experiment Station, boletins ns. 138, 139, 141 e 142.

Secretario de Agricultura Commercio y Trabajo, Estación Experimental Agronómica, de Santiago de las Vegas, Cuba, circulares ns. 34 e 36, 1909.

La Hacienda, de Buffalo, Estados Unidos, janeiro de 1910.

Expertador Americano, vol. LXV, n. 1, janeiro 1910.

Boletin de la Sociedad Nacional de Agricultura, Republica de Costa Rica, anno III, ns. 20 a 24 e anno IV, n. 1, 1909-1910.

Revue Generale Agronomique, anno XVIII, n. 12, 1909.

Revue de Viticulture, anno XVII, n. 842, 1910.

Imperial Department of Agriculture, 1909.

Boletins de la Sociedad Agricola Mexicana, tomo 34, n. 4, Mexico, 1909.

Chambre de Commerce Française, Rio, janeiro de 1910.

The Louisiana Planter de New Orleans, vol. 44, ns. 4 e 5, janeiro de 1910.

Revista di Agricoltura, anno de 16, n. 3, de Parma, 1910.

Boletim da Associação Commercial do Rio de Janeiro, anno 7, n. 8.

Boletim da Associação Commercial de Santos, S. Paulo.

Bulletin de la Société des Viticulteurs de France, n. 1, janeiro 1910.

O problema Zootechnico em S. Paulo, folheto offerecido pelo autor, a quem agradecemos a distincção da remessa, 1910.

Boletim de la Camara Agricola, de Tortosa, Espanha, tomo 19, n. 209, fevereiro 1910.

Revista de la Sociedad Rural de Córdoba, Republica Argentina, n. 217, anno X, janeiro 1910.

Regulamento e programma de la Exposicion Internacional de Agricultura, offerta da Sociedade Rural Argentina.

Memorias do Instituto Oswaldo Cruz, fasciculos 1 e 2, tomo I, 1909.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS

Instrucções para obtenção da subvenção. Este folheto trata da subvenção de 300$ mensaes que será concedida pelo governo de Minas aos particulares que, em estabelecimentos agricolas proprios, instituirem e mantiverem processos aperfeiçoados de cultura mechanica, satisfazendo as condições do respectivo contracto.

Regulamento para o serviço de Terras Publicas do Estado de Minas Geraes.

Esclarecimentos sobre a Propaganda Agricola e mais Leis e Regulamentos do Estado de Minas Geraes.

Defesa á Industria extractiva da borracha, discurso pronunciado pelo Sr. Dr. José Ferreira Teixeira na Camara dos Deputados do Estado do Pará, na sessão de 22 de outubro de 1909.

Catalogos

The Avery Manufaturing Comp., Peoria, Illinois, Estados Unidos. Machinas para tracção e arados a vapor.

Catalogo do Engenho Stamato. Fabrica de fundição e officina mechanica, Avenida Martin Burchard, 146, S. Paulo.

Catalogue des Trieurs Brenetés, de Emilie Marot et Comp. Machinas para a lavoura.
Representante no Brasil Raoul Cauzard. Rua de São Pedro, 23, Rio de Janeiro.

Établissements d'Horticulture. Catalogo de horticultura para 1908-1909.

2246 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1910

Culturas indigenatas

II

A BATATA DOCE

A batata doce (convolvulos batati L.) é uma planta herbacea, vivaz, voluvel, não trepadeira, da familia das convolvulaceas. Contam-se quatro especies subdivididas num grande numero de variedades que, por serem muito conhecidas, deixamos de enumeral-as. A sua origem é ainda muito obscura; dizem, porém, os botanicos que ella é originaria dos dois hemispherios.

HABITAT E SOLOS — Cultiva-se em toda parte dos paizes de clima quente e chuvas moderadas. Tem grande área geographica; vegeta aos 46° de ambos os lados do equador.

Requer terras de boa qualidade, silico-argilosa, mais leve que forte.

A ella, como a todas as plantas, lhe é necessaria a humidade, mas, como todos os tuberculos ou plantas, raizes tem-na em demasia, o que nos conduz a dizer que é preferivel um solo relativamente secco a um muito humido. As terras novas, de desmontes recentes, lhe convem; se forem, porém, argilosas compactas sómente o primeiro anno depois desta operação é que vegetam bem.

O solo destinado á batata deve receber uma lavra de $0^m,20$ e $0^m,25$ no maximo; gradeagens, etc., etc., quanto mais, melhor. As lavras profundas têm seus inconvenientes e vantagens: assegura a humidade constante que se armazena no solo durante a estação das chuvas, difficulta, porem, por sua vez, a colheita porque os tuberculos se aprofundam muito.

REPRODUCÇÃO E SELECÇÃO — Raramente floresce, produz grãos muito accidentalmente. Na America, creavam pela cultura de grãos dez variedades novas muito productivas e ligeiras. Em cultura corrente a propagação é feita pelos tuberculos, ou ainda melhor, com toros de rama, que é aliás o mais geralmente usado.

Deve-se colher a rama dos pés mais vigorosos, mais resistentes, de maior carga em tuberculos vendaveis, tanto em quantidade como em qualidade e que sejam bem formados. Servindo-nos do tuberculo como semente, convém e colher os medianos, pesados e que a sua vegetação tenha sempre sido irreprehensivel, como ficou dito para a rama.

Posto que desta sorte não creamos uma variedade nova, nem por nenhum outro meio de reproducção artificial, melhora-se sensivelmente a variedade que cultivamos com palpavel augmento na colheita, e não trazendo esta ligeira pratica nenhum augmento nas despezas ou nenhum incommodo para o lavrador, aconselhamos incessantemente que a pratiquem.

Plantação e cultura — Nada diremos da epoca da plantação que varia de lugar para lugar; mas diremos que, onde se dispõe de agua ou de humidade no solo que assegure a sua vegetação, podemos plantal-a em todo decorrer do anno.

A plantação por tuberculo pratica-se assim: dividiremos este em dois ou tres pedaços, que aliás é pratica pouco aconselhavel; partindo-os ao meio é muito preferivel, e de cada pedaço deve cortar-se varios olhos.

Da plantação feita com a rama descrevemos sómente o seguinte processo por ser o unico razoavel: corta-se a rama em pedaços de 20 a 30 centimetros de comprimento e cada pedaço deve ter tres ou quatro nós e serão plantados a 15 centimetros de profundidade, isto é, pela metade do pedaço da rama posto obliquamente na terra, dando-se então uma ligeira compressão com o pé para bem adherir ao solo.

As covas são abertas sobre as linhas de 30 a 40 centimetros e de 50 a 60 entre as linhas. O melhor afastamento, segundo nós pensamos, é de $0^m,50 \times 0^m,60$ ou sejam 23.200 covas por hectare.

Logo que apparecem as primeiras folhas, principiam-se as limpas á enxada, á mão ou a cavallo, tantas vezes quantas forem necessarias para obstar o desenvolvimento das plantas damninhas no terreno do batatal.

Na segunda ou terceira limpa abaceda-se. Não convém esquecer esta operação que é de grande utilidade para a batata. Devemos ter todo cuidado nestes trabalhos para não se ferirem os tuberculos superficiaes que perigam apodrecer.

Maturação e colheita — Depois de quatro ou cinco mezes de vegetação, quando a folhagem principia a amarelecer, a batata deve ser colhida. Não convém ultrapassar muito desta época, porque os tuberculos ficam duros, lenhosos e conseguintemente de qualidade inferior.

Para gasto do lavrador não é preciso, em rigor, este signal para colher-se.

Esta operação deve ser praticada em um dia de sol para se deixar os tuberculos no campo do batatal, cobertos com hervas e folhas, etc., um ou dois dias. As raizes sem valor, devemos deixar ficar no campo enterradas, que dois mezes mais tarde nos darão uma nova e abundante colheita.

RENDIMENTO — E' demasiado variavel: numerosos factores têm decidida influencia e entre estes enumeramos: o afolhamento, o preparo do solo e sua fertilisação e humidade.

Cada cova produz dois a quatro tuberculos, pezando cada um 200 a 300 grammas na media, mas este pezo póde elevar-se até a 10 kilogrammas, e em Java um só tuberculo pezou 22ks.650 grammas!

Temos obtido tuberculos de 1k.500 a tres kilogrammas em terrenos fortemente argilosos e não bem preparados e com ausencia completa de qualquer correctivo; em razantes os de 1k,800 grammas não são raros. Eis a vantagem da plantação em estacas ou tóros: dá-nos menos tuberculos, porém muito mais vendaveis; o plantio em *rego* ou *rodilha* a carga é consideravelmente maior, porém pouco vendaveis.

O rendimento por hectare está comprehendido entre 10 a 20 mil kilogrammas, média 15 mil que podemos obter mui facilmente.

A colheita em folhas e ramas é abundante: obtem-se de 20 a 80 mil kilogrammas em estado verde, média 50 mil, ou de cinco a 20 mil kilogrammas em feno de superior qualidade, média 12 mil kilogrammas.

Pensamos que poucas plantas podem rivalizar com esta rainha de nossos campos, guardando-se, porém, as respectivas proporções de tempo, emprego de capital, cuidados, etc., etc.

O *decote* não se deve fazer, sob pena de occasionar um grande prejuizo na colheita; a folha é o laboratorio do amido e do assucar — as principaes substancias da batata; não obstante, por falta de forragem para os animaes da fazenda, podemos fazel-o, porem a 1m,50 do pé. Uma grande exuberancia folheacea é igualmente desfavoravel ao tuberculo, que póde por isto apodrecer.

O rendimento em amido é de 12 a 20 %; em assucar de cinco a 10 %; em alcool absoluto de 5,73 %.

CONSERVAÇÃO — A batata doce é de difficil conservação e tanto peior quando são colhidas sem observação dos signaes indicativos que descrevemos acima. Na Nova Zelandia põem em silos, que consistem numa fossa um tanto profunda, situada em lugar fresco e secco, que, depois de bem arrumados os tuberculos, se cobre com terra.

Pensamos que podemos adoptar para conserval-os o systema preconizado pelo Dr. Cathelineau destinado á conservação do tupinambá: Um leito de lenha de 30 a 40 centimetros; um leito de tuberculos com a terra que o guarnece, um leito de terra e assim seguidamente (1).

---

(1) Vide o *Almanach du Cultivateur* de 1904, pag. 64 e seg.

Desta maneira, diz o auctor, se conservam admiravelmente bem, não se descompõem como quando são ensilados desguarnecidos de terra. Charabot affirma que alguns methodos ensaiados ultimamente para conservação da batata têm dado bons resultados. Ainda podemos conserval-as em aparas seccas ao sol destinadas a differentes fins.

FORRAGENS — Os tuberculos são para todos animaes uma excellente forragem verde, alimento muito digestivel, fazendo augmentar sensivelmente o leite das vaccas. Podem as aparas entrar nas rações como succedaneo dos residuos etc.

As ramas em estado verde são reputadas, com justa razão, como forragem de primeira ordem, igualando-se as melhores e convertidas em feno diz Lescure: "um kilogramma em estado secco vale tres kilogrammas do melhor feno".

As folhas e ramas da batata são muito mais digeriveis que qualquer dos capins de que dispomos, devido a ausencia completa de pellos (1), e tem como as demais forragens de nosso clima uma quantidade pouco mais ou menos igual de cêra na sua epiderme, que muito difficulta as digestões (2).

COMPOSIÇÃO E FERTILIZAÇÃO — Eis segundo Emmaus citado por Heuzé, a composição media da batata doce:

	%
Agua	62.250
Amido	19.975
Assucar	6.550
Materias albuminoides	1.275
» organicas e pectose	2.100
Cellulose	1.850

Outra segundo Porte, citado por Diboursk:

Agua		68,00
Amido		14,40
Glucose		3,70
Albumina e materias azotadas	1,25	1,80
Materias gordas e resinosas	0,55	
Tecido lenhoso	11,05	12,70
Saes mineraes e cinzas	1,65	

(1) • Schribaux et Vanot—Botanique Agricole, pag. 73.
(2) • Schribaux et Vanot—Obr. cit., pag. 40.

Para comparação das duas batatas — doce e ingleza (solanum tuberosum) damos abaixo a sua analyse tirada das *Tables* de Wolff:

	°/o
Agua	75,0
Cinzas	0,9
Materias proteicas	2,1
Cellulose	1,1
Materias amilaceas	20,7
Gordura	0,2

Vê-se por estas analyses que a batata doce é muito alimenticia e para não entrarmos em analyse comparativa, fazemos nossas as palavras de Necholls: ella contem mais principios nutritivos que a batata commum, que é a base da nutrição dos aldeiões de Irlanda. As variedades vermelhas são sempre em igualdade de condições mais alimenticias que as brancas.

A composição das cinzas segundo Bethencourt é a seguinte:

	°/o
Potassa	0,542
Cal	0,060
Acido phosphorico	0,110
Azoto	0,401

Para uma colheita de 10.000 kilogrammas precisamos levar ao solo as seguintes quantidades de:

	kilog
Potassa	54.200
Cal	6.000
Acido phosphorico	11.600
Azoto	40.100

Os estrumes vegetaes e animaes são proprios, 25.000 kilogrammas por hectare constitue uma boa estrumação, posto que não seja completo; as suas ramas e folhas lhes convem muito (1).

O afolhamento (2) deve ser triennal. Não devemos occupar constantemente um mesmo solo com a cultura da batata, salvo em solos muito ricos em potassa, ou terras banhadas por enchentes.

(1) Vide as seguintes obras: Dr. Wenceslau Bello — *O Preparo do solo*.
Muntz et Girard — Les Engrais 1º vol. pag. 470, Garola — *Les Engrais* pag. 162.
(2) Vide a "Lavoura", n. 10, de 1898, pag. 119 e seguintes.

PRODUCTOS — No livro de James Fitz-Sweet *Potato Culture* — no capitulo III, encontramos a descripção de todos os productos desta maravilhosa planta. E' succedanea da ingleza nos differentes misteres da arte culinaria, sendo empregada na confeitaria, na doçaria com geral agrado dos gastronomos... Em nova Orleans obtem-se pela fermentação dos tuberculos uma bebida alcoolica muito agradavel; em Guadeloupe, Mauricia e Reunião extraem a fecula, que é muito estimada; e o autor citado faz notar que na America ha annos exportam para a Inglaterra uma especie de amido para alimentação de seu exercito.

DOENÇAS — Não podemos melhor fazer que enviar o leitor ás pag. 78 e seguintes da «Lavoura» nos 1 a 3 de janeiro a março de 1902. Ahi encontrarão não somente a descripção e estudo das molestias, como tambem os seus tratamentos devido a penna Mr. C. O. Trownsend.

BIBLIOGRAPHIA — O leitor desejoso de melhores conhecimentos poderá consultar, com reaes proveitos, as seguintes obras:

P. de Moraes — *Manual de Agricultura*, 1° vol.
Sevariaux — *L' Agriculture au Dahomey*.
Revière et Lecq — *Manuel Pratique d'Agriculture Algérien*.
Dibowisk — *Traité des Cultures Tropicales*.
G. Henzé — *Les Plants Aliment. des Pays Chauds*.
Nicohlls et Raul — *Petit Traté d'Agriculture Tropicale*.
H. Jumelle — *Les Cultures Coloniales*, 1° vol.
Jornal de Agricultura (Rio) ns. 19 e 23 de 1903.
L'Agriculture Pratiques des Pays Chauds 1908 (2° semest.)

EDUARDO LISBOA.

Diagnostico demonstrativo de uma enfermidade dos gallinaceos

Ha cerca de alguns meses, emquanto percorria a zona de Cantagallo, S. Francisco de Paula, S. Sebastião do Alto e outras, mais de uma vez ouvi referencias a certa molestia dos gallinaceos, inclusive os palmipedes, que em poucas horas morriam apresentando os symptomas seguintes:

Immobilidade, abaixamento das asas, cambaleamento e vertigens nos ultimos momentos da vida.

O Sr. Commendador Lopes Martins, proprietario da grande fazenda «Dos Cafés», no municipio de Cantagallo, despertou-me a attenção especialmente sobre esta molestia.

Posto que tivesse de attender á prophylaxia dos animaes de maior vulto, não esqueci os pennudos, fonte não desprezivel de lucro e commercio.

Um escripto de um illustre francez, collega meu, actualmente exercendo sua profissão em Paris, pôz-me no caminho seguro para a descoberta da «causa mortis» dos gallinaceos em relação com os phenomenos descriptos.

E' sobejamente conhecido que a maior parte dos criadores attribuem ao chlorureto de sodio (sal de cozinha) propriedades especiaes e medicamentosas a ponto de acreditar indispensavel o seu emprego em qualquer molestia, mesmo nas de natureza infectiva.

Pois bem, a «causa mortis» dos gallinaceos, quando se observam os phenomenos referidos é devida á ingestão do chlorureto de sodio, mesmo em pequenas doses.

Em quasi todas as fazendas onde grassou a aphta epizootica, ainda que de forma benigna, abusam no emprego do chlorureto de sodio.

As mulheres, ás quaes geralmente compete a guarda e criação das gallinhas, temperam com abundante sal as papas de milho, farelo e demais alimentos que dão a seus gallinaceos.

Emquanto a dose for minuscula os effeitos não são fataes. Quando muito, observariamos os pintos de asas relaxadas, de *piu-piu* doloroso, afflictos e estupidos; no passo que as gallinhas com este regimen alimentar ficam estereis, com a crista amarellada, caminhando de passo incerto, levantando e abaixando as patas cautelosamente, de maneira muito notavel.

Para demonstrar a acção toxica do chlorureto de sodio nos gallinaceos, é bastante dizer que injectando-lhes no papo cheio de alimentos sal de cozinha em solução aquosa, bastam somente quatro grammas para cada kilo de animal adulto para determinarem a morte em poucas horas.

Considerando que nessa experiencia a maior parte da mencionada solução se incorpora ao alimento contido no papo, sem hesitar posso concluir que o sal de cozinha para os gallinaceos é toxico em dose muito exigua.

Dos dados clinicos e experimentaes posso deduzir que nesta forma de envenenamento o chlorureto de sodio age essencialmente sobre os

---

musculos, diminuindo-lhes bastante o poder contractil; dahi a extrema fraqueza e consequente asphyxia pela debilitação dos musculos que presidem á respiração. Alem disso o sal actúa como veneno sobre o systema nervoso produzindo o cambalear e a crise de vertigens nos individuos que de qualquer modo o ingeriram.

Dr. Achille Rigobanzo.

Galeria

DR. JOÃO PINHEIRO

E' sempre com a mais intensa saudade e o maximo respeito á sua immaculada memoria, que a *Lavoura* insculpe nas suas paginas o nome do que em vida se chamou Dr. João Pinheiro da Silva.

Em o numero X, da collecção do mesmo Boletim, correspondente ao mez de outubro de 1908, rendemos, por occasião do seu infausto passamento, as nossas mais sinceras e doridas homenagens a que tinha direito o eminente e virtuoso estadista.

Hoje, ao inscrever o seu abençoado nome, na galeria dos benemeritos da agricultura nacional, procuraremos dizer quão prestadio foi elle a esse ramo das cogitações humanas, por uma serie de actos governamentaes que muito o recommendam á admiração de todos os brasileiros, zelosos do engrandecimento e da pujança de sua patria.

João Pinheiro da Silva nasceu a 16 de dezembro de 1860, na cidade do Serro, norte do Estado de Minas.

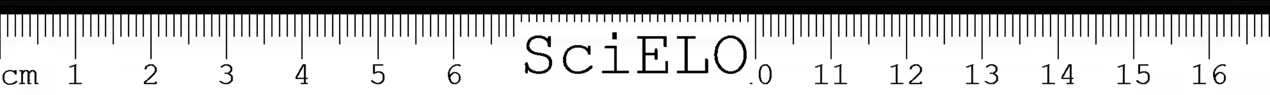
Ainda em verdes annos, levaram-o para Ouro Preto, onde começou o estudo das primeiras lettras, que terminou em Caeté para onde o reconduziram.

Auxiliado por José Pinheiro da Silva, seu irmão, sacerdote intelligente e eximio latinista, que fazia parte do corpo docente do Seminario de Marianna, foi João Pinheiro matriculado no mesmo estabelecimento de ensino, onde aprofundou-se nos estudos de humanidades, distinguindo-se sempre pela vivacidade do talento, grande capacidade de assimilação e pertinacia de esforços.

Não só o padre João Baptista Cornegliotto, se não tambem o padre José Pinheiro alimentavam vivas esperanças de que o distincto e applicado estudante se ordenasse.



Dr. João Pinheiro


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
11 12 13 14 15 16

Mas elle, ainda que mesmo contrariando a vontade do seu mestre e do seu irmão, recusou-se de prompto a seguir a carreira ecclesiastica.

E, firme neste proposito, deixou Marianna e dirigiu-se para Ouro Preto com o intuito de fazer os preparatorios perante a instrucção official e matricular-se na Escola de Minas, o que de facto conseguiu.

Depois de haver frequentado os tres primeiros annos da referida Escola, abandonou o curso de engenharia, resolvendo-se a seguir o de sciencias juridicas e sociaes na Faculdade de S. Paulo, para onde se passou em 1882.

Solidamente preparado, conhecendo mathematica, linguas, historia, philosophia, sciencias naturaes etc., e num meio onde a agitação espiritual era intensissima, João Pinheiro impoz-se logo á admiração dos seus collegas e até á dos proprios mestres.

Luctando, como sempre, com serias difficuldades, mesmo assim repellia as posições officiaes que lhe eram offerecidas como intransigente republicano que era e sempre foi.

A custo conseguiu o lugar de revisor de um jornal e continuou com as licções particulares a que se dedicára desde a sua chegada áquella capital.

De uma feita, quando cursava o segundo anno da Faculdade, appareceu, numa das folhas paulistanas, um magnifico artigo sobre um thema de philosophia religiosa que immenso impressionou ao venerando lente da academia Dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides, versadissimo em questões theologicas.

Não só a esse professor senão a todo o meio culto de S. Paulo causara excellente impressão o alludido artigo que não trazia assignatura.

A esse mais dous outros se seguiram, afinados no mesmo tom e causando sempre a mesma sensação.

Procurou o venerando Benevides saber quem era o auctor de tão admiraveis paginas, e, depois de muito perquirir, descobriu então ser o operoso academico que vimos biographando.

Sciente tambem das mais prementes difficuldades que assediavam João Pinheiro, esforçou-se o professor Benevides por collocal-o como preparador da cadeira de physica e chimica da Escola Normal o que alcançou.

E assim luctando, trabalhando sempre, recebeu João Pinheiro, em novembro de 1887 a laurea de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, e, regressando depois a Ouro Preto, abriu escriptorio de advogado afim de exercer a sua profissão



Levando por diante a propaganda dos seus ideaes politicos genuinamente republicanos, procurou congregar os companheiros de cruzada, promovendo e levando a effeito em Villa Rica a fundação do Club Republicano. Fundado este a 10 de junho de 1888, de cuja directoria fez parte, promoveu, auxiliado pelas legiões de todos os pontos da Provincia, um grande Congresso Republicano na cidade de Ouro Preto, Congresso este que de facto se realizou a 15 de novembro do mesmo anno e com notavel concurrencia.

Eleita a Commissão Central do Partido Republicano Mineiro, de que, entre outros, fazia parte João Pinheiro, logo em seguida, outros muitos clubs se fundaram em differentes localidades da Provincia, todos subordinados á referida Commissão Central.

A 23 de janeiro de 1889, surgia na velha capital da Provincia, o *Movimento*, dizem que a folha mais radicalmente republicana que apparecera em Minas durante o tempo da propaganda.

E' excusado dizer que a chefia da redacção foi entregue á competencia de João Pinheiro e o seu bellissimo artigo de apresentação é, de certo modo, um subsidio para a historia politica de Minas.

O advento da Republica encontrou-o em plena propaganda e ainda á frente do jornal que fundára e brilhantemente redigiá.

Em 1890, nomeado ministro do Interior o Dr. Cesario Alvim, passou este o governo de Minas ao Dr. João Pinheiro, no caracter de 1° vice-governador, sendo logo depois nomeado effectivamente para o cargo, tendo nessa occasião menos de 30 annos de idade.

Medidas de grande alcance para logo foram tomadas, e, uma das mais importantes é a que se contém no decreto n. 33, de 29 de março de 1890 e pertinente a commissões de estatistica do Estado.

As instrucções decorrentes do alludido decreto exaram a divisão em tres classes dos trabalhos estatisticos, sendo que a 3ª consubstancia os dados referentes á agricultura, á industria e ao commercio.

A lei n. 48, de 28 de abril ainda do mesmo anno, que creou na capital do Estado uma exposição permanente de productos naturaes, agricolas e industriaes de Minas, foi precedida dos considerandos que se vão ler, na altura de quem os inspirou ou mesmo redigiu.

Reproduzimol-os aqui, como um padrão de gloria do illustre morto :

« Considerando que os recursos naturaes de um paiz só constituem verdadeira fonte de riqueza publica e particular, quando ás

forças da natureza se ajuntam os esforços e o trabalho do homem, de maneira a tornar aquelles aproveitaveis e conhecidos;

Considerando que, si é verdade que a prosperidade material de um Estado não pode provir exclusivamente da acção governamental, a esta, em todo caso, cabe promover e animar solicitamente a iniciativa particular no sentido de se conseguir similhante objectivo;

Considerando que o Estado de Minas Geraes, mais do que qualquer outro da União, é admiravelmente dotado de incalculaveis e variados elementos de opulencia, mas que não têm sido convenientemente explorados ou aproveitados;

Considerando que as exposições industriaes, conforme as lições da experiencia e o exemplo de outros povos, constituem um grande meio de adiantamento na vida economica, por facilitar aos productores a offerta, aos consumidores a procura, sendo para o commercio uma base de largo desenvolvimento;

Considerando, finalmente, que nessas luctas nobilissimas do trabalho, premios pecuniarios serão vantajosos, já como incentivo, já como justa e merecida remuneração aos mais activos e intelligentes industriaes, pelos seus esforços, que, sendo a sua gloria tambem são a do paiz em que habitam, etc....»

As instrucções necessarias para a execução do alludido decreto, precisando os valores dos premios para o vinho, o chá da India, o trigo, o cacáo, forragens, quina do Perú, batata ingleza, plantas tinturiaes, plantas textis e apicultura, não as publicamos por absoluta falta de espaço.

Por decreto n. 91, de 4 de junho, foi annexado á Escola de Minas um laboratorio de analyses de terra, etc., de que tratavam as instrucções relativas ao estudo do solo mineiro e pelo de n. 106, de 11 de junho, concedendo premios aos viticultores do Estado.

Deixando o governo do Estado e já então como agente executivo de Caeté, ratificou a lei que concede premios aos criadores e lavradores do mesmo municipio, iniciando as feiras e as exposições periodicas de productos agricolas e pastoris.

Em 1903 convocou o Congresso Agricola, Commercial e Industrial de que foi presidente.

A acção dirigente de João Pinheiro no seio do Congresso foi, como em tudo, digna de nota.

Voltando de novo a dirigir os destinos do glorioso Estado de Minas, a sua acção se assignala por uma serie de actos de um avantajado alcance, qual mais patriotico e mais proveitoso.

Na sua mensagem de 1907 ao Congresso Mineiro, referindo-se á reorganização economica do Estado por meio do trabalho agricola, dizia elle: «avulta depois, como necessidade tambem urgente, após a do ensino das creanças, a do ensino primario da agricultura aos adultos, habituando-os ao manejo simples das aperfeiçoadas machinas agricolas.

Este ensino, contendo duas partes essenciaes, uma theorica e a outra propriamente industrial, foi dividido de modo que uma repartição especial e technica se incumba da primeira e a divulgação do trabalho mechanico e dos processos uteis aconselhados pela theoria, seja feita instinctivamente pelos mestres praticos de cultura, espalhados pelo Estado, operando industrialmente, para que os agricultores possam avaliar das vantagens integraes e da superioridade dos processos novos, comparados com os da velha rotina.

Esta medida vai dar immediatos resultados e nella está a base da nossa regeneração economica, assim para o productor como para o Estado, que da agricultura tira a sua principal fonte de receita.

O trabalho agricola, pela vastidão de seus recursos, pela sua extensa applicação, pelo seu habito generalisado em toda a massa do povo, pela facilidade de sua aprendizagem, constitue a fórma simples e poderosa do trabalho nacional e por ella deve começar a reorganização economica do Estado. »

Pondo em pratica todas as suas extraordinarias idéas, adquiriu a fazenda da Gamelleira, transformando-a numa bem organizada escola pratica, onde o ensino primario agricola é ministrado methodicamente e de accordo com os preceitos scientificos mais apurados; iniciou os trabalhos de sondagem artezianа para a irrigação; por intermedio da Directoria Geral de Agricultura e pelo custo na Europa, Rio e S. Paulo, forneceu aos lavradores do Estado fertilizantes chimicos e diversos instrumentos agricolas e manteve um *stock* de machinas agricolas modernas; cuidou, com vivo interesse, da industria sericicola, tratando de garantir a collocação dos casulos fóra da zona productiva por um preço minimo; da industria textil, da cultura dos cereaes, declarando-se, neste particular, francamente proteccionista; da industria de lacticinios, do commercio de gado, etc., etc.

A grande Exposição Pecuaria, levada a effeito em Bello Horisonte, em 1908, foi obra sua, e a imponencia de que se revestiu está no dominio dos que tiveram a felicidade de vel-a.

Quando se deu o seu fallecimento, o Estado de Minas estava dotado com as seguintes fazendas-modelo: *Gamelleira*, no municipio da Ca-

pital; *Fabrica*, no do Serro; *Retiro do Recreio*, no de Santa Barbara; *Diniz*, no de Itapecerica; *Bairro Alto*, no de Campanha, além dos campos de demonstração denominados: *Ayuruoca*, *Nova Baden*, *Francisco Salles* e *Itambacury*, annexos ás respectivas colonias.

Finalmente, o regulamento sobre *Cooperativas Agricolas em Minas* é um outro titulo de glorias para o illustre biographado e os resultados economicos delle derivados têm sido dos mais salutares e beneficos.

Outros muitos serviços de inestimavel valor poderiamos pôr aqui em relevo, mas desistimos de o fazer por estarem todos elles no conhecimento dos brasileiros, que ainda o choram e o hão de chorar por longo tempo.

Conferencia

PRONUNCIADA PELO DR. G. DE STEFANO PATERNÒ, NO SALÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO, EM 4 DE ABRIL DE 1910

Começa o orador descrevendo a sua impressão pessoal sobre a cidade do Rio de Janeiro, os principaes palacios, os passeios, as bellezas naturaes dos seus montes e da bahia, sobre as avenidas, sobre o clima melhorado, em consequencia dos melhoramentos da cidade, affirmando que os moradores desta esplendida capital devem ser necessariamente artistas e teem todos a obrigação de votar eterna gratidão aos benemeritos que souberam transformar e sanear esta cidade, tornando-a uma das mais bellas do mundo, certamente a mais linda da America do Sul.

Diffunde-se o Dr. Paternò na descripção do movimento nos Estados mais adeantados da Republica, do norte ao sul, dos commercios e das industrias principaes existentes nos centros de maior relevo, e a respeito do Estado de S. Paulo e da passada crise do café, diz ter acontecido o mesmo facto na Italia com a crise dos vinhos; porem, como as duas crises tinham por causa principal a superabundancia dos productos singulares, tiveram a justa, satisfactoria solução, pois quando as crises são produzidas por excessos de forças as consequencias não podem ser fataes como quando são produzidas por falta de impulso ou de bôa vontade

Affirma o orador a necessidade que tem o Brasil de muitos estradas de ferro para colligar entre si os principaes Estados da grande Republica e que unindo-los para o progresso, governados por uma politica de paz internacional, que faz com que o Brasil seja o melhor amigo de todos os Estados sul-americanos.

Não pode deixar de observar que o Brasil está bem encaminhado, especialmente devido aos poderes publicos, os quaes não poupam esforços, não param deante de nenhuma difficuldade, no conseguimento dos fins de tornar o Brasil uma das nações mais adeantadas em todos os ramos da actividade humana.

Acha mesmo que os publicos poderes teem uma actividade febril, a qual não é proporcionada á actividade individual que o orador julga fraca e teimosa; observa que os capitaes, em vez de serem utilizados nas industrias ou nas grandes empresas, ficam parados nos bancos, com uma desconfiança espantosa.

Todas as cidades mais fortes do mundo, o foram pela forte acção dos Estados e pela iniciativa particular; as sociedades civis que mais operam com as proprias forças, sem nada esperar dos poderes publicos, obtiveram o primeiro lugar entre os povos civilizados e disto temos provas na America do Norte, na Allemanha, na Inglaterra e na Belgica.

E' indiscutivel que a união das forças vence as forças isoladas, que a collectividade opprime o individualismo e que o programma da vontade com os capitaes reunidos obterá sempre maiores resultados que a mesma vontade e os capitaes individuaes. A vida social dos anglo-saxões tem a maior manifestação nos *trusts* e syndicatos, a raça latina nas firmas pessoaes, e neste facto é que justamente se explica a nossa inferioridade nas lutas internacionaes.

Nesta capital os poderes publicos, depois de terem feito a cidade, deveriam ainda pensar nas casas operarias? Esta iniciativa não deveria pertencer a empresas particulares?

Entre todas as instituições que o Dr. Paternó conheceu nesta capital a que mórmente mereceu a sua attenção foi a Sociedade Nacional de Agricultura, a qual sob a presidencia do illustre cidadão Dr. Wencesláo Bello, rodeado por um valoroso grupo de intelligentes, se está esforçando, por todos os meios, para obter novos mercados de consumo directo para os productos nacionaes, afim de introduzir machinas, sementes e tudo o que pode ser de utilidade para os agricultores.

Desejo, diz o orador, pelo bem que merece o Brasil, terra generosa, que considera como filhos seus a mais de um milhão de italianos, que a iniciativa particular comece a affirmar-se na vida social deste povo

para que a capital se torne a digna vanguarda das cidades da confederação.

Observa o Dr. De Stefano Paternó que um dos maiores males desta cidade é o preço exaggeradamente caro dos aluguéis e dos generos alimenticios; a vida diaria do Rio custa muito e a mór parte das familias trabalha para pagar as mensalidades do aluguel, pouco lhes sobrando para as despesas da alimentação.

Os preços dos generos alimenticios são effectivamente muito caros, mesmo tendo em consideração as despesas de alfandega, outros direitos e os impostos; mas não é someate o preço que pesa sempre mais nos compradores dos generos de primeira necessidade e particularmente os importados.

Os falsificadores enriquecem, vendendo por legitimos os generos falsificados na capital; a que serve a exigencia do sello de consumo? Para dar um cunho de maior legitimidade aos productos falsificados, pois tambem os sellos são fabricados clandestinamente. Onde estão os legitimos e tão procurados vinhos do Porto? Onde os vermouths, os cognacs, os fernets, os licores finos? E os azeites puros de oliveira?

Quaes os remedios para estes inconvenientes?

Contra o exaggerado preço dos generos de consumo surgiram, na Europa, as cooperativas de consumo, as quaes, comprando os generos directamente ao productor, se acham em condição de vendel-os a menor preço, pois os ditos productos, não passando pelos mãos dos intermediarios, são vendidos taes como saem da casa do productor.

Todas as cooperativas de consumo tiveram no começo muitas difficuldades e inimigos acerrimos, pois as casas que costumavam vender generos falsificados ou avariados e as que costumavam vender muito caro usaram de todos os meios para combatel-as; porém as que puderam resistir ás primeiras difficuldades ganharam o primeiro lugar no commercio por atacado e a varejo.

Nas cooperativas de consumo, além da real economia nos preços, o consumidor tem tambem a garantia absoluta da legitimidade dos generos comprados, o que constitue um elemento indispensavel para a hygiene da familia.

A Cooperativa de Consumo serve ao pobre e ao rico; este quer a legitimidade dos productos e a absoluta bondade dos mesmos; aquelle deseja a economia juntamente com a legitimidade, garantia unica para a hygiene domestica. Esta instituição, completamente popular, merece o franco apoio dos poderes publicos, pois é a fórma mais pratica do espirito de associação.

A humanidade, no seu caminho de civismo, aperta-se sempre mais ao cooperativismo, forma social que reune as classes sociaes, emancipa o trabalhador e modera a avidez do capital individual.

Affirma o orador que, no seio da Sociedade Nacional de Agricultura do Brasil, achou bem desenvolvido e comprehendido o principio do cooperativismo, pois já encontrou naquella benemerita associação uma Cooperativa Central dos productos agrarios. A Sociedade Nacional de Agricultura, cujo presidente é o illustre Dr. Wenceslão Bello, acceitou, com grande enthusiasmo, tomar sob seus auspicios a Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira, ideada pelo orador, pois esta instituição, além de procurar o augmento no commercio reciproco dos productos brasileiros e italianos, servirá como base para a intimidade nas relações entre as classes mais importantes da Italia e do Brasil, constituidas pelos agricultores, que são os factores da riqueza nacional.

A Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira tem por fim essencial suavizar a existencia de seus socios, barateando-lhes, tanto quanto possivel, todos os generos de primeira necessidade; com esse fim:

a) Abrirá na Capital Federal um deposito central com filiaes nos logares que forem julgados convenientes e succursaes nos Estados da Republica, para a venda — por atacado e a varejo — de todos os generos de consumo existentes nos seus depositos.

b) Cuidará para que os generos importados da Italia ou de outras procedencias, e recebidos das colonias, nacionaes conservem sempre o typo que mais satisfaça as exigencias do mercado.

c) Promoverá nos nucleos colonias do Brasil consocios agrarios, com os quaes manterá de preferencia relações commerciaes, cooperando dest'arte para o progresso economico dos mesmos nucleos.

d) Importará directamente dos centros productores da Italia e de outras nacionalidades, de forma que a vantagem realizada nos preços de compra redunde em beneficio dos socios da Cooperativa.

e) Hostilizará, por todos os meios ao seu alcance, a entrada no mercado dos generos adulterados, falsificados ou avariados, servindo-se para essas averignações das analyses chimicas, feitas com antecedencia nos centros de producção, e confirmadas pelo Laboratorio Nacional de Analyses.

f) Exigirá dos exportadores que o acondicionamento das mercadorias satisfaça a hygiene e a esthetica, com o minimo de despesa.

g) Envidará todos os esforços para obter das companhias de navegação e das estradas de ferro a maior facilidade para o transporte das proprias mercadorias.

h) Communicará mensalmente aos socios, por meio de boletins, a tarifa dos preços de todos os generos postos á venda nos armazens da Cooperativa, preços que vigorarão durante todo o mez seguinte.

i) Occupar-se-á tambem da exportação de productos brasileiros, taes como o café, cacáo, as fructas indigenas, etc., pondo-se em relação com as Cooperativas de consumo daquelle e de outros paizes e bem assim com as principaes fabricas industriaes e casas commerciaes, que se dedicam a esse ramo de negocio.

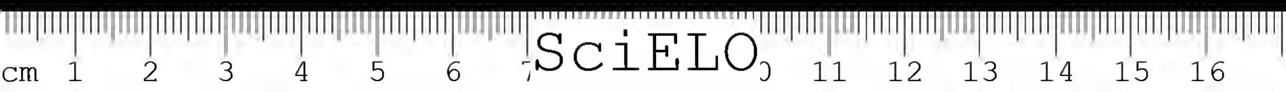
Sob todos os pontos, a Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira merece o apoio dos cidadãos de todas as classes sociaes, pois, tendo estas instituições uma historia gloriosa em todas as cidades européas, torna-se ella no Rio de Janeiro indispensavel, pois é nesta capital que a vida é talvez a mais cara.

Já os inimigos da instituição começaram a lucta, usando dos meios os mais baixos, com jornaes de nenhum credito, pagos sómente para dizer mal de tudo e de todos, accusando o orador de trampolineiro, de foragido, etc., e dizendo que a Cooperativa é um conto do vigario; digam, porém, o que quizerem os pobres adversarios, mais forte será a lucta e maior a convicção nossa de que no Rio de Janeiro são indispensaveis as cooperativas de consumo e ellas aqui obterão o maior successo.

Toda a classe elevada do paiz, a classe que se occupa da prosperidade do povo e do progresso da patria, está acolhendo a nova cooperativa com carinho e sympathia; fez proprio o programma annunciado e com nobre enthusiasmo iniciou os trabalhos para inaugurar nesta capital uma fórma mais adeantada de cooperativismo, que é o cooperativismo internacional.

A Sociedade Nacional de Agricultura, numa das suas ultimas reuniões, deliberou tomar sob seus auspicios a Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira, declarando, porém, que será solidaria com as cooperativas de consumo de qualquer outra nacionalidade, abrindo dest'arte o campo a todas as colonias para estabelecer cooperativas e dando assim o desenvolvimento e a interpretação devida ao cooperativismo internacional, que tão bons resultados está dando na Europa e na Norte America.

Conclue o orador confiando no apoio dos seus patricios italianos, pois considera a solidariedade brasileira nesta cooperativa como um



acontecimento merecedor de grande regosijo na Italia; dirige-se, emfim, ás senhoras, que constitue o que de mais sublime tem a humanidade: a Instituição da Familia, pedindo o bom acolhimento e a protecção para a Italo-Brasileira, a qual, inspirando-se na hygiene e na economia, torna-se de grande utilidade para as familias, sendo, portanto, um elemento indispensavel para a saude e a riqueza dos povos.

IV

A bananeira

CONFERENCIA LIDA PELO DR. RAFAEL URIBE URIBE, PERANTE A SOCIEDADE DE AGRICULTORES DA COLUMBIA, A 17 DE MARÇO DE 1908

O segundo grupo, da bananeira industrial, está representado pela *bananeira de embira* (*musa textilis*) que é o *abacá* dos tagalos e hespanhoes.

Tem por patria as Philippinas e as Molucas; seus fructos não se podem comer, mas com os botões ou brotos se faz agradavel *fricassé*.

Cultiva-se principalmente por causa da fibra forte que dá o tronco, constituindo um artigo de exportação com o nome de *canhamo de Manilha* (*manila Kemp*, dos inglezes) que se não deve confundir com os *cabos de Manilha*, producto da fibra de uma palmeira.

A *musa mindanensis* e a *musa troglodytarum* são variedades da textilis destinadas aos mesmos usos.

A segunda dá frutos que podem ser comidos; crús, produzem ardor na boca e forte effeito diuretico, tingindo de roxo a urina.

A *abacá*, que existe em estado silvestre nas Philippinas, se distingue das outras variedades do genero musa pela côr bastante verde de seu tronco, que attinge seis ou sete metros de altura; por suas folhas longas, estreitas e duras e por seu fructo pequeno, rachitico e cheio de sementes que germinam facilmente, dando plantas que crescem precocemente e vigorosas, alcançando o seu completo desenvolvimento aos seis mezes.

Cortadas no tempo da floração, o tronco é talhado em laminas de uma pollegada de espessura, que são batidas a mão sobre um banco para separar as fibras; expõem-se estas ao sol por alguns dias, lavam-se, tornam ao sol novamente, e, uma vez seccas, se as classificam por comprimento e finura.

Cada tronco produz uma libra, e como se podem plantar 3.000 pés por hectare, o rendimento é de 500 a 600 francos por semestre nesta area.

Uma plantação dura de oito a dez annos.

Os philippinos fabricam com esta fibra tecidos desde os mais ordinarios e fortes até ás mais finas gazes e cambraias.

Fazem tambem com ella a cordoalha e o velame dos milhares de navios mercantes que navegam pelas costas da Asia e os archipelagos da Oceania, ou dos que se occupam com a pesca de perolas ou de esponjas nesses mares.

Calcule-se a cifra de producção desta industria e como conviria ser ella introduzida entre nós.

⁂

O terceiro grupo, o ornamental, comprehende a bananeira *enset* (*musa ensete*), originaria da Abyssinia e já conhecida aqui por este nome.

De todas as variedades é a mais elegante.

De um tronco de 50 a 80 centimetros de diametro e dois e meio a tres metros de altura saem umas folhas immensas por sua largura e comprimento, de aspecto admiravel.

No genero *musa* é a unica variedade que se cultiva por meio de suas raizes tuberosas, de um gosto agradavel, semelhante ao da batata, servindo como importante alimento na Nubia e na Abyssinia.

Estou certo de que esta planta merecerá carinhoso cultivo entre nós, desde que se attenda a que ella não é só ornamental senão util.

A *bananeira de Amboina* (*musa Balbisiana*) só se cultiva para uso medicinal.

A *bananeira de macaco* (*musa simiarum*) é asiatica e de fruto desestimado, muito procurado pelos saguis e monos.

Não se deve confundil-a com a *bananeira imbé*, tambem buscada pelos mesmos animaes, e que é uma planta brasileira da familia das *araceas*.

De longe parece uma palma de coqueiro; tem folhas coriaceas, lustrosas por cima e opacas por baixo; dá uma espiga cylindrica de tres decimetros de comprimento com duas libras de peso, coberta de bagas coloridas de amarello avermelhado, semelhantes ás grandes amoras e, como estas, carnosas, mucilaginosas e de gosto acidulado.

A *bananeira de semilla* (*musa rosea*) é uma planta baixa, delgada e elegante, de fruto pequeno, cheio de sementes negras, envoltas em uma polpa amarella bastante doce.

Esta variedade, a *ensete* e a *textilis* são as unicas que se podem propagar por brotos e sementes.

A *bananeira urania* ou *de Madagascar* (*ravenala madagascariensis* ou *urania speciosa*), indigena daquella ilha, é uma planta arborea que poderia servir como exemplo de transição entre as musaceas e as palmeiras.

Possue 30 ou mais folhas, de peciolos mais longos que os da bananeira commum, e dispostas em forma de um leque giganteo.

O fructo é uma capsula cujo conteúdo se compõe de numerosas sementes negras do tamanho do feijão, dispostas em fileiras e cercadas de um envoltorio azul.

Este util vegetal até agora só tem sido cultivado para ornato dos jardins e parques, vivendo facilmente em qualquer terreno.

Carece de quatro ou cinco annos para florescer, porém, podando-se as folhas inferiores do leque, apressa-se o seu crescimento.

Mais de 50 % do pericarpo ou polpa é uma materia graxa, não incluindo a resina e cera que entram em sua composição e que são combustiveis.

O oleo que se extrae da referida polpa é solido como a manteiga de cacáo, de côr muito alva, sem sabor nem cheiro. E' muito recommendado para usos medicinaes e fabris, em virtude de se não rançar.

Em Madagascar toda a planta é utilisada; os botões prestam-se como legume, as folhas para alimentação dos animaes e as sementes para preparação de uma farinha semelhante ao angú, a qual, cozida com agua e leite, serve de pão aos indigenas.

Enfiadas as sementes em uma haste servem de vela, como o nosso povo soe fazer com as da figueirinha.

Finalmente, a grande quantidade de agua existente na parte concava dos peciolos e que se encontra separando a folha do tronco é uma magnifica bebida para mitigar a sêde, razão por que os francezes chamam esta formosa bananeira —*arvore dos viajantes*.

Oxalá os nossos agricultores emprehendessem o cultivo em larga escala desta variedade, ainda que fosse só pelo fructo — um verdadeiro armazem de graxa.

A *bananeira mystica* (*musa religiosa*) é uma nova variedade, descoberta ultimamente no Congo por Mr. Dybosorki, Director do

Jardim Colonial de Nogent, e descripta por Wideman, Director do Jardim Botanico de Bruxellas.

E' planta ornamental como as precedentes e foi baptizada com o nome que possue, por causa das superstições de que a cercam os ethiopes.

⁂

Si se levar a termo o pensamento de fundar, em terreno proprio e adequado, estações agronomicas na Costa Atlantica, não seria a simples titulo de curiosidade senão de conveniencia evidente, e assim deveriam adquirir exemplares de todas ou de algumas das principaes variedades do genero *musa* para serem cultivadas, e propagadas depois por todo o paiz as mais ateis.

Seria conveniente ter cuidado com as hybridações que se produzem expontanea ou artificialmente, pois nem sempre, acontece darem variedades superiores.

Ao contrario, os cruzamentos vegetaes, como os animaes, sóem dar pessimos productos e fazem degenerar em vez de seleccionar as boas qualidades.

Durante a minha vida, creio, tenho notado decadencia em algumas especies de bananeira.

Já é raro se encontrar uma boa bananeira maçã, por exemplo; para isso pode haver contribuido o esgotamento da terra, quiçá tambem a hybridação casual ou mal dirigida.

⁂

Usos — Ficam indicados na enumeração precedente alguns dos usos a que se presta a bananeira; passo agora a mencionar outros, dividindo-os em tres classes: *usos alimenticios, usos fabris, usos medicinaes*.

Já Bernardin de Saint-Pierre, autor de «Paulo e Virginia», dissera com um pouco de exaggero, talvez: «Le bananier à lui seul donne à l'homme de quoi le nourir, le loger, le meubler, l'habiller et l'ensevelir (a bananeira por si só, dá o com que alimentar, alojar, mobiliar, vestir e amortalhar o homem); e acabou por chama-la — *Rei dos vegetaes*.

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100$ e joia de 50$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura.

Poucas plantas, effectivamente, a igualam em elegancia de porte, amplitude e belleza da folhagem, riqueza da floração, qualidades de fructo, e importantes empregos de suas outras partes; de tal maneira, que o genero humano della se aproveita desde a ponta das folhas até ás ultimas fibras das raizes.

Nenhum paladar repugnou ainda o fruto para os usos quotidianos, e por isso é sempre bemvinda á mesa do pobre como á do rico.

Como adeante se verá, pelas analyses chimicas, do fructo, entra elle no numero dos *alimentos completos*, como em cuja substancia se topam componentes azotados, não azotados e saes, como o leite e o queijo, os ovos, farinha de trigo, a carne gorda e outros.

Poucos são os fructos que encerram um conjuncto de elementos nutritivos tão favoraveis á economia animal como a banana.

Depois de transformar, no laboratorio da natureza, as substancias indigestas em agentes assimilares, offerece um alimento superior ao arroz; a *jucca*, (?) batata e o milho.

Foi sua grande riqueza alimenticia que permittiu a Stanley atravessar o continente africano com sua caravana, de 600 homens quasi sem outro alimento além da banana, durante mais de um anno.

Duvido de que haja no globo outra planta, disse o barão de Humboldt, que em igual espaço de terreno produza tão consideravel quantidade de substancia nutritiva.

Com effeito, plantando a *dominicana*, por exemplo, a 4 metros de distancia, cabem em um hectare 625 pés, que, do segundo anno em diante, pode dar quatro cachos cada um.

Esmando em 115 frutos por cacho e a substancia alimenticia em 120 grammas cada fructo, teremos segundo o Dr. Ganeia, 625 × 4 × 115 × 120 =35,700 kilogrammas de substancia alimenticia por hectare e por anno!

Que outra cultura dá este resultado, com tão diminuto trabalho e tão pouco gasto?!?...

No entender de Humboldt, a relação do producto da banana com o trigo e a batata é de 133 para 1 para o primeiro, e de 44 para um para o segundo, porque, na Europa, 1.000 metros quadrados só dão 640 kilos de batatas e 53 de trigo, de maneira que um hectare alcança alli apenas alimentar 4 homens, ao passo que a mesma superficie plantada de bananeira na America pode sustentar 100 (297,500 frutos que fornece um hectare durante um anno, divididos por 2.920 que no mesmo tempo consumiria cada individuo, á razão de 8 frutos diarios em 365.)

A posse da banana bastaria, pois para justificar o proverbio consolador: *Na America só morre de fome aquelle que quer*.

Pode dizer outro tanto a civilizada Europa ? ? ! . . .

Parece-me imbuida de uma observação algo superficial a these que a exuberancia da banana, produzida quasi pelo unico esforço da natureza fomenta a indolencia dos habitantes das terras quentes que podem descançar ou dormir a sua sombra, tendo apenas o trabalho de cortar os cachos. E, combinando os frutos com os peixes que dão em abundancia os nossos rios ou com a carne dos porcos engordados com o mesmo fructo, tem um prato que em delicadeza de gosto e em valor nutritivo difficilmente poderão encontrar os potentados na Europa.

De accôrdo ainda com tal pensar, a propria liberalidade de nossa zona concorreria para entorpecer a actividade physica, mental e moral do homem.

Certamente o trabalho avigora o corpo, desenvolve a intelligencia e fomenta a virtude, e a civilização dos povos extra-tropicaes pode em parte, explicar-se pela obrigação a que se acham sujeitos de lutar sem treguas com o meio improprio que os cerca; e é certo tambem que as abundantes colheitas caracteristicas da feracidade da zona torrida, bastam por si sós para a satisfação sufficiente das mais immediatas necessidades e para dar bem estar a uma riqueza relativa, de modo que com estes meios faceis de subsistencia, não se sente o homem forçado a sahir da inacção.

Nesta asserção são esquecidos dous elementos importantes: a educação que, ao formar um conceito mais elevado do emprego da vida, crêa necessidades novas de toda ordem, incitando ao trabalho; o desenvolvimento do commercio pelas boas vias de communicação, que despertam o interesse e conduzem ao mesmo resultado.

Eduque-se o povo e construam-se bons caminhos, para arrancal-o do isolamento em que vive, e verão como a banana e outros fructos tropicaes se hão de converter em elementos de progresso, e não de inercia.

O homem será sempre sensivel á ganancia; demonstra-o a pressão com que acode ao trabalho bem remunerado, como entre nós acontece nos bananaes de Santa Marta.

Se em outras partes, a cultura da bananeira é motivo para a preguiça antes que estimulo para a actividade, a explicação está nos baixos salarios e no pouco valor dos fructos.

Alcançasse ella noutros lugares o alto preço que obtem em Santa Marta por causa de facil mobilização por terra e mar, e não faltaria quem se dedicasse a este genero de agricultura.

Porém o que se pode assegurar é que quatro quintas partes da banana que produzem nossos valles, se perdem por falta de consumo.

A contraprova destas conclusões vemo-la nas mesas andinas, que podem ser consideradas como terras extra-tropicaes, em virtude do clima e das especies de cultura; e, sem embargo, sua população se apresenta aos olhos do observador como indolentes e mais retardatarios ao progresso do que os habitantes das terras cálidas.

Logo a verdadeira culpa está na falta de instrucção e de caminhos, jamais nos dons da natureza.

Do contrario, deveriamos renegar com a banana, o cacáo, o café, o o tabaco, o assucar de canna, as ricas e abundantes fructas, a caça e a pesca, o gado, as madeiras e demais productos das faceis industrias tropicaes, tomando-as não como presentes da Providencia, mas como outros tantos agentes de atraso, quando o que nos importa é apprender a fazer bom uso delle.

Além disso, como muito bem disse o Dr. Garcia, « tudo na natureza tem sua compensação », onde os seres organizados têm que combater os elementos mortiferos do clima, ella deu mais vigor ás causas de reproducção e de vida.

Se o calor e a humidade desenvolvem agentes productores da febre e da anemia, a vegetação exuberante prodigaliza os frutos alimenticios em abundancia, e com seu manto de verdura enriquece o ar absorvendo o acido carbonico e exhalando o oxygenio ambiente, purifica a atmosphera e destroe os miasmas.

(Continua.)



A LAVOURA NOS ESTADOS

As cooperativas em Minas

ALGARISMOS ELOQUENTES

O coronel José Domingos Machado, presidente da Cooperativa Pontenovense, do municipio de Ponte Nova, em Minas apresentou aos respectivos associados, em dezembro ultimo, o seguinte relatorio:

« A exportação da cooperativa durante o anno constou de 20.165 saccas de café, 1.257 ditas de feijão, 71 ditas de milho e 219 aves.

O café teve o seguinte destino : 12.403 saccas para o Rio, 7.920 ditas para Anvers e 142 ditas para o Havre.

Dessas remessas já foram vendidas : 9.480 saccas no Rio, 9.120 ditas em Anvers, achando-se encostadas e em viagem 2.922 saccas no Rio, 5.800 ditas em Anvers e 142 ditas no Havre.

As 9.480 saccas vendidas no Rio produziram o total de 258:905$939, importando as despezas em 65:509$020, ficando o resultado liquido de 193:396$919, que corresponde a 21$067 por sacca ou seja 5$266 por 15 kilos.

E' digno de nota que grande parte do café vendido no Rio era de typos 7, 8, 9 e escolha. E, si attendermos ás cotações dos mezes de julho, agosto e setembro, que foram na média de 6$ para o typo 7, no Rio, chegaremos á conclusão de que o resultado obtido foi vantajoso.

Demais, é hoje um facto incontestavel e incontestado que o café vendido por intermedio da cooperativa, offerece ao lavrador melhores vantagens do que o negociado por intermedio de casas commissarias, não só quanto ao preço e á qualificação do typo, como em relação ás despezas, que são menores.

Outro facto, igualmente digno de nota, é que o liquido das contas de venda desta cooperativa foi sempre superior aos preços pagos nesta cidade pelos exportadores, tomando-se por base a igualdade dos typos e data da venda.

As 2.120 saccas vendidas em Anvers (pelo agente desta cooperativa, Sr. Ch. Heyn-Hamann) deram o resultado liquido de 50:752$800 correspondente á média de 5$985 por 15 kilos na estação de Ponte Nova. Quasi todo este café foi entregue á cooperativa nos mezes de julho e agosto, época em que os exportadores offereciam 4$300 a 4$500 para cafés de iguaes qualidades, havendo, por consequencia, uma differença a nosso favor de 1$485 a 1$685 nos 15 kilos. Si descontarmos dessa differença o custo do sacco, não incluido na conta de venda, teremos ainda o lucro de 1$300 a 1$500 por 15 kilos.

E' verdade que este resultado se deve, em grande parte, á alta nas cotações ; mas, mesmo assim, o café alcançou preços que absolutamente não obteria no Rio, si alli fosse vendido na mesma época em que foi negociado em Anvers.

Por aqui se constata que ha toda conveniencia na exportação directa dos nossos cafés, principalmente daquelles chamados de qualidades finas.

Para que o resultado seja grandemente compensador, é necessario que se preste a maxima attenção ao seu bom beneficiamento, de fórma a obter-se um producto attrahente, expurgado de todas as impurezas e de grãos ardidos e pretos, que tanto o desmerecem. No nosso engenho temos bons machinismos para o necessario beneficiamento; mas, por mais perfeitos que sejam os apparelhos, nunca poderão elles melhorar o café que já venha deteriorado do terreiro.

Para esse facto, que é muito importante, chamo a attenção dos Srs. associados, pedindo-lhes que, em seu proprio beneficio, prestem todo o cuidado ao seu café, na certeza de todos os sacrificios com elle despendidos, durante a colheita e secca no terreiro, serão altamente recompensados com a valorização do producto».

Não carece juntar grandes commentarios a esta exposição insuspeita, porque é de industriaes que registram o resultado que colhem, e que é a reproducção, nas vantagens obtidas por outras associações congeneres em Minas.

Ella põe em relevo o valor da organização defensiva da producção agricola creada pelo saudoso João Pinheiro, á qual negaram, em tempos, alcance pratico, aqui mesmo, os que não a comprehendiam ou não queriam comprehender.

Cultura do arroz

No dia 13 do corrente mez, o Dr. Padua Salles, operoso secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo, visitou em Tremembé, municipio de Taubaté (Estrada de Ferro Central do Brasil), a cultura do arroz dos frades Trappistas.

Dessa visita trouxe S. Ex. excellente impressão.

A área cultivada sómente com arroz, abrange mais de cem alqueires.

A colheita já foi começada.

Os Trappistas ampliarão consideravelmente os arrozaes em 1911, para o que estão canalizando agua do rio Parahyba, alim de fazerem as irrigações. Esse trabalho custará 600:000$000.

Todos os trabalhos culturaes são feitos pelos processos mechanicos os mais aperfeiçoados.

Os frades Trappistas, o coronel Alipio Dias, de S. José do Rio Pardo, do qual já nos referimos na *A Lavoura* de fevereiro, e o coronel Netto, de Itú, são os maiores productores de arroz do Estado de S. Paulo.

Em Minas, o maior agricultor desse cereal é o coronel Sant'Anna, de Carmo do Rio Claro.



A LAVOURA NO ESTRANGEIRO

O Brasil e a fabricação do papel

E' interessante conhecer a opinião estranjeira em assumptos que entendem com a industria nacional; dahi decorrem, não raro, indicações uteis e estimulos ao trabalho agricola e fabril. Por vezes são interesses de ordem economica geral, que inculcam e provocam soluções no acervo quasi inexplorado de nossas riquezas naturaes.

A revista franccsa *La Nature*, do mêz de janeiro publicou uma nota com este titulo:

O Brasil, reserva de pasta para o fabrico de papel.

E' o caso de um interesse de ordem geral, que procura satisfação urgente, e que presume deparal-a nos thesouros da nossa flora indigena.

E' o momentoso problema da materia prima do papel. O consumo dêsse artigo augmenta em enorme progressão; a materia prima a que se tem recorrido já não basta e tende a escassear de mais em mais; a França, a Inglaterra e a Allemanha, depois de terem sacrificado uma grande parte de suas florestas, são obrigadas a importar em larga escala a cellulose e a massa necessaria á actividade de suas usinas; o mesmo quanto aos Estados Unidos, onde 1.700 usinas, fornecendo cada uma, na média, 200 toneladas de massa por dia, não conseguem fabricar todo o papel exigido pelo consumo interno.

As reservas das florestas da Russia e da Noruega já estão muito reduzidas, tanto mais quanto as arvores abatidas são os gigantes de mais de 50 annos, a industria refuga as de menor idade.

Nesta especlativa de ameaça a uma industria, que serve a interesses maximos, de satisfação exigente, e como esperança auspiciosa, o autor francês aponta para nós :

«E' de ver, o interesse que apresenta aos industriaes do futuro a flora brasileira, contendo tantas especies ricas em cellulose. O estudo scientifico das *plantas para papel* dêsse pais impõe-se, para que se possa adaptar, o mais breve possivel, á sua exploração, os processos e as machinas convenientes. Ao Brasil caberá, sem duvida, a honra de conjurar a crise, provavelmente proxima, do papel ; mas, para chegar-se a esse resultado é indispensavel um grande esfôrço de experiencia e de industria.»

Passa o autor a ponderar que a flora do Brasil é das mais ricas e variadas : comprehende arvores magnificas e plantas de dimensões mais modestas, em parte pouco conhecidas pelos botanicos, cobrindo montanhas e vastas planicies arenosas e alagadiças. No ponto de vista industrial estas são mais interessantes que aquellas.

Os poucos exemplares que têm sido examinados são ricos em cellulose utilizavel, abundantes, vivazes. As planuras que se dilatam ao norte do Rio de Janeiro representam um primeiro campo de acção, naturalmente indicado.

Encontram-se alli os *lirios do vale*, *hydichium coronarium*, que crescem espontaneamente em enorme abundancia, recrescendo, por assim dizer, sob a fouce do segador. A fibra dessa planta contém cerca de 50 por 100 de cellulose pura, sendo para accrescentar que seu tuberculo encerra amido que se presta á exploração industrial do alcool.

Nos terrenos embrejados são numerosas as plantas susceptiveis de fornecerem um bom rendimento de cellulose, como sejam : a *tabua* e o *peri-peri* ; esta não contém senão 20 por 100, mas é de tal modo abundante que sua exploração metodica daria um bello resultado, bastando estudar os melhores processos de colheita e de utilização.

As planicies arenosas são favoraveis ao crescimento de um grande numero de ananazes selvagens, denominados gravatás, cujas folhas são formadas de fibras mui resistentes, attingindo, por vezes, a 2 metros de comprimento ; no Estado do Espirito Santo, nas cercanias da cidade da Victoria encontra-se um territorio de cêrca de 120 k^{m}, quasi inteiramente coberto de gravatás.

Nem são essas as unicas plantas capazes de fornecer materia prima para o fabrico do papel ; ha muitas outras gramineas, bananeiras ou bambús, que podem concorrer com ellas ; as guaximas, o sisal, a sansevieira e outras e outras mais ou menos conhecidas.



Vassouras (Rio). Uma plantação ultimamente feita.



Vassouras (Rio). Parte de uma plantação que já tem sido cortada para a extracção de fibras.


SciELO

Convém lembrar que das fibras do algodoeiro se pode fabricar papel, possibilidade que já saiu do dominio das experiencias para o da industria. E não só papel, como alcool, nitrogenio e ingredientes para o algodão polvora e polvora sem fumaça.

Eis ahi o que diz para nós e de nós a opinião esclarecida do estranjeiro; cumpre accrescentar que esse assumpto de importancia momentoso, pois entende com um producto de enorme consumo no interior e no exterior do país, está preoccupando, cada vez mais, a actividade e a pesquisa de alguns dos nossos homens de sciencia e de energica iniciativa economica e industrial.

Ha muito que se fabrica papel no Brasil, mas em quantidade relativamente diminuta e qualidade inferior. Modernamente, em S. Paulo, em Petropolis e outras cidades fabricas de apparelhos aperfeiçoados já estão aproveitando materia prima nacional com exito muito auspicioso.

De Santos já demanda os mercados europeus, com os carregamentos de bananas, porção notavel de caules das bananeiras, conceituados altamente nas usinas de papel.

Afóra alguns competentes que se esforçam no estudo de vegetaes indigenas, capazes de fornecerem a appetecida materia prima, a *Sociedade Nacional de Agricultura* tem feito porfiadas pesquisas no mesmo sentido, e ainda ha pouco enviou á Exposição de Bruxellas fibras e pastas mechanicas das seguintes especies: embirema, embira seda, embirussú, jequitibá vermelho, guaxima, carrapixo, tabúa, além de materia prima bruta de muitos outros vegetaes.

Não ha duvidar: um largo futuro desponta nessa industria de mercado mundial.

Citricultura

A fructicultura é um dos palpitantes assumptos da industria agricola nacional.

O consumo de frutas augmenta extraordinariamente, a procura sobrepujando a offerta, quanto aos productos das zonas tropicaes ou terras quentes. Recordaremos o que em paises estranjeiros se tem conseguido, moderamamente, no tocante á producção de laranjas.

A California importava a laranja para o seu consumo ha pouco mais de 30 annos. Em 1870, lhe foram enviadas algumas mudas de *laranjeira de umbigo* da Bahia.

Começou o plantio na pequena villa de Riverside, precisamente com duas mudas, hoje legendarias reliquias subsistentes, uma das quaes o presidente Roosevelt transplantou solemnemente para junto do edificio das Missões Hespanholas.

Em 1906 a producção elevou-se a 908.166.800 libras no valor médio de dous centavos a libra, ou 18.163.376 dollars, ou mais de 58.000 contos de réis.

Em 1907 exportou a mesma California 12 milhões de caixas.

Naquelle anno nós exportavamos assucar no valor de 5.400:000$; algodão no valor de 25.000:000$, cacáo no valor de 18.000:000$, ouro.

A nossa exportação dos productos citricos não excedeu, no referido anno, a 18:000$ ouro.

Cumpre accrescentar que a citricultura na California é quasi uma industria agricola artificial, só compativel com as terras onde é possivel a irrigação e a sub-irrigação, além das fertilisações repetidas pelo nitrogenio, acido phosphorico e potassa. Demais a cultura tem ainda de soccorrer-se de abrigos e amparos contra as rajadas frias e de fumigações contra as geadas.

O districto de Riverside se constituiu em cooperativa de producção de laranjas, com os seus 25.000 habitantes, entre os quaes se divide o lucro liquido da exploração, avaliado em 12.000:000$, ou cerca 1:000$000 por unidade.

A Italia exporta annualmente 20.000:000$ de laranjas, e Valencia, na Hespanha cerca de 15.000:000$000.

A Inglaterra e a Irlanda importam 2 ½ milhões esterlinos, ou 40.000:000$.

Basta para indicar o valor industrial da cultura e exportação da laranja a um paiz onde a preciosa arvore medra exuberantemente, quasi á revelia do trabalho humano.

Não esquecer que, para convidar a exportação das fructas nacionaes, o Centro de Navegação Transatlantica annunciou ter sido adoptada, pelas companhias *Mala Real Inglesa e Messageries Maritimes*, a seguinte tabella de fretes:

Abacaxis (por metro cubico)	20$000
Bananas (idem).	8$000
Laranjas (idem).	15$000

Numero de fructas calculadas por metro cubico:

Abacaxis.	190 a 200
Bananas	50 cachos
Laranjas.	2.800 a 3.000

ou, cada abacaxi 100 réis; cada cacho de banana 160 réis; cada laranja 5 réis.

Melancias, cocos, abobora etc. equiparados aos abacaxis; abacates, fructas de conde, atas, sapotis, cambucás e outras semelhantes equiparadas ás laranjas.

Alargamento de mercados

E' grato á lavoura nacional verificar pela estatistica o progressivo alargamento dos mercados para os seus productos.

Para exemplificar:

O café brasileiro vae reduzindo de anno para anno o consumo de proveniencia antilhana (Porto Rico) nos mercados hespanhoes:

	Brasil k.	Porto Rico k.
1899	13.711	3.225.994
1900	170.481	452.189
1901	1.380.128	1.072.318
1902	1.571.588	1.842.436
1903	2.774.461	2.681.765
1904	3.580.916	2.593.282
1905	4.567.159	2.185.685
1906	5.837.768	3.681.123
1907	4.837.708	3.000.123
1908	5.345.629	2.634.227

Ha 40 annos a importação do cacáo na Allemanha era apenas de 1 milhão de kilos; ha 30 annos de 2 milhões; ha 10 annos de 15 milhões; actualmente excede de 35 milhões de kilos. Nos 4 annos anteriores a 1908 Portugal occupou o primeiro logar e a Republica

do Equador o segundo entre os fornecedores, mas em 1908 já o Brasil lhes tomou a precedencia:

	1905 k.	1908 k.
Brasil	4.130.000	7.303.800
Portugal	6.262.000	6.233.700
Equador	5.690.000	4.123.000

O assucar nos Estados Unidos

A producção do assucar de beterraba, nos Estados Unidos, de 1893 para cá, tem feito grandes progressos, como se vê do seguinte quadro:

	Toneladas
1893	12.818
1895	20.092
1897	37.536
1899	32.471
1901	76.859
1903	195.400
1904	209.722
1905	410.000

Producção do milho nos Estados Unidos

A area cultivada e a producção do milho nos Estados Unidos tem sido, ultimamente:

	Hect.	Hectol.
1902	37.617.445	883.276.800
1903	35.236.797	785.461.950
1904	36.892.632	863.618.350
1905	37.604.548	947.797.900
1906	38.694.800	1.024.595.632
1907	39.977.400	907.312.000
1908	40.354.220	1.148.456.000





S. Ex. o Ministro d'Agricultura, o Presidente e os Directores desta Sociedade apreciando as collecções de fructas e passaros conservados.


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
0 11 12 13 14 15 16

NOTICIARIO

Secção de Agricultura na Exposição de Bruxellas — Exposição preparatoria — Visita do Sr. ministro Rodolpho Miranda — Para as nossas columnas trasladamos as palavras com que o venerando orgam da imprensa carioca, o *Jornal do Commercio*, descreveu as suas impressões relativamente á organização da secção de agricultura destinada á Exposição Internacional de Bruxellas, de que foi incumbida officialmente esta Sociedade.

Attenta á circumspecção de que se revestem as opiniões do mesmo jornal, julgamos acertado transcrever a respectiva noticia que, além de valiosa, é completa:

« Tendo a Commissão da Exposição de Bruxellas encarregado a Sociedade Nacional de Agricultura da organização da secção de agricultura, no dia 15 do corrente fez a referida Sociedade uma exposição preparatoria e convidou o Sr. Rodolpho Miranda, como presidente, e mais membros para visital-a.

O primeiro trabalho apresentado foram os mappas agricolas de todos os Estados, com a discriminação approximada de suas zonas de cultura.

Trabalho importante e o mais completo que se tem feito, irá prestar immenso serviço á Commissão de Expansão, em que o colono ou o industrial póde escolher de antemão o Estado preferido, a cultura a iniciar e a zona mais adequada.

Com uma leve consulta, o individuo fica conhecendo todas as zonas agricolas e as das plantas industriaes extractivas.

Passou-se, em seguida, ao salão geral, começando a visita pela secção das plantas productoras de celluloso, com a materia prima e a pasta já preparada.

E a porcentagem foi esplendida, mostrando que o Brasil possue uma fonte de riqueza na sua materia prima, para papel: imbira soda 76 %, imbirema 58 %, sapucaia 50 %, jequitibá 70 %, carrapicho 50 %, guaxima 50 % e tabúa 24 %.

Além destas materias primas, outras estavam patentes, muito ricas de celluloso.

Exceptuando algum trabalho de laboratorio, a Sociedade Nacional de Agricultura foi quem primeiro iniciou industrialmente a extracção de celluloso em grande escala da parte liberiana de varias arvores, arbustos e sub-arbustos.

Esta secção, pela sua importancia como mostruario de materia prima de primeira ordem, foi apreciada pelo Sr. Ministro e mais visitantes. Os Estados Unidos, com as suas florestas devastadas, a Europa com os seus depositos bem escassos, estão promptos a comprar qualquer quantidade de materia prima, e, em melhores condições, quando já em pasta.

Ha tanta imbira nos Estados costeiros, podendo-se garantir um supprimento de milhões de toneladas, sem ser preciso recorrer-se ao corno da madeira.

A secção de fibras foi em seguida percorrida e examinada com attenção e todos os productos á mostra impressionaram bem.

Representando mais de dez especies vegetaes, de mais abundancia no paiz e de facil cultura, só foram escolhidas aquellas de rapida extracção mecanica, de preço baixo e das quaes podem ser fornecidas quaesquer quantidades ás fabricas, desde que haja um mercado certo e um preço firme.

De que serviria mandar productos raros, de difficil extracção, de custo elevado, se não se poderia acudir á offerta da industria?

O Brasil não precisa só mostrar, e sim tambem fornecer a quantidade exigida pelas fabricas, firmando um typo especial para uma marca definitiva.

A fibricultura no Brasil ganha dia a dia mais terreno, e breve tornar-se-á uma realidade esta lucrativa industria.

A ramio, sisal, piteira, sansevieria, gravatá, guaxima, vassoura, gosmenta, vinagreira, canhamo brasileiro (Hibiscus radiatus) e muitas outras plantas que virão constituir grandes fontes de rendas.

A secção de madeiras para moveis, construcção civil e naval, dormentes, obras hydraulicas, obras immersas, placagem, segeiro, esquadria, cabos de ferramenta, coronha de espingarda, caixotaria, palitos e caixinhas de phosphoros. Muitos caixotes, desde o minusculo até ao proprio para velas e sabão, o que vem provar que o Brasil possue florestas inteiras de madeiras brancas, proprias para caixotaria, forro e outros misteres.

Forma uma secção á parte e muito interessante, digna de ser visitada, a industria de phosphoros com madeiras nacionaes.

E' grande a variedade de madeiras proprias para palitos e caixinhas de phosphoros.

Ha na Exposição troncos de Caixeta, Mululo, Bacurubú (bandarra), Anda-assú e Imbirissú.

Depois vêm os palitos, caixas cheias e vasias, laminas e gavetas.

Emfim, a materia prima bruta até o phosphoro alli estão representados.

E como termo de comparação, caixas de phosphoros de choupo, caixeta e anda-assú, que o commissario e os visitantes verificaram ser iguaes, dando boa chamma e claros como aquelle.

O Sr. Ministro ficou bem impressionado com essa secção.

As plantas tanniferas, em grande numero, com seus respectivos extractos seccos, foram muito apreciadas.

Esta industria extractiva de muito proveito para a nossa economia virá constituir uma importante fonte de renda, quando forem aproveitados os depositos naturaes que cobrem todo o nosso littoral, de norte a sul.

Em logar de exportar-se a materia bruta, póde isso ser feito em extracto secco, que tem a materia extractiva tannica em elevada porcentagem. Angico, Mujolo, Barbatimão, Buranhem, Araçá do mato, Capehingui, Jequitibá, Sapucaia, Mangue vermelho, Mata páo, etc., etc.

Tambem cabe á Sociedade Nacional de Agricultura a prioridade do aproveitamento de extractos seccos de plantas taniferas, em tão elevado numero, que é o inicio de uma grande industria, que deixará enormes proventos ao paiz.

Com esta profusão de materia prima, com uma porcentagem desde 15 até 48 % de materia extractiva tannica, os industriaes estrangeiros vão ficar bem impressionados com tanta riqueza nativa.

As plantas medicinaes constituem uma secção vasta, com centenas de plantas para multiplas applicações therapeuticas, divididas por grupos de purgativas, diureticas, tonicas, amargas, vomitivas, depurativas, estimulantes, aromaticas e toxicas.

Estão bem conservadas e arrumadas com arte, de modo a agradar, formando um conjuncto bem acabado.

A secção de plantas tintoriaes é muito rica e as cores amarella, roxa, negra e carmim estão bem representadas.

Plantas oleoginosas com muitas variedades e os seus productos em vidros especiaes.

Seivas medicinaes em vidros esplendidos, que realçam ainda mais as cores dos liquidos vegetaes.

Materia prima para chapéos em abundancia.

As palhas novas de Pindoba, Paty e Iry, depois de uma ligeira decocção, tornam-se macias, flexiveis, muito proprias para a confecção de chapéos finos para senhoras e homens.

Podem servir para as fabricas de chapéos de palha. E como ha em abundancia no Brasil, o pedido de qualquer quantidade póde ser satisfeito com presteza.

Todas as amostras de plantas e madeiras estão bem etiquetadas, com as indicações em francez e junto um pequeno mappa do Brasil, com a sua área e população.

Esta é a parte da industria extractiva vegetal.

Agora passamos para a secção da industria extractiva animal, representada pela variedade de passaros, desde os mais communs até os mais raros e coloridos. As sahiras tão bellas, de plumagens de variegadas cores, os colibris tão interessantes, como pennas douradas, o tucano com o seu longo bico e papo amarello, o pica-páo, a garça, os gaviões, jacú, papa-moscas, bemtevis e tantos outros estão como o natural, em galhos toscos, imitando a propria natureza.

Tantos passaros armados produzem admiração; e a Europa vai ver que o Brasil possue bellos especimens.

Trabalho bem feito e paciente, o passarinho só falta voar para confirmar sua identidade.

Collecção de peixes muito bonita, com as cores naturaes.

Outra collecção de animaes muito interessante.

A secção de insectos e borboletas foi muito apreciada.

O Sr. Ministro, que gabou a boa organização dos passaros, repetiu o elogio na feitura dos insectos.

Que borboletas enormes, de cores vivas e variegadas, insectos exquisitos, como feitos de galho de café, e outros côr de prata, côr de ouro, negros como carvão e de chifre.

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100$ e joia de 50$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura.

Uma variedade digna de ser vista e muito interessante.

Passando á secção agricola, foi examinada a collecção de fructas, conservadas perfeitamente em um liquido proprio, em que a propria côr é mantida. Variedades de bananas, mangas, peras do Rio Grande, uvas de S. Paulo, limões azedos, abacaxis, cidras, abacatos, fructa de conde, carambolas, genipapos etc., e, na mesma secção, grandes tuberculos de mandioca conservados no mesmo liquido.

Constitue uma rica collecção de nossas fructas indigenas e outras acclimadas no Brasil.

Dentro de longos vidros hermeticamente fechados, de dimensões iguaes, o conjuncto apresenta um aspecto agradavel.

O mostruario dos cereaes, com uma profusão e variedade de productos: arroz de varias qualidades, milhos diversos: amarelo, cattete, branco, etc.

As leguminosas bem representadas pelos feijões, favas, ervilhas, soja, etc.

Os feculentos pelos polvilhos, ararutas, raspas de mandioca, e os farinaceos pela maizena, fubá, farinhas de mandioca, de banana, etc.

Collecção de assucar e bonitas amostras de superiores typos de café de Minas, Rio de Janeiro e Espirito Santo, em saccos de algodão encorpado.

Todos os productos estavam etiquetados e catalogados.

E a commissão em Bruxellas não tem outro trabalho senão arrumar as collecções nos respectivos logares.

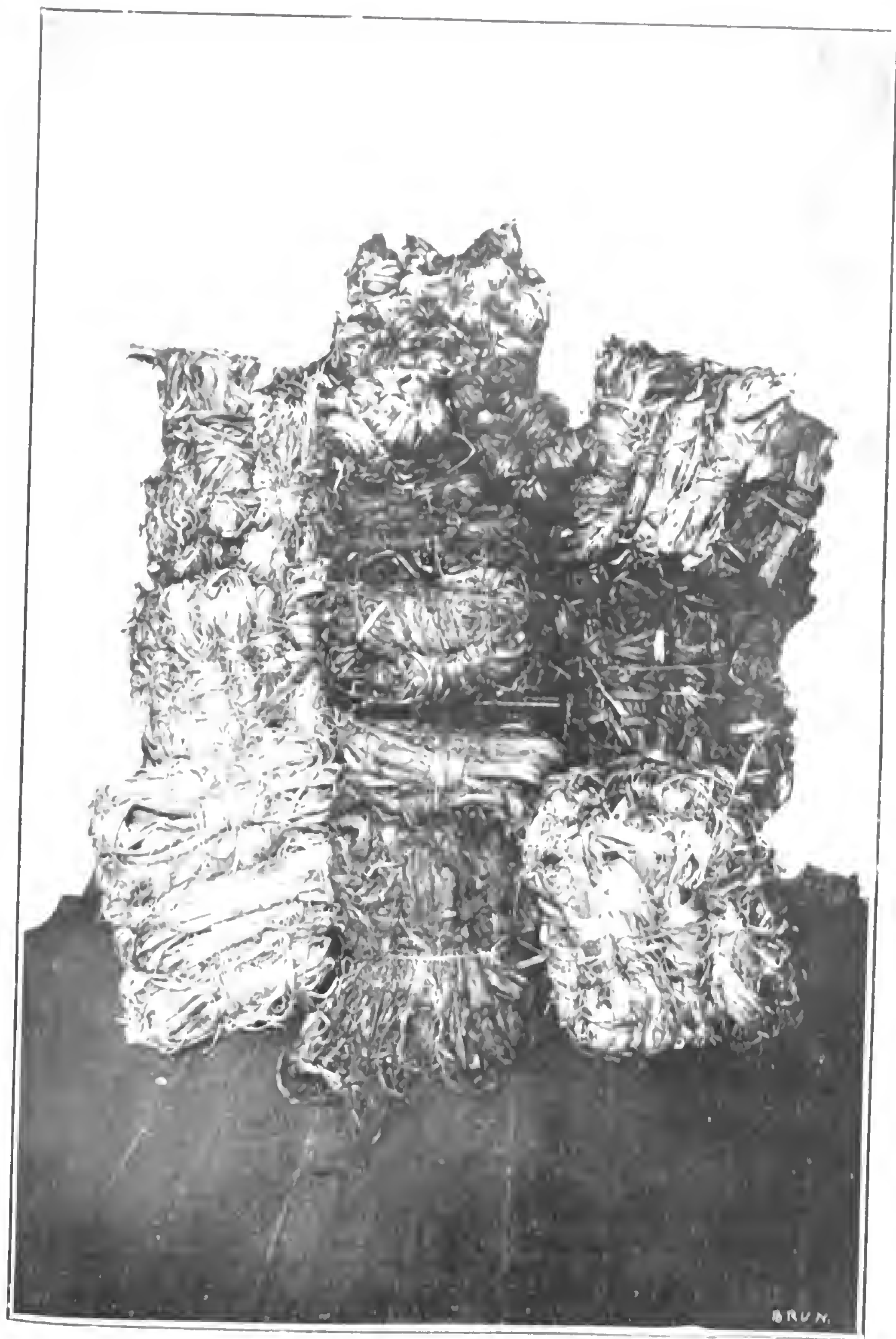
A Sociedade Nacional de Agricultura prestou um bom serviço, organizando tão interessante exposição, ás industrias agricola e extractiva, em um espaço de tempo tão escasso.»

Missão Dahne — O Ministro da Agricultura confiou ao Dr. Eugenio Dahne a missão de ir aos Estados Unidos da America do Norte e ao Canadá, para onde seguirá brevemente, afim de fazer a propaganda do Brasil e dos seus productos de accôrdo com as instrucções baixadas pela Directoria Geral de Agricultura e Industria Animal.

O Dr. Eugenio Dahne leva instrucções para promover para o Brasil a emigração de agricultores, industriaes e capitalistas, sem outros favores além dos especificados nas disposições regulamentares que baixaram com o decreto n. 6.455, de 19 de Abril de 1907, assim como autorização para ajustar 10 profissionaes, verdadeiramente praticos, que venham servir entre nós como chefes de cultura ou de varias especialidades, entre as quaes se sallentam as culturas do algodão, do trigo e da vinha, a pomicultura e a avicultura.

Uma vez escolhidos esses profissionaes, o Dr. Eugenio Dahne enviará a sua proposta ao governo, para serem acceitas ou não as condições do contrato.

Além disso, o Dr. Dahne estudará as plantas que forem communs aos paizes acima e ao Brasil, as que puderem ser acclimadas entre nós, as terras e estrumes que melhor lhes convenham, as pragas de que são atacadas, os medicamentos empregados para extirpa-las, o modo de cultura dessas plantas, o seu aproveitamento industrial, os mercados para o seu consumo, preços, fretes, tarifas e direitos que tenham de pagar, sallentará as vantagens que o Brasil offerece á cultura do algodão, do trigo, da vinha, da mandioca, da piteira, dos cereaes, das frutas em geral e á criação do avestruz, de aves domesticas e outros animaes, estudando,



Embira secca — Guaxyma


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16



Cereaes, café, tinturas e algodão.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

ao mesmo tempo, as molestias relativas e os meios seguros de obviá-las; esforçar-se-á para tornar conhecidas as vantagens que offerecem os nossos mercados e, bem assim, tudo quanto se relacione com a immigração, devendo ser orientados todos aquelles que quizerem trabalhar em nosso paiz; fará conferencias publicas sobre o Brasil e as vantagens que proporciona ao emprego de capitaes e braços, podendo, ao terminá-las, fazer servir café e matte aos circumstantes; procurará fazer estudos comparativos do preço e valor das nossas terras com o das terras americanas, salientando as vantagens em favor das nossas, que produzem sem estrumo e podem ser adquiridas por preços relativamente baixos, quando as dos Estados Unidos já attingem a valores fabulosos.

O Dr. Dahne deverá estudar, simultaneamente, a propaganda para o consumo dos productos brasileiros e alliciação de immigrantes; as culturas novas que puderem ser introduzidas, com proveito, em nosso paiz, especificadamente as das frutas, sua colheita, seu acondicionamento para exportação, seu preparo para melhor conservação, e, bem assim, a industria das aves e, em particular, dos avestruzes, sob um ponto de vista industrial e economico.

Durará nove mezes a missão do Dr. Dahne, terminando a 31 de Dezembro do corrente anno, podendo, entretanto, ser prorogado esse prazo, se o resultado da propaganda for satisfactorio.

Valor official da exportação geral da Republica

S. Paulo	201.324:425$035
Minas Geraes	142.069:912$514
Acre	68.272:578$000
Amazonas	66.238:390$000
Rio Grande do Sul	51.918:165$430
Pará	47.416:612$000
Bahia	39.377:312$211
Pernambuco	31.674:972$000
Paraná	16.000:000$000
Espirito Santo	11.165:514$000
Alagôas	8.507:974$000
Matto Grosso	7.555:960$000
Santa Catharina	7.242:212$949
Sergipe	6.762:431$543
Maranhão	6.545:764$000
Ceará	6.111:931$683
Parahyba	4.789:464$000
Piauhy	2.615:536$000
Rio Grande do Norte	2.341:188$900
Goyaz	216:063$661

Receita approximada dos Estados

S. Paulo	53.000:000$000
Capital Federal	27.000:000$000
Amazonas	20.470:000$000
Pará	16.920:000$000
Acre (1907)	14.125:000$000
Rio Grande do Sul	10.200:000$000
Pernambuco	9.905:000$000
Bahia	9.390:000$000
Rio de Janeiro	8:220:000$000
Ceará	4.059:000$000
Paraná	3.320:000$000
Espirito Santo	2.970:000$000
Maranhão	2.300:000$000
Alagôas	2.100:000$000
Matto Grosso	1.860:000$000
Sergipe	1.523:000$000
Santa Catharina	1.460:000$000
Rio Grande do Norte	1.239:000$000
Piauhy	983:000$000
Goyaz	860:000$000
Parahyba	854:000$000
Minaes Geraes	......

Transplantação de mudas — Sobre este assumpto recebeu o presidente desta Sociedade, da importante e conceituada firma Dias Garcia & C., a carta que em seguida transcrevemos:

« Sendo nós os unicos agentes nesta praça da *Fabrica vasos de papelão inteiriços* LSOFREN *para transplantações*, pedimos permissão a V. S. para remetter-lhe amostra e solicitar sua obsequiosa attenção para o folheto incluso que descreve as reaes vantagens e utilidade que estes vasos offerecem a todos os que se interessam pela agricultura e silvicultura no Brasil.

Sendo o principal escopo dessa Sociedade a diffusão de todos os conhecimentos que se relacionem com a agricultura em geral, proporcionando ao mesmo tempo aos interessados todas as facilidades em prol do seu desenvolvimento e progresso, cremos que os nossos *vasos* muito concorrerão para esse *desideratum* e que por isso muito deverão interessar a essa Sociedade.

A fabrica produz só vasos das dimensões da amostra, porém esses, segundo o parecer de habilissimos profissionaes, são do tamanho adaptavel tanto para pequenas plantas, como para o eucalyptos, acacia, café e outras semelhantes, de maneira que é desnecessaria a fabricação de vasos maiores ; no emtanto, poderão ser fabricados desde que se trate de grandes encommendas que de certo modo compensem a montagem de novos machinismos, que são muito dispendiosos.



Collecção de materia prima para chapéos


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
0 11 12 13 14 15 16

EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



[illegible]


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16

Os nossos preços são os mesmos da fabrica e vão mencionados no supracitado folheto, sendo que para os vasos postos nesta capital haverá o augmento de 2$700 em milheiro, proveniente do frete, carreto e embalagem.

Aprovoitamos a opportunidade para nos firmarmos com toda a consideração e verdadeira estima.»

Immigração.— *Immigrantes entrados no porto do Rio no mez de março de 1910* 3.329.

Sendo :

Expontaneos	3.176
Subsidiados	153
Homens	2.653
Mulheres	676
Solteiros	2.063
Casados	1.221
Viuvos	45
Maiores de 12 annos	3.048
Entre 7 e 12 annos	113
» 7 e 3 »	85
Menores de 3 »	83

NACIONALIDADES

Portuguezes	2.139
Hespanhóes	328
Italianos	248
Russos	176
Allemães	96
Austricos	94
Syrios	60
Brazileiros	42
Francezes	32
Inglezes	28
Norte-Americanos	17
Hungaros	14
Uruguayos	11
Hollandezes	7
Gregos	6
Romaicos	6
Argentinos	4
Chilenos	4
Belgas	3
Chinezes	3
Suissos	3
Dinamarquezes	2
Bulgaro	1

Canadense	1
Cubano	1
Egypcio	1
Indio	1
Noruego	1
	3.329

Movimento dos immigrantes entrados no porto de Santos, durante o mez de março de 1910.

Italianos	664
Hespanhóes	814
Portuguezes	686
Turcos	52
Allemães	46
Austriacos	55
Francezes	7
Brazileiros	70
Argentinos	2
Russos	37
Norte-Americanos	4
Inglezes	2
Hungaros	3
Gregos	5
Uruguayos	1
Suissos	1
Japonezes	2
Romenios	2
Total	2.453

PROFISSÕES

Agricultores	1.516
Artistas	184
Diversos	753
Total	2.453

PROCEDENCIAS

Europa	1.614
Asia	35
Africa	186
Norte-America	7
Argentina e Uruguay	414
Portos do Brazil	194
Diversos portos	3
Total	2.453

OBSERVAÇÕES

Immigrantes espontaneos	. . . .	1.594
» subsidiados	. . . .	859
Total	. . . .	2.453

Sociedade Pastoril, Agricola e Industrial de Jaguarão — Em sessão de assembléa geral, a Sociedade Pastoril Agricola e Industrial de Jaguarão (Rio Grande do Sul) foi eleita a seguinte

Directoria

Presidente, Zeferino Lopes de Moura (reeleito).
Vice-presidente, João Esteves (reeleito).
1º Secretario, Adalberto Azevedo Souza (reeleito).
2º Secretario, Dr. Quintiliano de Mello e Silva.

Director-caixa

Manoel Amaro Junior.

Directores

José Maria Terra.
Hermenegildo Corrêa.
Antonio Joaquim R. Lima.
Antonio Olegario de Mattos.
Dr. Francisco Dutra.
Bernardino Silva.
Innocencio P. Nunes.
João Basilio Dutra.
Soriano Rodrigues.
Alfredo Ferreira.

Agradecendo a gentileza da participação, desejamos largas prosperidades a tão util associação.

Lyceu de Artes e Officios da Bahia — Este lyceu commemorou no dia 24 de outubro do anno p. p. o 37º anniversario de sua installação e no dia 28 de novembro procedeu-se á eleição para os funccionarios do anno social de 1909 a 1910, sendo eleitos os socios constantes da lista abaixo, os quaes foram devidamente empossados nos respectivos cargos.

FUNCCIONARIOS DO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

EXERCICIO DE 1909 A 1910

Assembléa Geral

Presidente, Francisco T. Bahia da Silva Araujo.
Vice-presidente, Livino de Amorim.
2º Vice-presidente, Dr. Guilherme C. Fœppel.
1º Secretario, João Baptista da Silva.
2º Secretario, João Carlos de Miranda.

Direcção

Presidente, Manoel Eustaquio de Oliveira Pinto.
Vice-presidente, Octacilio A. de C. Teurinho.
1º Secretario, José Garcia Pacheco Aragão Junior.
2º Secretario, Miguel da Silva Miranda.
Thesoureiro, Christovam Florencio Lopes.
Archivista, Vicente de Paulo Farias.
Hospitaleiro, João Pompilio de Abreu.

Commissão Economica

João Pedro Rodrigues Lima.
Aurelio Passos.
Joaquim da Silva Ruas.

Commissão Artistica

Marcolino da Silva.
Aquilino Pinto de Andrade.
Manoel Alexandre Ferreira de Carvalho.

Commissão Fiscal

Alfredo Fonseca Almeida.
Commendador José Alves Ferreira.
Ricardo da Silva Teixeira Machado.

Associação Commercial da Bahia — A nova directoria desta util associação foi eleita e empossada em sessão de 2 de março p. p. e é a seguinte :

Presidente, Manoel José do Conde Junior.
Vice-presidente, José Alves Ferreira.
Secretario, Manoel Severiano de Lima Valverde.
Thesoureiro, Benigno Baptista da Silva.

EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



Collecção de insectos e animaes preparados


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16

HORTO DA PENHA



Vista exterior do deposito das machinas agricolas.

HORTO DA PENHA



A criadeira Alta Pinto em acção, tendo a frente um alimentador automatico


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16

Directores

Hugo Schleck.
Theodoro Teixeira Gomes.
Wenceslau Pires.
Antonio Rosa Britto.
Reginald de Crecy Steel.
Dr. Antonio Ribeiro de Barros.
Genesio Coelho dos Santos.
José Maria Ferreira Fresco.
Eudoro Tude de Souza.
Conrado Francisco Lago.

União Sant'Amarense—Em Santo Amaro do Cubatão, foi installada a Sociedade Instructiva, Recreativa e Auxilio Agricola com a denominação de « União Sant'Amarense ».

Agradecendo a communicação que recebemos, assignada pelo Srs. José C. Korich, presidente, e Alfredo Magno da Silva Porto, fazemos votos pela prosperidade da novel instituição.

Cooperativa de Consumo — No dia 9 de março do corrente anno teve lugar na séde desta Sociedade a reunião dos organizadores da Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira.

O Sr. Dr. Wenceslão Bello occupando a presidencia, convidou para tomar lugar a seu lado o Sr. Dr. De Stephano Paternó, representante dos socios agrarios e das cooperativas agricolas do sul da Italia, ás quaes pertencem a iniciativa dessa organização, e para secretarios os Srs. Dr. João Pedreira do Couto Ferraz Junior e A. A. Cardoso de Almeida.

Estiveram presentes, entre outros, o Consul e o representante commercial da Italia nesta Capital.

O Exm. Sr. Ministro da Italia se excusou por carta, dando os motivos de seu não comparecimento e transmittindo seus applausos ; o Sr. Dr. Prefeito se fez representar pelo Sr. Jonothas Barreto.

O Sr. Dr. Presidente expoz a natureza e fins dessa sociedade, qual o intercambio commercial entre os dois paises e facilidade dos productores collocarem seus productos e dos consumidores obterem o barateamento dos generos e a inteira garantia de sua pureza.

Nessa reunião foi discutido e projecto de estatutos e nomeada a commissão representante dos organizadores, que ficou composta dos Srs. Dr. Wenceslão Bello, Carlo Palos, da Casa Carlo Pareto & C., Coronel João Corrêa Pacheco, Dr. De

Stephano Paternó, Dr. João Pedreira do Couto Ferraz Junior, Nicoláo Pentagna, Victor Polver, representante o delegado commercial da Italia.

No dia 4 de abril, ás 3 horas da tarde, no salão de conferencias da Associação dos Empregados no Commercio, realizou a sua annunciada conferencia sobre as vantagens do cooperatismo o Sr. Dr. De Stephano Paternó, sendo muito applaudido pelo numeroso auditorio.

No dia 23 de abril realizou-se, na séde da Sociedade Nacional de Agricultura, a assembléa de installação da cooperativa, com 125 socios inscriptos, tendo sido approvados os estatutos e eleita a sua primeira directoria, que é a seguinte: Dr. Wenceslão Bello, presidente; Coronel João Corrêa Pacheco, vice-presidente; Amadêo Gonella, 1º secretario; Dr. João Pedreira do Couto Ferraz Junior, 2º secretario; Carlo Palos, thesoureiro.

Supplentes: Antonio Teixeira Lopes, Carlos Raulino, Manoel Lisbôa, Dr. J. C. de Sousa Bandeira e Octavio Guimarães.

Conselho fiscal: Dr. Joaquim Xavier da Silveira, Gastão da Cruz Ferreira e Commendador José Antonio da Silva.

Supplentes: Nicoláo Pentagna, Dr. Manoel del Castillo e Tenente-coronel Aristides de Oliveira Goulart.

Fallaram os Drs. Wenceslão Bello e De Stephano Paternó, salientando este o fim altamente patriotico desta sociedade e a segura esperança da transformação social de que será ella o inicio.

Foram acclamados presidentes honorarios o Exm. Sr. Dr. Rodolpho Miranda, Ministro da Agricultura, e Dr. Luis Luzzatti, presidente do conselho de ministros na Italia, aos quaes o Sr. Dr. Bello passou os telegrammas seguintes:

« Exm. Sr. Dr. Rodolpho Miranda, Ministro da Agricultura — Tenho prazer communicar na assembléa installação Sociedade Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira, foi V. Ex. acclamado, com grande enthusiasmo, presidente honorario, bem como Dr. Luis Luzzatti, chefe do conselho de ministros na Italia. Acceitação de V. Ex. será maior estimulo para incremento patriotico emprehendimento iniciará transformação economica generos consumo nosso paiz.»

« Presidente Luzzatti — Roma. Nomiandos Consiglio Cooperativa Consumo Italo-Brasileira, assembléa facendo omaggio Padre Cooperativismo Italiano proclamó V. Ex. presidente onorario.»

Passou tambem o Sr. Dr. Bello um telegramma ao Sr. Ministro da Italia, em Petropolis:

« Costituita Cooperativa Consumo Italo-Brasileira, assembléa proclamó Luzzatti presidente onorario. Saluto V. Ex.»

O Exm. Sr. Ministro da Agricultura respondeu por telegramma, da seguinte fórma:

« Accuso recebido telegramma communicando installação Sociedade Cooperativa Italo-Brasileira e indicação meu nome seu presidente honorario. Penhorado, acceito honrosa distincção, fazendo votos prosperidade tão util associação.

Saudações — *Rodolpho Miranda*, Ministro da Agricultura.»

No proximo numero daremos o prospecto da Cooperativa de Consumo Italo-Brasileira e nos occuparemos ainda deste palpitante assumpto.



EXPEDIENTE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Horto da Penha

Plantação em viveiros — Foram plantadas em viveiros as seguintes sementes:

3.000 sementes de Eugenia Speciosa.
1.500 » de Abacate.
2.000 » de Laranjeiras.
8.000 » de fructa de conde.
5.000 » de Cacáo.

Fez-se a plantação de batatas no campo de experiencias.

Construcção — Construiu-se uma commoda para a estufa, alambique e machinas para o beneficiamento da mandioca.

Remessa de plantas. — Foram remettidas para varios pontos do paiz 616 plantas

Venda de aves de raças, colméas, etc. — Foram vendidas 11 gallinhas de raça e 15 colméas.

Apprendizado agricola. — As aulas funccionaram regularmente; os alumnos encarregaram-se da plantação das batatas, procedendo á lavragem do terreno, adubação respectiva escolha. Levantaram a planta da área respectiva.

O alumno Sylvio de Carvalho, que foi o primeiro a matricular-se, por conta da Sociedade, no curso de *Charrueiro* e Avicultura, concluiu os respectivos cursos no dia 15 de abril, depois de uma estadia de um anno.

Este alumno revelou grande aptidão e intelligencia, dando magnificas provas durante o tirocinio da apprendizagem.

A Sociedade, em virtude das provas de habilitação reveladas pelo referido alumno, conferiu-lhe o respectivo certificado.

VISITANTES

Fortunato Alvel Pereira.
Justino Alves Pereira.
Dr. Jacques Dias Maciel.
Osmindo Oliveira de Novaes.
Dr. João C. da Rocha Cabral.
Enéas da Rocha Carvalho.
Zozimo da Silva Werneck.
Dr. Francisco Azarias de Queiroz Botelho.
Alberto de Andrade Queiroz Botelho.

Secretaria

MEZ DE MARÇO DE 1910

Correspondencia recebida

Cartas	567
Officios de governo	18
» de particulares	5
Telegrammas	5
Circulares	25
	620

Correspondencia expedida

Cartas	270
Officios a governos	17
Telegrammas	24
Circulares	6.611
Diplomas	88
Boletim «A Lavoura»	8.596
	15.606

Secção de fornecimentos

MEZ DE MARÇO DE 1910

Arame farpado e grampos

Pedidos		76
Rolos de 40 kª	2.142	
» de 26 kª	1.680	3.822
Metragem		2.123.404
Grampos, kilos		2.582

Custo

No mercado	50:631$360
Fornecido pela Sociedade	46:587$420
Economia verificada em favor dos socios lavradores	4:043$940

Secretaria da Sociedade Nacional de Agricultura, 13 de abril 1910. — *Carlos de Castro Pacheco*, Chefe da Secretaria.

Secção das applicações industriaes do alcool. Movimento de propaganda no mez de março

Foram feitas tres exhibições com apparelhos a alcool, sendo uma no centro da Capital com seis lampadas, para duas noites de illuminação, uma em arrabalde com seis lampadas, para uma noite e uma em suburbio, com uma lampada, para uma noite, sendo fornecidos 13 apparelhos durante quatro noites, consumindo 57 litros de alcool de 40°.

Forneceram-se 69 litros de alcool de 40° a diversos.

Total de alcool consumido no mez de março 126 litros.

Fornecimentos aos socios feitos pela Sociedade Nacional de Agricultura

Tirando partido de seu caracter de associação, já prestigiada com o numero de mais de 2.500 socios, a Sociedade, no intuito particular de demonstrar a utilidade e o mecanismo dos syndicatos agricolas, emprehendeu favorecer os seus socios com o supprimento de generos estrangeiros e nacionaes a preços mais reduzidos do que os do commercio a varejo.

Com esse proposito e valendo-se dos favores aduaneiros que a lei confere ao Syndicato Central dos Agricultores no Brasil tem fornecido arame farpado e respectivos grampos.

Além disso e mediante contractos especiaes, tem fornecido, a preços reduzidos, formicida, alcool, machinas agricolas e outros objectos.

Revendo todos os seus contractos e fazendo outros que começam agora a vigorar, a Sociedade está habilitada a fornecer os seguintes generos, em cujos preços não estão incluidas as importancias de emballagem, de despacho e de frete:

ARAME FARPADO PARA CERCAS

Rôlo de 26 kilos com 160 metros de fio a	7$200
Rôlo de 40 kilos com 402 metros de fio a	11$000

ACCESSORIOS PARA CERCAS

Grampos para prender o arame	$360	o kilo
Moirões com 2 metros de altura.	1$500	cada um
Pilares » » » para os cantos	3$400	» »
Varetas para as cercas	$450	cada uma
Esticadores com manivela	5$200	cada um
» com moitões.	5$200	» »

O arame farpado da Sociedade Nacional de Agricultura tem uma reducção de mais de 40 % sobre os preços do mercado.

ENXADAS BEM CALÇADAS, DE AÇO

	Universal	Radiante	Raio	Cruz Vermelha
de 2 libras.	1$200	1$400	1$250	1$450
de 2 1/2 libras	1$300	1$500	1$350	1$500
de 3 libras.	1$450	1$600	1$500	1$580
de 3 1/2 libras	1$570	1$750	1$600	1$740
de 4 libras	1$680	1$900	1$700	1$830

FOICES

Ns. 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11 e 12 — aos preços respectivamente de $600, $670, $730, $800, 1$000, 1$130, 1$300, 1$500, 1$600 e 1$800.

MACHADOS

Estreitos:

Sortidos de 3 a 4 . . . . 39$000 a duzia

Largos:

Sortidos de 3 a 4 . . . . 40$000 »

De 3 1/2, duzia 41$; de 4, duzia 45$; de 4 1/2, duzia 48$000; de 5, duzia 51$; de 5 1/2, duzia 56$; de 6, duzia 62$000.

MACHINAS AGRICOLAS

Moinhos para fubá:

Marca Patente — N. 6 por 31$; n. 8 por 36$; n. 10 por 41$; n. 12 por 50$; n. 14 por 60$, n. 16 por 63$; n. 18 por 75$000.

Marca Try — N. 8 por 52$; n. 10 por 67$; n. 12 por 83$; n. 14 por 96$; n. 16 por 120$; n. 18 por 130$000.

Debulhadores de milho:

Coloniaes . . . . 5$200
Black. . . . . 8$600
Clinton . . . . 21$000
Aguia. . . . . 40$000

Arados americanos — N. O, 18$; n. OO, 20$; n. B 1, 26; n. A 1 1/2, 33$; n. A 2, 36$; n. A 3, 40$000.

Com disco reversiveis — 20", 170$; 24", 210$000.

Cavadeiras:

Para *tirar terra* — americanas, com 2 pás. . . . . 10$200
Para *café* — 3 £ — 1$300; 3 1/2 £ — 1$400.

Pulverizadores:

Bauer n. 1 . . . . 62$000

são applicados na exterminação dos parazitas que atacam os arvoredos, com os ingredientes liquidos que forem aconselhadas,

Além destas, a Sociedade fornece installações completas para o preparo do arroz e do café, mediante previos ajustes sobre os quaes o socio lavrador gozará de abatimentos que oscillam de 5 a 10 % sobre os respectivos preços de catalogos, sendo gratuitos os transportes nas estradas de ferro federaes.

LACTICINIOS

Installações completas para as industrias de lacticinios pela Casa Hopkins Causer, com abatimento de 5 %, sobre o preço do catalogo.

COLMEIAS

Como os mais modernos aperfeiçoamentos, pelo preço de 18$000.

SALOXO

Um preparado de sal e peroxydo de ferro, proprio para alimentação do gado; é economico e asseiado, em tijolos de 5 kilos, não sujando as baias ou lugares onde são collocados e sem desperdicio. Preço 190 réis o kilo.

NOTA — Se o socio pedir de uma só vez 500 ks., gosará o abatimento de 10 %; de 1.000 ks. para cima o de 15 %.

FORMICIDAS

Paschoal:

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma . . . . 16$000

Merino:

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma . . . . 16$000

Schomaker:

Caixa com 6 botijas de 1 1/2 litro cada uma. . . . . . . 22$000

ALCOOL

De força de 40 °, em latas de 18 litros, pelo preço das vendas em pipa, o que corresponde a uma reducção de cerca de 10 %.

ANTISEPTICOS

Creolina Pearson . . . . 2$000 a lata c/ 1 litro
Cresolina Werneck . . . . 1$100 » »

A mais reputada das creolinas de fabricação nacional.

Electro Sanitas . . . . $500 o litro

Preparado do Sr. Octavio Santos Moreira, de magnificos resultados obtidos para a exterminação de insectos nocivos ás plantas e gafeira dos carneiros.

DIVERSOS

Pós para gosma — *de gallinhas* — especifico recommendado.	lata	1$200
Sulfato de cobre para tratamento de plantas . .	kilo	$650
Sulfato de ferro.	»	$250
Sal amargo menos de 60 kilos.	kilo	$250
Mais de 60 kilos.	»	$160
Sal de Glaubert menos de 60 kilos.	»	$230
Mais de 60 kilos	»	$150
Enxofre em flor.	caixa	11$000

Mercurio marca boi — Caixa com 50 grammas 1$; com 100, 1$700 ; com 200, 3$100 ; com 400, 5$700.

Escovas de raiz para animaes — N. 115, 6$500 ; n. 116, 7$500.

Escovas francezas para animaes — N. 115, 9$500 ; n. 116, 10$500 ; n. 117, 11$500.

Tesouras:

Para podar, n. 27.	uma	4$200
» tonsar animaes	»	4$200
Machina — Para tonsar animaes.	»	4$500

Raspadeiras:

Com asa	uma	4$300
» cabo.	»	4$100
Reforçadas.	»	8$000

Correntes para arado e para carroça:

Elo curto 1/8, kilo $950 ; 3/16, kilo $850 ; 1/4, kilo $770 ; 5/16, kilo $730 ; 3/8, kilo $680 ; 17/16, kilo $660 ; 1/2, kilo $650 ; 5/8, kilo $640 ; 3/4, kilo $640.

Elo comprido 3/16, kilo $780 ; 1/4, kilo $750 ; 5/16, kilo, $730.

Chocadeiras e criadeiras — A Sociedade tendo adquirido em boas condições algumas *chocadeiras e criadeiras* cede-as a preços reduzidos.

Os lavradores, que bem conhecem os altos preços que costumam pagar, podem apreciar a vantagem extraordinaria dos preços que a Sociedade está habilitada a lhes proporcionar e que representam economias de 5 a 40 %.

A economia proporcionada na acquisição do arame farpado, em relação aos preços correntes no mercado, é, respectivamente, de 2$300 e de 6$, para os rolos de 25 e 40 kilos.

Até o fim do anno ultimo, 31 de dezembro de 1909, a economia proporcionada á lavoura com os nossos fornecimentos foi de 189:828$610, não computados o supprimento de plantas e sementes e os transportes gratuitos concedidos. No anno de 1909 a economia importou em 96:464$740.

Sendo um dos fins da Sociedade demonstrar os effeitos do regimen de associação sobre a vida financeira da lavoura e sendo condição essencial desse regimen a pontualidade dos associados, os fornecimentos especiaes da Sociedade serão limitados exclusivamente aos socios quites.

Para os obter o interessado deverá satisfazer as seguintes condições:

1ª, ser socio quite da Sociedade Nacional de Agricultura ;

2ª, ser agricultor, apresentando disso provas bastantes a juizo da directoria da Sociedade ;

3ª, formular o pedido directamente á Sociedade e por escripto ;

4ª, pedir sómente para o seu proprio consumo, indicando o nome e a situação da propriedade a que destina o emprego do producto ;

5ª, enviar á Sociedade, juntamente com o pedido, a sua importancia ou uma ordem para o seu pagamento contra casa commercial ou bancaria com séde na Capital Federal.

A Sociedade se reserva o direito de negar fornecimento a quem peça ou tenha pedido para outrem, ou tenha repartido com outra pessoa, ainda que associada, generos anteriormente fornecidos e procederá do igual modo quando souber ou tiver motivo para suppôr que o pedido é feito com intuito de commercio.

Instituindo esses serviços directos, procura a Sociedade desempenhar de modo mais util o seu compromisso de se constituir em centro de auxilios á lavoura, distribuindo-os de preferencia por intermedio de seus socios.

Com o mesmo intuito concederá aos socios despacho gratuito nas vias ferreas federaes a plantas, sementes, machinas agricolas, ainda quando adquiridas sem a sua intervenção, e prestará informações que lhe forem pedidas sobre assumptos agricolas e pastoris, tomando conhecimento das queixas e reclamações dos lavradores associados, advogando-as, quando justas, perante quem de direito.

Relação dos socios entrados no mez de março de 1910

Major José Candido de Moraes Castro.
Antonio Pereira Telles.
Coronel Joaquim Mariano Alvares de Castro Junior.
Cassio Jalles Cabral.
Capitão Manoel Martins de Amorim.
José Antonio de Araujo,
Coronel Henrique Vianna.
Annanias Ferreira da Silva.
João Alves de Miranda.
Capitão Antonio Bernardo Monteiro.
Herdeiros do capitão Americo Machado.

Theodoro Rinolfo.
Romão Penna Villa.
Jannario Victor de Barros.
Joaquim da Costa Carneiro.
Francisco Rodrigues Monsão.
João José Vianna Filho.
Eufrasio da Cunha Filho.
Antonio Luiz de Souza Mello.
Magloriuo Gondolo.
Alexandrino José Souto.
Dr. Oséas Martins Villela de Andrade.
Cooperativa Agricola Pontenovense.
Dr. Flavio de Salles Dias.
Cooperativa Agricola Oeste de Minas.
José Eduardo Vargas.
Felippe Salomão Junior.
Benjamim Lima da Fonseca.
José Pinto Villela.
Major E. do Evaristo Alves de Oliveira.
Capitão Pedro de Alcantara Silveira.
Capitão Jayme Gouveia.
Dr. Affonso Augusto Costa.
Francisco de Paula Netto Junior.
João Baptista de Paiva.
José Medice.
Antonio Adalberto de Almeida.
João Miranda & Irmãos.
Dr. Carlos Augusto dos Santos Pinto.
Pedro de Almeida Nogueira.
Capitão Joaquim Nogueira de Almeida.
Joaquim Soares Lopes.
Capitão Francisco Luiz Ribeiro.
Tenente-coronel José de Aquino Pinheiro.
José da Costa Moraes.
Coronel João Quintino Teixeira.
Henrique Moura Brandão.
John Crashley.
Dr. Casemiro Villela.
Dr. Gabriel Teixeira.
Coronel Honorio Marcellino Pinto.
João Felix de Oliveira Tupinambá.
Manoel da Silva de Figueiredo.
Francisco Liebala.
Dr. José Ribeiro de Castro.
Dr. Manoel Pinto Carneiro da Silva.
Capitão Octaviano Pinto de Rezende.
Dr. Antonio Rogerio de Gouvêa Freire.

Manoel José Vieira Pires.
José Lucio Junqueira.
João Gonçalves Perini.
Joaquim Borges da Silva.
Felisbino Pereira de Figueiredo.
Ignacio Lopes da Costa.
João Baptista Vieira.
Wolfgary Erick Weber.
João Ribeiro Pereira de Magalhães.
Gabriel de Oliveira Junqueiro.

Socios que subscreveram para o « distinctivo » durante o mez de abril

Revm. P. Cicero Romão Baptista.	50$000
Dr. Francisco Ignacio Monteiro de Andrade.	20$000
Olympio do Conto.	20$000
Antonio Maximino Pinto de Souza.	20$000
Apollinario de Moraes	20$000
Honorato Martins Borges.	15$000
José Francisco de Oliveira.	15$000
Manoel Teixeira de Camargo	10$000
Belisario Ferreira do Amaral	10$000
Fernando Villela de Andrade	10$000
Manoel de Souza Machado.	10$000
André Trajano de Oliveira	10$000
Godofredo Corrêa da Silva.	10$000
José Villela Marquez	10$000
Vieira & Braz	10$000

PARTE COMMERCIAL

Mez de abril de 1910

Café

Durante a primeira quinzena, e em virtude de noticias menos favoraveis das bolsas estrangeiras, o mercado manteve pouco animado; os reflexos, porém, da questão cambial attinente ao proximo termo do maximo limite da Caixa de Con-

versão, deram causa a oscillações de preço, sendo que no fim da ultima quinzena a baixa era sensivel.

No mesmo periodo entraram 147.101 saccas, foram vendidas 141.000 e embarcadas 229.257.

A existencia calculada em 30 de abril era de 204.141 saccas.

Algodão em rama

Na primeira metade do mez, as entradas foram menores do que as da quinzena anterior, diminuindo tambem a existencia.

Continuando a procura, sobretudo por S. Paulo, os preços subiram rapidamente, havendo vendas importantes.

Na segunda metade o mercado se manteve retrahido, mas os preços se conservaram inalterados, pela firmeza dos possuidores do Norte e dos pequenos *stocks* existentes.

Existiam no dia 15		20.492
Entradas :		
Maceió	4.448	
Sergipe	1.600	
Pernambuco	1.359	
Penedo	1.109	
Maranhão	936	
Natal	276	
Parahyba	169	9.879
		30.371
Sahidas		14.294
Existencia nos trapiches		16.077

Preços :

Pernambuco	17$500 a 18$500
Rio Grande do Norte	17$000 » 18$500
Ceará	17$500 » 18$000
Parahyba	17$500 » 18$000
Penedo	17$300 » 17$800
Sergipe	16$800 » 17$600

Aguardente

Durante todo o mez o mercado esteve firme, tornando-se estaveis as cotações alçadas no começo do alludido periodo.

As entradas constaram de 592 pipas, base de 20 gráos, e os preços por unidade foram os seguintes, segundo a procedencia :

Paraty	120$000 a 125$000
Angra	105$000 » 110$000
Campos	95$000 » 100$000

Bahia	95$000 a 100$000
Pernambuco	95$000 » 100$000
Aracajú	95$000 » 100$000
Sul	95$000 » 100$000

Alcool

Na primeira quinzena os preços de todas as qualidades deste producto tiveram a mais 5$ por pipa; na segunda elles se mantiveram, apesar dos negocios se terem desenvolvido.

As entradas foram de 1.315 volumes e as cotações por pipa, sem o casco, foram como se segue:

40 grãos	135$000 a 140$000
38 »	125$000 » 130$000
36 »	115$000 » 120$000

Assucar

Foram resumidas, na primeira quizena de abril, as entradas, e as sahidas mais que regulares, subindo os preços de quasi todas as qualidades.

No fim ainda da primeira quinzena o *stock* baixou sensivelmente, não havendo avisos de embarque de Pernambuco para aqui, continuando bem regulares as sahidas para o estrangeiro.

Na segunda quinzena, continuando as entradas inferiores ás sahidas, mesmo assim o mercado esteve frouxo e em baixa nas cotações, sobretudo para os crystaes molles.

Durante o mez os supprimentos recebidos constaram de 84.022 saccas, sendo de Pernambuco 5.520, de Sergipe 50.613, de Campos 8.480, da Bahia 11.110, de Maceió 5.450 e de outras procedencias 2.489.

Os preços, por kilo, regularam assim:

Pernambuco:

Branco crystal	$270 a $300
Dito 3ª sorte	$300 » $320
Crystal amarello	$250 » $270
Mascavinho	$220 » $270
Somenos	$240 » $260
Mascavo bom	$195 » $210
Dito regular	$185 » $195
Dito baixo	$180 » $195

Sergipe:

Branco crystal	$270 a $300
Crystal amarello	— —
Mascavinho	$220 » $260
Mascavo bom	$190 » $210
Dito regular	$180 » $195
Dito baixo	— $190

Campos :

Branco crystal	$270 a	$310
Dito 2º jacto	—	—
Crystal amarello	—	—
Mascavinho	$230 a	$235

Bahia :

Branco crystal	$290 a	$320
Dito 2º jacto	$260 »	$280

Arroz

Os supprimentos recebidos durante o mez foram : 2.849 saccos por cabotagem ; 413.695 kilos pela Estrada de Ferro Central ; 7.877 saccos pela Leopoldina Railway; 27 ditos pela Companhia Sapucahy e 50 ditos pela Cantareira.

A existencia orçada em 30 de abril, era de 6.9:8 saccos.

Os preços estiveram sempre sustentados regulando, 29$500 a 30$ para o superior ; 25$ a 26$ para o inferior ; de 23$ a 26$ para o rajado do Norto, por sacco de 60 kilos.

Alfafa

Entraram 3.510 fardos por cabotagem, sendo a cotação de 160 a 180 réis por kilogramma.

Amendoim

Foram recebidos 19 saccos somente pela Leopoldina Railway, vendendo-se á razão de 220 a 230 réis por kilo.

Banha

Os supprimentos recebidos constaram de 17.289 caixas por cabotagem 2.478, kilos pela Estrada de Ferro Central e seis caixas pela Leopoldina Railway.

A existencia em 30 do mez, era de 9.772 caixas.

O mercado esteve sempre firme, contando-se os preços do seguinte modo, por kilo:

Porto Alegre, lata de 20 kilos, de 1$140 a 1$200 ; lata de 2 kilos de 1$140 a 1$180 Itajahy, de 1$180 a 1$200 e da Laguna de 1$100 a 1$200.

Batatas

No mez de abril entraram 2.594 volumes por cabotagem ; 729.474 kilos pela Estrada de Ferro Central ; 1.481 pela Leopoldina Railway e 444 pela companhia Therezopolis.

Os preços regularam de 140 a 220 réis por kilogramma, conforme a qualidade.

Borracha

Entraram, pela Estrada de Ferro Central 113.135 kilos.

Cangica

Vendeu-se á razão de 250 a 280 réis o kilo.

Cacáo

Chegaram 328 volumes.

Cebolas

Os supprimentos recebidos constaram de 266.869 restеas, 1.029 caixas e 430 volumes por cabotagem, cuja cotação foi de 2$500 a 2$800 o cento.

Fubá de milho

Preço: 100 a 160 réis kilo.

Farinha de mandioca

Durante o mez entraram 24.073 saccos por cabotagem; 2.774 pela Leopoldina Railway e 140 pela Companhia Therezopolis.

Sahiram dos trapiches no mesmo periodo 36.068 saccos, orçando-se a existencia no ultimo dia do mez em 43.964 saccos.

Os preços se fizeram, como sempre, com grandes differenças, havendo baixa tão somente para as farinhas grossas.

Por sacco de 40 kilos, foram os seguintes:

Especial	9$500 a 10$200
Fina	8$200 » 8$600
Peneirada	7$400 » 7$800
Grossa	5$600 » 6$000

Feijão

Os suprimentos recebidos constaram de 21.631 saccos por cabotagem; 231.495 kilos pela Estrada de Ferro Central; 22.180 saccos pela Leopoldina Railway; 8 pela companhia Sapucahy; 429 pela Companhia Therezopolis e 155 pela Cantareira

Sahiram dos trapiches 38.882 saccos, sendo a existencia no ultimo dia do mez de 18.351 ditos.

O mercado se conservou firme, havendo no emtanto algumas differenças de preço para certas qualidades.

Preço por sacco de 60 kilogrammas:

Porto Alegre (superior)	9$500 a 10$200
Santa Catharina (idem)	Nominal
Manteiga	18$000 a 26$000
Enxofre	15$500 » 21$000
Mulatinho	13$000 » 15$000
Branco	17$500 » 24$000
Cores diversas	7$000 » 15$000

Fumo

Entraram 4.522 volumes por cabotagem e 375.024 kilos pela Estrada de Ferro Central, sendo a procura durante todo o mez pequena e havendo baixa de preço para algumas qualidades.

As cotações, por kilogramma, foram as seguintes:

De Minas, especial	$900
Dito superior	$800
Dito 2ª	$700
Dito ordinario	$600
Goyano especial	2$000
Dito superior	1$500
Baixo	1$300
Rio Novo, superior	1$200
Dito 2ª	1$000
Dito baixo	$800
Pomba superior	1$000
Dito 2ª	$800
Dito baixo	$600
Carangola	1$000
Picû, especial	2$000
Dito 1ª	1$600
Dito 2ª	1$200
Bahia	1$600

Manteiga

Vieram durante o mez 484 volumes por cabotagem, 247.001 kilos pela Estrada de Ferro Central, 524 volumes pela Leopoldina Railway, 1.367 ditos pela Companhia Sapucahy e 1 dito pela Cantareira.

O mercado esteve sustentado e sem mudança de preço.

A manteiga de Minas foi negociada á razão de 2$ a 2$400 por kilogramma e a do Sul de 1$800 a 2$400, conforme a qualidade.

Matte

Chegaram ao mercado 734 volumes por cabotagem, sendo a cotação feita á razão de 400 a 600 réis por kilogramma.

Milho

As entradas constaram de 769 saccos por cabotagem, 594.191 kilos pela Estrada de Ferro Central, 42.571 saccos pela Leopoldina Railway, 8 ditos pela Sapucahy e 427 ditos pela Cantareira.

A existencia nos trapiches calculada no ultimo dia do mez era de 2.182 saccos.

O mercado durante o mez esteve sem firmeza.

Preços por sacco de 60 kilos :

Norte, amarello	. . . .	nominal
Terra, »	. . . .	4$500 » 4$800
Dito, » misturado	. . . .	4$000 » 4$500

Polvilho

Entraram por cabotagem 14.726 volumes, pela Estrada de Ferro Central 17.616 kilos, pela Leopoldina Railway 73 volumes.

Os preços regularam de 280 a 300 réis por kilogramma.

Queijo

Receberam-se 226.086 kilos pela Estrada de Ferro Central e 2.852 canudos pela Sapucahy.

Sal

Entraram 8.434.614 kilos por cabotagem.

Preço 3$600 a 4$600 por 60 kilos.

Tapioca

Chegaram 20 volumes por cabotagem e 13.909 kilos pela Estrada de Ferro Central.

Preço : 300 a 340 réis por kilo.

Toucinho

Durante o mez vieram ao mercado 111 jacás por cabotagem, 189.512 kilos pela Estrada de Ferro Central, 177 jacás pela Leopoldina Railwy, 188 ditos pela Sapucahy, 176 ditos pela Companhia Therezopolis e 359 ditos pela Cantareira.

Preços por kilogramma :

Minas superior	. . . .	$800 a $900
Dito inferior	. . . .	$700 a $800

Vinho

Receberam-se 1.898 quintos por cabotagem e mais uma caixa.

Os preços regularam por pipa de 160 a 175$000.



BIBLIOTHECA

Temos a satisfação de registrar as seguintes publicações recebidas no mez de março do corrente anno.

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

Bulletin de la Société des Agriculteurs de France, Paris, 1 fevereiro de 1910.

Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro, Anno XXIV, ns. 3 e 4, de fevereiro, 1910.

Agricultura Moderna, do Porto, n. 7, de janeiro de 1910.

Gazeta das Aldeias, do Porto, ns. 737 e 738.

Bollettino della Camera Italiana di Commercio ed Arti in S. Paulo, ns. 72 e 73, correspondentes aos mezes de dezembro e janeiro de 1909-1910.

L'Agriculture pratique des pays chauds, no. 82, de janeiro de 1910.

Revista Commercial e Financeira, do Rio. Anno 16, ns. 703 e 704 de fevereiro 1910.

Germinal, de Buenos Aires. Tomo V, ns 52 e 53.

Bulletin de la Société des Viticulteurs de France, de Paris, n. 2, de fevereiro.

Revista de la Asociacion Rural del Uruguay, de Montevidéo, n. 2, de fevereiro.

La France Coloniale, de Paris, ns. 3 e 4, de fevereiro.

The Live Stock Journal, de Chicago. Volume 51, ns. 4 e 5.

L'Apiculteur, boletim mensal da Sociedade Central de Apicultura, de Paris, n. 2, de fevereiro.

Liga Maritima Brasileira, n. 32, de fevereiro.

Boletin de la Sociedad Nacional de Agricultura, de Santiago, de fevereiro.

Rivista di Agricoltura, de Parma, Anno XVI, ns. 4, 6 e 7, de janeiro e fevereiro.

Revue de Viticulture, de Paris, fevereiro.

Le Courrier du Brésil, de Paris.

Revista da Associação Commercial do Maranhão, Anno 11, n. 9, dezembro de 1909.

Portugal Agricola, de Lisboa, anno XXI, n. 3.

A Lavoura Paraense, do Pará. Anno III, n. 18, de dezembro de 1909.

Boletin de la Sociedad de Fomento Fabril, de Santiago. Anno XXVII, n. 2.

Bulletin of Miscellaneous Information, de Londres, n. I e Appendix n. I.

Boletim da Associação Commercial de Santos, Santos, S. Paulo. Anno VII, n. 312 e 313, de março.

Revista Commercial de Fortaleza. Anno III, n. 52, de fevereiro.

O Economista Portuguez, de Lisboa. Anno VII, n. 193.

La Quinzaine Coloniale, de Paris, n. 3, de fevereiro.

Art del Pagés, de Barcelona, Anno XXXIV, n. 904, fevereiro.

France-Brésil, de São Paulo, Anno VII, de janeiro.

Boletin de la Oficina Internacional de las Republicas Americanas, de Washington. Esta revista é um trabalho importantissimo de 522 paginas, repletas de illustrações bellissimas.

Além disso, é publicada em hespanhol, francez e portuguez, prende a attenção de todos quantos se interessam pela grandeza das Republicas Americanas. Temos sobre a nossa mesa o excellente numero correspondente ao mez de fevereiro.

O Fazendeiro, de S. Paulo, Anno III, n. 1, de janeiro.

The Agricultural Journal, do departamento de Agricultura de Cape Town, de janeiro.

A Vida Moderna, de S. Paulo, Anno V, ns. 66, 67, 68, 69 e 70.

Evolução Agricola, de S. Paulo, Anno I, n. 8.

O Solo, de Piracicaba, Anno II, n. de fevereiro.

Bulletin du Syndicat Central des Agriculteurs de France, N. 544, de fevereiro.

The Louisiana Planter, de New Orleans, n. 67, de fevereiro.

Boletim da União dos Syndicatos Agricolas de Pernambuco, anno III, Ns. 7 a 12, 1909.

O Heraldo Agricola, do Mexico, n. 2, de fevereiro.

The Southern Cultivator, Volume 68, n. 3, de fevereiro.

La Revue Avicole, de 15 de fevereiro.

Boletim do Mercado Central de Productos Agricolas, de Lisbôa, ns. de abril a junho e outubro de 1909.

Revista Maritima Brasileira, anno XXIX, n. 7, de janeiro.

Boletin de la Sociedad Agricola Mexicana, Tomo XXXIV, n. 6, de fevereiro.

Boletin del Ministerio de Fomento, Caracas, Venezuela.

Boletin de la Direcion de Fomento, anno VII, n. 12, de Lima, Perú, dezembro 1909.

India Rubber World, volume 41, n. 5, de New York, fevereiro.

Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, volume VX.

Revista Social, anno III, n. 21, Rio, fevereiro.

Revista del Ministerio de Obras Publicas, de Bogotá, ns. 10 e 11, de outubro e novembro 1909.

Boletim Mensal de Estatistica Demographo Sanitaria do Rio de Janeiro, anno XVII, n. 12, de dezembro de 1909.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza, Volume 12, de fevereiro.

Rèvue Générale Agronomique, de Louvain.

Experiment Station Record, volumes ns. 7 a 10.

Revista de Chimica Pura e Applicada, do Porto.

Chambre de Commerce Française, boletim mensal, do Rio.

O Rio Grande, de Bagé.

La Hacienda, de Buffalo, Estados Unidos.

Giornale d'Ippologia, de Pisa, Italia.

O Zoophilo Brazileiro, orgam da Sociedade Protectora dos Animaes, do Rio.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS

Estado do Pará. A instrucção publica na administração do Exm. Sr. Dr. José Paes de Carvalho, governador do Estado, 1900.

O arroz de Iguape, folheto de estudo comparativo da composição chimica do arroz Iguape e do arroz de outras procedencias, pelo Sr. Lourenço Granato, a quem agradecemos a offerta.

Criação nacional, folheto para contribuição das remontas do Exercito, pelo Sr. A. Fomm, S. Paulo, 1910.

Viagens pelo interior da Republica Argentina, pelo Dr. Antonio Carlos Simões da Silva.

Tuberculose bovine, publicação do Ministerio de Agricultura da Republica Argentina. E' um grosso volume contendo mais de 250 paginas, illustrado com 32 photographias sobre o assumpto.

Aqui deixamos os nossos agradecimentos ao Ministerio de Agricultura da Republica Argentina por mais esta gentileza da remessa do referido livro.

3150 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1910

ANNO XIV — N. 5 RIO DE JANEIRO MAIO DE 1910

A LAVOURA

A taxa cambial

A Sociedade Nacional de Agricultura, entendendo dever se manifestar a respeito da elevação do cambio submettida ao Congresso Nacional, resolveu em sua sessão de directoria de 25 do corrente e por unanimidade dirigir o seguinte manifesto ao Congresso e á lavoura:

Por maiores interesses que tenha empenhados na lavoura, por mais dedicado amigo que seja dessa classe, por mais e melhor que reconheça quanto os interesses nacionaes dependem da sorte da lavoura, o lavrador, seu representante, seu amigo, sabe que antes de tudo somos todos brasileiros e que temos por dever sacrificar, quando preciso, nossos interesses particulares ao interesse geral do paiz, que é o soberano.

Sustenta-se que, em egualdade de condições, a vida barata promove a felicidade dos povos, quanto o encarecimento a contraria; que essa felicidade não se identifica com o progresso e é, pelo menos, tão almejavel quanto este, e, que, sendo egualmente verdade que o cambio alto, valorisando a moeda que possuimos, nós todos brasileiros e acarretando um desvalor ou depreciação relativa do ouro e de tudo o que pagamos nessa especie, torna todas as utilidades mais accessiveis á generalidade dos cidadãos e portanto mais accessiveis todos os elementos de felicidade; a felicidade da nação está antes com o cambio alto do que com o baixo e aquelle e não este, deve ser uma aspiração nacional.

O lavrador não dissente do cidadão no que entende com o interesse supremo da nacionalidade, não reclama por um interesse seu quando este se oppõe ao interesse geral; não se revolta contra um onus quando elle é reclamado pelo bem da collectividade. Onus é todo o imposto e todos votamos ou nos conformamos com elle porque sabemos que elle é necessario á vida collectiva.

O lavrador bem como o representante de qualquer outra classe, não é unidade alheia, extranha a essa collectividade, antes faz parte della, communga de suas vantagens, é autor e reclamante com ella quando ella reclama o serviço ou a contribuição de cada uma das partes de que se ella

compõe. Distingue mesmo entre a personalidade de cada lavrador em um momento dado e a *lavoura* ou a classe a que elle pertence; aquelle é contigente esta é permanente e o interesse occasional daquelle pode não corresponder a um bem na evolução desta.

A valorisação do ouro, ou o cambio baixo, satisfaz certamente melhor o interesse de occasião do lavrador, do seringueiro, do industrial que tem a sua safra ou o seu *stock* para vender. Nenhum homem de responsabilidades porém, lavrador ou industrial, insistiria por uma medida que confessadamente tivesse o fito de desvalorisar a moeda dos brasileiros.

Si não seria licito proceder com esse egoismo, si nenhum cidadão tem o direito, perante a lei e perante a moral de sobrepôr seu interesse ao geral, si, antes, é de todos um dever social promover o seu bem e o seu interesse pelo modo em que elle fôr factor ou corollario do bem geral, esta Sociedade não aconselharia o lavrador, e menos á sua collectividade, a se oppôr á aspiração nacional da valorisação de nossa moeda, ou aspiração do cambio alto, quando esta fosse evidenciada e opportuna. O caso concreto e actual da elevação immediata da taxa cambial a 16 dinheiros por effeito da repleção da Caixa de Conversão, porém, é um caso a se estudar em especie e em sua opportunidade.

Si o legislador da Caixa de Conversão appellou para o Congresso na hypothese de se verificar o maximo de encaixe de ouro estipulado na lei, ao envez de decretar previamente a elevação do cambio nessa hypothese, si confiou ao Congresso a decretação da medida que se tornasse então necessaria, foi certamente para que com o mesmo criterio e a mesma autoridade elle estudasse e resolvesse si a repleção de ouro era um incidente occasional na vida da nação ou era uma manifestação organica, physiologica, normal, estavel de sua evolução economica.

Nesta ultima hypothese a elevação cambial se imporia, não tinha de ser feita — estaria feita. Poderia ser tolhida, retardada por um artificio. Ella agiria porém com seus factores, latente, mas incoercivel e se imporia pela evidencia em todas as manifestações das energias accrescidas e reforçadas do paiz. E os poderes publicos, outra cousa não teriam de logico, de efficaz e de opportuno a fazer, senão quebrar os liames á sua manifestação, permittir que os valores se viessem equilibrar no novo nivel a que o paiz ascendera em sua evolução, reconhecendo em nova taxa official o indice dessa acquisição de vida propria.

Si porém este não é o facto verdadeiro, si a plethora, ainda não manifestada em toda a sua extensão, é um facto occasional, um effeito de causas, outras que não o funccionamento normal da vida organica do paiz; si provém da necessidade momentanea de emprehendimentos projectados

e tem de se esgotar invertendo-se nesses emprehendimentos. Si é o symptoma de uma éra especulativa e tem um fim proximo e vae passar, como outras passaram, qualquer que seja o seu desfexo. Si é um effeito da alta da borracha, que pode se enfraquecer em breve e repetir a crise de 907. Si resulta dessas causas fortuitas, combinadas ou de outras ephemeras em um entrelaçamento intrincado, mas transitorias, porque não indicam um progresso economico real e estavel do paiz — então a elevação será um erro de apreciação e de effeitos deploraveis. Será a destruição da obra de 906, que bôa ou má no momento, teve o merito de dar-nos uma organização financeira estavel, nos proporcionou 3 1/2 annos de vida calma e normalizada para o productor, para o commercio, para o consumidor e para o Estado e nos permittiu chegar a esta situação de saldos, de encaixe e de melhoramentos realisados e a esse estado de riqueza, que, real ou simulada, assimilada ou fugaz, do paiz ou de emprestimo, representa poderoso elemento de credito, de acção e de progresso. Seria a perda dessa situação, a custa de grandes soffrimentos immediatos, e debalde, para voltarmos, talvez, derrotados, ao cambio actual, ou mais baixo, e, então, premidos pelas condições reaes e organicas do paiz e pelos prejuizos que já não poderiam ser recuperados.

Nessa hypothese, por certo, os que tem de soffrer os primeiros effeitos de prejuizos em seus haveres e seus productos tem o direito de clamar, pois nenhum principio, humano ou social, os força a soffrer em pura perda, sem o consolo do sentimento altruista do bem geral, nem a esperança de partilha em beneficio commum.

E' um direito; é mesmo um dever, pois elles agem para si e para a collectividade.

Qual a verdade no caso? Qual a hypothese que se realisa?

Discute-se, argumenta-se, procura-se demonstrar, com calor, com talento, com logica. Estabelecem-se premissas e conclue-se com acerto — tão logicos uns como outros em suas deducções, por uma ou por outra hypothese. Todos partem de supposições, com que argumentam, mas não demonstram e cujas conclusões podem ser contrariadas amanhã sob a influencia dos acontecimentos que se não podem prevêr.

O facto é de hoje; seus effeitos só podem ser aquilatados por conjecturas.

Estará elle siquer concluido? Estará por acaso já manifestado em sua intensidade real? Serão somente os 20 milhões que nos procuram com esse acompanhamento dos retardatarios que ficaram á espera quando foi fechada a porta? Serão mais? Os milhões que alli estão serão conserva-

dos, serão encorporados ao patrimonio nacional, aos elementos de vida real do paiz? Tendo sido esse limite escolhido arbitrariamente e só por parecer grande naquelle momento, exprimirá elle uma situação economica á qual logica e normalmente corresponda cambio superior ao vigente?

Impossivel é garantir alguma cousa sobre um facto que é de hoje, que não tem tradicção, que não produzio seus effeitos, que não se completou ainda.

E' licito que os productores clamem para não soffrer em vão. Podem estar errados os calculos, podem ser maiores ou ser menores os prejuizos que de prompto vão ter os productores e os portadores do bilhete da conversão.

Admitta-se que se possa produzir em curto periodo o equilibrio dos valores sob a nova pauta e a repercussão do barateamento da vida em todas as classes. Niguem poderá contestar porém que esse prejuiso se dê e que seja grande, seja enorme pelo menos para as primeiras safras do café, da borracha, do cacau, do mate, do assucar, do algodão, do fumo, dos couros, de toda a nossa exportação em summa, bem como que os industriaes e os proprios lavradores terão que ver barateados os similares de seus productos que entrarem ao cabo de alguns mezes e isso, para todos, antes que os effeitos do barateamento da vida os alcance em seus elementos de producção. E si os symptomas de prosperidade economica são ou podem ser falazes, e antes que evidenciado seja que o não são, têm elles razão em clamar contra o sacrificio que os ameaça.

Nessas condições, a elevação será um erro porque não exclue a hypothese de uma aventura perigoza, quando a lavoura ainda tem em crise quasi todos os seus ramos, quando a situação conquistada em 906 ainda não dissipou suas aprehensões e menos ainda permittiu-lhe a acquisição de saldos.

Si não existem elementos seguros para aquilatar nem das causas da plethora de hoje nem de seus effeitos de amanhã, si não está debelado o mal que se procurou curar, o que se impõe é a politica experimental, que é um criterio de bom senso.

Aguardem-se os acontecimentos. Espere-se que o phenomeno se apresente tal como o deve ser por effeito de suas causas reaes, que serão assim evidenciadas. Esse recurso expectante deveria mesmo estar na lei e pode ser agora estabelecido, dispondo que a taxa cambial só possa ser elevada quando os depositos da Caixa de Conversão se mantiverem em augmento progressivo sobre o actual limite durante um periodo determinado, que não deverá ser menor do que os 3 1/2 annos que elle precisou para se constituir.

A situação nesse caso se tornará clara, a possivel evolução se dará sem abalo, porque será prevista, ao envez de se processar quasi de sorpreza, num periodo de poucos mezes; terá havido prudencia em situação extremamente melindrosa. Até então seja mantido o cambio de 15 e franqueada a Caixa á novas entradas sem limites.

Si fôr evidenciado que se trata de uma crise feliz de avigoramento economico, a reforma estará feita, como estava feita a abolição quando ella foi decretada. A lavoura poderá aparar o golpe melhor do que fizera então e, mais satisfeita do que resignada, com o bem geral, saberá e poderá equilibrar seus valores com as condições reaes do paiz, evidenciadas estas pelos factos e não mais apoiados em meros argumentos ou simples aparencias.

Reclame a lavoura nesse sentido, firme, unida e forte pela consciencia de seu direito, que, nesse caso ainda, envolve o grande interesse nacional.

Com ella está a Sociedade Nacional de Agricultura, radicada em todo o paiz, na qual se entrelaçam todos os ramos da producção agraria e que pensa que sente e reclama em nome dos interesses collectivos.

Rio, 30 de maio de 1910.

DR. WENCESLÁO BELLO,
Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

O porto do Rio de Janeiro e a producção nacional

Em 16 de abril do mez proximo passado foi aberta a concurrencia para o arrendamento do porto do Rio de Janeiro, pelo prazo de 15 annos á contar da data da assignatura do contracto.

Questão de summa importancia para os interesses da lavoura, industria e commercio, ella agitou o meio propriamente commercial, entre nós, e desta agitação surgiu a grande commissão que estudou e elaborou os termos em que devia ser posto em concurrencia tão util serviço.

Não nos deteremos, na analyse das taxas que foram propostas, nem tambem na questão administrativa e economica que só diga respeito ao arrendatario preferido. Não cogitamos disto nas presentes notas e vejamos a situação da lavoura em face do novo edital, isto é, em face do contracto de arrendamentos talvez já assignado quando estas linhas forem publicadas.

A producção nacional é protegida convenientemente. Ella não encontra nas taxas acceitas pelo proponente preferido, *onus* demasiado, que traga lucros ao arrendatario em prejuizo, em detrimento da producção nacional. Não, pelo contrario, os favores de que ella gosa são de ordem tão

elevada, que talvez prefira ao arrendatario, não ter a producção nacional no caes, pois não será surpreza se as taxas propostas apenas custearem os serviços ou derem em alguns productos um pequeno *deficit*.

Pela letra *c* do edital, ficam isentos do pagamento da taxa de conservação do porto as mercadorias de producção nacional.

Além disto, ainda a letra *d*, manda cobrar apenas um real por kilogramma, para taxa de carga ou descarga pelo caes, para os generos de cabotagem e de esportação para o extrangeiro, isto é, as mercadorias de producção nacional, gosam do favor de 0,5 do real confrontados com os generos de importação do extrangeiro.

A taxa de carga ou descarga, comprehende os serviços de retirada das mercadorias, do navio para os caes ou vice-versa, ficando por conta do navio o serviço de estiva no porão, o que aliás é incluido nos fretes.

Ainda nas taxas de capatazias, é a producção nacional protegida bastante no edital que vae servir de base ao contracto do proponente preferido.

Em summa, as condições impostas no edital de concurrencia e acceitas pelos proponentes favorecem, tanto quanto possivel ás mercadorias produzidas no Paiz.

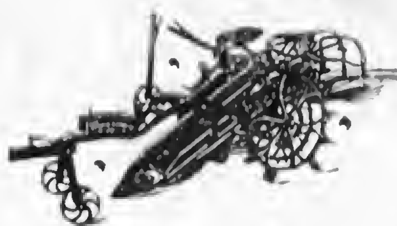
A despeza total que fará no Porto do Rio de Janeiro, uma tonelada de mercadoria de producção nacional, é a seguinte:

Generos de importação e exportação por cabotagem.	2$500
» » exportação para o estrangeiro	2$500
Minerios de manganez e ferro e areias monaziticas	2$000
Sal, assucar e carvão de pedra nacionaes	1$500

Ora, ninguem poderá achar excessiva a despeza de 1$500 feita por uma tonelada de assucar, desde a sua retirada do porão dos navios até a sua entrega ao dono nas portas dos armazens internos, nas portas dos fundos dos armazens externos ou nas estações da Central e da Leopoldina, situadas nesta cidade

Uma tonelada de assucar, corresponde a uma média de 15 saccas e pelas taxas do caes, temos que todos os serviços acima serão feitos, cobrando-se de cada sacca, a quantia de cem réis. E o que dizemos para o assucar, podemos tambem repetir para qualquer outro genero de producção nacional, isto é, as mercadorias produzidas no paiz gosam de protecção bem sufficientes com o arrendamento do caes do Porto do Rio de Janeiro.

Congratulemos-nos pois, com os productores nacionaes.



Arrancador de batatas



Semeador mechanico para o plantio de batatas


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15 16

Cultura e Commercio da Batata Ingleza

Certo, dirão os leigos na materia que nenhuma sciencia ha no plantio e cultivo desta prosaica solanacea. Enganam-se redondamente os que porventura assim raciocinem, pois a batata chamada ingleza é um dos vegetaes que mais trato têm dado ao engenho humano, não só para sua defeza vital contra inimigos varios, como tambem para a invenção de machinismos aperfeiçoados que permittam a sua cultura com pleno exito economico, o que é em summa o escopo final de toda e qualquer industria.

A cultura da batata, como a faziam ha cincoenta annos passados e como ainda a fazem hodiernamente nos paizes de pouca civilização, era das mais penosas; porquanto todos os trabalhos culturaes se executavam a braço, desde o amanho do solo, plantio, cultivo, colheita, até o beneficiamento do producto. Hoje em dia, onde a agricultura progride, as cousas passam-se bem diversamente no tocante á cultura em consideração. E' o que vamos mostrar, apresentando ao leitor os desenhos dos instrumentos aperfeiçoados que mais se empregam na cultura da batata. Cremos mesmo que, si os nossos agricultores os conhecerem e os applicarem com acerto, não passarão muitos annos para que, de importadores de batatas que somos, nos transformemos em exportadores, tal qual como está acontecendo com o arroz, que, si não produziamos em abundancia, é que os nossos primitivos processos culturaes o não permittiam. Bastou, porém, que os nossos agricultores conhecessem os modernos methodos e implementos usados na cultura da preciosa graminea e a importação cahiu de chofre, já tendo mesmo havido algumas pequenas sahidas deste para outros paizes.

A cultura da batata será largamente remunerada neste paiz, si na sua execução intervierem os classicos apparelhos que o leitor tem aqui sob as vistas. Os nossos mercados internos são a tal ponto excellentes e amplos, que para se abastecerem importam do exterior a quantidade média annual de 21.500.000 kilos de batatas européas, do valor official de 2.880:000$000! E todavia nós ainda não consumimos esses tuberculos na mesma escala que outros povos.

Sabendo-se que o nosso mercado de consumo pede ao estrangeiro todos os annos nada menos de 21.500.000 kilos de batatas e sabendo-se

---

mais que as nossas terras de cultura convenientemente amanhadas podem produzir em media 12 a 20.000 kilos de boas batatas por hectare, fica-se surpreso por ver que fonte de renda estão ahi perdendo os nossos agricultores, só porque desconhecem os novos methodos da cultura da batata. Não queremos com isto dizer que o lavrador inexperiente se metta a cultivar batata sem prévio estudo e madura reflexão, porquanto esta cultura, além de exigir terra fertil, muito bem lavrada e boas variedades de sementes, está sujeita á terrivel praga conhecida vulgarmente por ferrugem, que os botanicos chamam de *Phytophthora infestans;* mas esta praga tem remedio infallivel, quando applicado em tempo e quando a variedade da batata cultivada é resistente á molestia.

INSTRUMENTOS APERFEIÇOADOS DESTINADOS AO CULTIVO DA BATATA INGLEZA

N. 1. O Cortador de batatas é um instrumento de cujo emprego resulta grande economia, porquanto serve para dividir em duas ou mais mudas as batatas graúdas destinadas ao plantio.

Este instrumento, de simples manejo e grande rendimento, torna-se indispensavel, quando as batatas são plantadas por meio do semeador mechanico que adeante se vê.

Custa no Rio cerca de 80$000.

N. 2. O Semeador mechanico aqui estampado traz boléa e semea e cobre as batatas com admiravel regularidade. Semea em linha, de maneira que os trabalhos culturaes posteriores se fazem todos com cultivadores e arrancadores mechanicos.

Custa o semeador mechanico n. 2 posto no Rio cerca de 200$000.

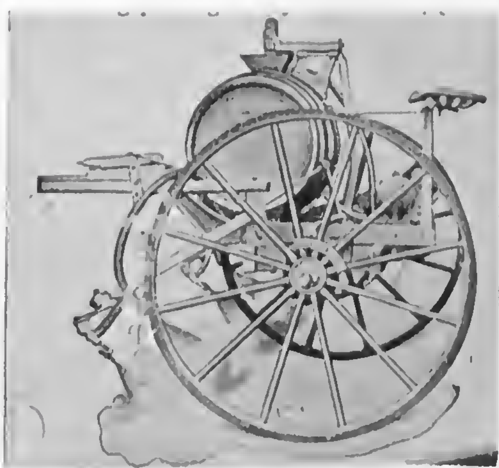
N. 3. O Vaporisador mechanico n. 3 compõe-se, como se vê, de um carro sobre que se fixa um barril destinado a receber a calda bordeleza com que se vaporiza o batatal antes do apparecimento da ferrugem ou *Phytophthora infestans*. E' tirado por uma boa parelha e montado por um conductor. Faz trabalho rapido e perfeito, sendo por isso indispensavel a quem quer que queira cultivar batatas em larga escala.

Custa no Rio cerca de 500$000.

N. 4. O Arrancador de batatas é um instrumento de grande rendimento. E' tirado por duas boas parelhas, levando um homem á boléa.



Cortador de batatas para plantação



Vista de lado do Irrigador para o tratamento do batatal, contra a molestia chamada «ferrugem».


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
11 12 13 14 15 16

Seu trabalho é muito satisfactorio, pois bem poucas batatas se perdem pelo chão.

Custa este apparelho posto no Rio cerca de 300$000.

Ha tambem apparelhos para lavar as batatas e entregal-as limpas ao commercio; ha apparelhos para separal-as segundo os seus varios tamanhos e feitios; porém passo-os em silencio, por serem sufficientes os quatro instrumentos supra-descríptos.

Para concluir, passamos a dar as seguintes informações de real utilidade para quem quer que deseje emprehender a cultura da batata em larga escala:

1º Instrumento para o plantio e cultivo da batata ingleza—*Aspinwall Mfg. Co. Jackson, Mich.* U. S. A. Estados Unidos;

2º Tratados sobre a batata ingleza:

a) L. Malpeaux, *Culture de la Pomme de Terre*—Pariz;

b) M. P. P. Déhérain, *Les Plantes de Grand Culture* — Pariz;

c) Aimé Girard, *Recherches sur la Pomme de Terre* — Pariz;

d) Gras, *Annuaire de la Pomme de Terre* — Pariz;

e) Malé, *La Pomme de Terre et sa culture rationelle* — Pariz;

f) Vermorel, *Traitement Pratique de la maladie de la pomme de terre.*

Com as informações contidas nesta leve noticia e com uma dose sufficiente de intelligencia e bom senso, podem os Srs. lavradores ganhar bom dinheiro com o plantio de batatas. E' esta a nossa convicção.

A. Gomes Carmo.

Culturas indigenatas

III

O INHAME

O inhame (*Dioscorea batata*) é uma planta herbacea, vivaz, voluvel, trepadeira da familia das Dioscoreaceas. Existe muitas especies cultivadas, subdivididas n'um grande numero de variedades que vae

para mais de cincoenta; e algumas destas dão tuberculos que attingem a grandes pezos e volumes. A sua productibilidade e rusticidade são notaveis devendo impellirmos á sua cultura que infelizmente a descuramos tanto.

O inhame é um tuberculo, diz o Dr. Pinolini, que merece melhor ser conhecido: seja pela sua bondade, seja pela qualidade do producto que é farinaceo e succulento.

Habitat e solos. — Tem igualmente como as suas duas congeneres anteriormente tratadas grande área geographica: vegeta até ao 30° grão de ambos os lados do equador. Requer climas quentes e humidos que não sejam em excesso. As terras de aluvios, profundas, moveis ou de consistencia média, permeaveis, humidas sem serem embrejadas e ricas em humos, são as que melhor lhe convém; em terrenos empapados requer uma boa drenagem ou plantio sobre leivaes.

Propagação e selecção. — A multiplicação é relativamente facil, apezar de muitos affirmarem o contrario. Pratica-se, ora com as corôas dos tuberculos, que estejam perfeitamente maduros, ora com os bolbilhos que nascem ao longo de suas ramas. Devemos escolher as sementes, quer sejam corôas ou os bobilhos, dos pés os mais médios e resistentes, de vegetação mais luxuriante, de carga maior em tuberculos vendaveis e mais precoces, etc.

Maturação e colheita. — Podemos dizer sem grande erro que, poucas plantas têm vegetação tão irregular: do plantio á maturação vae de 5 a 12 mezes, e estes limites podem afastar-se muito ainda, conforme a variedade cultivada, fertilização, etc.

Quando o caule amarellece e secca, quando os bolbilhos principiam a se desprender — é o signal indicativo da colheita.

Os tuberculos penetram as grandes profundidades, tornando a operação da colheita difficil e custoza, o maior impecilio certamente para o desenvolvimento economico da cultura deste substancial rhizoma; não se aprofunda muito se as lavras forem razas ou plantando-se sobre leivaes, e assim, melhora-se de alguma sorte este inconveniente que é tanto maior quando se cultiva em terrenos pobres em principios assimilaveis, que o tuberculo tem de explorar uma camada de terra muito grande para sugar os materiaes necessarios á sua nutrição.

Plantação e cultura. — Planta-se geralmente no fim da estação chuvosa, com o seguinte afastamento: $0^{m},60$ sobre as linhas por $1^{mt},40$ entre as linhas, com $0^{mt},10$ de profundidade. Com este afastamento teremos 11.900 covas por hectare, com a superficie de

0^{mt2},42, cuja superficie podemos ainda obter com a plantação em linhas de quinconcio de 0^{mt},70×0^{mt}70, contando-se então 23.550 covas, com grande economia em terreno, conseguintemente em braço, logo em dinheiro. Não ouzamos insistir sobre o plantio em quinconcio porque é de muito difficil pratica ([1]) muitissimo morosa, mas, conseguindo-se fazel-a bem é admiravel: em uma dada superficie assegurando-se da mesma maneira a área para expansão de suas raizes, a livre circulação do ar e da luz, duplicamos a plantação, que nestas condições, importa dizer duplicar a colheita.

Pede tutores ou estacas onde os seus caules se enrolam facilitando as limpas e augmentando dest'arte, consideravelmente a colheita.

Lavra-se a terra destinada ao inhame igualmente como ficou dito para a batata doce, pelos motivos que vimos de dizer. Gradeagens repetidas são outro notavel factor para o augmento de rendimento, pois, que, pulverisando-se o solo, tornamol-o mais apto para o armazenamento d'agua e mais facil circulação do ar.

Limpas consecutivas durante toda a sua vegetação é, nos parece, o melhor meio para afastarmos as decepções que tantas vezes tem dado esta rica cultura. A planta cultivada deve occupar unicamente só o terreno que a supporta, nada de comparsas que consomem igualmente a ella, os principios do solo e o peior — a agua... Cultivar pouco e tratar muito — deve ser o lemma de todo agricultor ciozo de seu futuro caminho mais curto da prosperidade em agricultura. Talvez não seja fóra de proposito transcrevermos aqui o rifão da sabedoria popular: « Quem muito abarca, pouco aperta »... Com o apparecimento das primeiras folhas devemos iniciar este trabalho e tanto mais frequente, quanto a estação das chuvas nos parecer mais irregular. (Vide o « Almanack de la Gazette du Village de 1909, pag. 71 ou P. Dehérain — Traité de Chimie Agricole, 2ª edi., 1902, pag. 428. § 149).

Rendimento. — O inhame é muito productivo, como acima dissemos, mas, nenhuma outra planta cultivada mostra tamanha amplitude de instabilidade, exceptuando-se o algodoeiro, em seus rendimentos que varia num mesmo solo, o qual está ligado, principalmente, a variedade cultivada.

Diz Nicholls que o peso de um tuberculo attingiu a 18 kilogrammas; peso verdadeiramente assombroso! Em culturas regulares

---

(1) Vide — J. Wagner — Mathematiques et Comptabilité Agricoles, 2ª edic. 1891 — pag. 255.



conta-se na média de 1 a 3 tuberculos por pé, pesando cada um de 3 a 5 kilogrammas. Se plantarmos com o afastamento indicado de $0^{mt},60 \times 1^{mt},40$ teremos 11900 pés por hectare. Tomemos a média de 2 tuberculos por pé, com o peso inferior ás médias, isto é, com 1 kilogramma; teremos:

11:900×2×1=22.800 kilogrammas por hectare que vendidos a 50 réis teremos a respeitavel cifra de.	1:140$000
Para as despezas, pedimos emprestado as cifras d'«A Lavoura» n. 7 de 1909 pag. 163, e temos um hectare.	610$000
Lucro liquido por hectare	530$000

O nosso calculo não tem nada de exaggerado, e mesmo podemos dizer que não exprime a verdade, como é facil verificar-se, pois nos servimos de algarismos muito abaixo das médias que nós mesmo temos verificado.

O rendimento médio por hectare é 30.000 e oscilla entre 20 a 60.000 kilogrammas, como cifras extremas; em fecula é de 13 a 25 % e quando são ricos em cellulose desce esta média para 6 %.

Conservação e emprego. — Colhido em tempo opportuno, o inhame, conserva-se facilmente por varios mezes, o que é uma incontestavel superioridade a batata doce e outras tantas plantas tuberculosas; e, para isto conseguirmos basta dispormos de um local fresco e arejado.

Substitue, com vantagem, a batata ingleza e é aliás superior a ella como alimento; cozido ou assado com um pouco de mel de canna constitue uma deliciosa e rica sobremesa.

Do tuberculo extrae-se a fecula que é muito alimenticia e de facil digestão; a sua côr porém, é variavel: da *Dioscorea alata* é branco; da *Dioscorea bulbifera*, nankim; da *Dioscore sentaphyla*, cinzento.

Composição e fertilização — O inhame é mais ou menos farinaceo, segundo a variedade que damos tres analyses de Jules Lepine, citado por Heuzé, das tres especies seguintes:

	D. Pentaphyla	D. Bulbifera	D. Alata
Fecula.	5.75	7.17	19.32
Gluten.	—	0.35	0.51
Materias colorantes	0.10	0.12	0.62
Rezina.	0.40	0.34	0.12
Mucilagem. . . .	0.30	4.10	1.24

	D. Pentaphyla	D. Bulbifera	D. Alata
Albumina	0.20	0.35	0.42
Gomma	0.23	0.40	0.55
Extracto amargo .	1.05	1.40	—
Fibras amilaceas .	9.97	9.47	49.22
Agua	82.00	76.20	28.00
	100.00	100.00	100.000

As suas cinzas contém de 0,30 a 0,55 °/₀ de saes de soda; de 0,25 a 0,75 de calcareo, no mais a sua composição é muito semelhante á da batata doce e por isto este tuberculo não deve em absoluto succeder aquelle nem vice-versa. O que dissemos sobre fertilidade para a batata podemos sem muito nos afastar da verdade applicar ao inhame, apenas com o accrescimo de 25 °/₀ mais em principios calcareos.

O interior do tuberculo crú, encerra uma materia gommosa e um pouco visgoza que ainda não foi estudada chimicamente, mas que desapparece pelo cosimento (P. Moraes), e encerra um principio venenoso (glucoside cyanhydrico), (Charabot), tornando-se então um alimento são nutriente e de facil digestão.

Pelo grande amor que temos ao que é nosso não resitimos ao desejo de fecharmos estas linhas sem primeiro fazermos conhecidas as palavras de Decaisse, Charabot e com estes tantos outros, acerca da superioridade incontestavel do nosso menosprezado inhame sobre a carissima batata ingleza, que tambem nos pertence; mas que de ha muito vegeta no velho mundo e se espatriando tomou fóros de tuberculo fidalgo, de gente fina; o inhame, porém, de maneira alguma vegetará naquellas paragens, está condemnado eternamente a ser um tuberculo de pessimo paladar e de nenhum valor...

O inhame, dizem os autores citados, é superior em qualidade á batata ingleza, porque contém um principio azotado que não existe neste ultimo tuberculo.

Porque não apresentamos nós, em nossas mesas a saboroza macacheira, a deliciosa batata doce e o agradavel inhame? Porque são nossos; não os importamos da Europa... o que é indigena, é indigno de ser apresentado, de ser apreciado...

Bibliographia — Consulte o leitor desejoso de maiores esclarecimentos sobre esta cultura, as seguintes obras:

P. DE MORAES — *Manual de Agricultura*, 1º vol.

G. HENZÉ — *Les Plantes Alimentaires des Pays Chauds.*

H. JUMELLE — *Les Cultures Coloniales*, 1º vol.

NICHOLLS ET RAOUL — *Petite Traité des Cultures Tropicales.*

J. DIBOROSK — *Traité des Cultures Tropicales.*

M. DUTRA — *O Livro do Lavrador.*

Journal d'Agriculture Tropicale, anno de 1907.

L'Agriculture Pratique des Pays Chauds, 2º semestre de 1906 e 2º semestre de 1908.

EDUARDO LISBÔA

Galeria

DR. ALFREDO GUEDES

A auréola de prestigio e o apreço da estima publica que o Dr. Alfredo Guedes conseguiu adquirir, para o seu nome, aos 36 annos apenas de idade, é uma prova eloquente do valor desse illustre moço.

E esse nome, querido e admirado elle o creou, e manteve até á hora derradeira, sem nenhum esforço, sem nenhum artificio, pondo simplesmente em relevo, em todos os actos da sua vida, as qualidades fundamentaes do seu caracter, no qual predominava, de par com a sua incomparavel bondade, um aprumo de correcção e de lealdade, que era, sem duvida, o primeiro dos factores do seu valor pessoal, tantas vezes evidenciado nos momentos mais graves e agitados da sua vida publica. Ao serviço desse carecter, de uma limpidez sem sombras e de uma inquebrantavel inteireza, punha o Dr. Alfredo Guedes a sensatez das suas idéas e das suas opiniões, e o brilho do seu formoso talento, a que os estudos e as prolongadas viagens que fizera no estrangeiro davam excepcional realce.

Homem de governo, levou para a administração as suas eminentes qualidades e o seu decidido esforço em pról dos interesses da sua terra; chamado, no governo do coronel Fernando Prestes, a dirigir a secretaria da agricultura, conservou-se neste posto durante 17 mezes, organizando importantes serviços e mantendo tantos outros, a despeitos da precaria situação em que por esse tempo se achavam os recursos financeiros do Estado de S. Paulo.



Dr. Alfredo Guedes


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
11 12 13 14 15 16

Exerceu esse cargo de 10 de novembro de 1898 a 1 de maio de 1900, tendo emprehendido então diversos importantes serviços, taes como: reorganização das repartições de aguas e esgotos do Estado, adopção, pelo Congresso, da lei reguladora da introducção de immigrantes; regulamento que modificou o Instituto Agronomico do Estado; *criação do serviço agronomico do Estado*; regulamentação das concessões para estabelecimentos de linhas telephonicas no Estado; regulamento das leis que dispõem sobre terras devolutas; reorganização da Secretaria da Agricultura, etc.

Deste conjuncto de medidas que trouxeram grande progresso para o Estado, destacou-se pela alta importancia economica a criação do serviço agronomico, com a instituição das inspectorias agricolas.

Este acto do Dr. Alfredo Guedes bastava por si só para justificar a inscripção do seu nome na *Galeria* dos benemeritos da lavoura nacional.

Si fossemos descrever as vantagens que surgiram para a agricultura paulista deste acto, encheriamos paginas e paginas e não o fazemos porque o intuito e o molde desta secção não nol-o permitte.

De regresso de uma viagem ao sul do Estado, por motivo de serviço publico, deu grande impulso ao desenvolvimento material daquella zona, promovendo o estabelecimento da navegação costeira e da fluvial e a reorganização dos nucleos coloniaes, depois da sua visita ao de Pariquéra-Assú.

Tomou parte no Congresso da Lavoura, reunido na capital Paulista, em 31 de janeiro de 1903, tendo sido eleito um dos membros da respectiva commissão permanente, onde advogou, com vehemencia, os interesses agricolas.

Antes de ser secretario da agricultura, o Dr. Alfredo Guedes foi deputado estadoal na legislatura de 1892 a 1894, sendo eleito secretario da respectiva camara.

Foi reeleito deputado ao Congresso do Estado em 1901.

Eis, em concisa exposição, os relevantes serviços que prestou á lavoura, o homem a quem a morte colheu aos 36 annos, privando a agricultura nacional de um grande trabalhador que estava destinado a produzir ainda larga messe de fructos opimos.



A LAVOURA NOS ESTADOS

Exposição de animaes do Estado de S. Paulo

INAUGURAÇÃO — Com o concurso do Governo do Estado de S. Paulo, a Sociedade Paulista de Agrcultura, Industria e Commercio, levou a effeito, no Posto Zootechnico «Dr. Carlos Botelho», na capital do Estado, mais uma exposição de animaes, que inaugurada no dia 24 de Abril encerrou-se em 3 de Maio corrente.

ANIMAES EXPOSTOS — Elevou-se á 418, o numero dos animaes expostos, sendo :

Bovinos	218
Equideos, Muares e Asininos	118
Suinos	47
Ovinos	12
Caprinos	23
Total	418

Entre os exemplares bovinos apresentados, salientaram-se os dos expositores Coronel Arthur Diedirichsen, Joaquim Floriano de Toledo e Joaquim Prudente Corrêa sendo que o Coronel A. Diedirichsen apresentou bom lote de bovinos Garonez-Caracú, producto de primeiro cruzamento.

Bonitos eram tambem os oito animaes da raça Caracú, pertencentes ao mesmo criador.

Este criador, obteve como recompensa do seu zeloso esforço «medalha de ouro».

O Sr. Joaquim Prudente Corrêa, que vem se salientando desde a primeira exposição com os seus caracús seleccionados, apresentou desta vez, um lote de caracús puros, composto de 7 vaccas, 2 novilhas, 1 bezerro e 1 touro, sendo justo salientar a belleza dos animaes expostos por este criador, tambem recompensado com medalha de ouro.

O Coronel Joaquim Floriano de Toledo, exhibiu um lote composto de 5 vaccas, 1 novilha e 1 touro.

Tendo os animaes deste expositor obtido a media 78,4 pontos, lhe conferiram, de accordo com o regulamento, a medalha de prata.

Dos 218 bovinos que figuraram no certamen, 70 eram caracús puros, 77 hollandezes, 9 jersey, 18 jersey (cruzamento), 13 flamenga, 6 garonez 1/2 sangue symenthal 4 e o restante de diversos cruzamentos.

Na criação de raça hollandeza apresentaram-se os criadores Srs. João de Godoy, Francisco Gomes Leitão e Francisco de Mello Machado, premiados o primeiro com a medalha de ouro e os dois ultimos com a medalha de prata.

Merece menção especial nesta secção, o Dr. Carlos Botelho, pelo seu touro Paulo, criado no Jardim d'Aclimação, que bateu o *record* de pontos, pois obteve 91,5 e teve a medalha de ouro.

Este touro, é um perfeito exemplar da raça hollandeza.

Damos em seguida os quadros relativos ao gado bovino, que figurou na exposição. Por elle se poderá ajuizar a importancia do certamen, nesta parte.

Seja permittido, deixar bem frizante que era esta a predilecta secção da commissão organizadora. Realmente os bovinos estavam bem representados e entre as raças, incontestavelmente os puros caracús e os seus mestiços occuparam lugar saliente no certamen de 24 de abril.

BOVIDEOS

1ª Secção

1ª Categoria

I grupo

NOME DO PROPRIETARIO	PROCEDENCIA	NOME DO ANIMAL	NUMERO DO CATALOGO
Joaquim Prudente Corrêa	Sarandy	Massaranduba	41
Arthur Diederichsen	Pontal	Hymalala	45
Joaquim Floriano de Toledo	E. Toledo	Branquinho	42
Mario de Souza Queiroz	Limeira	Eldorado II	44
Dr. Horacio Lane	Capital	Major II	60
Francisco M. Siqueira Genro		Garibaldi	43

II grupo

NOME DO PROPRIETARIO	PROCEDENCIA	NOME DO ANIMAL	NUMERO DO CATALOGO
Joaquim Prudente Corrêa	Sarandy	Hollandina	62
Arthur Diederichsen	Pontal	Campineira	73
Joaquim Prudente Corrêa	Sarandy	Patangueira	64
Joaquim Prudente Corrêa	»	America	63
Joaquim Floriano de Toledo	Estação Toledo	Açucena	69
Joaquim Prudente Corrêa	Sarandy	Dourada	65
Arthur Diederichsen	Pontal	Douradilha	75
Joaquim Prudente Corrêa	Sarandy	Planta	61
Reynaldo Salles Oliveira	Brodowski	Minerva	77
Arthur Diederichsen	Pontal	Jupira	76
Reynaldo Salles Oliveira	Brodowski	Faceira	78
Joaquim Floriano Toledo	Estação Toledo	Dourada	70
Joaquim Floriano Toledo	» »	Divisa	71
Joaquim Prudente Corrêa	Sarandy	Raposa	67
Joaquim Prudente Corrêa	»	Jupeva	68
Joaquim Floriano Toledo	Estação Toledo	Jurema	70
Arthur Diederichsen	Pontal	Indiana	74
Joaquim Floriano Toledo	Estação Toledo	Camurça	80
Pio de Almeida Prado	Jahú		214
José Prudente Corrêa	Sarandy	Lembrança	72
Dr. Sebastião Ribas	Capital	Perola	109
Joaquim Prudente Corrêa	Sarandy	Abacate	53
Joaquim Prudente Corrêa	»	Pinheiro	48
Joaquim Prudente Corrêa	»	Saputy	55

EXPOSIÇÃO DE ANIMAES DO E. DE S. PAULO



MASSARANDUVA — Touro caracú de 3 annos e [illegible] mezes, do Sr. Joaquim Prudente Corrêa — MEDALHA DE OURO


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
0 11 12 13 14 15 16

EXPOSIÇÃO DE ANIMAES DO E. DE S. PAULO



AMERICA — Vacca caracu, do Sr. Joaquim Prudente Correa — MEDALHA DE OURO


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
0 11 12 13 14 15 16

PREMIADOS

1ª classe — Raças nacionaes

1ª serie — Raça Caracú

TOUROS

PELLAGEM	RAÇA	PESO — Kilos	IDADES	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Amarello . .	Caracú. . .	770	3 annos e 9 mezes .	86	Medalha de ouro.
» . .	» . .	492	3 »	83	Medalha de prata.
» . .	» . . .	640	8 »	75	Idem idem.
» . .	» . . .	550	2 » e 6 mezes .	74	Idem idem.
» . .	» . . .	439	5 »	70	Medalha de bronze.
» . .	» . . .	591	5 »	67	Idem idem.

VACCAS

PELLAGEM	RAÇA	PESO — Kilos	IDADES	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Amarella . .	Caracú. . .	545	4 annos e 6 mezes.	91 1/2	(Com cria) Medalha de ouro.
» . .	» . . .	550	6 » » 6 » .	91 1/2	Medalha de ouro.
» . .	» . . .	459	3 » » 2 » .	91	(Com cria) Medalha de ouro.
» . .	» . . .	550	5 »	90 1/2	Medalha de ouro.
» . .	» . . .	525	7 »	90	Idem idem.
» . .	» . . .	429	4 » . . .	88	Idem idem.
» . .	» . . .	506	5 » e 6 mezes .	87	Idem idem.
» . .	» . . .	501	5 »	85	
» . .	» . . .	480	6 »	84	Medalha de prata.
» . .	» . . .	450	4 »	83	Idem idem.
» . .	» . . .	380	3 » e 6 mezes .	82 1/2	Idem idem.
» . .	» . . .	430	6 »	82	Idem idem.
» . .	» . .	407	8 »	78	Idem idem.
» . .	» . .	500	5 »	78	Idem idem.
» . .	» . . .	470	5 »	75	Idem idem.
» . .	» . .	420	6 »	75	Idem idem.
» . .	» . .	500	5 »	75	Idem idem.
» . .	» . . .	380	5 »	74	Idem idem.
» . .	» . . .	—	7 »	70	
» . .	» . . .	451	6 »	67	Medalha de bronze
» . .	» . . .	—	5 »	40	
» . .	» . . .	343	1 anno e 1 mez.	91	Medalha de prata.
» . .	» . . .	401	1 » » 11 mezes.	89	Idem idem.
» . .	» . . .	272	10 mezes	85	Idem idem.

NOME DO PROPRIETARIO	RESIDENCIA	NOME DO ANIMAL	NUMERO DO CATALOGO
Reynaldo Salles de Oliveira	Brodowski	Jupiter	47
Joaquim Floriano Toledo	E. Toledo	Tigre	59
» Prudente Corrêa	Sarandy	Eucaliptus	53
» » »	»	Cravo	56
» » »	»	Alho	51
» » »	»	Pereira	49
» » »	»	Limoeiro	50
» » »	»	Cobelleiro	54
Arthur Diederichsen	Pontal	Pory	48
Joaquim Prudente Corrêa	Sarandy	Cangica	57
Dr. Eduardo da Fonseca	......	Guarany	58
Dr. Sebastião Ribas	Capital	Mocho	61

IV grupo —

Mario Souza Queiroz	Limeira	Boniteza	96
Joaquim Prudente Corrêa	Sarandy	Gaivota	83
Arthur Diederichsen	Pontal	Lindoia	87
Joaquim Prudente Correa	Sarandy	Jandyra	82
Arthur Diederichsem	Pontal	Palestina	86
Dr. Luiz Leite Junior	Jaguary	Violeta	118
Arthur Diederichsen	Pontal	Ciol	88
José Osorio de Souza	Sarandy	França	91
Francisco M. Siqueira Gonro	Ribeirão Bonito	Belleza	94
» » » »	» »	Lembrança	95
Dr. Luiz Leite Junior	Jaguary	Floresta	97
Reynaldo Salles Oliveira	Brodowski	Aramina	89
Joaquim Floriano Toledo	E. Toledo	Igualdade	81
José Osorio de Souza	Sarandy	Orlanda	92
Jeronymo A. Barbosa	Ituverava	Tangerina	106
» » »	»	Esterlina	101
José Osorio de Souza	Sarandy	Formosa	93
Dr. Luiz Leite Junior	Jaguary	Alliança	98
Jeronymo A. Barbosa	Ituverava	Belleza	84
» » »	»	Rosina	85
Reynaldo Salles Oliveira	Brodowski	Alliança	104
Jeronymo A. Barbosa	Ituverava	Gatinha	105

PELLAGEM	RAÇA	PESO — kilo	IDADE	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Amarello . .	Caracú. . .	302	1 anno e 7 mezes .	86	Medalha de prata.
Araçá . . .	p/s	355	2 annos e 4 mezes .	85	Idem idem.
Amarello . .	Caracú. . .	290	1 anno e 6 mezes .	78 1/2	Idem idem.
» . .	» . . .	259	11 mezes	78 1/2	Idem idem.
» . .	» . . .	344	1 anno e 6 mezes .	78	Idem idem.
» . .	» . . .	334	2 annos . .	78	Idem idem.
» . .	» . . .	340	2 » e 2 mezes.	76	Idem idem.
» . .	» . . .	282	1 anno e 1 mez . .	82	Idem idem.
» . .	» . . .	310	1 » » 6 mezes .	72	Idem idem.
» . .	» . . .	189	1 » . . .	63	Medalha de bronze.
» . .	» . . .	286	1 » e 7 mezes .	62	Idem idem.
» . .	» . . .	310	1 » » 8 » .	59	Desclassificado.

Novilhas

Amarella . .	Caracú. . .	290	1 anno e 4 mezes	87 1/2	Medalha de prata.
» . .	» . . .	430	3 annos	85 1/2	Idem idem.
» . .	» . . .	455	4 »	85	Idem idem.
» . .	» . . .	370	2 » e 2 mezes.	83 1/2	Idem idem.
» . .	» . . .	464	3 »	83	Idem idem.
» . .	» . . .	409	10 mezes	81	Idem idem.
» . .	» . . .	316	1 anno e 6 mezes .	79	Idem idem.
» . .	» . . .	355	2 annos . .	76	Idem idem.
» . .	» . . .	380	2 »	76	Idem idem.
» . .	» . . .	395	2 » e 8 mezes.	76	Idem idem.
» . .	» . . .	311	2 »	85	Idem idem.
» . .	» . . .	4[illegible]5	3 » e 6 mezes.	75	Idem idem.
» . .	» . . .	380	3 » » 6 »	75	Idem idem.
» . .	» . . .	358	2 » » 6 »	74	Idem idem.
» . .	» . . .	240	1 anno » 5 »	60	Medalha de bronze.
» . .	» . . .	309	1 » » 9 »	68	Idem idem.
» . .	» . . .	395	2 annos	67	Idem idem.
» . .	» . . .	370	4 »	67	Idem idem.
» . .	» . . .	400	2 » e 1 mez .	63	Idem idem.
» . .	» . . .	330	2 » » 1 » .	63	Idem idem.
» . .	» . . .	235	1 anno e 7 mezes .	66	Idem idem.
» . .	» . . .	245	1 » » 5 » .	62	Idem idem.

NOME DO PROPRIETARIO	PROCEDENCIA	NOME DO ANIMAL	NUMERO DO CATALOGO
Dr. Luiz Leite Junior	Jaguary	Marreca	116
» » » »	»	Pintura	117
Jeronymo A. Barbosa	Ituverava	Nenen	101
Reynaldo Salles de Oliveira	Brodowski	Companhia III	99
Jeronymo Augusto Barbosa	Ituverava	Paquinha	100
Dr. Sebastião Ribas	Capital	Lembrança	202
Luiz Tadel	Pindamonhangaba	Fada	131

III classe

Primeiro

Arthur Diederichsen	Pontal	Mogiano	110
» »	»	Medock	112
» »	»	Pirajú	113
» »	»	Tupy	111

Quarto

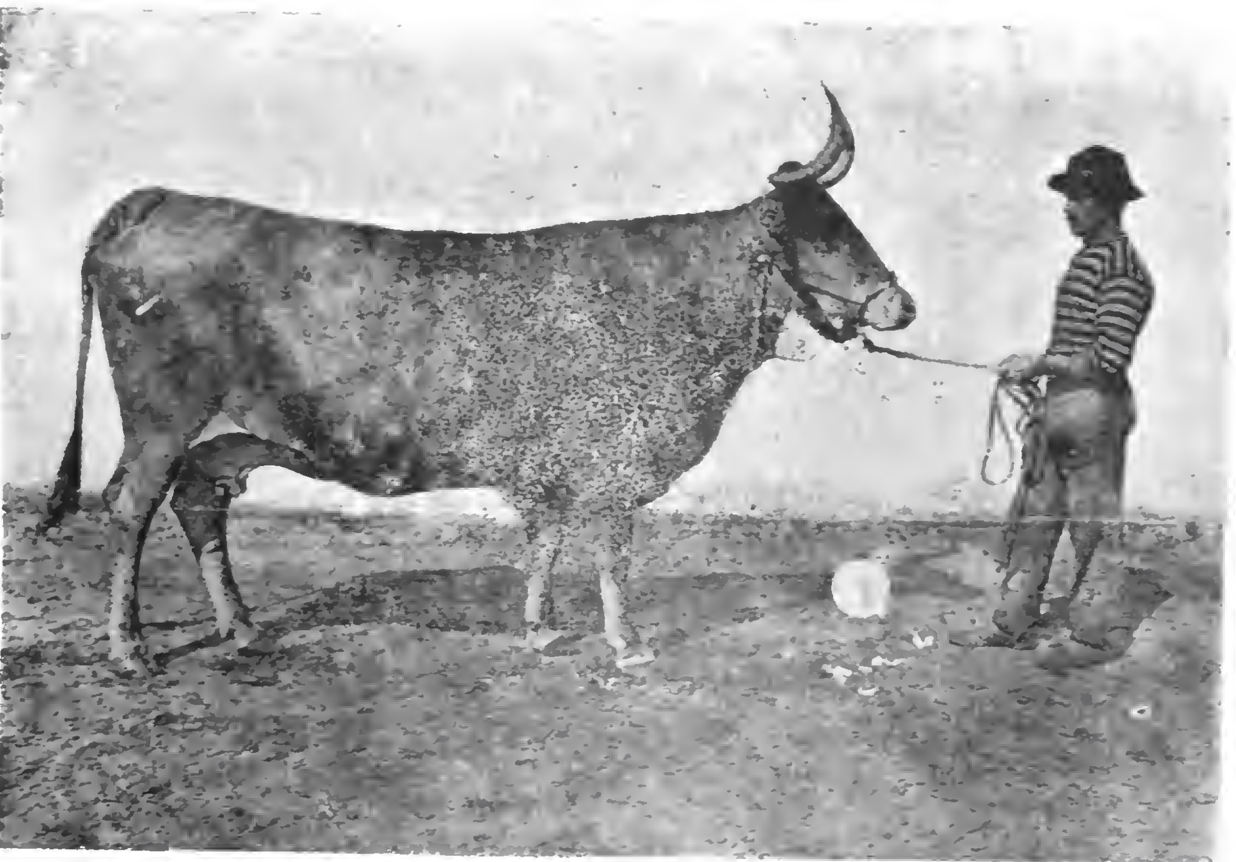
Arthur Diederichsen	Pontal	Japoneza	114
» »	»	Jurema	115

II classe — Raças estrangeiras

Primeiro grupo —

NOME DO PROPRIETARIO	PROCEDENCIA	NOME DO ANIMAL	NUMERO DO CATALOGO
Jardim da Acclimação	S. Paulo	S. Paulo	1
João de Godoy	Embahú	Fatalismo	18
Manoel Francisco de Oliveira	Capital	Manga	3
João de Godoy	Embahú	Paraiso	17
João Augusto Vaz	Capital	Amante	5

EXPOSIÇÃO DE ANIMAES DO E. DE S. PAULO



CAMPINEIRA — Vacca caracu, do Sr. Arthur Diederichsen — MEDALHA DE OURO


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16

PELLAGEM	RAÇA	PESO	IDADE	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Amarella.	Caracú	170	10 mezes	61	Medalha de bronze.
»	»	150	11 »	61	Idem idem.
»	»	320	1 anno e 9 mezes .	60	Idem idem.
»	»	330	1 anno e 11 mezes.	65	Idem idem.
»	»	340	2 annos	59	Desclassificada.
»	»	—	——	58	Idem.
Vermelha	»	—	——	45	Idem.

XIII série — Cruzamento Garonez-Caracú

grupo

Amarello.	Garonez-Caracú .	510	2 annos e 6 mezes .	90	Medalha de ouro.
»	» »	502	2 » » 6 »	90	Idem idem.
»	» »	460	2 »	88	Idem idem.
»	» »	509	2 » e 6 mezes .	85	Idem idem.

grupo

Amarella.	Garonez-Caracú .	496	2 annos e 6 mezes .	89	Medalha de ouro.
»	» »	360	2 »	87	Idem idem.

IV série — Raça hollandeza

TOUROS

PELLAGEM	RAÇA	IDADE	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Pintado de preto .	Hollandeza . . .	4 annos	91.5	Medalha de ouro.
» » » .	» . . .	2 » e 6 mezes .	87	Idem idem.
» » » .	» . . .	3 »	87	Idem idem.
» » » .	» . . .	2 » e 2 mezes .	86	Idem idem.
» » » .	» . . .	4 »	85	Idem idem.

NOME DO PROPRIETARIO	PROCEDENCIA	NOME DO ANIMAL	NUMERO DO CATALOGO
Henrique da Fonseca	Capital	Merito	16
Santo Frederico	»	Diamante	8
Agenor de Camargo	S. Bernardo	Tribuno	7
» » »	» »	Ipyranga	2
José Antonio Dantas	Capital	Gigante	10
Domingos da Costa	»	Capital	4

III grupo —

Alexandre da Fonseca	Capital	Oscar II	31
Francisco Gomes Leitão	»	Jagunço	30
» » »	»	Pintor	26
Silva & Irmão	»	Rio Branco	25
José Raposo de Mello	»	Brasil	27

IV grupo —

Jardim de Aclimação	Capital	Cesarina	165
Luiz da Silva	»	Baroneza	171
» » »	»	Marqueza	170
Theophilo Maciel	Martim Francisco	Cesarina	179
José Augusto Vaz	Capital	Calçada	175

III classe — Cruzamentos

II grupo —

Manoel de Souza Amaral	Capital	Normana	137
José Raposo de Mello	»	Flor	135
Silva & Irmão	»	Negrinha	133
Manoel Muniz do Amaral	»	Memoria	145
Esteropoli Domingos	»	Durloda	149
Manoel Lopes da Silva	»	Borradeira	144
Francisco de Mello Machado	»	Norma	138
Antonio de Arruda	»	Ifáana	140

EXPOSIÇÃO DE ANIMAES DO E. DE S. PAULO



MOGYANO — Garrote — garonez-caracú, do Sr. Arthur Diederichsen — MEDALHA DE OURO


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

PELLAGEM	RAÇA	IDADE	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Pintado de preto .	Hollandeza . . .	4 annos	79,5	Medalha de prata.
» » » .	» . .	4 » e 6 mezes.	75	Idem idem.
» » » .	» . .	3 » » 9 » .	72	Idem idem.
» » » .	» . . .	5 »	72	Idem idem.
» » » .	» .	6 »	68,5	Medalha de bronze.
» » » .	» . . .	6 »	65	Idem idem.

GARROTES

Pintado de preto	Hollandeza . . .	1 anno.	85	Medalha de prata.
» » »	» . . .	1 » e 10 mezes.	83,5	Idem idem.
» » » .	» . . .	1 » » 6 » .	80	Idem idem.
» » »	» . . .	2 annos . . .	80	Idem idem.
» » »	» . . .	1anno e 6 mezes .	65	Medalha de bronze.

NOVILHAS

Pintado de preto .	Hollandeza . . .	2 annos e 3 mezes.	93	Medalha de prata.
» » »	» .	1 anno » 5 » .	84,4	Idem idem.
» » » .	» . . .	1 » » 7 » .	81,3	Idem idem.
» » » .	» . .	1 » » 2 » .	77	Idem idem.
» » » .	» . . .	1 » » 5 » .	74,5	Idem idem.

X série — Raça hollandeza

VACCAS

Pintada de preto .	Hollandeza mestiça	6 annos	86	Medalha de ouro.
» » » .	» »	7 »	84	Medalha de prata.
» » » .	» »	6 » e 6 mezes.	83,5	Idem idem.
» » » .	» »	6 »	80,5	Idem idem.
» » »	» »	4 »	79,5	Idem idem.
» » »	» »	7	78	Idem idem.
» . » .	» »	7 » . . .	77,5	Idem idem.
» » »	» »	4 »	77	Idem idem.

NOME DO PROPRIETARIO	PROCEDENCIA	NOME DO ANIMAL	NUMERO DO CATALOGO
Manoel S. Gadelho	Capital	Mineira	131
Luciano de Mello Nogueira	E. Collina	. . . .	181
Manoel Muniz do Amaral	Capital	Cravina	135
Francisco Gomes Leitão	»	Norma	161
Francisco Medeiros Jordão	»	Completa	141
Francisco Mello Machado	»	Estrella	191
Justo Alegretti	»	. . . .	177
Eugenio Boehm	»	Dourada	201
José Corrêa dos Santos	S. José do R. Pardo	Pilintra	139
João de Godoy	Embahú	Juventude	143
Luciano de Mello Nogueira	E. Collina	. . . .	211
José Joaquim Corrêa	. . . .	Viola	116

I grupo —

Francisco de Mello Machado	Capital	. . . .	22
Clemente Pomfim	»	Brilhante	20
Francisco de Mello Machado	»	Tribofe	15
Joaquim de Godoy	Campinas	. . . .	13
Francisco de Mello Machado	Capital	Presente	19
José Augusto Vaz	»	Diamante	11
Manoel da Silva	»	Sultão	21
Nicola Salvo	»	Rio Grande	11
Manoel Alves	»	. . . .	6
Manoel Silva	»	. . . .	12

II grupo —

Antonio de Arruda	Capital	Meio Dia	32
Francisco Medeiros Jordão	»	Brasil	35
Serafim Leme Gadelho	»	Marquez	23
Victorio Basso	»	. . . .	24
Francisco Mello Machado	»	Ramalhete	30
. . . .	. . . .	. . . .	29
. . . .	. . . .	. . . .	28
Benedicto José de Andrade	Pirapitinguy	. . . .	34
» » »	»	. . . .	33

EXPOSIÇÃO DE ANIMAES DO E. DE S. PAULO



PAULO — Touro p. s. hollandez, nascido no Estado, 4 annos, pertencente ao Dr. Carlos Botelho — MEDALHA DE OURO


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
0 11 12 13 14 15 16

PELLAGEM	RAÇA	IDADE	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Pintada de preto .	Hollandeza mestiça	6 annos	74	Medalha de prata.
» » » .	» »	5 » e 6 mezes	69,5	Idem de bronze.
» » » .	» »	8 »	69,5	Idem idem.
» » » .	» »	5 » 6 mezes .	69	Idem idem.
» » » .	» »	7 »	68,5	Idem idem.
» » » .	» »	7 »	67	Idem idem.
» » »	» »	4 »	66,5	Idem idem.
» » vermelh	» »	5 »	65	Idem idem.
» » preto .	» »	6 »	60	Idem idem.
» » » .	» »	3 » e 2 mezes.	58	Desclassificada.
» » » .	» »	. . . .	56	Idem.
» » » .	» »	6 annos	51	Idem.

TOUROS

Pintado de preto .	Hollandeza mestiça	3 annos	86,7	Medalha de ouro.
» » » .	» »	4 » e 6 mezes.	85	Idem idem.
» » » .	» »	3 »	85	Idem idem.
» » » .	» »	4 » e 6 mezes.	84	Idem de prata.
» » » .	» »	2 » » 6 » .	82,5	Idem idem.
» » » .	» »	4 » » 6 » .	77,5	Idem idem.
» » » .	» »	2 » » 6 » .	71	Idem idem.
» » » .	» »	4 »	72	Idem idem.
» » » .	» »	5 » . . .	60	Idem de bronze.
» » » .	» »	4 »	50,5	Desclassificado.

GARROTES

Pintada de preto .	Hollandeza mestiça	11 mezes	83,5	Medalha de prata
» » » .	» »	11 »	79	Idem idem
» » » .	» »	2 annos	78,5	Idem idem.
» » » .	» »	2 »	74,5	Idem idem.
» » » .	» »	11 »	62,5	Idem de bronze.
» » » .	» »	1 anno . . .	56	Desclassificado.
» » » .	» »	1 » e 6 annos.	56	Idem.
» » » .	» »	1 »	50,5	Idem.
» » » .	» »	1 1	50,5	Idem.

IV grupo —

NOME DO PROPRIETARIO	PROCEDENCIA	NOME DO ANIMAL	NUMERO DO CATALOGO
Miguel Marota	Capital	Boneca	173
Francisco Gomes Leitão	»	Suzana	165
Francisco de Mello Machado	»	Cesarina	167
João de Godoy	Embahú	Saphena	151
Francisco de Mello Machado	Capital	Itapagipa	164
Francisco Gomes Leitão	Araraquara	Paulista	163
João de Godoy	Embahú	Fulgurancia	150
Manoel da Silva	Capital	Cigana	174
João de Godoy	Embahú	Diva	157
» » »	»	Dimnastia	153
Francisco Gomes Leitão	Araraquara	Normal	161
João de Godoy	Embahú	Opera	151
» » »	»	Tribuna	152
Seraphim da Silva Gadelho	Capital	Favorita	187
Agenor de Camargo	S. Bernardo	—	172
Francisco Gomes Leitão	Araraquara	Java	159
João de Godoy	Embahú	—	158
Manoel Raposo	Capital	Morena	176
Francisco de Mello Machado	»	—	168
João de Godoy	Embahú	Linda Flor	155
Francisco de Mello Machado	Capital	Bonina	169
João de Godoy	Embahú	Sensitiva	156
Antonio Cabral	Capital	Batuira	148
Escola de Pomologia	»	Esperança	180
Francisco Gomes Leitão	Araraquara	Nobreza	166
João Vaz Cardoso	Capital	Boneca	186
Francisco Gomes Leitão	Araraquara	Norma	160
Henrique da Fonseca	Capital	Alimosa	183
Francisco Gomes Leitão	»	Roseira	162
Domingos da Costa	»	Joia	182
João Cabral de Rezende	»	Jaguaná	178
Henrique da Fonseca	»	Violeta	185

EXPOSIÇÃO DE ANIMAES DO E. DE S. PAULO



MEDOC — Garrote garonez-caracu, do Sr. Arthur Diederischsen — MEDALHA DE OURO


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16

NOVILHAS

PELLAGEM	RAÇA	IDADE	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Pintado de preto .	Hollandeza mestiça	2 annos e 6 mezes.	86,5	Medalha de prata.
» » » .	» »	8 mezes	85,5	Idem idem.
» » » .	» »	1 anno e 7 mezes .	85	Idem idem.
» » » .	» »	1 » e 10 mezes.	85	Idem idem.
» » » .	» »	2 annos	84	Idem idem.
» » » .	» »	2 »	81	Idem idem.
» » » .	» »	2 » e 8 mezes .	81	Idem idem.
» » » .	» »	» »	80,5	Idem idem.
» » » .	» »	11 mezes	80	Idem idem.
» » » .	» »	1 anno e 10 mezes.	80	Idem idem.
» » » .	» »	2 annos	78	Idem idem.
» » » .	» »	2 » e 2 mezes .	81,5	Idem idem.
» » » .	» »	1 anno e 9 mezes .	79	Idem idem.
» » » .	» »	—	76	Idem idem.
» » » .	» »	2 annos	76	Idem idem.
» » » .	» »	3 »	75,5	Idem idem.
» » » .	» »	1 anno e 2 mezes .	75,5	Idem idem.
» » » .	» »	1 » e 6 » .	75,5	Idem idem.
» » » .	» »	1 »	74,5	Idem idem.
» » » .	» »	2 annos e 2 mezes.	74	Idem idem.
» » » .	» »	1 anno e 5 mezes .	71,4	Medalha de bronze.
» » » .	» »	2 annos e 3 mezes.	70,5	Idem idem.
» » » .	» »	3 »	70,5	Idem idem.
» » » .	» »	1 anno e 6 mezes .	69,5	Idem idem.
» » » .	» »	3 annos	69	Idem idem.
» » » .	» »	—	62	Idem idem.
» » » .	» »	1 anno e 10 mezes.	67	Idem idem.
» » » .	» »	11 mezes	66	Idem idem.
» » » .	» »	2 annos	65,5	Idem idem.
» » » .	» »	—	63	Idem idem.
» » » .	» »	11 mezes	62	Idem idem.
» » » .	» »	—	62	Idem idem.

II classe — Raças estrangeiras

I grupo

NOME DO PROPRIETARIO	PROCEDENCIA	NOME DO ANIMAL	NUMERO DO CATALOGO
Francisco Pereira Barreto	Villa Queimada	Javanez	40

II grupo

Francisco Pereira Barreto	Villa Queimada	Vanda	193

III grupo

Dr. José P. Tibiriçá	Capital	Violet's Prince	39

IV grupo

Francisco Pereira Barreto	Villa Queimada	Hiena	191
» » »	» »	Igará	192

III classe

IV grupo

Dr. Sebastião Ribas	Capital	Guatapará	195

XII serie

II grupo

Dr. Sebastião Ribas	Capital	Joia	196
» » »	»	Victoria	—

XII serie

I grupo

Companhia Agricola F. Dumont	Ribeirão Preto	Belleza	132

III serie — Raça Jersey

TOUROS

PELLAGEM	RAÇA	IDADE	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Preto fusco . . .	Jersey	6 annos e 6 mezes .	71	Medalha de bronze.

VACCAS

Preto-fusco . . .	Jersey	3 annos	65	Medalha de bronze.

GARROTES

Fusco	Jersey	1 anno e 4 mezes .	90	Medalha de prata.

NOVILHAS

Vermelha	Jersey	2 annos e 6 mezes.	78,5	Medalha de prata.
»	»	1 anno e 8 »	78,5	Idem idem.

Cruzamento Rei-polled

NOVILHAS

—	Red-polled . . .	21 mezes	60	Medalha de bronze.

Cruzamento Durham

VACCAS

Vermelha	Durhan mest. . .	12 annos	50	Desclassificada.
»	» »	—		

Cruzamento Hereford

VACCAS

Pintada de preto. .	Hereford .	4 annos . . .	72	Medalha de prata.

III classe — Cruzamentos

I grupo —

NOME DO PROPRIETARIO	PROCEDENCIA	NOME DO ANIMAL	NUMERO DO CATALOGO
Dr. Sebastião Ribas	Capital	Trovão	210

II grupo —

Eugenio Boehm	Capital	Grauna	212
Candido de Moraes Bueno	Jundiahy	Briquninha	189
Eugenio Boehm	Capital	Garça	190
Manoel Joaquim Gonçalves		Estrella	197

III classe

III grupo —

Emilio Siegrist	Resaca	Fidalgo	130

II grupo —

Emilio Siegrist	Resaca	Teteia	127
» »	»	Palmeira	126

IV grupo —

Emilio Siegrist	Resaca	Rola	129
» »	»	Noiva	128

III classe

II grupo —

Candido de Moraes Bueno	Jundiahy	Maravilha	125

III grupo —

Luperclo Teixeira de Camargo	S. Manoel	Rio Negro	122
Homero Thon	S. Bernardo	Uri	124
» »	» »	Glarus	123
Dr. Luiz Leite Junior	Jaguary	Jaguary	203

EXPOSIÇÃO DE ANIMAES DO E. DE S. PAULO



CRAVO — Garrote caracu do Sr. Joaquim Prudente Correa — MEDALHA DE PRATA


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16

IX série — Cruzamentos Jersey

TOUROS

PELLAGEM	RAÇA	IDADE	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Vermelho	Jersey mestiço . .	4 annos	65	Medalha de bronze

VACCAS

Preta	Jersey mestiça . .	3 annos	90	Medalha de ouro.
Fusca	» » . .	2 » e 6 mezes.	83	Idem de prata.
Amarella	» » . .	3 »	79,5	Idem idem.
. . . .	» » . .	4 » . . .	70	Idem de bronze.

IX série — Cruzamentos Simmenthal

GARROTES

. . . .	Simmenthal mestiço	11 mezes . . .	75	Medalha de prata.

VACCAS

. . . .	Simmenthal mestiça	5 annos . . .	74	Medalha de prata.
. . . .	» »	3 »	73	Idem idem

NOVILHAS

. . . .	Simmenthal mestiça	1 anno . .	76	Medalha de prata.
. . . .	» »	1 » e 10 mezes	64	Idem de bronze.

XI série — Cruzamentos Schwyz

VACCAS

. . . .	Caracú schwyz . .	5 annos . . .	85	Medalha de ouro.

GARROTES

Araçá	Schwyz caracú	1 anno. . . .	72	Medalha de prata.
Amarello claro . .	. . . .	1 »	62	Idem de bronze
Pintado de preto .	. . . .	1 » e 4 mezes.	57	Desclassificado.
Amarello fusco . .	Schwyz caracú . .	1 » » 11 » .	56	Idem.

IV grupo —

NOME DO PROPRIETARIO	PROCEDENCIA	NOME DO ANIMAL	NUMERO DO CATALOGO
Luperclo Teixeira de Camargo	S. Manoel	Jacutinga	121
» » » »	» »	Minerva	120
» » » »	» »	Sertaneja	119
Dr. Luiz Leitão Junior	Jaguary	Engraçada	103

II classe

I grupo —

Seraphim Leme da Silva	Rio Claro	Diamante	37
Vicente de Franco	Capital	Formoso	9

III classe

IV grupo —

Dr. Luiz Leite Junior	Jaguary	Colorida	102
» » » »	»	Campineira	99
» » » »	»	Boneca	109
» » » »	»	Predilecta	107

III classe — Cruzamentos

II grupo —

Antonio de Arruda	Capital	Belleza	200
Matheus Antunes	»	Roseira	204
Luciano de Mello Nogueira	E. Collina	—	203
» » » »	» »	—	209
João Alexandrino Nobrega	Sorocaba	Fartura	198
Dr. Sebastião Ribas	Capital	Camondongo	206
João de Castro Dias	—	Fartura	213

III grupo —

Dr. Sebastião Ribas	Capital	Guatapará	207

IV grupo —

Matheus Antunes	Capital	Roseira	204

NOVILHAS

PELLAGEM	RAÇA	IDADE	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Cinzenta	Schwyz caracú . .	1 anno . . .	80	Medalha de prata.
Amarella clara . .	» . .	1 anno e 2 mezes .	79	Idem idem.
»	» » . .	1 » e 1 mez . .	62	Medalha de bronze.
» fusco . .	» » . .	23 mezes . . .	62	Idem idem.

IV serie — Raça flamenga

TOUROS

—	Flamengo	3 annos	82	Medalha de prata.
Preta	»	3 annos e 2 mezes .	63,5	Medalha de bronze.

X serie — Cruzamento flamengo

NOVILHAS

Vermelha	Caracú flamenga	1 anno e 3 mezes .	76	Medalha de prata.
»	» » .	2 annos e 3 mezes .	75	Idem idem.
»	» » .	1 anno	72	Idem idem.
»	» » .	1 anno e 4 mezes .	70	Medalha de bronze.

II serie — Raças diversas

VACCAS

Vermelha . . .	—	5 annos	75	Medalha de prata.
Pintada de vermelho	—	10 »	58	Desclassificada.
—	—	10 »	55	Idem.
—	—	7 »	[illegible]7,5	Idem.
—	—	6 » . . .	49	Idem.
—	—	4 » e 6 mezes.	48,5	Idem.
—	—	—	—	Idem.

GARROTES

Preto e branco .	Bretão hollandez .	1 anno e 4 mezes .	59	Desclassificado

NOVILHAS

—	—	11 mezes	68,5	Medalha de bronze.

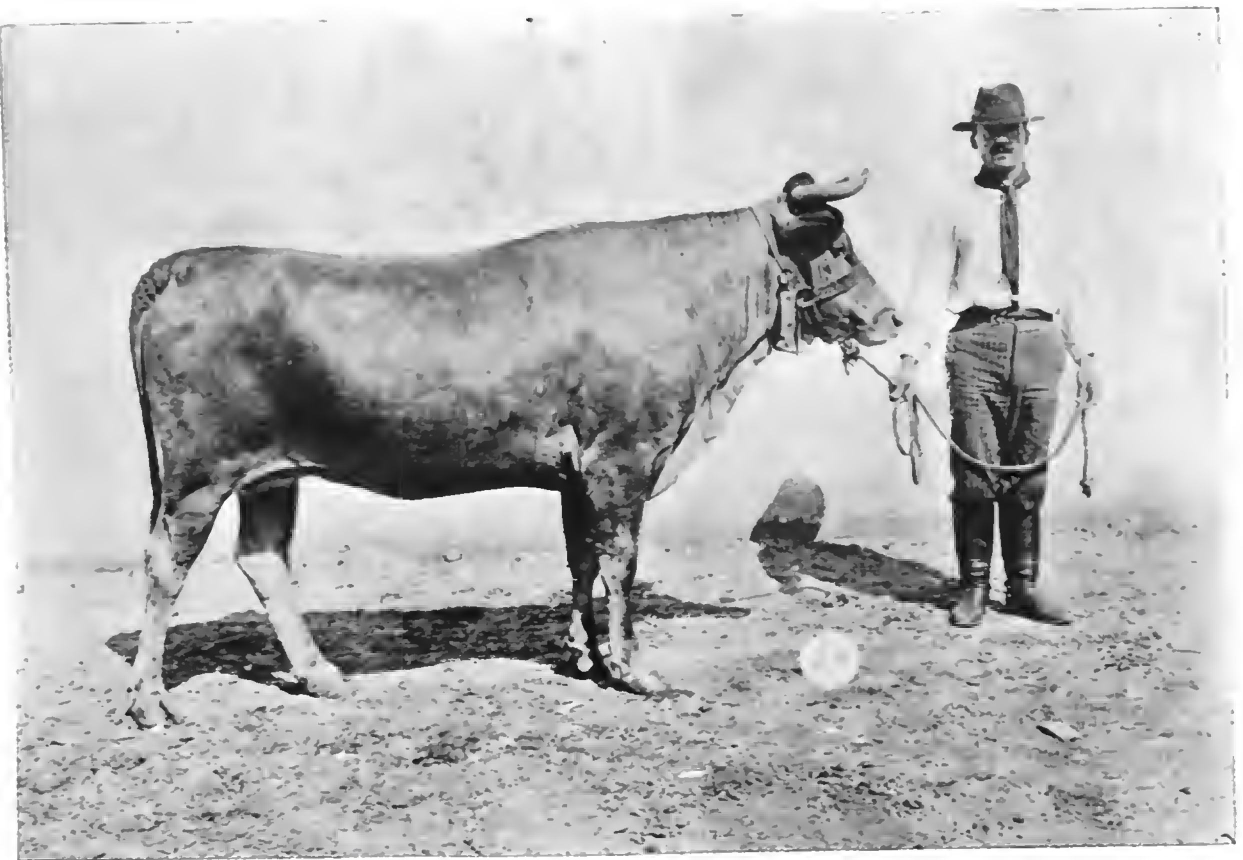
II—Loto da raça hollandeza

NUMERO			
159	Novilha	75	
161	»	78	
163	»	81	Francisco Gomes Leitão.
166	»	69	Capital.
160	»	67	Média 76,6.
162	»	65,5	Modalha de prata
205	»	65,5	
30	Garroto	83,5	
191	Vacca	67	
138	»	77,5	Francisco de Paula Machado.
167	Novilha	85	Capital.
164	»	81	Média 77,9.
169	»	71,4	Medalha de prata.
19	Touro	82,5	
150	Novilha	82	
157	»	81,5	
153	»	80	João de Godoy.
152	»	79	Embahú.
151	»	81,5	Média 79,7 — 80.
155	»	77	Medalha de ouro.
156	»	70,5	
18	Touro	87	

III loto da raça 1/3 sangue Simmenthal

130	Garroto	75	Emile Siegrist.
127	Vacca	71	Rosaca.
126	»	73	Média 72,5.
128	Novilha	65	Medalha de prata.
129	»	76	

EXPOSIÇÃO DE ANIMAES DO E. DE S. PAULO



CAMURÇA — Vacca caracu, do Sr. Joaquim Floriano de Toledo — Medalha de prata


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

IV Categoria

I — Lotes de raça Caracú

NUMERO		IDADE	PONTOS	
62	Vacca Hollandua . . .	4 1/2 annos . . .	91,5	
63	» America	5 » . . .	90,5	
64	» Planta	5 » . . .	85	
65	» Dourada. . . .	4 » . . .	88	Joaquim Prudente Corrêa.
66	» Pitarguera . . .	3 annos 3 mezes .	91	Sarandy.
67	» Raposa	5 »	78	Média 85,5.
68	» Jupara	5 »	76	Medalha de ouro.
82	Novilha Jandyra . . .	26 mezes	83,5	
83	» Gavota . . .	3 annos	85,5	
41	Touro Massaranduva. .	3 » 9 mezes . .	86	
73	Vacca Capineira . . .	6 1/2 annos . . .	91,5	
74	» Indiana	5 annos	75	
75	» Douradilha . .	5 1/2 annos . . .	87	Arthur Diederichsen.
76	» Jupyra	4 annos	83	Pontal.
86	Novilha Palestina . . .	3 »	83	Média 83,3.
87	» Lindoia. . . .	4 »	85	Medalha de ouro.
88	» Cecy.	18 mezes	70	
45	Toupo Himalaya . . .	3 annos	83	
81	Novilha Igualdade. . .	42 mezes	75	
69	Vacca Assucena . . .	7 annos	90	Joaquim Floriano de Toledo.
70	» Dourada. . . .	6 »	82	Estação do Toledo.
71	» Divisa.	6 »	78	Média 78,1.
72	» Jurema	6 »	75	Medalha de prata.
80	» Camurça . . .	5 »	74	
42	Touro Brinquinho . . .	8 » . . .	75	
77	Vacca Minerva	6 annos	84	
78	» Faceira	3 1/2 annos . . .	82,5	Reinaldo Salles de Oliveira.
89	Novilha Aramina . . .	42 mezes . . .	75	Eng. Brodowsky.
90	» Campanha III .	23 » . . .	60	Média 75,1
118	» Alliança . . .	19 » . . .	63	Medalha de prata.
47	Garrote Jupiter	19 » . . .	83	

EQUIDEOS — Dentre os 12 cavallares premiados com medalha de ouro, é justo mencionar «Hidalgo», um bello animal, de côr alazão douradilho, de frente aberta, propriedade da viuva Antonio Botelho, de S. Carlos; «Figaro», tordilho negro, do Dr. Theodoro de Carvallo, de Araraquara; «Caramurú», tordilho achamalotado, filho do cavallo «Brazil» que o general Julio Roca offereceu ao então presidente da Republica Dr. Campos Salles. «Caramurú» é propriedade do coronel Paulo Orozimbo; «Monte Negro» garboso animal de côr tordilho apatacada, crina e cauda abundante, propriedade do Dr. Luiz Pinto, de Sarandy. Todos garanhões nacionaes.

Das eguas expostas, destacamos entre outras «Wanda», do Dr. Sebastião Ribas, «Lontra» de côr baia libuna, crina e cauda preta, do Sr. Emilio Siegrist.

Dos expositores de muares foi o coronel José Paulino Nogueira, de Campinas, quem apresentou o melhor lote de 4 burros e 2 bestas.

VARIOS PRODUCTOS — O Dr. Carlos Botelho, expoz 90 fardos de alfafa produzida em sua fazenda da Estação da Colonia, municipio de S. Carlos, e fez funccionar, no recinto da Exposição, com completo exito, uma prensa para enfardar alfafa, movida por um animal. E' depositaria desta machina, a firma W. Martin Maddoch, estabelecido na capital paulista, á rua da Quitanda n. 2.

Os Srs. Rombauer & Comp. e o Kalisyndicat, desta capital, expuzeram, respectivamente, «Saloxo», sal especial para o gado e folhetos, estatisticas e photographias de propaganda de seus adubos,

JULGAMENTO E PREMIOS — O julgamento foi feito por pontos, regulando para optimo, de 100 a 85; para bom, de menos de 85 a 70 e para regular, de menos de 70 a 60.

Os animaes que não attingiram a este ultimo numero foram desclassificados.

Os meritos dos criadores foram reconhecidos pelas medalhas de ouro, prata e bronze que lhes foram conferidas pela seguinte:

Commissões de Julgamento

1ª SECÇÃO-BOVIDEOS

Dr. Horace M. Lane.
Coronel Serafim Leme da Silva.
Coronel Bento Bicudo.
Dr. Herculano de Freitas.
Dr. N. Athanassof.
Dr. S. Tolkowsky.

EXPOSIÇÃO DE ANIMAES DO E. DE S. PAULO



DOURADA — Vacca caracu do Sr. Joaquim Floriano de Toledo — MEDALHA DE PRATA


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

2ª SECÇÃO-EQUIDEOS

Conde de Prates.
Coronel João Carlos Leite Penteado.
Dr. Francisco Villela de Paula Machado.
Dr. José de Souza Queiroz.
Dr. Sebastião Ribas.
Dr. Augusto Fomm.
Capitão Frederico Stattmüller.

3ª 4ª E 5ª SECÇÕES-SUINOS, CAPRINOS E OVINOS

Dr. Emilio Castello.
Dr. Paulo E. de Souza Nogueira.
Dr. Martiniano Medina.

A commissão julgadora da 1ª secção (bovideos) deu o seguinte resultado: animaes optimos 29, bons 114, regulares 53 e 30 desclassificados.

O jury dos equideos achou: 13 animaes optimos, 52 bons, 39 regulares e 12 desclassificados. O jury das 3ª, 4ª e 5ª secções (suinos, caprinos e ovinos) tambem encontraram 13 animaes optimos, 37 bons e 20 regulares.

Lista dos equideos premiados

MEDALHAS DE OURO

NUMERO DO CATALOGO	NOMES	ANIMAES	EXPOSITORES
2	Monte Negro. .	Garanhão	Dr. Luiz Pinto.
26	Caramurú. . .	»	Coronel Paulo Orozimbo.
25	Figaro	»	Dr. Theodoro de Carvalho.
32	Hidalgo . . .	»	Viuva Antonio de Arruda Botelho.
40	Beduino . . .	Potro	Dr. José V. de Almeida Prado.
57	Cacique . . .	»	João Franco Mourão e Irmão.
104	Raio . . .	»	Dr. José de Souza Queiroz.
46	Kalifa	»	Dr. Almeida Prado e Irmão.
142	Baccarat . . .	»	Dr. José V. de Almeida Prado.
45	Kirsch	»	Dr. Almeida Prado e Irmão.
37	Destino . . .	»	Sebastião Ferraz Sampaio.
57	Traviata . . .	Egua	Jardim de Acclimação.

MEDALHAS DE PRATA

NUMERO DO CATALOGO	NOMES	ANIMAES	EXPOSITORES
5	Cravo	Garanhão	Magino Diniz Junqueira.
33	Bigode	»	Sociedade Anonyma Usina Esther.
92	Bismark . . .	Cavallo castrado.	Rodrigo Alves Nogueira.
73	Negro	» » . .	Aureliano Amaral.
89	Ary.	» » . .	João do Amaral Mello.
90	Marechal . . .	» » . .	José Albano Ferraz.
109	Zephiro . . .	» » . .	Dr. Antonio A. F. Cintra.
86	Cereno	» » . .	Coronel Elisiario Ramos de Camargo.
85	Mimoso. . . .	» . . .	Idem.
41	Bock	Potro	Dr. José V. de Almeida Prado.

NUMERO DO CATALOGO	NOMES	ANIMAES	EXPOSITORES
38	N. N.	Potro	Sebastiao Ferraz Sampaio.
31	Marechal . . .	Garanhão	Dr. Rodrigo Pereira Barreto.
87	Pangaré . . .	... .	Coronel Elisiario Ramos de Camargo.
88	Dourado . . .	... .	Idem.
7	Plutao. . . .	... .	Dr. Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque.
9	Montenegro . .	... .	Idem.
50	Beduina . . .	Egua	Coronel Luciano de Aguiar Vallim.
45	Gemma . . .	... .	Idem.
35	Wanda. . . .	... .	Dr. Antonio Vieira Marcondes.
60	Lontra. . . .	... .	Emilio Siegrist.
53	Zazá	... .	Dr. José V. de Almeida Prado.
16	Argolia. . . .	... .	Dr. Antonio A. F. Cintra.
10	Vanda	... .	Dr. Sebastião Ribas.
54	Joia.	... .	Dr. Francisco de Salles Camargo.
49	Borboleta . . .	. . . . . .	Capitão Manuel Garcia.
94	Marietta . . .	... .	Jardim de Acclimação.
95	N.N.	... .	Idem.
58	Foscarina . . .	... .	Dr. José V. de Almeida Prado.
62	Traviata . . .	... .	Dr. Procopio Davidoff.
44	Aracy	... .	José Joaquim Corrêa.
34	Traviata . . .	... .	Dr. Luiz Leite Junior.
96	Valente . . .	Burro	João Franco Mourão e Irmão.
97	Amazonas. . .	Besta	Dr. Luiz Leite Junior.
80	Platina. . . .	... .	José de Campos Salles.
79	N.N.	... .	Coronel José Paulino Nogueira.
78	N.N.	... .	Idem.
74	N.N.	Burro	Idem.
75	N.N.	... .	Idem.
77	N.N.	... .	Idem.
76	N.N.	... .	Idem.
20	Gioconda . . .	Egua	Dr. Antonio F. A. Cintra.
21	Brisa	... .	Idem.
113	Timbyra . . .	Cavallo castrado. .	dem.

NUMERO DO CATALOGO	NOMES	ANIMAES	EXPOSITORES
110	Plutão. . . .	Cavallo castrado. .	Dr. Antonio F. A. Cintra.
106	Oriente. . . .	» » . .	Idem.
107	N.N.	» » . .	Idem.
59	Jugurtha . . .	Potro	Coronel Paulo Orozimbo.
68	Brunette . . .	Jumenta	Idem.
65	N.N.	Jumento	Joaquim José de Andrade.
66	N.N.	»	Idem.
63	Moreno. . . .	»	Dr A. Pires de Carvalho e Albuquerque.
67	Cubano. . . .	»	Idem.

Resumo

Garanhoes	11
Eguas	18
Potros	10
Cavallos castrados	11
Burros	5
Bestas	4
Jumentos	4
Jumentas	1

Além destes apresentaram-se á Exposição mais 54 animaes premiados com medalhas de bronze e outros não classificados.

LEILÃO — No primeiro dia que se iniciou o leilão, venderam-se 32 animaes, que produziram 9:010$000. Nesse primeiro leilão foram vendidos bovideos caracús dos Srs. Joaquim Prudente Corrêa, Joaquim Floriano de Toledo e Reinaldo de Salles Oliveira. Foram tambem vendidos, em particular, varios cavallos e eguas, por bons preços.

Eis, em ligeiro resumo, o que foi a Exposição de Animaes, levada á effeito pela Sociedade Paulista de Agricultura, no recinto do Posto Zootechnico de Moóca. Ao terminarmos as presentes notas, como Orgão da Sociedade Nacional de Agricultura, cuja Directoria se fez representar naquelle certamen por um dos seus membros, felicitamos á nossa co-irmã por mais este titulo de benemerencia a reunir aos muitos que já tem conquistado em prol da Agricultura Paulista.

Exposição de animaes e productos industriaes em Jaguarão

Em Jaguarão, Estado do Rio Grande do Sul, teve logar no corrente mez a exposição de animaes e productos industriaes.

Segundo noticias telegraphicas que tivemos, a alludida exposição encerrou-se a 15 do actual, obtendo um exito surprehendente.

Todos os reproductores expostos, foram vendidos.

Obtiveram medalhas de ouro, os Srs. Barão de Tavares Leite, Zeferino Lopes de Moura, Mauricio Dutra da Silveira, Raul Moreira e Agenor Garcia, expositores de gado de varias especies.

Os Srs. Gabriel Leite & C., expositores de linguas e carnes em conserva e sangue dessecado; Gonçalves & C., de arroz e a Sra. Alice Leivas, expositora de pecego em calda, alcançaram premios de igual quilate.

A renda total da exposição produzio oitenta e sete contos de réis, quantia bastante elevada para a zona onde ella teve logar,

A Sociedade Nacional de Agricultura congratula-se com os executores de tão elevado e proveitoso certame, deixando-lhes aqui de manifesto os mais vehementes applausos, as mais effusivas felicitações a que muito merecidamente têm direito.



A LAVOURA NO ESTRANGEIRO

As plantações de heveas em varios paizes tropicaes.

A *Ceylon Handbook and Directory*, para 1909-1910, sob a autoridade de Mr. Fergusson, publicou informações acerca das plantações e exploração de *heveas*:

Ellas relacionam-se mais especialmente ás plantações de *Seringueiras* na ilha de Ceylão e na região da Insulinda onde a *Hevea* extende grandemente a sua área de cultura.

Achamos interessante reproduzir o relevo approximativo das plantações de *Seringueiras* existentes actualmente nas diversas regiões tropicaes, segundo as avaliações dos autores:

	Acres
Peninsula Malasia	188.000
Ceylão	184.000
Bornéo e Nova Guiné	10.000
Java	60.000
Sumatra	32.000
India e Burnéa	30.000
Mexico	25.000
Brasil	8.000
Venezuela	5.000
Equador	2.500
Panamá e Centro America	3.900
Natal e Rhodesia	150
Africa Tropical	38.000
Antillhas Inglezas	3.000
Nova Guiné e archipelago do Sul	3.000
Total	592.550

Para dar um ideia da evolução da *Hevea*, no Ceylão, basta notar que essas plantações occupavam menos de 750 acres nesta ilha em 1896; esta superficie era avaliada em 11.000 acres em 1904, em 1905 essa área era de 39.383 acres, em 1906 augmentou para 103.756, em 1907 accresceu para 146.632, chegando em 1908 a 180.000 acres e até 1° de julho de 1909 a 184 000.

Nesta ultima data as plantações de *Hevea* do Pará extendiam-se em realidade sobre 217.554 acres, porém, convem operar uma reducção sobre 67.056 acres de plantações de chá e 18.698 acres misturados de cacaueiros. A *Hevea* não é cultivada de maneira exclusiva no Ceylão sinão sobre 131.800 acres. Os principaes districtos seringueiros da Ilha, são, na ordem de sua importancia, os do valle de Kelani, de Kulatra, de Ratnafura, Kegalla, de Galle, de Kurunegala, de Matale, Hafutale e outros.

A exportação de borracha em Ceylão não tinha ultrapassado de 400 toneladas em 1908, porém as previsões de m. Fergusson elevam esse algarismo a 550 toneladas em 1906, e a 1.200 toneladas em 1910 e certamente a 10.000 em 1914.

Esses senhores estimam para 1915 uma producção de 12.000 toneladas resultado da exploração de 20 milhões de arvores na razão de uma libra e 1/8 por pé.

A peninsula Malasia exportaria pela mesma época 20.000 toneladas por anno.

As Indias Neerlandezas e o sul da India 6.000 toneladas, algarismos que seriam finalmente desdobrados em 1920.

Essas previsões conduzem os autores a anteverem a eventualidade de uma enormissima super producção de borracha e a aconselharem as sociedades a deterem momentaneamente as plantações de *Heveas*.

Os Estados Unidos e sua agricultura

Desde 1850 o valor das exportações dos Estados Unidos não cessou de augmentar, estacionando apenas um pouco durante a guerra, para recomeçar com mais vigor depois de 1866. Durante o periodo de 1882-1890 os agricultores americanos experimentaram uma intensa crise provocada pela baixa geral dos preços dos cereaes na Europa; esta crise acabou em 1891, anno de soberba colheita nos Estados Unidos e que coincidiu com uma pessima colheita nos paizes europeus. De então para cá a prosperidade da agricultura norte-americana augmentou constantemente, pois que, se o valor das exportações agriculas em relação ás exportações totaes enfraqueceu, a diminuição em valor absoluto pouco sensivel foi, apesar do augmento consideravel do consumo interno. O desenvolvimento das superficies cultivadas, de trigo, milho e aveia, a contar de 1890, foi, expresso em milhões de hectares:

	Trigo	Milho	Aveia
1890	14.6	29.1	10.1
1895	13.8	33.2	11.3
1900	17.2	33.7	11.1
1905	19.1	38.0	12.2
1906	18.9	39.1	12.3
1907	18.0	40.4	12.7
1908	18.5	40.8	12.8

Em 1865 a superficie semeada de trigo era de 4.075:000 hectares, em 1890 elevou-se a 14.615.000 ou seja um augmento de perto de 258,6 %; hoje passa de 18 milhões, o que representa para os ultimos 17 annos um novo augmento de 23,1 %. A superficie cultivada de milho, que foi de 13.770:000 hectares em 1865, elevou-se a 29.148.000 em 1900, isto é, augmentou 111,6 %; está hoje em 40.800:000 ou seja desde 1890 um acrescimo de 39 %. A da aveia foi de 3.240:000 hectares em 1865, 10.583:090 em 1890 e 12.800:000 em 1908.

A exportação annual do trigo, do milho e da aveia varia, naturalmente, segundo as colheitas; é interessante porem observar que o augmento da producção tem sido tal que pôde compensar, largamente, o acrescimo das necessidades occasionado pelo augmento da população. De 1890 a 1908 a producção do trigo progrediu 65 %, a do milho 77 % e a da aveia 50 %; a dos tres cereaes em 1908 alcançou um total de 1.485 milhões de hectolitros, augmentando em 17 annos 608 milhões.

Os productos horticolas, de jardins e as fructas conservaram-se por muito tempo inferiores aos da Europa, quer em qualidade, quer em quantidade. Mas, ha alguns annos, os progressos nestes ramos de cultura tem sido enormes nos differentes Estados, sobretudo na California, que se tornou grande productor de fructos e legumes para conserva.

Apezar dos maravilhosos resultados obtidos na producção indigena a importação de generos agricolas nos Estados Unidos é consideravel, principalmente de assucar, que provem de Cuba, Indias Orientaes, Hawai e Allemanha, de café que vai do Brasil na maior parte, chá da China, Japão e Indias Inglezas e fibras vegetaes, fructas frescas, fumo, vinho, azeite, cacau etc. de diversas origens.

Muito embora os recursos e a variedade do seu clima, os Estados Unidos são ainda tributarios para alguns productos de muitos paizes estrangeiros; mas, a producção do vinho, fumo e assucar progrediu rapidamente, podendo antever-se o dia em que a importação cesse.

Quanto ao algodão, durante os vinte primeiros annos que precederam a guerra de secessão, a sua producção constituiu um verdadeiro monopolio e ainda hoje, apezar de outros paizes, como o Egypto, a India, o Brasil terem desenvolvido em larga escala a cultura algodoeira, os Estados Unidos continuam a ser o grande centro productor dessa materia prima. Pouco tempo depois da guerra civil a producção nivelou com a anterior, no decurso dos ultimos annos progrediu, embora irregularmente. Em 1908 foi de 1.647 milhões de kilos.

No que respeita a gados os resultados do recenseamento annual acusam, em 1908, um acressimo sensivel e geral, como se vê do seguinte quadro:

	1890	1908
Cavallar.	14.237.827	19.992.000
Muar	2.331.027	3.869.000
Bovino	52.801.907	71.272.000
Ovino	44.336.072	54.631.000
Suino.	51.607.780	56.084.000

O Texas, o Illnois e o Viscouscin são os Estados mais ricos em producção cavallar. A applicação da tarifa Dingley, que taxa a lã bruta importada em 50 % do seu valor, produziu um desenvolvimento consideravel dos ovinos, avaliando-se a producção actual da lã em 135 milhões de kilogrammas.

A riqueza agricola americana foi avaliada pelo Secretario da Agricultura, em seu relatorio do referido anno de 1908, em mais de 14.000 mil contos de réis, equivalendo a quatro vezes o valor dos productos mineraes, comprehendendo não só o ouro como o petroleo.

Esses dados são extrahidos do relatorio do Secretario de Agricultura americano, como sempre, muito interessante, contendo, além de dados estatisticos os mais cabaes e minuciosos, resultados de muitas investigações proveitosas aos agricultores, de experiencias culturaes e de melhoramentos dos solos, aperfeiçoamento dos gados, luta contra os parasitas, trabalhos dos laboratorios, applicação das leis fiscaes sobre os productos alimentares, etc.

Apicultura

A criação de abelhas é industria assaz adiantada e generalisada na Europa e nos Estados Unidos, merecendo activa protecção, directa e indirecta, dos governos.

Na Suissa o Departamento Federal da Agricultura tem auxiliado fortemente as sociedades agricolas ; mais de 120 estações, subvencionadas pelo Estado, dedicam-se ao ensino da apicultura, mediante conferencias e demonstrações praticas.

Na Italia o ministerio de agricultura subvenciona varios Institutos de ensino agricola. Em muitas escolas praticas de apicultura se professam cursos dessa especialidade e tambem nas academias de ensino superior de agronomia. O Estado confere subvenções a varios institutos e distribue gratuitamente colmeias e publicações de propaganda.

Na Alsacia Lorena o Estado tambem subvenciona o ensino e propaganda da apicultura; funccionam alli mais de 80 estações, fazem-se frequentes exposições, distribuem-se colmeias gratuitamente, e mesmo um corpo de professores ambulantes ensina e propaga os processos da apicultura racional.

Igual instituição, de professores ambulantes especialistas, tem o Wuttemberg, ha muitos annos, o que foi imitado por toda a Allemanha, onde florescem mais de 200 sociedades.

Na Hungria a organização desse serviço dispõe de um inspector geral do ensino e de varios auxiliares regionaes. O orçamento do Estado concorria com 58.450 corôas para fomentar o desenvolvimento da industria da criação de abelhas. O ministerio da agricultura criou em Godollo um instituto agricola, dispondo de 25 hectares de terra, onde se cultivam plantas nectariferas, que alimentam um colmeial experimental de cerca de 400 colmeias; ahi se professam dous cursos muito importantes, um de dous annos para formar mestres apicultores, outro de dous mezes destinado a professores primarios, amadores etc. Ha um internato gratuito, costeada toda a despesa pelo governo.

Na França, Belgica e nos Estados Unidos não é inferior a solicitude official pelo incremento da apicultura.

A revista *Chacaras e Quintas*, de S. Paulo, pondera: «Nos varios paizes da Europa uma colmeia normal produz annualmente cerca de 20 kilos de mel, verdade é que em condições e annos excepcionaes esta producção pode alcançar 50 e mesmo 100 kilos. Ora, verificamos em Piracicaba que numa colmeia normal, posta em funccionamento em agosto, a producção em dezembro já alcançava 150 kilos de mel e, em vista de prolongar-se a estação mellifera até abril, tudo nos leva a crer que a producção total media para uma unica estação deve alcançar, pelo menos, os 150 kilos».



NOTICIARIO

Favores á agricultura — Eis o decreto e regulamento para a concessão de favores destinados á cultura do trigo e outras:

O presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, tendo em vista a necessidade de dar execução ás disposições que se contêm na lei n. 2.049, de 31 de Dezembro de 1908, combinadas com o artigo 30, *alinea* B, da lei n. 2 221, de 30 de Dezembro de 1909, com referencia á concessão de premios e outros favores ás culturas do trigo, do cacaueiro, da oliveira e outras culturas novas, resolve approvar o regulamento que a este acompanha, assignado pelo ministro de Estado dos Negocios da Agricultura, Industria e Commercio.

Rio de Janeiro, 17 de março de 1910, 89º da Independencia e 22º da Republica.

Nilo Peçanha.

Rodolpho Nogueira da Rocha Miranda.

REGULAMENTO A QUE SE REFERE O DECRETO N. 7.909, DE 17 DE MARÇO DE 1910

Art. 1º. — Será concedida a subvenção annual de 15:000$, paga em prestações trimensaes, durante o prazo de cinco annos, a contar da publicação do presente regulamento, de accordo com a lei n. 2.049, de 31 de Dezembro de 1908 combinada com o art. 30, *alinea* B, da lei n. 2.221, de 31 de Dezembro de 1909:

a) aos syndicatos e cooperativas agricolas organizados, respectivamente, conforme o decreto n. 6.532, de 20 de junho de 1907, e lei n. 1.637, de 5 de Janeiro do mesmo anno;

b) ao agricultor que satisfazer as prescripções da lei n. 2.049, de 31 de Dezembro de 1908, embora não esteja filiado a syndicato ou cooperativa agricola;

c) aos immigrantes localizados em nucleos coloniaes, que se dedicarem á cultura do trigo e puderem, por associação de esforços entre si, preencher as condições estabelecidas no presente regulamento;

d) a quem quer que estabeleça moinho hydraulico, a vapor ou do melhor systema e moer, pelo menos 1.000 hectolitros de trigo colhido em lavoura propria.

Art. 2º. — Para effectividade da subvenção de que trata o artigo primeiro, devem as plantações de trigo satisfazer as seguintes condições:

a) abranger área superior a duzentos hectares;

b) ser dirigidas por pessoa de reconhecida competencia e pratica comprovada.

Art. 3º. — Terão direito á subvenção de 20:00$ durante cinco annos, a contar da publicação do presente regulamento, as uniões de syndicatos ou cooperativas, constituidas conforme o disposto no artigo 40 do regulamento a que se refere o decreto n. 6.532, de 20 de Junho de 1907, quando estabelecerem campos de experiencia, demonstração, laboratorios de entomologia, phytopathologia, microbiologia, agricolas.

Paragrapho unico. — Os programmas desses laboratorios devem ser modelados pelos dos laboratorios congeneres fundados pelo governo federal quando os houver,

ou serão submettidos á approvação do ministro da Agricultura, Industria e commercio.

Art. 4º — Aos syndicatos, cooperativas, agricultores e immigrantes localizados em nucleos coloniaes, que se dedicarem á cultura do cacaueiro e oliveira, em zonas onde não se cultivem systematicamente essas plantas, será concedido, de uma só vez, um premio de 500$000 por milheiro de cacaueiros e oliveiras, plantados após a publicação do presente regulamento e logo que cheguem ao periodo da fructificação.

Art. 5º — No caso de culturas novas que mereçam, por sua importancia economica, ser premiadas, o ministro, arbitrará na forma do presente regulamento, os premios que deverão ser concedidos aos que se dedicarem.

Art. 6º — Gosarão de isenção de impostos aduaneiros, conforme o art. 5º da lei n. 2.049, de 31 de Dezembro de 1908, as machinas, adubos, insecticidas, etc., de que trata o mesmo artigo, destinados aos campos de experiencia e demonstração, laboratorios, etc., quando fundados de accordo com o art. 3º deste regulamento, mediante requerimentos dos presidentes de uniões de syndicatos ou cooperativas aos inspectores das alfandegas ou mesas de rendas.

Art. 7º — Um anno depois de entrar em execução o presente regulamento, o governo providenciará para que, no Estado onde existam syndicatos, cooperativas, agricultores ou immigrantes, localizados em nucleos coloniaes, subvencionados de accôrdo com a lei n. 2.049, de 31 de Dezembro de 1908, e art. 30, *alinea* B, da lei ns 2.221, de 30 de Dezembro de 1909, sejam seus productos preferidos nas concurrencias publicas federaes.

Art. 8º — Mediante accôrdo com as estradas de ferro, empresas de navegação e outros meios de transporte, o governo procurará reduzir os fretes dos productos do trigo.

Art. 9º — O Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio fiscalizará a applicação dada ás subvenções e outros favores a que se refere o presente regulamento, por intermedio dos inspectores agricolas e seus ajudantes.

Art. 10 — Na fiscalização a que se refere o artigo anterior, cabe aos inspectores agricolas e seus ajudantes:

a) velar pela fiel observancia do presente regulamento, tendo em vista as condições necessarias á concessão das subvenções e de outros favores de que trata a lei n. 2.049, de 31 de Dezembro de 1908, combinada com o art. 30, *alinea* B, da lei n. 2.221, de 30 de Dezembro de 1909;

b) attender a que o syndicato, cooperativa, agricultor ou immigrantes, localizados em nucleos coloniaes, que tenham sido subvencionados, se dediquem ao plantio do trigo, cacaueiro, oliveira ou a culturas novas, como serviço organizado e não como ensaios de cultura;

c) verificar se são cumpridas as leis que regem os syndicatos e cooperativas, em relação ás associações subvencionadas;

d) realizar cursos ambulantes, de feição pratica, sobre as culturas do trigo, cacaueiro, oliveira e outras culturas novas;

e) fomentar e dirigir propaganda em favor da cultura do trigo, ministrando aos agricultores instrucções praticas sobre a escolha dos terrenos, preparo das terras, variedades e selecção das sementes apropriadas, épocas da semeadura, praticas culturaes, adubação, rotação, das culturas, etc.;

f) exercer vigilancia sobre a conservação das mattas nas zonas destinadas ao plantio do trigo, mórmente das que occuparem os pontos mais elevados;

g) apresentar trimensalmente ao ministro, por intermedio do director do serviço de Inspecção, Estatistica e Defesa Agricolas, relatorio detalhado da fiscalização que lhes é attribuida pelo presente regulamento.

Art. 11 — As associações, agricultores ou immigrantes, localizados em nucleos coloniaes, que receberem subvenção, serão obrigados a:

a) prestar ao Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, á Directoria do Serviço de Inspecção, Estatistica e Defesa Agricolas, á Directoria Geral de Estatistica e ao Ministerio da Fazenda, por intermedio dos inspectores agricolas e seus ajudantes, as informações que lhes forem solicitadas;

b) communicar aos mesmos funccionarios quaesquer observações interessantes sobre a cultura do trigo, relativamente ás variedades de sementes que devem ser preferidas e tudo que disser respeito ao assumpto;

c) apresentar annualmente aos alludidos fiscaes relatorio minucioso dos serviços executados durante o anno, com informações detalhadas sobre os estudos realisados e os resultados colhidos;

d) facilitar aos agricultores as visitas aos campos de cultura, laboratorios e postos meteorologicos, prestando-lhes informações detalhadas sobre todos os assumptos que se relacionarem com a cultura do trigo.

Art. 12 — A fiscalização a que se refere o art. 9º poderá ser exercida, a juizo do ministro, por um fiscal e um ajudante, especialmente nomeados para esse fim, os quaes ficarão dependentes da Directoria de Inspecção, Estatistica e Defesa Agricolas.

Art. 13 — O fiscal e o ajudante de que trata o artigo anterior perceberão respectivamente os vencimentos annuaes de 12:000$000 e 8:400$000, com direito á diaria de 10$000, o primeiro e de 8$000 o segundo quando em viagem por motivo de serviço.

Art. 14 — As duvidas que se suscitarem na execução deste regulamento serão resolvidas pelo ministro de Estado dos Negocios da Agricultura, Industria e Commercio.

Rio de Janeiro, 17 de Março de 1910.— *Rodolpho Miranda.*

Prospecto da Sociedade Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira — (DE RESPONSABILIDADE LIMITADA) — Sob os auspicios da Sociedade Nacional de Agricultura do Brasil, das Camaras de Commercio de Catania, Syracusa e da Liga entre negociantes e industriaes da Provincia de Syracusa, as sociedades entre os productores agrarios de Syracusa, Noto, Vittoria, Comiso, Terranova, Spaccaforno, Avola, Chiaramonte-Gulfi, Augusta, Floridia, Modica, Ragusa, Scicli, Paternó, Francofonte, Monterosso, Giarratana; as casas italianas de productos agricolas Marquez de Rudini, Comm. E. Rizza, Comm. Nocera, G. Puglisi Reale, Fiaccavento Rizza, Barão G. Bonanno, Melfi Melfi, Macarroni Ferrarotto Irmãos, d'Agata & Filhos, Conde de Cammarata, Antoci Giunta, Associação « A Camerina » de Vittoria, Giacobini & Filhos, Dr. Torres Alta, De Salvo & Filhos, todas representadas pelo Dr. DE STEFANO PATERNO'; e mais o Dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello, Bhering & C., Carlos Pareto,

& C., L. Lapiani e M. Gondolo, Carlos Raulino, Corrêa Pacheco e outros, constituem nesta cidade do Rio de Janeiro uma cooperativa sob a denominação de: SOCIEDADE COOPERATIVA POPULAR DE CONSUMO ITALO-BRASILEIRA.

— A sua duração será de 20 annos, podendo esse prazo ser prolongado por deliberação da assembléa até 30 annos.

— A «COOPERATIVA» terá sua séde central e fôro na cidade do *Rio de Janeiro*, abrirá filiaes na mesma Capital e Succursaes nos Estados da Republica.

— A COOPERATIVA adopta por emblema os escudos nacionaes do Brasil e da Italia, com os respectivos pavilhões entrelaçados por uma fita com o distico: COOPERATIVA ITALO-BRASILERA.

— A SOCIEDADE COOPERATIVA se constitue de accôrdo com o decreto federal n. 1.637, de 5 de Janeiro de 1907, cujas disposições, conjunctamente com as do decreto n. 437, do 4 de Julho de 1891, serão subsidiarias deste Estatuto.

— E' uma sociedade de responsabilidade illimitada, de fórma anonyma.

FINS DA COOPERATVA E SUA ORGANIZAÇÃO

— O fim essencial da COOPERATIVA é suavisar a existencia dos socios, barateando-lhes, tanto quanto possivel, todos os generos de primeira necessidade; com esse fim:

— Abrirá na Capital Federal um deposito central com filiaes nos lugares que forem julgados convenientes e succursaes nos Estados da Republica, para a venda, — por atacado e a varejo — de todos os generos de consumo existentes nos seus depositos.

— Cuidará que os generos importados da Italia ou de outras procedencias estrangeiras e os recebidos das colonias nacionaes ou de cooperativas conservem sempre o typo que mais satisfaça as exigencias do mercado. Entrará em accôrdo com a «Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil» e outras associações congeneres do paiz no intuito de organizar o auxilio reciproco.

— Promoverá nos nucleos coloniaes do Brasil a organização de syndicatos e cooperativas agricolas, com as quaes manterá relações commerciaes, concorrendo dest'arte para o progresso economico dos mesmos nucleos.

— Importará directamente dos centros productores da Italia e de outras nacionalidades, de fórma que a vantagem realizada nos preços de compra redunde em beneficio dos socios da COOPERATIVA.

— Hostilizará por todos os meios ao seu alcance a entrada no mercado dos generos adulterados, falsificados ou avariados, servindo-se para essas averiguações das analyses chimicas feitas com antecedencia nos centros de producção e confirmadas pelo Laboratorio Nacional de Analyses.

— Exigirá dos exportadores que o acondicionamento das mercadorias satisfaça a hygiene e a esthetica, com o minimo de despesa.

— Envidará todos os esforços para obter das companhias de navegação e das estradas de ferro a maior facilidade para o transporte das proprias mercadorias.

— Communicará mensalmente aos socios, por meio de boletins, a tarifa dos preços de todos os generos postos á venda nos armazens da COOPERATIVA, preços que vigorarão durante todo o mez seguinte.

— Occupar-se-á tambem da exportação de productos brasileiros, taes como: o café, cacau, as fructas indigenas, etc., pondo-se em relação com as cooperativas de

consumo daquelle e de outros paizes e bem assim com as principaes fabricas industriaes e casas commerciaes que se dedicam a esse ramo de negocio.

CAPITAL SOCIAL

— O capital será illimitado e variavel e representado por acções do valor de 20$ cada uma.

SOCIOS OU ACCIONISTAS

— Qualquer pessoa, nas condições do direito, bem como as firmas sociaes, corporações ou associações de qualquer genero poderão fazer parte da COOPERATIVA, desde que forem acceitas pela directoria e subscreverem uma ou mais acções.

— Todas as Cooperativas ou outras associações que quizerem ter transacções com a COOPERATIVA POPULAR DE CONSUMO ITALO-BRASILEIRA devem ser della accionistas.

— São direitos dos accionistas:

— Tomar parte em todos os trabalhos da Assembléa Geral;

— Votar e ser votado, na fórma dos Estatutos;

— Gosar das vantagens de dividendo, premios e outras que lhes são attribuidas nos Estatutos.

— As viuvas, os filhos e quaesquer outros herdeiros de accionistas fallecidos continuarão a gosar as mesmas vantagens e identica situação de que elles gosavam na COOPERATIVA, se quizerem continuar accionistas e como taes forem acceitos pela directoria.

— Caso não queiram ser accionistas ou não possam ser por impedimento de direito ou recusa da directoria, poderão liquidar a parte que do capital social competia aos fallecidos, sem prejuizo das responsabilidades, conforme o ultimo balanço do anno do fallecimento, não se computando nessa parte nenhuma quota do fundo de reserva, a que só tem direito a Sociedade.

— Os curadores dos socios interdictos poderão optar pela liquidação ou pela continuação dos seus curatelados na COOPERATIVA, nas condições acima mencionadas.

— São deveres dos accionistas:

— Subscrever e pagar no acto da admissão pelo menos, uma acção de 20$000 e a joia de 5$000;

— Satisfazer as prescripções estabelecidas neste Estatuto;

— Cumprir escrupulosamente os compromissos pecuniarios tomados para com a COOPERATIVA ou para com terceiros, por intermedio desta.

— Perde os direitos de accionista:

O que voluntariamente renunciar, feita a declaração por escripto;

— O que, sem motivo justificado, a juizo da directoria, deixar de satisfazer qualquer das disposições antecedentes; os que por qualquer forma prejudicarem os interesses sociaes e os que forem condemnados por crimes infamantes.

— A exclusão do accionista será deliberada pela directoria, ouvindo o conselho fiscal, lavrando-se termo no livro a que se refere o art. 17 do decreto federal n. 1637, de 5 de Janeiro de 1907, seguindo-se as formalidades prescriptas no art. 18 do dito decreto.

— O accionista demissionario ou excluido, fica pessoalmente responsavel, nos limites das condições com que foi admittido, por todos os compromissos contrahidos antes do fim do anno em que se realisou a demissão ou exclusão.

— Esses accionistas têm o direito de receber a parte que lhe compete no acervo social, capital e lucros.

— Das decisões da directoria haverá recurso para a Assembléa Geral, que resolverá soberanamente, e quando accionistas, reprezentando, pelo menos, um decimo do capital social, entenderem necessaria a convocação da mesma assembléa, poderão requerel-a da directoria, apresentando as razões justificativas.

ACÇÕES DIVIDENDOS, INSCRIPÇÕES, BENEFICIOS

— O pagamento das acções será effectuado no acto da subscripção junto com a taxa de admissão de 5$000.

— No acto do pagamento do valor das acções e da taxa de admissão, o accionista receberá uma cautela ou titulo, assignada por dois membros da Directoria.

— A COOPERATIVA terá em sua séde um livro aberto, numerado e rubricado pela Junta Commercial, no qual serão lançados o nome, cognome, profissão e domicilio dos accionistas, data de sua admissão e conta corrente.

— As acções são intransferiveis, salvo autorisação da directoria.

— O accionista receberá no acto da inscripção uma cadernota com o numero de matricula, devidamente assignada pelo director secretario.

— Os accionistas terão direito, na medida das compras feitas nos armazens sociaes, a uma porcentagem nos lucros da COOPERATIVA.

— O dividendo correspondente ás acções será pago em dinheiro semestralmente.

— O accionista possuidor de uma até 20 acções terá direito a um voto; de 21 até 50 acções a dois votos; de 50 até 100 acções a tres votos; de 101 acções em deante a mais um voto por grupo de 100 acções até 12 votos, numero que não poderá ser excedido nem pelo accionista por si, nem como procurador de terceiros accionistas.

— Sempre que o accionista queira receber em acções o equivalente dos dividendos e dos lucros a que tem direito, deve solicital-o da directoria que poderá attendel-o.

VENDAS

— Os armazens serão franqueados ao publico em geral e suas mercadorias vendidas a dinheiro, salvo:

— Aos socios que apresentarem fiadores idoneos, devendo neste caso o credito ser semanal ou mensal, conforme fôr estabelecido de accôrdo com o fiador, e não podendo exceder da importancia fixada na carta de fiança;

As entidades moraes, taes como repartições publicas, escolas, etc, cabendo ao gerente do armazem a obrigação de normalizar essas transacções e cuidar da liquidação das mesmas;

— As firmas commerciaes, mediante letra ou conta assignada, quando fôr expressamente autorizada pela directoria, ou nas succursaes dos Estados, por quem fizer suas vezes.

A ninguem mais se farão vendas a prazo.

— A COOPERATIVA publicará mensalmente o Catalogo das Mercadorias existentes nos armazens com os respectivos preços.

— A COOPERATIVA facilitará o fornecimento annual, mensal ou semanal que lhe fôr solicitado, de qualquer dos productos da *Exposição Permanente de Productos Italianos* no Rio de Janeiro ou de qualquer outro que achar conveniente, sendo as suas condições tratadas com o gerente da COOPERATIVA.

— As reclamações de qualquer natureza deverão ser dirigidas á directoria.

As inscripções de acções são feitas na casa Carlo Pareto & C^a^. (Rua 1° de Março 35), onde serão tambem recebidas as importancias das mesmas, todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

A COMMISSÃO

Representante dos organizadores:

DR. WENCESLÁO BELLO
Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

CARLOS PALOS, da casa Pareto & C^a^.

Coronel JOSÉ CORRÊA PACHECO.

Dr. DE STEFANO PATERNO'
Representante das Sociedades de Agric. e Industria da Italia.

Eng. JOÃO PEDREIRA DO COUTO FERRAZ JUNIOR.

NICOLÁO PENTAGNA.

VICTOR POLVER.

11 de Março de 1910.

Séde: Avenida Central 243.

Café moido—Pelo Sr. coronel Luiz Gonzaga de Azevedo, inspector do Thesouro do Estado, foi enviado o seguinte officio ao Sr. administrador da Recebedoria do Estado de Minas Geraes na Capital Federal:

«Tenho a honra de communicar a V. Ex., para os devidos effeitos, que pelo art. 39 da lei n. 1.197, de 29 de Dezembro de 1909, ficou isento do imposto addicional de exportação de 20 por dentro, »ad valorem», criado pelo artigo primeiro da lei n. 1.127, de 25 de Agosto de 1908, o café torrado ou moido que fôr exportado para a Capital Federal, ou para os Estados da Republica, ficando elevado a 30 por cento o abatimento do peso do envolucro, a titulo de taxa.»

O valor do café—Damos a seguir os valores totaes do café sahido nos annos civis abaixo especificados, em comparação com os valores do café Santos, posto a bordo, segundo os dados apurados pelo Serviço de Estatistica Commercial:

	Totaes contos	Sómente Santos	para Santos
1908.	368.285	275.094	74 %
1907.	453.764	310.776	75 »
1906.	418.399	306.355	73 »
1905.	321.681	218.557	67 »
1904.	391.587	253.087	64 »
1903.	384.257	241.318	63 »
1902.	409.840	279.163	68 »
1901.	509.598	342.537	67 »
1900.	465.591	300.302	64 »

A média da porcentagem para o café Santos é, portanto, superior a 68 %, isto é, cerca de sete decimas partes do valor total da exportação do café, posto a bordo e em moeda nacional.

Café e borracha—Não é sem causa que se attribuem a estes dous principaes artigos da producção nacional mais de tres quartas partes do valor da nossa exportação para o estrangeiro.

Com effeito, confrontando-se os algarismos da exportação total com os concernentes ao café e á borracha, acha-se a confirmação dos que sustentam ser ainda agora, e por muito tempo, o Brazil—café e borracha.

Excluimos dos algarismos abaixo as especies metallicas e notas de bancos estrangeiros (declaradas).

Annos	Exportação geral	Café	Borracha
1904.	776.367:418$	391.587:529$	221.104:680$
1905.	685.456:606$	321.681:261$	223.174:217$
1906.	799.670:295$	418.399:734$	210.284:551$
1907.	860.890:882$	453:764:571$	217.504:288$
1908.	705.790:611$	368.285:424$	188.357:983$

Reunindo as duas rubricas café e borracha, ainda em confronto com o valor total da exportação, acha-se a seguinte porcentagem para aquelles dous artigos:

Annos	Exportação geral	Café e borracha	%
1904.	776.367:418$	612.692.209$	78
1905.	685.456:606$	550.854:478$	80
1906.	799.670:295$	628.684:285$	78
1907.	860.890:882$	671.268:859$	78
1908.	705.790:611$	557.613:407$	78

A média, portanto, nestes cinco annos, do valor do café e da borracha na importancia total das exportações, é de 78,4 %, porporção de veras formidavel e á qual deve o Brazil mais de dous terços das suas cambiaes.

Só o Estado de S. Paulo contribue com cerca de 40 % para o valor total da exportação brazileira.

Algodão — No porto do Rio, durante o anno findo entraram 229.135 saccos, a 80 kilos, de algodão em rama, tendo sido o *stock* anterior (31 de Dezembro de 1908) de 12.430 saccos. As entregas para consumo foram de 223.445 saccos, ficando um *stock* de 18.120.

Cultura da bananeira — Segundo dados colligidos pelo Sr. Julio Conceição, o municipio de Santos tem, actualmente 3.124.000 touceiras de bananeiras.

Para a safra no corrente exercicio calcula-se que o total de cachos vá a 3.480.000, sendo: 500.000 touceiras, producção média de 180 cachos por 1.000 ao mez, 12 mezes, 1.080.000: 1.000.000 de touceiras, producção média de 120 cachos, nas mesmas condições, 1.440.000; 500.000 touceiras, producção média de 60 cachos, 360.000; 730.000 touceiras, primeira producção de bananaes novos, 200.000; 394.000 touceiras, do municipio de S. Vicente, com exportação por Santos, 400.000 cachos.

Herva-matte — Durante o anno de 1909 foi esta a exportação de hervamatte, de producção do Estado do Paraná:

Para a Republica Oriental		10.441.731
Para a Republica do Chile		485.314
Para a Republica Argentina: beneficiada.	23.672.936	
Cancheada	3.396.581	27.069.517
Total.		37.996.562

Xarque — Durante o anno de 1909 entraram no porto do Rio de Janeiro 395.827 fardos com 34.639.950 kilos de xarque, tendo sido a reexportação de 20.956 fardos com 1.886.040 kilos.

Os preços extremos foram de 480 a 810 réis.

Conferencia sobre a Bovino — pecuaria na Argentina — Perspectiva da Industria no Brasil. — O Sr. Dr. Eduardo Cotrim, conhecido proprietario da Fazenda Campo Bello, profundo e versado em assumptos pecuarios, e com conhecimentos praticos pouco communs, realizou no dia 20 do corrente no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, uma conferencia tendo como thema: *a Bovino pecuaria na Argentina — Perspectiva da industria no Brasil.*

A sua conferencia que foi ouvida com a maxima attenção, por um auditorio selecto e numeroso, durou cerca de duas horas, e a impressão recebida por todos os ouvintes, interessados e conhecedores do assumpto, foi a melhor possivel.

A Sociedade Nacional de Agricultura que havia pedido a S.S. relatar as suas impressões acerca do que visse na Argentina sobre a pecuaria, durante a sua viagem de estudo alli — sente-se deveras desvanecida pelo modo porque S.S. attendeu ao seu pedido, e vale-se da opportunidade para agradecer sincera e effusivamente a S.S. a honra com que a enalteceu.

Em tão subido valor estimou a mesma Sociedade o notavel trabalho do distincto Dr. Cotrim que, a titulo de propaganda, vai mandar proceder a impressão do mesmo, afim de ser distribuido em folhetos pelos interessados.

Antes, porém, que os nossos leitores possam deleitar-se com a leitura de tão preciosissimo trabalho, vamos tentar um ligeiro transumpto delle.

Começa dizendo S.S. que em desobriga do compromisso assumido para com a Sociedade Nacional de Agricultura ia referir o que havia visto e observado, na Republica Argentina, tentando tirar dessa observação as conclusões que lhe parecessem mais naturaes, tendo em vista sobretudo a nossa industria pecuaria tão mal encaminhada.

Ia limitar, porém, o seu estudo á industria pecuaria bovina, deixando de parte o aspecto economico geral da questão, a industria da carne, do leite e o serviço de defesa agropecuaria, assumptos tantos e tão multiplos que podem constituir thema para uma exposição desenvolvida.

Promette fazer de cada um delles assumpto para outras tantas conferencias, collimando sempre o objectivo de esclarecer ao espirito criador brasileiro, esclarecendo-o nos processos postos em pratica pelos criadores Argentinos, assignalando as luctas, vantagens e os resultados altamente remuneradores que a mesma industria está proporcionando aos capitaes empregados nos campos do Rio da Prata.

Ventilando a essencia da questão — *aspecto economico da bovino-pecuaria na Argentina e sua perspectiva no Brasil* — põe S. S. em evidencia, além das vantajosas condições technicas e climatericas com que a natureza favoreceu a esse Paiz, a razão porque os capitaes da velha Europa avidos de collocação e resultado remunerador se foram encaminhando para os campos da Republica Argentina em vez de o fazerem para o Brasil.

A razão, diz S.S., era o espantalho da febre amarella no Rio de Janeiro, a metropole da peste, a terra da desolação e da morte, como era então conhecido o Brasil no estrangeiro.

Collocados que foram esses primeiros capitaes na alludida Republica, e em face da remuneração conveniente que alcançarem, uma attracção naturalmente se fez de outros muitos, e, no fim de poucos annos a affluencia deu em resultado o pasmoso colosso de riqueza que faz a admiração de quantos o vão observar de perto.

Além disso, bom clima, terra fertilissima, campos extensos, capitaes faceis, braços vigorosos dirigidos por cabeças em que o estimulo da riqueza absorvia todas as preoccupações; e, mais ainda, a vantagem que a Argentina soube tirar da situação geographica de Buenos Ayres, como o emporio commercial escolhido para fornecimento das tropas alliadas quando que foi da guerra contra o Paraguay, em

que só o Brazil deixou alli para mais de 100 mil contos — todos esses elementos, por fim, congregados não podiam falhar e o resultado ahi está hoje patente aos olhos do mundo.

Acha a S. S. que o criador como o agricultor brasileiro, o industrial como o commerciante, todo aquelle que tenha um pouco de noção do trabalho e dos negocios, devia fazer um passeio áquelle paiz.

Na observação dos processos seguidos pelo visinho, o industrial se reanima o commerciante concebe novos meios de desenvolver o seu negocio, o agricultor e o criador sentem-se bem orientados tirando da observação os mais uteis ensinamentos.

Melhorando nos ultimas metades do seculo passado, o gado existente, a Argentina se collocou em posição invejavel que todos lhe reconhecem.

Só em 1887, os criadores argentinos empregaram £ 1:800.000 na compra de reproductores capazes de melhorar os seus animaes. Isso corresponde a 28.800 contos da nossa moeda.

As importações, apesar da producção nacional, continuam, tanto que nos primeiros 10 annos do seculo actual entraram, só em reproductores bovinos, 8254 cabeças.

As vendas de animaes reproductores são quasi quotidianas, e um animal de bôa filiação é disputado, nos leilões, a peso de ouro.

Precisa S.S. com algarismos o ultimo recenseamento agropecuario que dá á Argentina 222174 estabelecimentos ruraes occupando uma area de 1167955 de kilometros quadrados.

Põe em relevo as modificações que se passaram na percentagem do gado puro, do melhorado e do creoulo, diminuindo este cerca de 10 % por anno decorrido e augmentando aquelle cento por cento no espaço de 14 annos.

Explanando o illustre conferente a questão da alimentação racional do gado — assignala como se fez a transformação dos pastos duros primitivos em outros macios, cobertos de gramineas e leguminosas mais tenras e apropriadas e dá em algarismos a area de terrenos occupados por alfafaes em 1905 e 1908 havendo para esta uma differença a maior de pasmar.

Faz então o Sr. Dr. Cotrim um estudo comparativo entre as condições climatericas d'aqui e de lá applicadas á cultura da alfafa, salientando os beneficios que nosso sentido já prodigalizam a criação os Estados de S. Paulo e Rio Grande do Sul.

Acha, porém, que não é uma necessidade premente para nós, como o foi na Argentina, a transformação dos campos em alfafaes ; e isso porque as nossas forragens naturaes offerecem uma variedade de alimentação que auxilia á precocidade e a tendencia á engorda dos animaes.

A questão da agua julga-a entre nós, resolvida, o que não acontece aos nossos visinhos.

Pergunta S. S. que é que se tem feito aqui para melhorar o gado bovino ? . . .

Importa-se o Zebú da India na persuasão de que é essa a solução mais rasoavel do problema pecuario quando não passa do maior erro que se póde commetter.

Profliga tal solução, motivada pelo insuccesso da importação de animaes melhorados das bôas raças européas, e lamenta o erro em que labora o Estado de Minas que muito se ha de arrepender em futuro bem proximo.

Acha que se deve estudar a natureza dos obstaculos á entrada dos animaes finos e a sua adaptação nos mesmos campos.

Conheçam-se os meios de destruil-os e o ambiente estará preparado para receber esses elementos de aperfeiçoamento do nosso gado trazendo-nos um futuro mais feliz do que igualmente se considera.

Estuda em seguida minuciosamente o Sr. Dr. Cotrim a questão da sub divisão das pastagens, da construcção de cercas de arame, e conclue a sua conferencia mostrando a possibilidade de poder o Brasil em futuro não remoto abastecer mercados européos com bôa e magnifica carne de gado vacum.

Centro Economico do Rio Grande do Sul.—O Dr. Wencesláo Bello, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura recebeu do presidente do Centro Economico do Rio Grande do Sul o seguinte telegramma datado de 20 do corrente: «O Centro Economico, representando a Federação das Associações Ruraes, Syndicatos e Cooperativas Rio-Grandenses, vos convida insistentemente a virdes tomar parte em seu primeiro congresso a inaugurar-se a onze de junho em Porto Alegre. Vinde com vossa competencia, dedicação e alma riograndense dirigir e amparar nossos trabalhos. Saudações cordeaes. Alvaro Nunes Pereira, presidente».

O Dr. Bello acceitou o honroso convite e seguirá para Porto Alegre no dia 4 de junho proximo.



EXPEDIENTE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Horto da Penha

VISITANTES NO MEZ DE MAIO

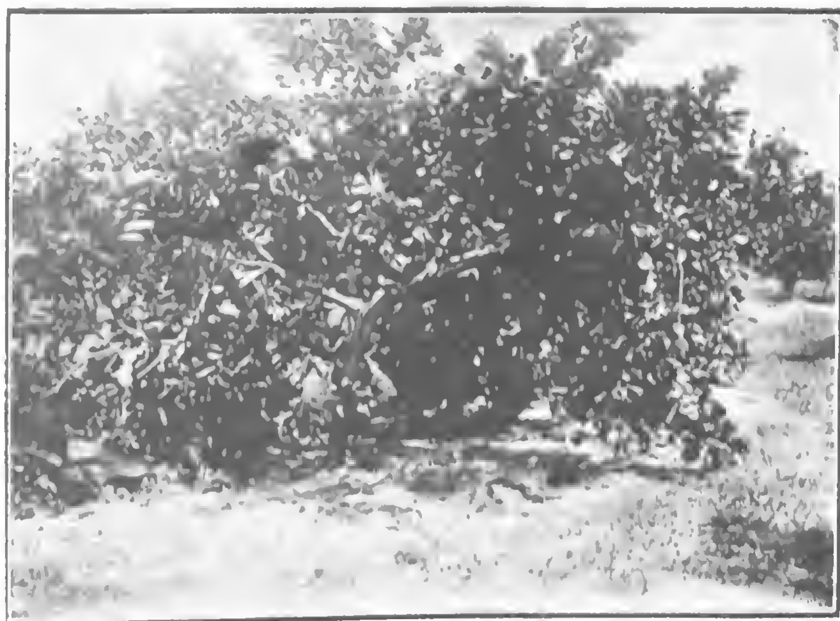
Fortunato Alves Pereira.
Cristino Pereira.
Dr. Jacques Dias Maciel.
Osmindo Oliveira Moraes.
João C. Rocha Cabral.
Enéas da Rocha Carvalho.
Zozimo da Silva Werneck.
Dr. Francisco Azarias de Queiroz.
Alberto de Andrade Queiroz Botelho.

HORTO DA PENHA



Canna Uba

HORTO DA PENHA



Uma Laranjeira cultivada com adubo chimico


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15 16

Secção Technica

O Sr. Antonio Paiva, desejando comprar uma propriedade, deseja saber o que significam as expressões *alqueire* e *tarefa* e quanto valem em metros ou hectares.

R — Chama-se por convenção *alqueire* á area de terreno em que se póde plantar um alqueire, isto é, 40 litros de sementes.

Nos Estados do sul admite-se dois typos para o alqueire agrario. Assim é que em S. Paulo e Paraná elle corresponde á area de 50 braças de frente e 100 de fundo, ou 5.000 braças quadradas, o que é igual a 5.000 braças quadradas ou 24.200 metros quadrados ou ainda igual a dois hectares 42 ares, emquanto no Rio Grande do Sul, Minas, Espirito Santo e Rio de Janeiro o alqueire corresponde a 100 braças de frente por 100 de fundo que vale 10.000 braças quadradas, que é igual a 48.400 metros quadrados ou ainda a quatro hectares 84 ares.

No Estado da Bahia a medida agraria tem a designação de *tarefa*, o que equivale a 900 braças quadradas (30 × 30) que equivale a 4.356 metros quadrados, de sorte que um hectare equivale, approximadamente, á 2 ¼ tarefas.

Nos Estados de Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Maranhão, a medida agraria é denominada *quadra* e corresponde a 100 braças de frente por 100 de fundo, igual por consequencia ao alqueire do Rio de Janeiro, Minas e Rio Grande do Sul.

E' repetida esta resposta por sahir truncada e incompleta no numero da *Lavoura* de março.

P — O Sr. Alfredo Guedes, de Alagôas, pergunta, como se pratica o enxerto de borbulha, nas laranjeiras.

R — Para operar a enxerta de borbulha, praticamos da maneira seguinte:

Começa-se por destacar da larangeira, que se quer enxertar, uma porção de casca munida de um gomo ou borbulha bem sazonado. Procura-se levar junto com a casca uma porção do alburno no ponto que corresponde ao gomo; esta parte destacada é a que toma o nome de borbulha ou escudo.

Este escudo deve ter pelo menos uma pollegada de comprimento. Separa-se depois muito cuidadosamente com a espatula da enxertadeira sem tocar na base da borbulha a porção do alburno que vem com a casca.

Fazem-se então na casca do cavallo, que deve ter de um a dois annos, duas incisões, uma horizontal, outra vertical e inferior a primeira em forma de T; com a espatula da enxertadeira despega-se e se levanta a casca de um e outro lado da incizão vertical, e entre ella e o alburno se introduz o escudo já preparado, fazendo que o seu bordo superior fique bem chegado ao bordo da incizão horizontal do cavallo; tornando-se a unir sobre o escudo os dois lados que resultam da incisão vertical. Isto feito amarra-se com uma embira macia, de forma que não vá tocar na borbulha.

Passados alguns dias, oito a dez pelo menos, examina-se a amarração, afim de verificar se está muito apertado o que prejudica o enxerto. No fim de 15 a 20 dias desamarra-se por completo.

Logo que a borbulha arrebente ou aponte, corta-se o cavallo um palmo acima da incisão.

Chama-se enxerto o ramo ou borbulha que se implanta; cavallo, sujeito ou patrão a planta que recebe o enxerto.

A enxertadeira é um canivete com duas folhas, uma recta e outra curva, com uma espatula no cabo.

Paulino Cavalcanti, Superintendente do Horto da Penha.

Secretaria

MEZ DE ABRIL DE 1910

Correspondencia recebida

Cartas	811
Officios de Governos	16
» de particulares	6
Telegrammas	5
Circulares	38
	876

Correspondencia expedida

Cartas	338
Officios a Governos	15
Officios a particulares	5
Telegrammas	13
Circulares	445
Diplomas	19
Estatutos	73
Distinctivos	9
Boletim «A Lavoura»	6.119
	7.036

Secção de fornecimentos

MEZ DE ABRIL DE 1910

Arame farpado e grampos

Pedidos satisfeitos		100
Rolos de 40 k^s	3.109	
» de 26 k^s	1.566	4.675
Metragem		1.500.378
Grampos para cerca, — kilos		3.471

Custo

No mercado	67:700$000
Fornecido pela Sociedade	46:815$560
Economia realizada pelo socio lavrador	20:284$440

—

Rectificação por ter sahido com engano no numero passado

MEZ DE MARÇO DE 1910

Aramo farpado e grampos

Pedidos		76
Rolos de 40 ks	2.142	
» de 26 ks	1.680	4.822
Metragem		2.132.404
Grampos — kilos		5.582

Custo

No mercado	50:631$360
Fornecido pela Sociedade	36:587$420
Economia verificada pelo socio lavrador	14:043$940

Secretaria da Sociedade Nacional de Agricultura, em 20 de maio 1910.—*Carlos de Castro Pacheco*, Chefe da Secretaria.

Secção das Applicações Industriaes do Alcool, movimento de propaganda no mez de abril de 1910

Foram feitas 3 exhibições com apparelhos a alcool, sendo uma em arrabalde desta capital e duas em suburbios, tendo funccionado 8 apparelhos, durante 3 noites, consumindo 32 litros alcool de 40º.

Forneceram-se 301 litros alcool de 40º a diversos.

Total de alcool consumido no mez de abril 333 litros.

Fornecimentos aos socios feitos pela Sociedade Nacional de Agricultura

Tirando partido de seu caracter de associação, já prestigiada com o numero de mais de 2.500 socios, a Sociedade, no intuito particular de demonstrar a utilidade e o mecanismo dos syndicatos agricolas, emprehendeu favorecer os seus socios com o supprimento de generos estrangeiros e nacionaes a preços mais reduzidos do que os do commercio a varejo.

Com esse proposito e valendo-se dos favores aduaneiros que a lei confere ao Syndicato Central dos Agricultores no Brasil tem fornecido arame farpado e respectivos grampos.

Além disso e mediante contractos especiaes, tem fornecido, a preços reduzidos, formicida, alcool, machinas agricolas e outros objectos.

Revendo todos os seus contractos e fazendo outros que começam agora a vigorar, a Sociedade está habilitada a fornecer os seguintes generos, em cujos preços não estão incluidas as importancias de emballagem, de despacho e de frete:

ARAME FARPADO PARA CERCAS

Rôlo de 26 kilos com 160 metros de fio a	7$200
Rôlo de 40 kilos com 402 metros de fio a	11$000

ACCESSORIOS PARA CERCAS

Grampos para prender o arame.	$360	o kilo
Moirões com 2 metros de altura	1$500	cada um
Pilares » » » para os cantos.	3$400	» »
Varetas para as cercas.	$450	cada uma
Esticadores com manivela	5$200	cada um
» com moitões	5$200	» »

ENXADAS BEM CALÇADAS, DE AÇO

	Universal	Radiante	Raio	Cruz Vermelha
de 2 libras.	1$200	1$400	1$250	1$450
de 2 1/2 libras	1$300	1$500	1$350	1$500
de 3 libras.	1$450	1$600	1$500	1$580
de 3 1/2 libras	1$570	1$750	1$600	1$740
de 4 libras	1$680	1$900	1$700	1$830

FOICES

Ns. 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11 e 12 — aos preços respectivamente de $600, $670, $730, $800, 1$000, 1$130, 1$300, 1$500, 1$600 e 1$800.

MACHADOS

Estreitos:

Sortidos de 3 a 4	39$000 a duzia

Largos:

Sortidos de 3 a 4	40$000 »

De 3 1/2, duzia 41$; de 4, duzia 45$; de 4 1/2, duzia 48$000; de 5, duzia 51$; de 5 1/2, duzia 56$; de 6, duzia 62$000.

MACHINAS AGRICOLAS

Moinhos para fubá:

Marca Patente — N. 6 por 31$; n. 8 por 36$; n. 10 por 41$; n. 12 por 50$; n. 14 por 60$, n. 16 por 63$; n. 18 por 75$000.

Marca Try — N. 8 por 52$; n. 10 por 67$; n. 12 por 83$; n. 14 por 96$; n. 16 por 120$; n. 18 por 130$000.

Debulhadores de milho:

Coloniaes	5$200
Black	8$600
Clinton	21$000
Agula	40$000

Arados americanos — N. O, 18$; n. OO, 20$; n. B 1, 26; n. A 1 1/2, 33$; n. A 2, 36$; n. A 3, 40$000.

Com disco reversiveis — 20", 170$; 24", 210$000.

Cavadeiras:

Para *tirar terra* — americanas, com 2 pás	10$200
Para *café* — 3 £ — 1$300; 3 1/2 £ — 1$400.	

Pulverizadores:

Bauer n. 1	62$000

são applicados na exterminação dos parazitas que atacam os arvoredos, com os ingredientes liquidos que forem aconselhadas.

Além destas, a Sociedade fornece installações completas para o preparo do arroz e do café, mediante previos ajustes sobre os quaes o socio lavrador gozará de abatimentos que oscillam de 5 a 10 % sobre os respectivos preços de catalogos, sendo gratuitos os transportes nas estradas de ferro federaes.

LACTICINIOS

Installações completas para as industrias de lacticinios pela Casa Hopkins Causer, com abatimento de 5 %, sobre o preço do catalogo.

COLMEIAS

Como os mais modernos aperfeiçoamentos, pelo preço de 18$000.

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100$ e joia de 50$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura.

SALOXO

Um preparado de sal e peroxydo de ferro, proprio para allimentação do gado; é economico e asseiado, em tijolos de 5 kilos, não sujando as baias ou lugares onde são collocados e sem desperdicio. Preço 190 réis o kilo.

NOTA—Se o socio pedir de uma só vez 500 ks., gosará o abatimento de 10% ; de 1.000 ks. para cima o de 15%.

FORMICIDAS

Paschoal:

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma . . . . 16$000

Merino:

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma . . . . 16$000

Schomaker:

Caixa com 6 botijas de 1 1/2 litro cada uma. . . . . . . 22$000

ALCOOL

De força de 40 °, em latas de 18 litros, pelo preço das vendas em pipa, o que corresponde a uma reducção de cerca de 10 %.

ANTISEPTICOS

Creolina Pearson . . . . 2$000 a lata c/ 1 litro
Cresolina Werneck . . . . 1$100 » »

A mais reputada das creolinas de fabricação nacional.

Electro Sanitas . . . . $500 o litro

Preparado do Sr. Octavio Santos Moreira, de magnificos resultados obtidos para a extermінação de insectos nocivos ás plantas e gafeira dos carneiros.

DIVERSOS

Pós para gosma — *de gallinhas* — especifico recommendado.	lata	1$200
Sulfato de cobre para tratamento de plantas . .	kilo	$650
Sulfato de ferro	»	$250
Sal amargo menos de 60 kilos.	kilo	$250
Mais de 60 kilos.	»	$160
Sal de Glaubert menos de 60 kilos.	»	$230
Mais de 60 kilos	»	$150
Enxofre em flor.	caixa	11$000

Mercurio marca boi — Caixa com 50 grammas 1$; com 100, 1$700 ; com 200, 3$100 ; com 400, 5$700.

Escovas de raiz para animaes — N. 115, 6$500 ; n. 116, 7$500.

Escovas francezas para animaes — N. 115, 9$600 ; n. 116, 10$500 ; n. 117, 11$500.

Tesouras:

Para podar, n. 27	uma	4$200
» tosar animaes	»	4$200
Machina — Para tosar animaes	»	4$600

Raspadoiras:

Com asa	uma	4$300
» cabo	»	4$100
Reforçadas	»	8$000

Correntes para arado e para carroça:

Elo curto 1/8, kilo $950 ; 3/16, kilo $850 ; 1/4, kilo $770 ; 5/6, kilo $730 ; 3/8, kilo $680 ; 17/16, kilo $660 ; 1/2, kilo $650 ; 5/8, kilo $640 ; 3/4, kilo $640.

Elo comprido 3/16, kilo $780 ; 1/4, kilo $750 ; 5/16, kilo, $730.

Chocadeiras e criadoiras — A Sociedade tendo adquirido em boas condições algumas *chocadeiras e criadeiras* cede-as a preços reduzidos.

Os lavradores, que bem conhecem os altos preços que costumam pagar, podem apreciar a vantagem extraordinaria dos preços que a Sociedade está habilitada a lhes proporcionar o que representam economias de 5 a 40 %.

A economia proporcionada na acquisição do arame farpado, em relação aos preços correntes no mercado, é, respectivamente, de 2$300 e de 6$, para os rolos de 26 e 40 kilos.

Até o fim do anno ultimo, 31 de dezembro de 1909, a economia proporcionada á lavoura com os nossos fornecimentos foi de 189:828$640, não computados o supprimento de plantas e sementes e os transportes gratuitos concedidos. No anno de 1909 a economia importou em 96:464$740.

Sendo um dos fins da Sociedade demonstrar os effeitos do regimen de associação sobre a vida financeira da lavoura e sendo condição essencial desse regimen a pontualidade dos associados, os fornecimentos especiaes da Sociedade serão limitados exclusivamente aos socios quites.

Para os obter o interessado deverá satisfazer as seguintes condições:

1ª, ser socio quite da Sociedade Nacional de Agricultura ;

2ª, ser agricultor, apresentando disso provas bastantes a juizo da directoria da Sociedade ;

3ª, formular o pedido directamente á Sociedade e por escripto ;

4ª, pedir sómente para o seu proprio consumo, indicando o nome e a situação da propriedade a que destina o emprego do producto ;

5ª, enviar á Sociedade, juntamente com o pedido, a sua importancia ou uma ordem para o seu pagamento contra casa commercial ou bancaria com séde na Capital Federal.

A Sociedade se reserva o direito de negar fornecimento a quem peça ou tenha pedido para outrem, ou tenha repartido com outra pessoa, ainda que associada,

---

generos anteriormente fornecidos e procederá de igual modo quando souber ou tiver motivo para suppôr que o pedido é feito com intuito de commercio.

Instituindo esses serviços directos, procura a Sociedade desempenhar do modo mais util o seu compromisso de se constituir em centro de auxilios a lavoura, distribuindo-os de preferencia por intermedio de seus socios.

Com o mesmo intuito concederá aos socios despacho gratuito nas vias ferreas federaes a plantas, sementes, machinas agricolas, ainda quando adquiridas sem a sua intervenção, e prestará informações que lhe forem pedidas sobre assumptos agricolas e pastoris, tomando conhecimento das queixas e reclamações dos lavradores associados, advogando-as, quando justas, perante quem de direito.

Socios entrados no mez de Abril de 1910

D. Celina Orique Ferreira de Aguiar.
Francisco Theodoro Junqueira.
Antão Ferreira de Almeida.
Azarias Vaz Ferreira.
Coronel José Lopes de Oliveira e Souza.
Carlos Oliveira Leite.
Coronel Antonio Vaz de Senna Mello.
Coronel Antonio Luiz Moreira.
João Vaz de Mello.
Christiano Teixeira de Mello.
Major Bento José de Araujo.
Aurelio Ribeiro de Arantes.
Laurindo Rodrigues Cid.
Manoel Ferreira Toscano.
Geraldo Augusto de Rezende.
Moreto Alves Teixeira.
Coronel Antonio Justiniano Monteiro de Rezende.
Adrião Henrique da Costa.
Dr. Jacques Dias Maciel.
Dr. Alvaro Soares.
Coronel Augusto de Paula Ramos.
Galdino José das Neves.
Jacinto Alves de Moraes.
Manoel Joaquim de Bastos.
Oscar José de Lacerda Junior.
Luiz Badaino.
José Carlos de Azevedo Lima.
Carlos Magno do Valle.
Antonio Lucio Borges.
Americo Francisco França.
Capitão José Dias de Carvalho.

Coronel Antonio Claudino da Fonseca.
Manoel Campolina de Sá.
Dr. Americo Bernardes Filho
José Alves Machado.
Capitão André Trajano de Oliveira.
Antonio Sobral Junior.
Francisco Lyra da Silva.
Enéas da Rocha Carvalho.
Arthur Botelho Junqueira.
D. Virginia Alves da Neiva.
Tenente-Coronel Joaquim Augusto Assumpção Junior
Paulo Delfino dos Santos.
Dr. Luiz Caetano de Oliveira.
Joaquim Coelho de Faria Junior.
Coronel Mariano Ignacio de Souza Valente.
Vicente Ferreira de Paiva Sobrinho.
Federação Cooperativa Agricola S. João Nepomuceno.
Braz Schottino.
Jorge de Oliveira Braga.
Antonio de Souza Netto.
Alvaro Diniz Mascarenhas.
Theophilo Marques de Oliveira Filho.
Dr. Aristides Guaraná
Major Francisco de Oliveira Campos.
Major Josino da Silva Werneck.
Silvino Hyppolito de Azevedo.
Francisco Gonçalves da Silva.
Coronel Joaquim Rodrigues Teixeira de Amorim.
Major José Martins Campos.
Ladisláo Gonçalves da Costa.
Tobias Ribeiro Guimarães.
Coronel Augusto Olivier.
Satyro Ribeiro França.
Nuno Alves Duarte.
Cezar Ribeiro de Paiva.
Pedro Gomes de Souza.
Francisco José Alves Santiago.
Joaquim Antonio Caiado.
Hildebrando Gomes Barreto.
Major Bertino Lobato de Miranda.
Antonio José de Freitas.
Capitão Antonio Furtado de Mendonça.
Antonio Carneiro Santiago.
José Martiniano da Silva.
Capitão Joaquim da Matta Sobrinho.

Bibliotheca

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

Recebemos as seguintes publicações durante o mez de Abril:

Italia e Brasile, de S. Paulo, anno II, n. 2, correspondente a Fevereiro e Março.
Boletim da Associação Commercial do Rio de Janeiro, anno VII, n. 13.
Boletim de la Camara Agricola, de Tortosa, Hespanha, anno XIX, n. 211.
Boletim da Associação Commercial de Santos, anno VII, n. 316.
Liga Maritima Brasileira, do Rio de Janeiro, anno III, n. 33.
Gazeta das Aldeias, do Porto, anno XV, n. 742.
Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano, anno I, volume I, 1909.
The Louisiana Planter, Nova Orleans, anno XXXXIV, n. 9.
Boletim de la Sociedad Agricola Mexicana, Mexico, tomo XXXIV, n. 11 e 12.
La Revue Avicole, Paris, anno XX, n. 6.
Peru To-Day, de Lima, Volume I, n. 11.
Experiment Station Record, de Washington, volume XXII, n. 2.
The Live Stock Journal, de Chicago, volume 51, n. 8.
Bulletim do Syndicat Central, de Pariz, Março.
Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, n. 12, de Dezembro de 1909.
Boletin Official de la Secretaria de Agricultura Comercio y Trabajo, de Habana, Cuba, volume VIII, n. 2.
Revue Génerale Agronomique, de Louvain, anno V, n. 2.
Revista Commercial e Financeira, do Rio, anno XVI, n. 707.
A Vida Moderna, de S. Paulo, anno V, n. 71.
Agricultura Moderna, do Porto, n. 8.
O Fazendeiro, de S. Paulo anno III, n. 2.
Boletim da Intendencia Municipal, publicado pela Directoria Geral de Policia Administrativa, Archivo e Estatistica, anno XLII, relativo a Outubro a Dezembro de 1909.
El Heraldo Agricola, do Mexico, tomo X, n. 3.
A Lua, interessante semanario paulistano. Recebemos os 11 primeiros numeros, bellamente illustrados com nitidas photographias.
Giornale d'Ippologia, de Pisa, anno XXIII, n. 7.
Boletim do Mercado Central de Productos Agricolas, de Lisboa, anno IV, Novembro de 1909.
Revista Maritima Brasileira, do Rio, anno XXIX, numero de Fevereiro.
Boletin del Ministerio de Relações Exteriores, de Bogotá, Republicac Colombia, tomo II, n. 11.
Le Courrier du Brésil, de Pariz, n. 181.
Journal de la Société.
Nationale d'Horticulture de France, de Pariz, tomo XI, de Fevereiro.
Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza, de Lisboa, volume XII, n. 8.
Boletim de la Sociedad Nacional de Agricultura, de Santiago, volume XLI, n. 3.
Revista de la Sociedad Rural de Córdoba, anno X, n. 219.

Boletim Mensal de Estatistica Demographo Sanitaria, do Rio de Janeiro, anno XVIII, n. 1, correspondente ao mez Março de 1910.

Bulletin de la Société des Agriculteurs de France, de Pariz, anno XXII, n. 3.

Bulletin de la Société des Viticulteurs de France, de Pariz, 15 de Março de 1910.

Revue de Viticulture, de Pariz, anno XVII, ns. 848 e 849.

Portugal Agricola, de Lisboa, anno XXI, n. 6.

Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro, anno XXIV, n. 6.

Jornal dos Agricultores, do Rio, anno X, ns. 3 a 6.

Agros, Savago, Montevidéo, anno I, tomo I, ns. 8 e 9.

Boletim da Directoria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas, do Estado da Bahia, anno VII, volume XIV, ns. 7 a 9.

L'Apiculteur, de Pariz, anno LIV, n. 3.

O Solo, orgam do Centro Agricola «Luiz de Queiroz», de Piracicaba, S. Paulo, anno II, n. 2.

O Economista Portuguez, de Lisboa, anno VII, n. 108.

Germinal, de Buenos Aires, anno III, n. 55. La France Coloniale anno XV, n. 6, de Paris.

Chambre de Comerce Française, do Rio, anno X, n. 113.

La Quinzaine Coloniale, anno XIV, n. 5, de Pariz.

Revista di Agricoltura de Parma, anno XVI, n.

Revista Commercial, de Fortaleza, anno III, n. 55.

Revista Paraense, de Belem, anno II, ns. 31 e 32.

Anales de la Sociedad Rural Argentina, anno, XLIV, volume LXVII, de janeiro e fevereiro.

O Sericicultor de Barbacena, anno II, ns. 28 e 29.

O Rio Grande, de Bagé, anno II, n. 2.

Bollettino della Camera Italiana di Commercio ed Arti in S. Paulo, anno VIII, ns. 74 e 75.

O Zoophilo Brazileiro, do Rio anno III, ns. 1 e 2.

A Evolução Agricola, de S. Paulo, anno I, n. 7, bella revista publicada em portuguez e francez.

Revista Agricola, de Pelotas, anno XI, 7 a 10.

Latina, de Paris, anno I, n. 9.

Boletin de la Oficina Internacional de las *Republicas Americanas*, de Washington, numero de Março, escripto como sempre, em portuguez, francez e hespanhol.

La Hacienda, de Buffalo, Estados Unidos, volume V, n. 6

Revista do Club de Engenharia, do Rio, n. 20, anno de 1909.

Revista de la Associacion Rural del Uruguay, de Montevidéo, anno, XXXIX, n. 41.

Bollettino Tecnico della Coltivazione dei Tabacchi, anno IX, n. 1 de Janeiro e Fevereiro.

Bulletin of Miscellaneous Information, de Londres, n. 3.

Journal d'Agricultura Tropicale, de Pariz, anno X, n. 105.

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, á rua da Alfandega, 108.

Art del Pagès, Barcelona, anno XXXIV, n. 907.
Revista de Chimica Pura e Applicada, do Porto anno VI, n. 3.
L'Agriculture pratique des pays chauds.

RELATORIOS

Consulado Geral em Hamburgo, Allemanha, 1907.
Consulado Geral em Liverpool, Grã Bretanha, 1907.
Consulado Geral em Londres, Grã-Bretanha, 1907.
Consulado Geral em Glasgow, Grã-Bretanha.
Consulado Geral em New York, Estados Unidos.
Consulado Geral em Lisbôa, Portugal.
Consulado Geral em Marselha, França.
Consulado Geral em Buenos Aires, Republica Argentina.
Consulado Geral em Genebra, Suissa.
Consulado Geral em Napoles, Italia.
Consulado Geral em Antuerpia.
Consulado Geral em Cardiff.

Relatorio do Centro Commercial de Cereaes do Rio de Janeiro, referente ao periodo de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1909. Este Relatorio contém os esclarecimentos e o movimento relativo do centro e os dados estatisticos organizados na secretaria do mesmo.

Relatorio Geral da 3ª reunião do Congresso Scientifico Latino Americano. — celebrado no Rio de Janeiro, de 6 a 16 de Agosto de 1905, organisado pelo Sr. Dr. Henrique Guedes de Mello, 1º Secretario da Commissão Directora.

Relatorio apresentado ao Sr. Dr. Wencesláo Braz Pereira Gomes, presidente do Estado de Minas Geraes, pelo Sr. Dr. Juscelino Barbosa, secretario das finanças, em 1909, volumes I e II.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS

Microbiologie Agricole, pelo Dr. Edmond Kayser.

Esta importante obra acaba de ser editada pela conceituada livraria J. B. Baillière et Fils, rua Hautefeuille 19, Pariz.

Febre aphtosa, folheto de 27 paginas pelo Sr. Dr. Alberto de Paula Rodrigues, a quem agradecemos cordialmente a gentileza da remessa.



PARTE COMMERCIAL

Mez de maio de 1910

Café

Durante o mez de maio entraram no mercado 102.125 saccos de café, venderam-se 110.000, foram embarcadas 140,511, sendo a existencia registada no dia 31 de 160.758 saccos.

Os preços estremos foram os seguintes:

	Por arroba	Por 10 kilos
N. 6.	6$800 a 7$000	3$639 a 4$766
N. 7.	6$600 » 6$800	4$493 » 4$630
N. 8.	6$400 » 6$600	4$357 » 4$493
N. 9.	6$200 » 6$400	4$221 » 4$357

Algodão em rama

Na primeira quinzena, as entradas foram grandes e a existencia nos trapiches teve um pequeno augmento, apparecendo vendedores a descoberto para entrega do algodão nos mezes da nova safra a preços inferiores aos da safra corrente.

Continuando na segunda quinzena a insistencia de offerta de algodão para nova safra, alguns possuidores, enfraquecidos, se deslizeram de seus pequenos *stocks* a preços em declinio.

Continuam tambem a cahir copiosas chuvas em toda a região algodoeira do Norte, que não só retardarão como prejudicarão á futura safra.

Igualmente dos Estados Unidos da America do Norte, vieram noticias de tempo desfavoravel ás plantações de algodão.

O movimento geral do mez foi o seguinte:

		Fardos
Existencia no dia 16		19.992
Entradas :		
Maceió.	2.050	
Parahyba	1.085	
Ceará	1.000	
Maranhão	766	
Penedo	712	
Assú.	304	
Piauhy	302	
Pernambuco	50	
Sergipe	35	6.304
		26.296
Sahidas dos trapiches		9.475
Existencia no dia 31		16.821

Preços :

Pernambuco	15$500 a 16$000
Rio Grande do Norte.	15$ 00 » 16$000
Penedo.	Nominal
Ceará	»
Sergipe.	»
Parahyba.	15$000 a 15$500

Aguardente

As entradas durante quasi todo o mez se mantiveram pequenas, e só nos ultimos dias ellas subiram determinando alguma instabilidade no mercado que até então regulára firme e com procura.

Os supprimentos recebidos no mesmo periodo constaram de 1.005 pipas de varias procedencias e base de 20 gráos.

As cotações por pipa regularam:

Paraty.	120$000 a 125$000
Angra	105$000 » 110$000
Campos.	90$000 » 100$000
Bahia.	90$000 a 100$000
Pernambuco	90$000 » 100$000
Aracajú.	90$000 » 100$000
Sul.	90$000 » 100$000

Alcool

No periodo da primeira quinzena as entradas declinaram, os negocios foram regulares, os preços anteriores se conservaram inalterados, permanecendo assim na segunda, em que fechou o mercado deste liquido com boa collocação subindo 5$ por pipa.

Os supprimentos recebidos de varios centros productores constaram de 1.074 volumes, cujas cotações por pipa, sem o casco, foram as seguintes:

40 gráos	135$000 a 145$000
38 »	125$000 » 135$000
36 »	115$000 » 125$000

Assucar

Nos primeiros dias do mez de maio, o mercado deste producto não teve animação declinando os preços de todas as qualidades ; na segunda quinzena, o mercado esteve paralysado, havendo receios de grande quantidade a chegar de Campos, o que é de esperar pela razão dos Campistas não entrarem em accordo na fabricação de demerara.

Durante o mez, as entradas constaram de 44.687 saccos, sendo: de Pernambuco 4.010, de Sergipe 29.312, de Campos 2.530, da Bahia 1.010, de Maceió 4.414 e de outras procedencias 3.411.

A existencia orçada em 31 de maio era de 199.800 saccos.

Os preços por kilo regularam como se segue:

Pernambuco :

	Kilo
Branco usina	— —
Branco crystal	$250 a $310
Dito 3ª sorte	$250 » $280
Crystal amarello	$230 » $240
Mascavinho	$200 » $240
Somenos	$330 » $340
Mascavo bom	$190 » $200
Dito regular	$170 » $180
Dito baixo	— —

Sergipe :

	Kilo
Branco crystal	$250 a $280
Mascavinho	$200 » $240
Mascavo bom	$190 » $200
Dito regular	$170 » $180
Dito baixo	$170 —

Campos :

	Kilo
Branco crystal	$250 a $290

Bahia :

	Kilo
Branco crystal	$290 a $300
Dito 2º jacto	$250 » $260

Arroz

As entradas durante o mez constaram de 15.068 saccos por cabotagem; 1.172.409 kilos pela Estrada de Ferro Central do Brazil; 2.368 saccos pela Leopoldina Railway; 1.670 saccos pela Estrada de Ferro Theresopolis e 33 pela Companhia Sapucahy.

O mercado, apezar da pequena baixa que soffreram todas as qualidades, fechou sustentado.

As cotações vigoraram do seguinte modo:

28$ a 31$, para o superior; 24$ a 25$, para o inferior; 22$ a 25$, para o rajado do norte; por sacco de 60 kilogrammas.

Alfafa

Vieram ao mercado 2.167 fardos por cabotagem, cuja cotação foi de 170 a 180 réis por kilogramma.

Amendoim

Apenas dois saccos entraram no mercado, pela Leopoldina Railway, sendo a cotação de 200 a 240 réis por kilogramma.

Banha

Os supprimentos recebidos constaram de 9.317 caixas por cabotagem e 27.220 kilos pela Estrada de Ferro Central.

Sahiram dos trapiches 8 797 caixas, existindo em deposito no ultimo dia do mez 12.530 caixas.

O mercado manteve-se sustentado, registando-se apenas pequenas alteraçoes.

Os preços regularam, por kilo:

Porto Alegre (20 kilos)	1$140 a 1$180
Dita (2 kilos)	1$120 » 1$160
Minas (latas grandes)	— —
Dita (2 kilos).	1$100 » 1$220
Laguna (20 kilos)	1$060 » 1$100
Itajahy (2 kilos).	1$140 » 1$180

Batatas

No correr do mez, entraram 5.847 volumes por cabotagem, 120,164 kilos pela Estrada do Ferro Central, 273 volumes pela Leopoldina Railway e 27 ditos pela Estrada de Ferro Theresopolis.

Os preços foram de 100 a 200 réis, por kilogramma, conforme a qualidade.

Borracha

Vieram, pela Estrada de Ferro Central, 20.823 kilos.

Cacáo

Receberam-se 446 volumes por cabotagem.

Cangica

Vendeu-se á razão de 250 a 270 réis o kilo.

Cebolas

As entradas foram de 1.573 caixas e 206.836 resteas por cabotagem, e a sua cotação foi a razão de 3$ a 3$300 o cento.

Farello

Cotou-se o do Moinho Inglez de 9$500 a 9$800 e o do Moinho Fluminense de 9$500 a 9$800 por 100 kilogrammas, conforme a qualidade.

Fubá de milho

Os preços regularam de 150 a 170 réis por kilo, conforme a qualidade.

Farinha de mandioca

Entraram 30.359 saccos por cabotagem, 3.638 ditos pela Leopoldina Railway, 132 ditas pela Estrada de Ferro de Therezopolis, 5 pela Sapucahy e 3.787 kilos pela Estrada de Ferro Central.

Os preços tiveram irregularidades devido ás qualidades, mas o mercado conservou-se firme.

As cotações por sacco de 45 kilos, foram as seguintes:

Especial	9$500 a 10$200
Fina	8$200 » 8$600
Peneirada	7$400 » 7$800
Grossa	5$200 » 6$000

Feijão

Vieram ao mercado 21.061 saccos por cabotagem, 311.413 kilos pela Estrada de Ferro Central, 6,150 saccos pela Leopoldina Railway, 487 saccos pela Estrada de Ferro Therezopolis e 11 saccos pela Companhia Cantareira.

O mercado esteve frouxo, tendo os preços de quasi todas as qualidades soffrido baixa.

Os preços foram os seguintes por sacco de 60 kilogrammas:

Porto Alegre (superior)	8$500 a 10$000
Santa Catharina (idem)	Nominal
Manteiga	10$000 a 24$000
Enxofre	10$000 » 21$000
Mulatinho	10$000 » 13$000
Branco	14$000 » 24$000
Cores diversas	9$000 » 11$000

Fumo em rolo

Na primeira quinzena, a procura continuou resumida, sendo os negocios quasi nullos; na segunda houve entradas regulares, maior procura, conservando-se os preços, sustentados em ambas as quinzenas.

Entraram 4.102 volumes por cabotagem e 205,440 kilos pela Estrada de Ferro Central.

As cotações, por kilogramma, foram as seguintes:

De Minas, especial	$900
Dito superior	$800
Dito 2ª	$700
Dito ordinario	$600
Goyano especial	2$000
Dito superior	1$600
Baixo	1$300
Rio Novo, especial	1$200

Dito superior.	1$000
Dito 2ª.	$900
Dito baixo	$800
Pomba superior.	$900
Dito 2ª.	$800
Dito baixo	$600
Carangola	1$000
Picú, especial.	2$000
Dito 1ª.	1$600
Dito 2ª.	1$200
Bahia	1$600

Manteiga

Vieram ao mercado 726 volumes por cabotagem, 196.693 kilos pela Estrada de Ferro Central, 277 volumes pela Leopoldina Railway e 1.011 ditos pela Sapucahy.

Os preços regularam de 2$ a 2$400 a de Minas e de 1$800 a 2$400 a do Sul, por kilogramma conforme a quantidade.

Matte

Entraram 557 volumes por cabotagem, sendo cotado o de folha de 440 a 600 réis por kilogramma, conforme a qualidade.

Milho

Os supprimentos recebidos constaram de 547 saccos por cabotagem, 594.779 kilos pela Estrada de Ferro Central, 33.879 volumes pela Leopoldina Railway e 182 ditos pela Companhia Cantareira.

O mercado, depois de um longo periodo de fraqueza e baixa firmou-se.

Os preços por sacco de 62 kilos foram assim:

Norte, amarello		nominal	
Terra, »	5$200	»	5$600
Dito, » misturado.	4$400	»	5$000

Polvilho

Entraram 265 volumes por cabotagem , 28.456 kilos, pela Estrada de Ferro Central e 51 volumes pela Leopoldina Railway .

Os preços regularam de 280 a 320 réis por kilogramma.

Queijo

Receberam-se 254.571 kilos pela Estrada de Ferro Central e 3.144 canudos pela Sapucahy.

Sal

Entraram 4.886.075 kilos por cabotagem.

Os preços regularam de 3:200 a 4$ por 60 kilos conforme a qualidade.

Tapioca

Entraram 62 volumes, por cabotagem, vendendo-se a razão de 300 a 340 por kilo.

Toucinho

Vieram ao mercado 89 jacás por cabotagem, 196.173 kilos pela Estrada de Ferro Central, 251 jacás pela Leopoldina Railway, 23 ditos pela Sapucahy 43 ditos pela Therezopolis e 1,074 pela Cantareira.

O mercado esteve no começo do mez firme e depois frouxo, regulando os seguintes preços:

Minas superior	$900 a 1$000
Dito inferior	$800 a $840

Vinho

Chegaram 2.133 quintos e 125 caixas por cabotagem.

As cotações regularam de 150$ a 170 por pipa.

3766 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1910


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

A LAVOURA

Fibras

Para a Exposição de Bruxellas seguiram varias fibras que irão patentear aos industriaes mais um producto extractivo do qual o Brazil poderá tornar-se um excellente fornecedor.

Felizmente a fibricultura parece orientar-se e não longe virá o dia de sua franca prosperidade, em beneficio do paiz.

Já os europeus sabem que o Brazil possue uma notavel riqueza de plantas textis, e não querem sómente amostras, porém, as quantidades em typos uniformes, exigidas pelas fabricas.

Por sua vez as tecelagens nacionaes querem o producto indigena e offerecem preços compensadores.

As fibras das guaximas (urenas) são muito proprias para aniagem e superiores á juta que se importa da Italia e outros paizes, e bem assim o linho da Russia que é importado em larga escala.

As guaximas medram por toda a parte e, pela sua abundancia e facilidade cultural, é até considerada uma praga.

Si a nossa população agraria aproveitasse o guaximal, cortando as suas hastes e depositando-as dentro d'agua corrente, por espaço de seis a oito dias, eram milhares de kilos de fibras que vinham ao mercado.

Um homem póde perfeitamente tirar tres kilos de fibras por dia, que, ao preço de 500 réis livres, são 1$500, que é um salario bom para quem não paga aluguel de casa, nem de terreno.

Ha uma guaxima do matto (urena sylvestre) que é muito rica de fibra, dando uma haste muito longa, dois a tres metros, direita, sem bifurcação, que se deve cultivar como uma especie vegetal de muito valor industrial.

Em geral as guaximas não exigem mais de tres mezes para produzir fibras.

E quanto mais novas, melhores são as fibras, mais alvas e resistentes.

Tambem a parte lenhosa tem uma applicação industrial de alta monta, que é a cellulose para papel.

Sendo muito alvo o lenho, não necessita de descorantes chimicos, sendo preferivel aos lenhos coloridos.

A vassoura, tão commum nos arredores de casa e nos velhos pastos, como as guaximas, tambem produz uma excellente fibra, igual ao linho.

Esta vassoura (sida carpinifolia) em logares sombreados desenvolve muito, alcançando um comprimento de um metro e mais.

Tambem é facil a extracção de fibras por meio de maceração, em agua corrente, de seis a oito dias.

A piteira (fourcroya gigantea Vant.) está sendo cultivada em grande escala e parece que muito breve virá constituir uma importante riqueza e virá substituir o café nas zonas esgotadas. Em Valença existem grandes culturas, em Santa Maria Magdalena, em Minas, dia a dia augmenta.

No Rio Grande do Sul fundou-se uma companhia com o capital de duzentos contos para a sua exploração.

O sisal, que é tambem uma especie de valor textil, já está sendo cultivado em varios logares.

Do Horto da Penha, pertencente á Sociedade Nacional de Agricultura, tem sahido milhares de mudas para diversos pontos.

Como sabemos, devido ao sisal (agave rigida sisalana) a peninsula de Yucatan, no Mexico, tomou tal incremento, que em poucos annos a sua renda, que não passava de 12.000 contos, subiu a 120.000!

Terras que não valiam 50$ o alqueire, passaram a ser vendidas por quatro contos de réis!!

Por que nessas terras, que se diz esgotadas, á margem do Parahyba, não se cultiva o sisal e a piteira?

E, si o Estado do Rio quizer readquirir a sua antiga pujança, basta iniciar o plantio da piteira e, na cova da antiga rubiacea, que tanto ouro derramou, enterre o bulbilho da fourcroya, que o metal amarello acudirá ainda com mais facilidade.

Depois, a piteira não é perseguida pelas saúvas, nem outro insecto damninho, não tem exigencias meteorologicas e não depende de nenhum esforço cultural.

A extracção de suas fibras é feita com facilidade por meio de machinas simples e baratas.

A sansevieria (sansevieria Ehrembergü) é uma outra especie de facil cultura, em logares humidos e sombrios, adquirindo o comprimento de um metro e meio.

Conhecido com o nome de linho africano, a sua procura nos mercados é sempre activa.

PRODUCTOS BRASILEIROS NA EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS




cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15 16

O tucum (bactris setosa Mart.) dá uma fibra muito resistente, empregada de longa data pelos selvicolas na confecção de redes, linhas de pescaria e arco de flexa.

Não é só essa especie de palmeira que produz a fibra sedosa; outros generos tambem dão o mesmo producto.

A vinagreira ou carurú azedo (hibiscus subdariffera, Linn.) dá excellente fibra, denominada impropriamente linho Fonseca.

Da mesma maneira o denominado linho Perrini não é mais do que o Hibiscus radiatus, Willd, tão conhecido ha muitos annos, vegetando em abundancia em Minas.

Da mesma sorte, o Dr. Silva Telles, quando iniciou a extracção de fibras de guaximas, denominou-as «aramina» pelo facto de sua resistencia, forte como o arame.

Estas denominações novas só servem para confundir tantas plantas que nunca deveriam perder o nome primitivo.

Si, cada um industrial que preferisse um determinado vegetal textil, dando-lhe o nome que approuvesse, então seria uma *Babel* que ninguem comprehenderia.

Além de muitas fibras, que representam uma pallida idéa de sua abundancia no paiz, ainda temos as embiras que se prestam para cordas toscas e para pasta de papel.

Em numero de dez variedades, pesando uma tonelada, cuja porcentagem de cellulose variou de 50 a 76 %.

O liber de varias arvores é muito rico de fibra, podendo constituir uma industria de muito futuro.

DR. J. R. MONTEIRO DA SILVA.

As fructas

Tendo o Exmo. Sr. Ministro da Agricultura encarregado a Sociedade Nacional de Agricultura de proceder a experiencias sobre a frigorificação nos fructos nacionaes, o presidente da Sociedade encarregou desse trabalho o digno 3º secretario da Sociedade, o agronomo Sr. Dr. Victor Leivas, que apresentou ao Sr. Presidente o seguinte relatorio:

Illmo. Sr. Dr. Presidente — Em cumprimentos as vossas ordens foi feita a seguinte experiencia sobre conservação de fructas em baixas temperaturas.

No dia 8 de Março foram postas nos frigorificos de Santa Luzia, gentilmente facilitados pelos seus proprietarios para essas experiencias, 60 mangas das seguintes variedades: Pocinhas, chenijas, Itamaracá, Maria Feia, Rosa e Espada, provenientes as primeiras do Estado da Parahyba do Norte e as ultimas, assim como 120 abacaxis, do de Pernambuco.

Todas estas fructas estavam embaladas em caixas arejadas, acolchoadas com palha de madeira e as mangas envolvidas em papel impermeavel.

Contando já alguns dias de viagem, independente da demora que precedeu o embarque naquelles Estados, aqui ficaram depositadas, dous ou tres dias, antes de serem postas nos frigorificos.

Muito poucas dentre ellas poderiam apresentar pois um estado de relativa conservação natural e exigido para experiencias dessa ordem.

No entretanto a acção do frio a 0°, temperatura unica que podemos obter naquelles frigorificos e em que foram mantidas paralisou toda a vida.

O processo de maturação ficou quasi absolutamente estacionario, tendo sido retiradas, as que lá foram collocadas verdes, com a mesma côr e nas mesmas condições em que foram depositadas.

Nas que tinham manchas, *pisaduras*, principio apenas de decomposição, foram sustadas as fermentações e a putrefação impedida.

Nas que revelavam, em alguns pontos, alteração em um gráo mais adiantado parece que esse adiantamento, criando um meio de cultura de acidez especial, apezar da baixa temperatura, permittiu a evolução de bacterias estranhas á propria fermentação e putrefação das fructas. Assim em algumas encontramos diversos *bolôres*, saprofitas que pareciam da classe das Schizomycetos familia dos Aspergillados.

As variedades de mangas mais *terebentinadas*, como Maria-feia, por exemplo, deixam correr um liquido, que acreditamos ser somente a terebentina do pedunculo que sob a acção do frio humido, fluidifica-se e escorre.

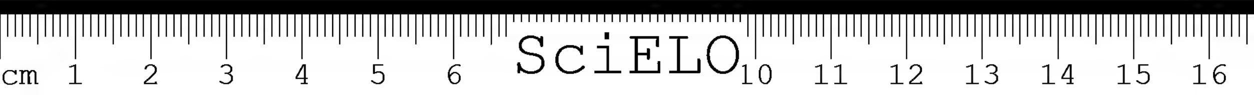
As que estavam perfeitas quando postas nos frigorificos, apresentavam a 8 de Abril, isto é, trinta dias depois, côr e aspecto absolutamente naturaes. Sómente o perfume emquanto demasiadamente frios os fructos, era pouco sensivel; demorando-se porém na temperatura ambiente, elle se volatilisará, estou certo, porque não ha nenhum motivo para seu desapparecimento.

Em conclusão, as mangas apanhadas em estado conveniente e com os cuidados precisos terão a sua conservação garantida durante trinta dias pelo menos.

PRODUCTOS BRASILEIROS NA EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



[illegible] de fructas conservadas preparadas pela Sociedade Nacional de Agricultura


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

O mesmo se póde dizer em relação aos abacaxis, os quaes submettidos, 24 horas depois de retirados da camara frigorifica, a uma analyse organoleptica, apresentavam todos os caracteristicos desse tão delicioso fructo.

Como sabeis são ainda muito insufficientes essas experiencias para permittir formar um criterio definitivo sobre o importante assumpto que tanto vos preoccupa: a exportação das nossas fructas.

Quanto as remessas para Southampton tem havido muita difficuldade em fazer pois que as companhias de vapores que viajam para aquelle porto recusam-se a receber fructas nos frigorificos, sob qualquer condição. Foi essa a declaração que nos fizeram as seguintes companhias: Norddeutscher Lloyd Bremen, Messageries Maritimes, Vapores Hamburguezes.

Mesmo a Mala Real Ingleza que faz viagens para aquelle porto nos declara que não está preparada ainda para receber fructas nos seus frigorificos; fará simplesmente o transporte de muito pequena quantidade no frigorifico pequeno, onde conserva os generos de consumo a bordo, si a Sociedade desejar, porém sómente a titulo de experiencia.

São essas as informações que neste momento posso prestar-vos sobre esse importante assumpto.

Rio, 8 de Abril de 1910.

VICTOR LEIVAS.

Tarifas da Central

Honrada a Sociedade Nacional de Agricultura com o convite do Dr. Paulo de Frontin muito illustre director da Estrada de Ferro Central do Brasil, para colloborar na revisão das Tarifas da mesma Estrada, em sessão de directoria, foi designada uma commissão encarregada de estudar o assumpto.

Foi relator da Commissão e a quem ficou confiado aquelle estudo o director da Secção Technica, Secretario Geral Dr. Souza Reis.

Em seguida damos o parecer condensando em 13 conclusões o resultado do estudo feito o qual foi remettido ao Dr. Paulo de Frontin, capeado pelo seguinte officio:

Exm. Sr. — Accuso o officio n. 16, de V. Ex., datado de 30 de abril de 1910, agradecendo a honrosa consulta que foi dirigida a esta Sociedade, quanto ás modificações que convenham effectuar nos fretes

actuaes, em beneficio da lavoura. Na ausencia do presidente desta Sociedade, tenho o prazer de enviar por cópia o parecer apresentado á directoria pela commissão para esse fim designada e onde em 13 conclusões estão lembradas as medidas, cuja adopção nos parecem de maior opportunidade, respeitados os legitimos interesses da Estrada, tão dignamente sob vossa direcção.

Aproveito a opportunidade para apresentar a V. Ex. protestos de alta estima e distincta consideração. — Engenheiro Civil *Francisco Tito de Souza Reis*, Secretario Geral.

Eis o parecer:

Tendo o Dr. Paulo de Frontin, director da Estrada de Ferro Central do Brasil, solicitado o auxilio da Sociedade Nacional de Agricultura, na revisão das tarifas da mesma Estrada, encarregou a Directoria desta Sociedade á commissão abaixo assignada, de elaborar um parecer onde os interesses agricolas encontrassem defesa e podesse a Directoria da Central do Brasil, inspirar-se, para, salvaguardando estes mesmos interesses, alial-os aos da Estrada.

A constante e longa campanha que tem feito a lavoura, pedindo a reducção dos fretes para o transporte de seus productos aos mercados consumidores, baseia-se principalmente nas condições regulamentares, que constituem a primeira parte das quatro em que se compõem as tarifas da Central.

A pequena lavoura é a principalmente prejudicada com algumas das disposições que nesta primeira parte existem e para que possa ella ser defendida, mister torna-se modificações que em seguida pediremos, ao concluirmos o presente parecer.

Quanto as taxas que servem de base ás tarifas, pensamos que em geral, ellas não sobrecarregam demasiadamente as mercadorias, graças ao grande numero de disposições posteriormente mandadas cumprir, atinentes a proteger o desenvolvimento de grande numero de productos, principalmente os destinados á exportação.

Algumas taxas se tornam porém, ainda pesadas, mas folgamos em reconhecer que ellas constituem minoria e facilmente serão reduzidas na revisão de que cogita actualmente o illustre engenheiro à testa da administração da nossa principal via-ferrea.

E' mister que se tenha presente, lembramos aos incançaveis luctadores que a todo o momento pedem insignificantes frétes, que é nas tarifas que as emprezas de transporte buscam a renda necessaria ao seu custeio a remuneração do capital que representam, si bem que não esqueçamos que, as emprezas de viação, quando mesmo orgão da in-

dustria privada, isto é, quando arrendadas, não são os seus arrendatarios, negociantes communs, sómente sujeitos á lei da offerta e da procura, reguladora do seu negocio, porém, interesses de ordem mais elevada como o interesse publico, devem pesar fortemente, ao lado do interesse particular, das emprezas. Se isto dá-se, quando se tem em vista emprezas particularesl repete-se tambem com as rêdes ferro-viarias directamente exploradas pelo Governo.

Pensamos, que nesta melindrosa questão de revisão de tarifas não basta proteger indistinctamente, sem attender aos interesses de momento, os quaes muitas vezes exigem medidas especiaes, dando logar á tarifas, sob denominações diversas.

Assim é que no momento presente, se nos afigura essencial a adopção de tarifas destinadas á exportação não só para os productos cujo commercio já existe, como para aquelles que tentamos agora collocar nos mercados estrangeiros e entre os quaes estão as fructas, cujo fréte num percurso de 200 kilometros, da Central, é cerca de 39 % do preço alcançado pelo productor.

A Central atravessa extensa zona, ainda pouco cultivada e que pela sua situação, pelas condições climatericas de que goza e fertilidade dos terrenos, torna-se apropriada, a adopção de novas culturas, que muitas vezes deixam de medrar. pela impossibilidade de manter-se devido ao transporte caro, para producção ainda incipiente, verdadeira tentativa, que fracassa pela falta de uma disposição nas tarifas que permitta o transporte em condições de estimular o desenvolvimento de uma cultura que começa.

Neste caso, não hesitamos de incluir, dando como exemplo, entre outros productos, o alho produzido na colonia Rodrigo Silva, e as nozes, em Entre Rios, ao longo da directriz da Central.

Julgamos que seria vantajoso para a producção nacional e para a propria Estrada de Ferro Central, a adopção de uma medida destinada a acautelar o desenvolvimento de producções novas, que como tentativas são levadas a effeito pelo agricultor, e que precisam incontestavelmente do apoio das emprezas de transporte para que possam medrar.

A falta de uma disposição nesse sentido obriga a taxação por uma classificação para productos semelhantes, dando assim causa aos fracassos que mais de uma vez já se têm feito sentir.

A adopção de carros frigorificos, para o transporte dos productos da pequena lavoura, principalmente das fructas, impõe-se com toda a urgencia, na Estrada de Ferro Central do Brasil.

E' ainda constante causa das reclamações dos lavradores e que nos parecem justas, a falta de uniformidade e de uma interpretação unica, nas diversas estações, da classificação adoptada. A série de actos posteriores á approvação das taxas basicas, para favorecer a determinadas mercadorias, tornaram bastante complexa a manipulação das tarifas, donde a confusão e falta de uniformidade na interpretação muita vez dada em varias estações. Julgamos pois que tornar o mais simples possivel, a manipulação das tarifas e uniformizar a classificação de modo a eliminar ambiguidades na interpretação, deve ser uma das aspirações que devemos manifestar ao illustre director da Central, respondendo ao appello que nos foi dirigido.

O consumo do leite no Rio de Janeiro está reclamando favores especiaes no seu principal meio de transporte, que outro não é senão a Central. Assim, seria de maxima conveniencia a gratuidade do transporte para o vasilhame destinado ao leite, quando em retorno, como aliás já o é nas estradas de ferro de S. Paulo.

O transporte das machinas agricolas e artigos destinados ao desenvolvimento da lavoura deve gosar da maior facilidade possivel de transporte, para bem satisfazer ao seu objectivo.

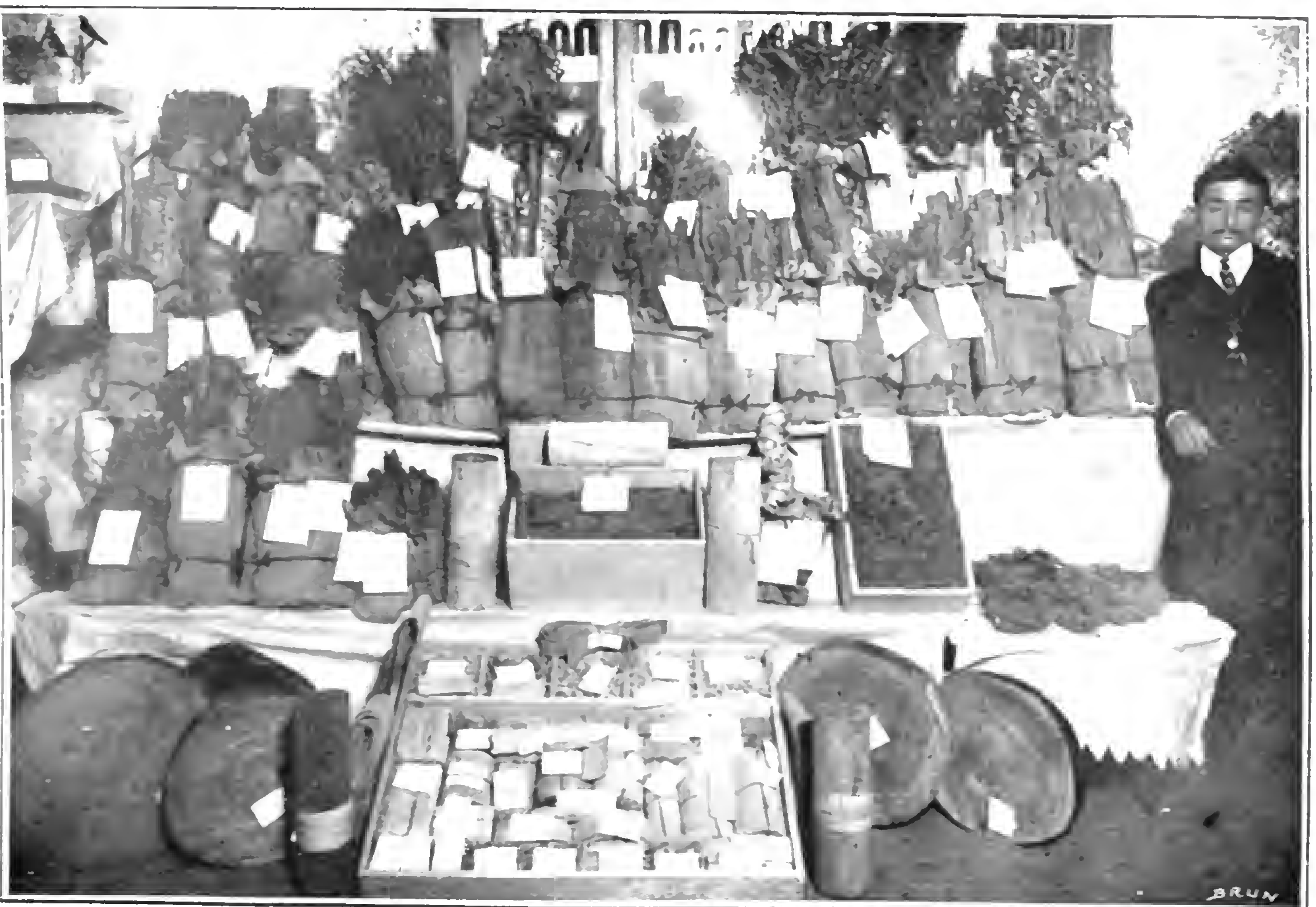
Em relação ao arame farpado para cercas, bem como para muitos outros artigos, pensamos que vantajoso seria reduzir o limite de peso, para evitar, o que geralmente se dá, pagar o lavrador peso de 1/2 tonelada, quando apenas despacha 100 ou 150 kilogrammas.

E' commum o que allegamos em relação ao arame farpado. Para a maioria dos lavradores, os fornecimentos de arame são feitos na razão de 3 a 10 rolos de 26 ou 40 kilogrammas, e o limite do peso é de 1/2 tonelada, o que nos parece exigir uma correcção na actual revisão de tarifas. Outro tanto se póde repetir para muitos outros artigos, quer destinados á industria agricola propriamente dita, quer á industria pastoril e suas correlactas.

Ainda, se nos afigura de maxima conveniencia ser o despacho de plantas vivas considerado urgente, afim de evitar perniciosas demoras nas estações, bem como ser estabelecida para taes despachos a facilidade de trafego mutuo com as demais estradas com as quaes a Central tem estações em correspondencia.

O extravio de mercadorias despachadas causa sempre fortes prejuizos, que necessario se torna fazer cessar.

PRODUCTOS BRASILEIROS, NA EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



Plantas medicinaes e madeiras nacionaes proprias para o material da fabricação de phosphoros, organisadas pela Sociedade Nacional de Agricultura.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Muitas outras medidas destinadas a acautelar o interesse do lavrador esperam da administração da Central o maior cuidado na revisão que se projecta, e entre ellas lembramos, nas conclusões que em seguida apresentamos, as que julgamos de maior opportunidade.

Resumindo, pois, apresentamos as seguintes conclusões :

I — A Sociedade espera que sejam adoptados carros frigorificos e armazens-depositos tambem frigorificos, para productos de facil deterioração.

II — Como medida protectora á producção nacional, julga de grande conveniencia ser mantidas e mesmo mais favorecidas as tarifas destinadas á exportação.

III — Sendo medida de grande necessidade para os productos novos existentes ou que venham a ser cultivados como experiencia favorecer-lhes o transporte, julga a Sociedade ser imprescindivel a adopção de disposições que evitem altos fretes para taes productos ainda em estado de cultura incipiente.

IV — A importação de adubos, machinas agricolas e industriaes, formicida, arame farpado e liso em fio ou téla para cercas, saloxo, parasiticidas e mais utensilios, destinados á lavoura e á industria pastoril, deve ser no mais alto gráo facilitada e nesse sentido confia a Sociedade que a directoria da Central facilitará em suas tarifas esta importação, não só cobrando o frete pela mais baixa classe, como tambem proporcionalmente ao peso, tomando para unidade e fracção da unidade 20 kilogrammas, em vez de 200 kilogrammas, ou 1/2 tonelada, como acontece actualmente.

V — Que seja permittido o transporte em trens de grande velocidade dos productos da pequena lavoura e de fructas despachadas como encommenda e por uma tarifa mais baixa que a actual.

VI — Sendo ainda conveniente manter protegidos os cereaes, pensa a Sociedade que deve ser conservada a tarifa fixa então adoptada.

VII — Que o vasilhame destinado ao leite, quando em retorno, gose de transporte gratuito.

VIII — Para evitar surpresas, sempre desagradaveis ao expedidor, lembra a Sociedade a conveniencia de ser incluida nas taxas basicas da tarifa a remuneração correspondente á carga, descarga, vigilancia, etc...

IX — Que seja mantido o actual frete minimo para as mercadorias da pequena lavoura, quando despachadas como encommendas nos trens de grande velocidade.

X — Para evitar interpretações ambiguas, pensa a Sociedade que

será de maxima vantagem toda a clareza na classificação, de modo a tornar a applicação das tarifas, simples e facil, podendo o expedidor, conhecer o frete que terá de pagar pela sua mercadoria antes de submettel-a a despacho nas estações.

XI — Que para os productos de lacticinios de novas marcas, como por exemplo os queijos que actualmente são fabricados em Minas e S. Paulo, se estabeleça uma nova classificação, diversa da adoptada para o queijo commum de Minas e que possa permittir o desenvolvimento desta nova industria.

XII — Espera a Sociedade que o despacho de plantas vivas seja considerado urgente, bem como se estabeleça o trafego mutuo deste artigo com as demais estradas de ferro em correspondencia com a Central.

XIII — Espera a Sociedade que sejam adoptadas medidas, responsabilisando a Estrada pelo extravio ou faltas nas mercadorias despachadas, em quanto permanecerem sob a guarda da Estrada.

(Assignados). — *Dr. Wenceslão Bello.* — Engenheiro *Francisco Tito de Souza Reis*, relator. — *Victor Leivas.*

Emprego industrial do frio

O emprego industrial do frio tende cada dia a tomar maior extensão, á medida que certas industrias se dilatam, pois estas só florecem sob os auspicios daquelle.

No nosso paiz a producção industrial do frio tem tido grande expansão de poucos annos para cá, e tudo faz crer que não levará muito tempo para que a industria da frigorificação se generalise entre nós, concorrendo assim para o desenvolvimento das fabricas de lacticinios, cervejarias, conservas, carnes, gorduras e outros productos destinados á alimentação humana. Alem disso, a industria do transporte cada vez mais precisa das camaras frigorificas para a boa conservação dos generos de facil deterioração, como sejam as fructas, os legumes, o peixe, a carne fresca, etc., etc.

Hoje em dia os grandes hoteis, os transatlanticos, as grandes agremiações humanas, não poderiam existir normalmente, si lhes faltasse o gelo durante a estação calmosa. Quasi se póde affirmar que o gelo é o exacto expoente da civilisação de um povo.

Vamos expor nas linhas subsequentes alguns typos de machinas frigorificas que nos parecem dignas de ser conhecidas e divulgadas entre nós.

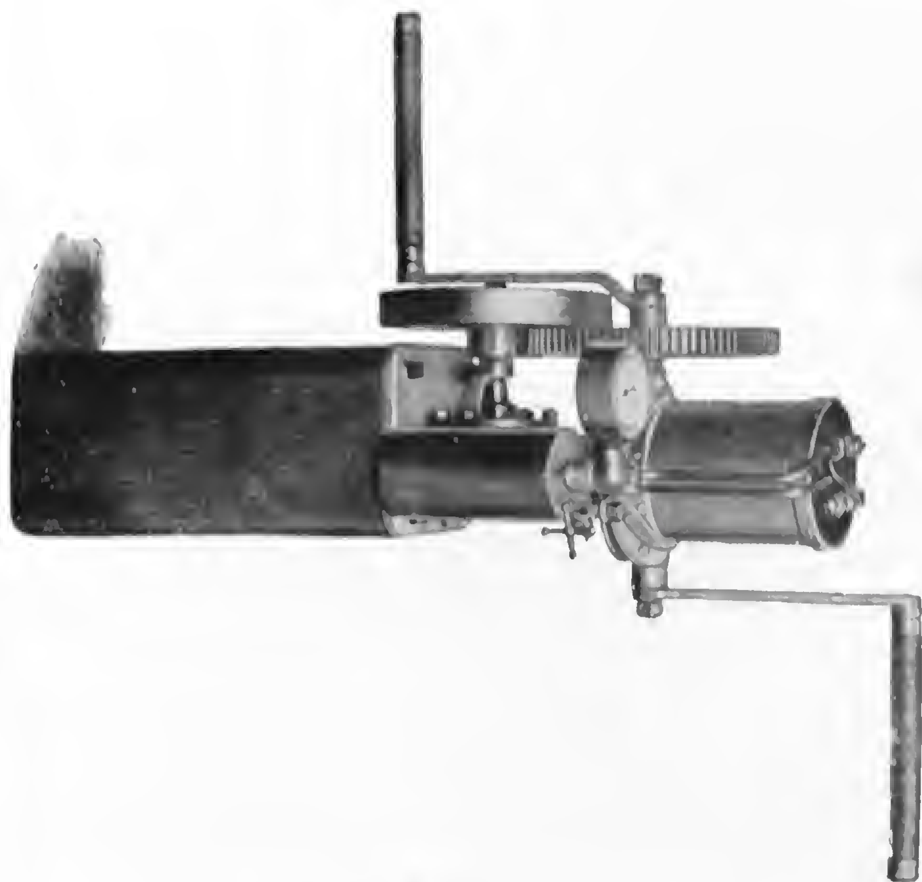


Fig. N. 1

Machina de gelo a Chlorureto de methyla


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

MACHINAS FRIGORIFICAS

Ha quatro systemas principaes de machinas frigorificas, a saber:

1.º Machinas de chlorureto de methyla;

2.º » » anhydro sulphuroso;

3.º » » amoniaco;

4.º » » acido carbonico.

Preferimos os dous primeiros systemas, por serem mais simples, seguros, economicos e não terem certos inconvenientes proprios dos dous ultimos systemas acima numerados.

Vamos, pois, descrever alguns apparelhos pertencentes aos dous primeiros systemas por nós preconisados, chamando a attenção do leitor para as gravuras e algarismos que a elles se referem. E' superfluo dizer que os alludidos apparelhos são sobejamente conhecidos e podem ser fornecidos por qualquer firma que negocie em taes artigos. Não são novidade, mas sim apparelhos communs e por demais empregados em todos os paizes civilisados.

(Vide fig. 1)

APPARELHOS A CHLORURETO DE METHYLA

Estes apparelhos, tambem chamados apparelhos Douane, são já bastante conhecidos e estimados em todo o Brazil, devido ao facto de não ser o gaz methylico inflamavel e nem tão pouco explosivo. Ha destes apparelhos para varios preços, tamanhos e producção. Assim, *verbi gratia*, a machina marca OO, movida a mão, tem os seguintes caracteristicos:

Peso 60 kilos;

Producção em 10 horas, 10 a 12 kilos de gelo;

Custo no Rio, 1:300$000.

O mesmo apparelho marca OO poderá ser movido a agua, a vapor e a electricidade, á vontade do comprador.

Damos o orçamento de dous apparelhos designados pelas letras I e V e de tamanhos differentes.

(Vide figs. 2 e 3)

	Apparelho I	Apparelho V
Producção de gelo em 12 horas . . .	75 kilos	700 kilos
» » » » 1 hora. . . .	2 »	60 »
Peso do apparelho	820 »	3.350 »
Força necessaria	1 cavallo	4 cavallos
Preço em réis no Rio.	1:800$000	12:000$000

Além destes dous typos, ha um outro denominado *Instantaneo*, o qual é muito pratico e está ao alcance de qualquer bolsa. Os ingredientes que entram nesses apparelhos para o fabrico do gelo encontram-se correntemente no commercio e são de facil transporte e conservação.

(Vide fig. 4)

APPARELHO A ANHYDRO SULPHUROSO

A gravura aquí exposta sob o n. 4 indica uma machina frigorifica a anhydro sulphuroso. Ha de diversos tamanhos, variaveis desde o n. OOO até VIII, sendo o menor o apparelho n. OOO cuja producção diaria é de cerca de 10 kilos; exige um cavallo de força e custa no Rio cerca de 5:000$000.

Esses interessantes apparelhos podem ser acompanhados de camaras frigorificas com capacidade sufficiente para a armazenagem de fructas, carnes frescas, lacticinios, peixes, etc., etc.

Além dos apparelhos supra citados, ha um que muito deve interessar ás senhoras donas de casa — é o chamado geladeira *Siberiana*, o qual, quando convenientemente manobrado, produz cerca de 2 kilos e meio de gelo em 20 minutos.

Para ulteriores informações e orçamentos, o leitor deverá dirigir-se a uma casa de machinas desta capital que tenha feito installações frigorificas aqui e pelos Estados em que a industria de lacticinios prospera.

Muito de proposito redigimos esta noticia em estylo informativo, sem pretenção a erudição barata, pois o que visamos é nos fazer comprehender pelos Srs. agricultores, para quem escrevemos estas poucas linhas.

A. GOMES CARMO.

Commercio de gado nas feiras

Os criadores de gado vaccum na zona da Matta, Estado de Minas Geraes, delegaram ao Sr. João Baptista de Castro Junior, os poderes necessarios para pleitear junto do Sr. Ministro da Agricultura quanto se torna preciso no sentido de fazer cessar certas anomalias que se notam no commercio de gado nas feiras daquella zona.

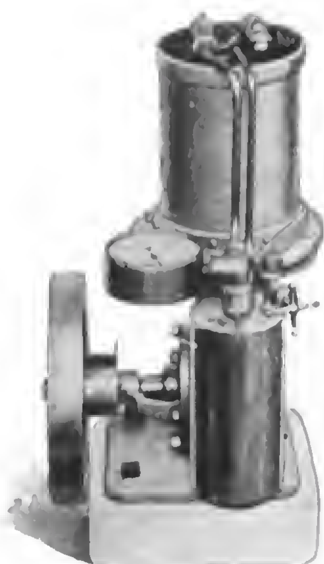


Fig. n. 2
Machina de gelo a Chloruretо de methyla

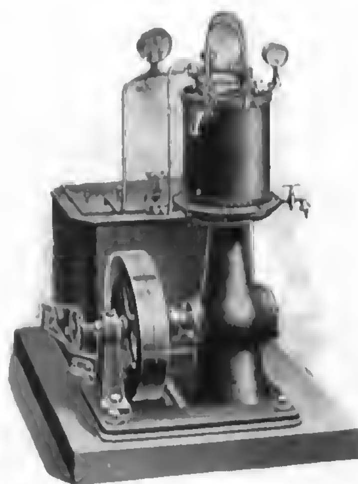


Fig. n. 3
Machina de gelo a Chloruretо de methyla



Fig. n. 4
Machina frigorifica com camara a Chloruretо de methyla


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

O Sr. João Baptista de Castro Junior, por um requinte de gentileza e confiança que muito enaltece a Sociedade Nacional de Agricultura, e sobremodo a desvanece, transferio a esta os poderes que lhe haviam sido conferidos pelos alludidos criadores e, em desempenho da elevada missão que lhe fôra delegada, agiu ella sem demora conforme exigia o caso, e como o demonstram as copias dos documentos que se referem ao supra citado assumpto.

O Sr. Ministro da Agricultura, Dr. Rodolpho Miranda, como sempre incansavel e solicito, logo que teve conhecimento do nosso officio datado de 28 de maio proximo passado, que capeava a representação dos criadores mineiros da zona da Matta, em data de 1 de junho nos honrou com a sua resposta sobre o assumpto em questão, resposta que vai trasladada mais adiante, como poderão ver os nossos leitores.

Tambem o ponderado parecer do Dr. Victor Leivas, a quem a Directoria desta Sociedade encarregara de relatar a justa reclamação dos criadores mineiros, aqui damos a lume não só por ser parte integrante de todo o occorrido se não tambem por ser bastante instructivo.

Ao Sr. Ministro da Agricultura, ainda uma vez nos confessamos summamente gratos pela prestesa com que attendeu a justa reclamação de que foi intermediaria esta Sociedade.

N. 19.476 28 de maio de 1910 — N. 14/1.489.

Exm. Sr. — Temos a honra de enviar a V. Ex. a copia da representação na qual criadores mineiros delegam a esta Sociedade poderes para, por seu presidente, os representar nos seus interesses com o fim de ser modificado o systema commercial adoptado que só prejuisos lhes trazem.

Trazendo este appello ao conhecimento de V. Ex. estamos certos que apreciará o justo reclamo, pedimos licença para juntar o officio que esta Sociedade dirigio sobre o assumpto ao Exm. Sr. Presidente do Estado de Minas e o parecer formulado pelo nosso distincto collega de Directoria, Dr. Victor Leivas, o qual subscrevemos sobre a alludida representação.

A Sociedade Nacional de Agricultura já acostumada a ver em V. Ex. o propugnador dos interesses da lavoura, em todas as suas modalidades, não exitou em acceitar tão honrosa incumbencia, certa de que os seus esforços junto a V. Ex. serão coroados do mais completo exito em beneficio dos nossos constituintes.

Apresento a V. Ex. protestos da nossa mais alta estima e consideração.

Ao Exm. Sr. Dr. Rodolpho Nogueira da Rocha Miranda, D. D. Ministro da Agricultura, Industria e Commercio.— Dr. *Wenceslão Bello*, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Exm. Sr. Dr. Rodolpho Miranda, D. D. Ministro da Agricultura.

Exm. Sr. — Os abaixos assignados, criadores no Estado de Minas Geraes (zona da Matta) representados pelo Sr. João Baptista de Castro Junior a quem delegam os precisos poderes, vem respeitosamente submetter á apreciação do espirito culto e justiceiro de V. Ex. as considerações infra, relativas ao commercio do gado nas feiras, solicitando de V. Ex. as medidas que o caso comporta, para o progredimento da nossa industria pastoril.

Considerando que um dos motivos de paralyzação e desanimo para as melhores iniciativas na criação de bovinos reside em *seu pessimo systema commercial, porquanto não existem balanças nas feiras, tornando obrigatorias as pesagens*;

Considerando que todo o gado *é vendido a olho, tomando* os compradores (marchantes) *como base media, nunca a verdadeira,* e sim *aquella que lhes fornece 5 e 6 e mais arrobas de menos do que o peso medio real*;

Considerando que os mesmos compradores (marchantes) são por via de regra *concessionarios destas feiras e proprietarios das pastagens adjacentes, dest'arte obrigando* indirectamente *os criadores e boiadeiros, vindos de longinquas distancias a estacionarem com suas boiadas nessas pastagens, longos dias, cobrando-se lhes á razão de 100 réis por dia e por cabeça, encarecendo portanto a boiada diariamente para o criador ou boiadeiro, até o dia em que resolvam compral-a na feira.*

Considerando que muitas vezes fazem a boiada entrar em feira para não ser comprada e sim vizando unica e exclusivamente a taxa a arrecadar que é de 500 réis de entrada por cabeça e 500 réis de sahida;

Considerando *que o criador, pelo systema actual, não apura um só real pela venda do couro de seu gado porquanto não é computado o seu valor, o que forçosamente se daria se houvesse balanças com as respectivas pesagens*;

Considerando que no dia em que o valor do couro fôr computado com massa de carne, a classe naturalmente se esforçará para o exterminio dos carrapatos e bernes, empregando os insecticidas preconizados, de onde derivarão outros proveitos quanto á transmissão de epizootias por estes parasitas;

Considerando que é essencial que os couros brasileiros não soffram a collossal depreciação de 40 °/o nos mercados europeus, devido á acção nociva destes parasitas;

Considerando que no Estado de Minas já existe a lei creando as balanças nas feiras, portanto *tornando apenas effectivas* taes disposições;

Considerando que a industria dos lacticinios tende cada vez mais a desenvolver-se, reclamando aperfeiçoamentos constantes, ousamos para

ella chamar particularmente a sua esclarecida attenção: a quanto aos transportes ferro-viarios e maritimos, rapidez, fretes modicos, analyses do leite e seus derivados, de modo a acautelal-os contra fraudes e prejuizos á saude publica;

Considerando que, finalmente, todos estes assumptos reclamam soluções praticas, honestas e progressistas dada a sua importancia na riqueza nacional, esperam os signatarios que V. Ex. tomará na consideração merecida os seus justos reclamos e providenciará no sentido de remodelarem-se inteiramente as praxes existentes o que impedem absolutamente o nosso progresso e civilização.

Barão de Cattas Altas, Bicas — *José Carlos Dutra de Moraes*, Bicas — *Ildefonso Pires de Mendonça*, Bicas — *Cornelio Baptista de Castro*, Santa Helena — *Joaquim José de Souza*, Bicas — *Octaviano Pinto de Rezende*, Bicas — *Jacintho Simões* — *Homero Alvim* — *José Faustino Dias* — *Reginaldo Gomes Ferreira*, Bicas — *Manoel Portes da Silva* — *Sebastião Domingues dos Santos* — *Silvino José da Fonseca* — *Cesario Francisco de Souza* — *Francisco de Azeredo Netto*, Maripá — *Antonio Montes* — *Francisco de Paula Brito Junior*, Maripá — *José Machado Rodrigues Edwirges* — *Manoel José da Cunha* — *Francisco Augusto de Castro* — *Gilberto Goulart de Oliveira* — *Orfilo Parares* — *José Joaquim do Valle* — *Eduardo Gomes Baião* — *Alfredo Alves Ferreira* — *Antonio Carlos Gomes Baião* — *Joaquim José do Valle* — *Francisco Jacintho Vieira* — *Maria Baptista de Castro*, Santa Helena — *Antonio Moreira Pontes*, S. João Nepomuceno — *Antonio Moreira Pontes Filho*, Santo Antonio das Silveiras — *Victor Belforte Arantes* — *Vicente da Costa Oliveira* — *Francisco Tavares Henriques*, Rochedo — *Antonio Ferreira de Souza*, Rochedo — *José Vieira Camões*, Grarará — *Antonio Ferreira Martins*, Rochedo — *João Ferreira de Souza* — *José Garibaldi Lobuglio*, Roça Grande — *Galdino José Medina*, Roça Grande — *José Medina de Mendonça*, Roça Grande — *Silvestre de Aranjo Porto*, Roça Grande — *Abilio Vieira de Mendonça*, Roça Grande — *Sebastião Alves da Silva*, Rochedo — *Joaquim Xavier de Gouvêa*, Larangeiras — *Antonio Emilio Ferreira*.

Illm. Sr. Dr. Presidente — Eis as considerações que sobre o emprego da balança nas feiras de gado me foram sugeridas pela leitura da representação feita pelo Sr. João Baptista de Castro Junior e que tomo a liberdade de submetter ao vosso espirito esclarecido.

O actual movimento dos criadores mineiros é mais uma das manifestações afflictivas, que vem juntar-se a outras, ja em outros pontos irrompidos, da necessidade urgente em que se acha essa numerosa classe, de acautelar-se contra as contigencias desfavoraveis de sua situação commercial criadas pelas antigas praxes estabelecidas nas feiras de gado.

No Estado do Rio Grande do Sul ha cinco ou seis annos houve já um movimento identico, e as aspirações dos criadores rio-grandenses foram interpretadas por um Conselheiro Municipal, que as concretisou num projecto de lei, apresentado á Municipalidade de Pelotas, criando a balança na Tablada daquella cidade, que como sabeis, é uma das feiras de gado mais importantes do Brasil, por onde passam annualmente de 700 a 800 mil reses.

A criação dessa balança não tinha sómente por fim regularisar ou normalisar as transacções de *compra e venda*, entre criadores e compradores, procurava tambem tornar mais equitativa a maneira de fazer incidir os impostos lançados sobre o gado a abater.

Em vez de mandar cobrar esses impostos por cabeça de animal, como era a praxe, criava a unidade de kilo vivo, fazendo assim com que os impostos mais pesados recaissem sobre os animaes de maior peso e de mais valor, dando-se o contrario com os animaes mais *levianos* e de valor menor.

Esse projecto de lei foi submettido previamente a apreciação da commissão technica da Sociedade Agricola Pastoril do Rio Grande do Sul, tendo recebido daquella corporação merecido apoio, no parecer pelo abaixo assignado lavrado, como membro daquella commissão, e por elle justificado perante a mesma Sociedade.

No entretanto é tal a importancia dos interesses, entre os quaes deveria oscillar o fiel da balança, que, ao ser apresentado a votos no Conselho, provocou esse projecto grande discussão e opposição, dando origem a uma verdadeira crise no governo municipal, sendo o Conselheiro apresentante do projecto obrigado a renunciar o mandato, apesar de todo o seu prestigio politico e de sua elevada posição social.

Esta opposição que continuou sempre tem sido vencida pela propaganda tenaz feita entre os criadores e em todas as Sociedades Ruraes daquelle Estado, votando-se ultimamente no Congresso Agricola do Rio Grande do Sul, realisado em Pelotas, a 12 de outubro de 1908, uma conclusão em que se pede aos poderes publicos, a installação de balanças, nas feiras de gado.

Faço Sr. Presidente esta ligeira exposição de factos passados em Pelotas, sómente para mostrar que a execução dessa medida salutar, mo-

PRODUCTOS BRASILEIROS, NA EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



Passaros preparados. Collecção preparada pela Sociedade Nacional de Agricultura


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

difica tão profundamente viciosas praxes que, estou certo, provocará energica reacção da parte dos directamente interessados, em que esse commercio continue a ser feito sem base ao livre arbitrio dos mais gananciosos ou mesmo mais espertos.

Para preparar, portanto, o terreno e criar resistencias capazes de tornar vencedora esta benefica medida, parece que o meio mais pratico, (a não ser que o governo queira adoptar a balança obrigatoria para a cobrança de impostos) será que ella seja criada primeiro nas feiras de gado, porém simplesmente para uso facultativo de todos aquelles que della queiram lançar mão para suas transacções. Os que assim procederem, isto é. que venderem seus gados a peso deverão como estimulo gosar de um premio ou vantagem qualquer, diminuição de impostos por exemplo.

Quando dissemos que o emprego da balança na cobrança dos impostos fará com que os animaes mais pesados paguem maiores tributos, parece que fasemos a balança tornar-se um entrave para o melhoramento de nossas criações, pois que para pagar menores impostos, converia trazer animaes de menores pesos.

Porém, é esse um modo errado de apreciar os factos, porque se o imposto augmenta na proporção do peso é que o valor do animal terá augmentado tambem na mesma proporção.

O criador atrasado, isto é, aquelle que não melhorar o seu gado, e só trouxer animaes *levíssimos*, terá todos os dias, a prova material e pratica da balança fazendo ressaltar a desvantagem de pagar pequenos impostos por serem estes os correspondentes ao pouco peso e pouco valor dos seus animaes.

Verá que o gado melhorado é verdade pagará maiores impostos, porém representará sempre muito maior valor em preço,tendo tido, no entretanto, a mesma despesa de criação, de custeio, de transporte etc. pois que todas essas despesas são sempre feitas por unidade de cabeça.

Não serão sómente estes os beneficios produsidos pela balança. Ella modificará completamente o modo de ser desse commercio que, salvo as condições inherentes a cada localidade, conserva em si sempre a mesma feição.

Os compradores ou marchantes que são em numero redusido vivem mais ou menos em contacto entre si ; são profundos conhecedores do negocio sob o ponto de vista commercial ; estão em continuas relações

4600 3



com os mercados de consumo, e constituem sempre nucleos de individuos, que sabem, pódem, e fazem valer os seus direitos, influindo preponderantemente, até junto as administrações. São esses os compradores nas feiras de gado onde concorrem os criadores.

Os criadores, apesar, de serem em numero extraordinariamente superior pelas condições especiaes de sua propria profissão, vivem absolutamente afastados dos centros commerciaes, separados por grandes distancias, difficilmente se poderiam agremiar, e completamente privados, no geral, de noticias constantes e seguras das feiras em que devem concorrer.

Nestas condições fazem seus *apartes* e seguem a tentar, num verdadeiro lance de asar, a venda de sua mercadoria, que muitas vezes representa grande capital em dinheiro, em esforço, em trabalho, e, que, no entretanto, pelo simples facto de concorrer a feira, e por *effeito da lei da offerta e procura* já lá chega bastante desvalorisada.

O que na propria feira então se passa descrevem os criadores mineiros com bastante fidelidade.

A modificação, porém, que jugo mais salutar e benefica que a balança irá introduzir, será a facilidade offerecida aos criadores de poderem, com base segura, avaliar o preço de seus gados, podendo assim fazer as vendas no proprio estabelecimento.

Por ex.: Sabendo-se que o preço de carne gorda é 200 ou 300 réis o kilo, o criador que tiver gado nessas condições poderá vendel-o por meio de um simples telegramma, desde que a transacção seja feita a peso.

Assim terminará essa anomalia, que urge desappareça, de serem os criadores obrigados sempre a andar offerecendo as suas tropas nas feiras.

A balança servirá tambem para dar um certo valor aos animaes ordinarios, pequenos, já refugos de diversos *apartes*.

Como sabemos, actualmente, o preço de compra é convencionado por categoria de animaes e os compradores vão sempre refugando os menores. Essa classificação em uma ou outra categoria, estabelecida de accôrdo com o preço, dá lugar muitas vezes a serias discussões por occasião dos apartes, pois que hoje está tudo dependente do capricho dos compradores. Os menores, os mais ordinarios são sempre os animaes refugados o que não deixa de causar prejuizo.

A permanencia desses animaes na criação tem sempre uma influencia perniciosa na selecção zootechnica.

Nestas ligeiras considerações encerro meu voto de solidariedade e applauso á justa aspiração dos criadores mineiros.

Rio, 28 de Março de 1910.—*Victor Leivas.*

N. 29 — Rio de Janeiro, 1 de junho de 1910.

Sr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura — Accuso a recepção do vosso officio de 28 do corrente, bem como da representação que ao mesmo acompanha, firmada pelo Sr. Barão de Cattas Altas e varios outros criadores da zona da matta, no Estado de Minas Geraes.

Sciente, agradeço-vos a communicação, que me fizestes, de haverem os referidos criadores delegado a essa Sociedade poderes bastantes para, por seu Presidente, representel-os no appello que me dirigiram, solicitando a decretação de medidas que determinem a modificação do systema commercial, actualmente em vigor, nas transacções de compra e venda do gado de talho.

Em resposta, cabe-me declarar-vos o seguinte:

Na esphera das attribuições que lhe são pertinentes e no desenvolvimento de um plano systematico de protecção e defesa da producção nacional, o Governo Federal já foi ao encontro dos desejos e justos reclamos de vossos constituintes.

O Regulamento, que baixou com o decreto n. 7495, de 7 de Abril de 1910, instituindo premios para a installação de matadouros modelos nos centros de criação e de entrepostos frigorificos nos centros de consumo, tem por principal objectivo fomentar a prosperidade da industria pastoril, assegurando-lhe a livre circulação dos seus productos e o accesso aos mercados externos.

O conjuncto de medidas, que esse Regulamento encerra, e que o Governo tem o maior empenho em praticar, no menor praso possivel, attende, parece-me, satisfactoriamente, os respeitaveis interesses dos criadores nacionaes e resolve, de modo pratico, efficiente e racional, o problema das carnes verdes no nosso paiz.

Apraz-me informar-vos ainda que, para completar aquellas medidas, já tenho elaborado o Regulamento que, opportunamente, será publicado e executado, instituindo em todo o territorio da Republica o serviço de policia sanitaria dos animaes.

Saude e fraternidade. — *Rodolpho Miranda.*

Exm. Sr. — Esta Sociedade tem recebido varias queixas sobre o modo por que são feitas as transacções nas feiras de gado tão sabiamente instituidas pelo Governo de Minas, cujos resultados, porém, desvirtuados na pratica, estão longe de ser o que dellas era licito esperar.

Assim, allegam os criadores, que, não existindo nas feiras uma balança apropriada, o peso do gado é estimado por simples inspecção dos marchantes, bastante habeis para dar-lhe um valor sempre abaixo do verdadeiro, com differenças até de 8 a 10 arrobas.

Ora, sendo um pequeno numero e sempre os mesmos os marchantes, entendendo-se facilmente entre si, aquellas estimativas se impõem e prevalecem por não terem os boiadeiros meios de procurar melhor mercado. Para essa situação concorre ainda a circumstancia das pastagens circumvisinhas estarem em poder dos marchantes que, desse modo, dispõem de meios de vencer as hesitações dos boiadeiros, em lhes ceder o gado pelo baixo preço offerecido. Taes são as allegações que repetidas vezes temos recebido por declarações verbaes e em communicações escriptas que terminam pedindo a intervenção desta Sociedade para que os poderes publicos façam cessar uma situação que os prejudica e os desanima.

Levando ao conhecimento de V. Ex. essas queixas tomamos a liberdade de lembrar que, si forem ellas procedentes, as seguintes medidas regularisariam esse importante assumpto :

1ª, installação de uma balança dirigida por funccionario publico;

2ª, passagem obrigatoria na balança official ;

3ª, cotação official do gado ;

4ª, manutenção de um campo official para invernadas a preços baixos.

Essas medidas generalisadas a todas as feiras dariam ao commercio de gado a necessaria regularidade, e as vantagens para os boiadeiros e criadores seriam taes que de bom grado pagariam um imposto mais forte que désse ao Governo os recursos para o custeio do serviço assim modificado.

Submettendo a esclarecida apreciação de V. Ex. tão importante assumpto, julgamos cumprir um dever a beneficio da industria pastoril do Estado de Minas.

Ao Exm. Sr. Dr. Wencesláo Braz, D. D. Presidente do Estado de Minas Geraes. — Dr. *Wencesláo Bello*, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.



VISCONDE DE MAUÁ


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Galeria

Visconde de Mauá

Irineu Evangelista de Souza, visconde de Mauá, nasceu na freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio Grande, municipio de Jaguarão, na então provincia do Rio Grande do Sul, a 28 de Dezembro de 1813.

Aos nove annos de edade veiu para o Rio de Janeiro, e após haver feito alguns estudos, entrou, em 1825, para o commercio, na casa de fazendas de Antonio José Pereira de Almeida.

Quatro annos depois, tendo Pereira de Almeida se retirado da carreira commercial, collocou o joven Irineu, com as mais enthusiasticas recommendações na casa do negociante inglez Ricardo Carruthers.

As aptidões que elle revelou no seu novo emprego, foram tão excepcionaes, que sete annos depois Carruthers, associou-o a sua casa e entregando-lhe a gerencia do estabelecimento, partiu para a Inglaterra.

Contava então Irineu apenas 23 annos de edade, e 10 annos depois havia adquirido uma fortuna que, no seu proprio dizer « lhe assegurava completa independencia ».

Essa fortuna dava-lhe uma renda de 50 contos.

Mas, Irineu Evangelista de Souza, o prototypo do individuo de trabalho, acção e iniciativa não era homem para collocar placidamente os seus capitaes em apolices, em hypothecas... e depois do anno de 1840, época em que realisou a sua primeira viagem á Europa, iniciou a sua assombrosa e fecunda actividade, que durou o largo periodo de 30 annos.

Muito embóra esta Galeria, seja uma homenagem aos — benemeritos da lavoura nacional, — não podemos, entretanto, deixar de nos referir, de passagem, ao Visconde de Mauá, como negociante e industrial porque nesses dois ramos de trabalho elle põe em evidencia, a sua phenomenal capacidade administrativa, (dirigiu ao mesmo tempo, dezenove estabelecimentos commerciaes e industriaes!) e o forte espirito emprehendedor de que era doatado que o levou mais tarde, ao grande e immorredouro commettimento da primeira estrada de ferro na America do Sul.

Industrial, foi elle, o iniciador da industria do ferro, em nosso Paiz, em 1846, num estabelecimento da Ponta da Arêa, sendo construido nas suas officinas, nos onze primeiro annos, setenta e dois navios; illuminou

a gaz o Rio de Janeiro, em 25 de Março de 1854, conseguindo, para o Governo, com o novo systema de illuminação, uma economia de 12 mil contos; fundou o Banco Mauá e a Companhia de Luz Stearica ainda existente. Ligou o Brasil a Europa pelo telegrapho.

Passamos agora a nos occupar, concisamente, para não sahirmos do molde desta secção, de Mauá, o constructor de estrada de ferro, organisador de companhias de navegação e banqueiro.

O transporte rapido com frete baixo e a abundancia de braços são os elementos basicos do desenvolvimento da agricultura, mas, o braço só emmigra para paiz rico, d'ahi se infere a somma incalculavel de serviços prestados á lavoura nacional por Mauá, dotando-a de meios de transporte e concorrendo para a existencia do Banco do Brasil, que, em pouco mais de dois annos, realisa transacções no valor de 300 mil contos.

Spencer e Worms já pensavam que na parte dynamica de um todo social as estradas de ferro, o telegrapho são comparaveis aos systemas vasculares e aos filamentos nervosos de um organismo, pois, carream os elementos da vida, transmittem a energia a todos os centros de actividade.

Pelo systema que lhe é proprio circula o sangue que contém hemoglobina que num aggregado social é correspondente a moeda, — elemento convencional da troca, unificação dos valores. A hemoglobina ao chegar ao pulmão effectua a substituição do acido carbonico de que vem carregada pelo oxygeneo restaurador das funcções nos tecidos organicos.

Tambem os estabelecimentos bancarios desempenham papel semelhante, pois ahi, a moeda — equivalente real das utilidades necessarias ao homem — crea relações de inter-cambio entre os interesses, permutando valores, produzindo o credito, garantindo o equilibrio estavel do trabalho.

Uma estrada de ferro, é um incitamento á novas iniciativas; leval-a para *produzir* e não para a *conduzir*, foi o pensamento de Mauá, isto é' povoar uma região pela ida da estrada de ferro, transportando ella os elementos para a producção e não esperar que a região seja primeiramente povoada e cultivada, morosamente, para depois ir buscar os productos.

Pelo discurso que Mauá pronunciou na inauguração da estrada de ferro de Mauá a primeira que se construio no nosso Paiz e na America do Sul, se evidencia o largo discortino e o patriotismo de que elle era dotado.

Nesse dia memoravel, 30 de Abril de 1854, disse o Visconde de Mauá dirigindo-se a D. Pedro II: — « Hoje digna-se V. Magestade de ver correr a locomotiva veloz, cujo sibilo agudo ecoará na matta do Brasil — prosperidade e civilisação, e marcará sem duvida uma nova era no paiz. »

« Seja-me permittido, Imperial Senhor, exprimir nesta occasião solemne um dos mais ardentes anhelos de meu coração; esta estrada de ferro, que se abre hoje ao transito publico, é apenas o primeiro passo na realisação de um pensamento grandioso. Esta estrada não deve parar, e, se puder contar a protecção de V. Magestade, seguramente não parará mais, senão quando *tiver assentado a mais espaçosa das suas estações na margem esquerda do Rio das Velhas.*»

Por estas palavras se verifica que, o Visconde de Mauá, tinha a respeito de viacção a comprehensão dos norte americanos: estradas de penetração, vehiculos de povoamento, como o foram as de S. Francisco, California, etc.

O inicio da grandesa do Brasil data pois, do dia em que a primeira locomotiva, fremente de progresso, galgou a serra do mar.

Mauá auxiliou ainda a organisação das estradrs de ferro D. Pedro II, do Recife á S. Francisco e da Bahia e S. Francisco.

Em 26 de Abril de 1856, obteve elle a concessão para a estrada de ferro de Jundiahy a Santos, no Estado de S. Paulo. Para a construcção dessa estrada Mauá organisou uma companhia, com a denominação de *San Paulo Railway Company*, que começou a existir legalmente no Brasil em 1° de Junho de 1860.

Os trabalhos de construcção principiarão em 24 de Novembro desse anno e a 8 de Setembro de 1868 foi aberto o trafego de toda a linha.

Em 1871 foi feito á diversas pessoas a concessão de uma estrada de ferro de Paraná a Matto Grosso.

Mauá que nessa occasião achava-se em Londres e que era um dos concessionarios, encarregou o engenheiro succo capitão Palm, de fazer os estudos necessarios. Fallecendo Palm, foram elles concluidos pelo engenheiro Lloyd. Essa estrada era para elle « o primeiro passo para a via ferrea que tem de atravessar a America do Sul em época mais ou menos distante. »

O decreto n. 1037 de 30 de Agosto de 1852, concedeu o privilegio exclusivo, por espaço de 30 annos ao Visconde de Mauá, para a navegação a vapor do Rio Amazonas.

Encetou e desenvolveu o serviço da navegação e *povoamento*, fazendo crescer consideravelmente as rendas geraes e provinciaes, aproveitando tambem ás riquezas da Amazonia.

Em 6 de Outubro, de 1873 foi apresentado á praça do Rio de Janeiro o projecto da Companhia Pastoril Agricola e Industrial assignado pelo então Barão de Mauá.

O fim da Companhia era fomentar no Brasil e nas Republicas do

Uruguay e Argentina, trabalhos agricolas e de pastoreio, bem como industrias immediatamente relacionadas com os productos dos estabelecimentos fabris que a mesma Companhia devia previamente adquirir.

Esses estabelecimentos abrangiam vastas e riquissimas zonas nas Republicas Argentina e Oriental, e nesta extensão havia numerosos edificios e dezenas de milhares de cabeça de gado.

O Barão de Mauá e a firma Mauá & C^a^. garantiam aos accionistas um juro nunca inferior a 6 % e a promessa foi cumprida.

No anno de 1882, primeiro da vida normal da empresa, sob a gerencia do Visconde de Mauá, a receita foi de 864:238$000 e a despesa de 297:375$000.

Em 1848, dizia o Dr. Bernardo de Souza Franco (depois Visconde de Souza Franco) : « E' de esperar que o Banco do Rio de Janeiro procure com efficacia meios de augmentar seu capital e de levar seus auxilios á agricultura e á industria manufactureira.»

Para satisfazer essa necessidade, o Visconde de Mauá fundou o *Banco do Brasil*.

O capital era de 10:000:000$000 contos de réis. O novo estabelecimento começou a funccionar em Setembro de 1851 e em curto periodo de tempo, fazia transações no valor de 300 mil contos, como já atraz foi referido.

Tal foi, em largos traços, esse homem, cuja grande figura, já immorredoura nos corações dos seus concidadãos, está eternisada no bronze na estatua que em 30 de abril p.p. se inaugurou na Avenida Central, em frente a Prainha, olhando para a estação Mauá.

Alevantada nessa attitude, ella symbolisa a larga visão de Mauá, quando, pela primeira vez, volveu a sua dilatada retina para o interior do Brasil.



A LAVOURA NOS ESTADOS

Congresso Agricola de Porto Alegre

A inauguração do Primeiro Congressso Agricola das associações ruraes do Estado do Rio Grande do Sul, realisou-se, com toda a solemnidade, no dia 11 do corrente, em Porto Alegre.

PRODUCTOS BRASILEIROS NA EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



Materias primas para producção de cellulose. Collecção feita pela Sociedade Nacional de Agricultura


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15 16

Ao acto compareceram o Exm. Sr. Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, eminente presidente do Estado, que tomou assento á mesa da presidencia ladeado pelos srs. Dr. Venceslão Alves Leite de Oliveira Bello, Dr. Alvaro Nunes Pereira, Alfredo Gonçalves Moreira, Dr. Ramiro Barcellos, coronel Carlos Corrêa, Dr. José da Costa Gama, Dr. Eurico de Oliveira Santos, major Euclydes Moura, coronel Pedro Carvalho, tenente João Costa Lima, Dr. José Montaury, coronel Cypriano da Costa Ferreira, capitão Cassio Brum Pereira, Dr. Manoel Luiz Osorio, coronel Manoel Simões Lopes e Dr. Vasco Pinto Bandeira.

No recinto achavam-se as seguintes representações :

Dr. Alvaro Nunes Pereira, pelo coronel Manoel de Freitas Valle Filho e pelos municipios de Torres e Cruz Alta ; Dr. Vasco Bandeira, pelos municipios de S. Lourenço, Rio Pardo e Jaguarão ; coronel Emilio Guilayn, pelo municipio de Bagé ; tenente João Carlos Yatahy, pela Sociedade Agricola Pastoril Pedritense ; Dr. Ezequiel Ubatuba, pelo Syndicato Rural e Industrial da Fronteira e municipio do Rosario ; Dr. José Montaury, pelos municipios de Porto Alegre, Camaquam e Antonio Prado ; Dr. Armenio Jouvin, pelo general Salvador Pinheiro Machado e municipios de Alfredo Chaves, e S. Luiz de Missões ; major Gonçalves de Almeida, pelo municipio do Herval ; Dr. Octavio Rocha, pelo municipio de Santo Antonio da Patrulha ; Guaporé, pelo vice-intendente Sr. Agilberto Maia ; Dr. Joaquim Brinfeld, pelo municipio de S. João de Montenegro ; coronel Pedro Carvalho, pelo municipio de S. Sebastião do Cahy ; major Euclydes Moura, pelo municipio da Taquara do Mundo Novo ; Dr. A. Manoel de Araujo, pelo Club Commercial do Rosario ; tenente-coronel Affonso Emilio Massot, coronel Antonio Caminha e major Albino Wiltgen, pela «Associação Protectora do Turf» ; tenente-coronel Germano Petersen, pelo municipio de Cachoeira ; coronel Manoel Simões Lopes, Dr. Guilherme Minssen, Joaquim Assumpção Junior, Dr. Ramiro Barcellos e Dr. Manoel Luiz Osorio, pela Sociedade Agricola Pastoril do Rio Grande do Sul ; Alipio Brochado da Cunha, pelo Museu Commercial da Capital Federal ; coronel Marcos de Andrade, pelos municipios de Santo Amaro e S. Sépé ; major Euclydes Moura, representando o Ministerio da Agricultura ; major Octaviano de Oliveira, pelo municipio de Caxias ; Celestino Castro, pelo municipio do Triumpho ; Emilio Schenk, representante do Syndicato Agricola Apicula de Taquary ; Dr.



Heitor Annes Dias, pela Faculdade de Medicina; Dr. Alcides Cruz, pelo municipio da Vaccaria: e Dr. Alvaro Baptista, pelo municipio de S. Borja.

Além destas representações achavam-se tambem no recinto, entre muitos outros, os Srs. coronel Nicoláo Kroeff, Manoel Guimarães Lopes, Juvenalino Cesar, Aristides Fontoura, Dr. Sylvio Pettinelli e Lourenço Monaco.

Preenchidas as formalidades legaes do estylo, levantou-se o Dr. Carlos Barbosa Gonçalves.

S. Ex. disse que, em nome do governo do Estado, congratulava-se com os congressistas, tendo certeza das grandes vantagens que provirão para o progresso do Rio Grande do Sul.

S. Ex. felicitou, por ter vindo presidir os trabalhos do Congresso, um brasileiro illustre como o Dr. Wencesláo Bello, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Terminou hypothecando os seus agradecimentos por ter inaugurado os trabalhos do Congresso Agricola.

As ultimas palavras de S. Ex. foram abafadas por prolongada salva de palmas.

Seguiu-se com a palavra o major Euclydes Moura, que pronunciou o discurso abaixo, segundo as notas colhidas pelo representante do *Jornal*:

No momento em que se abre para as esperanças da vida agricola do Estado, esta opportuna e feliz iniciativa da Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul, cabe ao modesto servidor do Ministerio da Agricultura, nesta circumscripção do Brasil, expressar ao Congresso ora installado e no qual se honrará de obscura parte, as seguranças do apoio do departamento administrativo que elle aqui representa e a par desse apoio os offerecimentos do seu fraco concurso para o encaminhamento das providencias que esta esclarecida assembléa houver de solicitar daquelle ministerio.

Cumprindo com ufania esse dever impreterivel da minha funcção official, caiba-me ainda a satisfação particular, que este ensejo me offerece, de poder saudar, na pessoa do acatado mestre que veiu illuminar os trabalhos deste Congresso, o rio-grandense illustre que tanto se ha imposto á benemerencia da Patria pelos denodos do seu esforço em prol da lavoura brasileira, nessa obra patriotica a que se devotou a Sociedade Nacional de Agricultura, de abrir, a golpes ousados e tenazes, com a pleiade infatigavel de patricios que se lhe congregam em torno, o caminho da regeneração agricola e da promissão eco-

nomica do Brasil, caminho que ora se apresenta largo e aplainado, mas será totalmente continuado com egual galhardia pela geração de novos que aqui se apparelham para a marcha incessante até a conquista do novo marco e o encontro de novas gerações, no desdobramento infinito do progresso.

Causou a mais profunda impressão o discurso do infatigavel patricio, que recebeu justa homenagem de applausos ao terminar a sua oração.

Em seguida foi dada a palavra ao orador official Dr. Joaquim Luiz Osorio, presidente da Sociedade Agricola e Pastoril de Pelotas, que pronunciou o seguínte discurso :

« Exmo. Sr. Dr. presidente do Estado, Exmo. Sr. representante do Ministerio da Agricultura, dignisssimas autoridades, minhas senhoras, Srs. congressistas.

Devem rejubilar-se os nossos corações pelo grande acontecimento que hoje celebramos: a abertura do primeiro Congresso da Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul.

Pela primeira vez no Estado reunem-se as aggremiações agricolas para, firmando a sua solidariedade, deliberar sobre questões de interesse magno para a lavoura pecuniaria e economia nacional.

O valor desta assembléa revela-se pela valia dos elementos que a compõem: presentiu-o o benemerito presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, vindo trazer-lhe o brilhante concurso de sua presença.

A S. Ex. o Sr. Dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello, a Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul apresenta o testemunho do mais perenne reconhecimento pela distincção enorme que S. Ex. lhe deu, accedendo ao convite de tomar parte nos trabalhos deste Congresso, que, escolhendo-o para guia, muito espera de suas luzes e competencia adquirida em largo tirocinio.

A Federação recebe a sua visita como um incentivo, porque vê no preclaro rio-grandense o mais denodado batalhador da união das classes ruraes.

Ninguem melhor do que S. Ex., em brilhante memoria apresentada ao 1º Congresso Nacional da Agricultura, demonstrou a conveniencia da arregimentação dos agricultores, quando lançou a idéa dos syndicatos agricolas, considerada a idéa *mater* daquella importante assembléa—deixando a convicção de que, isolados, « não podendo dispor sinão do proprio esforço, dos exclusivos recursos para prover nos multiplos e cada vez mais complexos misteres da profissão, tudo quanto proponham e consigam serão materiaes reunidos sem nexo, sem cohesão

nem estabilidade e que ao primeiro sopro desse pampeiro —a crise, ao embate dessa resaca—a especulação, ruirão informes, semeando de novos tropeços a via dolorosa que está percorrendo a lavoura nacional.»

Ninguem melhor do que S. Ex. acaba de patentear, pelas columnas da *Lavoura*, as vantagens do cooperativismo agricola, sem o que «não ha protecção de alfandega, de frete, de impostos, não ha esforços de sciencia agricola que possa proporcionar lucros ao lavrador, escravisado ao commercio intermediario, que absorve o valor dos productos, deixando ao lavrador magras migalhas que não lhe matarão a fome.»

De tão ardoroso propugnador da união da classe rural da Federação espera merecer palavras de estimulo e de conselho, de modo a poder efficazmente desenvolver a sua actividade,—levando ao agricultor a certesa de que só no regimen da maior solidariedade poderá viver e prosperar —substituida como está a divisa — *a luta pela vida* para formar a *União pela vida*.

Srs. congressistas.

A vantagem dos congressos agricolas apresenta-se como indiscutivel, mormente em nosso paiz em que a lavoura, a pecuria e as industrias se incrementam.

Ha necessidade de assentar idéas sobre os mais graves assumptos, e só as assembléas compostas de interessados serão capazes de formular as decisões mais convenientes.

Muitos são os que não acreditam na influencia destas assembléas; a taes scepticos respondem os resultados decorrentes dos memoraveis congressos realizados pela Sociedade Nacional de Agricultura.

Quem não sabe que foi dessas assembléas de agricultores que surtiu a guerra aos impostos interestadoaes; que foi dessas reuniões que nasceu o pensamento dos syndicatos agricolas, que se firmou a necessidade das cooperativas agricolas, que brotou intensa a campanha em favor do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio?

Hoje, graças aos reclamos partidos dessa congregação de lavradores, temos a lei n. 1.185, de 11 de Junho de 1904, que aboliu os impoliticos e anti-economicos impostos interestadoaes que estavam desunindo os Estados Unidos do Brazil, transformando os vinte Estados em vinte republiquetas; temos o decreto n. 979, de 6 de Janeiro de 1903, que faculta aos profissionaes da agricultura e industrias ruraes a organização de syndicatos e cooperativas para defesa de seus interesses; temos o decreto n...., que creou o departamento da agricultura, installado pelo actual chefe da Nação, com os applausos geraes.

Assignalado o grande acontecimento — a Federação, hoje que se

reune em Congresso, não póde deixar de congratular-se com o paiz pela installação da ambicionada secretaria, com votos para que os actos della oriundos sejam pautados pelo maximo criterio, abandonados os habitos burocraticos tão communs em nossa Patria, unico meio de prestar á lavoura os serviços que esperançosamente se aguarda.

Srs. congressitas.

Vinte e seis são as theses constantes do questionario sujeito á vossa apreciação: muitos desses themas foram objecto de estudo do Congresso Agricola, effectuado em Pelotas a 12 de Outubro de 1908, assembléa que ficou memoravel pela ponderação e intuitos patrioticos de seus membros, Congresso promovido pela Sociedade Agricola Pastoril do Rio Grande do Sul, naquella cidade, em commemoração do 10° anniversario de sua existencia.

Basta, para tornar inolvidavel esse Congresso, o primeiro do Estado, a recordação de que foi nelle que se concretizou praticamente o meio de executar a Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul a velha aspiração de todos nós.

A vós cabe, Srs. congressistas, a tarefa de apreciar o caracter pratico das proposições applicadas, como a de aventar outras muitas idéas, de modo a imprimir ás conclusões votadas o maior interesse.

Têm confiança os organizadores deste Congresso que haveis de resolver as questões *como homens de sciencia e de experiencia fazendo resplandecer um espirito positivo, sem deixar-vos arrastar pura e simplesmente pelos postulados da sciencia abstracta.*

O Rio Grande do Sul comporta a cultura do trigo em grande escala? Quaes os meios de fomentar essa cultura?

O algodão, o linho, a pita encontram zona cultural no Estado?

Ha vantagens na cultura dos campos?

Riqueza decorrente da industria das fructas.

Qual a protecção a dispensar a alfafa?

Quaes as cepagens mais convenientes a viticultura?

Taes as theses enfeixadas na secção *Lavoura*.

Como vêdes cada qual é mais relevante.

Dentre ellas figura a relativa á cultura do trigo.

Todos vós sabei, que esse cereal foi já cultivado em grande escala no Rio Grande do Sul, que exportou trigo para os Estados Unidos, Havana e Rio da Prata.

Nas memorias do sabio francez Augusto de Saint Hilaire lê-se haver esse naturalista, na viagem que fez por quasi toda a então ca-

pitania do Rio Grande, encontrado por toda parte lavouras de trigo com excellente aspecto.

Quaes então as causas do abandono em que cahiu essa cultura?

Os negocios mais lucrativos que surgiram alliados á *ferrugem*, molestia julgada incuravel, que atacou o grão, ou a natureza dos terrenos?

São sufficientes as medidas de auxilio, dispensadas pelo poder publico, consistentes em premios e subvenções aos agricultores ou syndicatos, ou dever-se-ia estender a esse cereal a politica proteccionista, causa do incremento que no Estado adquiriu a cultura do arroz?

Raças bovinas convenientes.

E' preferivel a conservação da raça cavallar indigena á introducção de raças aperfeiçoadas? Na negativa, quaes as preferiveis?

Vantagens da criação ovina em grande escala.

Raças suinas preferiveis. Importancia e desenvolvimento de sua criação.

Meios de criação de aves em grande escala.

Meios de incrementar a cultura da amoreira. Processos culturaes.

Da apicultura.

Quaes os animaes e insectos uteis e nocivos á agricultura dos campos?

Limpeza dos campos.

Taes as theses relativas á criação sobre as quaes ha justas e sérias duvidas entre os criadores.

Sem querer diminuir a importancia das outras, salientarei a attinente ao gado cavallar, porquanto diz respeito á defesa nacional, assumpto que deve constituir séria preoccupação dos governantes, emquanto houver fronteiras que separem as nações, indicando aos homens que antes de tudo elles são cidadãos de um paiz.

E' tempo de promover a producção dos equideos, de modo a cessar a importação de cavallos estrangeiros, evitando ficarmos expostos á falta desses recursos bellicos na eventualidade de uma lucta com os paizes fornecedores de animaes para o Exercito.

Imposto territorial. Fórmas de incidencia. Deve gravar somente a area do immovel, ou recahir tambem sobre o valor venal, incluindo neste o valor das bemfeitorias?

Codigo rural. Sua necessidade.

Operariado rural.

Inspecção e defesa agricolas.

Conveniencia da industria de adubos com materia prima do Estado.

Exposições. Conveniencia de sua regulamentação.

Problema da viação no Estado.

Codigo agricola.

Ensino ambulante.

Replantação das mattas.

Escolas de artes mecanicas.

Taes as questões que foram objecto da secção de Economia Rural, todas da maior monta, pelos interesses que affectam.

Dessas theses, ha uma que diz de perto a vida da Federação: a relativa ás exposições.

A utilidade da regulamentação desses certamens do trabalho se afigura imprescindivel.

Não é possivel continuar o espectaculo, que se observa, de sociedades realizarem annualmente e quasi simultaneamente exposições: estas têm por fim verificar os progressos conseguidos, estimulando com premios os productos: não podem, por isso, repetir-se com muita frequencia para que seus resultados possam ser devidamente apreciados.

No dia em que as sociedades ruraes entrarem em accôrdo quanto á organização das exposições geraes, terão adquirido outra importancia esses certamens, certo, como estou, de que o governo não estará longe de terminar a sua acção nesse sentido, limitando-se a prestar o concurso pecuniario indispensavel.

Destacam-se, nessa secção de Economia Rural, como das mais importantes theses, não só desta secção, mas do questionario, duas: as relativas á instrucção e á viação.

Esses são os dois grandes problemas nacionaes.

E', sem duvida alguma, a ignorancia do povo agricultor a causa da infancia agricola em que nos achamos, porque de nada vale a uberdade do solo e a variedade dos climas si o homem não sabe aproveital-os e tirar delles as riquezas que contêm.

Felizmente, os governantes acham-se dispostos a methodizar o ensino agricola, o que provam os recentes actos do Ministerio da Agricultura, recommendando aos inspectores agricolas o ensino ambulante, talvez o mais necessario no actual momento, porquanto ha necessidade de ministrar a apredizagem profissional ao agricultor que não póde frequentar as escolas.

Por outro lado, como maior obice ao desenvolvimento da lavoura, surge o problema da viação, de cuja solução depende a corrente immigratoria, que espontaneamenté se fará, a unica que convóm, certa de que tem os meios de levar os productos ao mercado consumidor sem absorver o seu valor.

Felizmente, porém, o registro com prazer, os governantes acham-se compenetrados dessa grande verdade, preoccupando-os o problema da viação geral do paiz.

Senhores. Acham-se neste Congresso reunidos elementos de todos os matizes politicos; a Federação deseja e pede que as deliberações sejam tomadas no terreno neutro; aliás, esses são os anhelos dos chefes do situacionismo, expressos aos organizadores do Congresso.

Adversarios do Governo, applaudí os actos dignos de approvação; amigos e correligionarios pede creação ou remodelação daquelles que parecerem não satisfazer ás exigencias do presente.

Lavradores, criadores e industriaes que aqui viestes livremente apresentar as vossas reclamações, manifestae as vossas aspirações; com tal conducta só podereis agradar os governantes, que, quando bem intencionados, só poderão comprazer-se em tomar as providencias indicadas.

Rio-grandenses, brasileiros, devemos estar satisfeitos. O Brasil caminha a passos agigantados.

A situação da lavoura modernamente já não é a mesma de outr'ora; E, pois, observa-se um espectaculo que conforta, que faz ter fé no futuro, é o gosto que se desenvolve pela carreira agricola entre a mocidade, que já se encaminha para as escolas de agronomia, considerando a sciencia agronomica como demais significadoras.

A presença do eminente Sr. Dr. presidente do Estado, fazendeiro progressista, dos delegados dos municipios; o comparecimento dos homens de responsabilidade politica, isso tudo revela o interesse que pelos assumptos da lavoura toma o poder publico, que, approximando-se nestas reuniões das classes ruraes, vêm observar as queixas apresentadas e ouvir as aspirações formuladas.

Saudo-vos Srs., Congressistas em nome da Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul, com votos de inteira concordia no continente americano, porquanto só no regimen da paz poderão se desenvolver as forças vivas do paiz.»

Ao terminar, recebeu o Dr. Joaquim Luiz Osorio cerrada salva de palmas, sendo tambem muito felicitado pelo seu bello e ponderado discurso.

Após, o Dr. Eurico de Oliveira Santos leu a seguinte commissão directora do Congresso:

Presidente, Dr. Wencesláo Bello; 1º vice-presidente, Dr. Joaquim Luiz Osorio; 2º dito, Dr. Barreto Vianna; 1º secretario, Dr. Eurico Santos; 2º dito, Coronel Pedro Carvalho; presidentes honorarios,

Drs. Borges de Medeiros e Alvaro Nunes Pereira; commissões: da 1ª secção — «Lavoura» — Dr. Manoel Luiz Osorio, Dr. Augusto Gonçalves Borges, coronel Lucio Cidade, Dr. Guilherme Minssen e capitão Waldomiro Lima; 2ª secção — «Criação» — General Salvador Pinheiro Machado, coronel Custodio Paixão, Joaquim Manoel Fernandes e Alfredo Gonçalves Moreira; 3ª secção — «Economia Rural» — Alfredo Gonçalves Moreira, Dr. Thimotheo Pereira da Rosa, Dr. Ramiro Barcellos e coronel Manoel Simões Lopes.

Por ultimo falou o illustre Dr. Wenceslão Bello.

Disse S. Ex. que sentia no momento a mais profunda emoção de sua vida publica em face daquella assembléa e no coração de sua terra. Pede portanto desculpa pelo desalinho do que possa dizer.

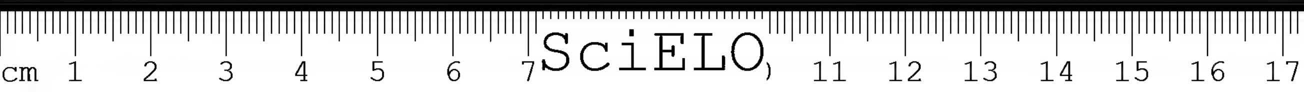
Representava alli a Sociedade Nacional de Agricultura e como seu delegado recebia as homenagens da Federação das Sociedades Agricolas do Estado. Tambem estava porém alli como rio-grandense.

A sociedade Nacional de Agricultura conta em seu gremio mais de 3.000 associados, entre os quaes se conta o que de mais selecto existe na sociedade brasileira de todos os Estados da União. Já são muitas as sociedades que lhe estão filiadas. São adhesões que a honram e de que se orgulha. Ella registra porém hoje o seu maior triumpho na homenagem que lhe é prestada pelo Congresso, pois provém ella da Federação das Associações Agricolas, da familia agricola do Estado do Rio Grande do Sul que é estrella de primeira grandeza na constellação da nossa Patria. Por tão alta distincção da escolha de seu representante para presidir os trabalhos do Congresso apresentava a segurança do mais sincero agradecimento da Sociedade Nacional de Agricultura.

Disse mais que se sentia feliz e desvanecido por ser neste momento o delegado daquella Sociedade.

Não podia porém furtar-se ao dever de falar tambem em seu nome pessoal, pois ha dois dias, desde que aportara a terras rio-grandenses sentia-se em um meio novo para si pela acolhida gentillissima e carinhosa de seus concidadãos, que sentia em sua emoção como sendo as caricias de patricios que acolhiam o irmão em retorno ao lar paterno.

Estava ha longos annos expatriado de sua terra, mas jura que nunca deixou de ser rio-grandense, de soffrer as suas afflicções, de partilhar suas alegrias e de orgulhar-se de suas glorias.



Dahi partira ainda na infancia, mas, já o dissera e quer repetir para solemnisar uma contricção e firmar um compromisso, que era tambem nessa edade que via germinar no coração o sentimento do amor filial e esse levou-o elle em seu peito quando dahi partira. Esse sentimento por sua terra não fizera sinão enraizar-se mais e mais. Quando partira, de pouco havia partido para a eternidade seu amadissimo pae e essa imagem, para si veneranda, se confundira em seu peito com a de sua terra natal em um só sentimento de amor filial, que se constituira fanal e incentivo de sua vida, pelo dever contrahido de honrar a tradicção de seu pae e não deshonrar a terra em que nascera.

Congratulava-se com seus conterraneos pela auspiciosa iniciativa daquelle Congresso em que se vinha revelar a grande vitalidade da familia agricola do Estado.

Emprehendimentos desse genero são sempre fecundos em seus effeitos. Congratulava-se pelo comparecimento e pelas palavras de animação de S. Ex. o Sr. Presidente do Estado, que demonstrava mais uma vez o progresso do paiz pela elevada e segura orientação de nossos governantes vindo prestigiar a iniciativa particular no commettimento que melhor a aquilata, gestos esses que os dignifica e eleva pelo reconhecimento do verdadeiro lema de que só é rico e poderoso o paiz em que a iniciativa particular é robusta e livre.

Agradece penhorado as lisonjeiras e generosas referencias que lhe foram feitas por S. Ex. e pelos illustres oradores que o precederam. Hypothecava seu dedicado concurso ao Congresso. Pouco esperava de si, contava, porém, com as luzes dos congressistas que já fizeram suas primeiras armas com o mais brilhante exito e estava seguro que esse segundo Congresso Agricola do Estado será fecundo em resultados para as industrias ruraes do Rio Grande do Sul.

Vibrantes applausos recebeu o distincto visitante ao concluir o seu patriotico discurso.

Logo depois de terminada a sessão do Congresso, o Dr. Wenceslão Bello dirigiu a esta Sociedade o seguinte telegramma:

« Congresso Agricola promovido Associações Ruraes Estado Rio Grande Sul, foi installado hoje grande solemnidade presença presidente Estado, principaes autoridades. Eleito presidente Congresso, qualidade presidente Sociedade Nacional Agricultura mereceu dos oradores mais lisonjeiras referencias. Estou penhorado acolhimento. — *Wenceslão Bello* ».

POSTO ZOOTECHNICO DE S. CARLOS



Vista Goral


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 11 12 13 14 15 16

Ao Dr. Rodolpho Miranda, Ministro da Agricultura, o Dr. Wencesláo Bello dirigiu o seguinte despacho:

« Na qualidade presidente Congresso Agricola promovido Federação Associações Ruraes Estado, participo V. Ex. installação solemne Congresso, presença presidente Estado, altas autoridades, representantes grande numero sociedades. Congratulo-me V. Ex. auspicioso tentamen, felicito lisonjeiras referencias acção fecunda lavoura espera Ministerio cargo V. Ex.. Cordiaes saudações. — *Wencesláo Bello* ».

Ao finalizarmos estas notas nos declaramos desvanecidos e penhorados com o distincto e carinhoso acolhimento dispensado ao nosso illustre e estimado presidente.

Posto Zootechnico de S. Carlos

O primeiro posto zootechnico installado no nosso paiz foi o de S. Paulo, fundado pelo Dr. Carlos Botelho, quando Secretario da Agricultura daquelle estado.

A iniciativa do Estado de S. Paulo foi secundada por outros governos estadoaes.

Assim, em Minas o inesquecivel João Pinheiro creou um posto zootechnico, annexo á escola pratica de agricultura da fazenda Gameleira; o Dr. Miguel Calmon fundou o posto federal de Pinheiros.

No Estado do Paraná inaugurou-se, em Ponta Grossa, no anno passado, um posto zootechnico.

O bom resultado que deu o posto zootechnico central, Dr. Carlos Botelho, na capital paulista, e o desenvolvimento da pecuaria paulista, incitou o governo do Estado a crear novos estabelecimentos desse genero.

Alguns dias antes de deixar a pasta de secretario para vir assumir a de Ministro da Agricultura, o Dr. Candido Rodrigues assignou o decreto que creava 4 postos zootechnicos municipaes, sendo respectivamente, em S. Carlos, Barretos, Itapetininga, Botucatú e Guaratinguetá.

Installado com o auxilio da Municipalidade, o Posto Zootechnico de S. Carlos foi o primeiro que se inaugurou.

O acto da inauguração revestiu-se de toda a solemnidade e brilhantismo; conforme se verifica pela noticia que em seguida reproduzimos extrahida do *Correio de S. Carlos*.

« A cidade de S. Carlos tem o prazer de hospedar o illustre titular da pasta da Agricultura deste Estado, que aqui chegou hontem, tendo

vindo em carro reservado ligado ao trem que passa por esta cidade ás 12.40 Com S. Ex. vieram o seu official de gabinete, Dr. Aristides Pompeu do Amaral, deputado do districto e representante da imprensa, que hontem assistiram á inauguração da Estação Zootechnica, estabelecimento que constitue um notavel melhoramento no municipio e que se deve aos esforços da administração da actual vereança e a maxima dedicação da Secretaria da Agricultura, a quem não são estranhas as necessidades da lavoura desta zona.

Cerca de 500 pessoas aguardavam na *gare* a chegada do illustre secretario Dr. Padua Salles, comparecendo ao seu desembarque as autoridades da terra, representantes da imprensa e muitas pessoas gradas.

Da estação dirigiu-se o Dr. Padua Salles, acompanhado de sua comitiva, do Dr. Prefeito, Dr. juiz de direito, vereadores e demais pessoas, em visita aos estabelecimentos publicos, a começar pelo edificio onde em breve será installada uma escola de ensino superior.

A's 3 1/2 horas da tarde teve logar a inauguração solemne da Estação Zootechnica, usando da palavra, em primeiro logar, o Dr. Padua Salles que, depois de elogiar os esforços dos filhos desta terra, declarou solemnemente inaugurado o estabelecimento, seguindo-se a leitura da acta que foi redigida nos seguintes termos:

« *Estação Zootechnica Dr. Padua Salles* » — Aos vinte e sete de Maio de mil novecentos e dez, nesta cidade de S. Carlos, no estabelecimento onde se acha installada a estação Zootechnica creada pelo governo do Estado afim de promover o melhoramento da raça de industria pastoril e demais relativos á zootechnia, ahi presente o Dr. Antonio de Padua Salles, secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo, Dr. Aristides do Amaral, official de gabinete da Secretaria da Agricultura estadoal, Dr. Mario Maldonado, sub-director do Posto Zootechnico central «Dr. Carlos Botelho», representantes da imprensa da Capital, autoridades, Dr. Juiz de Direito, convidados e pessoas do povo, pelo doutor secretario do Agricultura foi dito que tendo sido offerecida pela Camara Municipal desta cidade esta estação, com as acommodações precisas para ahi ser installado um estabelecimento zootechnico, de conformidade com o regulamento expedido pelo governo e contracto com a Camara Municipal desta cidade, declarava-o solemnemente inaugurado, sendo conservada a denominação de Estação Zootechnica Regional Dr. Padua Salles, que a Camara approuve dar em reconhecimento á solicitude que o Dr. Secretario da Agricultura mostrou em attender aos interesses desta zona. E por nada mais haver, deu-se por findo o acto da inauguração, do que se lavrou a presente acta que vae por todos assignada. Eu, José

de Camargo, servindo de secretario, a escrevi. — *Antonio de Padua Salles*, secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo — Aristides Pompeu do Amaral, official do gabinete da secretaria da Agricultura, — Mario Maldonado. — Octaviano Vieira. — Floriano de Moraes, pelo *Correio Paulistano*. — Dr. Fausto de Sampaio. — Olival Costa, pelo *S. Paulo*. — Aristides de Aruda, pelo *Diario Popular*. — Mario Diniz, pelo *Commercio*. — Dr. F. de Paula Novaes. — Dr. Gastão de Sá. — etc.».

Em seguida á leitura da acta, foi offerecido aos presentes um profuso copo d'agua, usando da palavra os Srs. Dr. José Bonifacio de Oliveira Coutinho, Dr. Gastão de Sá, Sr. Arruda Filho, em nome da imprensa Paulistana; o Dr. Martiniano Medina, director do posto Zootechnico; Dr. Octaviano Sampaio, engenheiro agronomo e representante do governo federal. Encerrou a amistosa reunião o Dr. Padua Salles que, bem impressionado por tudo quanto acabara de presenciar, em sinceras palavras agradeceu os elogios erguidos ao seu nome e deu parabens aos impulsionadores do progresso local.

Inscreveram os seus nomes na acta de installação mais os seguintes senhores: José de Camargo, José de A. Cintra, Luiz Brandão, Hugo Ribeiro, Martiniano Medina, José Augusto de Oliveira Salles, José Joaquim de Faria, Antonio Dias Ferraz Junior, José I. de Camargo Penteado, José Rodrigues Sampaio, Delfiino Martins de C. Penteado, Joaquim Augusto Gomide, Octaviano de Moraes Sampaio, Antonio de Almeida Leite, Fortunato José Pereira, Ernesto Abbt, A. Palmieri, Argêu Vinhas, José Cardoso de Toledo França, José Angelo Pellegrino, Francisco Pugliesi, Aquilino de Almeida, José Teixeira de Camargo, João de Almeida (pelo «Correio»), Juliano Parolo, José Faro, Themistocles Mastrofrancisco, José Francisco Rodrigues, Dario Pupo Nogueira, Menotte Pezonni, Heitor Arruda, Pacifico Mardinese, Arthur de Oliveira Lima, Astor Barros, José Gomes Baptista, Luiz dal Medico, Antonio Nura, Francisco Antonio Sabino, Martins Egydio Nogueira, Isaias Gonçalves, Candido Padim, José Pedro de Goes, Vianna Anacleto, José Innocencio, Domingos Lopes, Constantino Baldi, Alarico Alencar Cunha, Galdino Araujo Baptista Rodrigues, André Appratti, Caetano Milone, Theophilo Corrêa Gomes, Attilio Scorça, F. Penteado, etc.

A's 4 1/2 horas da tarde, o Dr. secretario da Agricultura, sua comitiva, representantes da imprensa, autoridades, pessoas gradas e distinctas

familias assistiram ao brilhante *match de foot-ball* realisado no *ground* contiguo a estação zootechnica. Conduziram-se com valor e galhardia os *teams* do *Sancarlense* e do *S. Carlos Club*, sendo o resultado de 3 *goals* a 3.

A' chegada do illustre titular e em todos os actos da inauguração do Posto Zootechnico, fez-se ouvir a bem orchestrada banda Brasileira.

Pela Municipalidade foi offerecido aos nossos illustres hospedes um lauto banquete de 30 talheres, que se realizou no Hotel Accacio, ás 6 1/2 horas da tarde. Nessa occasião, foi levantado pelo Dr. Octaviano Vieira, integro juiz da comarca, um eloquente brinde em nome do fôro e do povo sancarlense ao Exmo. Sr. Dr. Padua Salles, que respondeu agradecendo e erguendo um viva ao representante da justiça local. Usou da palavra, em seguida, o Sr. Dr. Joaquim Augusto Gomide, deputado estadoal por este districto, agradecendo, em nome da Municipalidade, a distincção da presença com que o Exmo. secretario da Agricultura se dignou honrar á inauguração de um estabelecimento, e a gentileza de acudir ao convite para presidir essa solemnidade.

Após o banquete, o Exmo. Dr. Padua Salles dirigiu-se á casa do coronel José A. de Oliveira Salles, onde se acha hospedado e tem sido alvo das mais justas e significativas provas de apreço ao seu merito, já como homem de governo, já como um depositario de nobres qualidades.

Cooperativas Agricolas

O Sr. Antonio Ventura d'Oliveira Castro, ardoroso propagandista da união agraria e encarregado de promover a installação e organização de *Cooperativas agricolas* no Sul de Minas, endereçou-nos uma carta, — alem de prospectos e jornaes —, na qual nos dá a agradavel e auspiciosa nova da installação de dez cooperativas nos districtos de *Varginha*, *Carmo da Cachoeira*, *Pontal*, *Ouro Fino*, *S. Sebastião do Paraiso*, *Monte Santo*, *Guaranesia*, *Guaxupé e Musambinho.*

Segundo se collige de sua estimada carta que, por absoluta carencia de espaço não publicamos aqui, deve-se aos esforços e á tenacidade de S. S. a fundação das dez alludidas associações.

Máo grado a pouca confiança que lhe inspira a evolução conveniente das cooperativas que com tanto labor S S. fez surgir, e isso em virtude de estar *o povo ineducado nas ultimas idéas do cyclo da evolução*

POSTO ZOOTECHNICO DE S. CARLOS



Inauguração com a presença do Dr. Padua Salles, Secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

social, comtudo, esperamos se consiga o resultado almejado, como diz o illustre propagandista.

E para tanto temos a convicção de que S S. não desanimará jamais, e, abnegado como é por causa tão nobre e de tão elevado alcance duplicará de energias continuando a fazer, como até agora, a propaganda escripta e oral, desses sãos principios, vencendo empêços e convencendo incréos.

A Sociedade Nacional de Agricultura, acquiescendo de muito bom grado ao appello que S S. a ella faz, garante-lhe o seu concurso dentro da medida de suas forças, dentro da orbita de suas attribuições, — concurso que ella jamais negou nem negará a quem, como o digno propagandista, é um enthusiasta ardente de idéas que esta Sociedade tem propagado e pelas quaes se tem sempre batido.

A S S. remettemos todas as publicações editadas pela Sociedade Nacional de Agricultura sobre o cooperativismo em geral, afim de que tenham distribuição conveniente ; e, como nos pede, indicamos tambem em logar adquado n'este Boletim algumas obras que ventilam sobremodo o assumpto que tanto o interessa.

Finalmente, endereçamos d'aqui ao laborioso Sr. Antonio Ventura de Oliveira Castro, os nossos mais vibrantes applausos, as nossas mais effusivas felicitações pela obra meritoria e produtiva a que de coração e de espirito se tem entregue.

Producção Paulista

O brilhante resultado alcançado pela lavoura do Estado de S. Paulo, no anno de 1909 foi o seguinte :

A exportação, para o estrangeiro attingiu á enorme cifra de 431.644:755$000.

A exportação livre de direitos, para os Estados, conforme o valor official de 1907, que excedeu de 43 mil contos e de 1908, que tambem excedeu de 56 mil contos, está calculada na importancia superior de 60.000:000$000 ou um total de 491.644.755$000 ou um equivalente de cerca de £ *31.000.000* ao cambio de 15.

É o *record* da exportação paulista.

Estes fortes elementos numericos que ora damos á publicidade, querem dizer ainda o seguinte : — que, presentemente, o Estado de S. Paulo produz mais do dobro que o Imperio produzio, no seu ultimo anno de existencia, cuja exportação total foi de 212.592:272$000.

Outrosim qua a exportação interprovincial de 1.684:431$000, naquelle periodo, graças á *isenção tributaria*, cresceu na razão geometrica, ou por outra, multiplicou-se muito além de quarenta vezes mais, attestando em alto grau a expansão economica do referido Estado.



A LAVOURA NO ESTRANGEIRO

Propaganda do café brasileiro na Italia

Notavelmente vai prosperando a propaganda do café brasileiro na Europa e, nomeadamente, na Italia.

O accôrdo, autorisado pelo governo de S. Paulo para o fornecimento desse genero ao exercito italiano, realizou-se com plena satisfação e exito completo.

E' facil calcular a diffusão do consumo que dahi proveio, quando se recorde que esse exercito tem o effectivo de 240.000 homens, que possuem familias espalhadas por todas as regiões da Italia.

No segundo semestre de 1908 foi tambem celebrado accôrdo com 1.460 sociedades cooperativas de consumo, em condições muito vantajosas.

As Cooperativas se obrigaram a vender o café brasileiro, indicando sua procedencia, e tambem a fazer activa propaganda do producto, por meio de seus preços correntes, jornaes, revistas, annuncios etc.

Nos depositos e armazens filiados á Federação das Cooperativas encontra-se sempre café brasileiro, exposto á venda e annunciado em cartazes.

Pela correspondencia dos consumidores com as administrações dos armazens das Cooperativas se verifica a efficacia da propaganda, em vista dos elogios unanimes ao genero que ora lhes é fornecido.

O consumidor se está persuadindo que o chamado *Café Porto Rico*, que pagava muito caro, não é superior ao do Brasil, que adquire, aliás, por muito menos e é torrado com mais perfeição. Assim é que muitas Cooperativas já não se prestam a offerecer a seus freguezes outro café.

O bom exito da propaganda não se restringe ao fornecimento do exercito e das Cooperativas.

Antes della não se via uma amostra de café etiquetada com a indicação de origem brasileira, hoje em Milão, Genova, Roma, Napoles e outras cidades é commum encontrar casas commerciaes que expontaneamente expõem o nosso café com a respectiva designação.

O exame das ultimas estatisticas publicadas pelo Ministerio das Finanças, relativas á producção dos preparados de chicorea e seu consumo, demonstra o avantajamento notavel do café genuino sobre os seus fraudulentos concurrentes:

Das 24 fabricas de preparar chicorea, existentes em 1908, cinco não trabalharam em 1909.

Tambem nos 11 primeiros mezes do anno passado as entradas de chicorea, proveniente do estrangeiro, foram de 552.500 kilos; em vez de 2.086.200 kilos importados no periodo correspondente de 1908, ou seja uma reducção quasi de 75 %.

Não ha duvidar, a propaganda vai ganhando galhardamente largo terreno para o consumo do café e outros productos nacionaes.

Alargamento do consumo do café brasileiro

Ainda para documentar o assumpto da nota anterior transladaremos a seguinte estatistica, indicativa do augmento de consumo do café brasileiro em varios paizes:

França.

1908	56.387.458 kilos
1909	63.740.000 »

Allemanha:

1907	13.174.900 kilos
1908	14.308.300 »
1909	15.833.200 »

Suissa:

1908	10.910.200 kilos
1909	11.826.500 »

Na Hespanha as entradas de café realizadas em 1909 accusam um augmento de 264.945 kilos.

Austria :

1908	50.279.800 kilos
1909	53.352.500 »

Italia :

1908	15.494.100 kilos
1909	17.910.100 »

A propaganda do matte

A diffusão do uso do matte começa a alcançar bons exitos na Europa :

Além dos esforços empenhados pela *Commissão de Expansão Economica do Brasil*, directamente nos mercados consumidores, que têm sido os mais perseverantes e engenhosos, alguns homens de sciencia já se vão preoccupando com o assumpto ; assim é que os professores O. Penzige, da Universidade de Genova, e G. Maldifassi, da de Milão, em suas lições de botanica applicada, têm-se occupado longa e favoravelmente do matte, indicando suas principaes qualidades e lembrando que substitue com vantagem o chá da India.

Como elle se tem demonstrado excellente alimento de poupança, está sendo experimentado com resultados muito promettedores nas tropas italianas, francezas e allemãs, principalmente quando em manobras.

As revistas especiaes de *sport* reproduziram as declarações enthusiasticas do campeão cyclista Podevin, vencedor das grandes corridas na Normandia, que declarou attribuir a sua serie de victorias ao uso do matte, unico alimento que tomava emquanto corria. Essa declaração impressionou os circulos onde se cultiva o sport e accrescentou a procura do matte, principalmente por aquelles que, por profissão, precisam desenvolver e manter grande robustez physica.

Uma conceituada casa commercial do Havre, que já vende grande quantidade do producto, tem augurado que — *dentro de pouco tempo o matte terá adquirido em toda a França um logar notavel ao lado do café e do chá.*



A Estação Zootechnica



Cultura do trigo

Agora que se envida esforço para desenvolver no paiz a cultura do trigo, que parece fadada a grande e proximo futuro, trasladamos para esta secção uma breve noticia do processo cultural, seguido no estrangeiro, com adaptação ás nossas condições peculiares:

Solo: — O solo mais apropriado para esta cultura é o argilloso, rico de humus. Se este faltar deve-se substituil-o pelo esterco de estribaria bem curtido ou composto, que encorporar-se-á á estercação da cultura precendente á do trigo.

Rotação: — Como uma cultura de trigo não deve seguir no mesmo terreno a uma outra do mesmo cereal, é preferivel cultivar o trigo em terras que já foram plantadas com batatinhas, batatas doces, cará, etc.

Adubação: — Quando o terreno fôr preparado, applica-se por hectare um adubo mineral de 150 kilos de clorureto de potassio e de 300 a 400 kilos de escoria de Thomaz, e, mais tarde, quando as sementes estiverem germinadas, ainda 100 a 150 kilos de salitre do Chile.

Pratica de cultura: — Como o problema da rotação de culturas, entre nós, ainda não está resolvido, pode-se aconselhar proceder-se do modo seguinte: O terreno destinado á cultura do trigo recebe em setembro a adubação de clorureto de potassio e escoria de Thomaz acima indicado e em seguida semea-se amendoim commum, como estrume verde. Até ao mez de janeiro o amendoim estará maduro, podendo colher-se e enterrar a parte aerea por meio de uma charrúa. Depois passa-se o rolo e em principio de fevereiro, quando apparecer a herva damninha, passe-se a grade e repita-se este trabalho em março, e, sómente, em caso de não se poder dominar a monda pela gradeagem repetida, é que se procede a nova aração.

No terreno assim preparado semea-se o trigo, sendo a melhor época de meado de março a maio para a semeadura, pois dest'arte as sementes brotadas chegam ainda a perfilhar no tempo humido.

A semeadura é feita a lanço ou com machinas, em sulcos de 15 a 25 cm de distancia. Com o primeiro methodo gasta-se 150 a 200 kilos e com o ultimo sómente 100 a 150 kilos de sementes por hectare. O ultimo methodo, além de exigir menos sementes, tem ainda a vantagem de se

poder capinar a terra depois da germinação. Deve-se repetir a capinação 3 a 4 semanas e, se fôr possivel, mais uma vez, 6 a 7 semanas depois da brotação. Com este serviço pode-se chegar um pouco a terra ás linhas e combinar a adubação com salitre do Chile, nas quantidades acima indicadas.

São variedades recommendaveis: *dur de medeah, bello turco, tremonia, macedonia, creyon blanc, madame azul de Wohltman etc.*

Estatistica pecuaria de varios paizes

A riqueza pecuaria de alguns dos principaes paizes era, em 1908, a seguinte:

	Bovinos	Equinos
Allemanha.	20.600.000	4.300.000
Austria	9.500.000	1.700.000
França	14.000.000	3.200.000
Inglaterra	7.000.000	1.600.000
Russia.	34.000.000	22.600.000
Argentina	29.000.000	7.531.000
Canadá	5.576.000	1.557.000
Estados Unidos. . .	69.438.000	21.216 000
Indias Orientaes. . .	91.000.000	1.300.000
Cabo de Boa-Esperança	2.000.0000	300.000
Australia.	9.340.000	1.765.000
	Ovinos	**Suinos**
Austria	2.600.000	4.700.000
França	17.000.000	7.000.000
Inglaterra	25.000.000	2.300.000
Russia.	42.900.000	11.200.000
Argentina	67.000.000	1.4000.000
Canadá	2.500.000	2.353.000
Estados Unidos. . .	61.837.000	64.695.000
Indias.	18.000.000	
Cabo . . . , . . .	11.800.000	400.000
Australia.	83.000.000	813.000

Esse quadro revela que as Indias Orientaes e os Estados-Unidos são os primeiros possuidores de animaes da especie bovina, a Russia

e os Estados Unidos os primeiros da especie equina, a Australia e os Estados Unidos da especie ovina e os Estados Unidos e a Allemanha da especie porcina ; quer dizer, os Estados Unidos em qualquer das quatro especies occupa um dos primeiros logares.

A agricultura na Hespanha

A aridez do clima e a constituição geologica do sólo de Hespanha impedem em algumas provincias que a agricultura prospere como em outros paizes européos.

O antigo ministro da egricultura, Rafael Gasset, contrapôz com vigoroso impulso á inferioridade resultante do clima a chamada *politica hydraulica*, cuja applicação influirá na situacão economica do reino, promovendo-lhe novas fontes de producção.

A cultura do trigo accupa cérca de 3,760.000 hectares, supeficie que pouco mais se alargará, podendo, todavia, tornar-se bastante mais elevado o rendimento de sete quintaes por hectar, inferior ao da França, Belgica, Italia e Allemanha. Aos outros cereaes são dedicados : 1.465.000 ao centeio, 886.000 á cevada, 482.000 á avela e 446.000 ao milho.

Quanto aos legumes : o feijão occupa 212 hectares, e é quasi exclusivamente cultivado na Galliza e nas Asturia s ; a fava, cultivada na Andaluzia, tem um papel importante na alimentação nacional.

No norte, especialmente nas Asturias, os prados naturaes são tratados com certo esmero ; os artificiaes são mais raros. A pequena extensão de cultura forraginosa constitue ainda um dos traços caracteristicos da economia agricola nas Castellas e na Andaluzia. No sul encontram-se grandes posios, que da pratica da maioria dos paises agricolas tende a desapparécer.

O rei D. Afonso XIII, que se intitula « o primeiro agricultor do reino» impressionado com a lentidão dos progressos da agricultura pôz, ha annos, a concurso o estudo do « problema agrario do sul », que inculcasse os meios de augmentar a producção do sólo e de pôr de accordo os interesses dos proprietarios e dos trabalhadores ruraes.

O Governo hespanhol, por seu lado, tambem se tem preoccupado com esta situação. Em 1902 o Sr. Moret, então Ministro do Interior, convidou a Commissão das Reformas Sociaes a estudar as condições economicas do operario rural no sul da Hespanha. O inquerito, feito com minucioso cuidado em cada localidade, levou tres annos, incidindo nos

seguintes pontos: *a) producção*, augmento ou diminuição nos ultimos cinco annos, causas desse facto economico; *b) offerta e procura de trabalho*, trabalho a jornal ou a salario fixo; *c) rendimento do operario; d) educação e instrucção; e) modos de melhorar a producção.*

As respostas das municipalidades á primeira das perguntas demonstraram que a producção augmentou nas provincias de Sevilha, Cordoba, Huelva e Jaen, e diminuiu, em grandes proporções, nas provincias de Granada, Almeria e Cadiz. Abstiveram-se quanto ás causas de informar, podendo contudo attribuir-se aos estragos da invasão phylloxerica e, em muita parte, á acção destruidora dos rios que transbordando têm devastado muitas terras cultivadas.

A sorte do operario rural é precaria, soffrida, no entanto, resignadamente e só, por excepção, um anno de escassez e maior miseria provoca algum movimento. Grande numero de memorias apresentadas, umas 80, tornam responsavel desta situação o regimen da grande propriedade e aconselham o Governo a adoptar medidas attinentes á sua transformação. Não chega a conclusões tão radicaes o inquerito não dissimulando, porém, que a situação do trabalhador deve ser objecto de uma activa solicitude do Governo e que a superficie de terra cultivada pode e deve ser augmentada consideravelmente. As camaras são unanimes em declarar que os salarios não permittem ao trabalhador o melhorar de situação, e só uma infima minoria exige a repartição da grande propriédade. Esta divisão, nas condições aconselhadas por aquelles que admittem a sua possibilidade, isto é, pela expropriação forçada mediante uma indemnização, seria para o Estado uma difficil tarefa, da qual não haveria mesmo a certeza de chegar a resultados positivos e definitivos.

As municipalidades da Andaluzia reclamam o apoio do Estado para reformas praticas e immediatas, a construcção de numerosas vias de communicação, estradas provinciaes e caminhos vicinaes, criação de estabelecimentos de credito agricola, diffusão do ensino technico e a construcção de canáes de irrigação. A maioria dellas insiste na insufficiencia dos adubos e na necessidade de propagar o seu uso frequente, implicando este facto um progresso real, pois ainda ha pouco era proverbial ouvir verberar a acção do adubo mineral.

(Ext. do *Boletim do Mercado Central de Productos Agricolas*, de Lisbôa.



NOTICIARIO

Dr. Wenceslão Bello — Conforme já noticiámos n'*A Lavoura* de Maio, o Sr. Dr. Alvaro Nunes Pereira, presidente do Centro Economico do Rio Grande, convidou, por telegramma, o dr. Wenceslão Bello, presidente desta Sociedade, para tomar parte no primeiro congresso das Associações Ruraes, Syndicatos e Cooperativas Rio Grandenses, realisado em Porto Alegre no dia 11 do corrente.

O illustre presidente desta Sociedade, acceitando o convite, seguiu para Porto Alegre no dia 4 do corrente, tendo comparecido ao seu embarque todos os directores e funccionarios desta Sociedade, parentes, amigos e admiradores.

Pelos telegrammas recebidos pela imprensa diaria desta capital e pelos jornaes rio grandenses, verifica-se que o dr. Wenceslão Bello, presidente desta Sociedade, teve enthusiastica e brilhante recepção em Pelotas e Porto Alegre.

A inauguração do Congresso verificou-se, como já dissemos, no dia 11 do corrente, sendo a cerimonia realisada ás 3 horas da tarde.

Sobre a referida inauguração, o *Jornal do Commercio* do 11 do corrente, publicou o seguinte telegramma que transcrevemos:

« Realisou-se a installação do Congresso Agricola de Federação Rural.

Aberta a sessão, o dr. Alvaro Pereira convidou o dr. Wenceslão Bello para presidir os trabalhos. Este assumio a presidencia tendo á direita o presidente do Estado e á esquerda o intendente desta capital.

A assistencia, numerosa e selecta, saudou o presidente do Estado com estrepitosas palmas.

Abrindo a sessão, o dr. Bello pronunciou um eloquente discurso, recordando a sua qualidade de filho do Rio Grande e dizendo que por isso tinha o maior prazer em estar naquelle recinto. Terminou, augurando ao Congresso resultados prolicuos.

Encerrada a sessão de hoje, o presidente do Estado retirou-se, sendo acompanhado até á porta pelo dr. Wenceslão Bello e por todos os membros do Congresso.

As sessões continuarão por 3 dias. »

A exposição consta de productos agricolas, productos apicolas, mel em latas e frascos, cera, apparelhos para a industria da apicultura, colméas, finissimas raças de gallinhas, etc., etc.

Sobre o encerramento, o *Jornal do Commercio* do dia 20 dá o seguinte telegramma.

Porto Alegre, 20 — Foram encerradas hoje, com toda a solemnidade as sessões do Congresso Agricola, pronunciando o dr. Wenceslão Bello o discurso de encerramento.

A's 8 horas da noite, um grupo composto de membros da mais alta sociedade porto alegrense offereceu ao dr. Wenceslão Bello um banquete no Club do Commercio.

Em outra secção deste *Boletim*, sob o titulo *Congresso de Porto Alegre*, nos occupamos dos trabalhos realisados no referido Congresso.

A industria da carne na Republica Argentina — O Dr. Eduardo Cotrim realisou no dia 1 do corrente, no salão da Associação dos Empregados no Commercio, a segunda conferencia da serie intitulada — A bovinopecuaria na Argentina.

O acto foi presidido pelo Dr. Wencesláo Bello, tendo ao seu lado os Drs. Dias Martins, representando o Sr. Ministro da Agricultura, e Sylvio Rangel, 1º vice-presidente desta Sociedade.

O illustrado conferente discorreu durante 1 1/2 horas, sendo ouvido com a maxima attenção pelo auditorio, e ao terminar foi muito applaudido.

Entrando no estudo da industria da carne argentina, diz S. S. ser impossivel separar-se a de bovinos da de ovinos, constituindo ambas as industrias objecto de commercio avultadissimo; e, embora tivesse restringido o assumpto da conferencia á industria pecuaria bovina, comtudo occupar-se-á tambem dos productos ovinos, ainda que de modo mais resumido.

O commercio e industria da carne, collimados por suas modalidades especificas — carne para o consumo interno, para a preparação do xarque e para exportação ou frigorificada — constituem um ramo importante da actividade industrial e economica da Argentina.

Historia com minucia, desde a época do inicio da industria da carne até a presente data, tudo quanto occorrera nesse interregno de favoravel e desfavoravel para a mesma industria.

Historiando, assignala a serie de experiencias executadas nos vapores frigorificos *Le Frigorifique* e *Le Paraguay*, nos annos de 1876 a 78, sob os auspicios da Sociedade Rural Argentina e do proprio Governo e suggeridas pelos ensaios de Charles Tellier em Antouil, França, em 1873 e 1874, sob a fiscalização de uma commissão da Academia de Sciencias de Paris; a viagem de ida e volta de Buenos Aires a Rouen do vapor *Le Frigorifique*, com um carregamento de carnes conservadas a 0º pelo systema Tellier, e um anno mais tarde a do *Le Paraguay*, de Marselha a Buenos Aires e desta ao Havre, com outro carregamento de carnes congeladas a 30º abaixo de 0º, nascendo da primeira experiencia a industria de carnes resfriadas e da segunda a de congeladas; allude á memoria, sobre o assumpto apresentada pelo professor do Instituto Superior Agronomico de Veterinaria de Buenos Aires, Pedro Borgés, e ás tentativas dos industriaes americanos exportando para Europa e conservados em gelo quartos de carneiro, em bom estado de conservação; refere-se ao facto da chegada á Inglaterra, vindo da Australia, o primeiro carregamento de carnes congeladas (1880); e põe em evidencia a acção do governo argentino superintendendo as experiencias com o que não só demonstrou grande sagacidade como tambem constituiu um poderoso serviço em favor da alimentação das populações européas, para as quaes a carne era até então um alimento só dos abastados.

Em 1883, diz o distincto conferente, teve logar a primeira exportação de carne congelada, da Argentina para a Europa, feita por E. Terrason, estabelecido em San Nicolas de los Arroyos, provincia de Buenos Aires, representando, naquelle anno, um valor de 11.412 pesos ouro sobre carneiros congelados.

Este primeiro ensaio comprehendia tão sómente os quartos trazeiros de carneiros, sendo o restante derretido para graxa, porque nessa época os carneiros

argentinos não tinham a conformação requerida para o côrte e os consumidores inglezes não davam valor algum ás costellas e quartos dianteiros.

No mesmo anno de 1883 começou a funccionar em Campana outro frigorifico pertencente á *The River Plate Fresh Meat Company Limited*, sendo os primeiros carneiros remettidos mal recebidos em Londres porque, em geral, attingiam o peso de 46 a 47 libras inglezas, emquanto que os de Nova Zelandia accusavam 64 a 80 libras de peso.

Em 1884 fundava-se o *La Negra*, hoje Companhia Sansinena de Carnes Congeladas, com o capital de tres milhões de pesos ouro, e que é a mais importante de quantas exploram, na Argentina, a conservação das carnes pelo gelo.

As suas salas de matança comportam a *faena* diaria de 1.000 bois, 8.000 carneiros e 300 porcos; suas camaras frigorificas, em numero de trinta e duas, 100 mil carneiros, 25 mil bois congelados.

Em 1886 os irmãos James e Hugo Nelson construiram em Zarate um estabelecimento do mesmo genero, que, em 1893, se constituiram na sociedade — *The Las Palmas Produce Company Limited*. Suas camaras frigorificas, em numero de 70, podem conter 7.000 bois, 90.000 carneiros e 2.000 porcos.

Até o anno de 1900, tal industria soffria uma concurrencia terrivel da parte dos exportadores de gado em pé; com o apparecimento, porém, da febre aphtosa na Republica Argentina, o que determinou a immediata clausura dos portos britannicos ao gado daquella procedencia, as exportações de carnes congeladas augmentaram na proporção do declinio do gado em pé.

Por isso os estabelecimentos de preparo de carne dominaram o mercado e puderam distribuir dividendo de mais de 50 % do capital empregado.

Em 1904, o numero de estabelecimentos frigorificos argentinos subiu a 10, dos quaes dois unicamente occupados no preparo de carnes de suinos.

Descreve S. S. as installações de differentes estabelecimentos deste genero, a technica a seguir desde a entrada do gado para ser abatido até ao acondicionamento das carnes resfriadas ou congeladas nos porões de feição dos transatlanticos.

Falla tambem da applicação que dão aos mocotós, chifres, sangue, restos de tecido muscular e aos ossos e aos couros.

Passa em revista as alterações que se produzem nas carnes resfriadas e congeladas, as suas consequencias economico-industriaes, e os meios de as evitar.

Estuda em seguida a posição actual no mercado do mundo da industria frigorifica argentina, que é a seguinte, segundo os dados publicados em 1908, par M. W. Weddel & Comp., de Londres.

BOIS CONGELADOS

	Toneladas
Republica Argentina	106.684
Nova Zelandia	18.833
Australia	5.922
Uruguay	4.028

CARNEIROS CONGELADOS

	Carcassas
Republica Argentina	2.800.000
Nova Zelandia	1.973.035
Australia	940.377
Uruguay	88.123

do que se conclue haver a Argentina, naquelle anno, exportado para Inglaterra, quatro vezes mais carne congelada de bovinos do que os outros paizes reunidos e quasi tantas carcassas quanto os demais productores.

Jogando com os algarismos constantes de quadros estatisticos, e tomando a média de 50 libras para o peso das carcassas de ovinos e o preço de um *shilling* por libra de carne indistinctamente de bovinos ou ovinos, affirma S. S. que só a Inglaterra pagou no referido anno de 1907 á Republica Argentina, pela carne que lhe forneceu cerca de 94.552.256 libras esterlinas, correspondentes a 368.283:100$000 de nossa moeda.

E para se avaliar o que é actualmente o commercio de carnes na Argentina, basta lembrar as cifras geraes de exportação por decadas, de 1887, 1897 e 1907, em que o valor official sobe progressivamente de 4.975.876 pesos, ouro, na primeira a 11.744.238 na segunda, e 27.250.075 pesos, ouro, na terceira.

No Brazil, diz S. S., nada temos que se possa ao menos apresentar em relação ao assumpto de tão grande riqueza, a começar por não possuirmos gado capaz de satisfazer as exigencias dos consumidores europeus, como já teve occasião de affirmar.

Allude S. S. ao estabelecimento de matadouros frigorificos no Brazil, ás duas emprezas que no Estado de S. Paulo tratam de installações dessa natureza, aos meios de transporte, carecendo tudo de ser realisado com grande methodo e criterio para evitar desastros que depois só difficilmente poderão ser reparados.

Passa em seguida S. S. a estudar a conservação da carne pelo emprego do sal commum, ou preparações de xarque na Argentina, chegando a conclusão de que o fabrico do xarque na provincia de Buenos Ayres diminue pouco e pouco até desapparecer de todo e com elle o gado creoulo que os frigorificos regeitam porque os consumidores não querem a sua carne.

A provincia de Entre Rios, que não alcançou ainda esse adiantamento, mantem a *faena* sem progredir e na mesma proporção de 18 annos atraz.

Ao contrario, o Uruguay e o Brazil augmentam sua producção, na contingencia de dar sahida aos productos do gado creoulo, incapaz de satisfazer ás industrias de frigorificos.

Do algarismos que S. S. apresenta, colligo-se que a industria do xarque na Argentina está em franca decadencia.

Cita a esse proposito o que escreve Heriberto Gibson na sua monographia intitulada «La Evolucion Ganadera» e cifra a exportação do gado em pé argentino para o Chile, Uruguay, Brazil e Paraguay, de 1894 a 1907, que tambem contribuio para a decadencia do xarque.

Mercê de um diagramma mostrando o valor total do commercio exterior de carnes argentinas, divididas em varias categorias, chega S. S. a conclusão de que a industria da carne na Argentina vae além de 360 mil contos de nossa moeda, ou mais de 1.000 contos diariamente.

Compara o consumo da carne em Buenos Ayres com o nosso na Capital Federal... e assignala caber, annualmente, por habitante, do Rio de Janeiro 18k100 de carne e de Buenos Ayres 94 k, 800.

Passa a fazer referencias ao commercio de couros bovinos e a outros productos elaborados e a residuos e despojos animaes, cujas estatisticas de exportação indicam um valor em moeda brazileira de 75 mil contos no anno de 1907, o que junto a industria da carne propriamente dá um total de 435.000 contos.

Termina S. S. a sua apreciada conferencia fazendo uma apreciação dos gados vaccuns que mais lhe parecem de feição ao nosso meio e ao fim que devemos attingir.

Distribuição de mudas e sementes e registro de lavradores — O Dr. Rodolpho Miranda, illustre Ministro da Agricultura, determinou ao Director Geral da Directoria de Agricultura e Industria Animal que providencie afim de serem preferidos na distribuição gratuita de publicações e de mudas de sementes os lavradores e criadores, registrados no Ministerio, de accôrdo com a portaria de 21 de Setembro do anno passado, que criou o Registro de Lavradores, Criadores e Profissionaes de Industrias Connexas.

A inscripção alludida abrange os Estados de Minas, Rio, Bahia, S. Paulo, Paraná e Pará, conforme a lista que reproduzimos abaixo e foi enviada a esta Sociedade acompanhada de um officio, pelo Dr. Rodrigues Peixoto, director da Directoria de Agricultura e Industria Animal.

O numero dos lavradores, criadores e profissionaes inscriptos, attinge até a data de 4 do corrente á 68 e com o fim de promover o seu augmento o Sr. Ministro, resolveu fazer larga distribuição da portaria, que creou o referido registro, por intermedio dos inspectores agricolas dos Estados, dos funccionarios da Defesa Agricola, camaras e imprensa municipaes.

MINISTERIO DA AGRICULTURA,

Directoria Geral de Agricultura

SEGUNDA

Relação dos lavradores, criadores e profissionaes de industrias connexas, inscriptos até a

NOMES	LAVRADOR, CRIADOR OU PROFISSIONAL DE INDUSTRIA CONNEXA	DENOMINAÇÃO DA PROPRIEDADE
Augusto Cesar Leivas	Lavrador e criador	Fazenda do Santo Antonio
Augusto Ribeiro de Carvalho	Agricultor	—
Augusto José Ferreira	Lavrador e criador	Fazenda Quitandinha
Adalberto Corrêa	Lavrador e criador	Fazenda União
Alfredo Affonso de Figueiredo Paraizo	Lavrador e criador	Fazenda Solitaria
Antonio Leite da Silva Garcia	Lavrador e criador	Fazenda S. Manoel
Antonio Soares de Souza	Lavrador e criador	Fazendo Bosque
Benjamin H. Hunnicutt	Lavrador e criador	Fazenda Ceres
Bertino Lobato de Miranda (major)	Criador	Fazenda Santo Antonio
Charles Causer	Lavrador e criador	Fazenda Brittanica
Carlos Teixeira Soares	Lavrador e criador	Fazenda Gironda
Candido de Moraes Bueno	Lavrador e criador	Fazenda Villa Raunie
Carlos Augusto da Arruda Botelho	Lavrador e criador	Fazenda Maria Luiza
Carlos Americo de Arruda Botelho (Dr.)	Lavrador e criador	Fazenda Santa Eliza
Companhia Pastoril de Ribeirão Pires	Criadora	Fazenda Bella Vista
Carlos Amadeu da Arruda Botelho	Lavrador e criador	Fazenda Santo Antonio
Condessa do Pinhal	Lavradora e criadora	Fazenda do Pinhal
Durisch & Comp.	Lavradores e criadores	Fazenda Santa Cruz
Frederico Lopes Branco	Lavrador e criador	Fazenda Jatahy
Frederico Archer Upton	Criador	Fazenda Boaçava
Francisco Antonio de Arruda Camara	Lavrador e criador	Fazenda Santa Ritta
Francisco Antonio de Arruda Camara	Lavrador e criador	Fazenda Sant'Anna
Francisco Ignacio de Andrade	Lavrador e criador	Fazenda Santa Barbara
Francisco Gomes Leitão	Lavrador e criador	Fazenda S. Francisco
Francisco de Mello Machado	Lavrador e criador	Fazenda Agua Branca
Francisco Scheffer	Lavrador e criador	Fazenda Pilarginho
Gabriel Augusto de Andrade	Lavrador e criador	Fazenda Campo Grande
Gabriel Villela de Andrade (coronel)	Lavrador e criador	Fazenda Buritys
Genoveva Junqueira Botelho	Lavradora e criadora	Fazenda Santo Antonio
Henrique de Almeida Leite Guimarães	Lavrador e criador	Fazenda Anno Bom
Jorge Machado	Lavrador e criador	Fazenda Itaquára de Cima
João de Macedo Costa (Dr.)	Lavrador e criador	Fazenda Boa Sorte
Joãa de Macedo Costa (Dr.)	Lavrador e criador	Fazenda Carrecias

INDUSTRIA E COMMERCIO

o Industria Animal

SECÇÃO

presente data no registro creado neste ministerio, por portaria de 21 de Setembro de 1909

MUNICIPIOS	ESTADOS	DATA DO REGISTRO
Doces de Camaquan	Rio Grande do Sul	Registrado em 8 de dezembro de 1909.
	S. Paulo	Registrado em 27 de dezembro de 1909.
Petropolis	Rio de Janeiro	Registrado em 2 de abril de 1910.
Barra do Pirahy	Rio de Janeiro	Registrado em 23 de abril de 1910.
Oliveira	Minas Geraes	Registrado em 25 de abril de 1910.
Valença	Rio de Janeiro	Registrado em 15 de dezembro de 1909.
Cajurú	S. Paulo	Registrado em 5 de maio de 1910.
Lavras	Minas Geraes	Registrado em 29 de outubro de 1909.
Cachoeira	Pará	Registrado em 29 de março de 1910.
S. João d'El-Rei	Minas Geraes	Registrado em 30 de outubro de 1909.
Mar de Hespanha	Minas Geraes	Registrado em 8 de dezembro de 1909.
Jundiahy	S. Paulo	Registrado em 11 de fevereiro de 1910.
Jahú	S. Paulo	Registrado em 2 de março de 1910.
S. Simão	S. Paulo	Registrado em 2 de março de 1910.
Santos	S. Paulo	Registrado em 19 de março de 1910.
Jahú	S. Paulo	Registrado em 21 de março de 1910.
S. Carlos	—	Registrado em 21 de março de 1910.
Districto Federal	—	Registrado em 19 de novembro de 1909.
S. Simão	S. Paulo	Registrado em 2 de março de 1910.
S. Paulo	S. Paulo	Registrado em 13 de abril de 1910.
Leopoldina	Minas Geraes	Registrado em 30 de dezembro de 1910.
Leopoldina	Minas Geraes	Registrado em 30 de dezembro de 1909.
Valença	Rio de Janeiro	Registrado em 18 de janeiro de 1910.
Cravinhos	S. Paulo	Registrado em 17 de fevereiro de 1910.
S. Paulo	S. Paulo	Registrado em 2 de março de 1910.
Pilarginho	Paraná	Registrado em 19 de maio de 1910.
Oliveira	Minas Geraes	Registrado em 7 de dezembro de 1909.
Igarapava	S. Paulo	Registrado em 2 de março de 1910.
S. Carlos	S. Paulo	Registrado em 21 de março de 1910.
Barra Mansa	Rio de Janeiro	Registrado em 13 de dezembro de 1909.
S. Paulo	S. Paulo	Registrado em 12 de fevereiro de 1910.
Rezende	Rio de Janeiro	Registrado em 2 de abril de 1910.
Rezende	Rio de Janeiro	Registrado em 2 de abril de 1910.

NOMES	LAVRADOR, CRIADOR OU PROFISSIONAL DE INDUSTRIA CONNEXA	DENOMINAÇÃO DA PROPRIEDADE
João Rangel Sobrinho	Lavrador e criador	Fazenda Ponte do S. Paulo
João Justiniano das Chagas	Lavrador e criador	Fazenda Pacheco
João Teixeira Soares (Dr.)	Lavrador e criador	Fazenda Santa Aida
João Teixeira Soares (Dr.)	Lavrador e criador	Fazenda Bôa Esperança
João Teixeira Soares (Dr.)	Lavrador e criador	Fazenda Villa Zulmira
João Teixeira Soares (Dr.)	Lavrador e criador	Fazenda Venturosa
João Leopoldo Modesto Leal	Lavrador e criador	Companhia Agricola Pecuaria
João Paulo da Silva Brito (Dr.)	Lavrador e criador	Fazenda Penedo
José Soares Pereira Junior	Lavrador e criador	Fazenda S. Paulo
José Mendes Bernardes	Lavrador e criador	Fazenda Campo Bello
José Mario Junqueira Netto	Lavrador e criador	Fazenda Agudo
José Joaquim de Moraes Sarmento	Lavrador e criador	Fazenda Ermitage
José de Assis Balbi	Lavrador e criador	Fazenda S. José
Joaquim Alvaro Pereira Leite (Dr.)	Lavrador e criador	Fazenda S. Joaquim
Joaquim Affonso Rodrigues	Lavrador e criador	Fazenda Bom Jesus
Luiz Maciel	Lavrador e criador	Fazenda Rosета
Luperclo Teixeira de Carvalho	Lavrador e criador	Fazenda Boa Vista
Miranda & Filhos	Lavradores e criadores	Fazenda Tayuyá
Nicoláo Tolentino dos Santos (Dr.)	Lavrador e criador	Fazenda Alta Mira
Olavo Egydio de Souza Aranha (Dr.)	Lavrador e criador	Fazenda Itatinga
Olyntho Ferreira Diniz	Lavrador e criador	Fazenda Cuyabá
Pedro Celestino Gomes da Cunha	Lavrador e criador	Fazenda S. Sebastião
Severino Eugenio de Andrade	Lavrador e criador	Fazenda Engenho da Serra
Theodorico de Assis	Lavrador e criador	Fazenda Floresta
Theopompo de Almeida	Lavrador e criador	Fazenda Bom Jardim
Vito Pentagna	Lavrador e criador	Fazenda Santa Rosa
Vito Pentagna	Lavrador e criador	Fazenda Páo do Alho
Vito Pentagna	Lavrador e criador	Sitio da Boa Vista
Vito Pentagna	Lavrador e criador	Chacara de Bello Horizonte
Vito Pentagna	Lavrador e criador	Sitio do Garibaldi
Vito Pentagna	Lavrador e criador	Sitio da Boa Vista
Vito Pentagna	Lavrador e criador	Sitio das Flores
Vito Pentagna	Lavrador e criador	Fazenda da Harmonia
Victor Garbarino	Criador	Fazenda do Rio Morto
Jorge Richter	Lavrado e criador	Fazenda do Bairro Alto

Segunda Secção da Directoria Geral de Agricultura e Industria Animal, 2 de junho de 1910. — *Souza.*

MUNICIPIOS	ESTADOS	DATA DO REGISTRO
Itaperuna . . .	Rio de Janeiro. .	Registrado em 8 de abril de 1910.
Dores do Indayá .	Minas Geraes . . .	Registrado em 2[illegible] de novembro de 1909.
Além Parahyba .	Minas Geraes . . .	Registrado em 7 de dezembro de 1909.
Mar de Hespanha.	Minas Geraes . . .	Registrado em 7 de dezembro de 1909.
União da Victoria.	Paraná	Registrado em 7 de dezembro de 1909.
S. Fidelis	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 7 de dezembro de 1909.
Barra do Pirahy . .	Rio de Janeiro. . .	Registrado em 19 de janeiro de 1910.
Rozendo	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 23 de abril de 1910.
Valença	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 28 de outubro de 1909.
Rezende	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 17 de fevereiro de 1910
Nuporanga	S. Paulo.	Registrado em 12 de março de 1910.
S. Manoel	Minas Geraes	Registrado em 23 de abril de 1910.
Turvo.	Minas Geraes	Registrado em 23 de abril de 1910.
Jahú	S. Paulo.	Registrado em 11 de fevereiro de 1910.
Oliveira	Minas Geraes	Registrado em 25 de abril de 1910.
Baependy.	Minas Geraes	Registrado em 29 de outubro de 1909.
S. Manoel	S. Paulo.	Registrado em 14 de fevereiro de 1910.
Cachoeira	Pará	Registrado em 5 de abril de 1910.
Villa do Conde. . . .	Bahia.	Registrado em 29 de dezembro de 1909.
Rio Claro	S. Paulo.	Registrado em 2 de março de 1910.
Oliveira	Minas Geraes	Registrado em 25 de abril de 1910.
Barra do Pirahy . . .	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 30 de março de 1910.
Turvo.	Minas Geraes	Registrado em 23 de abril de 1910.
Juiz de Fóra	Minas Geraes	Registrado em 8 de dezembro de 1909.
Salinas	Minas Geraes	Registrado em 23 de abril de 1910.
Valença	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 5 de fevereiro de 1910.
Valença	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 5 de fevereiro de 1910.
Valença	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 5 de fevereiro de 1910.
Valença	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 5 de fevereiro de 1910.
Valença	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em [illegible] de fevereiro de 1919.
Valença	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 5 de fevereiro de 1910.
Valença	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 5 de fevereiro de 1910.
Valença	Rio de Janeiro. . . .	Registrado em 5 de fevereiro de 1910.
Pedras	S. Paulo.	Registrado em 19 de março de 1910.
Curityba.	Paraná	Registrado em 28 de abril de 1910.

Ezequiel Baptista de Araujo Pinheiro, 2º official. Visto. — O director de secção, *José Luiz Monteiro de*

Immigrantes entrados no porto do Rio de Janeiro no mez de Abril de 1910

2.482 sendo:

Expontaneos	2.455
Subsidiados	27
Homens	1.941
Mulheres	541
Solteiros	1.407
Casados	1.046
Viuvos	29
Maiores de 12 annos	2.297
Entre 7 e 12 annos	64
» 3 e 7 »	64
Menores de 3 annos	57

Nacionalidades

Portuguezes	1.517
Hespanhoéss	305
Italianos	237
Allemães	104
Austriacos	66
Syrios	59
Francezes	57
Brasileiros	53
Inglezes	23
Argentinos	16
Russos	7
Suecos	7
Hollandezes	6
Suissos	6
Belgas	4
Chinezes	4
Norte Americanos	3
Chilenos	2
Canadense	1
Cubano	1
Grego	1
Japonez	1
Marroquino	1
Uruguayo	1
Total	2.482

Immigrantes entrados no porto de Santos durante o mez de Abril proximo passado

Italianos	690
Hespanhóes	1.273
Portuguezes	711
Turcos	124
Allemães	95
Austriacos	25
Francezes	7
Brazileiros	75
Russos	26
Argentinos	1
Inglezes	8
Gregos	3
Hungaro	1
Japonezes	3
Belgas	8
Norte-Americanos	2
Suisso	1
Suecos	2
Hollandez	1
Romenio	1
Indianos	3
Total	3.100

Profissão:

Agricultores	2.067
Artistas	198
Diversos	835
Total	3.100

Procedencia:

Europa	2.174
Asia	102
Africa	87
Norte America	10
Argentina e Uruguay	544
Portos do Brazil	183
Total	3.100

Immigrantes espontaneos	1.838
» subsidiados	1.262
Total	3.100

As Fructas — O Dr. Wenceslão Bello, presidente desta Sociedade, recebeu em Abril proximo passado, do Sr. Dr. Rodolpho Miranda, Ministro da Agricultura, o officio seguinte:

De posse do vosso officio nº 18.991, de 8 do corrente, em que me daes conta do resultado das primeiras experiencias de conservação de fructas, por meio de baixa temperatura, levadas a effeito na Fabrica de Gelo de Santa Luzia, tenho a satisfação, não só de felicitar-vos pelo resultado obtido e que é uma prova irrecusavel do zelo com que vos desempenhastes da incumbencia que vos confiei, como tambem de agradecer-vos as fructas que me enviastes para que me fosse dado apreciar *de visu* quanto se logrou alcançar com essa primeira experiencia.

Saúdo e Fraternidade — *Rodolpho Miranda.*



EXPEDIENTE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Horto da Penha

Para se ir ao Horto, toma-se os bonds do Cajú, Caes do Porto ou Praia Formosa, que passam na porta da estação do mesmo nome, da Estrada de Ferro Leopoldina.

Toma-se o trem na referida estação e desembarca-se na de *Olaria*.

Os pedidos de conducção, de Olaria ao Horto, se fazem ao Dr. Paulino Cavalcanti, superintendente daquelle estabelecimento, ou a esta Sociedade.

Os pedidos de conducção, quando feitos directamente ao Dr. Cavalcanti, quer sejam por cartas ou por telegrammas, devem ser dirigidos para a estação da Penha.

O horario dos trens é o seguinte: 6 horas e 27 minutos da manhã, 7 horas e 3 minutos, 8 horas e 17 minutos, 8 horas e 54 minutos, 9 horas e 19 minutos, 10 horas, 10 horas e 58 minutos, 12 horas, 1 hora e 30 minutos, 2 horas e 54 minutos e 4 horas e 22 minutos.

Para a volta correm trens em correspondencia.

As despezas são: 400 réis de bond e 500 réis de trem, ambos de ida e volta, primeira classe.

As visitas podem ser feitas a qualquer hora tanto nos dias uteis como nos feriados ou dias santificados.

Visitantes

Visitaram o Horto, durante o corrente mez, os seguintes senhores:

Antonio Horacio S. Rego.

José Ignacio de Carvalho.

Manoel Aerisio Xavier Bezerra.

HORTO DA PENHA



Cultura de Sorgho

HORTO DA PENHA



Capim Guiné


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16

Luiz Molitorno.
José Pegado de Siqueira Cortez.
Dr. José de Miranda Valverde.
Francisco Machado Dias.
Alfredo Carlos Pestana.
Alexandre Sudolf.
Dr. Virgilio Alves da Costa Filho.
Dr. Wenceslão Bello.
Antonio Felix Albornaz.
D. Julia Albernaz.
Marechal Braz Abrantes.
D. Maria Abrantes.
D. Virginia Abrantes.
Conde Amadeu de A. Barbiellini.
Dr. Saint-Clair J. de Miranda Carvalho.
Pio Nunes Coelho.
José Rodrigues Coelho.
Lindolpho Rodrigues Coelho.
Dr. S. T. Nogueira da Gama.
Clovis de Freitas.
Dr. Antonio Cavalcanti Sobral.
D. Nathalina Sobral Pinto.
D. Reginalda Coutinho Sobral.
Manuel N. Ferreira de Castro.
Alphonse Duprat.
Barrére Paul.
Condessa de Nova Friburgo.
José da Silva Meira.
Dr. Miguel Gomes de Pinho.
Dr. Theophilo Silveira.
Dr. Carlos de Almeida Lustoza.
Virgilio de Rezende e senhora.
Francisco Scheffer.
Senador Candido Ferreira de Abreu.
Benjamin A. F. Pessoa.
Dr. F. V. Gonçalves Penna.
Olympio de Accioly Monteiro.
Abel Tavares de Lacerda.
Sebastião Tavares de Lacerda.
J. A. Leite Guimarães.
Pedro M. Ribeiro Junior.
Bernardino Candido de Carvalho.
Bernardino de Almeida Albuquerque.

Tenente-coronel João Baptista de Azevedo Marques.
Capitão Manoel Soares de Lima.
Dr. Teixeira de Souza.
Augusto Bernardino Cazeaux.
Dario de Barros.

Secretaria

MEZ DE MAIO DE 1910

Correspondencia recebida

Cartas	664
Officios de Governos	21
» de particulares	5
Telegrammas	10
Circulares	27
	727

Correspondencia expedida

Cartas	228
Officios a Governos	15
Officios a particulares	3
Telegrammas	11
Circulares	399
Diplomas	74
Boletim *A Lavoura*	5.290
	6.020

Secção de fornecimentos

MEZ DE MAIO DE 1910

Arame farpado e grampos

Pedidos		125
Rolos de 40 kilos	3.150	
» de 26 kilos	3.335	6.485
Grampos para cerca, — kilos		4.142
Metragem		1.799.900

Custo

No mercado	83:737$160
Fornecido pela Sociedade	60:153$120
Economia verificada em favor dos socios lavradores	23:584$040

Secretaria da Sociedade Nacional de Agricultura, em 13 de Junho 1910.—*Carlos de Castro Pacheco*, Chefe da Secretaria.

Secção de plantas e sementes

Distribuição de plantas e sementes feita durante o mez de Maio de 1910

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADES	KILOGRAMMAS	VOLUMES
Plantas			
Arvores fructiferas do paiz	6.432	—	151
Raizes de Ramie	48.470	—	12
Sementes			
Alfafa	—	753.000	58
Algodão	—	255.500	27
Anthoxantum odoratum	—	2.800	8
Arroz	—	796.500	53
Aveia	—	146.400	28
Avena elatior	—	14.200	9
Batatas	—	156.400	31
Beta vulgaris	—	2.600	5
Beterraba forrageira	—	64.700	38
Bromus giganteus	—	11.550	12
Cacáo	—	153.300	5
Canhamo	—	8.900	9
Cebola	—	8.570	73
Cenoura forrageira	—	40.250	37
Centeio	—	69.400	23
Cevada	—	57.600	21
Couve rutabaga	—	7.930	35
Dactylis glomerata	—	3.200	11
Esparcetta	—	2.500	7
Eucalypto	—	1.410	31
Feijão	—	29.500	12
Festuca	—	23.100	11
Fumo	—	2.890	33
Gyra-sol	—	4.520	21
Holcus lunatus	—	22.200	13
Lacthyrus sylvestris	—	10.350	7

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADES	KILOGRAMMAS	VOLUMES
Linhaça	—	9.000	12
Lolium	—	1.570	12
Lupulo	—	0.305	17
Mamona de Zanzibar	—	2.350	11
Maniçoba Jequié	—	8.100	5
Milho cattete	—	363.500	35
Mucunã forrageira	—	28.500	6
Nabo forrageiro	—	42.350	41
Paspalum dilatatum	—	3.100	8
Phleum pratense	—	3.900	13
Pimentão doce	—	1.230	23
Quiabo	—	1.020	7
Serradella	—	11.100	10
Sorgho	—	10.850	16
Tremoços	—	45.400	20
Trevo	—	10.200	14
Trifolium	—	0.700	3
Trigo	—	449.500	42
Diversas	—	45.946	6
	54.902	3.687.341	1.082

Secção das applicações industriaes do alcool, movimento de propaganda no mez de Maio

Foram feitas 4 exhibições com apparelhos a alcool sendo 2 em arrabaldes desta Capital e 2 em suburbios, tendo funccinado 19 apparelhos de illuminação durante seis noites, consumido 114 litros de alcool de 40°.

Forneceram-se 318 litros de alcool de 40° a diversos.

Total de alcool consumido no mez de Maio 434 litros.

Fornecimentos aos socios feitos pela Sociedade Nacional de Agricultura

Tirando partido de seu caracter de associação, já prestigiada com o numero de cerca de 3.000 socios, a Sociedade, no intuito particular de demonstrar a utilidade e o mecanismo dos syndicatos agricolas, emprehendeu favorecer os seus socios com o supprimento de generos estrangeiros e nacionaes a preços mais reduzidos do que os do commercio a varejo.

Com esse proposito e valendo-se dos favores aduaneiros que a lei confere ao Syndicato Central dos Agricultores no Brasil tem fornecido arame farpado e respectivos grampos.

Além disso e mediante contractos especiaes, tem fornecido, a preços reduzidos, formicida, alcool, machinas agricolas e outros objectos.

Revendo todos os seus contractos e fazendo outros que começam agora a vigorar, a Sociedade está habilitada a fornecer os seguintes generos, em cujos preços não estão incluidas as importancias de emballagem, do despacho e do frete:

ARAME FARPADO PARA CERCAS

Rôlo de 26 kilos com 160 metros de fio a	7$200
Rôlo de 40 kilos com 402 metros de fio a	11$000

ACCESSORIOS PARA CERCAS

Grampos para prender o arame.	$360 o kilo
Moirões com 2 metros de altura	1$500 cada um
Pilares » » » para os cantos.	3$400 » »
Varetas para as cercas.	$450 cada uma
Esticadores com manivela	5$200 cada um
» com moitões	5$200 » »

ENXADAS BEM CALÇADAS, DE AÇO

	Universal	Radiante	Raio	Cruz Vermelha
de 2 libras.	1$200	1$400	1$250	1$450
de 2 1/2 libras	1$300	1$500	1$350	1$500
de 3 libras.	1$450	1$600	1$500	1$580
de 3 1/2 libras	1$570	1$750	1$600	1$740
de 4 libras	1$680	1$900	1$700	1$830

FOICES

Ns. 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11 e 12 — aos preços respectivamente de $600, $670, $730, $800, 1$000, 1$130, 1$300, 1$500, 1$600 e 1$800.

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100$ e joia de 50$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura.

MACHADOS

Estreitos:

Sortidos de 3 a 4 . . . . 39$000 a duzia

Largos:

Sortidos de 3 a 4 . . . . 40$000 »

De 3 1/2, duzia 41$; de 4, duzia 45$; de 4 1/2, duzia 48$000; de 5, duzia 51$; de 5 1/2, duzia 56$; de 6, duzia 62$000.

MACHINAS AGRICOLAS

Moinhos para fubá:

Marca Patente — N. 6 por 31$; n. 8 por 36$; n. 10 por 41$; n. 12 por 50$; n. 14 por 60$, n. 16 por 63$; n. 18 por 75$000.

Marca Try — N. 8 por 52$; n. 10 por 67$; n. 12 por 83$; n. 14 por 96$; n. 16 por 120$; n. 18 por 130$000.

Debulhadores de milho:

Coloniaes	5$200
Black.	8$600
Clinton	21$000
Aguia.	40$000

Arados americanos — N. O, 18$; n. OO, 20$; n. B 1, 26; n. A 1 1/2, 33$; n. A 2, 36$; n. A 3, 40$000.

Com disco reversiveis — 20", 170$; 24", 210$000.

Cavadeiras:

Para *tirar terra* — americanas, com 2 pás. . . . . 19$200

Para *café* — 3 £ — 1$300; 3 1/2 £ — 1$400.

Pulverizadores:

Bauer n. 1 . . . . 62$000

são applicados na exterminação dos parazitas que atacam os arvoredos, com os ingredientes liquidos que forem aconselhados.

Além destas, a Sociedade fornece installações completas para o preparo do arroz e do café, mediante previos ajustes sobre os quaes o socio lavrador gozará de abatimentos que oscillam de 5 a 10 % sobre os respectivos preços de catalogos, sendo gratuitos os transportes nas estradas de ferro federaes.

LACTICINIOS

Installações completas para as industrias de lacticinios pela Casa Hopkins Causer, com abatimento de 5 %, sobre o preço do catalogo.

COLMEIAS

Com os mais modernos aperfeiçoamentos, pelo preço de 18$000.

SALOXO

Um preparado de sal e peroxydo de ferro, proprio para alimentação do gado; é economico e asseiado, em tijolos de 5 kilos, não sujando as baias ou lugares onde são collocados e sem desperdicio. Preço 100 réis o kilo.

NOTA—Se o socio pedir de uma só vez 500 ks., gosará o abatimento de 10% ; de 1.000 ks. para cima o de 15%.

FORMICIDAS

Paschoal:

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma . . . . 16$000

Merino:

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma . . . . 16$000

Schomaker:

Caixa com 6 botijas de 1 1/2 litro cada uma. . . . . . . 22$000

ALCOOL

De força de 40°, em latas de 18 litros, pelo preço das vendas em pipa, o que corresponde a uma reducção de cerca de 10 %.

ANTISEPTICOS

Creolina Pearson . . . . 2$000 a lata c/ 1 litro
Cresolina Werneck . . . . 1$100 » »

A mais reputada das creolinas de fabricação nacional.

Electro Sanitas . . . . $500 o litro

Preparado do Sr. Octavio Santos Moreira, de magnificos resultados obtidos para a exterminação de insectos nocivos ás plantas e gafeira dos carneiros.

DIVERSOS

Pós para gosma — *de gallinhas* — especifico recommendado.	lata	1$200
Sulfato de cobre para tratamento de plantas . .	kilo	$650
Sulfato de ferro	»	$250
Sal amargo menos de 60 kilos.	kilo	$250
Mais de 60 kilos.	»	$160
Sal de Glaubert menos de 60 kilos.	»	$230
Mais de 60 kilos	»	$150
Enxofre em flor.	caixa	11$000

Mercurio marca boi — Caixa com 50 grammas 1$; com 100, 1$700 ; com 200, 3$100 ; com 400, 5$700.

Escovas de raiz para animaes — N. 115, 6$500 ; n. 116, 7$500.

Escovas francezas para animaes — N. 115, 9$600 ; n. 116, 10$500 ; n. 117, 11$500.

Tesouras:

Para podar, n. 27.	uma	4$200
» tousar animaes	»	4$200
Machina — Para tousar animaes.	»	4$600

Raspadeiras:

Com asa	uma	4$300
» cabo.	»	4$100
Reforçadas.	»	8$000

Correntes para arado e para carroça:

Elo curto 1/8, kilo $950 ; 3/16, kilo $850 ; 1/4, kilo $770 ; 5/6, kilo $730 ; 3/8, kilo $680 ; 17/16, kilo $660 ; 1/2, kilo $650 ; 5/8, kilo $640 ; 3/4, kilo $640.

Elo comprido 3/16, kilo $780 ; 1/4, kilo $750 ; 5/16, kilo, $730.

Chocadeiras e criadeiras — A Sociedade tendo adquirido em boas condições algumas *chocadeiras e criadeiras* cede-as a preços reduzidos.

Os lavradores, que bem conhecem os altos preços que costumam pagar, podem apreciar a vantagem extraordinaria dos preços que a Sociedade está habilitada a lhes proporcionar e que representam economias de 5 a 40 %.

A economia proporcionada na acquisição do arame farpado, em relação aos preços correntes no mercado, é, respectivamente, de 2$300 e de 6$, para os rolos de 26 e 40 kilos.

Até o fim do anno ultimo, 31 de dezembro de 1909, a economia proporcionada á lavoura com os nossos fornecimentos foi de 189:828$640, não computados o supprimento de plantas e sementes e os transportes gratuitos concedidos. No anno de 1909 a economia importou em 96:464$740.

Sendo um dos fins da Sociedade demonstrar os effeitos do regimen de associação sobre a vida financeira da lavoura e sendo condição essencial desse regimen a pontualidade dos associados, os fornecimentos especiaes da Sociedade serão limitados exclusivamente aos socios quites.

Para os obter o interessado deverá satisfazer as seguintes condições:

1ª, ser socio quite da Sociedade Nacional de Agricultura ;

2ª, ser agricultor, apresentando disso provas bastantes a juizo da directoria da Sociedade ;

3ª, formular o pedido directamente á Sociedade e por escripto ;

4ª, pedir sómente para o seu proprio consumo, indicando o nome e a situação da propriedade a que destina o emprego do producto ;

5ª, enviar á Sociedade, juntamente com o pedido, a sua importancia ou uma ordem para o seu pagamento contra casa commercial ou bancaria com séde na Capital Federal.

A Sociedade se reserva o direito de negar fornecimento a quem peça ou tenha pedido para outrem, ou tenha repartido com outra pessoa, ainda que associada, generos anteriormente fornecidos e procederá de igual modo quando souber ou tiver motivo para suppor, que o pedido é feito com intuito de commercio.

Instituindo esses serviços directos, procura a Sociedade desempenhar do modo mais util o seu compromisso de se constituir em centro de auxilios á lavoura, distribuindo-os de preferencia por intermedio de seus socios.

Com o mesmo intuito concederá aos socios despacho gratuito nas vias ferreas federaes á plantas, sementes, machinas agricolas, ainda quando adquiridas sem a sua intervenção e prestará informações que lhes forem pedidas sobre assumptos agricolas e pastoris, tomando conhecimento das queixas e reclamações dos lavradores associados advogando-as, quando justas, perante quem de direito.

Relação dos socios entrados no mez de Maio de 1910

Luiz Antonio de Araujo Primo.
Aureliano de Faria Moreira.
Francisco José de Oliveira.
Manoel Joaquim de Mello.
Dr. Antonio Nogueira Penido.
Edmundo de Assis Ribeiro.
José Procopio de Aguiar.
Francisco Theodoro de Andrade.
Major Mario José de Sampaio.
Dr. J. Streva.
Capitão Pedro Ignacio Py.
Carlos F. Oberlaender.
Capitão Abel Monteiro de Barros.
José Caetano Neves.
Capitão Laudelino Alexandre Silva.
Antonio Felio de Faria Albernaz.
João Jacintho Marques.
Avelino José de Moraes.
Coronel João Lourenço de Andrade.
Capitão Luiz da Silva Lisboa.
Padre Americo Adolpho Fuit Son.
Capitão Manoel Josuino de Carvalho.
Capitão Azarias Eugenio Guimarães.
Jacintho Luiz de Freitas.
Dr. Fernando de Mello Vianna.
Capitão João Rodrigues Leal.
José Jorge Leal,
Manoel Pedro Lourenço.
Tenente-coronel Martinho Joaquim Estrella.
Edmundo Kuhlmann.

Francisco José de Avellar.
Major Belisario Moreira Guimarães.
Dr. Benicio Rodrigues Chaves.
Capitão Francisco Leite de Oliveira.
Alfredo Moreira de Rezende.
Trajano Madureira.
Godofredo Gonçalves Guimarães.
João Gomes de Almeida.
Dr. Eugenio do Espirito Santo Menezes.
Dr. Guilherme Lemos de Castro.
Tenente João da Cruz Zany.
Hildegardo de Carvalho
Abelardo Ferreira Machado:
Camara Municipal Itabaiana.
Antonio Bezerra.
Joaquim Ribeiro da Costa.
Barão de Avellar Rezende.
Coronel Antonio Constantino Barbosa.
Capitão João Ferreira Pacheco.
Antonio Antunes de Farias.
Major Joaquim Cezar Augusto Maia.
Dr. Domociano Augusto dos Passos Maia.
José Estanislão de Castro Vinhas.
Coronel Francisco Porfirio de Brito.
Capitão Alfredo da Fonseca Machado.
Franklin Quinta e Silva,
Octavio Novaes.
Manoel de Ulhoa Magalhães.
Dr. João de Paula França.
Manoel Cardoso Gomes.
José Lourenço de Freitas.
Victor Sance.
Coronel Severiano Eugenio de Andrade.
Coronel Virgilio Ferreira Pires.
Aldên de Castro

Socios que contribuiram para o distinctivo no mez de Maio de 1910

Coronel Francisco José Thomaz.	20$000
Coronel Manoel Fernandes Dias.	20$000
Alfredo Pereira de Oliveira	20$000
Carlos de Oliveira Leite	20$000
Julio da Silva Costa	20$000
Mariano Ignacio de Souza Valente	20$000
Dr. Sant Clair de Miranda Carvalho	20$000

Jorge de Oliveira Braga	15$000
Antonio da Costa Lima	15$000
Theophilo Coelho de Magalhães	15$000
Altino de Paula França	15$000
Coronel José Jorge Diniz Mascarenhas	10$000
Leopoldo Aureliano da Silva Junqueira	10$000
Dr. Antonio Rogerio de Gouvêa Freire	10$000
Lauro Dias	10$000
Elpidio Soares Dias	10$000
Gregorio José Gonçalves	10$000
Christiano Dias da Costa	10$000
Osorio Francisco Franco	10$000
Pedro Rodrigues d'Utra	10$000
Moreto Alves da Silva	10$000
José Rodrigues da Costa	10$000
João Jacintho Marques	10$000

Bibliotheca

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

A Bibliotheca da Sociedade Nacional de Agricultura continúa a receber grande numero de revistas para as suas collecções e importantes obras, gentilmente offerecidas pelos seus autores.

Temos a registrar o seguinte movimento relativo ao mez de maio:

Boletin de la dirección de Fomento, de Lima, Perú, anno VIII, n. 1.

Boletim da União dos Syndicatos Agricolas de Pernambuco, anno IV, ns. 1 e 2.

Liga Maritima Brasileira, desta Capital, anno III, n. 34.

A Vida Moderna, de S. Paulo, anno V, n. 73.

Gazeta das Aldeias, do Porto, anno XV, n. 746.

O Solo, de Piracicaba, anno II, n. 3.

Boletin de la Sociedad Agricola del Sur, de Concepción, Chile, volume X, n. 2.

Boletin de la Sociedad Nacional de Agricultura, de Santiago, volume XLI, n. 4.

Journal de la Société Nationale d'Horticulture de France, de Paris, tomo XI, de março

Agricultura Moderna, do Porto, n. 9.

India Rubber World, de New York, volume XLII, n. de abril.

La Quinzaine Coloniale, de Paris, anno XIV, n. 7.

Dirección General de Defensa Agricola, da Republica Argentina, boletim correspondente aos mezes de julho e agosto de 1909.

La Hacienda, de Buffalo, volume V, n. 7.

Bulletin du Syndicat Central des Agriculteurs de France, de Paris, anno XXIV, n. 548.

Revista Commercial e Financeira, desta Capital, anno XVI, ns. 708 e 709.

The Louisiana Planter, de Nova Orleans, ns. 15 e 16.

Revista Commercial, de Fortaleza, anno III, ns. 56 e 57.

France-Brésil, de São Paulo, anno VII, de março.

Revue de Viticulture, de Paris, anno XVII, ns. 852 e 853.

Revista Paraense, de Belém, Pará, anno II, ns. 34 e 35.

Le Courrier du Brésil, de Paris, anno V, ns. 185 e 186.

La France Coloniale, de Paris, anno XV, n. 8.

La Revue Agricole, de Paris, n. 8, de 15 de abril.

L'Arte del Pagés, de Barcelona, anno XXXIV, n. 908.

Revista da Associação Commercial do Amazonas, de Manáos, anno II, n. 22.

Die Ernahrung der Pflanze, de Kalisyndikats, Allemanha, ns. 6 e 7.

The Journal of the Agricultural Society of England, volume 70.

Bulletin de la Société des Agriculteurs de France, de Paris, ns. 15 de abril, 1º de maio e supplemento.

Revista Agricola, de Sant'Anna do Livramento, Estado do Rio Grande do Sul, anno II, n. 45.

Boletim da Associação Commercial de Santos, de Santos, Estado de São Paulo, anno VII, n. 322.

Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro, anno XXIV, n. 8.

Boletim de la Oficina Internacional de las Republicas Americanas — Sempre registramos com prazer o recebimento dessa excellente publicação. O volume que temos sobre a nossa mesa é referente ao mez de abril.

O Boletim publica-se em Washington, nas linguas franceza, hespanhola e portugueza.

Experiment Station Record, de Washington, volume XXII, n. 4.

Bulletin de la Société des Viticulteurs de France, de Paris, n. 4.

Brasilien, desta Capital, publica-se em allemão, anno I, ns. 1 a 6.

Boletim da Associação Central da Agricultura Portugueza, volume XII, n. 4.

Boletim do Instituto Agronomico de Campinas, de Campinas, Estado de S. Paulo, collecção completa do anno de 1909.

Giornale d'Ippologia, de Pisa, Italia, anno XXIII, n. 10.

Rivista di Agricoltura, de Parma, anno XVI, n. 15.

Revista Agricola, de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, anno XI, ns. 11 e 12.

Journal d'Agriculture Tropicale, de Paris, anno X, n. 106.

Revista de Chimica Pura e Applicada, do Porto, anno VI, n. 4.

Anales del Museu Nacional de Montevideo, magnifica publicação feita sob a competente direcção do professor J. Arechavaleta, director do Museu Nacional de Montevidéo.

Temos em nossa Bibliotheca o volume VII, do tomo IV, que veiu fazer parte da collecção já iniciada.

Southern Cultivator, abril e maio de 1910.

Boletim da Associação Commercial da Bahia, anno I, ns. IV e V.

Boletin de la Sociedad Agricola Mexicana, tomo XXXIV, ns. 15 e 16.

O Zoophilo Brasileiro, desta Capital, anno III, ns. 3 e 4.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, serie 28, ns. 1 e 2, de janeiro e fevereiro.

Boletim da Associação Commercial do Rio de Janeiro, anno VII, n. 21.

O Fazendeiro, de S. Paulo, anno III, n. IV.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS

A cultura do trigo — Folheto de 15 paginas, publicado pelo Centro Economico do Rio Grande do Sul, com séde em Porto Alegre.

Datas e notas para a Historia da Parahyba, por Irineu Ferreira Pinto, volume I, 1908.

Tristeza y Carbunclo, interessante folheto pelo Sr. Dr. J. López y López.

Publicação official da División de Ganaderia da Republica Oriental del Uruguay, 1910.

Reforma do Thesouro Federal — Lei n. 2.083, de 30 de julho de 1909.

La esquila con Maquina — E' um curioso livrinho de 44 paginas e da lavra do Sr. Alfredo Ramos Monteiro, sobre o processo mais aperfeiçoado de tosquear as ovelhas.

O folheto é illustrado com diversas photographias demonstrativas da superioridade do apparelho e é publicação official do departamento de Agricultura da Republica Oriental do Uruguay, 1910.

Congresso das Vias de Transporte no Brazil — Livro organisado pelo Sr. Dr. Alcino José Chavantes. Contém o archivo de todos os trabalhos do Congresso.

Seccas contra secca, pelo Dr. Phelippe Guerra e Theophilo Guerra.

E' um bello volume de 313 paginas, em que os autores estudam largamente as seccas e invernos, açudagem, irrigação, vida e costumes sertanejos, do Rio Grande do Norte.

Aos distinctos escriptores agradecemos cordialmente a offerta.

Memorial do littoral da zona das Seccas ao Brazil Central — Folheto de cincoenta e poucas paginas, sobre a Estrada de Ferro de Mossoró ao Rio S. Francisco.

Do Café no Oeste de S. Paulo, por Persio Pacheco da Silva. E' um volume de 64 paginas, dividido em seis capitulos, contendo 12 photographias.

Manual de Agricultura Tropical, por H. A. Alford Nicholls, traduzido do inglez para o hespanhol, por H. Pittier.

E' um excellente trabalho de 314 paginas feito nas officinas typographicas do Sr. B. Herder, livreiro editor, em Friburgo de Brisgoria, a quem agradecemos a remessa.

ESTATUTOS

Estatutos do Centro Agricola do Estado de S. Paulo.

Estatutos da Companhia Pecuaria, com séde em Juiz de Fóra.

Regulamento da Escola Agricola e Zootechnica, da Parahyba do Norte, 1910.

Estatutos do Instituto Historico e Geographico Fluminense, com séde em Nictheroy, 1910.

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100$ e joia de 50$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura.

RELATORIOS

Relatorio Diplomatico do Consulado do Porto.

Relatorio Geral da 3ª Reunião do Congresso Scientifico Latino-Americano, celebrado no Rio de Janeiro de 6 a 16 de agosto de 1905, organisado pelo Sr. Dr. Henrique Guedes de Mello.

CATALOGOS

Catalogo do Estabelecimento Horticola — « Quinta Bom Retiro », da cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande, e de propriedade do Sr. Ambrosio Perret.



PARTE COMMERCIAL

Mez de junho de 1910

Café

Durante o mez de junho entraram no mercado 102.723 saccos de café, venderam-se 119.000, foram embarcadas 121.037 saccas, sendo a existencia registada no dia 30 de 137.414 saccos.

Os preços estremos foram os seguintes:

	Por arroba	Por 10 kilos
N. 6.	6$700 a 7$200	4$562 a 4$902
N. 7.	6$500 » 7$000	4$425 » 4$766
N. 8.	6$300 » 6$800	4$289 » 4$630
N. 9.	6$100 » 6$700	4$153 » 4$562

Algodão em rama

Na primeira quinzena, as entradas foram diminutas e a existencia nos trapiches soffreu diminuição, não obstante terem sido tambem pequenas as sahidas.

Na segunda quinzena, as entradas foram pequenas, e o mercado se manteve bem sustentado com boa procura para o genero de prompta entrega, que é muito escasso,

O movimento geral do mez foi o seguinte:

	Fardos
Existencia no dia 16	12.589

Entradas :

Piauhy	1.121	
Pernambuco	952	
Parahyba	613	
Penedo	436	
Maceió	300	
Maranhão	85	3.507
		16.096
Sahidas dos trapiches		3.638
Existencia no dia 30		12.458

Preços :

Pernambuco	15$000 a 16$000
Rio Grande do Norte	14$000 » 15$000
Ceará	15$000 » 15$500
Parahyba	14$500 a 15$000
Penedo	Nominal
Sergipe	»

Aguardente

As entradas durante todo o mez se mantiveram pequenas.

Na primeira quinzena, o mercado estove estacionario ; na segunda tambem não houve movimento commercial, sendo porém sustentados os preços da primeira.

Os supprimentos recebidos durante o mez, de varias procedencias, constaram de 924 pipas de 20 gráos.

As cotações por pipa regularam:

Paraty	120$000 a 125$000
Angra	105$000 » 110$000
Campos	90$000 » 95$000
Bahia	90$000 a 95$000
Pernambuco	90$000 » 95$000
Aracajú	90$000 » 95$000
Sul	90$000 » 95$000

Alcool

No periodo da primeira quinzena chegaram ao mercado 519 volumes, tendo havido procura e negocios. Houve alta de preço de 5$ por pipa.

Na segunda quinzena, houve tambem procura, fechando o mercado firme.

Os preços subiram em cerca de 5$, por pipa.

Os supprimentos recebidos durante o mez, de varios centros productores, constaram de 1.098 volumes, cujas cotações por pipa, sem o casco, foram as seguintes:

40 gráos	145$000 a 155$000
38 »	135$000 » 145$000
36 »	125$000 » 130$000

Assucar

Nos primeiros dias do mez de junho, o mercado deste producto melhorou, para os crystaes brancos, houve sahidas para o Sul, ficando o *stock* muito reduzido. A qualidade mascavo esteve desprezada e o mascavinho firme.

Na segunda quinzena, realisaram-se pequenos negocios, e apezar da diminuição do *stock*, houve baixa no preço de todas as qualidades.

Durante o mez, as entradas constaram de 77.055 saccos, sendo: de Pernambuco 2.116, de Sergipe 35.874, de Campos 32.770, da Bahia 11.516, de Maceió 1.028 e de outras procedencias 3.751.

A existencia orçada em 30 de junho de 1910 era de 364.050 saccas.

Os preços por kilo regularam como se segue:

Pernambuco :

	Kilo	
Branco usina	—	—
Branco crystal	$260 a	$270
Dito 3ª sorte	$280 »	$300
Crystal amarello	$210 »	$230
Mascavinho	$200 »	$230
Somenos	$210 »	$220
Mascavo bom	$180 »	$190
Dito regular	$170 »	$175
Dito baixo	—	—

Sergipe :

	Kilo	
Branco crystal	$250 a	$280
Crystal amarello	—	—
Mascavinho	$200 »	$240
Mascavo bom	$180 »	$190
Dito regular	$170 »	$175
Dito baixo	—	—

Campos :

	Kilo	
Branco crystal	$260 a	$290
Dito 2º jacto	—	—
Crystal amarello	—	—
Mascavinho	$220 »	$240

Bahia :

	Kilo	
Branco crystal	$270 a	$300
Dito 2º jacto	—	—

Arroz

As entradas durante o mez constaram de 16.443 saccos por cabotagem; 14.901 pela Estrada de Ferro Central do Brazil; 978 pela Leopoldina Railway e 71 pela Companhia Sapucahy.

O mercado, manteve-se sem firmeza.

As cotações vigoraram do seguinte modo:

27$500 a 28$500, para o superior; 21$ a 22$, para o inferior; 18$ a 22$, para o rajado do norte; por sacco de 60 kilogrammas.

Alfafa

Vieram ao mercado 1.463 fardos, por cabotagem, cuja cotação foi de 170 a 190 réis por kilogramma.

Amendoim

Apenas 10 saccos entraram no mercado, pela Estrada de Ferro Central, sendo a cotação de 220 a 240 réis por kilogramma.

Banha

Os supprimentos recebidos constaram de 9.930 caixas por cabotagem e 729 pela Central e 4 pela Leopoldina.

Sahiram dos trapiches 3.153 caixas, existindo em deposito no ultimo dia do mez 11.698 caixas.

O mercado manteve-se sustentado, registando-se apenas pequenas alterações.

Os preços regularam, por kilo:

Porto Alegre (20 kilos)	1$150 a 1$180
Dita (2 kilos)	1$140 » 1$160
Minas (latas grandes)	— —
Dita (2 kilos).	1$060 » 1$120
Laguna (20 kilos)	1$080 » 1$100
Itajahy (2 kilos).	1$160 » 1$180

Batatas

No correr do mez, entraram 11.443 volumes por cabotagem, 289 pela Estrada de Ferro Central, 201 pela Leopoldina Railway e 89 ditos pela Estrada de Ferro Theresopolis.

Os preços foram de 160 a 180 réis, por kilogramma, conforme a qualidade.

Borracha

Vieram, pela Estrada de Ferro Central, 643 volumes.

Cacáo

Receberam-se 300 volumes por cabotagem.

Cangica

Vendeu-se á razão de 250 a 270 réis o kilo.

Cebolas

As entradas foram de 1.325 caixas e 192.202 resteas por cabotagem, e a sua cotação foi a razão de 3$ a 3$800 o cento.

Farello

Cotou-se o do Moinho Inglez de 9$500 a 9$800 e o do Moinho Fluminense de 9$600 a 9$800 por 100 kilogrammas, conforme a qualidade.

Fubá de milho

Os preços regularam de 100 a 170 réis por kilo, conforme a qualidade.

Farinha de mandioca

Entraram 27.100 saccos por cabotagem, 409 pela Estrada Central ; 2.735 pela Leopoldina Railway, 189 ditas pela Estrada de Ferro de Theresopolis.

Os preços tiveram irregularidades devido as qualidades, e o mercado esteve sem firmeza.

As cotações por sacco de 45 kilos, foram as seguintes:

Especial	9$000 a 9$500
Fina	7$600 » 8$200
Peneirada	7$000 » 7$500
Grossa	5$700 » 6$200

Feijão

Vieram ao mercado 35.968 saccos por cabotagem ; 2.665 pela Estrada de Ferro Central, 5.020 saccos pela Leopoldina Railway, 4.466 pela Estrada de Ferro Theresopolis e 5 pela Companhia Cantareira.

Os preços foram os seguintes por sacco de 60 kilos:

Porto Alegre (superior)	13$000 a 14$000
Santa Catharina (idem)	13$500 » 14$000
Manteiga	12$000 » 13$000
Enxofre	11$500 » 12$000
Branco	14$000 » 15$000
Mulatinho	13$000 » 14$000
Cores diversas	9$000 » 11$000

Fumo em rolo

Na primeira quinzena, a procura foi sem importancia, tendo sido quasi nullas as sahidas ; na segunda o mercado realizou negocios, tendo sido elevado o preço de todas as qualidades.

Entraram 805 volumes por cabotagem e 7.844 pela Estrada de Ferro Central, 435 pela Leopoldina Railway, 11 pela Sapucahy e 3 pela Cantareira.

As cotações, por kilogramma, foram as seguintes:

De Minas, especial	$900	a	1$000
Dito superior	$800	»	$900
Dito 2ª	$700	»	$800
Dito ordinario	$600	»	$700
Goyano especial	2$000	»	2$100
Dito superior	1$500	»	1$700
Baixo	1$300	»	1$400
Rio Novo, especial	1$200	»	1$300
Dito superior	1$000	»	1$100
Dito 2ª	$900	»	1$000
Dito baixo	$800	»	$900
Pomba superior	$900	»	1$000
Dito 2ª	$800	»	$900
Dito baixo	$600	»	$700
Carangola	1$000	»	1$100
Picú, especial	2$000	»	2$100
Dito 1ª	1$600	»	1$700
Dito 2ª	1$200	»	1$300
Bahia	1$600		—

Manteiga

Vieram ao mercado 351 volumes por cabotagem, 8.270 pela Estrada de Ferro Central, 283 pela Leopoldina Railway e 1.137 ditos pela Companhia Sapucahy.

Os preços regularam de 2$ a 2$400 a de Minas, e de 1$800 a 2$400 a do Sul, por kilogramma, conforme a qualidade.

Matte

Entraram 299 volumes por cabotagem, que se cotou de 400 a 600 réis por kilogramma, conforme a qualidade.

Milho

Os supprimentos recebidos constaram de 554 saccos por cabotagem, 29.371 pela Estrada de Ferro Central, 28.688 pela Leopoldina Railway, 297 pela Cantareira e 1 pela Estrada de Ferro de Theresopolis.

O mercado esteve firme na primeira quinzena e frouxo na segunda.

Os preços por sacco de 62 kilos foram assim:

Terra, amarello	5$600	»	6$400
Dito, » misturado	5$200	»	5$800
Norte	nominal		

Polvilho

Entraram 316 volumes por cabotagem, 482 pela Estrada de Ferro Central, 49 pela Leopoldina Railway e 2 pela Companhia Cantareira.

Os preços regularam de 280 a 820 réis por kilogramma.

Queijo

Receberam-se 10.468 volumes pela Estrada de Ferro Central e 2.962 pela do Sapucahy.

Sal

Entraram 5.895.683 kilos por cabotagem.
Os preços foram de 2$800 a 3$800 por 60 kilos, conforme a qualidade.

Tapioca

Entraram 29 volumes, por cabotagem, vendendo-se a razão de 300 a 340 réis, por kilo.

Toucinho

Vieram ao mercado 1.159 volumes por cabotagem, 2.270 pela Estrada de Ferro Central, 349 pela Leopoldina Railway, 137 pela Sapucahy e 150 pela Cantareira.

Preços:

Norte, amarello	—		—
Superior	$900	a	$940
Inferior	$760	»	$800

Vinho

Chegaram 2.653 quintos e 272 caixas por cabotagem.
Os preços oscillaram entre 150$ a 160$ por pipa.

Couros

Chegaram 108 volumes e 1.400 pelles por cabotagem, 39 volumes e 355.000 kilos pela Estrada de Ferro Central, 22 volumes pela Leopoldina Railway.

Madeira

Chegaram 1.083 duzias de pranchões e 1.351 tóros, por cabotagem.

Pinho do Paraná

Cotou-se o de 1ª qualidade a 65$ e o de 2ª a 55$ por duzia.
Taboa a 220 réis.

Sola

Vieram 359 volumes por cabotagem e 771 pela Central.

Sebo

Chegaram 1.280 pipas e 1.413 barris, por cabotagem e 438 barris, pela Central, que se vendeu de 560 a 600 réis por libra.

Carne de porco

Entraram 2.252 volumes por cabotagem, 803 pela Central, 201 pela Leopoldina Railway e 20 pela Sapucahy; os preços variaram de 640 a 740 réis o kilo, conforme a qualidade.

Carne secca

Entraram 16.494 fardos por cabotagem.

A existencia é computada em 560.000 kilos.

Preços de 580 a 680 réis por kilo.

Charutos

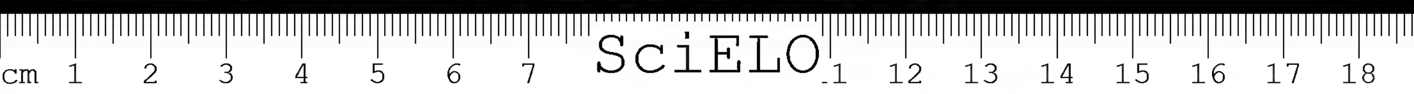
Vieram, por cabotagem 172 volumes.

4001 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1910


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16


SciELO


SciELO


cm 1 2 3 4 5 6 7
SciELO
11 12 13 14 15 16 17 18

